

ALFAGUARA



Mario Vargas Llosa

A guerra do fim do mundo



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A GUERRA DO FIM DO MUNDO

Mario Vargas Llosa

Seix Barral

R.B.A Projetos Editoriais S.A

Summa Literária 5

*Ao Euclides da Cunha
no outro mundo;
e, neste mundo,
a Nélida Pinhão*

*O Anti-Christo nasceu
Para o Brasil governar
Mas aí está O Conselheiro
Para dele nos livrar*

UM

I

O homem era alto e tão fraco que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam com fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica morada que lhe caía sobre o corpo recordava o hábito desses missionários que, de quando em quando, visitavam os povos do sertão batizando multidões de meninos e casando aos casais amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas algo havia em sua cara tranqüila, em seus costumes frugais, em sua imperturbável seriedade que, até antes de que desse conselhos, atraía às pessoas.

Aparecia de improviso, ao princípio sozinho, sempre a pé, coberto pelo pó do caminho, cada certo número de semanas, de meses. Sua larga silhueta se recortava na luz crepuscular ou nascente, enquanto cruzava a única rua do povoado, os grandes limiares, com uma espécie de urgência. Avançava resolutamente entre cabras que balançavam os sinos, entre cães e meninos que lhe abriam passagem e o olhavam com curiosidade, sem responder às saudações das mulheres que já o conheciam e lhe faziam vênias e se apressavam a lhe trazer jarras de leite de cabra e pratos de farinha e feijão. Mas ele não comia nem bebia antes de chegar até a igreja do povo e comprovar, uma vez mais, uma e cem vezes, que estava rota, despintada, com suas torres truncas e suas paredes furadas e seus chãos levantados e seus altares roídos pelos vermes. Entristecia-lhe a cara com uma dor de retirante ao que a seca matou filhos e animais; privado de bens, abandonou sua casa, os ossos de seus mortos, para fugir, fugir, sem saber aonde. Às vezes chorava e no pranto o fogo negro de seus olhos recrudesceu com brilhos terríveis. Imediatamente ficava a rezar. Mas não como rezam outros homens ou as mulheres: ele se estendia de bruços na terra, ou nas pedras, ou nas louças lascadas, frente aonde estava ou tinha estado ou deveria estar o altar, e ali orava, às vezes em silêncio, às vezes em voz alta, uma, duas horas, observado com respeito e admiração pelos vizinhos. Rezava o Credo, o Pai Nosso e as Ave-marias sabidos, e também outras rezas

que ninguém tinha escutado antes mas que, ao longo dos dias, dos meses, dos anos, as pessoas iam memorizando. Onde está o pároco?, ouviam-lhe perguntar, por que não há aqui um pastor para o rebanho? Pois, que nas aldeias não houvesse um sacerdote, causava pena tanto como a ruína das moradas do Senhor.

Só depois de pedir perdão ao Bom Jesus pelo estado em que tinham sua casa, aceitava comer e beber algo, apenas uma demonstração que os vizinhos se dedicavam em lhe oferecer até em anos de escassez. Consentia em dormir sob o teto, em alguma das moradias que os sertanejos punham ao seu dispor; mas, rara vez lhe viu repousar na rede, na cama ou colchão de quem lhe oferecia estalagem. Tombava-se no chão, sem manta alguma, e, apoiando em seu braço a cabeça de emaranhados cabelos cor azeviche, dormia umas horas. Sempre tão poucas que era o último a deitar-se e quando os vaqueiros e os pastores mais madrugadores saíam ao campo já o viam, trabalhando em estancar os muros e os telhados da igreja.

Dava seus conselhos ao entardecer, quando os homens retornaram do campo e as mulheres tinham acabado os afazeres domésticos e as criaturas estavam já dormindo. Dava-os nesses descampados desmantelados e pedregosos que há em todos os povos do sertão, no cruzeiro de suas ruas principais e que se puderam chamar praças se tivessem bancos, pracinhas, jardins ou conservassem os que alguma vez tiveram e foram destruindo as secas, as pragas, o descuido. Dava-os a essa hora em que o céu do Norte do Brasil, antes de obscurecer-se e estelar se, flameja entre abundantes nuvens brancas, cinzas ou azuladas e há como um vasto fogo de artifício lá no alto, sobre a imensidão do mundo. Dava-os a essa hora em que se prendem as fogueiras para espantar aos insetos e preparar a comida, quando diminui o bafo sufocante e se levanta uma brisa que põe às pessoas de melhor ânimo para suportar a enfermidade, a fome e os padecimentos da vida.

Falava de coisas singelas e importantes, sem olhar a ninguém em especial da gente que lhe rodeava, ou melhor, olhando, com seus olhos incandescentes, através do corro de velhos, mulheres, homens e meninos, algo ou alguém que só ele podia ver. Coisas que se entendiam porque eram obscuramente sabidas desde tempos imemoriais e que alguém aprendia com o leite que mamava. Coisas

atuais, tangíveis, cotidianas, inevitáveis, como o fim do mundo e o Julgamento Final, que podiam ocorrer talvez antes do que demorasse o povoado em pôr direita a capela abatida. O que ocorreria quando o Bom Jesus contemplasse o desamparo em que tinham deixado sua casa? O que diria do proceder desses pastores que, em vez de ajudar ao pobre, esvaziavam-lhe os bolsos lhe cobrando pelos serviços da religião? Podiam-se vender as palavras de Deus, não deviam dar-se de graça? Que desculpa dariam ao Padre aqueles pais que, pese ao voto de castidade, fornicavam? Podiam lhe inventar mentiras, acaso, a quem lia os pensamentos como lê o rastreador na terra o passado do jaguar? Coisas práticas, cotidianas, familiares, como a morte, que conduz à felicidade se se entrar nela com a alma limpa, como a uma festa. Eram os homens animais? Se não o eram, deviam cruzar essa porta engalanados com seu melhor traje, em sinal de reverência Àquele a quem foram encontrar. Falava-lhes do céu e também do inferno, a morada do Cão, empedrada de brasas e serpentes e de como o Demônio podia manifestar-se em inovações de semblante inofensivo.

Os vaqueiros e os peões do interior o escutavam em silêncio, intrigados, atemorizados, comovidos; e assim o escutavam os escravos e os libertos dos engenhos do litoral; as mulheres; os pais; os filhos de uns e de outros. Alguma vez alguém — mas rara vez porque sua seriedade, sua voz cavernosa ou sua sabedoria os intimidava — o interrompia para esclarecer uma dúvida. Terminaria o século? Chegaria o mundo a 1900? Ele respondia sem olhar, com uma segurança tranqüila e, freqüentemente, com enigmas. Em 1900 se apagariam as luzes e choveriam estrelas. Mas, antes, ocorreriam feitos extraordinários. Um silêncio seguia a sua voz, no que se ouvia crepitar as fogueiras e o borderar de quão insetos as chamas devoravam, enquanto os aldeãos, contendo a respiração, esforçavam de antemão a memória para recordar o futuro. Em 1896 um milhar de rebanhos correriam da praia por volta do sertão; e o mar viraria sertão, e o sertão mar. Em 1897 o deserto se cobriria de pasto, pastores e rebanhos se mesclariam e a partir de então haveria um só rebanho e um só pastor. Em 1898 aumentariam os chapéus e diminuiriam as cabeças e em 1899 os rios se tornariam vermelhos e um planeta novo cruzaria o espaço.

Havia, pois, que se preparar. Teriam que restaurar a igreja e o cemitério, a mais importante construção depois da casa do Senhor, pois era sala de espera do céu ou do inferno, e teriam que destinar o tempo restante ao essencial: à alma. Acaso partiriam o homem ou a mulher lá com saias, vestidos, chapéus de feltro, sapatos de cordão e todos esses luxos de lã e de seda que não vestiu alguma vez o Bom Jesus?

Eram conselhos práticos, singelos. Quando o homem partia, falava-se dele: que era santo, que tinha feito milagres, que tinha visto a sarça ardente no deserto, igual a Moisés, e que uma voz lhe tinha revelado o nome impronunciável de Deus. E se comentavam seus conselhos. Assim, antes de que terminasse o Império e depois de começada a República, os aldeãos de Tucano, Soure, Amparo e Pombal, foram escutando-os; e, mês a mês, ano a ano, foram ressuscitando de suas ruínas as igrejas do Bom Conselho, de Geremoabo, de Massacará e do Inhambupe; e, segundo seus ensinamentos, surgiram taipas e nichos nos cemitérios de Monte Santo, de Entre Rios, de Abadia e do Barracão; e a morte foi celebrada com dignos enterros no Itapicurú, Cumbe, Natuba, Mocambo. Mês a mês, ano a ano, foram-se povoando de conselhos as noites do Alagoinhas, Uauá, Jacobina, Itabaiana, Campos, Itabaiânia, Gerú, Riachão Lagarto, Simão Dias. A todos pareciam bons conselhos e por isso, ao princípio em um, logo em outro e ao final em todos os povos do Norte, ao homem que os dava, embora seu nome era Antonio Vicente e seu sobrenome Mendes Maciel, começaram a chamá-lo o Conselheiro.

Uma grade de madeira separa aos redatores e empregados do *Jornal de Notícias* —cujo nome destaca, em caracteres góticos, sobre a entrada — da gente que se chega até ali para publicar um aviso ou trazer uma informação. Os jornalistas não são mais de quatro ou cinco. Um deles revisa um arquivo embutido na parede; dois conversam animadamente, sem jaquetas mas com colarinhos duros e gravatas-borboletas de laço, junto a um calendário no que se lê a data —outubro, segunda-feira, 2, 1896 — e outro, jovem, desajeitado, com grossos óculos de míope, escreve sobre uma carteira com uma pluma de ganso, indiferente ao que ocorre em torno dele. Ao fundo, depois de uma porta de cristais, está a *Direção*. Um homem com viseira e punhos postiços atende a uma fila de clientes no mostrador dos *Avisos Pagos*. Uma senhora acaba de lhe alcançar um cartão. A

caixa, molhando o indicador, conta as palavras — Clisteres Giffoni// Curam as Gonorréias, as Hemorróides, as Flores Brancas e todas as moléstias das Vias Urinarias// Prepara-as Madame A. de Carvalho// Rua Primeiro de Março N.8 — e diz um preço. A senhora paga, guarda o troco e, quando se retira, quem esperava atrás dela adianta-se e estira um papel à caixa. Vestido de escuro, com uma levita de duas pontas e um chapéu-coco que denotam uso. Uma anelada cabeleira avermelhada lhe cobre as orelhas. É mais alto que baixo, de largas costas, sólido, maduro. A caixa conta as palavras do aviso, deixando deslizar o dedo sobre o papel. De repente, enruga a testa, levanta o dedo e aproxima muito o texto aos olhos, como se temesse ter lido mal. Por fim, olha perplexo ao cliente, que permanece feito uma estátua. O caixa pestaneja, incômodo, e, por fim, indica ao homem que espere. Arrastrando os pés, cruzando o local, com o papel balançando-se na mão, toca com os nódulos o cristal da Direção e entra. Uns segundos depois reaparece e por gestos indica ao cliente que passe. Logo, retorna a seu trabalho. O homem de escuro atravessa o *Jornal de Notícias* fazendo soar os tacos como se calçasse ferraduras. Ao entrar em pequeno despacho, lotado de papéis, periódicos e propaganda do Partido Republicano Progressista —Um Brasil Unido, Uma Nação Forte— está esperando-o um homem que o olha com uma curiosidade risonha, como a um inseto estranho. Ocupa o único escritório, usa botas, um traje cinza, e é jovem, moreno, de ares enérgicos.

— Sou Epaminondas Gonçalves, o Diretor do periódico— diz —
Adiante.

O homem de escuro faz uma ligeira vênica e leva a mão ao chapéu, mas não o tira nem diz uma palavra.

— Você pretende que publiquemos isto? — pergunta o Diretor, agitando o papel.

O homem de escuro assente. Tem uma barbicha avermelhada como seus cabelos, e seus olhos são penetrantes, muito claros; sua boca larga está franzida com firmeza e as narinas de seu nariz, muito abertas, parecem aspirar mais ar de que necessitam.

— Caso não custe mais de dois mil réis — murmura em um português dificultoso — É todo meu capital.

Epaminondas Gonçalves fica como duvidando entre rir ou zangar-se. O homem continua de pé, muito sério, observando-o. O Diretor opta por levar o papel aos olhos:

— “Convoca-se aos amantes da justiça a um ato público de solidariedade com os idealistas de Canudos e com todos os rebeldes do mundo, na Praça da Liberdade, em 4 de outubro, às seis da tarde” —lê, devagar— Pode-se saber quem convoca este comício?

— Por hora eu — responde o homem, no ato — Se o *Jornal de Notícias* quer auspiciá-lo, *wonderful*.

— Sabe você o que fez esses, lá em Canudos ? — murmura Epaminondas Gonçalves, golpeando a mesa — Ocupar uma terra alheia e viver em promiscuidade, como os animais.

— Duas coisas dignas de admiração —assente o homem de escuro — Por isso decidi gastar meu dinheiro neste aviso.

O Diretor fica um momento calado. Antes de voltar a falar, pigarra:

— Pode-se saber quem é você, senhor?

Sem fanfarronice, sem arrogância, com mínima solenidade, o homem se apresenta assim:

— Um combatente da liberdade, senhor. O aviso vai ser publicado?

— Impossível, senhor — responde Epaminondas Gonçalves, já dono da situação— As autoridades da Bahia só esperam um pretexto para me fechar o periódico. Embora da boca para fora aceitaram a República, continuam monárquicas. Somos o único jornal autenticamente republicano do Estado, suponho que se deu conta.

O homem de escuro faz um gesto desdenhoso e resmunga, entre dentes, “Esperava-me isso”.

—Aconselho-lhe que não leve este aviso ao *Jornal da Bahia* — adiciona o Diretor, lançando-lhe o papel— É do Barão de Canabrava, o dono de Canudos. Terminaria você no cárcere.

Sem dizer uma palavra de despedida, o homem de escuro dá meia volta e se afasta, guardando o aviso no bolso. Cruzando a sala do jornal sem olhar nem saudar ninguém, com seu andar sonoro, observado de canto de olho — silhueta fúnebre, ondeantes cabelos —

pelos jornalistas e clientes dos Avisos Pagos. O jornalista jovem, de óculos de míope, levanta-se de sua carteira depois de passar por ele, com uma folha amarelada na mão, e vai para a Direção, onde Epaminondas Gonçalves está ainda espiando ao desconhecido.

— “Por disposição do Governador do Estado da Bahia, Excelentíssimo Senhor Luis Viana, hoje partiu de Salvador uma Companhia do Nono Batalhão de Infantaria, ao mando do Tenente Pires Ferreira, com a missão de lançar de Canudos aos bandidos que ocuparam a fazenda e capturar o seu cabeça, o Sebastianista Antonio Conselheiro” — Lê, em primeira página ou interiores, senhor?

— Que vá debaixo dos enterros e das missas — diz o Diretor. Aponta para a rua, onde desapareceu o homem de escuro — Sabe quem é esse tipo?

— Galileo Gall — responde o jornalista míope — Um escocês que anda pedindo permissão às pessoas da Bahia para lhes tocar a cabeça.

Tinha nascido em Pombal e era filho de um sapateiro e sua querida, uma inválida que, em que pese a sê-lo, pariu à três varões antes dele e pariria depois a uma donzela que sobreviveu à seca. Puseram-lhe Antonio e, se houvesse lógica no mundo, não deveria viver, pois quando ainda engatinhava ocorreu a catástrofe que devastou a região, matando cultivos, homens e animais. Por culpa da seca quase todo Pombal emigrou para a costa, mas Tiburcio da Mota, que em seu meio século de vida não se afastou nunca mais de uma légua desse povoado, no que não havia pés que não fossem calçados por suas mãos, fez saber que não abandonaria sua casa. E cumpriu, ficando em Pombal com um par de dúzias de pessoas apenas, pois até a missão dos padres lazaristas se esvaziou.

Quando, um ano mais tarde, os retirantes de Pombal começaram a voltar, animados pelas novas de que os baixios se alagaram outra vez e já se podia semear cereais, Tiburcio da Mota estava enterrado, como sua concubina inválida e os três filhos maiores. Comeram-se todo o comestível e quando se acabou, tudo o que fora verde e, por fim, tudo o que podiam triturar os dentes. O vigário Dom Casimiro,

que foi enterrando, assegurava que não tinham perecido de fome, mas sim de estupidez, por comer em couros de sapataria e beber as águas da Lacuna do Boi, aglomeração de mosquitos e de pestilência que até os cabritos evitavam. Dom Casimiro recolheu ao Antonio e a sua irmãzinha, fez-os sobreviver com dietas de ar e preces e, quando as casas do povo se encheram outra vez de gente, buscou-lhes um lar.

À menina a levou sua madrinha, que foi trabalhar em uma fazenda do Barão de Canabrava. Ao Antonio, então com cinco anos, adotou-o o outro sapateiro de Pombal, chamado o Caolho — tinha perdido um olho em uma rixa— quem aprendeu seu ofício na oficina de Tiburcio da Mota e ao retornar ao Pombal herdou sua clientela. Era um homem áspero, que andava bêbado com frequência e costumava amanhecer caído na rua, fedendo a cachaça. Não tinha mulher e fazia trabalhar ao Antonio como uma besta de carga, varrendo, limpando, lançando-lhe pregos, tesouras, selas, botas, ou indo à curtume. Fazia-o dormir sobre uma pele, junto à mesinha onde o Caolho passava todas as horas em que não estava bebendo com seus compadres.

O órfão era miúdo e dócil, puro osso e uns olhos coibidos que inspiravam compaixão às mulheres de Pombal, as quais, quando podiam, davam-lhe algo de comer ou as roupas que já não cabiam em seus filhos. Elas foram um dia — meia dúzia de fêmeas que tinham conhecido à entrevada e fofocado a sua beira em incontáveis batismos, confirmações, velórios, matrimônios — à oficina do Caolho a lhe exigir que mandasse ao Antonio ao catecismo, a fim de que o preparassem para a primeira comunhão. Assustaram-no, de tal modo, dizendo-lhe que Deus pediria satisfação se esse menino morresse sem fazê-la, que o sapateiro, a contra gosto, consentiu em que assistisse à doutrina da missa, todas as tardes, antes das vésperas.

Algo notável ocorreu então na vida do menino, ao que, pouco depois, em consequência das mudanças que operou nele a doutrina dos lazaristas, começariam a chamar o Beato. Saía das prédicas com o olhar largado do contorno e como purificado de escórias. O Caolho contou que muitas vezes o encontrava de noite, ajoelhado na escuridão, chorando pelo sofrimento de Cristo, tão absorto que só retornava ao mundo remexendo-o. Outras noites sentia-o falar em sonhos, agitado, da traição do Judas, do arrependimento da

Madalena, da coroa de espinhos; e uma noite ouviu-o fazer voto de perpétua castidade, como São Francisco de Sales ao cumprir os onze anos.

Antonio tinha encontrado uma ocupação a que consagrar sua vida. Continuava submisso aos mandados do Caolho, mas os fazia entrecerrando os olhos e movendo os lábios de modo que todos compreendiam que, embora varresse, ou corresse, onde o correeiro sujeitava a sola que o Caolho martelava, estava em realidade rezando. Ao pai adotivo as atitudes do menino o turvavam e atemorizavam. No rincão onde dormia, o Beato, foi construindo um altar, com imagens que lhe deram de presente na missão e uma cruz de *xique-xique* que ele mesmo esculpiu e pintou. Ali prendia uma vela para rezar, ao levantar-se e ao deitar-se; ali, de joelhos, com as mãos juntas e a expressão contrita, gastava seus momentos livres, em vez de brincar de correr pelos potreiros; montar à pelo os animais chuchados; caçar pombas, ou ir ver castrar aos touros como outros meninos de Pombal.

Desde que fez a primeira comunhão foi coroinha de Dom Casimiro e quando este morreu, continuou ajudando a rezar missa aos lazaristas da missão, embora, para isso, tinha que andar, entre idas e voltas, uma légua diária. Nas procissões jogava o incenso e ajudava a decorar as andas e os altares das esquinas onde a Virgem e o Bom Jesus faziam um alto para descansar. A religiosidade do Beato era tão grande como sua bondade. Espetáculo familiar para os habitantes de Pombal era vê-lo servir de guia de cegos ao cego Adelfo, ao qual acompanhava, às vezes, aos potreiros do coronel Ferreira, onde aquele tinha trabalhado até contrair catarata e dos que vivia melancólico. Levava-o dando o braço, atravessando o campo, com um pau na mão para escavar na terra à espreita das serpentes, escutando-lhe com paciência suas histórias. E Antonio recolhia também comida e roupa para o leproso Simão, que vivia como uma besta de sela desde que os vizinhos lhe proibiram aproximar-se de Pombal. Uma vez por semana, o Beato levava-lhe em um maço os pedaços de pão, de charque e os cereais que tinha mendigado para ele, e os vizinhos o divisavam, ao longe, guiando entre os penhascos da colina onde estava sua cova, para o poço de água, ao velho que andava descalço, com os cabelos crescidos, coberto só com uma pele amarela.

A primeira vez que viu o Conselheiro, o Beato tinha quatorze anos e tinha sofrido, poucas semanas antes, uma terrível decepção. O Padre Moraes, da missão lazarista, jogou um banho de água geada ao lhe dizer que não podia ser sacerdote, pois, não era filho natural. Consolou-o, explicando-lhe que igual podia servir a Deus sem receber as ordens, e prometeu-lhe fazer gestões com um convento capuchinho onde talvez o receberiam como irmão leigo. O Beato chorou essa noite, com soluços tão sentidos, que o Caolho, encolerizado, moeu-o à golpes pela primeira vez depois de muitos anos. Vinte dias mais tarde, sob o sufocante ensolarado do meio-dia, irrompeu pela rua medianeira de Pombal uma figurinha alargada, obscura, de cabelos negros e olhos fulminantes, envolta em uma túnica morada, que, seguida de meia dúzia de pessoas que pareciam mendigos e, entretanto, tinham caras felizes, atravessou em tromba o povoado em direção à velha capela de tijolos crus e telhas, que, da morte de Dom Casimiro, achava-se tão arruinada que os pássaros tinham feito ninhos entre as imagens. O Beato, como muitos vizinhos de Pombal, viu orar ao peregrino jogado no chão, igual à seus acompanhantes, e essa tarde ouviu-o dar conselhos para a salvação da alma, criticar aos ímpios e prognosticar o futuro.

Essa noite, o Beato não dormiu na sapataria, mas, na praça de Pombal, junto aos peregrinos que se estenderam na terra, ao redor do santo. E na manhã e tarde seguintes, e todos os dias que este permaneceu em Pombal, o Beato trabalhou junto com ele e os seus, repondo pés e encostos aos bancos da capela, nivelando seu chão e erigindo uma cerca de pedras, que desse independência ao cemitério, até então uma légua de terra que se intercalava com o povo. E todas as noites esteve de cócoras junto a ele, absorto, escutando as verdades que dizia sua boca.

Mas quando, a penúltima noite do Conselheiro em Pombal, Antonio, o Beato, pediu-lhe permissão para acompanhá-lo pelo mundo, os olhos — intensos, ao mesmo tempo, que frios — do santo, primeiro, e sua boca depois, disseram não. O Beato chorou amargamente, ajoelhado junto ao Conselheiro. Era noite alta, Pombal dormia e também os andrajosos, atados uns em outros. As fogueiras se apagaram mas as estrelas refulgiam sobre suas cabeças e se ouviam cantos de cigarras. O Conselheiro deixou-o chorar; permitiu que lhe beijasse parte da túnica; e não se alterou quando o

Beato lhe suplicou de novo que o deixasse segui-lo, pois seu coração lhe dizia que assim serviria melhor ao Bom Jesus. O moço abraçou seus tornozelos e beijou seus pés calejados. Quando o notou exausto, o Conselheiro pegou-lhe a cabeça com as duas mãos e o obrigou a olhá-lo. Aproximando-lhe a cara perguntou-lhe, solene, se amava tanto a Deus para lhe sacrificar a dor. O Beato fez com a cabeça que sim, várias vezes. O Conselheiro levantou a túnica e o moço pôde ver, na luz incipiente, que tirava um arame que tinha na cintura rasgando-lhe a carne. “Agora leva-o você”, ouviu-o dizer. O mesmo ajudou ao Beato a abrir as roupas, a apertar o cilício contra seu corpo, a atá-lo.

Quando, sete meses depois, o Conselheiro e seus seguidores — mudaram algumas caras; tinha aumentado o número; havia entre eles agora um negro enorme e seminu, mas sua pobreza e a felicidade de seus olhos eram os de antes — voltaram a aparecer em Pombal, dentro de um redemoinho de pó, o cilício seguia na cintura do Beato, a que havia arroxeadado e logo aberto estria e mais tarde recoberto de crostas parduscas. Não o tinha tirado um só dia e cada certo tempo voltava a ajustar o arame afrouxado pelo movimento cotidiano do corpo. O padre Moraes tinha tratado de dissuadir de que o seguisse levando, explicando-lhe que uma certa dose de dor voluntária agradava a Deus, mas que, passado certo limite, aquele sacrifício podia voltar um morboso agrandar animado pelo Diabo e que ele estava em perigo de franquear a qualquer momento o limite.

Mas Antonio não lhe obedeceu. No dia da volta do Conselheiro e seu séquito ao Pombal, o Beato estava no armazém do caboclo Umberto Salustiano e seu coração petrificou em seu peito, assim como o ar que entrava em seu nariz, quando o viu passar a um metro dele, rodeado de seus apóstolos e de dezenas de vizinhos e vizinhas, e dirigir-se, como a vez anterior, diretamente à capela. Seguiu-o, somou-se ao bulício e à agitação do povo e confundido com a gente orou, a discreta distância, sentindo uma revolução em seu sangue. E essa noite o escutou pregar, à luz das chamas, na praça lotada, sem atrever-se ainda a aproximar-se. Todo Pombal estava ali esta vez, ouvindo-o.

Quase ao amanhecer, quando os vizinhos, que tinham rezado e cantado e lhe tinham levado seus filhos doentes para que pedisse a Deus sua cura e que lhe tinham contado suas aflições e perguntado

pelo que lhes reservava o futuro, foram-se, e os discípulos já puseram-se a dormir, como faziam sempre, servindo-se reciprocamente de travesseiros e casacos, o Beato, na atitude de reverência extrema em que se aproximava de comungar, chegou-se, vadeando os corpos andrajosos, até a silhueta escura, morada, que apoiava a hirsuta cabeça em um de seus braços. As fogueiras davam os últimos estertores. Os olhos do Conselheiro se abriram ao vê-lo vir e o Beato repetiria sempre aos ouvintes de sua história que viu neles, imediatamente, que esperavam aquele homem. Sem dizer uma palavra — não poderia — abriu a camisa de jargão e lhe mostrou o arame que lhe rodeava a cintura.

Depois de observá-lo uns segundos, sem pestanejar, o Conselheiro assentiu e um sorriso cruzou brevemente sua cara que, diria centenas de vezes o Beato nos anos vindouros, foi sua consagração. O Conselheiro assinalou um pequeno espaço de terra livre, a seu lado, que parecia reservado para ele entre o amontoamento de corpos. O moço ficou de cócoras ali, entendendo, sem que fizessem falta as palavras, que o Conselheiro o considerava digno de partir com ele pelos caminhos do mundo, a combater contra o Demônio. Os cães tresnoitados, os vizinhos madrugadores de Pombal ouviram algum momento ainda o pranto do Beato sem suspeitar que seus soluços eram de felicidade.

Seu verdadeiro nome não era Galileo Gall, mas era, sim, um combatente da liberdade, ou, como ele dizia, revolucionário e frenólogo. Duas sentenças de morte o acompanhavam pelo mundo e tinha passado no cárcere cinco de seus quarenta e seis anos. Tinha nascido em meados de século, em um povoado do sul de Escócia onde seu pai exercia a medicina e tinha tratado improdutivamente de fundar um cenáculo libertário para propagar as idéias de Proudhon e Bakunin. Como outros meninos entre contos de fadas, ele tinha crescido ouvindo que a propriedade é a origem de todos os males sociais e que o pobre só romperá as cadeias da exploração e do obscurantismo mediante a violência.

Seu pai foi discípulo de um homem ao que considerava um dos sábios augustos de seu tempo: Franz Joseph Gall, anatomista, físico e fundador da ciência frenológica. Tanto que para outros adeptos de Gall, esta ciência consistia apenas em acreditar que o intelecto, o instinto e os sentimentos são órgãos situados na casca cerebral, e que

podem ser medidos e tocados, para o pai de Galileo esta disciplina significava a morte da religião, o fundamento empírico do materialismo, a prova de que o espírito não era o que sustentava a feitiçaria filosófica, imponderável e impalpável, a não ser uma dimensão do corpo, como os sentidos, e igual a estes, capaz de ser estudado e tratado clinicamente. O escocês inculcou a seu filho, desde que teve uso de razão, este preceito simples: a revolução libertará à sociedade de seus flagelos e a ciência ao indivíduo dos seus. A lutar por ambas as metas tinha dedicado Galileo sua existência.

Como suas idéias dissolventes lhe faziam a vida difícil em Escócia, o pai se instalou no sul da França, onde foi capturado em 1868 por ajudar aos operários das fiações de Burdeos durante uma greve, e enviado à Cayena. Ali morreu. No ano seguinte Galileo foi a prisão, acusado de cumplicidade no incêndio de uma igreja — o padre era o que mais odiava, depois do militar e do banqueiro— mas aos poucos meses escapou e esteve trabalhando com um facultativo parisiense, antigo amigo de seu pai. Nessa época adotou o nome de Galileo Gall, em troca do dele, muito conhecido pela polícia, e começou a publicar pequenas notas políticas e de divulgação científica em um periódico de Lyon: *l' Etincelle de révolte*.

Um de seus orgulhos era ter combatido de março a maio de 1871 com os comunheiros de Paris pela liberdade do gênero humano e ter sido testemunha do genocídio de trinta mil homens, mulheres e meninos perpetrado pelas forças de Thiers. Também foi condenado a morte, mas conseguiu escapar do quartel antes da execução, com o uniforme de um sargento-carcereiro, a quem matou. Foi à Barcelona e ali esteve alguns anos estudando medicina e praticando a frenologia junto ao Mariano Cubí, um sábio que apreciava detectar as inclinações e traços mais secretos de qualquer homem; apenas passando suas gemas uma vez por seu crânio. Parecia que seria médico quando seu amor à liberdade e ao progresso, ou sua vocação aventureira, puseram outra vez em movimento sua vida. Com um punhado de aditamentos na idéia assaltou uma noite o quartel do Montjuich, para desencadear a tempestade que, acreditavam, comoveria os alicerces da Espanha. Mas alguém os delatou e os soldados os receberam à balaças. Viu cair seus companheiros brigando, um a um; quando o capturaram tinha várias feridas.

Condenaram-no a morte, mas, como segundo a lei espanhola não se dá garrote vil a um ferido, decidiram curá-lo antes de matá-lo. Pessoas amigas e influentes fizeram-no fugir do hospital e o embarcaram, com papéis falsos, em um navio de carga.

Tinha percorrido países, continentes, sempre fiel às idéias de sua infância. Tinha apalpado crânios amarelos, negros e brancos e alternado, ao azar das circunstâncias, a ação política e a prática científica, rabiscando ao longo dessa vida de aventuras, cárceres, golpes de mão, reuniões clandestinas, fugas, reversos, cadernos que corroboravam, enriquecendo de exemplos, os ensinamentos de seus professores: seu pai, Proudhon, Gall, Bakunin, Spurzheim, Cubí. Fora detido na Turquia, no Egito, nos Estados Unidos, por atacar a ordem social e as idéias religiosas, mas graças a sua boa estrela e a seu desprezo do perigo nunca permaneceu muito tempo entre grades.

Em 1894 era médico do navio alemão que naufragou nas costas da Bahia e cujos restos ficariam parados para sempre em frente ao Forte de São Pedro. Fazia apenas seis anos que o Brasil tinha abolido a escravidão e cinco que tinha passado de Império à República. Fascinou-o sua mescla de raças e culturas, sua efervescência social e política, ao ser uma sociedade em que se acotovelavam a Europa, a África e algo mais que até agora não conhecia. Decidiu ficar. Não pôde abrir um consultório, pois carecia de títulos, de maneira que, como o tinha feito em outras partes, ganhou a vida dando aulas de idiomas e em afazeres efêmeros. Embora vagabundeava pelo país, voltava sempre para Salvador, onde costumava encontrar-se na Livraria Catilina; à sombra das palmeiras do Mirante dos Afligidos; ou nos botequins de marinheiros da cidade baixa; explicando à interlocutores de passagem que todas as virtudes são compatíveis se a razão e não a fé é o eixo da vida, que não Deus a não ser Satã — o primeiro rebelde — é o verdadeiro príncipe da liberdade e que uma vez destruído a velha ordem graças à ação revolucionária, a nova sociedade florescerá espontaneamente, livre e justa. Embora havia quem o escutava, as pessoas não pareciam lhe fazer muito caso.

II

Quando a seca de 1877, nos meses de fome e epidemias que mataram metade de homens e animais da região, o Conselheiro já não peregrinava sozinho a não ser acompanhado, ou melhor dizendo seguido (ele parecia logo dar-se conta da esteira humana que prolongava seus rastros) por homens e mulheres que, alguns tocados na alma por seus conselhos, outros por curiosidade ou simples inércia, abandonavam o que tinham para ir atrás dele. Uns o escoltavam um trecho de caminho, alguns poucos pareciam estar a seu lado para sempre. Face à seca, ele seguia andando, embora os campos estivessem agora semeados de ossaturas de cabeça de gado, que os abutres bicavam e o recebessem povoados semivazios.

Que ao longo de 1877 deixasse de chover, secassem-se os rios e aparecessem nas caatingas inumeráveis caravanas de retirantes que, levando em carroças, ou sobre os ombros os miseráveis pertences, perambulavam em busca de água e de sustento, não foi talvez o mais terrível desse ano terrível. Senão, talvez, os bandoleiros e as cobras que expulsavam os sertões do Norte. Sempre havia gente que entrava nas fazendas a roubar, se tiroteava com os capangas dos latifundiários e saqueava aldeias afastadas e às que periodicamente deviam perseguir os volantes da polícia. Mas com a fome as equipes de bandoleiros se multiplicaram como os pães e pescados bíblicos. Caíam, vorazes e homicidas, nos povos já dizimados pela catástrofe para apoderar-se dos últimos comestíveis, de equipamento e vestimentas; e arrebentar a tiros aos moradores que se atreviam a enfrentar-se.

Todavia, ao Conselheiro nunca o ofenderam de palavra ou ação. Cruzavam-se com ele, nas veredas do deserto; entre os cactos e as pedras; sob um céu de chumbo; ou na intrincada caatinga onde se murcharam os matagais e os troncos começavam a esquarterar-se. Os cangaceiros, dez, vinte homens armados com todos os instrumentos capazes de cortar, ferrear, perfurar, arrancar, viam o homem fraco de hábito arroxado, que passeava por eles um segundo, com sua

acostumada indiferença, seus olhos gelados e obsessivos, e prosseguia fazendo as coisas que costumava fazer: orar, meditar, andar, aconselhar. Os peregrinos empalideciam ao ver os homens do cangaço e se apinhavam ao redor do Conselheiro como frangos em torno da galinha. Os bandoleiros, comprovando sua extrema pobreza, seguiam de comprimento, mas, às vezes, detinham-se o reconhecer ao santo cujas profecias tinham chegado a seus ouvidos. Não o interrompiam se estava orando; esperavam que se dignasse vê-los. Ele lhes falava por fim, com essa voz cavernosa que sabia encontrar os caminhos do coração. Dizia-lhes coisas que podiam entender, verdades nas que podiam acreditar. Que esta calamidade era sem dúvida o primeiro dos anúncios da chegada do Anticristo e dos danos que precederiam a ressurreição dos mortos e do Julgamento Final. Que se queriam salvar a alma, deviam preparar-se para as lutas que se livrariam quando os demônios do Anticristo — que seria o Cão mesmo vindo à terra a recrutar partidários — invadissem como mancha de fogo os sertões. Igual aos vaqueiros, os peões, os libertos e os escravos, os cangaceiros refletiam. E alguns deles — o talhado Pajeú, o enorme Pedrão e até o mais sanguinário de todos: João Satã — se arrependiam de seus crimes, convertiam-se ao bem e o seguiam.

E, como os bandoleiros, respeitaram-no as serpentes de cascavel que assombrosamente e por milhares brotaram nos campos como resultado da seca. Largas, escorregadias, triangulares, contorcionistas, abandonavam suas guaridas e elas também se retiravam, como os homens, e em sua fuga matavam meninos, bezerros, cabras e não vacilavam em ingressar em pleno dia aos povoados atrás de sustento. Eram tão numerosas aves que não havia muitos para acabar com elas e não raro ver, nessa época transtornada, serpentes que comiam essas aves de rapina em vez de, como antigamente, vê-las levantando o vôo com sua presa no pico. Os sertanejos andavam dia e noite com paus e facões e houve retirantes que chegaram a matar cem serpentes em um só dia. Mas o Conselheiro não deixou de dormir no chão, quando o surpreendesse a noite. Uma tarde, que ouviu seus acompanhantes falando de serpentes, explicou-lhes que não era a primeira vez que acontecia. Quando os filhos de Israel retornavam do Egito a seu país, e se queixavam das penalidades do deserto, o Pai lhes enviou em castigo uma praga de ofídios. Intercedeu Moisés e o Pai lhe ordenou fabricar

uma serpente de bronze a que bastava olhar para curar-se da mordida. Deviam fazer eles o mesmo? Não, pois os milagres não se repetiam. Mas certamente o Pai veria com bons olhos que levassem, como prisioneiro, à face de Seu Filho. Uma mulher de Monte Santo, Maria Quadrado, carregou depois, em uma urna, um pedaço de tecido com a imagem do Bom Jesus pintado por um moço de Pombal, que por piedoso, ganhou o nome de Beato. O gesto deve ter agradado ao Pai, pois nenhum dos peregrinos foi mordido.

E também respeitaram ao Conselheiro as epidemias que, à conseqüência da seca e fome, encarniçaram-se nos meses e anos seguintes contra os que tinham conseguido sobreviver. As mulheres abortavam poucos meses de gravidez; os meninos perdiam os dentes e os cabelos; os adultos, de repente, começavam a cuspir e a defecar sangue; inchavam-se de tumores, ou ulceravam com eczemas que os faziam derrubar-se contra os cascalhos como cães sarnentos. O homem filiforme seguia peregrinando entre a pestilência e mortandade, imperturbável, invulnerável, como um barco de acostumado piloto que navega para bom porto sorteando tempestades.

A que porto se dirigia o Conselheiro atrás desse peregrinar incessante? Ninguém o perguntava nem ele o dizia nem provavelmente sabia. Ia agora rodeado por dezenas de seguidores que tinham abandonado tudo para consagrar-se ao espírito. Durante os meses da seca o Conselheiro e seus discípulos trabalharam sem trégua dando sepultura aos mortos de inanição, peste ou angústia que encontravam à beira dos caminhos, cadáveres corruptos e comidos pelas bestas e até por humanos. Fabricavam gavetas e cavavam fossas para esses irmãos e irmãs. Eram uma variada coletividade onde se mesclavam raças, lugares, ofícios. Havia entre eles pelados que tinham vivido tocando o gado dos coronéis fazendeiros; caboclos de peles avermelhadas cujos tataravós índios viviam seminus, comendo os corações de seus inimigos; mamelucos que foram capatazes, funileiros, ferreiros, sapateiros ou carpinteiros; mulatos e negros silvestres fugidos dos canaviais do litoral e do potro, as armadilhas, os flagelos com salmoura e demais castigos inventados nos engenhos para os escravos. E havia as mulheres, velhas e jovens, sãs ou entrevadas, que eram sempre as primeiras em comover-se quando o Conselheiro, durante o alto noturno, falava-

lhes do pecado, das baixeiras do Cão ou da bondade da Virgem. Eram elas as que cerziam o hábito arroxeadado, convertendo em agulhas os espinhos dos cardos; e em fio as fibras das palmeiras; as que se engenhavam para lhe fazer um novo, quando o velho rasgava nos arbustos; as que lhe renovavam as sandálias e disputavam as velhas para conservar, como relíquias, esses objetos que haviam tocado seu corpo. Eram elas as que, cada tarde, quando os homens acendiam as fogueiras, preparavam o angú de farinha de arroz, ou de milho, ou de mandioca doce com água e as buchadas de abóbora que sustentavam aos peregrinos. Estes nunca tiveram que se preocupar com o alimento, pois eram frugais e recebiam dádivas por onde passavam. Dos humildes, que corriam a levar ao Conselheiro uma galinha, ou um saco de milho, ou queijos recém feitos, e também dos proprietários que, quando a corte esfarrapada pernoitava nas granjas e, por iniciativa própria e sem cobrar um centavo, limpava e varria as capelas das fazendas, mandavam-lhes com seus serventes leite fresco, mantimentos e, às vezes, uma cabrita ou um cabrito.

Tinha dado já tantas voltas, andado e retrocedido tantas vezes pelos sertões subido e baixado tantas chapadas, que todo mundo o conhecia. Também os padres. Não havia muitos e os que estavam como perdidos na imensidão do sertão e eram, em todo caso, insuficientes para manter vivas às abundantes igrejas que eram visitadas por pastores só o dia do santo do povo. Os vigários de alguns lugares, como Tucano e Cumbe, permitiam-lhe falar com os fiéis do púlpito e se davam bem com ele; outros, como os de Entre Rios e Itapicurú o proibiam e o combatiam. Em outros, para lhe retribuir o que fazia pelas igrejas e os cemitérios, ou porque sua força entre as almas sertanejas era tão grande que não queriam indispor-se com seus paroquianos, os vigários consentiam a contra gosto a que, logo depois da missa, rezasse letanias e pregasse no átrio.

Quando se inteiraram o Conselheiro e sua corte de penitentes que, em 1888, lá longe, nessas cidades cujos nomes inclusive lhes soavam estrangeiros — São Paulo, Rio de Janeiro; a própria Salvador, capital do Estado — a monarquia tinha abolido a escravidão e que a medida provocava agitação nos engenhos bahianos que, de repente, ficaram sem braços? Só meses depois de decretada subiu aos sertões a notícia, como subiam as notícias a essas extremidades do Império — demoradas, deformadas e às vezes

caducas — e as autoridades fizeram apregoar nas praças e cravar na porta dos municípios.

E é provável que, ao ano seguinte, o Conselheiro e sua esteira se inteirassem com o mesmo atraso que a nação a que sem sabê-lo pertenciam tinha deixado de ser Império e era agora República. Nunca chegaram a saber que este acontecimento não despertou o menor entusiasmo nas velhas autoridades, nem nos ex-proprietários de escravos (continuavam o de canaviais e rebanhos) nem nos profissionais e funcionários da Bahia que viam nesta mudança algo assim como o tiro de graça à já extinta hegemonia da ex-capital, centro da vida política e econômica do Brasil por duzentos anos e agora nostálgica parente pobre, que via deslocar-se para o Sul tudo o que antes era seu — a prosperidade, o poder, o dinheiro, os braços, a história— e embora o soubessem não o tivessem entendido nem lhes tivesse importado, pois as preocupações do Conselheiro e os seus eram outras. Pelo resto o que mudara para eles além de alguns nomes? Não era esta paisagem de terra ressecada e céu plúmbeo o de sempre? E apesar de ter acontecido vários anos da seca, não continuava a região curando suas feridas, chorando a seus mortos, tratando de ressuscitar os bens perdidos? O que tinha mudado agora que havia Presidente em vez de Imperador na atormentada terra do Norte? Não seguia lutando contra a esterilidade do chão e a avareza da água o lavrador para fazer brotar o milho, o feijão, a batata e a mandioca e para manter vivos aos porcos, as galinhas e as cabras? Não seguiam cheias de ociosos as aldeias e não eram ainda perigosos os caminhos pelos bandidos? Não havia em qualquer parte exércitos de mendigos como reminiscência dos estragos de 1877? Não eram os mesmos os contadores de fábulas? Não seguiam, face aos esforços do Conselheiro, caindo aos pedaços as casas do Bom Jesus?

Mas sim, algo mudou com a República. Para mal e confusão do mundo: a Igreja foi separada do Estado, estabeleceu-se a liberdade de cultos e secularizaram-se os cemitérios, dos que já não se ocupariam as paróquias a não ser os municípios. Tanto que os vigários, desconcertados, não sabiam o que dizer ante essas novidades que a hierarquia se resignava a aceitar, o Conselheiro sim soube, imediatamente: eram impiedades inadmissíveis para o crente. E quando soube que se entronizou o matrimônio civil — como se um sacramento criado por Deus não fosse bastante — ele sim teve a

integridade de dizer em voz alta, na hora dos conselhos, o que os párocos murmuravam: que esse escândalo era obra de protestantes e maçons. Como, sem dúvida, essas outras disposições estranhas, suspeitas, das que se foram inteirando pelos povos: o mapa estatístico, o censo, o sistema métrico decimal. Aos aturdidos sertanejos que iam a lhe perguntar o que significava tudo isso, o Conselheiro o explicava, devagar: queriam saber a cor da gente para restabelecer a escravidão e devolver aos morenos a seus amos, e sua religião para identificar aos católicos quando comessem as perseguições. Sem elevar a voz, exortava-os a não responder a semelhantes questionários nem a aceitar que o metro e o centímetro substituíssem à vara e o palmo.

Uma manhã de 1893, ao entrar em Natuba, o Conselheiro e os peregrinos ouviram um zumbido de vespas enfurecidas que subia ao céu do Plaza Matriz, onde os homens e mulheres se congregaram para ler ou escutar ler uns decretos recém penetrados nas pranchas. Foram-lhes cobrar impostos, a República lhes queria cobrar impostos. E o que eram os impostos?, perguntavam muitos aldeãos. Como os dizimos, explicavam-lhes outros. Igual a, antes, se a um morador nasciam cinqüenta galinhas devia dar cinco à missão e uma arroba de cada dez que colhia, os decretos estabeleciam que se desse à República uma parte de tudo o que alguém herdava ou produzia. Os vizinhos tinham que declarar nos municípios, agora autônomos, o que tinham e o que ganhavam para saber o que lhes corresponderia pagar. Os arrecadadores de impostos expropriariam para a República tudo o que fosse oculto ou rebaixado de valor.

O instinto animal, o sentido comum e séculos de experiência fizeram compreender a quão vizinhos aquilo seria talvez pior que a seca; que os arrecadadores de impostos resultariam mais vorazes que os abutres e os bandidos. Perplexos, assustados, encolerizados, acotovelavam-se e comunicavam uns aos outros sua apreensão e sua ira, em vozes que, mescladas, integradas, provocavam essa música beligerante que subia ao céu de Natuba quando o Conselheiro e seus desarrumados ingressaram no povo pela rota de Cipó. As pessoas rodearam ao homem de arroxado e lhe obstruíram o caminho à Igreja de Nossa Senhora da Conceição (recomposta e pintada por ele mesmo várias vezes nas décadas anteriores) onde se dirigia com suas trancadas de sempre, para lhe contar quão novas à ele, sério e

olhando através deles, logo que pareceu escutar. E, entretanto, instantes depois, ao mesmo tempo que uma sorte de explosão interior punha seus olhos ígneos, punha-se a andar, a correr, entre a multidão que se abria à sua passagem, para as pranchas com os decretos. Chegou até elas e sem incomodar-se em ler derrubou-as, com a cara decomposta por uma indignação que parecia resumir a de todos. Logo pediu, com voz vibrante, que queimassem essas maldades escritas. E quando, ante os olhos surpreendidos dos vereadores, o povo o fez e, além disso, começou a celebrar, arrebrandando fogos como em dia de feira, e o fogo dissolveu em fumaça os decretos e o susto que provocaram, o Conselheiro, antes de ir rezar à Igreja da Conceção, deu aos seres desse afastado rincão graves primícias: o Anticristo estava no mundo e se chamava República.

— Apitos, sim, Senhor Comissionado — repete, surpreendendo-se uma vez mais do que viveu e, sem dúvida, recordado e contado muitas vezes o Tenente Pires Ferreira— Soavam muito fortes na noite. Melhor dizendo, no amanhecer.

O hospital de campanha é um barraco de pranchas e teto de folhas de palma acondicionada de qualquer maneira para albergar aos soldados feridos. Está nos subúrbios de Joazeiro, cujas casas e ruas paralelas ao largo rio São Francisco — caiadas ou pintadas de cores — se divisam entre os tabiques, sob as taças poeirentas dessas árvores que deram nome à cidade.

— Andamos doze dias daqui ao Uauá, que está já às portas de Canudos, tudo um êxito - diz o Tenente Pires Ferreira— Meus homens caíam de fadiga, assim decidi acampar ali. E, às poucas horas, despertaram os apitos.

Há dezesseis feridos, tombados em redes, em filas que se olham: toscas vendagens, cabeças, braços e pernas manchados de sangue, corpos nus e seminus calças e jaquetas em fiapos. Um médico de bata branca, recém-chegado, passa revista aos feridos, seguido por um enfermeiro que carrega um estojo de primeiros socorros. A aparência saudável, cidadã, do médico contrasta com as caras derrotadas e os cabelos condensados de suor dos soldados. Ao fundo do barraco, uma voz angustiada fala de confissão.

— Não pôs você sentinelas? Não lhe ocorreu que podiam surpreendê-los, Tenente?

— Havia quatro sentinelas, Senhor Comissionado — replica Pires Ferreira, mostrando quatro dedos enérgicos— Não nos surpreenderam. Quando escutamos os apitos, a companhia inteira se levantou e se preparou para o combate. — Baixa a voz — Mas não vimos chegar ao inimigo, a não ser, a uma procissão.

Por uma esquina do barraco-hospital, à borda do rio sulcado por barcos carregados de melancias, distingue-se o pequeno acampamento, onde se acha o resto da tropa: soldados tombados à sombra de umas árvores, fuzis alinhados em grupos de quatro, lojas de campanha. Passa, ruidosa, um bando de louros.

— Uma procissão *religiosa*, Tenente? — pergunta a voz nasal, intrusa, surpresa.

O oficial dá uma olhada ao que lhe falou e assentiu:

— Vinham pelo rumo de Canudos — explica, dirigindo-se sempre ao Comissionado — Eram quinhentos, seiscentos, possivelmente mil.

O Comissionado eleva as mãos e seu adjunto move a cabeça, também incrédulo. São, salta à vista, gente da cidade. Chegaram ao Joazeiro essa mesma manhã no trem de Salvador e estão ainda aturdidos e machucados pelo estalo continuado, incômodos em seus sacões de largas mangas, nas bojudas calças e botas que já se sujaram, acalorados, certamente desgostosos de estar ali, rodeados de carne ferida, de pestilência, e de ter que investigar uma derrota. Enquanto falam com o Tenente Pires Ferreira vão de rede em rede e o Comissionado, homem sério, inclina-se às vezes a dar uma palmada aos feridos. Ele só escuta o que diz o Tenente, mas seu adjunto toma nota, igual ao outro recém-chegado, o da voz resfriada, que espirra com freqüência.

— Quinhentos, mil? — disse o Comissionado com sarcasmo— A denúncia do Barão da Canabrava chegou a meu escritório e a conheço, Tenente. Os invasores de Canudos, incluídas as mulheres e criaturas, foram duzentos. O Barão deve sabê-lo, é o dono da fazenda.

— Eram mil, milhares — murmura o ferido da rede mais próxima, um mulato de pele clara e cabelos crespos, com o ombro enfaixado— Juro, senhor.

O Tenente Pires Ferreira o faz calar com um movimento tão brusco que roça a perna do ferido que tem à suas costas e o homem ruge de dor. O Tenente é jovem, mas bem baixo, de bigodinhos recortados como os usam os *petimetres* que, lá, em Salvador, se reúnem nas confeitarias da rua do Chile à hora do chá. Mas a fadiga, a frustração, os nervos rodearam agora esse bigodinho francês de olheiras violáceas, pele lívida e uma careta. Estava sem barbear, com os cabelos revoltos, o uniforme esmigalhado e o braço direito em tipóia. Ao fundo, a voz incoerente segue falando de confissão e Santos óleos.

Pires Ferreira vira-se para o Comissionado:

— De menino vivi em uma fazenda, aprendi a contar aos rebanhos de uma olhada — murmura — Não estou exagerando. Havia mais de quinhentos, e, possivelmente, mil.

— Traziam uma cruz de madeira, enorme, e uma bandeira do Divino Espírito Santo — adiciona alguém, de uma rede.

E, antes que o Tenente pudesse atalhá-los, outros se atropelam, contando: traziam também imagens de Santos, rosários, todos sopravam esses apitos ou cantavam *Kyrie Eleisons* e aclamavam à São João Batista, à Virgem Maria, ao Bom Jesus e ao Conselheiro. Incorporaram-se nas redes e disputam a palavra até que o Tenente lhes ordenou calar.

— E, de repente, nos jogaram em cima — prossegue, no meio do silêncio — Pareciam tão pacíficos, pareciam uma procissão de Semana Santa, como ia atacar-nos? E, de repente, começaram a dar *morra* e a disparar à queima-roupa. Éramos um contra oito, contra dez.

— A dar morra? — interrompe-o a voz impertinente.

— Morra à República — diz o Tenente Pires Ferreira — Morra ao Anticristo. — dirige-se de novo ao Comissionado — Não tenho nada que me reprovar. Os homens brigaram como bravos. Resistimos mais de quatro horas, Senhor. Só ordenei a retirada quando ficamos sem munição. Já sabe você os problemas que tivemos com os *Mánlichers*. Graças à disciplina dos soldados puderam chegar até aqui em só dez dias.

— A vinda foi mais rápida que a ida — grunhe o Comissionado.

— Venham, venham, vejam isto — chama o médico de bata branca, de uma esquina.

O grupo de civis e o Tenente cruzam as redes para chegar até ele. Sob a bata, o médico leva uniforme militar, cor azul anil. Retirou a vendagem de um soldado machucado que se torce de dor, e está olhando com interesse o ventre do homem. Aponta como algo precioso: junto à virilha, há um buraco purulento do tamanho de um punho, com sangue coagulado nas bordas e carne que pulsa.

— Uma bala explosiva! — exclama o médico, com entusiasmo, polvilhando a pele inchada com um polvilho branco — Ao penetrar no corpo, estala como o *shrapnel*, destrói as malhas e provoca este orifício. Só o tinha visto nos Manuais do Exército inglês. Como é possível que esses pobres diabos disponham de armas tão modernas? Nem o Exército brasileiro as tem.

—Vê, Senhor Comissionado? —diz o Tenente Pires Ferreira, com ar triunfante—Estavam armados até os dentes. Tinham fuzis, carabinas, espingardas, facões, adagas, porretes. Em troca, nossos *Männlichers* se obstruíam e...

Mas o que delira sobre a confissão e os Santos óleos agora dá gritos e fala de imagens sagradas, da bandeira do Divino, dos apitos. Não parece ferido; está amarrado a uma estaca, com o uniforme melhor conservado que o do Tenente. Quando vê aproximar-se do médico e ao grupo de civis lhes implora, com olhos chorosos:

— Confissão, senhores! O peço! O peço!

— É o médico de sua companhia, o doutor Antonio Alves de Santos? —pergunta o médico de bata— Por que o tem você amarrado?

— Tentou matar-se, senhor — balbucia Pires Ferreira— Disparou-se um tiro e de milagre alcancei a lhe desviar a mão. Está assim do combate em Uauá, não sabia o que fazer com ele. Em vez de ser uma ajuda, converteu-se em um problema mais, sobre tudo durante a retirada.

— Afastem-se, senhores — diz o médico de bata— Deixem-me só com ele, eu o acalmarei.

Quando o Tenente e os civis lhe obedecem, volta a ouvir a voz nasal, inquisitiva, peremptória, do homem que interrompeu várias

vezes as explicações:

— Quantos mortos e feridos em Lola, Tenente? Em sua companhia e entre os bandidos.

— Dez mortos e dezesseis feridos entre meus homens — responde Pires Ferreira, com um gesto impaciente— O inimigo teve uma centena de baixa, pelo menos. Tudo isso está no relatório que lhes entreguei, senhor.

— Não sou da Comissão, mas sim do *Jornal de Notícias*, da Bahia — diz o homem.

É distinto aos funcionários e ao médico de bata branca com os que veio. Jovem, míope, com óculos espessos. Não toma notas com um lápis, a não ser, com uma pluma de ganso. Veste uma calça descosturada, uma casaca esbranquiçada, um gorro com viseira e toda sua roupa resulta postiça, equivocada, em sua figura sem garbo. Sustenta um tabuleiro no que há várias folhas de papel e molha a pluma de ganso em um tinteiro, colocado na manga de sua casaca, cuja tampa é uma cortiça de garrafa. Seu aspecto é, quase, o de um espantalho.

— Viajei seiscentos quilômetros só para lhe fazer estas perguntas, Tenente Pires Ferreira — diz. E espirra.

João Grande nasceu perto do mar, em um engenho do Recôncavo, cujo dono, o cavalheiro Adalberto de Gumucio, era grande aficionado aos cavalos. Apreciava ter os alazões mais briosos e as éguas de patas mais finas da Bahia e de ter obtido estas espécies sem necessidade de sementes inglesas, mediante sábios emparelhamentos que ele mesmo vigiava. Apreciava-se menos (em público) de ter conseguido o mesmo com os escravos da senzala, para não remover as águas turvas das disputas que isto havia lhe trazido com a Igreja e com o próprio Barão da Canabrava, mas o certo era que com os escravos tinha procedido nem mais nem menos que com os cavalos. Seu proceder era ditado pelo olho e a inspiração. Consistia em selecionar aos negritos mais ágeis e melhor formados e em amancebar os negros que por sua harmonia de rasgos e nitidez de cor ele chamava mais puros. Os melhores casais recebiam alimentação especial e privilégios de trabalho a fim de que estivessem em condições de fecundar muitas vezes. O capelão, os missionários e a hierarquia de Salvador tinham admoestado

repetidas vezes ao cavalheiro por baralhar deste modo aos negros, “fazendo-os viver em bestialidade”, mas, em vez de pôr fim a essas práticas, as reprimendas só as fizeram mais discretas.

João Grande foi o resultado de uma dessas combinações que levava a cabo esse fazendeiro de gostos perfeccionistas. Em seu caso, sem dúvida, nasceu um magnífico produto. O menino tinha uns olhos muito vivos e uns dentes que, quando ria, enchiam de luz sua cara redonda, de cor azulada. Era roliço, gracioso, brincalhão, e sua mãe — uma bela mulher que paria a cada nove meses — imaginou para ele um futuro excepcional. Não se equivocou. O cavalheiro Gumucio se afeiçoou com ele quando ainda engatinhava e o tirou da senzala para levá-lo à casagrande — construção retangular, de telhado de quatro águas, com colunas toscanas e corrimões de madeira dos que se dominavam os canaviais, a capela neoclássica, a fábrica onde se moía a cana, o alambique e uma avenida de palmeiras imperiais — pensando que podia ser pajem de suas filhas e, mais tarde, mordomo ou condutor de *limusine*. Não queria que se danificasse precocemente, como ocorria freqüentemente com os meninos dedicados à roça, ao levante e à colheita de cana-de-açúcar.

Todavia, quem se apropriou de João Grande foi a senhorita Adelinha Isabel de Gumucio, irmã solteira do cavalheiro, que vivia com ele. Era delgada, miúda, com uma narina que parecia estar farejando os aromas feios do mundo, e dedicava o tempo a tecer toucas, xales grandes, a bordar toalhas, colchas e blusas ou a preparar doces, afazeres para os quais estava dotada. Mas a maioria das vezes, os pães-doces com nata, as tortas de amêndoa, os merengues com chocolate, os *mazapanes* esponjosos que faziam as delícias de seus sobrinhos, de sua cunhada e de seu irmão ela nem os provava. A senhorita Adelinha gostou muito do João Grande desde o dia que o viu subindo ao depósito da água. Assustada ao ver dois metros do chão a um menino que logo que podia se ter de pé, ordenou-lhe que baixasse, mas João continuou subindo a escada. Quando a senhorita chamou um criado, o menino já tinha chegado à borda e alcançado à água. Tiraram-no vomitando, com os olhos arredondados pelo susto. Adelinha o despiu, agasalhou-o e o teve em braços até que dormiu.

Pouco depois, a irmã do cavalheiro Gumucio instalou ao João em seu quarto, em um dos berços que tinham usado suas sobrinhas, e o

fez dormir a seu lado, como outras damas à suas empregadas de confiança e a seus cães mulherengos. João foi depois um privilegiado. Adelinha o tinha sempre embainhado em uns mamelucos azul marinho, vermelho sangue ou amarelo ouro que lhe costurava ela mesma. Acompanhava-a cada tarde ao promontório do qual se viam as ilhas e o sol do crepúsculo, incendiando-as, e quando fazia visita e percursos de beneficência pelos casarios. Aos domingos, ia com ela à igreja, lhe levando o genuflexório. A senhorita lhe ensinou a sujeitar as meadas para que ela desembaraçasse a lã, a trocar os carretéis do tear, a combinar as tinturas e introduzir as agulhas, assim como a lhe servir de amanuense na cozinha. Mediam juntos o tempo das cocções rezando em voz alta os credos e Pai Nossos que as receitas prescreviam. Ela em pessoa o preparou para a primeira comunhão, comungou com ele e lhe fez um chocolate ovíparo para festejar o acontecimento.

Mas, contrariamente ao que deveria ocorrer com um menino crescido entre paredes revestidas de papel pintado, mobiliário de Jacarandá forrado de damasco e sedas e armários repletos de cristais, à sombra de uma mulher delicada e consagrado a atividades femininas, João Grande não se converteu em um ser suave, doméstico, como ocorria aos escravos caseiros. Foi desde menino descomunalmente forte, tanto que, em que pese a ter a idade do João Meninho, o filho da cozinheira, parecia lhe levar vários anos. Era brutal em seus jogos e a senhorita estava acostumada dizer, com pena: “Não está feito para a vida civilizada. Estranha o bosque”. Porque o moço vivia à espreita de qualquer ocasião para sair ao campo a trotar. Uma vez que cruzavam os canaviais, ao vê-lo olhar com cobiça a quão negros meio nus e com facões trabalhavam entre as folhas verdes, a senhorita lhe comentou: “Parece que os inveja”. Ele repôs: “Sim, ama, invejo-os”. Tempo depois, o cavalheiro Gumucio, fez-lhe pôr um bracelete de luto e o mandou às quadras do engenho para assistir ao enterro de sua mãe. João não sentiu maior emoção, pois a tinha visto muito pouco. Esteve vagamente incômodo ao longo da cerimônia, sob uma ramagem de palha, e no desfile ao cemitério, rodeado de negras e negros que o olhavam sem dissimular sua inveja ou seu desprezo por suas calcinhas, sua blusa de listas e seus sapatões que contrastavam tanto com suas regatas de brim e seus pés descalços. Nunca se mostrou afetuoso com sua ama, o que tinha feito pensar à família Gumucio que era, talvez, um desses

rústicos sem sentimentos, capazes de cuspir na mão que lhes dava de comer. Mas nem sequer este antecedente lhes podia ter feito suspeitar que João Grande fosse capaz de fazer o que fez.

Ocorreu durante a viagem da senhorita Adelinha ao Convento da Encarnação, onde fazia retiro todos os anos. João Meninho conduzia o carro puxado por dois cavalos e João Grande ia junto a ele na boléia. A viagem levava umas oito horas; saíam da fazenda ao amanhecer para chegar ao Convento no meio da tarde. Mas dois dias depois as monjas enviaram um próprio a perguntar por que a senhorita Adelinha não tinha chegado na data prevista. O cavalheiro Gumucio dirigiu as buscas de policiais bahianos e de servos da fazenda, que, durante um mês, cruzaram a região em todas direções, interrogando à meio mundo. A rota entre o Convento e a fazenda foi explorada minuciosamente sem encontrar o menor rastro do carro, seus ocupantes ou os cavalos. Parecia que, como nas histórias fantásticas dos trovadores, elevaram-se e desapareceram pelos ares.

A verdade começou ou seja se meses mais tarde, quando um Juiz de Órfãos de Salvador descobriu, no carro em oferta que tinha comprado a um mercado da cidade alta, dissimulado com pintura, o anagrama da família Gumucio. O mercador confessou que tinha adquirido o carro em uma aldeia de cafusos, sabendo que era roubado, mas sem imaginar que os ladrões podiam também ser assassinos. O próprio Barão da Canabrava ofereceu um preço altíssima pelas cabeças do João Meninho e João Grande e o cavalheiro Gumucio implorou que fossem capturados vivos. Uma partida de bandoleiros, que operava nos sertões, entregou o João Meninho à polícia, em troca da recompensa. O filho da cozinheira estava irreconhecível de sujo e descabelado quando lhe torturaram para fazê-lo falar.

Jurou que não tinha sido planejado por ele mas sim pelo demônio empossado de seu companheiro de infância. Ele conduzia o carro, assobiando entre dentes, pensando nos doces do Convento da Encarnação e, de repente, João Grande lhe ordenou frear. Quando a senhorita Adelinha perguntava por que paravam, João Meninho viu seu companheiro golpeá-la na cara com tanta força que a deprimiu, lhe arrebatou as rédeas e esporeou aos cavalos até o promontório onde o ama subia a ver as ilhas. Ali, com uma decisão tal que João Meninho, pasmado, não se tinha atrevido a enfrentar o João Grande

submeteu à senhorita Adelinha a mil maldades. Despiu-a e ria dela, que, tremendo, cobria-se com uma mão os peitos e com a outra o sexo, e a tinha feito brincar de correr de um lado a outro, tratando de esquivar suas pedradas, ao mesmo tempo que a insultava com os insultos mais abomináveis que o Meninho tinha ouvido. Subitamente, cravou-lhe uma adaga no estômago e, já morta, encarniçou-se com ela lhe cortando os peitos e a cabeça. Logo, incitado, empapado de suor, dormiu junto à sangria. João Meninho sentia tanto terror que as pernas não lhe deram para fugir.

Quando João Grande despertou, momento depois, estava tranqüilo. Olhou com indiferença a carniça que os rodeava. Logo ordenou ao Meninho que o ajudasse a cavar uma tumba, onde enterraram os pedaços da senhorita. Tinham esperado que obscurecesse para fugir, e assim foram se afastando do lugar do crime; escondiam o carro de dia em alguma cova, ramagem ou quebrada; cavalgavam de noite, com a única idéia clara de que deviam avançar em direção oposta ao mar. Quando conseguiram vender o carro e os cavalos, compraram provisões com as que se meteram terra adentro, com a esperança de somar-se a esses grupos de silvestres que, segundo as lendas, pululavam entre as caatingas. Viviam a salto de arbusto, evitando os povos e comendo da mendicidade ou de pequenos latrocínios. Só uma vez tentou João Meninho fazer falar com o João Grande do acontecido. Estavam tombados sob uma árvore, fumando de um tabaco, e, em um arranque de audácia, perguntou a boca de jarro: “Por que matou à ama?”. “Porque tenho o Cão no corpo”, respondeu no ato João Grande, “Não me fale mais disso”. O Meninho pensou que seu companheiro lhe disse a verdade.

Seu companheiro de infância lhe inspirava um medo crescente, pois, do assassinato da ama, desconhecia-o cada vez mais. Quase não dialogava com ele e, em troca, continuamente o surpreendia falando sozinho, em voz baixa, com os olhos injetados em sangue. Uma noite o ouviu chamar o Diabo “pai” e lhe pedir que viesse a ajudá-lo. “Acaso não fiz já bastante, pai?”, balbuciava, retorcendo-se, “Que mais quer que faça?” Convenceu-se que João fazia pacto com o Maligno e temeu que, para seguir fazendo méritos, sacrificasse-o a ele como tinha feito com a senhorita. Decidiu adiantar-se. Planejou tudo, mas a noite em que lhe aproximou serpenteando, com a faca

preparada para afundar-lhe; tremia tanto, que João Grande abriu os olhos, antes de que ele fizesse nada. Viu-o inclinado sobre seu corpo, com a lâmina dançando, em atitude inequívoca. Não se alterou. “Mate-me, Meninho”, ouviu-lhe dizer. Saiu correndo, sentindo que o perseguiam os diabos.

O Meninho foi enforcado na prisão de Salvador e os despojos da senhorita Adelinha foram trasladados à capela neoclássica da fazenda, mas seu vitimário não foi achado, em que pese a que, periodicamente, a família Gumucio elevava o preço por sua captura. E, entretanto, da fuga do Meninho, João Grande não se ocultava. Gigantesco, seminu, miserável, comendo o que caía em suas armadilhas, ou suas mãos agarravam das árvores, andava pelos caminhos como uma alma em pena. Cruzava as aldeias a plena luz, pedindo comida, e o sofrimento de sua cara impressionava às pessoas que estavam acostumados a lhe jogar alguma sobra.

Um dia encontrou em uma encruzilhada de atalhos, nos subúrbios de Pombal, a um punhado de gente que escutavam as palavras que lhes dizia um homem magro, envolto em uma túnica morada, cujos cabelos lhe varriam os ombros e cujos olhos pareciam brasas. Falava do Diabo, precisamente, ao que chamava Lúcifer, Cão e Belzebu das catástrofes e crimes que causava no mundo e do que deviam fazer os homens que queriam salvar-se. Sua voz era persuasiva, chegava à alma sem passar pela cabeça, e inclusive a um ser afligido pela confusão, como ele, parecia-lhe um bálsamo que suturava velhas e atrozes feridas. Imóvel, sem pestanejar, João Grande o esteve escutando, comovido até os ossos pelo que ouvia e pela música com que vinha dito o que ouvia. A figura do santo velava aos poucos pelas lágrimas que iam a seus olhos. Quando o homem reatou seu caminho, ficou a segui-lo a distância, como um animal tímido.

Um contrabandista e um médico foram as pessoas que chegaram a conhecer mais ao Galileo Gall na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos (chamada, simplesmente, Bahia ou Salvador), e as primeiras em lhe explicar o país, embora nenhuma delas tivesse compartilhado as opiniões sobre o Brasil que o revolucionário vertia em suas cartas à *l'Étincelle de révolte* (freqüentes nessa época). A primeira, escrita à semana do naufrágio, falava da Bahia: “caleidoscópio onde um homem com noção da história vê coexistir as

marcas que envileceram as distintas etapas da humanidade”. A carta se referia à escravidão, que, embora abolida, existia *de fato pois, para não morrer de fome, muitos negros libertos retornaram a implorar a seus amos que os recebessem. Estes só contratavam — por salários ruins — aos braços úteis, de modo que as ruas da Bahia, em palavras de Gall, “fervem de anciões doentes e miseráveis que mendigam ou roubam e de prostitutas que recordam Alexandria e Argel, os portos mais degradados do planeta”*.

A segunda carta, de dois meses mais tarde, sobre “o conluio do obscurantismo e a exploração”, descrevia o desfile dominical das famílias ricas, dirigindo-se para ouvir missa à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, com serventes que carregavam genuflexórios, velas, missais e sombrinhas para que o sol não danificasse as bochechas das damas; “estas”, dizia Gall, “como os funcionários ingleses das colônias, fizeram da brancura um paradigma, a quinta-essência da beleza”. Mas o frenólogo explicou a seus camaradas do Lyon, em um artigo posterior, que, face aos prejuízos, os descendentes de portugueses, índios e africanos se mesclaram bastante nesta terra e produziu uma matizada variedade de mestiços: mulatos, mamelucos, cafusos, caboclos, curibocas. E acrescentava: “Vale dizer, outros tantos desafios para a ciência”. Estes tipos humanos e os europeus parados, por uma ou outra razão, em suas bordas, davam a Bahia uma atmosfera cosmopolita e variada.

Foi entre esses estrangeiros que Galileo Gall — então logo que assassinava o português — teve seu primeiro conhecido. Viveu ao princípio no *Hotel dès Étrangers*, em Campo Grande, mas logo que travou relação com o velho Jan Van Rijsted, este lhe cedeu um desvão com uma cama de armar e uma mesa, nos altos da Livraria Catilina, onde vivia, e lhe conseguiu aulas particulares de francês e inglês para que se custeasse a comida. Van Rijsted era de origem holandesa, nascido em Olinda, e tinha traficando em cacau, sedas, espécies, tabaco, álcool e armas entre a Europa, África e América dos quatorze anos (sem ter ido ao cárcere nem uma vez). Não era rico por culpa de seus associados — mercadores, armadores, capitães de navio — que lhe tinham roubado boa parte de seus tráficos. Gall

estava convencido que os bandidos, grandes criminosos ou simples ratinhos, lutavam também contra o inimigo —o Estado —e, embora às cegas, roíam os alicerces da propriedade. Isto facilitou sua amizade com o ex-patife. Ex, pois estava retirado das maldades. Era solteiro, mas tinha vivido com uma moça de olhos árabes, trinta anos menor que ele, de sangue egípcio ou marroquino, da que gostou muito em Marselha. Trouxe-a para Bahia e lhe pôs uma quinta na cidade alta, que decorou gastando uma fortuna para fazê-la feliz. À volta de uma de suas viagens, encontrou a bela pirada, depois de rematar tudo o que a casa continha, levando-a pequena caixa forte em que Van Rijsted escondia um pouco de ouro e umas pedras preciosas. Referiu ao Gall estes detalhes enquanto caminhavam frente ao mole, vendo o mar e os veleiros, passando do inglês ao francês e ao português, em um tom negligente que o revolucionário apreciou. Jan vivia agora de uma renda que, segundo ele, permitir-lhe-ia beber e comer até sua morte, a condição de que esta não demorasse.

O holandês, homem inculto mas curioso, escutava com deferência as teorias de Galileo sobre a liberdade e as formas do crânio como sintoma da conduta, embora se permitia dissentir quando o escocês lhe assegurava que o amor do casal era uma tara e germe de infelicidade. A quinta carta de Gall a *l'Étincelle da révolte* foi sobre a superstição, quer dizer a Igreja do Senhor do Bonfim, que os romeiros encheram de ex-votos, com pernas, mãos, braços, cabeças, peitos e olhos de madeira e de cristal, que pediam ou agradeciam milagres. A sexta, sobre o advento da República, que na aristocrática Bahia tinha significado só a mudança de alguns nomes. Na seguinte, homenageava a quatro mulatos — os alfaiates Lucas Dantas, Luis Gonzaga das Virgens, João de Deus e Manuel Faustino — que, um século atrás, inspirados pela Revolução Francesa, conjuraram-se para destruir a monarquia e estabelecer uma sociedade igualitária de negros, pardos e brancos. Jan Van Rijsted levou ao Galileo à praça onde os artesãos foram enforcados e esquartejados e, surpreso, viu-o depositar ali umas flores.

Entre as prateleiras da Livraria Catilina conheceu Galileo Gall, um dia, ao Doutor José Batista de Sá Oliveira, médico já ancião, autor de um livro que lhe tinha interessado: *Craneometria comparada das espécies humanas da Bahia, do ponto de vista*

evolucionista e médico-legal. O ancião, que tinha estado na Itália e conhecido ao Cesare Lombroso, cujas teorias o seduziram, ficou feliz de ter pelo menos um leitor para esse livro que tinha publicado com seu dinheiro e que seus colegas consideravam extravagante. Surpreso pelos conhecimentos médicos de Gall — embora, sempre, desconcertado e freqüentemente escandalizado com suas opiniões— o Doutor Oliveira encontrou um interlocutor no escocês, com quem passava às vezes horas discutindo fogaosamente sobre o psiquismo da pessoa criminosa, a herança biológica ou a Universidade, instituição da que Gall destrambelhava, considerando-a responsável pela divisão entre o trabalho físico e o intelectual e causador, por isso, de piores desigualdades sociais que a aristocracia e a plutocracia. O Doutor Oliveira recebia ao Gall em seu consultório e alguma vez lhe encarregava uma sangria ou uma purgação.

Embora o freqüentavam e, possivelmente, estimavam, nem Van Rijsted nem o Doutor Oliveira tinham a impressão de conhecer realmente a esse homem de cabelos e barbicha avermelhada, malvestido de negro, que, em que pese a suas idéias, parecia levar uma vida sossegada: dormir até tarde, dar lições de idiomas pelas casas, caminhar incansavelmente pela cidade, ou permanecer em seu desvão lendo e escrevendo. Às vezes desaparecia por várias semanas sem dar aviso e, ao reaparecer, inteiravam-se que tinha feito longas viagens pelo Brasil, nas condições mais precárias. Nunca lhes falava de seu passado nem de seus planos e como, quando o interrogavam sobre estes assuntos, respondia-lhes vagamente; ambos se conformavam, aceitando-o tal como era ou parecia ser: solitário, exótico, enigmático, original, de palavras e idéias incendiárias mas de conduta inofensiva.

Aos dois anos, Galileo Gall falava com soltura o português e tinha enviado várias cartas mais a *l'Étincelle da révolte*. A oitava, sobre os castigos corporais que tinha visto repartir aos servos em pátios e ruas da cidade, e a novena sobre os instrumentos de tortura usados em tempos da escravidão: o potro, a armadilha, o colar de cadeias ou *gargalheira*; as bolas de metal e os *infantes*, anéis que trituravam os polegares. A décima, sobre o Pelourinho, patíbulo da cidade, onde ainda se açoitava aos infratores da lei (Gall os chamava “irmãos”) com um chicote de couro cru que se oferecia nos armazéns com um apelido marinho: o *bacalhau*.

Percorria tanto, de dia e de noite, os atalhos de Salvador, que o poderia tomar por um apaixonado pela cidade. Mas Galileo Gall não se interessava na beleza da Bahia a não ser no espetáculo que nunca tinha deixado de revoltá-lo: a injustiça. Aqui, explicava em suas cartas ao Lyon, a diferença da Europa, não havia bairros residenciais: “Os barracões dos miseráveis limitam com os palácios de azulejos dos proprietários de engenhos e as ruas estão lotadas, da seca, de faz três lustros, que empurrou até aqui milhares de refugiados das terras altas, com meninos que parecem velhos e velhos que parecem meninos e mulheres que são paus de vassoura, e entre os quais um cientista pode identificar todas as variedades do mal físico, das benignas até as atrozes: a febre biliosa, o beribéri, a *anasarca*, a disenteria, a varíola”. “Qualquer revolucionário que sinta vacilar suas convicções sobre a grande revolução — dizia uma de suas cartas — deveria dar uma olhada ao que eu vejo em Salvador: então, não duvidaria.”

III

Quando, semanas depois, soube-se em Salvador que em uma aldeia remota chamada Natuba, os decretos da flamejante República sobre os novos impostos tinham sido queimados, a Governação decidiu enviar uma força da Polícia Bahiana a prender aos revoltosos. Trinta guardas, uniformizados de azul e verde, com quepis nos que a República ainda não mudara os emblemas monárquicos, empreenderam, primeiro em ferrovia e logo a pé, a infeliz travessia para esse lugar que, para todos eles, era um nome no mapa. O Conselheiro não estava em Natuba. Os suarentos policiais interrogaram a vereadores e vizinhos antes de partir em busca desse sedicioso cujo nome, apodo e lenda levariam até o litoral e propagariam pelas ruas da Bahia. Guiados por um rastreador da região, azul esverdeados na radiante manhã, perderam-se trás dos montes do caminho de Cumbe.

Outra semana estiveram subindo e descendo por uma terra avermelhada, arenosa, com caatingas de espinhosos mandacaráus e esfomeados rebanhos de ovelhas que escavavam na folhagem, depois da pista do Conselheiro. Todos o tinham visto passar, no domingo tinha orado nessa igreja, pregado naquela praça, dormindo junto a essas rochas. Encontraram-no por fim a sete léguas de Tucano, em um povoado de cabanas de tijolo cru e telhas que se chamava Masseté, nos contrafortes da Serra do Ovó. Era o entardecer, viram mulheres com cântaros na cabeça, suspiraram ao saber que chegava a término a perseguição. O Conselheiro pernoitava onde Severino Vianna, um morador que tinha um plantação de milho a mil metros do povo. Os policiais trotaram para ali, entre joazeiros de ramos folhudos e matas de plantas que lhes irritava a pele. Quando chegaram, meio às escuras, viram uma moradia de estacas e um enxame de seres amorfos, formados redemoinhos em torno de alguém que devia ser o que procuravam. Ninguém fugiu, ninguém prorrompeu em gritos ao divisar seus uniformes seus fuzis.

Eram cem, cento e cinquenta, duzentos? Havia tantos homens como mulheres entre eles e a maioria parecia sair, pela roupa que vestiam, dentre os mais pobres dos pobres. Todos mostravam — assim o contariam à suas mulheres, à suas queridas, às putas, à seus companheiros, os guardas que retornaram a Bahia — uns olhares de inquebrável resolução. Mas, na verdade, não tiveram tempo de observá-los nem de identificar ao cabeça, pois apenas o Sargento chefe lhes ordenou entregar ao que lhe diziam Conselheiro, a turfa lhes jogou em cima, em um ato de flagrante temeridade, considerando que os policiais tinham fuzis e eles só paus, foices, pedras, facas e uma que outra escopeta. Mas tudo ocorreu de maneira tão súbita que os policiais se viram cercados, dispersados, apossados, golpeados e feridos, ao mesmo tempo que se ouviam chamar “Republicanos!” como se a palavra fosse insulto. Alcançaram a disparar seus fuzis, mas mesmo que caíam andrajosos, com o peito ferido; ou a cara destroçada, nada os desanimou e, de repente, os policiais bahianos se encontraram fugindo, aturdidos pela incompreensível derrota. Depois diriam que entre seus atacantes não só havia os loucos e fanáticos que eles acreditavam, a não ser, também, acostumados delinquentes, como o cara cortada, Pajeú, e o bandido a quem por suas crueldades chamavam-lhe João Satã. Três policiais morreram e ficaram insepultos, para alimento das aves da Serra do Ovó; desapareceram oito fuzis. Outro guarda se afogou em Maseté. Os peregrinos não os perseguiram. Em vez disso, ocuparam-se de enterrar seus cinco mortos e em curar aos vários feridos enquanto os outros, ajoelhados junto ao Conselheiro, davam graças a Deus. Até tarde na noite, ao redor das tumbas cavadas na plantação do Severino Vianna, ouviram-se prantos e rezas de defuntos.

Quando uma segunda força da Polícia Bahiana, de sessenta guardas, melhor armada que a primeira, desembarcou da ferrovia na Serrinha, algo mudara na atitude dos aldeãos para com os uniformizados. Porque estes, embora conheciam o desamor com que eram recebidos nos povos; quando subiam à caça de bandoleiros, nunca, como esta vez, acharam-se tão certos de ser deliberadamente despistados. As provisões dos armazéns sempre se esgotaram, mesmo que oferecessem a pagar bom preço e, face às altas primas, nenhum rastreador da Serrinha os guiou. Nem ninguém soube esta vez lhes dar o menor indício sobre o paradeiro da banda. E os

policiais, enquanto davam tombos do Olhos d'Água à Pedra Alta, do Tracupá à Tiririca; dali ao Tucano, e dali à Caraíba e ao Pontal e por fim de volta a Serrinha, e só encontravam, nos vaqueiros, lavradores, artesãos e mulheres que surpreendiam no caminho, olhadas indolentes, negativas contritas, encolhimento de ombros, sentiam-se tratando de empunhar uma miragem. A banda não tinha passado por ali, ao moreno de hábito arroxeadado, ninguém o tinha visto e agora ninguém recordava que fossem queimados uns decretos em Natuba, nem sabido de um choque armado em Masseté. Ao voltar para a capital do Estado, ilesos, deprimidos, os guardas fizeram saber que a horda de fanáticos — igual a tantas outras, fugazmente cristalizadas ao redor de uma devota ou de um pregador — havia, certamente, se dissolvido e, a estas horas, assustados de suas próprias maldades, seus membros estariam sem dúvida fugindo em direções distintas, acaso depois de matar ao chefe. Não tinha ocorrido assim, tantas vezes, na região?

Mas se equivocavam. Desta vez, embora as aparências repetissem velhas formas da história, tudo seria distinto. Os penitentes se achavam agora mais unidos e, em vez de vitimar ao santo depois da vitória de Masseté, que interpretavam como um sinal vindo da altura, reverenciavam-no mais. À manhã seguinte do choque, tinha-os despertado o Conselheiro, quem rezou toda a noite sobre as tumbas dos jagunços mortos. Notaram-no muito triste. Disse-lhes que o ocorrido na véspera era sem dúvida prelúdio de maiores violências e lhes pediu que retornassem à suas casas, pois se continuavam com ele, podiam ir ao cárcere ou morrer como esses cinco irmãos que agora estavam em presença do Pai. Nenhum se moveu. Passou seus olhos sobre os cem, cento e cinqüenta, duzentos esfarrapados, que o escutavam imersos ainda nas emoções da véspera, e além de olhá-los pareceu vê-los. “Agradeçam ao Bom Jesus, disse-lhes com suavidade, pois parece que escolheu a vocês para dar o exemplo.”

Seguiram-no com as almas sobressaltadas de emoção, nem tanto pelo que lhes disse, mas sim pela brandura de sua voz, que era sempre severo e impessoal. A alguns dava trabalho não ficar atrasados por seus limiares de ave pernillongo, na inverossímil rota pela que os levava esta vez, uma rota que não era atalho de burros de carga nem atalho de cangaceiros, a não ser deserto selvagem, de

cactos, favela e pedras brutas. Mas ele não vacilava quanto ao rumo. No repouso da primeira noite, depois da ação de graças e o rosário, falou-lhes da guerra, dos países que se entrematavam por um saque, como hienas pela carniça, e triste comentou que o Brasil, sendo agora República, atuaria também como as nações hereges. Ouviram-lhe dizer que o Cão devia estar de festa, ouviram-lhe dizer que tinha chegado o momento de jogar raízes e de construir um Templo que fosse, no fim do mundo, o que tinha sido no princípio a Arca de Noé.

E onde jogariam raízes e construiriam esse Templo? Souberam depois de atravessar quebradas, matas, serras, caatingas — caminhadas que nasciam e morriam com o sol— escalar uma ronda de montanhas e cruzar um rio que tinha pouca água e se chamava Vassa Barris. Assinalando, ao longe, o conjunto de cabanas que tinham sido ranchos de peões e a mansão desvencilhada que foi casa grande quando aquilo era uma fazenda, o Conselheiro disse: “Ficaremos ali”. Alguns recordaram que, desde fazia anos, nas conversas noturnas, estavam acostumados a profetizar que, antes do final, escolhidos do Bom Jesus encontrariam refúgio em uma terra alta e privilegiada, onde não entraria um impuro. Quem subisse até ali teria a segurança do eterno descanso. Haviam, pois, chegado à terra de salvação?

Felizes, fatigados, avançaram detrás de seu guia, para o Canudos, onde tinham saído a vê-los vir as famílias dos irmãos Vilanova, dois comerciantes que tinham ali um armazém, e todos os outros vizinhos do lugar.

O sol calcina o sertão, brilha nas águas negra esverdeadas do Itapicurú, reflete-se nas casas de Queimadas, que se desdobram à margem direita do rio, ao pé de uns barrancos de greda avermelhada. Espaçadas árvores sombreiam a superfície pedregosa que se afasta ondulando para o sudoeste, na direção do Riacho de Onze. O cavaleiro —botas, chapéu de asas largas, levita escura — balança sem pressa, escoltado por sua sombra e a de sua mula, para um bosquezinho de arbustos plúmbeos. Atrás dele, já longe, fulguram ainda os tetos de Queimadas. A sua esquerda, a umas centenas de metros, no alto de um promontório se ergue uma cabana. A cabeleira que transborda o chapéu, sua barbicha avermelhada e suas roupas estão cheias de pó, transpira copiosamente e, pouco a pouco, seca-se a frente com a mão e passa a língua pelos lábios ressecados. Nos

primeiros matagais do bosquezinho, freia à mula e seus olhos claros, ávidos, procuram em uma e outra direção. Por fim, distingue a uns passos, de cócoras, explorando uma armadilha, a um homem com sandálias e chapéu de couro, facão à cintura, calça e blusa de brim. Galileo Gall desmonta e vai para ele atirando à mula da rédea.

— Rufino? — pergunta— O guia Rufino, de Queimadas?

O homem vira-se pela metade, devagar, como se tivesse advertido faz momento sua presença e com um dedo nos lábios lhe pede silêncio: *shhht, shhht*. Ao mesmo tempo, joga-lhe uma olhada e, um segundo, há surpresa em seus olhos escuros, talvez pelo acento com que o recém-chegado fala o português, talvez por seu traje funeral. Rufino —homem jovem, de corpo doentio e flexível, cara angulosa, imberbe, curtida pela intempérie — retira o facão de sua cintura, volta a inclinar-se sobre a armadilha dissimulada com folhas e coberta por uma rede: da brecha sai uma confusão de plumas negras, grasnando. É um pequeno abutre que não pode elevar-se, pois uma de suas patas se acha presa na rede. Há decepção na cara do guia, que, com a ponta do facão, desprende ao pássaro e o olha perder-se no ar azul, batendo as asas com desespero.

— Uma vez me saltou um jaguar deste tamanho — murmura, assinalando a armadilha— Estava meio cego, de tantas horas no vazio.

Galileo Gall assente. Rufino se endireita e dá dois passos para ele. Agora, chegado o momento de falar, o forasteiro parece indeciso.

— Fui buscá-lo em sua casa — diz, ganhando tempo — Sua mulher me mandou aqui.

A mula está escavando a terra com os cascos traseiros e Rufino lhe agarra a cabeça e lhe abre a boca. Enquanto, com olhar de conhecedor, examina-lhe os dentes, parece refletir em alta voz:

— O chefe da estação de Jacobina sabe minhas condições. Sou homem de uma só palavra, qualquer um dirá em Queimadas. Esse trabalho é bravo.

Como Galileo Gall não lhe responde, volta a olhá-lo.

— Não é você da Ferrovia? — pergunta, falando com lentidão, pois compreendeu que o estranho tem dificuldade em lhe entender.

Galileo Gall vira para trás o chapéu e com um movimento do queixo para a terra de colinas desertas que os rodeia, sussurra:

— Quero ir à Canudos. — Faz uma pausa, pestaneja para esconder a excitação de suas pupilas, e acrescenta — Sei que foste ali muitas vezes.

Rufino está muito sério. Seus olhos o esquadrinham agora com uma desconfiança que não se molesta em ocultar.

— Ia à Canudos quando era fazenda de gado — diz, cheio de cautela— Desde que o Barão da Canabrava a abandonou, não tornei.

— O caminho continua o mesmo — replica Galileo Gall.

Estão muito perto um do outro, observando-se, e a silenciosa tensão que surgiu parece contagiar à mula que, de repente, cabeceia e começa a retroceder.

— Manda o Barão da Canabrava? -pergunta Rufino, ao mesmo tempo que acalma ao animal batendo-lhe no cangote.

Galileo Gall nega com a cabeça e o guia não insiste. Passa a mão por um dos remos traseiros da mula, obrigando-a a elevá-lo e se agacha para examinar o casco:

— Em Canudos estão acontecendo coisas — murmura— Os que ocuparam a fazenda do Barão atacaram uns soldados da Guarda Nacional, em Uauá. Mataram vários, dizem.

— Tem medo de que lhe matem também? — grunhe Galileo Gall, sorrindo — É soldado, você?

Rufino encontrou, por fim, o que procurava no casco: um espinho, talvez, ou um calhau que se perde em suas mãos grandes e toscas. Arroja-o e solta o animal.

— Medo, nenhum — responde, brandamente, com uma ameaça de sorriso— Canudos está longe.

— Pagarei o justo — Galileo Gall respira fundo, acalorado; tira o chapéu e sacode a anelada cabeleira avermelhada— Partiremos dentro de uma semana ou, ao mais, dez dias. Isso sim, terá que guardar a maior reserva.

O guia Rufino olha-o sem alterar-se, sem perguntar nada.

— Pelo ocorrido em Uauá — acrescenta Galileo Gall, passando a língua pela boca— Ninguém deve saber que vamos à Canudos.

Rufino aponta a cabana solitária, de barro e estacas, meio dissolvida pela luz no alto do promontório:

— Venha à minha casa e conversaremos sobre esse negócio — diz.

Põem-se a andar, seguidos pela mula que Galileo leva da rédea. Os dois são quase da mesma altura, mas o forasteiro é mais corpulento; seu andar é quebradiço e enérgico, enquanto que o guia parece ir flutuando sobre a terra. É o meio-dia e umas poucas nuvens esbranquiçadas apareceram no céu. A voz do pistoleiro se perde no ar enquanto se afastam:

— Quem lhe falou de mim? E, se não for indiscrição, para que quer ir tão longe? O que perdeu lá em Canudos?

Apareceu numa madrugada sem chuva, no alto de uma colina do caminho de Quijingue, arrastando uma cruz de madeira. Tinha vinte anos mas tinha padecido tanto que parecia muito velha. Era uma mulher de cara larga, pés machucados e corpo sem formas, de pele de cor camundongo.

Chamava-se Maria Quadrado e vinha desde Salvador à Monte Santo, andando. Arrastava já a cruz três meses e um dia. No caminho de grutas de pedra e caatingas arrepiadas de cactos, desertos onde ululava o vento em redemoinhos, casarios que eram uma só rua lamacenta, três palmeiras e pântanos pestilentos, onde se inundavam as cabeças de gado para livrar-se dos morcegos. Maria Quadrado tinha dormindo à intempérie, salvo as poucas vezes em que algum tabaréu, ou pastor que a olhavam como Santa lhe ofereciam seus refúgios. Alimentou-se de pedaços de rapadura que lhe davam almas caridosas e de frutos silvestres que arrancava quando, de tanto jejuar, rangia-lhe o estômago. Ao sair da Bahia, decidida a peregrinar até o milagroso Calvário da Serra do Piquaracá, onde dois quilômetros escavados nos flancos da montanha e orvalhados de capelas, em lembrança das Estações do Senhor, conduziam para a Igreja da Santa Cruz de Monte Santo, aonde tinha prometido chegar a pé em expiação de seus pecados. Maria Quadrado vestia duas saias e tinha umas tranças atadas com uma cinta, uma blusa azul e sapatos de cordão. Mas no caminho dera suas roupas aos mendigos e os

sapatos os roubaram em Palmeira dos Índios. De modo que ao divisar Monte Santo, essa madrugada, ia descalça e sua vestimenta era um saco de esparto com buracos para os braços. Sua cabeça, de mechas mal cortadas e crânio descascado, recordava as dos loucos do hospital de Salvador. Rapou-se ela mesma depois de ser violada pela quarta vez.

Porque tinha sido violada quatro vezes desde que começou seu percurso: por um oficial, por um vaqueiro, por dois caçadores de veados e por um pastor de cabras que a cobriu em sua cova. As três primeiras vezes, enquanto a manchavam, só tinha sentido repugnância por essas bestas que tremiam em cima dele como atacados do mal de São Vito e tinha suportado a prova rogando a Deus que não a deixassem grávida. Mas a quarta havia sentido um arrebatamento de piedade pelo moço encarapitado sobre ela, que, depois de havê-la golpeado para submetê-la, balbuciava-lhe palavras tenras. Para castigar-se por essa compaixão se rapou e transformou-se em algo tão grotesco como os monstros que exibia o Circo do Cigano pelos povos do sertão.

Ao chegar à costa da que viu, ao fim, o prêmio de tanto esforço — a escadaria de pedras cinzas e brancas da Via Sacra, serpenteando entre os tetos cônicos das capelas, que rematava lá encima no Calvário por volta do que cada Semana Santa confluíam multidões de todos os limites da Bahia e, abaixo, ao pé da montanha, as casinhas de Monte Santo apinhadas em torno de um lugar com dois copiosos tamarindos em que havia sombras que se moviam — Maria Quadrado caiu de bruço ao chão e beijou a terra. Ali estava, rodeado de uma planície de vegetação incipiente, onde pastavam rebanhos de cabras, o saudoso lugar cujo nome lhe tinha servido de incentivo para empreender a travessia e a tinha ajudado a suportar a fadiga, a fome, o frio, o calor e os estupros. Beijando os madeiros que ela mesma cravou, a mulher agradeceu a Deus com confusas palavras lhe haver permitido cumprir a promessa. E, retornando uma vez mais a cruz ao ombro, trotou para Monte Santo como um animal que fareja, iminente, a presa ou a querência.

Entrou no povoado à hora em que a gente despertava e a sua passagem, de porta a porta, de janela a janela, foi propagando a curiosidade. Caras divertidas e compadecidas se adiantavam a olhá-la — suja, feia, sofrida, quadrada — e quando cruzou a rua dois

Santos Passos, ereta sobre o ravina onde se queimavam os lixos e onde fuçavam os porcos do lugar, que era o começo da Via Sacra, seguia-a uma multidão de procissão. Começou a escalar a montanha de joelhos, rodeada de tropeiros que tinham descuidado as tarefas, de remendões e padeiros, de um enxame de meninos e de devotas arrancadas da novena do amanhecer. Os aldeãos, que, ao começar a ascensão, consideravam-na um simples inseto estranho, viram-na avançar penosamente e sempre de joelhos, arrastando a cruz que devia pesar tanto como ela, negando-se a que ninguém a ajudasse, e a viram deter-se rezar em cada uma das vinte e quatro capelas e beijar com olhos cheios de amor os pés das imagens de tudo os nichos do rochedo e a viram resistir horas de horas sem provar bocado nem beber uma gota, e, ao entardecer, já a respeitavam como a uma verdadeira Santa. Maria Quadrado chegou à cúpula — um mundo à parte, onde sempre fazia frio e cresciam orquídeas entre as pedras azuladas — e ainda teve forças para agradecer a Deus sua ventura antes de desvanecer-se.

Muitos vizinhos de Monte Santo, cuja hospitalidade proverbial não se viu diminuída pela periódica invasão de peregrinos, ofereceram estalagem a Maria Quadrado. Mas ela se instalou em uma gruta, a meia Via Sacra, onde até então só tinham dormindo pássaros e roedores. Era um vazio pequeno e de teto tão baixo que nenhuma pessoa podia se ter nela de pé, úmida pelas infiltrações que haviam coberto de musgo suas paredes e com um chão de areia que provocava espirros. Os vizinhos pensaram que esse lugar acabaria em pouco tempo com sua moradora. Mas a vontade que tinha permitido a Maria Quadrado andar três meses arrastando uma cruz lhe permitiu também viver nesse oco inóspito todos os anos que esteve em Monte Santo.

A gruta de Maria Quadrado se converteu em lugar de devoção e, junto com o Calvário, no sítio mais visitado pelos peregrinos. Ela foi decorando, ao longo de meses. Fabricou pinturas com essência de plantas, pó de minerais e sangue de cochinha (que usavam os alfaiates para tingir a roupa). Sobre um fundo azul que sugeria o firmamento pintou os elementos da Paixão de Cristo: os pregos que trituraram sua Palmas e impigens; a cruz que carregou e em que expirou; a coroa de espinhos que ferrou suas têmporas; a túnica do martírio; a lança do centurião que atravessou sua carne; o martelo

com o qual o cravaram; o látigo que o açoitou; a esponja em que bebeu a cicuta; os dados com que jogaram a seus pés os ímpios e a bolsa em que Judas recebeu as moedas da traição. Pintou também a estrela que guiou até Presépio aos Reis Magos e aos pastores e um coração divino atravessado por uma espada. E fez um altar e uma despensa onde os penitentes podiam prender velas e pendurar ex-votos. Ela dormia ao pé do altar, sobre um colchonete.

Sua devoção e sua bondade a fizeram muito querida pelos aldeãos de Monte Santo, que a adotaram como se tivesse vivido ali toda sua vida. Logo os meninos começaram a chamá-la madrinha e os cães a deixá-la entrar nas casas e currais sem lhe ladrar. Sua vida estava consagrada a Deus e a servir a outros. Passava horas à cabeceira dos doentes, umedecendo-lhes a fronte e rezando por eles. Ajudava às parteiras a atender às parturientes e cuidava dos filhos de quão vizinhas deviam ausentar-se. Se sujeitava aos transportes mais difíceis, como ajudar a fazer suas necessidades a quão velhos não podiam valer-se por si mesmos. As moças casaduras pediam-lhe conselho sobre seus pretendentes e estes lhe suplicavam que intercedesse ante os pais resistentes a autorizar o matrimônio. Reconciliava aos casais, e as mulheres a quem o marido queria golpear por ociosas, ou matar por adúlteras, corriam a refugiar-se a sua gruta, pois sabiam que a tendo como defensora nenhum homem de Monte Santo se atreveria a lhes fazer dano. Comia da caridade, tão pouco que sempre lhe sobrava o alimento que deixavam em sua gruta os fiéis e cada tarde a via repartir algo entre os pobres. Dava de presente a estes a roupa que lhe davam de presente e ninguém a viu nunca, em tempo de seca ou temperado, outra coisa em cima que o saco furado com o qual chegou.

Sua relação com os missionários da Missão de Massacará, que vinham para Monte Santo a celebrar ofício na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, não era, entretanto, efusiva. Eles estavam sempre chamando a atenção sobre a religiosidade mal enestendida, a que discorria fora do controle da Igreja; e recordando as Pedras Encantadas, na região das Flores, em Pernambuco, onde o herético, João Ferreira e um grupo de partidários tinham regado certas pedras com sangue de dezenas de pessoas (entre elas, o seu) acreditando que deste modo desencantariam ao Rei Dom Sebastião, quem ressuscitaria aos sacrificados e os conduziria ao céu. Aos

missionários de Massacará Maria Quadrado lhes parecia um caso ao fio da separação. Ela, por sua parte, embora se ajoelhava à passagem dos missionários e lhes beijava a mão e lhes pedia a bênção, guardava certa distância para eles; ninguém a tinha visto manter com esses padres de pomposos hábitos, de longas barbas e fala, freqüentemente, difícil de entender, as relações familiares e diretas que a uniam aos vizinhos.

Os missionários acautelavam também, em seus sermões, aos fiéis contra os lobos que se metiam ao curral disfarçados de cordeiros para comerem o rebanho. Quer dizer, esses falsos profetas aos que Monte Santo atraía como o mel às moscas. Apareciam em suas ruelas vestidos com peles de cordeiro como o Batista, ou túnicas que imitavam os hábitos, subiam ao Calvário e dali lançavam sermões chamejantes e incompreensíveis. Eram uma grande fonte de distração para a vizinhança, nem mais nem menos, que os contadores de romances ou o Gigantão Pedrín, a Mulher Barbuda, ou o Homem sem Ossos do Circo do Cigano. Mas Maria Quadrado nem se aproximava dos cachos que se formavam em torno dos pregadores extravagantes.

Por isso surpreendeu aos vizinhos ver a Maria Quadrado aproximar-se do cemitério, que um grupo de voluntários tinha começado a cercar, animados pelas exortações de um moreno de cabelos compridos e vestimenta morada, que, chegou ao povoado nesse dia com um grupo entre os que havia um ser meio homem meio animal, que galopava, tinha-os recriminado por não tomar sequer o trabalho de levantar um muro ao redor da terra onde descansavam seus mortos. Não devia a morte, que permitia ao homem ver ao rosto de Deus, ser venerada? Maria Quadrado chegou silenciosamente até as pessoas que recolhiam pedras e as empilhavam em uma linha sinuosa, ao redor das cruzes tostadas pelo sol, e ficou a ajudar. Trabalhou ombro a ombro com eles até a queda do sol. Logo, permaneceu no Plaza Matriz, sob os tamarindos, no coro que se formou para escutar ao moreno. Embora memorava a Deus e dizia que era importante, para salvar a alma, destruir a própria vontade — veneno que inculcava a cada um que a ilusão de ser um pequeno deus superior aos deuses que o rodeavam — e substitui-la pela da Terceira Pessoa, a que construía, a que obrava, a Formiga Diligente, e coisas pelo estilo; dizia-as em uma linguagem

clara de que entendiam todas as palavras. Sua conversa, embora religiosa e profunda, parecia um desses amenos bate-papos de sobremesa, que celebravam as famílias na rua, tomando a brisa do anoitecer. Maria Quadrado esteve escutando ao Conselheiro, feito uma planta, sem lhe perguntar nada, sem apartar os olhos dele. Quando já era tarde e quão vizinhos ficavam ofereceram ao forasteiro teto para descansar, ela também — todos voltaram a lhe olhar, ela propôs com acanhamento sua gruta. Sem duvidar, o homem fraco a seguiu montanha acima.

O tempo que o Conselheiro permaneceu em Monte Santo, dando conselhos e trabalhando — limpou e restaurou todas as capelas da montanha, construiu um duplo muro de pedras para a Via Sacra — dormiu na gruta de Maria Quadrado. Depois se disse que não dormiu, nem ela tampouco, que passavam as noites falando de coisas do espírito ao pé do altarzinho multicolorido, e se chegou a dizer que ele dormia no colchonete e que ela velava seu sonho. O fato é que Maria Quadrado não se separou dele um instante, carregando pedras a seu lado de dia e escutando-o com os olhos muito abertos nas noites. Em que pese a isso, todo Monte Santo ficou assombrado quando se soube, essa manhã, que o Conselheiro partiu do povoado e que Maria Quadrado se foi também entre seus seguidores.

Em uma praça da cidade alta da Bahia há um antigo edifício de pedra, adornado com conchas brancas e negras e protegido, como os cárceres, por grossos muros amarelos. É, já o terá suspeitado algum leitor, uma fortaleza do obscurantismo: o Monastério de Nossa Senhora da Piedade. Um convento de capuchinhos, uma dessas ordens célebre pelo aprisionamento do espírito que pratica e por seu zelo missionário. Por que lhes falo de um lugar que, à olhos de qualquer libertário, simboliza o odioso? Para lhes contar que faz dois dias passei ali toda uma tarde.

Não fui explorar o terreno com o objetivo de uma dessas mensagens de violência pedagógica em quartéis, conventos, prefeituras e, em geral, todos os baluartes da exploração e da superstição que, a julgamento de muitos companheiros, são indispensáveis para combater os tabus com que se acostumou os trabalhadores a ver essas instituições e lhes demonstrar que elas são vulneráveis. (Lembram-se dos cenáculos naturais de Barcelona que propugnaram assaltar os conventos para devolver às monjas,

mediante a gravidez, sua condição de mulheres que lhes tinha arrebatado a reclusão?) Fui a esse Monastério para conversar com um tal Frei João Evangelista de Monte Marciano, de quem o destino me tinha proporcionado ler um curioso Relatório.

Um paciente do doutor José Batista de Sá Oliveira, de cujo livro sobre a Craneometria já lhes falei e com quem às vezes colaboro, é próximo do homem mais poderoso destas latitudes: o Barão da Canabrava. O homem a que me refiro, Lelis Piedades, advogado, enquanto o Doutor Oliveira lhe administrava uma purgação para a solitária, contou que uma fazenda do Barão se acha há perto de dois anos ocupada por uns loucos que constituíram ali uma terra de ninguém. Ele se ocupa das demandas ante os tribunais para que seu patrão recupere a fazenda, em nome do direito de propriedade que o célebre Barão, que dúvida cabe, deve defender com ardor. Que um grupo de explorados se apropriou dos bens de um aristocrata sempre soa agradável aos ouvidos de um revolucionário, mesmo que esses pobres sejam — como dizia o advogado enquanto puxava na soleira tratando de expulsar a animália já triturada pela química — fanáticos religiosos. Mas o que me chamou a atenção foi escutar de repente que eles rechaçam o matrimônio civil e praticam algo que Lelis Piedades chama promiscuidade mas que, para qualquer homem com cultura social, é a instituição do amor livre. “Com semelhante prova de corrupção, a autoridade não terá mais remédio, que expulsar dali aos fanáticos.” A prova do rábula era esse Relatório, que se tinha procurado por seus conluios com a Igreja, a que também dispõe serviços. Frei João Evangelista de Monte Marciano esteve na fazenda enviado pelo Arcebispo da Bahia, a quem tinham chegado denúncias de heresia. O monge foi ver o que ocorria em Canudos e voltou muito depressa, assustado e zangado do que viu.

Assim indica o Relatório e não há dúvida que para o capuchinho a experiência foi amarga. Para um ser livre o que o Relatório deixa adivinhar por entre suas ramelas eclesiásticas é exaltante. O instinto de liberdade que a sociedade classista sufoca mediante essas máquinas trituradoras que são: a família, a escola, a religião e o Estado; guia os passos destes homens que, com efeito, parecem rebelarem-se, entre outras coisas, contra a instituição que pretende embridar os sentimentos e os desejos. Com o pretexto de rechaçar a lei do matrimônio civil, dada no Brasil logo depois da queda do

Império, a gente de Canudos aprendeu a unir-se e desunir-se livremente, sempre que homem e mulher estejam de acordo em fazê-lo, e a despreocupar-se da paternidade dos ventres fecundados, pois seu condutor ou guia — a quem chamam o Conselheiro — ensinou-lhes que todos os seres são legítimos pelo simples fato de nascer. Não há algo nisto que lhes soe familiar? Não é como se se materializassem ali certas idéias centrais da revolução? O amor livre, a livre paternidade, o desaparecimento da infame fronteira entre filhos legítimos e ilegítimos, a convicção de que o homem não herda a dignidade nem a indignidade. Tinha ou não razões para, vencendo uma repugnância natural, ir visitar capuchinho?

O próprio rábula do Barão da Canabrava me conseguiu a entrevista, acreditando que me interesse há anos pelo tema da superstição religiosa (o que, pelo resto, é verdade). Ela teve lugar no refeitório do Monastério, um aposento repleto de pinturas com Santos e mártires, à beira de um claustro pequeno, ladrilhado, com uma cisterna a que se chegavam, pouco a pouco, os encapuzados de hábitos marrons e cordões brancos a tirar baldes de água. O monge absolveu todas minhas perguntas e se mostrou loquaz, ao descobrir que podíamos conversar sobre sua língua materna, o italiano. Meridional ainda jovem, baixinho, roliço, de barbas abundantes, sua fronte muito larga delata nele a um fantaseador e a depressão de suas têmporas e achatamento de sua nuca a um espírito rancoroso, mesquinho e suscetível. E, com efeito, no curso do bate-papo notei que está cheio de ódio contra Canudos, pelo fracasso da missão que o levou lá e pelo medo que devia passar entre os “heréticos”. Mas até descontando o que tenha de exagero e rancor em seu testemunho, o resto de verdade que fica nele é, já o verão, impressionante.

O que lhe ouvi daria matéria para muitos números de *l'Étincelle da révolte*. O essencial é que a entrevista confirmou minhas suspeitas de que, em Canudos, homens humildes e inexperientes estão, à força de instinto e imaginação, levando a prática muitas das coisas que os revolucionários europeus sabem necessárias para implantar a justiça na terra. Julguem vós mesmos. Frei João Evangelista esteve em Canudos uma semana, acompanhado de dois religiosos: outro capuchinho da Bahia e o pároco de um povo vizinho de Canudos, um tal Dom Joaquim, ao que, dito seja de passagem, detesta (acusa-o de bêbado, de impuro e de respirar simpatias pelos

bandidos). Antes da chegada —depois de uma penosa viagem de dezoito dias — advertiram “indícios de insubordinação e anarquia”, pois nenhum guia se prestava a levá-los, e a três léguas da fazenda se deram com uma avançada de homens com espingardas e facões que os receberam com hostilidade e só os deixaram passar por intercessão de Dom Joaquim, ao que conheciam. Em Canudos encontraram uma multidão de seres esqueléticos, cadavéricos, asilados em cabanas de barro e palha, e armados até os dentes “para proteger ao Conselheiro, a quem já as autoridades tinham tratado antes de matar”. Ainda retintine em meus ouvidos as palavras alarmadas do capuchinho ao rememorar a impressão que lhe produziu ver tantas armas. “Não as abandonam nem para comer nem para rezar, pois se luzem ufanos com seus trabucos, carabinas, pistolas, facas, cartucheiras ao cinto, como se estivessem a ponto de liberar uma guerra.” (Eu não podia lhe abrir os olhos, explicando-lhe que essa guerra a estavam liberando desde que tomaram pela força as terras do Barão.) Assegurou-me que entre esses homens havia facínoras célebres por suas tropelias e mencionou a um deles, “muito famoso por sua crueldade”, João Satã, quem se instalou em Canudos com seu partido e é um dos lugares-tenentes do Conselheiro. Frei João Evangelista conta havê-lo repreendido assim: “Por que se admitem delinqüentes em Canudos se é verdade que vocês pretendem ser cristãos?”. A resposta: “Para fazer deles homens bons. Se tiverem roubado ou matado foi pela pobreza em que viviam. Aqui, sentem que pertencem à família humana, estão agradecidos e farão algo por redimir-se. Se os rechaçássemos, cometeriam novos crimes. Nós entendemos a caridade como a praticava o Cristo”. Estas frases, companheiros, coincidem com a filosofia da liberdade. Vocês sabem que o bandido é um rebelde em estado natural, um revolucionário que se ignora, e recordam que nos dias dramáticos da *Commune*, muitos irmãos considerados delinqüentes e saídos dos cárceres da burguesia, estiveram na vanguarda da luta, ombro a ombro com os trabalhadores, dando provas de heroísmo e generosidade.

Algo significativo: as pessoas de Canudos se chamam a si mesmos *jagunços*, palavra que quer dizer elevados. O monge, em que pese a suas correrias missionárias pelo interior, não reconhecia a essas mulheres descalças nem a esses homens tão discretos e respeitosos para com os enviados da Igreja e de Deus. “Estão irreconhecíveis. Há

neles desassossego, exaltação. Falam com vozes, arrebatam-se a palavra para afirmar as piores sandices que pode ouvir um cristão, doutrinas subversivas da ordem, da moral e da fé. Como que quem quer salvar-se deve ir à Canudos, pois o resto do mundo caiu em mãos do Anticristo.” Sabem a quem chamam o Anticristo os jagunços? À República! Sim, companheiros, à República. Consideram-na responsável por todos os males, alguns abstratos sem dúvida, mas também dos concretos e reais como a fome e os impostos. Frei João Evangelista de Monte Marciano não podia dar crédito ao que ouvia. Duvido que ele, sua ordem ou a Igreja em geral sejam muito entusiastas com o novo regime no Brasil, pois, como lhes disse em uma carta anterior, a República, em que abundam os maçons, significou uma debilitação da Igreja. Mas daí a considerá-la o Anticristo! Acreditando assustar-me ou indignar-me, o capuchinho dizia coisas que eram música para meus ouvidos: “São de uma seita político-religiosa insubordinada contra o governo constitucional do país, constituem um Estado dentro do Estado pois ali não se aceitam as leis, nem são reconhecidas as autoridades nem é admitido o dinheiro da República”. Sua cegueira intelectual não lhe permitia compreender que estes irmãos, com instinto certo, orientaram sua rebeldia para o inimigo nato da liberdade: o poder. E qual é o poder que os oprime, que lhes nega o direito à terra, à cultura, à igualdade? Não é acaso a República? E que estejam armados para combatê-la demonstra que acertaram também com o método, o único que têm os explorados para romper suas cadeias: a força.

Mas isto não é tudo, preparem-se para algo ainda mais surpreendente. Frei João Evangelista assegura que, igual à promiscuidade de sexos, estabeleceu-se em Canudos a promiscuidade de bens: tudo é de todos. O Conselheiro teria convencido aos jagunços que é pecado — escute bem — considerar como próprio qualquer bem moviente ou semi-moviente. As casas, as plantações, os animais pertencem à comunidade, são de todos e de ninguém. O Conselheiro os convenceu que quanto mais coisas possua uma pessoa menos possibilidades tem de estar entre os favorecidos no dia do Julgamento Final. É como se estivesse pondo em prática nossas idéias, recobrando-as de pretextos religiosos por uma razão tática, devido ao nível cultural de quão humildes o seguem. Não é notável que no fundo do Brasil um grupo de

insurretos forme uma sociedade em que se aboliu o matrimônio, o dinheiro, e onde a propriedade coletiva substituiu à privada?

Esta idéia revoava-me na cabeça, enquanto Frei João Evangelista de Monte Marciano dizia-me que, depois de pregar sete dias em Canudos, em meio de uma hostilidade surda, viu-se tratado de maçom e protestante por urgir aos jagunços a retornar à seus povos, e que ao lhes pedir que se submetessem à República se avivaram tanto que teve que sair, virtualmente, fugindo de Canudos. “A Igreja perdeu sua autoridade ali por culpa de um demente que passa o dia fazendo trabalhar a toda a multidão na ereção de um templo de pedra.” Eu não podia sentir a consternação dele, a não ser, alegria e simpatia por esses homens graças aos quais, dir-se-ia no fundo do Brasil, renasce de suas cinzas a Idéia que a reação crê ter enterrado lá na Europa no sangue das revoluções derrotadas. Até a próxima ou até sempre.

IV

Quando Lelis Piedades, o advogado do Barão da Canabrava, oficiou ao Tribunal de Salvador que a fazenda de Canudos tinha sido invadida por malfeitores, o Conselheiro estava lá três meses. Pelos sertões tinha deslocado a notícia de que nesse sítio cercado dos Montes pedregosos, chamado Canudos pelos cachimbos de canudos que fumavam antigamente os aldeãos, tinha jogado raízes o santo que peregrinou ao longo e ao largo do mundo por um quarto de século. O lugar era conhecido pelos vaqueiros, pois os gados estavam acostumados a pernoitar às bordas de Vassa Barris. Nas semanas e meses seguintes se viu grupos de curiosos, de pecadores, de doentes, de vagos, de fugidos que, pelo Norte, o Sul, o Este e o Oeste se dirigiam à Canudos com o pressentimento ou a esperança de que ali encontrariam perdão, refúgio, saúde, felicidade.

À manhã seguinte de chegar, o Conselheiro começou a construir um Templo que, disse, seria todo de pedra, com duas torres muita altas, e consagrado ao Bom Jesus. Decidiu que se elevasse frente à velha Igreja do Santo Antonio, capela da fazenda. “Que levantem as mãos os ricos”, dizia, pregando à luz de uma fogueira, na incipiente aldeia. “Eu as levanto. Porque sou filho de Deus, que me deu uma alma imortal, que pode merecer o céu, a verdadeira riqueza. Eu as levanto porque o Pai me fez pobre nesta vida para ser rico na outra. Que levantem as mãos os ricos!” Nas sombras chispantes emergia então, dentre os farrapos, os couros e as puídas blusas de algodão, um monte de braços. Rezavam antes e depois dos conselhos; faziam procissões entre as moradias meio por fazer; os refúgios de trapos e pranchas onde dormiam; na noite sertaneja os ouvia aclamar à Virgem e ao Bom Jesus; dar morra ao Cão e ao Anticristo. Um homem de Mirandela, que preparava fogos nas feiras —Antonio o Fogueteiro — foi um dos primeiros romeiros e, após, nas procissões de Canudos, queimaram-se castelos e arrebentaram fogos.

O Conselheiro dirigia os trabalhos do Templo, assessorado por um mestre pedreiro que o tinha ajudado a restaurar muitas capelas e

a construir desde seus alicerces a Igreja do Bom Jesus, em Crisópolis, e designava a quão penitentes iriam picar pedras, abater areia ou recolher madeiras. Ao entardecer, depois de um jantar frugal — senão estava jejuando — que consistia em um pedaço de pão, alguma fruta, um bocado de farinha e uns sorvos de água, o Conselheiro dava a boa-vinda aos recém chegados; exortava aos outros a serem hospitaleiros; depois do Credo, o Pai Nosso e os Ave-marias, sua voz eloqüente lhes pregava a austeridade, a mortificação, a abstinência, e os fazia partícipes de visões que se pareciam com os contos dos trovadores. O fim estava perto, podia-se divisar como Canudos do Alto da Favela. A República seguiria mandando hordas com uniformes e fuzis para tratar de prendê-lo, a fim de impedir que falasse com os necessitados, mas, por mais sangue que fizesse correr, o Cão não morderia ao Jesus. Haveria um dilúvio, logo um terremoto. Um eclipse sumiria ao mundo em trevas tão absolutas que tudo deveria fazer-se ao tato, como entre cegos, enquanto ao longe retumbava a batalha. Milhares morreriam de pânico. Mas, ao limpar as brumas, um amanhecer diáfano, as mulheres e os homens veriam seu redor, nas colinas e Montes de Canudos, ao Exército de Dom Sebastião. O grande Rei teria derrotado às iscas de peixe do Cão, limpo o mundo para o Senhor. Eles veriam dom Sebastião, com sua relampejante armadura e sua espada; veriam seu rosto bondoso, adolescente, sorria-lhes do alto de sua cavalgadura arreada de ouro e diamantes, e o veriam afastar-se, cumprida sua missão redentora, para retornar com seu Exército ao fundo do mar.

Os curtidores, os parceiros, os curandeiros, os marreteiros, as lavadeiras, as parteiras e quão mendigas tinham chegado até Canudos depois de muitos dias e noites de viagem, com seus bens em uma carroça ou no lombo de um asno, e que estavam agora ali, escondidos na sombra, escutando e querendo acreditar, sentiam umedecer-se os olhos. Rezavam e cantavam com a mesma convicção que os antigos peregrinos; os que não sabiam aprendiam depressa as rezas, os cantos, as verdades. Antonio Vilanova, o comerciante de Canudos, era um dos mais ansiosos por saber; nas noites, dava largos passeios pelas bordas do rio ou das recentes plantações com o Antonio, o Beato, quem, pacientemente, explicava-lhe os mandamentos e as proibições da religião que ele, logo, ensinava a seu irmão Honório, sua mulher Antonia, sua cunhada Assunção e os filhos dos dois casais.

Não faltava de comer. Havia grãos, legumes, carnes, e, como o Vassa Barris tinha água, podia-se semear. Os que chegavam traziam provisões e de outros povos estavam acostumados a lhes mandar aves, coelhos, porcos, cereais, cabritos. O Conselheiro pediu ao Antonio Vilanova que armazenasse os mantimentos e vigiasse sua partilha entre os necessitados. Sem diretivas específicas, mas em função dos ensinamentos do Conselheiro, a vida se foi organizando, embora não sem tropeços. O Beato se encarregava de instruir a quão romeiros chegavam e de receber seus donativos, sempre que não fossem em dinheiro. Os reis da República que doavam tinham que os gastar em Cumbe ou Joazeiro, escoltados pelo João Abade ou Pajeú, que sabiam brigar, em coisas para o Templo: pás, lanças, prumos, madeiras de qualidade, imagens de Santos e crucifixos. A Mãe Maria Quadrado punha em uma urna os anéis, brincos, alfinetes, colares; pentes de prender cabelos; moedas antigas; ou simples adornos de argila, de osso que ofereciam os romeiros e esse tesouro se exibia na Igreja do Santo Antonio cada vez que o Padre Joaquim, de Cumbe, ou outro pároco da região, devia rezar missa, confessar, batizar e casar aos vizinhos. Esses dias eram sempre de festa. Dois prófugos da justiça, João Grande e Pedrão, os homens mais fortes do lugar, dirigiam as equipes que arrastavam, das pedreiras dos arredores, pedras para o Templo. Catarina, a esposa do João Abade, e Alexandrinha Correia, uma mulher de Cumbe que, dizia-se, fazia milagres, preparavam a comida para os trabalhadores da construção. A vida estava longe de ser perfeita e sem complicações. Em que pese a que o Conselheiro pregava contra o jogo, o tabaco e o álcool, havia quem jogava, fumava e bebia cachaça e, quando Canudos começou a crescer, houve confusões de saques, roubos, bebedeiras e até navalhadas. Mas essas coisas ocorriam ali em menor escala que em outras partes e na periferia desse centro ativo, fraterno, fervente, ascético, que eram o Conselheiro e seus discípulos.

O Conselheiro não tinha proibido que as mulheres se embelezassem, mas disse incontáveis vezes que quem cuidava muito de seu corpo podia descuidar sua alma e que, como Luzbel, uma formosa aparência estava acostumada ocultar um espírito sujo e nauseabundo: as cores foram desaparecendo dos vestidos de jovens e velhas, e estes se foram alongando até os tornozelos, estirando até os pescoços e inchando até parecer túnicas de monjas. Com os decotes, esfumaram-se os adornos e até as cintas que sujeitavam os cabelos,

os que eram agora livres ou ocultos sob xales. Havia às vezes incidentes com “as madalenas”, essas perdidas que, em que pese a ter vindo até aqui a custa de sacrifícios e de ter beijado os pés do Conselheiro implorando perdão, eram hostilizadas por mulheres intolerantes que as queriam fazer levar pentes de espinheiros em prova de arrependimento.

Mas, em geral, a vida era pacífica e reinava um espírito de colaboração entre os vizinhos. Uma fonte de problemas era o inaceitável dinheiro da República: ao que se surpreendia utilizando-o em qualquer transação os homens do Conselheiro lhe tiravam o que tinha e o obrigavam a partir de Canudos. Comercializava-se com as moedas que levavam a efígie do Imperador Dom Pedro ou a de sua filha, a Princesa Isabel, mas como eram escassas se generalizou a troca de produtos e de serviços. Trocava-se rapadura por alpargatas; galinhas por cura de ervas; farinha por ferraduras; cobre por tecidos; balança por facões; e os trabalhos, em plantações, moradias, currais, retribuía-se com trabalhos. Ninguém cobrava o tempo e esforço dados ao Bom Jesus. Além disso do Templo, construíam-se as moradias que se chamariam depois Casas de Saúde, onde se começou a dar alojamento, comida e cuidados aos doentes, anciões e meninos órfãos. Maria Quadrado dirigiu ao princípio esta tarefa, mas, logo que se erigiu o Santuário —uma casinha de barro, dois quartos, teto de palha — para que o Conselheiro pudesse descansar sequer algumas horas de quão romeiros o acoassavam sem descanso, e a Mãe dos Homens se dedicou só à ele, as Casas de Saúde ficaram a cargo das Sardelinhas —Antonia e Assunção — as mulheres dos Vilanova. Houve pendências pelas terras cultiváveis, vizinhas à Vassa Barris, que foram ocupando quão romeiros arraigaram em Canudos e que outros lhes disputavam. Antonio Vilanova, o comerciante, dirimia estas rivalidades. Ele, por encomenda do Conselheiro, distribuiu lotes para as moradias dos recém vindos e separou as terras para curral de quão animais os crentes mandavam ou traziam de presente, e fazia de juiz quando surgiam pleitos de bens e propriedades. Não havia muitos, na verdade, pois as pessoas não vinham à Canudos atraídas pela cobiça ou a idéia de prosperidade material. A comunidade vivia entregue à ocupações espirituais: orações, enterros, jejuns, procissões, a construção do Templo do Bom Jesus e, sobretudo, os conselhos do entardecer que podiam

prolongar-se até tarde da noite e durante os quais tudo se interrompia em Canudos.

No candente meio-dia, a feira organizada pelo Partido Republicano Progressista encheu as paredes de Queimadas com pôsteres de um Brasil unido, uma nação forte e com o nome de Epaminondas Gonçalves. Mas em seu quarto da Pensão Nossa Senhora das Graças, Galileo Gall não pensava na festa política que repicava lá fora, a não ser, nas contraditórias aptidões que descobriu em Rufino. “É uma conjunção pouco comum”, pensa. Orientação e Concentração são afins, certamente, e nada mais normal que as encontrar em alguém que passa a vida percorrendo esta imensa região, guiando viajantes, caçadores, comboios, servindo de correio ou rastreando o gado extraviado. Mas e o Maravilhamento? Como combinar a propensão à fantasia, ao delírio, à irreabilidade, típica de artistas e pessoas não práticas, com um homem em que tudo indica ao materialista, ao terráqueo, ao pragmático? Entretanto, isso é o que dizem seus ossos: Orientalidade, Concentração, Maravilhamento. Galileo Gall o descobriu logo que pôde apalpar ao guia. Pensa: “É uma conjunção absurda, incompatível. Como ser pudico e exibicionista, avaro e pródigo”.

Está molhando a cara, inclinado sobre um balde, entre tabiques constelados de ganchos de ferro; recorte com imagens de uma função de ópera e um espelho quebrado. Baratas cor café aparecem e desaparecem pelas fendas do chão e há uma pequena lagartixa petrificada no teto. O mobiliário é uma cama sem lençóis. A atmosfera festiva entra na habitação por uma janela gradeada: vozes que magnifica um alto-falante, golpes de pires, rufos de tambor e a gritaria dos meninos que voam como cometas. Alguém mescla ataque ao Partido Autonomista da Bahia, ao Governador Luis Viana, ao Barão da Canabrava, com louvores ao Epaminondas Gonçalves e ao Partido Republicano Progressista.

Galileo Gall segue lavando-se, indiferente ao bulício exterior. Uma vez que terminou, seca a cara com sua própria camisa e se deixa cair sobre a cama, de barriga para cima, com um braço sob a cabeça como travesseiro. Olha as baratas, a lagartixa. Pensa: “A ciência contra a impaciência”. Leva oito dias em Queimadas e, embora seja um homem que sabe esperar, começou a sentir certa angústia: isso o induziu a lhe pedir ao Rufino que se deixasse apalpar. Não foi fácil

convencê-lo, pois o guia é desconfiado e Gall recorda como, enquanto o apalpava, sentia-o tenso, preparado a lhe saltar em cima. Viram-se diariamente, entendem-se sem dificuldade e, para matar o tempo de espera, Galileo estudou seu comportamento, tomado notas sobre ele: “Lê no céu, nas árvores e na terra como em um livro; é homem de idéias simples, inflexíveis; com um código de honra estrito e uma moral que brotou de seu comércio com a natureza e com os homens, não do estudo, pois não sabe ler, nem da religião, já que não parece muito crente”. Tudo isto coincide com o que sentiram seus dedos, salvo o Maravilhamento. No que se manifesta, como não advertiu no Rufino nenhum de seus sintomas, nestes oito dias, enquanto negociava com ele a viagem à Canudos, em sua cabana dos subúrbios, tomando um refresco na estação da ferrovia ou caminhando entre os curtumes, à beira do Itapicurú? Em Jurema, em troca, a mulher do guia, essa vocação perniciosa, anticientífica — sair do campo da experiência, sumir-se na fantasmagoria e a encenação— é evidente. Pois, face à reserva que é em sua presença, Galileo ouviu a Jurema contar a história do Santo Antonio de madeira que está no altar maior da Igreja de Queimadas. “Encontraram-na em uma gruta, faz anos, e a levaram a Igreja e ao dia seguinte desapareceu e apareceu de novo na gruta. Amarraram-na no altar para que não escapasse e, apesar disso, voltou a ir-se à gruta. E assim esteve, indo e vindo, até que chegou à Queimadas uma Santa Missão, com quatro padres capuchinhos e o Bispo, que consagraram a Igreja ao Santo Antonio e rebatizaram ao povoado de Santo Antonio de Queimadas em honra do santo. Só assim ficou quieta a imagem no altar onde agora lhe prendem velas.” Galileo Gall recorda que, quando perguntou ao Rufino se ele acreditava na história que contava sua mulher, o rastreador encolheu os ombros e sorriu com cepticismo. Jurema, em troca, acreditava. Galileo talvez gostaria de apalpá-la também, mas não o tentou; estava seguro que só a idéia de que um estrangeiro tocasse a cabeça de sua mulher, seria inconcebível para Rufino. Sim, trata-se de um homem suspicaz. Deu trabalho aceitar levá-lo à Canudos. Regateou o preço, pôs objeções, duvidou, e embora cedesse, Galileo notou-o incomodado, quando lhe falou do Conselheiro e dos jagunços.

Sem dar-se conta, sua atenção se foi desviando de Rufino à voz que vinha de fora: “A autonomia regional e a descentralização são pretextos que utilizam o Governador Viana, o Barão da Canabrava e

seus esbirros para conservar seus privilégios e impedir que a Bahia se modernize igual aos outros Estados do Brasil. Quem são os Autonomistas? Monárquicos emboscados que, se não fosse por nós, ressuscitariam o Império corrupto e assassinariam à República! Todavia, o Partido Republicano Progressista de Epaminondas Gonçalves impedi-lo-á...”. Era alguém distinto do qual falava antes, mais claro, Galileo compreendeu tudo o que disse, e até parecia ter alguma idéia, tanto que seu predecessor só tinha uivos. Irá à janela a espiar? Não, não se move da cama, está seguro que o espetáculo continua o mesmo: grupos de curiosos que percorrem os postos de bebidas e comidas, escutam aos trovadores ou rodeiam ao homem com pernas de pau que diz a sorte; às vezes, dignam-se deter um momento a olhar, não a escutar, ante o tablado do qual faz sua propaganda o Partido Republicano Progressista, e ao que protegem capangas com escopetas. “Sua indiferença é sábia”, pensa Galileo Gall. Do que serve às pessoas de Queimadas saber que o Partido Autonomista do Barão da Canabrava está contra o sistema centralista do Partido Republicano e que este combate o descentralismo e o federalismo que propõe seu adversário? Têm algo a ver com os interesses dos humildes as questões retóricas dos partidos burgueses? Fazem bem em aproveitar a feira e desinteressar-se do que dizem os do tablado. Na véspera, Galileo detectou certa excitação em Queimadas, mas não pela festa do Partido Republicano Progressista, mas sim porque as pessoas se perguntavam se o Partido Autonomista do Barão da Canabrava mandaria capangas a desbaratar o espetáculo a seus inimigos e haveria tiros, como outras vezes. Até metade da manhã, não ocorreu e, sem dúvida, não ocorrerá. Para que se incomodariam em atacar um comício tão órfão de apoio? Gall pensa que as feiras dos Autonomistas devem ser idênticas a que tem lugar lá fora. Não, aqui não está a política da Bahia, do Brasil. Pensa: “Está lá, entre esses que nem sequer sabem que são os genuínos políticos desse país”. Demorará muito a espera? Galileo Gall senta-se na cama. Murmura: “A ciência contra a impaciência”. Abre a maleta que está no chão e afasta roupas, um revólver, agarra a caderneta onde tomou apontamentos sobre os curtumes de Queimadas, nas que matou algumas horas estes dias, e folheia o que escreveu: “Construções de tijolos, teto de telhas, colunas rústicas. Em qualquer parte, maços de casca de angico, presa e picada com martelo e faca. Jogam o angico à umas poças cheias de

água do rio. Inundam os couros logo depois de lhes tirar o pelo e os deixam encharcando uns oito dias, tempo que demoram em curtir-se. Da casca da árvore chamada angico sai o tanino, a substância que os curte. Penduram os couros à sombra até que se secam e os raspam com facas para lhes tirar os resíduos. Submetem a este processo à cabeças de gado, carneiros, cabras, coelhos, veados, raposas e onças. O angico é cor de sangue, de forte aroma. Os curtumes são empresas familiares, primitivas, nas que trabalham o pai, a mãe, os filhos e parentes próximos. O couro cru é a principal riqueza de Queimadas”. Volta a colocar a caderneta na bolsa. Os curtidores mostraram-se amáveis, explicaram-lhe seu trabalho. Por que são tão reticentes a falar de Canudos? Desconfiam de alguém cujo português custa entender? Ele sabe que Canudos e o Conselheiro são o centro de conversação em Queimadas. Mas ele, em que pese a seus intentos, não pôde conversar com ninguém, nem sequer Rufino e Jurema, sobre esse tema. Nos curtumes, na estação, na Pensão Nossa Senhora das Graças, na praça de Queimadas; a vez que o mencionou viu a mesma suspicácia em todos os olhos, fez-se o mesmo silêncio, ou escutou as mesmas evasivas. “São prudentes. Desconfiam”, pensa. Pensa: “Sabem o que fazem. São sábios”.

Volta a escavar entre as roupas o revólver e saca o único livro que há na bolsa. É um exemplar velho, manuseado, de pergaminho escuro, no que se lê já apenas o nome de Pierre Joseph Proudhon, mas no que está ainda claro o título, *Système des contradictions* e a cidade onde foi impresso: Lyon. Não consegue se concentrar muito na leitura, distraído pelo bulício da feira e, sobretudo, pela traiçoeira impaciência. Apertando os dentes, esforça-se então em refletir em coisas objetivas. Um homem ao que não lhe interessam os problemas gerais, nem as idéias, vive enclausurado na Particularidade, e isso se pode conhecer, detrás de suas orelhas, pela curvatura de dois carços sobressalentes, quase agudos. Sentiu-os assim, em Rufino? O Maravilhamento se manifesta, talvez, no estranho sentido da honra, mostrando nisso que a poderia chamar imaginação ética do homem que o conduzirá à Canudos?

Suas primeiras lembranças, que seriam também as melhores e as que voltariam com mais pontualidade, não eram nem sua mãe, que o abandonou para correr atrás de um sargento da Guarda Nacional que passou por Custódia à cabeça de um volante que perseguia

cangaceiros; nem o pai que nunca conheceu, nem os tios que o recolheram e criaram — Zé Faustino e Dona Ângela — nem a trintena de ranchos e as reconhecidas ruas de Custódia, a não ser os cantores ambulantes. Vinham cada certo tempo, para alegrar às bodas, ou rumo ao rodeio de uma fazenda, ou à feira com que um povo celebrava o seu santo padroeiro; por um gole de cachaça, um prato de charque e luz contavam as histórias de Oliveiros; da Princesa Magalona, de Carlos Magno, e os Doze Pares da França. João escutava com os olhos muito abertos, seus lábios movendo-se ao compasso dos do trovador. Logo tinha sonhos suntuosos nos que ressonavam as lanças dos cavalheiros que salvavam à Cristandade das hordas pagãs.

Mas a história que chegou a ser carne de sua carne foi a de Roberto, o Diabo, esse filho do Duque da Normandia que, depois de cometer todas as maldades, arrependeu-se e andou a quatro patas, ladrando em vez de falar e dormindo entre as bestas, até que, tendo alcançado a misericórdia do Bom Jesus, salvou ao Imperador do ataque dos mouros e se casou com a Rainha do Brasil. O menino se obstinava em que os trovadores a contassem sem omitir detalhe: como, em sua época malvada, Roberto, o Diabo, tinha afundado a faca em incontáveis grutas de donzelas e ermitões, pelo prazer de ver sofrer, e como, em sua época de servo de Deus, percorreu o mundo em busca dos parentes de suas vítimas, a quem beijava os pés e pedia tortura. Os vizinhos de Custódia pensavam que João seria cantor do sertão e iria de povoado em povoado, o violão ao ombro, levando mensagens e alegrando às pessoas com histórias e música.

João ajudava ao Zé Faustino em seu armazém, que provia de tecidos, grãos, bebidas, instrumentos de lavoura, doces e bagatelas a todo o contorno. Zé Faustino viajava muito, levando mercadorias às fazendas ou indo comprar à cidade e, em sua ausência, Dona Ângela atendia o negócio, um rancho de barro amassado, que tinha um curral com galinhas. A senhora pôs no sobrinho o carinho que não pôde dar aos filhos que não teve. Fazia prometer ao João que alguma vez a levaria a Salvador, para ajoelhar-se aos pés da milagrosa imagem do Senhor do Bonfim, de quem tinha uma coleção de imagens em sua cabeceira.

Os vizinhos de Custódia temiam, como à seca e às pestes, duas calamidades que cada certo tempo empobreciam ao povoado: os

cangaceiros e os volantes da Guarda Nacional. Os primeiros tinham sido, ao princípio, bandas organizadas entre seus peões e próximos pelos coronéis das fazendas, para as brigas que estalavam entre eles por assuntos limítrofes; águas e pastos; ou por ambições políticas; mas logo, muitos desses grupos armados de trabucos e facões se emanciparam e andavam soltos, vivendo da rapina e do assalto. Para combatê-los tinham nascido os volantes. Uns e outros comiam as provisões dos vizinhos de Custódia; embebedavam-se com sua cachaça e queriam abusar de suas mulheres. Antes de ter uso de razão, João aprendeu, apenas se dava a voz de alarme, a colocar garrafas, mantimentos e mercadorias nos esconderijos que tinha Zé Faustino preparados. Corria o rumor de que este era *coiteiro*, quer dizer que fazia negócios com os bandidos, proporcionava-lhes informação e esconderijos. Ele se enfurecia. Acaso não tinham visto como seu armazém era roubado? Não se levavam roupas e tabaco sem pagar um centavo? João ouviu muitas vezes seu tio queixar-se dessas histórias estúpidas que, por inveja, inventavam contra ele as pessoas de Custódia. “Acabarão por me colocar em uma confusão”, murmurava. E assim ocorreu.

Uma manhã chegou à Custódia um volante de trinta guardas, mandada pelo Alferes Geraldo Macedo, um caboclo juvenzinho com fama de feroz, que perseguia à banda do Antonio Silvino. Esta não tinha passado por Custódia, mas o Alferes teimava que sim. Era alto e bem plantado, ligeiramente vesgo e estava sempre lambendo um dente de ouro. Dizia-se que perseguia bandidos com encarniçamento porque lhe tinham violado uma noiva. O Alferes, enquanto seus homens registravam os ranchos, interrogou pessoalmente à vizinhança. Ao anoitecer, entrou no armazém com cara exultante e ordenou ao Zé Faustino que o conduzisse ao refúgio do Silvino. Antes que o comerciante pudesse replicar, tombou-o ao chão de um bofetão: “Sei tudo, cristão. Denunciaram-lhe”. Que nada valeram ao Zé Faustino seus protestos de inocência nem as súplicas de Dona Ângela. Macedo disse que para castigo de *coiteiros* fuzilaria ao Zé Faustino ao amanhecer se não delatasse o paradeiro do Silvino. O comerciante, por fim, pareceu consentir. Nessa madrugada partiram de Custódia, com o Zé Faustino à frente, os trinta cabras do Macedo, seguros de que cairiam de surpresa sobre os bandidos. Mas aquele os extraviou às poucas horas de marcha e voltou para Custódia para

levar Dona Ângela e João temendo que as represálias caíssem sobre eles. Alferes o alcançou quando ainda estava empacotando algumas coisas. Tivesse matado só a ele, mas também matou a Dona Ângela, que lhe interpôs. Ao João, que lhe prendeu as pernas, deprimiu-o de um golpe com o cano de sua pistola. Quando este voltou em si, viu que os vizinhos de Custódia, com caras compungidas, velavam dois ataúdes. Não aceitou seus carinhos e com uma voz que se tornou adulta —só tinha então doze anos — disse-lhes, passando a mão pela cara sanguinolenta, que algum dia voltaria a vingar a seus tios, pois eram eles os verdadeiros assassinos.

A idéia de vingança o ajudou a sobreviver as semanas que passou rondando sem rumo, por um deserto arrepiado de mandacarús. No céu via os círculos que riscavam os urubus, esperando que caísse para baixar e bicá-lo. Era janeiro e não caíra uma gota de chuva. João recolhia frutas secas, chupava o suco das palmeiras e até comeu um tatu morto. Por fim, auxiliou-o um pastor de cabras que o encontrou junto ao leito seco de um rio, delirando sobre lanças, cavalos e o Senhor do Bonfim. Reanimou-o com uma tigela de leite e uns bocados de rapadura que o menino saboreou. Andaram juntos vários dias, rumo à chapada de Estreitamento, onde o pastor de cabras levava seu rebanho. Mas antes de chegar, um entardecer, surpreendeu-os um partido de homens inconfundíveis, com chapéus de couro, cartucheiras de onça pintadas, embornais bordados com miçangas, trabucos em bandoleira e facões até os joelhos. Eram seis e o chefe, um cafuso de cabelos crespos e lenço vermelho no cangote, perguntou-lhe rindo ao João, que ajoelhado lhe rogava que o levasse consigo, por que queria ser cangaceiro. “Para matar guardas”, repôs o menino.

Começou então, para o João, uma vida que o fez homem em pouco tempo. “Um homem malvado”, precisaria a gente das províncias que percorreu nos seguintes vinte anos; primeiro como apêndice de partidos de homens a quem lavava a roupa, preparava a comida, costurava os botões ou escavava os piolhos; logo, como companheiro de maldades; logo, como o melhor atirador, pistoleiro, fabricante de facas, andarilho e estrategista do grupo; finalmente, como lugar-tenente e chefe de bando. Não tinha vinte e cinco anos competos e era a cabeça pela que mais alto preço se oferecia nos quartéis da Bahia, Pernambuco, Piauí e Ceará. Sua sorte prodigiosa,

que o salvou de emboscadas nas quais sucumbiam ou eram capturados seus companheiros e que, em que pese a sua temeridade no combate, parecia imunizá-lo contra as balas, fez que se dissesse que tinha negócios com o Diabo. O certo é que, diferente de outros homens do cangaço, que foram carregados de medalhas, faziam o sinal da cruz ante todas as cruzes e calvários e, pelo menos uma vez ao ano, deslizavam-se em uma aldeia para que o padre os pusesse em paz com Deus, João (que se tinha chamado ao começo João Menino, depois João Rápido, depois João Cabra Tranqüilo e se chamava agora João Satã) parecia desdenhoso da religião e resignado a ir ao inferno a pagar suas culpas incomensuráveis.

A vida de bandido, poderia dizer o sobrinho do Zé Faustino e Dona Ângela, consistia em andar, brigar, roubar. Mas, sobretudo, em andar. Quantas centenas de léguas fizeram nesses anos as pernas robustas, fibrosas, indóceis desse homem que podia fazer jornadas de vinte horas sem descansar? Tinham percorrido os sertões em todas direções e ninguém conhecia melhor que elas as rugas das colinas, os enredos da caatinga, os meandros dos rios e as covas das serras. Essas aventuras sem destino fixo, em fila indiana, atravessando o campo, tratando de interpor uma distância ou uma confusão com reais ou imaginários perseguidores da Guarda Nacional eram, na memória do João, um único, interminável perambular por paisagens idênticas, esporadicamente aturdidos com o ruído das balas e os gritos dos feridos, rumo para algum lugar ou feito escuro que parecia está-lo esperando.

Muito tempo acreditou que isso que o aguardava era voltar para Custódia, a executar a vingança. Anos depois da morte de seus tios, entrou uma noite de lua, sigilosamente, à frente de uma dúzia de homens, ao casario de sua infância. Era este o ponto de chegada do cruento percurso? A seca expulsara de Custódia muitas famílias, mas ainda ficavam ranchos habitados e embora, entre as caras remelentas de sono de quão vizinhos seus homens tocavam à rua, João viu algumas que não recordava, não exonerou a ninguém do castigo. As mulheres, meninas ou velhas, foram obrigadas a dançar com os cangaceiros que já beberam todo o álcool de Custódia, enquanto os vizinhos cantavam e tocavam violões. De momento em momento, eram arrastadas ao rancho mais próximo para ser violadas. Por fim, um dos aldeãos pôs-se a chorar, de impotência ou terror. No ato,

João Satã afundou-lhe a faca e o abriu em canal, como açougueiro que beneficia uma cabeça de gado. Este brotar de sangue fez as vezes de uma ordem e, pouco depois, os cangaceiros, excitados, enlouquecidos, começaram a descarregar seus trabucos até converter a única rua de Custódia em cemitério. Mais ainda que a matança, contribuiu a forjar a lenda do João Satã que a todos os varões os afrontasse pessoalmente depois de mortos, cortando-lhes os testículos e cunhando-lhes nas bocas (era o que fazia sempre com os informantes da polícia). Ao retirar-se de Custódia, pediu a um cabra do bando que rabiscasse sobre uma parede esta inscrição: “meus tios cobraram o que lhes devia”.

Quanto tinha de certo nas iniquidades que se atribuíam ao João Satã? Tantos incêndios, seqüestros, saques, torturas necessitariam, para angariarem, mais vistas e adeptos que os trinta anos do João e os partidos para seu mando, que nunca chegaram a vinte pessoas. O que contribuiu a sua fama foi que, diferente de outros, como Pajeú, que compensavam o sangue que vertiam com arrebatamentos de prodigalidade — repartindo um saque entre os miseráveis; obrigando a um fazendeiro a abrir suas despensas aos parceiros; entregando a um pároco, inteiramente, um resgate para a construção de uma capela, ou custeando a festa do patrono do povo — nunca se soube que João fizesse estes gestos encaminhados a ganhar as simpatias da gente ou a benevolência do céu. Nenhuma das duas coisas lhe importava.

Era um homem forte, mais alto que o médio sertanejo de pele brunida, maçãs do rosto salientes, olhos rasgados, fronte larga, lacônico, fatalista, que tinha cupinchas e subordinados, não amigos. Teve, isso sim, uma mulher, uma moça de Quixeramobin que conheceu porque lavava roupa em casa de um fazendeiro que servia de *coiteiro* ao partido. Chamava-se Leopoldina e era de cara redonda, olhos expressivos e formas apertadas. Conviveu com o João enquanto permaneceu no refúgio e logo partiu com ele. Mas, acompanhou-o pouco, porque João não tolerava mulheres no bando. Instalou-a em Aracati, onde vinha vê-la cada certo tempo. Não se casou com ela, de modo que quando soube que Leopoldina tinha fugido de Aracati com um juiz, à Geremoabo, as pessoas pensaram que a ofensa não era tão grave como se fosse sua esposa. João vingou-se como se o fosse. Foi à Quixeramobin, cortou-lhe as

orelhas; marcou os dois irmãos varões de Leopoldina; e, levou consigo, a sua outra irmã, Mariquinha, de treze anos. A moça apareceu uma madrugada, nas ruas de Geremoabo, com a cara marcada a ferro com as iniciais **J** e **S**. Estava grávida e levava um cartaz explicando que todos os homens do bando eram, juntos, o pai da criatura.

Outros bandidos sonhavam reunindo suficiente dinheiro para comprar umas terras, em algum município remoto, onde passar o resto da vida com nome trocado. Ao João não lhe viu guardar dinheiro nem fazer projetos para o futuro. Quando o partido saqueava um armazém, ou um casario, ou obtinha um bom resgate por alguém que seqüestrava, João, depois de separar a parte que dedicaria aos *coiteiros* encarregados de comprar armas, munições e remédios, dividia o resto em partes iguais entre ele e seus companheiros. Esta largueza, sua sabedoria na arte de preparar emboscadas às volantes ou de escapar das que lhe tendiam; sua coragem e sua capacidade para impor a disciplina, fizeram que seus homens lhe tivessem lealdade. Com ele se sentiam seguros e tratados com equidade. Agora bem, embora não lhes exigisse nenhum risco que ele não corresse, não tinha com eles a menor contemplação. Por dormirem quando faziam guarda, atrasar-se em uma marcha ou lhe roubar a um companheiro, os fazia açoitar. Ao que retrocedia quando ele tinha dada ordem de resistir, marcava-o com suas iniciais ou lhe cerceava uma orelha. Executava ele mesmo os castigos, com frieza. E ele também castrava aos traidores.

Além de lhe temer seus homens pareciam inclusive querê-lo. Possivelmente porque João jamais tinha deixado no cenário do combate a um companheiro. Os feridos eram levados em uma rede pendurada de um tronco até algum esconderijo, mesmo que a operação pusesse em perigo ao partido. O próprio João os curava e, se era preciso, fazia trazer de força a um enfermeiro para atender à vítima. Os mortos eram também arrastados a fim de lhes dar sepultura onde não pudessem ser profanados pelo guarda nem pelas aves de rapina. Isto e a certa intuição com que dirigia às pessoas na luta, dispersando-a em grupos que corriam, enjoando ao adversário, enquanto outros davam um rodeio e lhes caíam pela retaguarda ou os ardis que encontrava para romper os cercos,

afirmaram sua autoridade; nunca foi difícil recrutar novos membros para o cangaço.

À seus subordinados intrigava esse chefe silencioso, reconcentrado, distinto. Vestia-se com o mesmo chapéu e as mesmas sandálias que eles, mas não tinha sua afeição à brilhantina e aos perfumes — o primeiro sobre o que caíam nas lojas — nem levava as mãos cheias de anéis nem o peito coberto de medalhas. Seus embornais tinham menos adornos que os do mais novo cangaceiro. Sua única debilidade eram os cantores ambulantes, aos que nunca permitiu que seus homens maltratassem. Atendia-os com deferência, pedia-lhes contar algo e os escutava muito sério, sem interrompê-los enquanto durava a história. Quando se topava com o Circo do Cigano se fazia dar uma função e o despedia com presentes.

Alguém, alguma vez, ouviu-lhe dizer ao João Satã que tinha visto morrer a mais gente pelo álcool, que malograva a pontaria e fazia esfaquear-se aos homens por despropósitos, que pela enfermidade ou a seca. Para lhe dar a razão, o dia que o surpreendeu o Capitão Geraldo Macedo com seu volante, todo o partido estava bêbado. O Capitão, a quem apelidavam Caçabandidos, vinha perseguindo o João desde que este assaltou a uma comitiva do Partido Autonomista baiano que vinha entrevistar-se com o Barão da Canabrava em sua fazenda de Calumbí. João emboscou à comitiva, dispersou seus capangas e aos políticos os despojou de valises, cavalos, roupas e dinheiro. O próprio Barão enviou uma mensagem ao Capitão Macedo oferecendo-lhe uma recompensa especial pela cabeça do cangaceiro.

Ocorreu em Rosário, meia centena de moradias entre as que os homens do João Satã apareceram um amanhecer de fevereiro. Fazia pouco tinham tido um choque sangrento com uma banda rival, a de Pajeú, e só queriam descansar. Os vizinhos acessaram a lhes dar de comer e João pagou o que consumiram, assim como os trabucos, escopetas, pólvora e balas de que se apoderou. A gente de Rosário convidou aos cangaceiros a ficar à bodas que se celebraria, dois dias depois, entre um vaqueiro e a filha de um morador. A capela tinha sido adornada com flores e os homens e mulheres do lugar vestiam seus melhores ornamentos esse meio-dia, quando chegou de Cumbe o Padre Joaquim para officiar as bodas. O cura estava tão assustado que os cangaceiros riam vendo-o gaguejar e obstruir-se. Antes de rezar missa, confessou em meio ao povo, incluídos vários bandidos.

Logo assistiu o soltar de fogos; o almoço ao ar livre, sob uma ramada, e brindou com os vizinhos. Mas, empenhou-se depois, em retornar ao Cumbe com tanta obstinação que João, bruscamente, teve suspeitas. Proibiu que ninguém se movesse de Rosário e ele mesmo explorou o contorno, do lado da serra até o oposto, um tablado descascado. Não encontrou indício de perigo. Voltou para a festa, carrancudo. Seus homens, bêbados, dançavam, cantavam, misturados com as pessoas.

Meia hora mais tarde, incapaz de suportar a tensão nervosa, o Padre Joaquim, tremendo e choramingando lhe confessou que o Capitão Macedo e seu volante estavam no alto da serra esperando reforços para atacar. Ele tinha recebido a ordem do Caçabandidos de entretê-lo valendo-se de qualquer mutreta. Nisso, soaram os primeiros tiros, do lado do tablado. Estavam rodeados. João gritou aos cangaceiros, na desordem, que resistissem até o anoitecer como fora. Mas os bandidos tinham bebido tanto que nem sequer atinavam a dar-se conta de onde vinham os disparos. Ofereciam-se como brancos fáceis aos *Comblain* dos guardas e caíam rugindo, em meio de um tiroteio pontilhado pelos alaridos das mulheres que corriam tratando de escapar ao fogo entrecruzado. Quando chegou a noite só quatro cangaceiros estavam de pé e João, que brigava com o ombro perfurado, desvaneceu-se. Seus homens o envolveram em uma rede e começaram a escalar a serra. Cruzaram o cerco, ajudados por uma súbita chuva torrencial. Refugiaram-se em uma cova e quatro dias depois entraram em Tepidó, onde um curandeiro baixou a febre de João e lhe estancou a ferida. Ali estiveram duas semanas, o que demorou João Satã em poder andar. A noite que saíram de Tepidó souberam que o Capitão Macedo tinha decapitado os cadáveres de seus companheiros caídos em Rosário e que levou as cabeças em um barril, polvilhadas com sal, como carne de charque.

Lançaram-se outra vez à vida violenta, sem pensar muito em sua boa estrela nem na má estrela dos outros. De novo andaram, roubaram, brigaram, esconderam-se e viveram com a vida por um fio. João Satã tinha sempre no peito uma sensação indefinível, a certeza de que, agora sim, a qualquer momento, ocorreria algo que tinha estado esperando desde que podia recordar.

A ermida, semi-destruída, apareceu em um desvio do atalho que levava ao Cansação. Ante meia centena de farrapada um homem

escuro e larguíssimo, envolto em uma túnica morada, estava falando. Não interrompeu seu sermão, nem deu uma olhada aos recém vindos. João sentiu que algo vertiginoso bulia em seu cérebro enquanto escutava o que o santo dizia. Estava contando a história de um pecador que, depois de ter feito todo o dano do mundo, arrependeu-se, viveu fazendo de cão, conquistou o perdão de Deus e subiu ao céu. Quando terminou sua história, olhou aos forasteiros. Sem vacilar, dirigiu-se ao João, que tinha os olhos baixos. “Como te chama?”, perguntou-lhe. “João Satã”, murmurou o cangaceiro “É melhor que te chame João Abade, quer dizer, apóstolo do Bom Jesus”, disse a rouca voz.

Três dias depois de ter despachado à *l'Étincelle da révolte* a carta referindo sua visita a Frei João Evangelista de Monte Marciano, Galileo Gall sentiu tocar a porta do desvão, nos altos da Livraria Catilina. Apenas os viu, soube que os indivíduos eram esbirros da polícia. Pediram-lhe seus documentos, examinaram o que tinha, interrogaram-no sobre suas atividades em Salvador. No dia seguinte chegou a ordem de expulsão, como estrangeiro indesejável. O velho Jan Van Rijsted fez gestões e o Doutor José Batista de Sá Oliveira escreveu ao Governador Luis Viana oferecendo-se como fiador, mas a autoridade, intransigente, notificou ao Gall que abandonaria o Brasil em “*La Marseillaise*“, rumo à Europa, uma semana mais tarde. Dava-lhe, de graça, uma passagem de terceira classe. À seus amigos Gall disse que ser banido — ou encarcerado ou morto — é avatar de todo revolucionário e que ele vinha comendo esse pão da infância. Estava seguro que, detrás da ordem de expulsão, achava-se o cônsul inglês, ou o francês ou o espanhol, mas, assegurou-lhes, nenhuma dos três policiais lhe poria a mão em cima, pois se faria fumaça em alguma das escalas africanas de “*La Marseillaise*” ou no porto de Lisboa. Não parecia alarmado.

Tanto Jan Van Rijsted como o Doutor Oliveira o tinham ouvido falar com entusiasmo de sua visita ao Monastério de Nossa Senhora da Piedade, mas ambos ficaram pasmados quando lhes anunciou que, já que o jogavam do Brasil, faria, antes de ir-se, “um gesto pelos irmãos de Canudos”, convocando a um ato público de solidariedade com eles. Citaria aos amantes da liberdade que houvesse na Bahia, para explicar-lhe: Em Canudos está germinando, de maneira espontânea, uma revolução e os homens de progresso devem apoiá-

la”. Jan Van Rijsted e o Doutor Oliveira trataram de dissuadi-lo, repetiram-lhe que era uma insensatez, mas Gall tentou, de qualquer maneira, publicar sua convocatória no único jornal de oposição. Seu fracasso com o *Jornal de Notícias* não o desalentou. Refletia sobre a possibilidade de imprimir folhas avulsas que ele mesmo distribuiria pelas ruas, quando aconteceu algo que o fez escrever: “Ao fim! Vivia uma vida muito aprazível e meu espírito começava a embotar-se”.

Ocorreu a antevéspera de sua viagem, ao anoitecer. Jan Van Rijsted entrou em desvão, com seu cachimbo crepuscular na mão, a lhe dizer que dois sujeitos perguntavam por ele. “São capangas”, advertiu-lhe. Galileo sabia que chamavam assim aos homens que os poderosos e as autoridades empregavam para serviços turvos e, com efeito, os tipos tinham semblantes sinistros. Mas não estavam armados e se mostraram respeitosos: alguém queria vê-lo. Podia-se saber quem? Não se podia. Acompanhou-os, intrigado. Levaram-no da Praça da Basílica Catedral, ao longo da cidade alta, e logo depois da baixa, e logo pelos subúrbios. Quando deixaram atrás, na escuridão, as ruas pavimentadas — a rua Conselheiro Dantas, a rua de Portugal, a rua das Princesas — os Mercados de Santa Bárbara e São João, e o internaram pelo atalho de carruagens que, bordeando o mar, ia à Barra, Galileo Gall perguntou se a autoridade não teria decidido matá-lo em vez de expulsá-lo. Mas não se tratava de uma armadilha. Em um albergue iluminado por uma lamparina de querosene, esperava-o o Diretor do *Jornal de Notícias*. Epaminondas Gonçalves lhe estendeu a mão e o convidou a sentar-se. Foi direto sem preâmbulos:

— Quer permanecer no Brasil, face à ordem de expulsão?

Galileo Gall ficou olhando-o, sem responder.

— É certo seu entusiasmo pelo que passa lá em Canudos? — perguntou Epaminondas Gonçalves. Estavam sozinhos na habitação e fora se ouvia conversar aos capangas e o ruído sincrônico do mar. O dirigente do Partido Republicano Progressista o observava, muito sério, sapateando. Tinha o traje cinza que Galileo lhe tinha visto no despacho do *Jornal de Notícias*, mas em sua cara não havia a despreocupação e dissimulação de então. Estava tenso, uma ruga na frente envelhecia sua cara juvenil.

— Eu não gosto dos mistérios — disse Gall.— Melhor me explicar do que se trata.

— De saber se quer ir à Canudos para levar armas aos revoltosos.

Galileo esperou um momento, sem dizer nada, resistindo o olhar de seu interlocutor.— Faz dois dias, os revoltosos não lhe inspiravam simpatia — comentou, devagar— Isso de ocupar terras alheias e viver em promiscuidade lhe parecia coisa de animais.

—Essa é a opinião do Partido Republicano Progressista —assentiu Epaminondas Gonçalves— E a minha, é óbvio.

—Mas... — ajudou-o Gall, adiantando um pouco a cabeça.

— Mas os inimigos de nossos inimigos são nossos amigos — afirmou Epaminondas Gonçalves, deixando de sapatear— Bahia é um baluarte de latifundiários retrógrados, de coração monárquico, em que pese a que somos República faz oito anos. Se para acabar com a ditadura do Barão da Canabrava sobre a Bahia é preciso ajudar aos bandidos e aos sebastianistas do interior, o farei. Estamos ficando cada vez mais atrasados e mais pobres. Terá que tirar esta gente do poder, custe o que custar, antes de que seja tarde. Se o de Canudos dura, o governo do Luis Viana entrará em crise e, cedo ou tarde, haverá uma intervenção federal. No momento que o Rio de Janeiro intervenha. Bahia deixará de ser o feudo dos Autonomistas.

— E começará o reinado dos Republicanos Progressistas — murmurou Gall.

— Não acreditam em reis, somos republicanos até o tutano dos ossos — retificou Epaminondas Gonçalves— Já, vejo que me entende.

— Isso sim, entendo — disse Galileo— Mas não o outro. Se o Partido Republicano Progressista quer armar aos jagunços, por que através de mim?

— O Partido Republicano Progressista não quer ajudar nem ter o menor contato com gente que se rebelam contra a lei — silabou Epaminondas Gonçalves.

— O Honorável Deputado Epaminondas Gonçalves, então — disse Galileo Gall— Por que através de mim?

— O Honorável Deputado Epaminondas Gonçalves não pode ajudar revoltosos— silabou o Diretor do *Jornal de Notícias*— Nem ninguém que esteja vinculado, de perto ou de longe, a ele. O

Honorável Deputado está dando uma batalha desigual pelos ideais republicanos e democráticos neste enclave autocrático, de inimigos poderosos, e não pode correr semelhante risco. — Sorriu e Gall viu que tinha uma dentadura branca, voraz— Você veio a oferecer-se. Não me ocorreria nunca, se não fosse por essa estranha visita dele, anteontem. Foi a que me deu a idéia. A que me fez pensar: “Se for tão louco para convocar um comício público em favor dos revoltosos, será também para lhes levar uns fuzis”. — Deixou de sorrir e falou com severidade — Nestes casos, a franqueza é o melhor. Você é a única pessoa que, se for descoberta ou capturada, em nenhum caso poderia nos comprometer a mim e a meus amigos políticos.

—Está me advertindo que, se fosse capturado, não poderia contar com vocês?

— Agora sim entendeu — silabou Epaminondas Gonçalves— Se a resposta for não, boa noite e esqueça-se de que me viu. Se for sim, discutamos o preço.

O escocês se moveu no assento, um banquinho de madeira que rangeu.

— O preço? — murmurou, pestanejando.

— Para mim, trata-se de um serviço — disse Epaminondas Gonçalves— Pagar-lhe-ei bem e assegurar-lhe-ei, logo, a saída do país. Mas se prefere fazê-lo *ad honorem*, por idealismo, é assunto dele.

—Vou dar uma volta, fora — disse Galileo Gall, ficando de pé— Penso melhor quando estou sozinho. Não demorarei.

Ao sair do albergue lhe pareceu que chovia, mas era a água que salpicavam as ondas. Os capangas lhe abriram passagem e ele sentiu o aroma forte e picante de seus cachimbos. Havia lua e o mar, que parecia borbulhando, despendia um aroma agradável, salgado, que penetrava até as vísceras. Galileo Gall caminhou, entre a areia e as pedras desertas, até um pequeno forte, em que um canhão apontava ao horizonte. Pensou: “A República tem tão pouca força na Bahia como o Rei da Inglaterra mais à frente do Passo de Aberboyle, nos dias de *Rob Roy McGregor*“. Fiel a seu costume, em que pese a que lhe bulia o sangue, tratou de considerar o assunto de maneira objetiva. Era ético para um revolucionário conjurar-se com um político burguês? Sim, se a conjuração ajudava aos jagunços. E

lhes levar armas seria, sempre, a melhor maneira de ajudá-los. Ele podia ser útil aos homens de Canudos? Sem falsa modéstia, alguém aguerrido nas lutas políticas e que dedicou sua vida à revolução poderia ajudá-los, na tomada de certas decisões e na hora de combater. Finalmente, a experiência seria valiosa, se a comunicava aos revolucionários do mundo. Talvez deixaria seus ossos ali, mas não era esse fim preferível a morrer de enfermidade ou de velhice? Retornou ao albergue e, da soleira, disse ao Epaminondas Gonçalves: “Sou tão louco para fazê-lo”.

— *Wonderful* — imitou-o o político, com os olhos brilhantes.

V

Havia predito tanto o Conselheiro, em seus sermões, que as forças do Cão viriam a prendê-lo e a passar a faca à cidade, que ninguém se surpreendeu em Canudos quando souberam, por peregrinos vindos a cavalo de Joazeiro, que uma companhia do Nono Batalhão de Infantaria da Bahia tinha desembarcado naquela localidade, com a missão de capturar ao santo.

As profecias começavam a ser realidade, as palavras fatos. O anúncio teve um efeito efervescente, pôs em ação: velhos, jovens, homens, mulheres. As escopetas e carabinas, os fuzis de faísca que deviam ser cevados pelo cano foram imediatamente empunhados e colocadas todas as balas nas cartucheiras, ao mesmo tempo, que nos cinturões apareciam como por cura facas e facas e nas mãos foices, facões, lanças, punções, fundas e suspensões de caçada, paus, pedras.

Nessa noite, a do começo do fim do mundo, todo Canudos se aglomerou em torno do Templo do Bom Jesus — um esqueleto de dois pisos, com torres que cresciam e paredes que se foram preenchendo — para escutar ao Conselheiro. O ardor dos escolhidos saturava o ar. Aquele parecia mais retirado em si mesmo que nunca. Logo depois de que os peregrinos do Joazeiro lhe comunicaram a notícia, não fez o menor comentário, e prosseguiu vigiando a colocação das pedras, a colocação do piso no chão e as mesclas de areia e calhaus para o Templo com absoluta concentração, sem que ninguém se atrevesse a interrogá-lo. Mas todos sentiam, enquanto se alistavam, que essa silhueta ascética os passava. E todos sabiam, enquanto azeitavam as suspensões, limpavam a alma das espingardas e os trabucos e punham a secar a pólvora, que essa noite o Pai, por boca do Conselheiro, instruir-lhes-ia.

A voz do santo ressonou sob as estrelas, na atmosfera sem brisa que parecia conservar mais tempo suas palavras, tão serena que dissipava qualquer temor. Antes da guerra, falou da paz, da vida vindoura, em que desapareceriam o pecado e a dor. Derrotado o Demônio, estabelecer-se-ia o Reino do Espírito Santo, a última idade

do mundo antes do Julgamento Final. Seria Canudos a capital desse Reino? Se o queria o Bom Jesus. Então, derrogar-se-iam as leis ímpias da República e os padres voltariam, como nos primeiros tempos, a ser pastores abnegados de seus rebanhos. Os sertões tornariam verdes com a chuva, haveria milho e cabeças de gado em abundância, todos comeriam e cada família poderia enterrar a seus mortos em gavetas acolchoadas de veludo. Mas, antes, teria que derrotar ao Anticristo. Era preciso fabricar uma cruz e uma bandeira com a imagem do Divino para que o inimigo soubesse de que lado estava a verdadeira religião. E ir à luta como tinham ido os Cruzados a resgatar Jerusalém: cantando, rezando, aclamando à Virgem e a Nosso Senhor. E como estes venceram, também venceriam à República os cruzados do Bom Jesus.

Ninguém dormiu essa noite em Canudos. Uns rezando, outros preparando-se, todos permaneceram de pé, enquanto mãos diligentes cravavam a cruz e costuravam a bandeira. Estiveram prontas antes do amanhecer. A cruz media três varas por duas de largura e a bandeira eram quatro lençóis unidos nas que o Beato pintou uma pomba branca, com as asas abertas, e o Leão de Natuba escreveu, com sua preciosa caligrafia, uma jaculatória. Salvo um punhado de pessoas designadas pelo Antonio Vilanova para permanecer em Canudos, a fim de que não se interrompesse a construção do Templo (trabalhava-se dia e noite, salvo os domingos), todo o resto da população partiu, com as primeiras luzes, em direção ao Bendengó e Joazeiro, para provar aos caudilhos do mal que o bem ainda tinha defensores na terra. O Conselheiro não os viu partir, pois estava rezando por eles na igreja de Santo Antonio.

Devem ter andado dez léguas para encontrar aos soldados. Andaram-nas cantando, rezando e aclamando a Deus e ao Conselheiro. Descansaram uma só vez, logo depois de passar o monte Cambaio. Os que sentiam uma urgência, saíam das torcidas filas a escapulir-se detrás de um roquedal e logo alcançavam a outros à carreira. Percorrer esse terreno plano e ressecado tomou um dia e uma noite sem que ninguém pedisse outro alto para descansar. Não tinham plano de batalha. Os estranhos viajantes se assombravam de saber que iam à guerra. Pareciam uma multidão festiva; alguns pusseram seus trajes de feira. Tinham armas e lançavam morram ao Diabo e à República, mas até nesses momentos o regozijo de suas

caras amortecia o ódio de seus gritos. A cruz e a bandeira abriam a marcha, carregada a primeira pelo ex-bandido Pedrão e a segunda pelo ex-escravo João Grande; atrás deles Maria Quadrado e Alexandrinha Correia levavam a urna com a imagem do Bom Jesus pintado em tecido pelo Beato; e, atrás, dentro de uma poeirada, empelotados, difusos, vinham os escolhidos. Muitos acompanhavam as letanias soprando os canudos que antigamente serviam de cachimbos e que os pastores perfuravam para assobiar aos rebanhos.

No curso da marcha, imperceptivelmente, obedecendo a uma convocatória do sangue, a coluna se foi reordenando, foram-se agrupando as velhas turmas, os habitantes de um mesmo casario, os de um bairro, os membros de uma família, como se, à medida que se aproximava a hora, cada qual necessitasse a presença contígua do conhecido e provado em outras horas decisivas. Os que tinham matado adiantaram-se e agora, enquanto se aproximavam desse povo chamado Uauá pelos vagalumes que o iluminam de noite, João Abade, Pajeú, Taramela, José Venâncio os Macambira e outros elevados e prófugos rodeavam a cruz e a bandeira, à cabeça da procissão ou exército, sabendo, sem que ninguém os dissesse, que eles por sua antigüidade e seus pecados eram os chamados a dar o exemplo na hora da investida.

Passada a meia-noite, um parceiro lhes saiu ao encontro para lhes advertir que em Uauá acampavam os cento e quatro soldados, chegados do Joazeiro a véspera. Um estranho grito de guerra — Viva o Conselheiro!, Viva o Bom Jesus! — comoveu aos escolhidos, que, açulados pelo júbilo, apressaram o passo. Ao amanhecer avistavam Uauá, punhado de casinhas que era o alto obrigatório dos tropeiros, que foram de monte Santo à Curará. Começaram a entoar letanias à São João Batista, patrono do povo. A coluna apareceu de repente aos sonolentos soldados que faziam de sentinelas à beira de uma lacuna, nos subúrbios. Logo depois de olhar uns segundos, incrédulos, puseram-se a correr. Rezando, cantando, soprando os canudos, os escolhidos entraram em Uauá, tirando do sonho para jogar em uma realidade de pesadelo a centena de soldados que tinham demorado doze dias para chegar até lá e não entendiam essas rezas que despertavam. Eram os únicos habitantes de Uauá, todos os vizinhos fugiram durante a noite e estavam agora, entre os cruzados, dando voltas aos tamarindos do Plaza, vendo aparecer as caras dos soldados

nas portas e janelas, medindo sua surpresa, suas dúvidas entre disparar, ou correr, ou voltar para suas redes e colchonetes a dormir.

Uma voz de mando rugente que quebrou o cocorocó de um galo, desatou o tiroteio. Os soldados disparavam apoiando os fuzis nos tabiques dos ranchos e começaram a cair, banhados em sangue, os escolhidos. A coluna se foi desfazendo, grupos intrépidos se equilibravam, atrás de João Abade, de José Venâncio, de Pajeú, a assaltar as moradias e outros corriam a defender-se nos ângulos mortos, ou a esconder-se entre os tamarindos enquanto outros seguiam desfilando. Também os escolhidos disparavam. Quer dizer, os que tinham carabinas e trabucos e os que conseguiam carregar de pólvora as espingardas e divisar um branco na poeirada. Nem a cruz nem a bandeira, nas várias horas de luta e confusão, deixaram de estar ereta uma e dançante a outra, em meio de uma ilha de cruzados que, embora molestada, subsistiu, compacta, fiel, em torno desses emblemas nos que, mais tarde, todos veriam o segredo da vitória. Porque nem Pedrão, nem João Grande, nem a Mãe dos Homens, que levava a urna com a cara do Filho, morreram na refrega.

A vitória não foi rápida. Houve muitos mártires nessas horas ruidosas. Às correrias e aos disparos aconteciam parêntese de imobilidade e silêncio que, um momento depois, eram de novo violentados. Mas antes de meia manhã os homens do Conselheiro souberam que tinham vencido, quando viram umas figurinhas dessalgadas, meio vestidas, que, por ordem de seus chefes ou porque o medo os tinha vencido antes que os jagunços, escapavam atravessando o campo, abandonando armas, jaquetas, perneiras, botas de cano longo, embornais. Dispararam-lhes, sabendo que não os alcançariam, mas a ninguém ocorreu persegui-los. Pouco depois fugiam os outros soldados e, ao escapar, alguns caíam nos ninhos de jagunços que se formaram nas esquinas, onde eram ultimados a pauladas e navalhadas rapidamente. Morriam ouvindo-se chamar cães, diabos, e prognosticar que suas almas se condenariam ao mesmo tempo que seus corpos se apodreceriam.

Permaneceram algumas horas em Uauá, logo depois da vitória. A maioria, adormecidos, apoiados uns em outros repondo-se da fadiga da marcha e da tensão da briga. Alguns, por iniciativa de João Abade, registravam as casas em busca dos fuzis, munições, baionetas e cartucheiras abandonados pelos soldados. Maria Quadrado,

Alexandrinha Correia e Gertrudis, uma vendedora da Terehinha, que tinha recebido uma bala no braço e seguia igual na ativa; foram envolvendo em redes os cadáveres dos jagunços para levar-lhe a enterrar à Canudos. As curandeiras, os ervateiros, as parteiras, os esqueléticos, os espíritos serviçais rodeavam aos feridos, lhes limpando o sangue, enfaixando-os ou, simplesmente, lhes oferecendo orações e conjuros contra a dor.

Carregando seus mortos e feridos e seguindo o leito de Vassa Barris, desta vez com menos de pressa, os escolhidos recuaram as dez léguas. Ingressaram dia e meio depois em Canudos, dando vivas ao Conselheiro, aplaudidos, abraçados e sorrindo pelos que ficaram trabalhando no Templo. O Conselheiro, que tinha permanecido sem comer nem beber desde sua partida, deu os conselhos essa tarde de um andaime das torres do Templo. Rezou pelos mortos, agradeceu ao Bom Jesus e ao Batista a vitória, e falou de como o mal lançou raízes na terra. Antes do tempo, tudo ocupava Deus e o espaço não existia. Para criar o mundo, o Pai deveria retirar-se em si mesmo a fim de fazer um vazio e a ausência de Deus causou o espaço onde surgiram, em sete dias, os astros, a luz, as águas, as plantas, os animais e o homem. Mas ao criar a terra mediante a privação da divina substância se criaram, também, as condições propícias para que o mais oposto ao Pai, quer dizer o pecado, tivesse uma pátria. Assim, o mundo nasceu maldito, como terra do Diabo. Mas o Pai teve piedade dos homens e enviou a seu Filho a reconquistar para Deus esse espaço terrestre onde estava entronizado o Demônio.

O Conselheiro disse que uma das ruas de Canudos se chamaria São João Batista, como o patrono de Uauá.

— O Governador Viana está enviando à Canudos uma nova expedição — diz Epaminondas Gonçalves— Ao mando de alguém que conheço, o Major Febrônio de Brito. Desta vez, não se trata de uns quantos soldados, como os que foram atacados em Uauá, mas sim de um Batalhão. Devem sair da Bahia a qualquer momento, o melhor já o fez. Fica pouco tempo.

— Posso partir amanhã mesmo — responde Galileo Gall — O guia está esperando. Trouxe as armas?

Epaminondas oferece ao Gall um tabaco, quem o rechaça com um movimento de cabeça. Estão sentados em umas poltronas de vime,

no desmantelado terraço de um imóvel situado em algum lugar entre Queimadas e Jacobina, até onde guiou ao Gall um cavaleiro desembainhado de nome bíblico — Caifás — que o fazia dar voltas e voltas pela caatinga, como querendo confundi-lo. É o entardecer; além da balaustrada de madeira, há uma fila de palmeiras reais, um pombal, uns currais. O sol, uma bola avermelhada, incendeia o horizonte. Epaminondas Gonçalves chupa seu tabaco com parcimônia.

— Duas dezenas de fuzis franceses, de boa qualidade — murmura, olhando ao Gall através da fumaça— E dez mil cartuchos. Caifás o levará na carroça até os subúrbios de Queimadas. Se não estiver muito cansado, o melhor é que retorne esta noite com as armas, para seguir à Canudos amanhã mesmo.

Galileo Gall assente. Está cansado, mas lhe bastarão umas horas de sonho para recuperar-se. Há tantas moscas no terraço que tem uma mão ante a cara, espantando-as. Face à fadiga, sente-se satisfeito; a espera começava a exasperá-lo e temia que o político republicano tivesse trocado de planos. Essa manhã, quando intempestivamente o desembainhado o tirou da Pensão Nossa Senhora das Graças, com a contra-senha convinda, sentiu-se tão animado que esqueceu inclusive de tomar o café da manhã. Fez a viagem até aqui sem beber nem comer, sob um sol de chumbo.

— Sinto fazê-lo esperar tantos dias, mas reunir e trazer as armas até aqui resultou bastante complicado — diz Epaminondas Gonçalves — Viu a campanha para as eleições municipais, em alguns povoados?

— Vi que o Partido Autonomista baiano gasta mais dinheiro em propaganda que vocês — boceja Gall.

— Tem tudo o que faça falta. Não só o do Viana, também o da Governação e o do Parlamento da Bahia. E, sobretudo, o do Barão.

— Rico como um Creso o Barão, não é verdade? — Interessa-se Gall, de repente.— Um personagem antediluviano, sem dúvida, uma curiosidade arqueológica. Soube algumas dele coisas, em Queimadas. Pelo Rufino, o guia que me recomendou você. Sua mulher pertencia ao Barão. Pertencia, sim, como uma cabra ou uma vitela. Deu-a de presente para que fosse sua esposa. O próprio Rufino fala dele como se também fosse propriedade dela. Sem rancor, com gratidão. Interessante, senhor Gonçalves. A Idade Média está viva aqui.

— Contra isso lutamos, por isso queremos modernizar esta terra — diz Epaminondas, soprando a cinza de seu tabaco— Por isso caiu o Império, para isso é a República.

“Contra isso lutam os jagunços, mas bem” corrige-o mentalmente Galileo Gall, sentindo que vai dormir a qualquer momento. Epaminondas Gonçalves fica de pé.

— O que disse você ao guia? — pergunta, passeando pelo terraço. Começaram a cantar os grilos e já não fazia calor.

—A verdade — diz Gall e o Diretor do *Jornal de Notícias* para em seco — Não mencionei seu nome para nada. Falo de mim. Que quero ir à Canudos por uma razão de princípio. Por solidariedade ideológica e moral.

Epaminondas Gonçalves olha-o em silêncio e Galileo sabe que está perguntando se ele disser estas coisas a sério, se seriamente for tão louco, ou tão estúpido para as acreditar. Pensa: “Sou-o”, enquanto gesticula, afugentando às moscas.

— Disse-lhe também que lhes levará armas?

— Certamente que não. Saberá quando estivermos a caminho.

Epaminondas retoma seu passeio pelo terraço, com as mãos à costas; deixa uma esteira de fumaça. Leva uma blusa aberta, colete sem botões, calça e botas de montar e dá a impressão de não se barbear. Sua aparência é muito distinta da que tinha na redação do jornal ou no albergue de Barra, mas Gall reconhece a energia empoçada em seus movimentos, a determinação ambiciosa em sua expressão, e se diz, sem necessidade de tocar, sabe como são seus ossos: “Um ávido de poder”. É dele este imóvel? Empresta-o para suas conspirações?

—Uma vez que tenha entregue as armas, não retorne a Salvador por aqui — diz Epaminondas, apoiando-se na balaustrada e lhe dando as costas— Que o guia o leve ao Joazeiro. É mais prudente. Em Joazeiro há um trem a cada dois dias, que o porá na Bahia em doze horas. Eu me encarregarei de que saia à Europa discretamente e com uma boa gratificação.

— Uma boa gratificação — repete Gall, com um longo bocejo que distorce comicamente sua cara e suas palavras— Você acreditou sempre que eu faço isto por dinheiro.

Epaminondas arroja uma baforada de fumaça que se expande em arabescos pelo terraço. Ao longe, o sol começa a ocultar-se e há manchas de sombra no campo.

— Não, já sei que o faz por uma razão de princípio. Em todo caso, dou-me conta que não o faz por carinho ao Partido Republicano Progressista. Para nós isto é um serviço e costumamos retribuir os serviços, já disse.

— Não posso lhe assegurar que voltarei para Bahia — interrompe-o Gall, desprezando-o — Nosso trato não inclui essa cláusula.

O Diretor do *Jornal de Notícias* volta a olhá-lo:

— Não vamos discutir outra vez — sorri — Você pode fazer o que quiser. Simplesmente já sabe qual é a melhor maneira de retornar, e sabe também que eu posso lhe facilitar a saída do país sem que intervenham as autoridades. Agora, se prefere ficar com os revoltosos, dane-se você. Embora, estou seguro, mudará de idéia quando os conhecer.

— Já conheci um deles — murmura Gall ligeiramente zombador — E, a propósito, importar-lhe-ia despachar-me desde a Bahia esta carta para a França? Está aberta, se ler francês comprovará que não há nela nada comprometedor para você.

Nasceu, como seus pais, avós e seu irmão Honório, no povoado cearense de Assaré, onde se dividiam as cabeças de gado que foram ao Jaguaribe e as que rumavam para o Vale do Cariri. No povoado todos eram agricultores ou vaqueiros, mas Antonio mostrou desde menino vocação de comerciante. Começou a fazer negócios nas classes de catecismo do Padre Matias (quem também lhe ensinou as letras e os números). Antonio vendia e comprava aos outros meninos peões, atiradeiras, bolas de vidro, cometas, tordos, canários, rãs cantoras e fazia tão bons lucros que, embora sua família não fosse próspera, ele e seu irmão eram vorazes consumidores dos doces do distribuidor Zuquieta. Diferentemente de outros irmãos, que andavam como cão e gato, os Vilanova eram unha e carne. Tratavam-se, muito a sério, de “compadres” .

Uma manhã, Adelinha Alencar, filha do carpinteiro de Assaré, despertou com febre alta. As ervas que queimou Dona Camuncha para exorcizar o dano não fizeram efeito e dias mais tarde Adelinha tinha o corpo erupcionado de grãos que a converteram, da mais linda, no ser mais repelente do povo. Uma semana depois havia meia dúzia de vizinhos delirando pela febre e com pústulas. O Padre Tobias rezou uma missa pedindo a Deus que pusesse fim à peste antes de cair, ele também, contagiado. Quase em seguida começaram a morrer os doentes, tanto que a epidemia se estendia, incontrolável. Quando os aldeãos, aterrados, dispunham-se a escapar, encontraram-se com que o coronel Miguel Fernández Vieira, chefe político do município e proprietário das terras que cultivavam e de quão ganhos faziam pastar, o proibia, para que não propagassem a varíola pela região. O coronel Vieira pôs capangas nas saídas com ordem de disparar ao que desobedecesse o bando.

Entre os poucos que conseguiram ir-se estiveram os Vilanova. A peste matou aos pais, a sua irmã Luz Maria, a um cunhado e a três sobrinhos. Depois de enterrar todos esses parentes, Antonio e Honório, moços fortes, com quinze anos, de cabelos encrespados e olhos claros, decidiram a fuga. Mas, em vez de enfrentar-se aos capangas a faca e bala, como outros, Antonio, fiel a sua vocação, convenceu-os de que, em troca de um novilho, uma arroba de açúcar e outra de rapadura, fizessem vista grossa. Partiram de noite, levando duas primas suas — Antonia e Assunção Sardelinha — e os bens da família: duas vacas, um burro de carga, uma mala de roupa e uma bolsinha com dez mil reis. Antonia e Assunção eram primas dos Vilanova por dupla parte e Antonio e Honório as tiveram piedade de seu desamparo, pois a varíola as deixou órfãs. Eram quase meninas e sua presença dificultou a marcha; não sabiam andar pela caatinga e mal agüentavam a sede. A pequena expedição, entretanto, atravessou a Serra do Araripe, deixou atrás Santo Antonio, Ouricuri, Petrolina e cruzou o rio São Francisco. Quando entraram em Joazeiro e Antonio decidiu que tentariam a sorte nesse povoado baiano, as duas irmãs estavam grávidas: Antonia de Antonio e Assunção de Honório.

No dia seguinte, Antonio começou a trabalhar enquanto Honório, ajudado pelas Sardelinhas, levantava um rancho. As vacas de Assaré as tinham vendido no caminho, mas conservavam o burro de carga e nele carregou Antonio um tacho de aguardente que foi vendendo, em

copinhos pela cidade. Nesse burro de carga e logo em outro e outros carregaria as mercadorias que, nos meses e anos seguintes, foi levando, ao princípio de casa em casa, depois pelos casarios do contorno e, finalmente, ao largo e ao longo dos sertões, que chegou a conhecer como sua mão. Comercializava bacalhau, arroz, legume, açúcar, pimenta, rapadura, panos, álcool e o que lhe encomendassem. Converteu-se em fornecedor de imensas fazendas e de pobres parceiros; suas caravanas se fizeram tão familiares como o Circo do Cigano nos povoados, as missões e os acampamentos. O armazém do Joazeiro, na Praça da Misericórdia, atendiam-no Honório e as Sardelinhas. antes de dez anos, dizia-se que os Vilanova estavam a caminho de ser ricos.

Então sobreveio a calamidade que, pela segunda vez, arruinaria à família. Em bons anos, as chuvas começavam em dezembro; em maus, em fevereiro ou março. Nesse ano, em maio não caíra gota de chuva. O São Francisco perdeu dois terços de seu caudal e logo não satisfazia as necessidades de Joazeiro, cuja população se quadruplicou com os retirantes do interior.

Antonio Vilanova não cobrou esse ano uma só dívida e todos seus clientes, donos de fazendas ou pobres moradores, cancelaram-lhe os pedidos. Até Calumbí, a melhor propriedade do Barão da Canabrava, fez-lhe saber que não lhe compraria nem um punhado de sal. Pensando tirar proveito da adversidade.

Antonio tinha enterrado os grãos em gavetas envoltas com lona para vendê-los quando a escassez pusesse os preços pelas nuvens. Mas a calamidade foi muito grande, inclusive para seus cálculos. Logo compreendeu que se não vendia, ao mesmo tempo, ficaria sem compradores, pois as pessoas gastavam o pouco que conservavam em missas, procissões e oferendas (e todo mundo queria incorporar-se à Irmandade de Penitentes, que se encapuzavam e flagelavam) para que Deus fizesse chover. Então, desenterrou suas gavetas: os grãos, face à lona, estavam podres. Mas Antonio nunca se sentia derrotado. Ele, Honório, as Sardelinhas e até os meninos — um dele e três de seu irmão — limparam os grãos como puderam e o pregoeiro anunciou à manhã seguinte, no Plaza Matriz, que por força maior o armazém dos Vilanova rematava o estoque. Antonio e Honório se armaram e puseram quatro serventes com paus à vista para evitar desmandos. A primeira hora tudo funcionou. As

Sardelinhas despachavam no mostrador enquanto os seis homens continham na porta às pessoas, deixando entrar no armazém só grupos de dez pessoas. Mas logo foi impossível conter à multidão que terminou por transbordar a barreira, derrubar portas e janelas e invadir o armazém. Em poucos minutos se apoderou de tudo o que havia dentro, incluído o dinheiro do caixa. O que não puderam levar pulverizaram.

A devastação não durou mais de meia hora e, embora as perdas fossem grandes, ninguém da família ficou maltratado. Honório, Antonio, as Sardelinhas e os meninos, sentados na rua, contemplaram como os saqueadores retiravam de que tinha sido o armazém melhor provido da cidade. As mulheres tinham os olhos chorosos e os meninos olhavam, pulverizados pela terra, os restos dos colchonetes onde dormiam, a roupa que ficavam e os objetos que jogavam. Antonio estava pálido. “Temos que começar de novo, compadre”, murmurou Honório. “Mas não neste povoado”, respondeu-lhe seu irmão.

Antonio não tinha ainda trinta anos completos. Mas, pelo excessivo trabalho, as fatigantes viagens, a maneira obsessiva com que levava seu negócio, parecia maior. Tinha perdido cabelo e a larga fronte, a barbicha e o bigode lhe davam um ar intelectual. Era forte, de ombros um pouco caídos, e andava com as pernas arqueadas, como um vaqueiro. Nunca demonstrou outro interesse que os negócios. Tanto que Honório ia às festas, e não lhe desgostava beber um copo de licor escutando um trovador; ou praticar com amigos, vendo passar pelo São Francisco as embarcações nas que começavam a aparecer máscaras de proa de cores vivas, ele não tinha vida social. Quando não estava de viagem, permanecia atrás do mostrador, verificando contas ou ideando novos artigos de atividade. Tinha muitos clientes, mas poucos amigos; embora o vissem aos domingos na Igreja de Nossa Senhora das Grutas; assistia alguma vez às procissões nas que os flagelantes da Irmandade se martirizavam para ajudar às almas do Purgatório, tampouco destacava por seu ardor religioso. Era um homem sério, sereno, tenaz, bem preparado para encarar a adversidade.

Desta vez, a peregrinação da família Vilanova, por seu território arrasado de fome e de sede, foi mais larga que a que tinha feito uma década atrás, fugindo da peste. Logo ficaram sem animais. Depois de

um primeiro choque com um partido de retirantes, a quem os irmãos tiveram que lhes disparar, Antonio decidiu que esses cinco burros de carga eram uma tentação muito grande para a faminta humanidade que perambulava pelos sertões. De modo que em Barro Vermelho vendeu quatro deles por um punhado de pedras preciosas. Mataram o outro, deram um banquete e salgaram a carne restante, com o que puderam sustentar-se vários dias. Um dos filhos de Honório morreu de disenteria e o enterraram em Borracha, onde tinham instalado um refúgio no que as Sardelinhas ofereciam sopas feitas de batata-doce de *imbuzeiro*, *mocó* e *xique-xique*. Mas tampouco puderam resistir muito ali e emigraram para Patamuté e Mato Verde, onde Honório foi picado por um escorpião. Quando curou, seguiram para o sul, angustiante percurso de semanas no que só encontravam povoados fantasmas, fazendas desertas, caravanas de esqueletos que ficaram à deriva, como alucinados.

Em Pedra Grande, outro filho de Honório e Assunção morreu de um simples catarro. Estavam enterrando-o, envolto em uma manta, quando, em meio de uma poeirada cor lacre, entraram num casario, uma vintena de homens e mulheres — havia entre eles um ser com cara de homem que andava a quatro patas e um negro seminu— a maioria com peles aderidas aos ossos, de túnicas puídas e sandálias que pareciam ter pisado em todos os caminhos do mundo. Conduzia-os um homem alto, moreno, com cabelos até os ombros e olhos de mercúrio. Foi diretamente para a família Vilanova e conteve com um gesto aos irmãos que já baixavam o cadáver à tumba. “Seu filho?”, perguntou ao Honório, com voz grave. Este assentiu. “Não o pode enterrar assim”, disse o moreno, com segurança. “Terá que prepará-lo e despedi-lo bem, a fim de que seja recebido na eterna festa do céu.” E antes que Honório repusera, voltou-se para seus acompanhantes: “vamos fazer-lhe um enterro decente, para que o Pai o receba alegre”. Os Vilanova, então, viram os peregrinos animarem-se, correndo para as árvores, cortando-as, cravando-as, fabricando uma gaveta e uma cruz com uma destreza que mostrava longa prática. O moreno pegou em seus braços ao menino e o meteu na gaveta. Enquanto os Vilanova preenchiam a tumba, o homem rezou em voz alta e os outros cantaram benditos e letanias, ajoelhados ao redor da cruz. Mais tarde, quando, logo depois de ter descansado sob as árvores, os peregrinos se dispunham a partir,

Antonio Vilanova tirou uma moeda e deu-a ao santo. “Para lhe mostrar nosso agradecimento”, insistiu, ao ver que o homem não a pegava e o olhava com brincadeira. “Não tem nada que me agradecer”, disse, por fim. “Mas ao Pai não poderia lhe pagar o que lhe deve nem com mil moedas como essa.” Fez uma pausa e acrescentou, brandamente: “Não aprendeu a somar filho”.

Os Vilanova permaneceram pensativos, tempo depois que os peregrinos partiram, sentados junto a uma fogueira que espantava aos insetos. “Era um louco, compadre?”, disse Honório. “Vi muitos loucos em minhas viagens e este parecia algo mais que um louco”, disse Antonio.

Quando voltou a água, depois de dois anos de seca e calamidades, os Vilanova estavam instalados na Caatinga do Moura, um casario perto do qual havia uma salina que Antonio começou a explorar. Todo o resto da família — as Sardelinhas e os dois meninos — tinha sobrevivido, mas o filho de Antonio e Antonia, logo depois de umas ramelas que esfregaram os olhos muitos dias, foi perdendo a vista e agora diferenciava o dia e a noite, mas não as caras das pessoas nem a natureza das coisas. A salina resultou um bom negócio. Honório, as Sardelinhas e os meninos passavam o dia secando o sal e preparando as bolsas que Antonio saía a vender. Fabricou-se uma carreta e ia armado com uma escopeta de dois canhões, em previsão de assaltos.

Permaneceram na Caatinga do Moura em torno de três anos. Com as chuvas, os moradores retornaram a trabalhar a terra e os vaqueiros a cuidar os dizimados gados e tudo isto significou, para o Antonio, o retorno da prosperidade. Além da salina, logo teve um armazém e começou a comercializar em cavalarias, que comprava e vendia com boa margem de ganho. Quando as chuvas diluviais desse dezembro — decisivo em sua vida — converteram o arroio que cruzava o povoado em uma corrente que levou as cabanas; afogou aves e cabritos; alagou a salina; e em uma noite enterrou sob muito lodo. Antonio encontrava-se na Feira Nordestina aonde tinha ido com um carregamento de sal e com a intenção de comprar mulas.

Voltou uma semana mais tarde. As águas tinham começado a baixar. Honório, as Sardelinhas e a meia dúzia de peões que agora trabalhavam para eles estavam desconsolados, mas Antonio tomou a nova catástrofe com calma. Revisou o que se salvou, fez cálculos em uma caderneta e levantou-lhes o ânimo dizendo-lhes que ficavam

abundantes dívidas por cobrar e que ele, como os gatos, tinha muitas vidas para sentir-se derrotado por uma inundação.

Todavia nessa noite não fechou os olhos. Estavam alojados em casa de um morador amigo, na colina onde se refugiaram todos os vizinhos. Sua mulher o sentiu mover-se na rede e a luz da lua lhe mostrou a cara de seu marido comida pela preocupação. À manhã seguinte, Antonio lhes comunicou que deviam alistar-se pois abandonavam Caatinga do Moura. Foi tão categórico que nem seu irmão nem as mulheres se atreveram a lhe perguntar por que. Logo depois de rematar o que não podiam levar, lançaram-se uma vez mais, com a carreta coberta de vultos, à incerteza dos caminhos. Num desses dias, ouviram de Antonio algo que os confundiu. “Foi o terceiro aviso — murmurou, com uma sombra no fundo das claras pupilas— Essa inundação nos mandaram para que façamos algo que não sei o que é.” Honório, como envergonhado, perguntou: “Um aviso de Deus, compadre?”. “Poderia ser do Diabo”, disse Antonio.

Pararam uma semana aqui, um mês lá, e cada vez que a família acreditava que arraigariam em um lugar, Antonio, impulsivamente, decidia partir. Essa busca de algo, ou alguém tão incerto, desassossegava-os, mas nenhum protestou pelas contínuas mudanças.

Por fim, depois de quase oito meses percorrendo os sertões, terminaram instalando-se em uma fazenda do Barão da Canabrava, abandonada da seca. O Barão levou seus gados e ficaram umas quantas famílias, disseminadas pelos arredores, cultivando pequenos lotes à beira do Vassa Barris e levando a pastar suas cabras à Serra da Canabrava, sempre verde. Por sua escassa população e por estar cercado dos montes, Canudos parecia o lugar menos indicado para um comerciante. Entretanto, logo que ocuparam a velha casa do administrador, que estava em ruínas, Antonio pareceu livrar-se de um peso. Imediatamente ficou a inventar negócios e a organizar a vida da família, com os antigos brios. E um ano depois, graças a seu empenho, o armazém dos Vilanova comprava e vendia mercadorias a dez léguas à redonda. Antonio viajava outra vez constantemente.

Todavia, no dia em que os peregrinos apareceram nas ladeiras de Cambaio e entraram pela única rua de Canudos cantando louvores ao Bom Jesus com toda a força de seus pulmões, achava-se em casa. Do corrimão da antiga administração, convertida em moradia-armazém,

viu aproximar-se desses seres ferventes. Seu irmão, sua mulher, sua cunhada advertiram que empalidecia quando o homem de arroxeados, que encabeçava a procissão, avançou para ele. Reconheceram os olhos incandescentes, a voz cavernosa, a fraqueza. “Já aprendeu a somar?”, disse o santo, com um sorriso, estirando a mão ao mercado. Antonio Vilanova caiu de joelhos para beijar os dedos do recém vindo.

Em minha carta anterior lhes falei, companheiros, de uma rebelião popular no interior do Brasil, da que tive notícia através de uma testemunha prejudgada (um capuchinho). Hoje posso lhes comunicar um testemunho melhor sobre Canudos, o de um homem vindo da revolta, que percorre as regiões sem dúvida com a missão de recrutar partidários. Posso, também, lhes dizer algo emocionante: houve um choque armado e os jagunços derrotaram a cem soldados que pretendiam chegar à Canudos. Não se confirmam os indícios revolucionários? Em certo modo sim, mas de maneira relativa, a julgar por este homem, que dá uma impressão contraditória destes irmãos: intuições certas e ações corretas se mesclam neles com superstições inverossímeis.

Escrevo de um povo cujo nome não devem saber, uma terra onde as servidões morais e físicas das mulheres são extremas, pois as oprimem o patrão, o pai, os irmãos e o marido. Aqui, o latifundiário escolhe as esposas de seus próximos e as mulheres são golpeadas em plena rua por pais irascíveis ou maridos bêbados, ante a indiferença geral. Um motivo de reflexão, companheiros: assegurar-se que a revolução não só suprima a exploração do homem pelo homem, mas também, a da mulher pelo homem e estabeleça, ao mesmo tempo, a igualdade de classes, a de sexos.

Soube que o emissário de Canudos tinha chegado a este lugar por um guia que é também tigrino ou caçador de sucuaranas (belos ofícios: explorar o mundo e acabar com os predadores do rebanho), graças ao qual consegui, também, vê-lo. A entrevista teve lugar em um curtume, entre couros que se secavam ao sol e uns meninos que jogavam com lagartixas. Meu coração pulsou com força ao ver o

homem: baixo e maciço, com essa palidez entre amarela e cinza que vem aos mestiços de seus ancestrais indígenas, e uma cicatriz na cara que me revelou, a simples vista, seu passado de capanga de bandido ou de criminoso (em todo caso, de vítima, pois, como explicou Bakunin, a sociedade prepara os crimes e os criminosos são só os instrumentos para executá-los). Vestido de couro — assim o fazem os vaqueiros para cavalgar pela espinhosa campina— levava o chapéu posto e uma escopeta. Seus olhos eram afundados e casmurros e suas maneiras oblíquas, evasivas, o que é aqui freqüente. Não quis que falássemos a sós. Tivemos que fazê-lo diante do dono do curtume e de sua família, que comiam no chão, sem nos olhar. Disse-lhe que era um revolucionário, que no mundo havia muitos companheiros que aplaudiam o que eles tinham feito em Canudos, quer dizer tomar as terras de um feudal, estabelecer o amor livre e derrotar a uma tropa. Não sei se me entendeu. A gente do interior não é como a da Bahia, a que a influência africana deu loquacidade e exuberância. Aqui as caras são inexpressivas, máscaras, cujas funções parecem ser a de ocultar os sentimentos e os pensamentos.

Perguntei-lhe se estavam preparados para novos ataques, pois a burguesia reage como fera quando se atenta contra a sacrossanta propriedade privada. Deixou-me de uma peça murmurando que o dono de todas as terras é o Bom Jesus e que, em Canudos, o Conselheiro está erigindo a Igreja maior do mundo. Tratei de lhe explicar que não era porque construía igrejas que o poder tinha enviado soldados contra eles, mas me disse que sim, que era precisamente por isso, pois a República quer exterminar a religião. Estranha diatribe a que ouvi então, companheiros, contra a República, proferida com tranqüila segurança, sem indício de paixão. A República se propõe oprimir à Igreja e aos fiéis, acabar com todas as ordens religiosas como o fez já com a Companhia de Jesus e a prova mais flagrante de seu intuito é ter instituído o matrimônio civil, escandalosa impiedade quando existe o sacramento do matrimônio criado por Deus.

Imagino a decepção de muitos leitores e suas suspeitas, ao ler o anterior, de que Canudos, como a Vendée quando a Revolução, é um movimento retrógrado, inspirado pelos padres. Não é tão simples, companheiros. Já sabem, por minha carta anterior, que a Igreja condena ao Conselheiro e à Canudos e que os jagunços lhe

arrebataram as terras a um Barão. Perguntei ao da cicatriz se os pobres do Brasil estavam melhor quando a monarquia. Repô-me no ato que sim, pois era a monarquia a que tinha abolido a escravidão. E me explicou que o diabo, através dos maçons e dos protestantes, derrocou ao Imperador Pedro II para restaurá-la. Como o ouvem: o Conselheiro inculcou a seus homens que os republicanos são escravistas. (Uma maneira sutil de ensinar a verdade, não é certo?, pois a exploração do homem pelos donos do dinheiro, base do sistema republicano, não é menos escravidão que a feudal.) O emissário foi categórico: “Os pobres sofreram muito, mas, se acabou: não responderemos as perguntas do censo porque o que elas pretendem é reconhecer aos libertos para lhes pôr outra vez algemas e devolvê-los à seus amos”. “Em Canudos ninguém paga os tributos da República porque não a reconhecemos nem admitimos que se atribua funções que correspondem a Deus.” Que funções, por exemplo? “Casar aos casais ou cobrar o dízimo.” Perguntei o que ocorria com o dinheiro em Canudos e me confirmou que só aceitavam o que leva a cara da Princesa Isabel, quer dizer o do Império, mas, como este já quase não existe, na realidade o dinheiro está desaparecendo. “Não se necessita, porque em Canudos os que têm, dão aos que não têm, e os que podem trabalhar, trabalham pelos que não podem.”

Disse-lhe que abolir a propriedade e o dinheiro e estabelecer uma comunidade de bens, faça-se em nome do que for, até no de abstrações refrigerantes, é um pouco atrevido e valioso para os deserdados do mundo, um começo de redenção para todos. E que essas medidas desencadearão contra eles, cedo ou tarde, uma dura repressão, pois a classe dominante jamais permitirá que estenda semelhante exemplo: neste país há pobres de sobra para tomar todas as fazendas. São conscientes o Conselheiro e os seus das forças que estão instigando? Olhando-me nos olhos, sem pestanejar, o homem me recitou frases absurdas, das que lhes dou uma demonstração: os soldados não são a força a não ser a fraqueza do governo, quando fizer falta as águas do rio Vassa Barris tomarão leite e em seus barrancos cuzcuz de milho, e os jagunços mortos ressuscitarão para estar vivos quando aparecer o Exército do Rei Dom Sebastião (um rei português que morreu na África, no século XVI).

São estes diabos, imperadores e fetiches religiosos as peças de uma estratégia de que se vale o Conselheiro para lançar aos humildes pelo caminho de uma rebelião que, nos fatos — diferente das palavras — é acertada, pois os impulsionou a insurgir contra a base econômica, social e militar da sociedade classista? São os símbolos religiosos, míticos, dinásticos, os únicos capazes de sacudir a inércia de massas submetidas faz séculos à tirania supersticiosa da Igreja e por isso os utiliza o Conselheiro? Ou é tudo isto obra do azar? Nós sabemos, companheiros, que não existe o azar na história, que, por arbitrária que pareça, há sempre uma racionalidade encoberta detrás da mais confusa aparência. Imagina o Conselheiro o transtorno histórico que está provocando? Trata-se de um intuitivo ou de um ardiloso? Nenhuma hipótese é descartável e, menos que outras, a de um movimento popular espontâneo, impremeditado. A racionalidade está gravada na cabeça de todo homem, até a do mais inculto, e, dadas certas circunstâncias, pode guiá-lo, por entre as nuvens dogmáticas que velem seus olhos ou os prejuízos que empanem seu vocabulário, a atuar na direção da história. Alguém que não era dos nossos, Montesquieu, escreveu que a sorte ou a desdita consistem em uma certa disposição de nossos órgãos. Também a ação revolucionária pode nascer desse mandato dos órgãos que nos governam, até antes de que a ciência eduque a mente dos pobres. É o que ocorre no sertão baiano? Isto só se pode verificar na própria Canudos. Até a próxima ou até sempre.

VI

A vitória de Uauá foi celebrada em Canudos com dois dias de festejos. Houve fogos e fogos preparados pelo Antonio, o Fogueteiro, e o Beato organizou procissões que percorreram os meandros de barracões que tinham brotado na fazenda. O Conselheiro pregava cada entardecer de um andaime do Templo. Ao Canudos aguardavam provas mais duras, não teriam que se deixar derrotarem pelo medo, o Bom Jesus ajudaria aos que tivessem fé. Um tema freqüente continuava o fim do mundo. A terra, cansada depois de tantos séculos de produzir plantas, animais e de dar casaco ao homem, pediria ao Pai poder descansar. Deus consentiria e começariam as destruições. Era isso o que indicavam as palavras da Bíblia: “Não devo estabelecer a harmonia! Vim para atizar um incêndio!”.

Assim, enquanto, na Bahia, as autoridades, criticadas sem piedade pelo *Jornal de Notícias* e o Partido Republicano Progressista pelos acontecimentos de Uauá, organizavam uma segunda expedição seis vezes mais numerosa que a primeira e a proviam de dois canhões *Krupp*, calibre 7,5 e de duas metralhadoras *Nordenfelt* e, ao mando do Major Febrônio de Brito, despachavam-na por trem para Queimadas, para que logo seguisse a pé, a castigar aos jagunços, estes, em Canudos, preparavam-se para o Julgamento Final. Alguns impacientes, com o pretexto de apurá-lo ou de ganhar na terra o descanso, saíram a semear a desolação. Enfurecidos de amor prendiam fogo às construções dos matos e caatingas que separavam à Canudos do mundo. Para salvar suas terras, muitos fazendeiros e camponeses lhes faziam presentes; entretanto, arderam bom número de ranchos, currais, casas abandonadas, refúgios de pastores e guaridas de foragidos. Foi preciso que José Venâncio, Pajeú, João Abade, João Grande, os Macambira saíssem a conter esses exaltados que queriam dar repouso à natureza carbonizando-a e que o Beato, a Mãe dos Homens, o Leão de Natuba, explicassem-lhes que tinham interpretado mal os conselhos do santo.

Tampouco nestes dias, face aos novos peregrinos que chegavam, Canudos passou fome. Maria Quadrado levou para viver com ela ao Santuário, um grupo de mulheres —que o Beato chamou: o Coro Sagrado — para que a ajudassem a sustentar ao Conselheiro quando os jejuns lhe dobravam as pernas, e a lhe dar de comer os escassos pedaços que comia, e a lhe servir de couraça para que não o esmagassem quão romeiros queriam tocá-lo e o acossavam-lhe pedindo que intercedesse ante o Bom Jesus pela filha cega, o filho inválido ou o marido desaparecido. Enquanto isso, outros jagunços se ocupavam de procurar sustento à cidade e de sua defesa. Tinham sido escravos silvestres, como João Grande, ou cangaceiros com muitas mortes em seu histórico como Pajeú ou João Abade, e eram agora homens de Deus. Mas, continuavam homens práticos, atentos ao terrestre, sensíveis à fome e à guerra, e foram eles quem, como tinham feito em Uauá, tomaram a iniciativa. Uma vez que continham às turfas de incendiários, tocavam para Canudos cabeças de gado, cavalos, mulas, asnos, cabritos que as fazendas se resignavam a doar ao Bom Jesus, e despachavam aos armazéns do Antonio e Honório Vilanova as farinhas, os grãos, as roupas e, sobretudo, as armas que reuniam em suas incursões. Em poucos dias, Canudos se encheu de recursos. Ao mesmo tempo, solitários enviados percorriam os sertões, como profetas bíblicos, e baixavam até o litoral incitando às pessoas a partir para Canudos para combater junto aos escolhidos contra essa invenção do Cão: a República. Eram uns curiosos emissários do céu, que, em vez de vestir túnicas, levavam calças e camisas de couro e cujas bocas cuspiam os palavrões da gente ruim e a quem todos conheciam porque tinham compartilhado com eles luto e miséria até que um dia, roçados pelo anjo, foram-se à Canudos. Eram os mesmos, levavam as mesmas facas, carabinas, facões; entretanto, eram outros, pois agora só falavam do Conselheiro, de Deus ou do lugar de onde vinham com uma convicção e um orgulho contagiosos. As pessoas davam-lhes hospitalidade, escutavam-os e muitos, sentindo esperança pela primeira vez, faziam um maço com suas coisas e partiam.

As forças do Major Febrônio de Brito estavam já em Queimadas. Eram quinhentos e quarenta e três soldados, quatorze oficiais e três médicos selecionados nos três batalhões de Infantaria da Bahia — o 9º, o 26º e o 33º — aos que a pequena localidade recebeu com discurso de Prefeito, missa na Igreja do Santo Antonio, sessão no

Conselho Municipal e feriado para que os aldeãos gozassem do desfile com rufo de tambor ao redor do Plaza Matriz. Antes de que começasse o desfile, já tinham partido para o Norte mensageiros espontâneos que levavam à Canudos o número de soldados e armas da Expedição e seu plano de viagem. As notícias não causaram surpresa. Como podia surpreendê-los que a realidade confirmasse o que Deus lhes tinha anunciado por boca do Conselheiro? A única novidade era que os soldados viriam desta vez pelo rumo do Cariará, a Serra do Acarí e o Vale dos Ipueiras. João Abade sugeriu a outros cavar trincheiras, conduzir pólvora e projéteis e a postar gente nas ladeiras de Cambaio, pois por ali teriam que passar, forçosamente, os protestantes.

O Conselheiro parecia no momento mais preocupado por apurar a construção do Templo do Bom Jesus que pela guerra. Seguia dirigindo os trabalhos do amanhecer, mas estes se atrasavam por culpa das pedras: teria que conduzir das pedreiras cada vez mais afastadas e subir às torres era tarefa difícil em que, às vezes, rompiam-se as cordas e os pedrões se levavam de encontro aos andaimes e operários. E, às vezes, o santo ordenava derrubar um muro já levantado e erigi-lo mais à frente ou retificar umas janelas porque uma inspiração lhe dizia que não estavam orientados na direção do amor. Via-o circular entre a gente, rodeado do Leão de Natuba, do Beato, da Maria Quadrado e das devotas do Coro que estavam batendo constantemente as mãos para espantar às moscas que vinham a perturbá-lo. Diariamente chegavam à Canudos três, cinco, dez famílias ou grupos de peregrinos, com suas minúsculas manadas de cabras e suas carretas, e Antonio Vilanova lhes designava um oco no labirinto de moradias para que levantassem a sua. Cada tarde, antes dos conselhos, o santo recebia, dentro do Templo ainda sem teto, aos recém chegados. Eram encaminhados para ele pelo Beato, através da massa de fiéis, e embora o Conselheiro tratava de impedir dizendo-lhes: “Deus é outro”, tombavam-se à seus pés para beijar-lhe ou tocar sua túnica enquanto ele os benzia, olhando-os com esse olhar que dava a impressão de estar olhando sempre mais à frente. Em um momento dado, interrompia a cerimônia de bem-vinda, ficando de pé, e então lhe abriam caminho até a escada que subia aos andaimes. Pregava com rouca voz, sem mover-se, sobre os temas de sempre: a superioridade

do espírito, as vantagens de ser pobre e frugal, o ódio aos ímpios e a necessidade de salvar à Canudos para que fosse refúgio de justos.

As pessoas o escutavam ofegantes, convencidas. A religião enchia agora seus dias. À medida que surgiam, as tortuosas ruazinhas, eram batizadas com o nome de um santo, em uma procissão. Havia, em todos os rincões, nichos as imagens da Virgem, do Menino, do Bom Jesus e do Espírito Santo; cada bairro e ofício levantava altares a seu santo protetor. Muitos dos recém vindos trocavam de nome, para simbolizar assim a nova vida que começavam. Mas às práticas católicas se enxertavam às vezes, como plantas parasitas, costumes duvidosos. Assim, alguns mulatos ficavam a dançar quando rezavam e se dizia que, sapateando com frenesi sobre a terra, acreditavam que expulsariam os pecados com o suor. Os negros foram-se agrupando no setor norte de Canudos, um monte de choças de barro e palha que seria conhecida mais tarde como o Mocambo. Os índios de Mirandela, que surpreendentemente, vieram instalar-se à Canudos, preparavam à vista de todos cozimentos de ervas que despediam um forte aroma e que os punham em êxtase. Além de romeiros vieram, é óbvio, milagreiros, marreteiros, salvavidas curiosos. Pelas cabanas que se encostavam umas em outras, viam-se mulheres que liam as mãos, pícaros que se vangloriavam de falar com os mortos e trovadores que, como os do Circo do Cigano, ganhavam o sustento cantando romances ou cravando-se alfinetes. Certos curandeiros pretendiam curar todos os males com poções medicinais ou mágicas de jurema e emanar alguns beatos, presas de delírio de contrição, declamavam a voz em pescoço seus pecados e rogavam a quem os ouvia lhes impondo penitências. Um grupo de gente do Joazeiro começou a praticar em Canudos os ritos da Irmandade de Penitentes dessa cidade: jejum, abstinência sexual, flagelações públicas. Embora o Conselheiro respirava a mortificação e o ascetismo — o sofrimento, dizia, robustece a fé — terminou por alarmar-se e pediu ao Beato que passasse revista aos romeiros a fim de evitar que com eles entrassem a superstição, o fetichismo ou qualquer impiedade disfarçada de devoção.

A diversidade humana coexistia em Canudos sem violência, em meio de uma solidariedade fraterna e um clima de exaltação que os escolhidos não tinham conhecido. Sentiam-se verdadeiramente ricos, de serem pobres, filhos de Deus, privilegiados, como os dizia cada

tarde o homem do manto cheio de buracos. No amor para ele, pelo resto, cessavam as diferenças que podiam separá-los: quando se tratava do Conselheiro essas mulheres e homens que tinham sido centenas e começavam a ser milhares tornavam-se um só ser submisso e reverente, disposto a dar tudo por quem tinha sido capaz de chegar até sua prostração, sua fome e seus piolhos para lhes infundir esperanças e orgulhar do seu destino. Face à multiplicação de habitantes a vida não era caótica. Os emissários e romeiros traziam ganhos e provisões; os currais estavam repletos; assim como, depósitos e o Vassa Barris felizmente tinha água para as chácaras. Tanto que João Abade, Pajeú, José Venâncio, João Grande, Pedrão e outros preparavam a guerra, Honório e Antonio Vilanova administravam a cidade: recebiam as oferendas dos romeiros; distribuía lotes; mantimentos e roupas; vigiavam as Casas de Saúde para doentes, anciões e órfãos. À eles chegavam as denúncias quando havia brigas na vizinhança por causa de propriedade.

Diariamente chegavam notícias do Anticristo. A Expedição do Major Febrônio de Brito continuava de Queimadas à Monte Santo, lugar que profanou ao entardecer de 29 de dezembro, diminuída de um cabo de linha morto a consequência da picada de um crótalo. O Conselheiro explicou, sem animação, o que ocorria. Não era acaso uma blasfêmia, uma abominação, que homens com armas de fogo e propósitos destruidores acampassem em um santuário que atraía peregrinos de todo o mundo? Mas Canudos, a que essa noite chamou Belo Monte, não devia ser pisada pelos ímpios. Exaltando-se, urgiu-os a não render-se aos inimigos da religião, que queriam mandar de novo aos escravos às armadilhas, exaurir aos moradores com impostos, impedir-lhes de casarem-se; e se enterrassem pela Igreja; confundi-los com armadilhas como o sistema métrico, o mapa estatístico e o censo, cujo verdadeiro intuito era enganá-los e fazê-los pecar. Todos velaram essa noite, com as armas que tinham ao alcance da mão. Os maçons não chegaram. Estavam em Monte Santo, reparando os dois canhões *Krupp*, desfocados pelo abrupta terra e aguardando um reforço. Quando, duas semanas mais tarde, partiram em colunas em direção à Canudos, pelo Vale do Cariará, toda a rota que seguiriam estava semeada de espiões, apostados em covas de cabritos, na manobra da caatinga ou em socavas dissimuladas com o cadáver de uma cabeça de gado cuja caveira se

converteu em atalaia. Velocíssimos mensageiros levavam à Canudos notícias dos avanços e tropeços do inimigo.

Quando soube que a tropa, depois de enormes dificuldades para arrastar os canhões e metralhadoras, tinha chegado por fim ao Mulungú e que, impelidos pela fome, viram-se obrigados a sacrificar a última cabeça de gado e duas mulas de arrasto, o Conselheiro comentou que o Pai não devia estar descontente com Canudos quando começava a derrotar aos soldados da República antes de que se iniciou a briga.

— Sabe como se chama o que fez seu marido? — silaba Galileo Gall, com a voz rota pela contrariedade— Uma traição. Não, duas traições. A mim, com quem tinha um compromisso. E à seus irmãos de Canudos. Uma traição de classe.

Jurema lhe sorri, como se não entendesse ou não o escutasse. Está fazendo ferver algo, inclinada sobre o fogão. É jovem, de rosto firme e brunido, leva os cabelos soltos, vestida com uma túnica sem mangas, descalça e seus olhos ainda estão coalhados do sonho do que a arrancou a chegada de Gall, pára um momento. Uma débil luz de amanhecer se insinua na cabana por entre as estacas. Há um acendedor e, em um rincão, uma fileira de galinhas dormindo entre vasilhas, trastes, montes de lenha, gavetas e uma imagem de Nossa Senhora de Marisco. Um cão lanzudo ronda aos pés de Jurema e embora ela o afaste chutando-o ele volta para a carga. Sentado em uma rede, incitado pelo esforço que foi viajar toda a noite ao ritmo do desembainhado que o trouxe de volta à Queimadas com as armas, Galileo a observa, iracundo. Jurema vai para ele com uma tigela fumegante. Entrega-lhe.

—Disse que não ia com os da Ferrovia de Jacobina —murmura Gall, com a tigela entre as mãos, procurando os olhos da mulher— Por que mudou de opinião?

—Não ia, porque não queriam lhe dar o que lhes pediu —replica Jurema, com suavidade, soprando a tigela que fumega em suas mãos — Trocou porque vieram a lhe dizer que o dariam. Ele foi ontem à Pensão Nossa Senhora das Graças para buscá-lo e você se foi, sem dizer aonde, nem se voltaria. Rufino não podia perder esse trabalho.

Galileo suspira, afligido. Opta por beber um gole de sua tigela, queima-se o paladar, sua cara se torce em uma careta. Bebe outro

sorvo, soprando. O cansaço e o desgosto enrugaram sua testa e há olheiras ao redor de seus olhos. De tanto em tanto, remói-se o lábio inferior.

— Quanto vai durar essa maldita viagem? — grunhe por fim, sorvendo a tigela.

— Três ou quatro dias — Jurema se sentou frente a ele, ao fio de um velho baú com correias— Disse que você o podia esperar e que, a sua volta, levaria à Canudos.

— Três ou quatro dias — Gall revolve os olhos, com exasperação— Três ou quatro séculos, quis dizer.

Ouvia-se o tinido dos guizos, fora, e o cão lanzudo ladra com força e se lança contra a porta, querendo sair. Galileo se incorpora, vai para as estacas e olha o exterior: a carroça está onde o deixou, junto ao curral contíguo à cabana, no que há uns quantos carneiros. Os animais têm os olhos abertos mas estão agora quietos e cessou o ruído dos guizos. A moradia coroa um promontório e quando há sol se vê Queimadas; mas neste amanhecer cinza, de céu encapotado, não, só o deserto ondulante e pedregoso. Galileo volta para seu assento. Jurema enche-lhe outra vez a tigela. O cão lanzudo ladra e escava a terra, junto à porta.

“Três ou quatro dias”, pensa Gall. Três ou quatro séculos nos que podem ocorrer mil percalços. Procurará outro guia? Partirá sozinho à Monte Santo e contratará ali um pistoleiro para o Canudos? Algo, salvo ficar aqui com as armas: a impaciência voltaria a espera insuportável e, além disso, podia ocorrer, como temia Epaminondas Gonçalves, que chegasse antes à Queimadas a Expedição do Major Brito.

— Não foi você o culpado de que Rufino se foi com os da Ferrovia de Jacobina? — murmura Gall. Jurema está apagando o fogo, com uma fortificação — Você nunca gostou da idéia de que Rufino me levasse à Canudos.

— Nunca eu gostei — reconhece ela, com tanta segurança que Galileo sente, por um momento, que se eclipsa sua cólera e vontade de rir. Mas ela está muito séria e olha-o sem pestanejar. Sua cara é alargada, sob sua pele tirante ressaltam os ossos das maçãs do rosto e do queixo. Serão assim, salientes, nítidos, loquazes, delatores, os que ocultam seus cabelos?— Mataram a esses soldados em Uauá —

acrescenta Jurema — Todos dizem que irão mais soldados à Canudos. Não quero que o matem, ou que o levem preso. Ele não poderia estar preso. Precisa mover-se todo o tempo. Sua mãe lhe diz: “Tem o mal de São Vito”.

— O mal de São Vito — diz Gall.

— Esses que não podem estar quietos — explica Jurema — Esses que andam dançando.

O cão ladra outra vez com fúria. Jurema vai até a porta da cabana, abre-a e o faz sair, empurrando-o com o pé. Escutam-se os latidos, fora, e, de novo, o tinido dos guizos. Galileo, com expressão fúnebre, segue o deslocamento de Jurema, que volta junto ao fogão e remove as brasas com um ramo. Um halo de fumaça se dissolve em espirais.

— Mas, além disso, Canudos é do Barão e o Barão sempre nos ajudou — diz Jurema — Esta casa, esta terra, estes carneiros agradecemos ao Barão. Você defende aos jagunços, quer ajudá-los. Levá-lo à Canudos é como ajudá-los. Você crê que o Barão gostaria que Rufino ajudasse aos ladrões de sua fazenda?

— Claro que não gostaria — grunhe Gall, com ironia. O toque de campainha dos carneiros irrompe de novo, mais forte, e, sobressaltado, Gall se levanta e vai de dois limiares até as estacas. Olha fora: começam a perfilar as árvores na extensão esbranquiçada, as matas de cactos, as manchas de rochas. Ali está a carroça, com seus vultos envoltos em uma lona de cor do deserto, e a seu lado, atada a uma estaca, a mula.

— Você acredita que ao Conselheiro o mandou à Bom Jesus? — diz Jurema — Crê nas coisas que ele anuncia? Que o mar será sertão e o sertão mar? Que as águas do rio Vassa Barris se voltarão leite e os barrancos cuzcuz de milho para que os pobres comam?

Não há nem pingo de brincadeira em suas palavras e tampouco em seus olhos quando Galileo Gall a olha, tratando de adivinhar por sua expressão como toma ela esses falatórios. Não o averigua: a cara brunida, alargada, aprazível, é, pensa, tão inescrutável como a de um indígena ou um chinês. Ou como a do emissário de Canudos com o que se entrevistou no curtume de Itapicurú. Também era impossível saber, observando sua cara, o que sentia ou pensava aquele homem lacônico.

— Nos mortos de fome o instinto costuma ser mais forte que as crenças — murmura, depois de apurar até o final o líquido da tigela, esquadrinhando as reações de Jurema— Podem acreditar disparates, ingenuidades, tolices. Não importa. Importa o que fazem. Aboliram a propriedade, o matrimônio, as hierarquias sociais, rechaçando a autoridade da Igreja e do Estado, aniquilando a uma tropa. Enfrentaram-se à autoridade, ao dinheiro, ao uniforme, à batina.

A cara de Jurema não diz nada, não se move nela um músculo; seus olhos escuros, levemente rasgados, olham-no sem curiosidade, sem simpatia, sem surpresa. Tem uns lábios que se franzem nas comissuras, úmidos.

— Retomaram a luta onde a deixamos, embora eles não saibam. Estão ressuscitando a Idéia — diz ainda Gall, perguntando-se o que pode estar pensando Jurema do que ouviu — É por isso que estou aqui. É por isso que quero ajudá-lo.

Ofega, como se tivesse falado aos gritos. Agora, a fadiga dos dois últimos dias, agravada pela decepção que sentou ao descobrir que Rufino não está em Queimadas, volta a apoderar-se de seu corpo e o desejo de dormir, de estirar-se, de fechar os olhos, é tão grande que decide tombar umas horas sob a carroça. Ou poderia fazê-lo aqui, talvez, nesta rede? Parecerá escandaloso a Jurema que o peça?

— Esse homem que veio de lá, que mandou o santo, ao que você viu, sabe quem era? — Ouviu-a dizer— Era Pajeú. — E, como Gall não se impressiona, acrescenta, desconcertada — Não ouviu falar do Pajeú? O mais malvado de todo o sertão. Vivia roubando e matando. Cortava narizes e as orelhas dos que tinham a má sorte de encontrar-lhe nos caminhos.

O tinido dos guizos brota outra vez, simultaneamente com os ansiosos latidos na porta da cabana e o relincho da mula. Gall está recordando ao emissário de Canudos, a cicatriz que lhe comia a cara, sua estranha quietude, sua indiferença. Cometeu um engano, talvez, não lhe confiando as armas? Não, pois não podia mostrar-lhe então: não lhe acreditaria, teria aumentado sua desconfiança, teria posto em perigo todo o projeto. O cão ladra fora, frenético, e Gall vê que Jurema agarra a fortificação com que apagou o fogo e vai depressa para a porta. Distraído, pensando sempre no emissário de Canudos, dizendo-se que se soubesse que se tratava de um ex-bandido talvez

teria sido mais fácil dialogar com ele, olha Jurema lutar com a tranqueira, levantá-la, e nesse instante algo sutil, um ruído, uma intuição, um sexto sentido, o azar, dizem-lhe o que vai ocorrer. Porque, quando Jurema é subitamente arrojada para trás pela violência com que se abre a porta — empurrada ou chutada de fora — e a silhueta do homem armado de uma carabina se desenha na soleira, Galileo já tirou seu revólver e está apontando ao intruso. O estrondo da carabina acorda às galinhas do rincão, que revoam espavoridas enquanto Jurema, que caiu ao chão sem que a bala a tocasse, reclama. O atacante, ao ver os pés de uma mulher, vacila, demora uns segundos em encontrar ao Gall entre a revoada espantado das galinhas e quando dirige a carabina para ele, Galileo já lhe disparou, olhando-o com expressão estúpida. O intruso solta a carabina e retrocede, bufando. Jurema grita de novo. Galileo reage por fim e corre para a carabina. inclina-se a agarrá-la e então divisa, pelo oco da porta, ao ferido que se retorce no chão, queixando, a outro homem que se aproxima correndo com a carabina levantada e gritando algo ao ferido, e mais atrás um terceiro homem amarrando a carroça das armas a um cavalo. Quase sem apontar, dispara. Quem vinha correndo dá um tropeção, roda por terra rugindo e Galileo lhe volta a disparar. Pensa: “Ficam duas balas”. Jurema vai a seu lado, empurrando a porta, vê fechá-la, baixar a tranqueira e escapulir-se ao fundo da moradia. Fica de pé perguntando-se em que momento caiu ao chão. Está cheio de terra, batendo os dentes e apura o revólver com tanta força que lhe doem os dedos. Espiando por entre as estacas: a carreta das armas se perde ao longe, em uma poeirada, e, frente à cabana, o cão ladra frenético aos dois homens feridos que estão serpenteando para o curral dos carneiros. Apontando-lhes, dispara as duas últimas balas de seu revólver e parece ouvir um rugido humano em meio dos latidos e dos guizos. Sim, alcançou-os: estão imóveis, a meio caminho entre a cabana e o curral. Jurema segue chiando e as galinhas cacarejam enlouquecidas, voam em todas as direções, derrubam objetos, estrelam-se contra as estacas, contra seu corpo. Afasta à tapas e volta a espiar, a direita e a esquerda. A não ser por esses corpos semimontados um em cima do outro dir-se-ia que não ocorreu nada. Resfolegando, arrasta-se entre as galinhas até a porta. Divisa, pelas ranhuras, a paisagem solitária, os corpos que formam um gancho de ferro. Pensa: “levaram-se os fuzis”. Pensa: “Pior seria estar morta”. Ofega, com os olhos muito

abertos. Por fim, abre a tranqueira e empurra a porta. Nada, ninguém.

Meio encolhido, corre para onde estava a carroça, ouvindo o tinido dos carneiros que dão voltas e se cruzam e descruzam entre os paus do curral. Sente a angústia no estômago, na nuca: um ventania de pó se perde no horizonte, na direção do Riacho das Onze. Respira fundo, passa a mão pela barbicha avermelhada; seus dentes continuam entrechocando-se. A mula, atada no tronco, vadia, beatificamente. Retorna para a moradia, devagar. Detém-se ante os corpos cansados: já são cadáveres. Examina as caras desconhecidas, torradas, as caretas que as crispam. De repente, sua expressão se avinagra em um acesso de raiva e começa a chutar as formas inertes, com ferocidade, resmungando injúrias. Sua ira contagia ao cão, que ladra, salta e mordisca as sandálias dos dois homens. Por fim, Galileo se calma. Retorna à cabana arrastando os pés. Recebe-o um revôo de galinhas que o faz elevar as mãos e proteger a cara. Jurema está no centro da habitação: uma silhueta trêmula, a túnica rota, a boca entreaberta, os olhos cheios de lágrimas, os cabelos revoltos. Olha aniquilada a desordem que reina em torno, como se não compreendesse o que ocorre em sua casa, e, ao ver o Gall, corre para ele e se abraça contra seu peito, balbuciando palavras que ele não entende. Fica rígido, com a mente em branco. Sente à mulher contra seu peito, olha com desconcerto, com medo, esse corpo que se junta ao dele, esse pescoço que palpita sob seus olhos. Sente seu aroma e obscuramente atina a pensar: “É o aroma de uma mulher”. Suas têmporas fervem. Fazendo um esforço eleva um braço, rodeia Jurema pelos ombros. Solta o revólver que ainda conservava e seus dedos alisam com estupidez os cabelos alvoroçados: “Queriam matar-me”, sussurra ao ouvido de Jurema. “Já não há perigo, já levaram o que queriam.” A mulher vai serenando. Cessam seus soluços, o tremor de seu corpo, suas mãos soltam ao Gall. Mas ele a deixa sempre sujeita, acaricia-lhe sempre os cabelos e, quando Jurema tenta afastar-se, retém-na, “*Don't be afraid*”, sílaba, pestanejando depressa, “*They are gone. They...*” Algo novo, equívoco, urgente, intenso, apareceu em seu rosto, algo que cresce por instantes e logo parece consciente. Tem os lábios muito perto do pescoço de Jurema. Ela dá um passo atrás, com força, ao mesmo tempo que cobre o peito. Agora, faz esforços por desprender-se de

Gall, mas este não a solta, e enquanto a sujeita, sussurra várias vezes a mesma frase que ela não pode entender: “*Don’t be afraid, don’t be afraid*”. Jurema golpeia-o com ambas as mãos, arranha-o, consegue escapar e escapa. Mas Galileo corre atrás dela pela habitação, alcança-a, captura-a e, depois de tropeçar com o velho baú, cai com ela ao chão. Jurema esperneia, luta com todas suas forças, mas sem gritar. Só se escuta o ofego entrecortado de ambos, o rumor da resistência, o cacarejar das galinhas, o latido do cão, o tinido dos guizos. Entre nuvens plúmbeas, está saindo o sol.

Nasceu com as pernas muito curtas e a cabeça enorme, de modo que os vizinhos de Natuba pensaram que seria melhor para ele e para seus pais que o Bom Jesus o levasse logo já que, se sobrevivesse, seria aleijado e tarado. Só o primeiro resultou certo. Porque, embora o filho menor do amansador de potros, Celestino Pardinás, nunca pôde andar à maneira dos outros homens, teve uma inteligência penetrante, uma mente ávida se soubesse tudo e fosse capaz; quando um conhecimento tinha entrado nessa cabeça, que fazia rir às pessoas, de conservá-lo para sempre. Tudo foi nele raridade: que nascesse disforme em uma família tão normal como a dos Pardinás; em que pese a ser um despropósito adoentado, não morresse, nem padecesse enfermidades; que em vez de andar em dois pés como os humanos, fizesse-o de quatro patas; e que sua cabeça crescesse de tal maneira que parecia milagre que seu corpo miúdo pudesse sustentá-la. Mas o que deu pé para que os vizinhos de Natuba começassem a murmurar que não tinha sido engendrado pelo amansador de potros, mas sim, pelo Diabo, foi que aprendesse a ler e a escrever sem que ninguém o ensinasse.

Nem Celestino, nem Dona Gaudência deram-se ao trabalho — pensando, provavelmente, que seria inútil — de levá-lo onde Dom Asenio, que, além de fabricar tijolos, ensinava português, latim e um pouco de religião. E o fato é que um dia chegou o Correio e cravou nas pranchas do Plaza Matriz um decreto que não se incomodou em ler em voz alta alegando que tinha que cravá-lo em outras dez localidades antes de ficar o sol. Os vizinhos tratavam de decifrar os

hieróglifos quando, do chão, ouviram a voz do Leão: “Diz que há perigo de epidemia para os animais, que terá que desinfetar os estábulos com creso, queimar os lixos, ferver a água e o leite antes de tomar”. Dom Asenio confirmou que isso diziam. Acossado pelos vizinhos para que contasse quem lhe tinha ensinado a ler. Leão deu uma explicação que muitos encontraram suspeita: que tinha aprendido vendo os que sabiam, como Dom Asenio, o capataz Felisbelo, o curandeiro Dom Abelardo ou o funileiro Zósimo. Nenhum deles lhe tinha dado lições, mas os quatro recordaram ter visto aparecer muitas vezes a grande cabeça hirsuta e os olhos inquisitivos de Leão junto ao tamborete onde liam ou escreviam as cartas que lhes ditava um vizinho. O fato é que Leão tinha aprendido e que desde essa época lhe viu lendo e relendo, em todas as horas, encolhido à sombra das árvores de jasmim de Natuba, os periódicos, devocionais, missais, decretos e todo o impresso que podia ter em mãos. Converteu-se na pessoa que, com uma pluma de ave, fatiada por ele mesmo, e uma tintura de cochinha e vegetais, redigia, em letras grandes e harmoniosas, as felicitações de aniversário, anúncios de falecimentos, bodas, nascimentos, enfermidades ou simples intrigas que os vizinhos de Natuba comunicavam aos de outros povos e que uma vez por semana vinha levar o cavaleiro do Correio. O Leão lia também aos aldeãos as cartas que lhes mandavam. Fazia de escriba e de leitor de outros por entretenimento, sem lhes cobrar um centavo, mas, às vezes, recebia presentes por esses serviços.

Não se chamava Leão, e sim Felicio, mas o apelido, como ocorria freqüentemente na região, uma vez que prendeu deslocou no nome. Puseram-lhe Leão talvez por brincadeira certamente pela imensa cabeça que, mais tarde, para dar razão aos brincalhões, cobriria-se com efeito de umas entupidas riscas que lhe tampavam as orelhas e vagavam com seus movimentos. Ou, talvez, por sua maneira de andar, animal sem dúvida alguma, apoiando-se ao mesmo tempo nos pés e nas mãos (que protegia com um revestimento de couro como patas ou cascos) embora sua figura, ao andar, com suas pernas curtas e seus braços longos que se posavam em terra de maneira intermitente, era mais a de um símio que a de um predador. Nem sempre estava assim, dobrado; podia ficar de pé por momentos e dar alguns passos humanos sobre suas ridículas pernas, mas ambas as coisas o fatigavam muitíssimo. Por sua peculiar maneira de mover-se

nunca vestiu calças, só túnicas, como as mulheres, os missionários ou os penitentes do Bom Jesus.

Em que pese a que lhes redigia a correspondência, os vizinhos não acabaram nunca de aceitar ao Leão. Se seus próprios pais podiam logo dissimular a vergonha que lhes dava ser seus progenitores e trataram uma vez de dar de presente como poderiam as mulheres e os homens de Natuba considerar da mesma espécie que eles a essa feitura? A dúzia de irmãos e irmãs Pardinias o evitavam e era sabido que não comia com eles a não ser em um caixote pequeno à parte. Assim, não conheceu o amor paterno, nem o fraterno (embora, ao que parece, adivinhou algo do outro amor) nem a amizade, pois os meninos de sua idade lhe tiveram ao princípio medo e, logo, repugnância. Molestavam-o à pedradas, cuspidas e insultos se se atrevia a aproximar-se de vê-los jogar. Ele, pelo resto, rara vez o tentava. Desde muito pequeno, sua intuição ou sua inteligência sem enguiços lhe ensinaram que, para ele, outros sempre seriam seres reticentes ou desagradados, e freqüentemente verdugos, de modo que devia manter-se afastado de todos. Assim o fez, pelo menos até o episódio do canal de irrigação, e a gente o viu sempre a prudente distância, até nas feiras e mercados. Quando havia em Natuba uma Santa Missa, Leão escutava os sermões do telhado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, como um gato. Mas nem sequer esta estratégia do retraimento o liberou de sustos. Um dos piores o deu o Circo do Cigano. Passava pela Natuba duas vezes ao ano, com sua caravana de monstros: acrobatas, adivinhos, trovadores, palhaços. O *Cigano*, em uma dessas vezes, pediu ao amansador de potros e à Dona Gaudencia que lhe permitissem levar Leão para fazer dele um circense. “Meu circo é o único lugar onde não chamará a atenção”, disse-lhes, “e se fará útil”. Eles consentiram. Levou-o, mas uma semana depois o Leão escapou e estava de novo em Natuba. Depois, cada vez que aparecia o Circo do Cigano, ele se volatilizava.

O que temia, acima de tudo, eram os bêbados, essas turmas de vaqueiros que logo depois de uma jornada tocando, marcando, castrando ou tosquiando, retornavam ao povo, desmontavam e corriam à adega de Dona Epifania para matar a sede. Saíam abraçados, cantarolando, cambaleando-se, às vezes alegres, às vezes furiosos, e o buscavam pelas ruelas para divertir-se ou desafogar-se. Ele tinha desenvolvido um ouvido extraordinariamente agudo e os

detectava a distância, por suas gargalhadas ou palavrões, e então, saltando preso aos muros e fachadas para passar despercebido, corria a sua casa, ou, se estava longe, a ocultar-se em uns matagais ou um teto, até que passava o perigo. Nem sempre conseguia escapar. Alguma vez, valendo-se de um ardil— por exemplo, enviando-lhe um mensageiro a lhe dizer que fulano o chamava para redigir uma solicitude ao Juiz do município — o apanhavam. Então, brincavam horas com ele, despindo-o para comprovar se debaixo da túnica ocultava outras monstruosidades além das que tinha à vista, subindo-o sobre um cavalo ou pretendendo cruzá-lo com uma cabra para averiguar o que produzia a mescla.

Por uma questão de honra mais que por carinho, Celestino Pardinas e os seus intervinham se se inteiravam e ameaçavam aos graciosos, e uma vez os irmãos maiores se lançaram à facadas e pauladas, a resgatar ao escriba de uma partida de vizinhos que, excitados pela cachaça, tinham-no banhado em melaço, derrubado em um depósito de lixo e o passeavam pelas ruas ao cabo de uma corda como um animal de espécie desconhecida. Mas aos parentes estes incidentes em que se viam envoltos por este membro da família os deixavam fartos. Leão sabia melhor que ninguém e, por isso, nunca se soube que denunciasse aos abusivos.

O destino do filho menor do Celestino Pardinas sofreu um tombo decisivo o dia que a filhinha do funileiro Zósimo, Almudia, quão única tinha sobrevivido entre seis irmãos que nasceram mortos ou morreram aos poucos dias de nascer, caiu com febre e vômitos. Os remédios e conjuros de Dom Abelardo foram ineficazes, como o tinham sido as orações de seus pais. O curandeiro sentenciou que a menina tinha “mau olhado” e que qualquer antídoto seria vão, enquanto, não se identificasse à pessoa que a tinha “olhado”. Desesperados pela sorte dessa filha que era o luzeiro de suas vidas, Zósimo e sua mulher Eufrasia percorreram os ranchos de Natuba, averiguando. E assim chegou a eles, por três bocas, a falação de que a menina tinha sido vista em estranho conciliábulo com o Leão, à beira do canal de irrigação que corre para a fazenda. Olhando-a. Interrogada, a doente confessou, meio delirando, que essa manhã, quando ia onde seu padrinho Dom Nautilo, ao passar junto ao canal de irrigação, Leão lhe perguntou se podia lhe dizer uma canção que tinha composto para ela. E a tinha cantado, antes de que Almudia

escapasse correndo. Foi a única vez que lhe falou, mas ela tinha advertido já, antes, que, como de casualidade, encontrava-se muito freqüentemente com o Leão em seus percursos pelo povoado, e algo, em sua maneira de encolher-se a seu passo, fez-lhe adivinhar que queria lhe falar.

Zósimo agarrou sua escopeta e rodeado de sobrinhos, cunhados e compadres, também armados, e seguido de uma multidão, foi à casa dos Pardinias, apanhou ao Leão, pôs-lhe o canhão da arma sobre os olhos e lhe exigiu que repetisse a canção a fim de que Dom Abelardo pudesse exorcizá-la. Leão permaneceu mudo, com os olhos muito abertos, inquieto. Depois de repetir várias vezes que se não revelasse o feitiço lhe fariam saltar a imunda cabeça, o funileiro rastelou a arma. Um brilho de pânico enlouqueceu, um segundo, os grandes olhos inteligentes. “Se me mata, não saberá o feitiço e Almudia morrerá”, murmurou sua voz, irreconhecível pelo terror. Havia um silêncio absoluto. Zósimo transpirava. Seus parentes mantinham a raia, com suas escopetas, ao Celestino Pardinias e à seus filhos. “Deixa-me ir se lhe digo isso?”, voltou a ouvir a voz do monstro. Zósimo assentiu. Então, obstruindo-se e com voz de adolescente, Leão começou a cantar. Cantou — comentariam, recordariam, fofocariam os vizinhos de Natuba presentes, e os que, sem estar, jurariam que o estavam — uma canção de amor, em que aparecia o nome de Almudia. Quando terminou de cantar, Leão estava com os olhos cheios de vergonha. “Solte-me agora”, rugiu. “Soltá-lo-ei depois que minha filha se cure”, repôs o funileiro, sordidamente. “E se não se curar, queimá-lo-ei, junto a sua tumba. Juro-o por sua alma.” Olhou aos Pardinias — pai, mãe, irmãos imobilizados pelas escopetas — e acrescentou em um tom que não admitia dúvidas: “Queimá-lo-ei vivo, embora os meus e os seus tenham que se entrematar por séculos”.

Almudia morreu essa mesma noite, depois de um vômito no que arrojou sangue. Os vizinhos pensavam que Zósimo choraria, arrancaria os cabelos, amaldiçoaria a Deus ou beberia cachaça até cair inerte. Mas não fez nada disso. O atordoamento dos dias anteriores foi substituído por uma fria determinação com a que foi dispendo, ao mesmo tempo, o enterro de sua filha e a morte de seu feiticeiro. Nunca tinha sido malvado, nem abusivo, nem violento, a não ser um vizinho serviçal e amigável. Por isso todos o

compadeciam, perdoavam-lhe de antemão o que ia fazer e alguns, inclusive, o passavam.

Zósimo fez plantar um poste junto à tumba, conduzir palha e ramos secos. Os Pardinias permaneciam prisioneiros em sua casa. O Leão estava no curral do funileiro, amarrado de pés e mãos. Ali passou a noite, ouvindo as rezas do velório, os pêsames, as letanias, os prantos. À manhã seguinte, subiram-no a uma carreta atirada por burros e a distância, como sempre, foi seguindo o cortejo. Ao chegar ao cemitério, enquanto baixavam a gaveta e havia novas rezas, a ele, seguindo as instruções do funileiro, dois sobrinhos o amarraram ao poste e o rodearam da palha e dos ramos com as que ia arder. Quase todo o povo estava reunido ali para ver a imolação.

Nesse momento chegou o santo. Devia ter posto os pés em Natuba a noite anterior, ou essa madrugada, e alguém lhe informaria o que estava por acontecer. Mas essa explicação era muito ordinária para os vizinhos, a quem o sobrenatural era mais acreditável que o natural. Eles diriam que sua faculdade de adivinhação, ou o Bom Jesus, levaram-no a essa paragem do sertão baiano nesse instante para corrigir um engano, evitar um crime ou, simplesmente, dar uma prova de seu poder. Não vinha sozinho, como a primeira vez que pregou em Natuba, anos atrás, nem acompanhado só por dois ou três romeiros, como a segunda, em que, além de dar conselhos, reconstruiu a capela do abandonado convento de jesuítas do Plaza Matriz. Desta vez o acompanhavam pelo menos uma trintena de seres, fracos e pobres como ele, mas com os olhos ditosos. Seguido deles, abriu-se passo entre a multidão até a tumba sobre a que jogavam as últimas pazadas.

O homem de arroxeadado se dirigiu ao Zósimo, quem estava cabisbaixo, olhando a terra. “Enterrou-a com seu melhor vestido, em uma gaveta bem feita?”, perguntou-lhe com voz amável, embora não precisamente afetuosa. Zósimo assentiu, movendo apenas a cabeça. “Vamos rezar-lhe ao Pai, para que a receba alegre no céu”, disse o Conselheiro. E ele e os penitentes salmodiaram e cantaram ao redor da tumba. Só depois assinalou o santo o poste onde estava amarrado o Leão. “O que vai fazer com este moço, irmão?”, perguntou. “Queimá-lo”, repôs Zósimo. E lhe explicou por que, no meio do silêncio que parecia soar. O santo assentiu, sem alterar-se. Logo se dirigiu ao Leão e fez um gesto para que a gente se afastasse um

pouco. Retrocederam uns passos. O santo se inclinou e falou ao ouvido do amarrado e logo aproximou seu ouvido à boca do Leão para ouvir o que este lhe dizia. E assim, movendo o Conselheiro a cabeça para o ouvido e para a boca do outro, estiveram cochichando-se. Ninguém se movia, esperando algo extraordinário.

E, com efeito, foi tão assombroso como ver torrar-se a um homem em uma pira. Porque quando calaram, o santo, com a tranqüilidade que nunca o abandonava, sem mover do lugar, disse: “Vêm e desata-o!”. O funileiro voltou a olhá-lo, pasmado. “Tem que o desatar você mesmo”, rugiu o homem de arroxeados, com um acento que estremeceu às pessoas. “Quer que sua filha vá ao inferno? Não são as chamas de lá mais quentes, não duram mais que as que você quer prender?”, voltou a rugir, como espantado de tanta estupidez. “Supersticioso, ímpio, pecador —repetiu— Arrependa-se do que queria fazer, vêm e desata-o, peça-lhe perdão e roga ao Pai que não mande a sua filha aonde o Cão por sua covardia e sua maldade, por sua pouca fé em Deus.” E assim esteve, insultando-o, urgindo-o, aterrorizando-o com a idéia de que, por sua culpa, Almudia iria ao inferno. Até que os aldeãos viram que Zósimo, em vez de lhe disparar, ou lhe afundar a faca ou queimar-lhe com o monstro, obedecia-lhe e, soluçando, implorava de joelhos ao Pai, ao Bom Jesus, ao Divino, à Virgem, que a alma da Almudia não baixasse ao inferno.

Quando o Conselheiro, depois de permanecer duas semanas no lugar, orando, pregando, consolando aos sofredores e aconselhando aos sãos, partiu na direção de Mocambo, Natuba tinha um cemitério cercado de tijolos e cruces novas em todas as tumbas. Seu séquito tinha aumentado com uma figurinha entre animal e humana, que, vista enquanto a mancha de romeiros se afastava pela terra coberta de mandacarús, parecia ir trotando entre os farrapados como trotam os cavalos, as cabras, os burros de carga...

Pensava, sonhava: Estou nos subúrbios de Queimadas, é de dia, esta é a rede do Rufino. O resto era confuso. Sobretudo, a conjunção de circunstâncias que, esse amanhecer, tinham transtornado uma vez mais sua vida. Na dorme-vela persistia o assombro que se apoderou dele desde que, acabando de fazer amor, caiu dormindo.

Sim, para alguém que acreditava que o destino era em boa parte inato e ia escrito sobre a massa encefálica, onde umas mãos mãos

direitas e uns olhos pesados podiam auscultá-lo, era duro comprovar a existência dessa margem imprevisível, que outros seres podiam dirigir com horrível prescindência da vontade própria, da aptidão pessoal. Quanto tempo levava descansando? A fadiga tinha desaparecido, em todo caso. Teria desaparecido também a moça? Teria ido pedir auxílio, a procurar gente que viesse a prendê-lo? Pensou ou sonhou: “Os planos se fizeram fumaça quando deviam materializar-se”. Pensou ou sonhou: “A adversidade é plural”. Advertiu que se mentia; não era verdade que este desassossego e este pasmo se devessem a não ter encontrado ao Rufino, a ter estado a ponto de morrer, a ter matado a esses dois homens, ao roubo das armas que ia levar à Canudos. Era esse arrebatamento brusco, incompreensível, incontrolável, que o fez violar a Jurema depois de dez anos de não tocar em uma mulher, o que roía a dorme-vela de Galileo Gall.

Tinha amado algumas mulheres em sua juventude, tido companheiras —lutadoras pelos mesmos ideais — com as que compartilhou trechos curtos de caminho; em sua época de Barcelona tinha vivido com uma operária que estava grávida quando o assalto ao quartel e da que soube, logo depois de sua fuga da Espanha, que terminou casando-se com um padeiro. Mas a mulher nunca ocupou um lugar preponderante na vida de Galileo Gall, como a ciência ou a revolução. O sexo tinha sido para ele, igual ao alimento, algo que aplacava uma necessidade primária e logo produzia aborrecimento. A mais secreta decisão de sua vida teve lugar dez anos atrás. Ou eram onze? Ou doze? Bailavam as datas em sua cabeça, não o lugar: Roma. Ali se refugiou ao fugir de Barcelona, na moradia de um farmacêutico, colaborador da imprensa anarquista e que tinha conhecido o ergástulo. Aí estavam as imagens, vividas, na memória de Gall. Primeiro o suspeitou, depois o comprovou: este companheiro recolhia prostitutas nos arredores do Coliseu, trazia-as para sua casa quando ele estava ausente e lhes pagava para que se deixassem açoitar. Aí, as lágrimas do pobre diabo a noite que o repreendeu e, aí, sua confissão de que só obtinha prazer infligindo castigo, de que só podia amar quando via um corpo machucado e medroso. Pensou ou sonhou que o escutava, outra vez, lhe pedir ajuda e na dorme-vela, como aquela noite, apalpou-o, sentiu a rotundidade da zona dos afetos inferiores, a temperatura desse topo onde Spurzheim tinha localizado o órgão da sexualidade, e a

deformação, na curva occipital inferior, já quase no nascimento de seu pescoço, das cavidades que representam os instintos destrutivos. (E nesse instante reviveu a cálida atmosfera do gabinete de Mariano Cubí, e ouviu o exemplo que este costumava dar, o do Jobard le Joly, o incendiário de Genebra, cuja cabeça tinha examinado depois da decapitação: “Tinha esta região da crueldade tão magnificada que parecia um grande tumor, um crânio grávido”). Então, voltou a lhe dar o remédio: “Não é o vício o que deve suprimir de sua vida, companheiro, é o sexo”, e a lhe explicar que, quando o fizesse, a potência destruidora de sua natureza, cegava a via sexual, encaminhar-se-ia para fins éticos e sociais, multiplicando sua energia para o combate pela liberdade e o aniquilamento da opressão. E, sem que lhe tremesse a voz, esquadrinhando-o aos olhos, voltou fraternalmente para propor-lhe. Façamo-lo juntos. Acompanhar-lhe-ei na decisão, para lhe provar que é possível. Juremos não voltar a tocar a uma mulher, irmão”. Teria repleto o farmacêutico? Recordou seu olhar consternado, sua voz daquela noite, e pensou ou sonhou: “Era um fraco”. O sol atravessava suas pálpebras fechadas, feria suas pupilas.

Ele não era um fraco, ele sim pôde, até essa madrugada, cumprir o juramento. Porque o raciocínio e o saber deram fundamento e vigor ao que foi, ao princípio, mero impulso, um gesto de companheirismo. Acaso a busca de prazer, a servidão ao instinto não eram um perigo para alguém empenhado em uma guerra sem quartel? Não podiam as urgências sexuais distrai-lo do ideal? Não foi abolir à mulher de sua vida o que atormentou ao Gall, nesses anos, a não ser pensar que o que ele fazia, faziam também os inimigos, os padres católicos, em que pese a dizer-se que, em seu caso, as razões não eram obscurantistas, preconceituosas, como no deles, a não ser querer achar-se mais ligeiro, mais disponível, mais forte para essa luta por aproximar e confundir o que eles tinham contribuído mais que ninguém a manter inimigos: o céu e a terra, a matéria e o espírito. Sua decisão nunca se viu ameaçada e Galileo Gall sonhou ou pensou: “Até hoje”. Ao contrário, acreditava com firmeza que essa ausência se traduziu em maior apetite intelectual, em uma capacidade de ação crescente. Não: mentia-se outra vez. A razão pudera submeter ao sexo na vigília, não nos sonhos. Muitas noites destes anos, quando dormia, tentadoras formas femininas se deslizavam em sua cama, pegavam-se contra seu corpo e lhe

arrancavam carícias. Sonhou ou pensou que lhe dera mais trabalho resistir a esses fantasmas que às mulheres de carne e osso; recordou que, como os adolescentes ou os companheiros encerrados nos cárceres do mundo inteiro, muitas vezes tinha feito o amor com essas silhuetas impalpáveis que fabricava seu desejo.

Angustiado, pensou ou sonhou: “Como pude? Por que pude?”. Por que se tinha precipitado sobre a moça? Ela resistia e ele a tinha golpeado e, cheio de remorso, perguntou-se se lhe prendeu também quando já não resistia e se deixava despir. O que tinha ocorrido, companheiro? Sonhou ou pensou: “Não se conhece, Gall”. Não, sua cabeça não lhe falava. Mas outros tinham examinado e encontrado, nele, desenvolvidas, as tendências impulsivas e a curiosidade, inépcia para o contemplativo, para o estético e em geral para todo o desligado de ação prática e que fazer corporal, e ninguém percebeu nunca, no receptáculo de sua alma, a menor anomalia sexual. Sonhou ou pensou que já tinha pensado: “A ciência é ainda um candil que pisca em uma grande caverna em trevas”.

Em que forma afetaria sua vida este acontecimento? Tinha ainda razão de ser a decisão de Roma? Devia renová-la depois deste acidente ou revisá-la? Era um acidente? Como explicar cientificamente o desta madrugada? Em sua alma — não, em seu espírito, a palavra alma estava infectada de imundície religiosa— às ocultas de sua consciência, foram-se armazenando nestes anos os apetites que acreditava desarraigados, as energias que supunha desviadas para fins melhores que o prazer. E essa acumulação secreta estalou essa manhã, inflamada pelas circunstâncias, quer dizer o nervosismo, a tensão, o susto, a surpresa do assalto, do roubo, do tiroteio, das mortes. Era a explicação justa? Ah, se poderia examinar tudo isto como um problema alheio, objetivamente, com alguém como o velho Cubí. E recordou essas conversações que o frenólogo chamava socráticas, andando no porto de Barcelona e pelo labirinto do bairro gótico e seu coração teve nostalgia. Não, seria imprudente, torpe, estúpido, perseverar na decisão romana, seria preparar no futuro um sucesso idêntico ou mais grave que o deste amanhecer. Pensou ou sonhou, com amargo sarcasmo: “Tem que se resignar a fornicar, Galileo”.

Pensou em Jurema. Era um ser pensante? Um bichinho doméstico, mas bem. Diligente, submisso, capaz de acreditar que as

imagens do Santo Antonio escapam das igrejas às grutas onde foram esculpidas, adestrado como as outras servas do Barão para cuidar galinhas e carneiros, dar de comer ao marido, lavar-lhe a roupa e abrir as pernas só a ele. Pensou: “Agora, talvez, despertará de sua letargia e descobrirá a injustiça”. Pensou: “Eu sou sua injustiça”. Pensou: “Talvez lhe fez um bem”.

Pensou nos homens que o assaltaram e levaram a carroça e nos dois que matou. Eram gente do Conselheiro? Capitaneava-os o do curtume de Queimadas, esse Pajeú? Não dormia, não sonhava, mas seguia com os olhos fechados e imóvel. Não era natural que fosse ele, Pajeú, quem, tomando-o por um espião do Exército ou um mercado ávido de trapacear a sua gente, tivesse-o feito vigiar e, ao descobrir armas em seu poder, abrisse mão delas para abastecer à Canudos? Oxalá fosse assim, oxalá neste momento esses fuzis cavalgassem para reforçar aos jagunços para o que lhes morava. Por que acreditou nele, Pajeú? Que confiança podia lhe inspirar um forasteiro que pronunciava mal seu idioma e tinha idéias obscuras? “Matou a dois companheiros, Gall”, pensou. Estava acordado: esse calor é o sol da manhã, esses ruídos os guizos dos carneiros. E se estavam em mãos de simples foragidos? Puderam segui-los a ele e ao desembainhado a noite anterior, quando as traziam da fazenda onde Epaminondas as entregou. Não diziam que a região fervia de cangaceiros? Tinha procedido com precipitação, sido imprudente? Pensou: “Deve descarregar as armas, as colocar aqui”. Pensou: “Então estaria morto e as tivessem levado também”. Se sentiu comido pelas dúvidas: Retornaria a Bahia? Iria sempre à Canudos? Abriria os olhos? Levantar-se-ia desta rede? Enfrentaria por fim a realidade? Ouvia os guizos, ouvia latidos e agora ouviu, também, pisadas e uma voz.

VII

Quando as colunas da Expedição do Major Febrônio de Brito e o punhado de soldados que ainda os seguiam convergiram na localidade de Mulungú, a duas léguas de Canudos, ficaram sem carregadores nem guias. Os pistoleiros recrutados em Queimadas e Monte Santo para orientar às patrulhas de reconhecimento e que, desde que começaram a cruzar casarios fumegantes, mostraram-se anti-sociais, desapareceram simultaneamente no anoitecer, enquanto os soldados, tombados ombro contra ombro, refletiam sobre as feridas e acaso a morte que os aguardavam detrás dessas cúpulas, retratadas contra um céu azul anil que se voltava negro.

Umas seis horas depois, os prófugos chegavam à Canudos, suplicantes, a pedir perdão ao Conselheiro por ter servido ao Cão. Levaram-nos ao armazém dos Vilanova e ali João Abade os interrogou, com luxo de detalhes, sobre os soldados que vinham e os deixou logo em mãos do Beato, que recebia sempre aos recém chegados. Os rastreadores juraram ante ele que não eram republicanos, que não aceitavam a separação da Igreja e do Estado, nem a derrocada do Imperador Pedro II, nem o matrimônio civil, nem os cemitérios laicos, nem o sistema métrico decimal, que não responderiam as perguntas do censo e que nunca mais roubariam nem se embriagariam nem apostariam dinheiro. Logo, fizeram uma pequena incisão com suas facas em prova de sua vontade de derramar seu sangue lutando contra o Anticristo. Só então foram encaminhados, por homens com armas, entre seres recém saídos do sonho pela nova de sua vinda e que os aplaudiam e lhes estreitavam a mão, até o Santuário. Na porta, apareceu o Conselheiro. Caíram de joelhos, faziam o sinal da cruz se, queriam tocar sua túnica, lhe beijar os pés. Vários, transbordados pela emoção, soluçavam. O Conselheiro, em vez de só benzê-los, olhando através deles, como fazia com os novos escolhidos, inclinou-se e foi levantando e os olhou um a um com seus olhos negros e ardentes que nenhum deles esqueceria mais. Depois pediu à Maria Quadrado e às oito devotas do

Coro Sagrado — vestiam túnicas azuis rodeadas com cordões de linho — que acendessem os acendedores do Templo do Bom Jesus, como faziam cada tarde, quando ele subia à torre a dar conselhos.

Minutos mais tarde estava no andaime, rodeado do Beato, do Leão de Natuba, da Mãe dos Homens e das devotas; à seus pés, apinhados e ofegantes no amanhecer que despontava, estavam os homens e mulheres de Canudos, conscientes de que esta seria uma ocasião mais extraordinária que outras. O Conselheiro foi, como sempre, ao essencial. Falou da transubstanciação do Pai e do Filho que eram dois e um, e três e um com o Divino Espírito Santo e, para que o escuro fosse claro, explicou que Belo Monte podia ser, também, Jerusalém. Com seu dedo indicador mostrou, na direção da Favela, a Horta das Oliveiras, onde o Filho apareceu à noite atroz da traição do Judas e, um pouco mais à frente, na Serra da Canabrava, o Monte Calvário, onde os ímpios o crucificaram entre dois ladrões. Acrescentou que o Santo Sepulcro se encontrava a um quarto de légua, em Grajaú, entre penhascos cinzentos, onde fiéis anônimos tinha plantado uma cruz. Pormenorizou, logo, ante os escolhidos silenciosos e maravilhados, por que ruelas de Canudos passava o caminho do Calvário, onde caíra Cristo a primeira vez, onde tinha encontrado a sua Mãe, em que lugar lhe limpou o rosto a pecadora redimida e de onde aonde o tinha ajudado o Cireneo a arrastar a cruz. Quando explicava que o Vale de Ipueira era o Vale de Josafat se escutaram disparos, ao outro lado das cúpulas que apartavam à Canudos do mundo. Sem apressar-se, o Conselheiro pediu à multidão —rasgada entre o feitiço de sua voz e os tiros — que cantasse um Hino composto pelo Beato: “Em louvor do Querubim”. Só depois partiram com o João Abade e Pajeú grupos de homens a reforçar aos jagunços que combatiam já com a vanguarda do Major Febrônio de Brito nas bordas do monte Cambaio.

Quando chegaram à carreira a apostar-se nas gretas, trincheiras e lajes salientes da montanha que soldados de uniformes roxos-azuis e verdes-azuis tratavam de escalar, já estavam mortos. Os jagunços colocados pelo João Abade nessa passagem obrigatória tinham visto aproximar-se ainda às escuras às tropas, e, enquanto o grosso delas descansava em Rancho das Pedras — umas oito cabanas desaparecidas pelo fogo dos incendiários — viram que uma companhia de infantés, mandada por um Tenente montado em um

cavalo pinto, adiantava-se para Cambaio. Deixaram-na avançar até tê-la muito perto e, a um sinal de José Venâncio, orvalharam-na de tiros de carabina, de espingarda, de fuzil, de pedradas, de dardos, de suspensão e de insultos: “cães”, “maçons”, “protestantes”. Só então se precaveram os soldados de sua presença. Deram meia volta e fugiram, menos três feridos que foram alcançados e rematados por jagunços saltitantes e o cavalo, que se encabritou e lançou ao chão a seu cavaleiro e rodou entre as pedras brutas, quebrando as patas. O Tenente pôde refugiar-se detrás de umas rochas e começar a disparar tanto que o animal ali continuava estendido, relinchando lúgubre, depois de várias horas de tiroteio.

Muitos jagunços tinham sido despedaçados pelos tiros dos *Krupp*, que, no momento da primeira escaramuça, começaram a bombardear a montanha provocando desmoronamentos e chuva de lascas. João Grande, que estava junto ao José Venâncio, compreendeu que era suicida o amontoamento e, saltando entre as lajes, sacudindo os braços como aspas, gritou que se dispersassem, que não oferecessem esse branco compacto. Obedeceram-lhe, saltando de rocha a rocha ou esmagando-se contra o chão, enquanto, abaixo, repartidos em seções de combate ao mando de tenentes, sargentos e cabos, os soldados, em meio de uma poeirada e toques de corneta, subiam ao Cambaio. Quando chegaram João Abade e Pajeú com os reforços, tinham alcançado a metade da montanha. Os jagunços que tratavam de rechaçá-los, em que pese a estar dizimados, não tinham retrocedido. Os que traziam armas de fogo ficaram a disparar no ato, acompanhando os disparos de vociferações. Os que só levavam facões e facas, ou essas suspensões para lançar dardos com as que os sertanejos caçavam patos e veados e que Antonio Vilanova fabricava em dezenas aos carpinteiros de Canudos, conformavam-se formando cachos em torno daqueles a lhes alcançar a pólvora ou baquetear-lhes as carabinas, esperando que o Bom Jesus lhes fizesse herdar uma arma ou aproximar-se do inimigo o bastante para atacá-lo com as mãos.

Os *Krupp* seguiam lançando projéteis contra as alturas e os desprendimentos de rochas causavam tantas vítimas como as balas. Ao começo do entardecer, quando figuras de roxos-azuis e verdes-azuis começaram a perfurar as linhas dos escolhidos, João Abade convenceu aos outros que deviam substituir ou se veriam cercados.

Várias dezenas de jagunços tinham morrido e muito mais se encontravam feridos. Os que estiveram em condições de escutar a ordem, retrocederam e se deslizaram pela planície conhecida como o Tabolerinho para Belo Monte, foram apenas algo mais da metade dos que a véspera e essa manhã tinham percorrido em direção contrária esse caminho. José Venâncio, que se retirava entre os últimos, apoiado em um pau, com a perna encolhida e sangrando, recebeu um tiro pelas costas que o matou sem lhe dar tempo de fazer o sinal da cruz.

O Conselheiro permanecia desde essa madrugada no Templo sem terminar, orando, rodeado das devotas, da Maria Quadrado, do Beato, do Leão de Natuba e de uma multidão de fiéis, que rezavam também, ao mesmo tempo, que tinham os ouvidos pendentes do fragor que trazia até Canudos, por um momento muito nítido, o vento do Norte. Pedrão, os irmãos Vilanova, Joaquim Macambira e os outros que ficaram ali, preparando à cidade para o assalto, estavam desdobrados com o passar do Vassa Barris. Tinham levado à suas bordas todas as armas, a pólvora e os projéteis que encontraram. Quando o ancião Macambira viu aparecer aos jagunços que retornavam de Cambaio, murmurou que, pelo visto, o Bom Jesus queria que os cães entrassem em Jerusalém. Nenhum de seus filhos advertiu que se confundiu de palavra.

Mas não entraram. O combate se decidiu esse mesmo dia, antes de que fosse noite, no Tabolerinho, onde neste momento se foram atirando ao chão, aturdidos de fadiga e de felicidade, os soldados das três colunas do Major Febrônio de Brito, depois de ver fugir aos jagunços dos últimos contrafortes do monte, e que pressentiam aí, a menos de uma légua, a promíscua geografia de tetos e de palha e duas altíssimas torres de pedra do que consideravam já o saque de sua vitória. Enquanto os jagunços sobreviventes entravam em Canudos — sua chegada, provocava desconcerto, conversações superexcitadas, prantos, gritos, rezas a voz em pescoço— os soldados se deixavam cair ao chão, abriam-se as jaquetas roxos-azuis, verdes-azuis, tiravam-se as perneiras, tão esgotados que nem sequer podiam dizer uns aos outros quão ditosos estavam pela derrota do inimigo. Reunidos em Conselho de Guerra, o Major Febrônio e seus quatorze oficiais decidiram acampar nesse tablado descascado, junto a uma inexistente lacuna que os mapas chamavam de Cipó e que, a partir

desse dia, chamariam de Sangue. À manhã seguinte, com as primeiras luzes, dariam o assalto à toca dos fanáticos.

Mas, antes de uma hora, quando tenentes, sargentos e cabos ainda passavam revista às companhias intumescidas, estabeleciam listas de mortos, feridos e desaparecidos e ainda surgiam entre as rochas soldados da retaguarda, assaltaram-os. Sãos ou doentes, homens ou mulheres, meninos ou velhos, todos os escolhidos em condições de brigar caíram em cima, como uma avalanche. Tinha-os convencido João Abade que deviam atacar agora mesmo, aí mesmo, todos juntos, pois já não haveria depois se não o faziam. Tinham saído atrás dele em turba tumultuosa, cruzado como correria de cabeças de gado o tablado. Vinham armados de todas as imagens do Bom Jesus, da Virgem, do Divino que havia na cidade, empunhavam todos os paus, varas, foices, forquilhas, facas e facões de Canudos, além dos trabucos, as escopetas, as carabinas, as espingardas e os *Mánlichers* conquistados em Uauá, e, ao mesmo tempo que disparavam balas, partes de metal, pregos, dardos, pedras, davam alaridos, possuídos dessa coragem temerária que era o ar que respiravam os sertanejos desde que nasciam multiplicado agora neles pelo amor a Deus e o ódio ao Príncipe das Trevas que o santo soubera lhes infundir. Não deram tempo aos soldados para sair do estupor de ver de repente, nesse plano, a massa vociferante de homens e mulheres que corriam para eles como se já não fossem derrotados. Quando o susto despertou, sacudiu-os, colocou-os de pé e agarraram suas armas, já era tarde. Já os jagunços estavam sobre eles, entre eles, detrás deles, diante deles, disparando-lhes, esfaqueando-os, apedrejando-os, cravando-os, mordendo-os, arrancando-lhes os fuzis, as cartucheiras, os cabelos, os olhos, e, sobretudo, amaldiçoando-os com as palavras mais estranhas que jamais ouviram. Primeiro uns, depois outros, atinaram a fugir, confundidos, enlouquecidos, espantados ante esse arremesso súbito, insensato, que não parecia humano. Nas sombras que caíam detrás da bola de fogo que acabava de afundar-se depois das cúpulas, dispersavam-se sozinhos ou em grupos por essas bordas de Cambaio que tão esforçadamente tinham subido ao longo de toda a jornada, correndo em todas direções, tropeçando, incorporando-se, desprendendo-se as balizas de seus uniformes com a esperança de

passar despercebidos e rogando que a noite chegasse ao mesmo tempo e fosse escura.

Poderiam morrer todos, não ficar um oficial ou soldado de linha para contar ao mundo a história desta batalha já ganha e de repente perdida; poderiam ser perseguidos, rastreados, acoissados e ultimados, cada um desse meio milhar de homens vencidos que corriam sem rumo, arejados pelo medo e pela confusão, se os vencedores soubessem que a lógica da guerra é a destruição total do adversário. Todavia, a lógica dos escolhidos do Bom Jesus não era a desta terra. A guerra que eles liberavam era só na aparência, a do mundo exterior, a de uniformizados contra andrajosos, a do litoral contra o interior, a do novo Brasil contra o Brasil tradicional. Todos os jagunços eram conscientes de ser só fantoches de uma guerra profunda, intemporal e eterna, a do bem e do mal, que se vinha liberando desde o começo do tempo. Por isso os deixaram escapar, enquanto eles, à luz dos acendedores, resgatavam aos irmãos mortos e feridos que jaziam no tablado ou em Cambaio com caretas de dor ou de amor a Deus fixadas nas caras (quando a metralha lhes tinha preservado as caras). Toda a noite estiveram transportando feridos às Casas de Saúde de Belo Monte; cadáveres que, vestidos com os melhores trajes e embutidos em gavetas fabricadas a toda pressa, eram levados ao velório no Templo do Bom Jesus e à Igreja do Santo Antonio. O Conselheiro decidiu que não seriam enterrados até que o pároco de Cumbe rezasse uma missa por suas almas, e uma das devotas do Coro Sagrado, Alexandrinha Correia, foi buscá-lo.

Enquanto o esperavam, Antonio, o Fogueteiro, preparou fogos e houve uma procissão. No dia seguinte, muitos jagunços retornaram ao lugar do combate. Despiram aos soldados e abandonaram os cadáveres nus à podridão. Em Canudos, queimaram essas jaquetas e calças com tudo o que continham, bilhetes da República, tabacos, imagens, mechas de amantes ou filhas, lembranças que lhes pareciam objetos de condenação. Mas preservaram os fuzis, as baionetas, as balas, porque assim pediram João Abade, Pajeú, os Vilanova e porque entendiam que seriam imprescindíveis se fossem atacados de novo. Como alguns resistiam, o próprio Conselheiro teve que lhes pedir que pusessem esses *Mánnlichers*, *Winchesters*, revólveres, caixas de pólvora, fileiras de munições, latas de graxa, aos cuidados de Antonio Vilanova. Os dois canhões *Krupp* ficaram ao pé

de Cambaio, no lugar no qual bombardearam o monte. Foi queimado deles tudo o que podiam queimar, rodas e as armações — e os tubos de aço foram arrastados, com ajuda de mulas, à cidade, para que os ferreiros os fundissem.

Em Ranchos das Pedras onde tinha estado o último acampamento do Major Febrônio de Brito os homens do Pedrão encontraram, famintas e desgrenhadas, seis mulheres que tinham seguido aos soldados, lhes cozinhando, lhes lavando a roupa e lhes dando amor. Levaram-nas à Canudos e o Beato as expulsou, lhes dizendo que não podiam permanecer em Belo Monte quem tinha servido deliberadamente ao Anticristo. Porém, uma delas, que estava grávida, dois cafusos que tinham pertencido ao bando de José Venâncio e que estavam desconsolados com sua morte, apanharam-na nos subúrbios, abriram-lhe o ventre à talhos de facão, arrancaram-lhe o feto e puseram em seu lugar um galo vivo, convencidos de que assim prestavam um serviço a seu chefe no outro mundo.

Ouve duas ou três vezes o nome de Caifás, entre palavras que não entende, e fazendo um esforço abre os olhos e aí está a mulher de Rufino, ao lado da rede, agitada, movendo a boca, fazendo ruídos, e é dia cheio já e pela porta e as frestas das estacas o sol entra em torrentes na moradia. A luz o fere tão forte que deve pestanejar e esfregar as pálpebras enquanto se incorpora. Imagens confusas, chegam através de uma água leitosa, e à medida que seu cérebro desperta e o mundo se esclarece, o olhar e a mente de Galileo Gall descobrem uma metamorfose na habitação: foi cuidadosamente ordenada; chão, paredes, objetos, oferecem um aspecto reluzente, como se tudo fosse esfregado e lustrado. Agora entende o que diz Jurema: vem Caifás, vem Caifás. Adverte que a mulher do rastreador trocou a túnica que lhe rasgou por uma blusa e uma saia escuras, que está descalça e assustada, e enquanto trata de recordar onde caiu seu revólver essa madrugada, diz-se que não há por que se alarmar, que quem vem é o desembainhado que o levou até o Epaminondas Gonçalves e o trouxe de volta com as armas, justamente a pessoa que neste momento necessita mais. Aí está o revólver, junto a sua maleta, ao pé da imagem da Virgem de Marisco que pendura de um prego. Agarra-o e quando pensa que está sem balas vê, na porta da moradia, ao Caifás.

— *They tried to kill me* — diz, precipitadamente, e, como adverte seu engano, fala em português — Quiseram me matar, levaram as armas. Devo ver o Epaminondas Gonçalves, agora mesmo.

— Bom dia — diz Caifás, levando dois dedos para o chapéu com tiras de couro, sem tirar-lhe dirigindo-se à Jurema de uma maneira que parece com o Gall absurdamente solene. Logo, vira-se em volta dele e faz o mesmo movimento e repete— bom dia.

— Bom dia — responde Gall, sentindo-se, de repente, ridículo com o revólver na mão. Guarda-o em sua cintura, entre sua calça e seu corpo, e dá dois passos para o Caifás, advertindo a confusão, a vergonha, o embaraço que se apropriou de Jurema com sua chegada: não se move, olha o chão, não sabe o que fazer com suas mãos. Galileo aponta o exterior:

— Viu esses dois homens mortos, aí fora? Havia outro mais, que levou as armas. Devo falar com o Epaminondas, devo lhe advertir. Leve-me com ele.

— Vi-os — disse diretamente Caifás. E se dirige a Jurema, que segue cabisbaixa, petrificada, movendo os dedos como se tivesse uma cãibra— Chegaram soldados à Queimadas, mais de quinhentos. Procuram pistoleiros para ir à Canudos. Ao que não quer contratar, levam-no a força. Vim avisar ao Rufino.

— Não está — balbucia Jurema, sem levantar a cabeça— Se foi a Jacobina.

— Soldados? — Gall dá outro passo, até quase roçar ao recém vindo— A Expedição do Major Brito já está aqui?

— Haverá um desfile —assente Caifás— Estão formados no Plaza. Chegaram no trem desta manhã.

Gall se pergunta por que o homem não se surpreende de quão mortos viu lá fora, ao chegar à cabana, por que não lhe faz perguntas sobre o que ocorreu, sobre como ocorreu, por que permanece assim, tranqüilo, imutável, inexpressivo, esperando, que coisa?, e se diz uma vez mais que a gente daqui é estranha, impenetrável, inescrutável, como lhe parecia a China ou a do Indostão. É um homem muito fraco Caifás, ossudo, brunido, com os maçãs do rosto saltadas e uns olhos que causam mal-estar pois nunca piscam, ao que apenas lhe conhece a voz, já que logo que abriu a boca durante a dupla viagem que fez a seu lado, e cujo colete de couro e calça

reforçada nos fundilhos e nas pernas também, com tiras de couro e até as alpargatas de cordão parecem parte de seu corpo, uma áspera pele complementar, uma crosta. Por que sua chegada sumiu a Jurema em semelhante confusão? É pelo acontecido faz umas horas entre eles dois? O cão lanzudo aparece de algum lado e salta, salta e brinca entre os pés de Jurema e nesse momento Galileo Gall se dá conta que desapareceram as galinhas da habitação.

— Só vi três, o que escapou levou as armas — diz, alisando a alvoroçada cabeleira avermelhada— Terá que avisar quanto antes ao Epaminondas, isto pode ser perigoso para ele. Pode me levar a fazenda?

— Já não está lá —diz Caifás— Você o ouviu, ontem. Disse que ia à Bahia.

— Sim — diz Gall. Não há mais remédio, terá que retornar à Bahia ele também. Pensa: “Já estão aqui os soldados”. Pensa: “Virão em busca de Rufino, encontrarão os mortos, encontrar-me-ão”. Tem que ir, sacudir essa frouxidão, essa modorra que o atendem. Mas não se move.

—Talvez eram inimigos de Epaminondas, gente do Governador Luis Viana, do Barão — murmura, como se se dirigisse ao Caifás, mas em realidade fala consigo mesmo— Por que, então, não veio a Guarda Nacional? Esses três não eram guardas. Talvez bandoleiros, talvez queriam as armas para suas maldades ou para vender.

Jurema segue imóvel, cabisbaixa, e, a um metro dele, sempre quieto, tranqüilo, inexpressivo, Caifás. O cão salta, ofegante.

— Além disso, há algo estranho — reflete Gall em voz alta, pensando “devo me esconder até que os soldados partam e retornar à Salvador”, pensando, ao mesmo tempo, que a Expedição do Major Brito já está aqui, a menos de dois quilômetros, que irá à Canudos e que sem dúvida arrasará com esse broto de rebeldia cega no que ele acreditou, ou quis, ver a semente de uma revolução— Não só procuravam as armas. Queriam me matar, isso é seguro. E não se compreende. Quem pode estar interessado em me matar, aqui em Queimadas?

— Eu, senhor — ouviu dizer ao Caifás, com a mesma voz sem matizes, ao mesmo tempo que sente o fio da faca no pescoço, mas seus reflexos são, sempre foram rápidos e conseguiu apartar a

cabeça, retroceder uns milímetros no instante que o desembainhado saltava sobre ele e sua faca, em vez de cravar-se em sua garganta, desvia-se e fere mais abaixo, à direita, na borda mesmo do pescoço e o ombro, lhe deixando no corpo uma sensação mais de frio e surpresa que de dor. Cai ao chão, está tocando a ferida, consciente de que entre seus dedos corre sangue, com os olhos muito abertos, olhando enfeitiçado ao desembainhado de nome bíblico, cuja expressão nem sequer agora se alterou, salvo, possivelmente, por suas pupilas que eram opacas e agora brilham. Tem a faca ensangüentada na mão esquerda e um revólver pequeno, com punho de concha, na direita. Aponta-o à cabeça, inclinado sobre ele, ao mesmo tempo que lhe dá uma espécie de explicação — É uma ordem do coronel Epaminondas Gonçalves, senhor. Eu levei as armas esta manhã, eu sou o chefe desses que você matou.

— Epaminondas Gonçalves? — rouca Galileo Gall e, agora sim, a dor de sua garganta é muito viva.

— Necessita um cadáver inglês — parece desculpar-se Caifás, ao mesmo tempo que apura o gatilho e Gall, que inclinou automaticamente a cara, sente uma queimação na mandíbula, nos cabelos, é como se lhe arrancassem a orelha.

— Sou escocês e odeio os ingleses — alcança a murmurar, pensando que o segundo disparo fará branco em sua frente, sua boca ou seu coração e perderá o sentido e morrerá, pois o desembainhado está alargando de novo a mão, mas o que vê, mas bem é um bólido, um revôo, Jurema que cai sobre o Caifás e se aferra a ele e o faz arrastar, e então deixa de pensar e descobrindo em si forças que já não acreditava ter se levanta e salta também sobre o Caifás, confusamente alerta de estar sangrando e ardendo e antes de que volte a pensar, a tratar de compreender o que aconteceu, o que o salvou, está golpeando com o cabo de seu revólver, com toda a energia que resta, ao desembainhado ao qual Jurema segue presa. Antes de vê-lo perder o sentido, alcança a dar-se conta de que não é a ele a quem Caifás olha enquanto se defende e recebe seus golpes, a não ser a Jurema, e que não há ódio, cólera, a não ser uma incomensurável estupefação em suas pupilas dilatadas, como se não pudesse entender o que ela fez, como se ela se jogasse contra ele, desviasse seu braço, permitisse a sua vítima levantar-se e atacá-lo, fossem coisas que não podia sequer imaginar, sonhar. Mas quando

Caifás, semi-inerte a cara torcida pelos golpes, sangrando também por seu próprio sangue ou a de Gall, solta a faca e seu diminuto revólver e Gall o arrebatada e vai disparar-lhe, é a mesma Jurema quem o impede, prendendo-se de sua mão, como antes da do Caifás, e chiando histericamente.

— *Dont be afraid* — diz Gall, sem forças já para lutar— Tenho que ir daqui, os soldados virão. Ajude-me a subir, mulher.

Abre e fecha a boca, várias vezes, seguro de que neste mesmo instante vai se desabar junto ao Caifás, que parece mover-se. Com a cara torcida pelo esforço, notando que aumentou o ardor do pescoço e que agora lhe doem também os ossos, as unhas, os cabelos, vai dando socos contra os baús e os trastes da cabana, para essa labareda de luz branca que é a porta, pensando “Epaminondas Gonçalves”, pensando: “Sou um cadáver inglês”.

O novo pároco de Cumbe, Dom Joaquim, chegou ao povoado sem fogos nem sinos uma tarde nublada que pressagiava tormenta. Apareceu em um carro de bois, com uma mala ruínosa e uma sombrinha para a chuva e o sol. Fazia uma longa viagem desde Bengalas, em Pernambuco, onde tinha sido pároco dois anos. Nos meses seguintes se diria que seu bispo o tinha afastado dali por haver-se ultrapassado com uma menor.

Quão vizinhos encontrou à entrada de Cumbe o levaram até a Praça da Igreja e lhe mostraram a desfundada moradia onde tinha vivido o pároco do lugar, nesse tempo em que Cumbe tinha pároco. A moradia era agora um oco, com paredes e sem teto, que servia de depósito de lixo e de refúgio aos animais sem dono. Dom Joaquim se meteu à pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceção e acomodando os bancos usáveis preparou uma cama e pôs-se a dormir, tal como estava.

Era jovem, um pouco curvado, baixo, levemente barrigudo, e com um ar festivo que de entrada caiu simpático às pessoas. A não ser pelo hábito e a tonsura não o tivesse tomado por um homem em ativo comércio com o mundo do espírito, pois bastava alternar com ele uma vez para compreender que tanto, ou acaso mais,

importavam-lhe as coisas deste mundo (sobretudo as mulheres). O mesmo dia de sua chegada demonstrou ao Cumbe que era capaz de acotovelar-se com os vizinhos como um deles e que sua presença não estorvaria substancialmente os costumes da população. Quase todas as famílias estavam congregadas na Praça da Igreja para lhe dar boas-vindas, quando abriu os olhos, depois de várias horas de sono. Era noite fechada, tinha chovido e cessado de chover e na umidade cálida cantarolavam os grilos e o céu fervia de estrelas. Começaram as apresentações, longo desfile de mulheres que lhe beijavam a mão e homens que tiravam o chapéu ao passar junto a ele, murmurando seu nome. Em poucos momentos, o Padre Joaquim interrompeu o beija-mão explicando que morria de fome e de sede. Começou então algo semelhante ao percurso das estações de Semana Santa, em que o pároco ia visitando casa por casa, para ser tratado com atenção com as melhores coisas que os aldeãos tinham. A luz da manhã o encontrou acordado, em um dos dois botequins de Cumbe, bebendo cereja com aguardente e fazendo um contraponto de décimas com o caboclo Matias de Tavares.

Começou imediatamente suas funções, rezar missa, batizar aos que nasciam, confessar aos adultos, repartir os últimos sacramentos aos que morriam e casar aos novos casais ou às que, convivendo já, queriam arrumar-se ante Deus. Como atendia uma vasta comarca, viajava com muita frequência. Era ativo e até abnegado no cumprimento de sua tarefa paroquial. Cobrava com moderação por qualquer serviço, aceitava que lhe devessem ou que não lhe pagassem pois, entre os vícios capitais, de que estava decididamente isento era a cobiça. Dos outros não, mas, ao menos, praticava-os sem discriminação. Com o mesmo regozijo agradecia o succulento cabrito ao forno de um fazendeiro, que o bocado de rapadura, que lhe convidava um morador e para sua garganta não havia diferenças entre aguardente antigo ou o rum de queimar aplacado com água que se tomava em tempos de escassez. Quanto às mulheres, nada parecia repeli-lo, anciãs remelentas, meninas impúberes, mulheres castigadas pela natureza com verrugas, lábios leporinos ou idiotice. À todas estava sempre elogiando e lhes insistindo para que devessem decorar o altar da Igreja. Nos folguedos, quando lhe tinham subido as cores à cara, punha-lhes a mão em cima sem o menor embaraço. Aos pais, maridos, irmãos, sua condição religiosa lhes parecia desvirilizar-lo e suportavam resignados essas audácias que em outro

lhes tivessem feito tirar a faca. De todo modo respiraram aliviados quando o Padre Joaquim estabeleceu uma relação permanente com a Alexandrinha Correia, a moça que por rbdomante ficou para vestir santos.

A lenda era que a milagrosa faculdade da Alexandrinha se conheceu quando era uma garotinha, o ano da grande seca, enquanto os vizinhos de Cumbe, desesperando-se pela falta de água, abriam poços por toda parte. Divididos em equipes escavavam do amanhecer, em todos os lugares onde houve alguma vez vegetação entupida, pensando que isto era sintoma de água no subsolo. As mulheres e os meninos participavam do extenuante trabalho. Mas a terra extraída, em vez de umidade, só revelava novas capas de areia negra ou de rochas inquebráveis. Até que um dia, Alexandrinha, falando com veemência, atordoada, como se lhe ditassem palavras que logo que tinha tempo de repetir, interrompeu à equipe de seu pai, lhes dizendo que em vez de cavar ali o fizessem mais acima, ao começo do atalho que sobe ao Massacará. Não fizeram conta. Mas a menina seguiu insistindo, sapateando e movendo as mãos como inspirada. “Total, só abriremos um oco mais”, disse seu pai. Foram fazer a prova nessa esplanada de calhaus amarelados, onde se bifurcam os atalhos à Carnaiba e ao Massacará. Ao segundo dia de estar tirando torrões e pedras, o subsolo começou a obscurecer-se, a umedecer-se e, por fim, no meio do entusiasmo dos vizinhos, transpirou água. Três poços mais se encontraram pelos arredores, que permitiram ao Cumbe sorte melhor que nesses outros lugares dois anos de miséria e mortandade.

Alexandrinha Correia se converteu, a partir de então, em objeto de reverência e de curiosidade. Para seus pais, além disso, em um ser cuja intuição trataram de aproveitar, cobrando aos casarios e aos moradores por lhes adivinhar o lugar onde deviam procurar água. Entretanto, as habilidades de Alexandrinha não se prestavam ao negócio. A menina se equivocava mais vezes das que acertava e, em muitas ocasiões, depois de farejar pelo lugar com seu nariz escoiceado, dizia: “Não sei, não me ocorre”. Mas nem esses vazios nem os enganos, que sempre desapareciam sob a lembrança de seus achados, empanaram a fama com que cresceu. Sua aptidão de rbdomante a fez famosa, não feliz. Desde que se soube que tinha esse poder, levantou-se ao seu redor um muro que a isolou da gente.

Os outros meninos não se sentiam cômodos com ela e os maiores não a tratavam com naturalidade. Olhavam-na com insistência, perguntavam-lhe coisas estranhas sobre o futuro ou a vida que há depois da morte e faziam que se ajoelhasse à cabeceira dos doentes e tratasse de curá-los com o pensamento. De nada valeram seus esforços para ser uma mulher igual às demais. Os homens sempre se mantiveram a respeitosa distância dela. Não a tiravam para dançar nas feiras, nem lhe deram serenatas nem a nenhum deles lhe passou pela cabeça tomá-la por mulher. Como se apaixonar fosse uma profanação.

Até que chegou o novo pároco. O Padre Joaquim não era homem que se deixasse intimidar por auréolas de santidade ou de bruxaria no referente à mulheres. Alexandrinha tinha deixado atrás os vinte anos. Era espingarda, de nariz sempre curioso e olhos inquietos, e ainda vivia com seus pais diferente de suas quatro irmãs menores, que já tinham marido e casa própria. Levava uma vida solitária, pelo respeito religioso que inspirava e que ela não conseguia dissipar em que pese a sua simplicidade. Como a filha dos Correia só ia à Igreja à missa do domingo e como a convidavam à poucas celebrações privadas (a gente temia que sua presença, poluída de sobrenatural, impedisse a alegria) o novo pároco demorou para travar relação com ela.

O romance devia começar pouco a pouco, sob as abundantes cajaranas da Praça da Igreja, ou nas ruelas de Cumbe onde o cura e a rdbomante deviam cruzar-se, descruzar-se, e ele olhá-la como se estivesse tomando um exame, com seus olhinhos impertinentes, vivazes, insinuantes, ao mesmo tempo que sua cara moderava a crueldade do reconhecimento com um sorriso bonachão. E ele foi o primeiro em lhe dirigir a palavra, claro está, lhe perguntando talvez sobre a festa do povo, em oito de dezembro, ou por que não a via nos rosários ou como era isso da água que lhe atribuíam. E ela devia lhe responder com esse modo rápido, direto, desajuizado que era o seu, olhando-o sem rubor. E assim deveriam acontecer os encontros casuais, outros menos casuais, conversações onde, além das intrigas de atualidade sobre os bandidos, os volantes e as rixas; namoricos locais e as confidências recíprocas; pouco a pouco iriam aparecendo malícias e atrevimentos.

O fato é que um bom dia todo Cumbe comentava com ironia a mudança da Alexandrinha, desinteressada paroquiana que se voltou de repente a mais diligente. Via-a, cedo nas manhãs, sacudindo os bancos da Igreja, arrumando o altar e varrendo a porta. E começou a ver-se, também, na casa do pároco que, com o auxílio dos vizinhos, tinha recuperado tetos, portas e janelas. Que existia entre ambos algo mais que debilidades em oferta foi evidente o dia que Alexandrinha entrou com ar decidido ao botequim onde o Padre Joaquim, logo depois de uma festa de batismo, refugiou-se com um grupo de amigos e tocava violão e bebia, cheio de felicidade.

A entrada da Alexandrinha o emudeceu. Ela avançou para ele e com firmeza lhe soltou esta frase: “Você vem agora mesmo comigo, porque já tomou bastante”. Sem replicar, o cura a seguiu.

A primeira vez que o santo chegou ao Cumbe, Alexandrinha Correia levava já vários anos vivendo na casa do pároco. Instalou-se ali para cuidar de uma ferida que recebeu no povoado de Rosário, onde se viu envolto em um tiroteio entre o cangaço do João Satã e os policiais do Capitão Geraldo Macedo, os Caça-bandidos, e ali ficou. Tinham tido três filhos que todos nomeavam só como filhos da Alexandrinha e lhe diziam “guardiã” de Dom Joaquim. Em presença teve um efeito moderador na vida do pároco, embora não corrigiu todos os seus costumes. Os vizinhos a chamavam quando, mais bêbado do recomendável, o cura se voltava uma complicação, e ante ela ele era sempre dócil, até nos extremos da bebedeira. Possivelmente isso contribuiu a que os vizinhos tolerassem sem muitos resmungos essa união. Quando o santo veio ao Cumbe pela primeira vez, ela era tão aceita que inclusive os pais e irmãos de Alexandrinha a visitavam em sua casa e tratavam de “netos” e “sobrinhos” à seus filhos sem o menor desconforto.

Por isso caiu como uma bomba que, em sua primeira prédica do púlpito da Igreja de Cumbe, onde o Padre Joaquim, com sorriso complacente, tinha-lhe permitido subir, o homem alto, esquelético, de olhos crepitantes e cabelos nazarenos, envolto em uma túnica morada, destrambelhasse contra os maus pastores. Um silêncio sepulcral se fez na nave repleta de gente. Ninguém olhava ao pároco, quem, sentado no primeiro banco, tinha aberto os olhos com um pequeno coice e permanecia imóvel, a vista fixa adiante, no crucifixo ou em sua humilhação. E os vizinhos tampouco olhavam a

Alexandrinha Correia, sentada na terceira fila, que, ela sim, contemplava ao pregador, muito pálida. Parecia que o santo viria ao Cumbe lecionado por inimigos do casal. Grave, inflexível, com voz que ricocheteava contra as frágeis paredes e o teto côncavo, dizia coisas terríveis contra os escolhidos do Senhor que, em que pese ter sido ordenados e vestir hábitos, convertiam-se em lacaios de Satã. Enfurecia-se em vituperar todos os pecados do Padre Joaquim: a vergonha dos pastores que em lugar de dar exemplo de sobriedade bebiam cachaça até o desvario; a indecência dos que em lugar de jejuar e ser frugais se engasgavam sem dar-se conta que viviam rodeados de gente que logo que tinha o que comer; o escândalo dos que esqueciam seu voto de castidade e se divertiam com mulheres às quais, em vez de orientar espiritualmente, perdiam-lhes dando de presente suas pobres almas ao Cão dos infernos. Quando os vizinhos se animavam a espiá-lo com a extremidade do olho, descobriam ao pároco no mesmo lugar, sempre olhando à frente, a cara cor cobre em pó. Isso que ocorreu, e que foi a fofoca da gente muitos dias, não impediu que o Conselheiro seguisse pregando na Igreja de Nossa Senhora da Conceição enquanto permaneceu em Cumbe ou que voltasse a fazê-lo quando, meses depois, retornou acompanhado por um séquito de bem-aventurados, ou que o fizesse de novo em anos sucessivos. Diferentemente foi que nos conselhos das outras vezes o Padre Joaquim costumava estar ausente. Alexandrinha, em troca, não. Estava sempre ali, na terceira fila, com o nariz escoiceado, escutando as admoestações do santo contra a riqueza e os excessos, sua defesa dos costumes austeros e suas exortações a preparar a alma para a morte mediante o sacrifício e a oração. A antiga rbdomante começou a dar demonstrações de crescente religiosidade. Acendia velas nos nichos das ruas, permanecia tempo de joelhos ante o altar, em atitude de profunda concentração, organizava ações de graças, rogativas, rosários, novenas. Um dia apareceu tocada com um trapo negro e um pingente no peito com a imagem do Bom Jesus. Disse-se que, embora seguissem sob o mesmo teto, já não ocorria entre o pároco e ela nada que ofendesse a Deus. Quando os vizinhos se animavam a perguntar ao Padre Joaquim pela Alexandrinha, ele desviava a conversação. Notava-lhe sobressaltado. Embora seguia vivendo alegremente, suas relações com a mulher que compartilhava sua casa e era mãe de seus filhos, mudaram. Ao menos em público se tratavam com a cortesia de duas pessoas que apenas se conhecem. O

Conselheiro despertava no pároco de Cumbe sentimentos indefiníveis. Tinha-lhe medo, respeito, inveja, comisseração? O fato é que cada vez que chegava lhe abria a Igreja, confessava-o, o fazia comungar e enquanto estava em Cumbe era um modelo de moderação e devoção.

Quando, na última visita do santo, Alexandrinha Correia se foi atrás dele, entre seus peregrinos, abandonando tudo o que tinha, o Padre Joaquim foi a única pessoa do povoado que não pareceu surpreender-se.

Pensou que nunca tinha temido à morte e que tampouco lhe temia agora. Mas lhe tremiam as mãos, corriam-lhe calafrios e a cada momento se juntava mais à fogueira para esquentar o gelo de suas vísceras. E, entretanto, suave. Pensou: “Está morto de medo, Gall”. Essas goteiras de suor, esses calafrios, esse gelo e esse tremor eram o pânico de que pressente a morte. Conhecia-lhe mal, companheiro. Ou mudara? Pois estava seguro de não haver sentido nada semelhante de moço, no calabouço de Paris, quando esperava ser fuzilado, nem em Barcelona, na enfermaria, enquanto os estúpidos burgueses o curavam para que subisse ao patíbulo a ser estrangulado com um aro de ferro. Morreria: tinha chegado a hora, Galileo.

Endureceria-lhe o falo no instante supremo, como diziam que ocorria com os enforcados e os decapitados? Alguma tortuosa verdade escondia essa crença grandiloqüente, alguma misteriosa afinidade entre o sexo e a consciência da morte. Se não fosse assim, não lhe ocorreria o desta madrugada e o de um momento atrás. Um momento? Horas, melhor. Era noite fechada e havia miríades de estrelas no firmamento. Recordou que, enquanto esperava na pensão de Queimadas, tinha planejado escrever uma carta à *l'Étincelle da révolte* explicando que a paisagem do céu era imensamente mais variada que o da terra nesta região do mundo e que isto sem dúvida influía na disposição religiosa da gente. Sentiu a respiração de Jurema, mesclada ao rangido da fogueira declinante. Sim, tinha sido farejar a morte perto o que o lançou sobre esta mulher, com o falo rígido, duas vezes em um mesmo dia. “Estranha relação feita de susto e sêmen e de nada mais”, pensou. Por que o tinha salvado, interpondo-se, quando Caifás ia lhe dar o tiro de graça? Por que o

tinha ajudado a subir à mula, acompanhado, curado, gasto até aqui? Por que se conduzia assim com quem devia odiar?

Fascinado, recordou essa urgência súbita, premente, irrefreável, quando o animal caiu em pleno trote, jogando ambos ao chão. “Seu coração devia arrebentar como uma fruta”, pensou. A que distância estavam de Queimadas? Era o rio do Peixe o regato onde se lavou e enfaixou? Tinha deixado atrás, contornando o Riacho das Onze ou ainda não tinham chegado a esse povoado? Seu cérebro era uma multidão de perguntas; mas o medo se eclipsou. Havia sentido muito medo quando a mula desabou e viu que caía, que rodava? Sim. Essa era a explicação: o medo. A repentina suspeita de que o animal tinha morrido, não de cansaço, mas sim de um disparo dos capangas que o perseguiram para convertê-lo em um cadáver inglês. E foi procurando instintivamente amparo que saltou sobre a mulher que tinha rodado ao chão com ele. Pensaria Jurema que era um louco, talvez o diabo? Tomá-la nessas circunstâncias, nesse momento, nesse estado. Aí, o desconcerto dos olhos da mulher, sua confusão, quando compreendeu, pela forma como as mãos de Gall escavavam suas roupas, o que pretendia dela. Não fez resistência esta vez, mas tampouco dissimulou seu desgosto, ou, melhor, sua indiferença. Aí, essa quieta resignação de seu corpo que tinha ficado impressa na mente de Gall enquanto jazia em terra, confuso, atordado, tomado de algo que podia ser desejo, medo, angústia, incerteza ou um cego rechaço da armadilha em que se achava. Através de uma neblina de suor, com as feridas do ombro e do pescoço lhe doendo como se se houvessem reaberto e a vida escorresse por elas, viu a Jurema, na tarde que obscurecia, examinar à mula, lhe abrindo os olhos e a boca. Viu-a logo, sempre do chão, reunir ramos, folhas e acender uma fogueira. E a viu, com a faca que extraiu de seu cinturão sem lhe dizer palavra, fatiar umas fatias avermelhadas dos jares do animal, trespassá-los e pô-los a assar. Dava a impressão de cumprir uma rotina doméstica, como se nada anormal ocorresse, como se os acontecimentos deste dia não tivessem revolucionado sua existência. Pensou: “São as pessoas mais enigmáticas do planeta”. Pensou: “Fatalistas, educadas para aceitar o que a vida lhes traga, seja bom, mau ou atroz”. Pensou: “Para ela você é o atroz”.

Logo depois de um momento, pudera incorporar-se, beber uns goles de água, e, com grande esforço pelo ardor de sua garganta,

mastigar. As partes de carne lhe fizeram o efeito de um manjar. Enquanto comiam, imaginando que Jurema estaria perplexa com as ocorrências, tinha tratado de explicar-lhe quem era Epaminondas Gonçalves, sua proposta das armas, como tinha sido ele quem planejou o atentado em casa do Rufino para roubar seus próprios fuzis e matá-lo, pois necessitava um cadáver de pele clara e ruivo. Mas se deu conta que não lhe interessava o que ouvia. Escutava-o mordiscando com uns dedinhos pequenos e parecidos, espantando as moscas, sem assentir nem perguntar nada, posando pouco a pouco nos seus uns olhos que a escuridão se ia tragando e que o faziam sentir-se estúpido. Pensou: “Sou-o”. Ele era, demonstrou sê-lo. Ele tinha a obrigação moral e política de desconfiar, de suspeitar que um burguês ambicioso, capaz de maquinar uma conspiração contra seus adversários como a das armas, podia maquinar outra contra ele. Um cadáver inglês! Ou será que o dos fuzis não tinha sido um equívoco, um *lapsus*: disse-lhe que eram franceses sabendo que eram ingleses. Galileo o descobriu ao chegar à moradia do Rufino, enquanto acomodava as caixas na carroça. A marca de fábrica, na culatra, saltava à vista: *Liverpool*, 1891. Tinha-lhe feito uma brincadeira, mentalmente: “França não invadiu ainda a Inglaterra, que eu saiba. Os fuzis são ingleses, não franceses”. Fuzis ingleses, um cadáver inglês. O que se propunha? Podia imaginar-lhe era uma idéia fria, cruel, audaz e ao melhor até efetiva. Renasceu a angústia em seu peito e pensou: “Matar-me-á”. Não conhecia o território, estava ferido, era um forasteiro cujo rastro poderia assinalar todo mundo. Onde ia esconder-se? “Em Canudos.” Sim, sim. Ali se salvaria ou, quando menos, não morreria com a lastimosa sensação de ser estúpido. “Canudos lhe anistiará, companheiro”, lhe ocorreu.

Tremia de frio e lhe doíam o ombro, o pescoço, a cabeça. Para esquecer-se de suas feridas tratou de pensar nos soldados do Major Febrônio de Brito: teriam partido já de Queimadas rumo à Monte Santo? Aniquilariam esse hipotético refúgio antes de que pudesse chegar a ele? Pensou: “O projétil não ingressou, nem tocou a pele, apenas a rasgou com seu roce candente. A bala, pelo resto, tinha que ser diminuta, como o revólver, para matar pardais”. Não era o balaço, a não ser a navalhada afiada: tinha entrado profundamente, talhado veias, nervos e dali subiam o ardor e as ferroadas até a orelha, os olhos, a nuca. Os calafrios o estremeciam dos pés à cabeça.

Foi morrer, Gall? Subitamente recordou a neve da Europa, sua paisagem tão domesticada se o comparava com esta natureza indômita. Pensou: “Haverá hostilidade geográfica parecida em alguma região da Europa?”. No sul da Espanha, na Turquia, sem dúvida, e na Rússia. Recordou a fuga de Bakunin, depois de estar onze meses encadeado ao muro de uma prisão. A contava seu pai, sentando-o em seus joelhos: a épica travessia da Sibéria, o rio Amur, Califórnia, de novo a Europa e, ao chegar a Londres, a formidável pergunta: “Há ostras neste país?”. Recordou os albergues que salpicavam os caminhos europeus, onde sempre havia uma chaminé ardendo, uma sopa quente e outros viajantes com quem fumar um cachimbo e comentar a jornada. Pensou: “A nostalgia é uma covardia, Gall”.

Estava-se deixando ganhar pela autocompaixão e a melancolia. Que vergonha, Gall! Não tinha aprendido sequer a morrer com dignidade? Que mais dava a Europa, o Brasil ou qualquer pedaço de terra! Não seria o mesmo resultado? Pensou: “A desagregação, a decomposição, a podridão, e, se os animais famintos não intervierem, uma frágil armação de ossos amarelados recoberta de uma pele ressecada”. Pensou: “Está ardendo e morto de frio e isso se chama febre”. Não era o medo, nem a bala de matar passarinhos, nem a navalhada: era uma enfermidade. Porque o mal-estar tinha começado antes do ataque do desembainhado, quando estava naquela fazenda com o Epaminondas Gonçalves; tinha ido minando sigilosamente algum órgão e estendendo-se pelo resto de seu organismo. Estava doente, não ferido gravemente. Outra novidade, companheiro. Pensou: “O destino quer completar sua educação antes de que morra, lhe infligindo experiências desconhecidas”. Primeiro estuprador e logo doente! Porque não recordava havê-lo estado nem em sua mais remota infância. Ferido sim, várias vezes, e aquela, em Barcelona, gravemente. Mas doente, jamais. Tinha a sensação de que a qualquer momento perderia o sentido. Por que este esforço insensato por seguir pensando? Por que essa intuição de que enquanto pensasse seguiria vivo? Ocorreu-lhe que Jurema se foi. Apavorado, escutou: aí estava sempre sua respiração, para a direita. Já não podia vê-la porque a fogueira se consumiu de tudo.

Tratou de dar-se ânimos sabendo que era inútil, murmurando que as circunstâncias adversas estimulavam ao verdadeiro

revolucionário, dizendo-se que escreveria uma carta a *l'Étincelle da révolte* associando com o que ocorria em Canudos o discurso breve do Bakunin aos relojoeiros e artesãos de Chaux-de Fonds e do vale de Saint Imier em que sustentou que as grandes sublevações não se produziriam nas sociedades mais industrializadas, como profetizava Marx, a não ser nos países atrasados, agrários, cujas miseráveis massas camponesas não tinham nada que perder, como a Espanha, Rússia, e por que não? o Brasil, e tratou de repreender ao Epaminondas Gonçalves: “Ficará defraudado, burguês. Devia me matar quando estava a sua mercê, no terraço da fazenda. Sanarei, escaparei”. Sanaria, escaparia, a moça o guiaria, roubaria uma cavalgada e, em Canudos, lutaria contra o que você representava, burguês, o egoísmo, o cinismo, a avidez e...

DOIS

I

O calor não cedeu com as sombras e, diferente de outras noites de verão, não corre gota de brisa. Salvador se abrasa na escuridão. Está já às escuras, pois às doze, por ordenança municipal, apagam-se os faróis das esquinas, e os lampiões das casas dos noctâmbulos se apagaram também faz momento. Só as janelas do *Jornal de Notícias*, lá no alto da cidade velha, continuam acesas, e seu resplendor enrevesa ainda mais a caligrafia gótica com que está escrito o nome do jornal nos cristais da entrada.

Junto à porta há uma calesa e o chofer e o cavalo dormitam ao unísono. Mas os capangas de Epaminondas Gonçalves estão acordados, fumando, acotovelados no muro do escarpado, junto ao edifício do jornal. Dialogam a meia voz, assinalando algo lá abaixo, onde apenas se divisa a mole da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e a orla de espuma da escolho. A ronda do cavalo passou faz tempo e não voltará até o amanhecer.

Dentro, na sala da Redação-Administração, está, sozinho, esse jornalista jovem, fraco, desajeitado, cujos espessos óculos de míope, seus freqüentes espirros e sua mania de escrever com uma pluma de ganso em vez de fazê-lo com uma de metal são motivo de brincadeiras entre a gente do ofício. Inclinado sobre sua carteira, desgraçada a cabeça imersa no halo da lamparina, em uma postura que o agüenta e mantém enviesado do tabuleiro, escreve depressa, detendo-se só para molhar a pluma no tinteiro ou consultar um livro de apontamentos, que aproxima dos óculos quase até tocá-los. O traço da pluma é o único ruído da noite. Hoje não se ouve o mar e o escritório da Direção, também iluminada, permanece em silêncio, como se Epaminondas Gonçalves dormiu sobre seu escritório.

Mas quando o jornalista míope põe ponto final a sua crônica e, rápido, cruza a ampla sala e entra em seu escritório, encontra ao chefe do Partido Republicano Progressista com os olhos abertos, esperando-o. Tem os cotovelos sobre a mesa e as mãos cruzadas. Ao vê-lo, sua cara moréia, angulosa, em que rasgos e ossos estão

sublinhados por essa energia interior que lhe permite passar as noites em branco em reuniões políticas e logo trabalhar todo o dia sem dar demonstrações de cansaço, distende-se como se se dissesse “por fim”.

—Terminada? — murmura.

—Terminada. — O jornalista míope lhe estira o maço de papéis. Mas Epaminondas Gonçalves não os agarra.

— Prefiro que a leoa — diz— Ouvindo-a, dar-me-ei conta melhor como saiu. Senta-se aí, perto da luz.

Quando o jornalista vai começar a ler o sobressalta um espirro, e logo outro, e finalmente uma rajada que o obriga a tirar os óculos, e a cobrir a boca e o nariz com um enorme lenço que saca de sua manga, como um prestidigitador.

—É a umidade do verão — se desculpa, limpando a cara congestionada.

—Sim — atalha-o Epaminondas Gonçalves— Leia, por favor.

II

Um Brasil Unido, Uma Nação Forte

JORNAL DE NOTÍCIAS
(Proprietário: Epaminondas Gonçalves)

Bahia, 3 de Janeiro de 1897

*A Derrota da Expedição do Major Febrônio de Brito no sertão de
Canudos*

Novos Desenvolvimentos

**O PARTIDO REPUBLICANO PROGRESSISTA ACUSA AO
GOVERNADOR E AO PARTIDO AUTONOMISTA DE BAHIA DE
CONSPIRAR CONTRA A REPÚBLICA PARA RESTAURAR A
ORDEM IMPERIAL OBSOLETA**

O cadáver do “agente inglês”

*Comissão de Republicanos viaja ao Rio para pedir intervenção
do Exército Federal contra fanáticos subversivos*

**TELEGRAMA DE PATRIOTAS bahianos AO CORONEL Moreira
César: “SALVE À REPÚBLICA!”.**

A derrota da Expedição militar comandada pelo Major Febrônio de Brito e composta por efetivos dos Batalhões de Infantaria 9, 26 e

33 e os indícios crescentes de cumplicidade da coroa inglesa e de latifundiários bahianos de conhecida filiação autonomista e nostalgias monárquicas com os fanáticos de Canudos, provocaram na noite de segunda-feira uma nova tormenta na Assembléia Legislativa do Estado da Bahia. O Partido Republicano Progressista, através de seu Presidente, o Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves acusou formalmente ao Governador do Estado da Bahia, Exmo. Sr. Dom Luis Viana, e aos grupos tradicionalmente vinculados ao Barão da Canabrava — Ex-ministro do Império e Ex-embaixador do Imperador Pedro II ante a coroa britânica — de ter atizado e armado a rebelião de Canudos, com ajuda da Inglaterra a fim de produzir a queda da República e a restauração da monarquia. Os Deputados do Partido Republicano Progressista exigiram a intervenção imediata do Governo Federal no Estado da Bahia para sufocar o que o Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves chamou “conjuração sediciosa do sangue azul nativo e a cobiça albiônica contra a soberania do Brasil”. De outra parte, anunciou-se que uma Comissão constituída por figuras proeminentes da Bahia partiu para o Rio de Janeiro a transmitir ao Presidente Prudente de Moraes o clamor baiano de que envie forças do Exército Federal a aniquilar o movimento subversivo de Antonio Conselheiro.

Os Republicanos Progressistas recordaram que aconteceram já duas semanas da derrota da Expedição Brito, por rebeldes muito superiores em número e em armas, e apesar disso, e do descobrimento de um carregamento de fuzis ingleses destinados à Canudos e do cadáver do agente inglês Galileo Gall na localidade de Iupuiará, as autoridades do Estado, começando pelo Exmo. Sr. Governador Dom Luis Viana, mostraram uma passividade e abulida suspeitas, ao não ter solicitado no ato, como o reclamam os patriotas da Bahia, a intervenção do Exército Federal para esmagar esta conjuração que ameaça a essência mesma da nacionalidade brasileira.

O Vice-Presidente do Partido Autonomista e Presidente da Assembléia Legislativa, Exmo. Cavalheiro Dom Adalberto de Gumucio, disse que era uma infâmia sugerir sequer, que alguém como o Barão de Canabrava, pró-homem baiano graças a quem este Estado tinha carreiras, ferro-carros, pontes, hospitais de Beneficência, escolas e multidão de obras públicas, pudera ser

acusado, e para colmo *in absentia*, de conspirar contra a soberania brasileira.

O Exmo Sr. Deputado Dom Floriano Mártir disse que o Presidente da Assembléia preferia banhar em incenso a seu parente e chefe de Partido, Barão da Canabrava, em lugar de falar do sangue dos soldados derramado em Uauá e em Cambaio pelo sebastianistas degenerados, ou das armas inglesas expropriadas nos sertões ou do agente inglês Gall, cujo cadáver encontrou a Guarda Rural em Ipujará. E se perguntou: “deve-se esta escamoteação talvez, a que ditos tema fazem sentir incômodo ao Exmo. Sr. Presidente da Assembléia?”. O Deputado do Partido Autonomista, Exmo. Sr. Dom Eduardo Glicério disse que os Republicanos, em suas ânsias de poder inventam títeres, conspirações de espiões carbonizados e de cabeleiras albinas que são os bobos do povo sensato da Bahia. E perguntou: “Acaso o Barão da Canabrava não é o primeiro prejudicado com a rebelião dos fanáticos desalmados? Acaso não ocupam estes ilegalmente terras de sua propriedade?”. Ao qual o Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas o interrompeu para dizer: “E se essas terras não fossem usurpadas, mas, emprestadas?”. O Exmo. Sr. Deputado Dom Eduardo Glicério replicou perguntando ao Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas se no Colégio Salesiano não lhe tinham ensinado que não se interrompe a um cavalheiro enquanto fala. O Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas repôs que ele não sabia que estivesse falando nenhum cavalheiro. O Exmo. Sr. Deputado Dom Eduardo Glicério exclamou que esse insulto teria sua resposta no campo da honra, a menos que lhe apresentassem desculpas *ipso facto*. O Presidente da Assembléia, Exmo. Cavalheiro Adalberto de Gumucio exortou ao Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas a apresentar desculpas a seu colega, em altares da harmonia e majestade da instituição. O Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas disse que ele se limitou a dizer que não estava informado que, em um sentido estrito, houvesse ainda no Brasil cavalheiros, nem barões, nem viscondes, porque, do glorioso governo republicano do Marechal Floriano Peixoto, benemérito da Pátria, cuja lembrança viverá sempre no coração dos brasileiros, todos os títulos nobiliários tinham passado a ser papéis imprestáveis. Mas que não estava em seu ânimo ofender a ninguém,

e menos ao Exmo. Sr. Deputado Dom Eduardo Glicério. Com o qual este se deu por satisfeito.

O Exmo. Sr. Deputado Dom Rocha Seabra, disse que não podia permitir que um homem que se honra e preza do Estado, como o Barão da Canabrava, fora enlodado por ressentidos cujo histórico não luz nem a centésima parte de bens dispensados a Bahia pelo fundador do Partido Autonomista. E que não podia entender que se enviassem telegramas chamando baiano a um jacobino como o Coronel Moreira César, cujo sonho, a julgar pela crueldade com que reprimiu o levantamento da Santa Catarina, era colocar guilhotinas nas praças do Brasil e ser o Robespierre nacional. O que motivou um irado protesto dos Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista, quem, postos de pé, aclamaram ao Exército, ao Marechal Floriano Peixoto, ao Coronel Moreira César e exigiram satisfações pelo insulto inferido a um herói da República. Retomando a palavra o Exmo. Sr. Deputado Dom Rocha Seabra disse que não tinha sido sua intenção injuriar ao Coronel Moreira César, cujas virtudes militares admirava, nem ofender a memória do extinto Marechal Floriano Peixoto, cujos serviços à República reconhecia, a não ser deixar claro que era oposto à intervenção dos militares na política, pois não queria que o Brasil corresse a sorte desses países sul-americanos cuja história é uma mera sucessão de pronunciamentos de quartel. O Exmo. Sr. Deputado Dom Elísio de Torre o interrompeu para lhe recordar que tinha sido o Exército do Brasil quem pôs fim a velha monarquia e instalado a República, e, novamente de pé, os Exmos. Srs. Deputados da oposição renderam comemoração ao Exército e ao Marechal Floriano Peixoto e ao Coronel Moreira César. Reatando sua interrompida intervenção, o Exmo. Sr. Deputado Dom Rocha Seabra disse que era absurdo que se pedisse uma intervenção federal quando Sua Excelência o Governador Dom Luis Viana tinha afirmado repetidamente que o Estado da Bahia estava em condições de sufocar o caso de banditismo e loucura Sebastianista que representava Canudos. O Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves recordou que os rebeldes tinham dizimado já duas expedições militares nos sertões e perguntou ao Exmo. Sr. Deputado Dom Rocha Seabra quantas forças expedicionárias mais deviam ser massacradas, a seu julgamento, para que se justificasse uma intervenção federal. O Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horçadas disse que o patriotismo autorizava,

a ele e a qualquer, a arrastar pelo lodo a quem quer se dedicasse a fabricar lodo, quer dizer a atizar rebeliões restauradoras contra a República e em cumplicidade com a Pérfida Albión. O Exmo. Sr. Deputado Dom Lelis Piedades disse que a prova mais terminante de que o Barão da Canabrava não tinha a mínima intervenção nos acontecimentos provocados pelos desalmados de Canudos era o achar-se já vários meses afastado do Brasil. O Exmo. Sr. Deputado Floriano Mártir disse que a ausência, em vez de desculpá-lo, podia delatá-lo, e que a ninguém enganava semelhante álibi, pois toda a Bahia era consciente de que no Estado não se movia um dedo sem autorização, ou ordem expressa do Barão da Canabrava. O Exmo. Sr. Deputado Dom Dantas Horcadas disse que era suspeito e ilustrativo que os Exmos. Srs. Deputados da maioria se negassem, impedindo a debater sobre o carregamento de armas inglesas e sobre o agente inglês Gall enviado pela coroa britânica para assessorar aos rebeldes em seus protestos intentos. O Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Cavalheiro Adalberto de Gumucio, disse que as especulações e fantasias ditadas pelo ódio e a ignorância se desbaratavam com a simples menção da verdade. E anunciou que o Barão da Canabrava desembarcaria em terra bahiana dentro de poucos dias, onde não só os Autonomistas, mas também, todo o povo lhe daria o recebimento triunfal que merecia e que seria o melhor desagravo contra os infundados de quem pretendia associar seu nome, o de seu Partido e o das autoridades da Bahia, com os lamentáveis acontecimentos de bandidismo e degeneração moral de Canudos. Ao qual, postos de pé, os Exmos. Srs. Deputados da maioria fizeram coro e aplaudiram o nome de seu Presidente, Barão da Canabrava, tanto que os Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista permaneciam sentados e removiam seus assentos em sinal de reprovação.

A sessão foi interrompida uns minutos para que os Exmos. Srs. Deputados tomassem um refrigério e moderassem os ânimos. Mas, durante o intervalo, escutaram-se nos corredores da Assembléia viva discussões e mudanças de palavras e os Exmos. Srs. Deputados Dom Floriano Mártir e Dom Rocha Seabra foram separados por seus respectivos amigos pois estiveram a ponto de atar-se a trombadas.

Ao reatar a sessão, o Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Cavalheiro Adalberto de Gumucio, propôs que, em vista do recarregado da Ordem do dia, procedesse-se a discutir o novo

partido pressuposto, solicitado pela Governação para estender novas vias da ferrovia de penetração ao interior do Estado. Esta proposta motivou a zangada reação dos Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista, quem, de pé, aos gritos de “Traição!” “Manobra indigna!”, exigiram que se reatasse o debate sobre o mais candente dos problemas da Bahia e agora do país inteiro. O Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves advertiu que se a maioria pretendia escamotear o debate sobre a rebelião restauradora de Canudos e a intervenção da coroa britânica nos assuntos brasileiros, ele e seus companheiros abandonariam a Assembléia, pois não toleravam que se enganasse ao povo com farsas. O Exmo. Sr. Deputado Dom Elisio de Torre disse que os esforços do Exmo. Sr. Presidente da Assembléia para impedir o debate eram uma demonstração evidente do embaraço que produzia ao Partido Autonomista que se tocasse o tema do agente inglês Gall e das armas inglesas, o que não era estranho, pois de todos eram conhecidas as nostalgias monárquicas e anglófilas do Barão da Canabrava.

O Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Cavalheiro Adalberto de Gumucio, disse que os Exmos. Srs. Deputados da oposição não conseguiriam seu propósito de amedrontar a ninguém com chantagens e que o Partido Autonomista baiano era o primeiro interessado, por patriotismo, em esmagar aos sebastianistas fanáticos de Canudos e em restaurar a paz e a ordem nos sertões. E que, em vez de fugir nenhuma discussão, antes bem a desejavam.

O Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé disse que só quem carecia de sentido de ridículo podiam continuar falando do suposto agente inglês Galileo Gall, cujo cadáver carbonizado dizia ter encontrado em Ipupiará a Guarda Rural Bahiana, tropa que pelo resto, segundo *vox populi*, era recrutada, financiada e controlada pelo Partido da oposição, expressões que motivaram irados protestos dos Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista. Acrescentou o Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé que o Consulado britânico na Bahia tinha dado fé de que, tendo conhecimento de que o sujeito apelidado Gall era de maus antecedentes, tinha-o feito saber às autoridades do Estado para que procedessem em consequência, fazia disto dois meses, e que o Comissionado de Polícia da Bahia o tinha confirmado, assim como dado a luz pública a ordem de expulsão do país que foi comunicada a

dito sujeito para que partisse no navio francês “*La Marseillaise*“. Que o fato de que o tal Galileo Gall tivesse desobedecido a ordem de expulsão e aparecesse um mês mais tarde, morto, junto a uns fuzis, no interior do Estado não provava nenhuma conspiração política nem intervenção de potência estrangeira alguma, a não ser, ao mais, que o referido trapaceiro pretendia contrabandear armas com esses seguros compradores, cheios de dinheiro por seus múltiplos latrocínios, que eram os fanáticos sebastianistas de Antonio Conselheiro. Como a intervenção do Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé provocou a hilaridade dos Exmos. Srs. Deputados da oposição, quem lhe fez gestos de ter asas angélicas e auréola de santidade, o Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Cavalheiro Adalberto de Gumucio, chamou à sala à ordem. O Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé, disse que era uma hipocrisia armar semelhante alvoroço pelo achado de uns fuzis no sertão, quando todo mundo sabia que o tráfico e contrabando de armas era desgraçadamente um pouco generalizado no interior e, se não, que dissessem os Exmos. Srs. Deputados da oposição de onde tinha armado o Partido Republicano Progressista aos capangas e cangaceiros com os que tinha formado esse Exército privado que era a chamada Guarda Rural Bahiana, que pretendia funcionar à margem das instituições oficiais do Estado. Vaiado com indignação o Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé pelos Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista, por suas agravantes palavras, o Exmo. Sr. Presidente da Assembléia devia impor uma vez mais a ordem.

O Exmo. Sr. Deputado Epaminondas Gonçalves disse que os Exmos. Srs. Deputados da maioria se afundavam cada vez mais em suas contradições e embustes como ocorre fatalmente a quem caminha sobre areias movediças. E agradeceu ao céu que fosse a Guarda Rural a que capturou os fuzis ingleses e ao agente inglês Gall, pois era um corpo independente, são e patriótico, genuinamente republicano, que alertou às autoridades do Governo Federal sobre a gravidade dos acontecimentos e fez o necessário para impedir que fossem ocultas as provas da colaboração dos monárquicos nativos com a coroa britânica na conjuração contra a soberania brasileira da que Canudos era ponta de lança. Porque se não fosse a Guarda Rural, disse, a República não se inteiraria, jamais, da presença de agentes

ingleses conduzindo carregamentos de fuzis para os restauradores de Canudos pelo sertão. O Exmo. Sr. Deputado Dom Eduardo Glicério o interrompeu para lhe dizer que do famoso agente inglês o único que se conhecia era um punhado de cabelos que podiam pertencer a uma senhora loira, ou ser as crinas de um cavalo, saída que motivou risadas tanto nos bancos da maioria como nas da oposição. Retomando a palavra o Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves disse que celebrava o bom humor do Exmo. Sr. Deputado que o tinha interrompido, mas que quando os altos interesses da Pátria se achavam ameaçados, e estava ainda morno o sangue dos patriotas caídos em defesa da República em Uauá e em Cambaio, o momento era possivelmente inapropriado para brincadeiras, o que arrancou uma fechada ovação dos Exmos. Srs. Deputados opositores.

O Exmo. Sr. Deputado Dom Elisio de Torre recordou que havia provas, contorvérsias, da identidade do cadáver encontrado em Ipuipiará, junto com os fuzis ingleses, e disse que as negar era negar a luz do sol. Recordou que duas pessoas que tinham conhecido e tratado ao espião inglês Galileo Gall enquanto vivia na Bahia, o cidadão Jan Van Rijsted e o distinto facultativo Dr. José Batista de Sá Oliveira, tinham reconhecido como suas as roupas do agente inglês, seu levita, a correia de sua calça, suas botas e sobretudo a chamativa cabeleira avermelhada que os homens da Guarda Rural que encontraram o cadáver tinham tido o bom tino de cortar. Recordou que ambos os cidadãos tinham testemunhado igualmente sobre as idéias dissolventes do inglês e seus claros propósitos conspiratórios em relação à Canudos e que a nenhum dos dois lhes surpreendeu que fosse encontrado seu cadáver naquela região. E, finalmente, recordou que muitos cidadãos dos povos do interior tinham testemunhado à Guarda Rural que tinham visto o estrangeiro de cabeleira tinta e português estranho tratando de conseguir guias para que o levassem à Canudos. O Exmo. Sr. Deputado Dom João Seixas de Pondé disse que ninguém negava que o sujeito chamado Galileo Gall fosse encontrado morto, e com fuzis, em Ipuipiará, mas sim fosse um espião inglês, pois sua condição de estrangeiro não indicava absolutamente nada por si mesmo. Por que não podia ser um espião dinamarquês, sueco, francês, alemão ou da Cochinchina?

O Exmo. Sr. Deputado Dom Epaminondas Gonçalves disse que, ao escutar as palavras dos Exmos. Srs. Deputados da maioria, quem,

em vez de vibrar de cólera quando se tinha a evidência de que uma potência estrangeira queria misturar-se nos assuntos internos do Brasil, para escavar a República e restaurar a velha ordem aristocrática e feudal, tentavam desviar a atenção pública para questões paralelas e procurar desculpas e atenuantes para os culpados, tinha-se a prova mais terminante de que o Governo do Estado da Bahia não levantaria um dedo para pôr fim à rebelião de Canudos, pois, pelo contrário, sentia-se intimamente agradado com ela. Mas que as maquiavélicas maquinações do Barão da Canabrava e dos Autonomistas não prosperariam porque para isso estava o Exército do Brasil, que, assim como tinha esmagado até agora todas as insurreições monárquicas contra a República no Sul do país, esmagaria também a de Canudos. Disse que quando a soberania da Pátria estava em jogo sobravam as palavras e que o Partido Republicano Progressista abriria amanhã mesmo uma coleta para comprar armas que seriam entregues ao Exército Federal. E propôs aos Exmos. Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista abandonar o local da Assembléia aos nostálgicas da velha ordem, e dirigir-se em romaria à Campo Grande, a reavivar o juramento de republicanismo ante a placa de mármore que rememora ao Marechal Floriano Peixoto. O qual procederam a fazer imediatamente, ante o desconcerto dos Exmos. Srs. Deputados da maioria.

Minutos depois, o Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Cavalheiro Adalberto de Gumucio, enclausurou a sessão.

Amanhã daremos conta da cerimônia patriótica levada a cabo, em Campo Grande, ante a placa de mármore do Marechal de Ferro, pelos Excelentíssimos Srs. Deputados do Partido Republicano Progressista, em horas da madrugada.

III

— Não terá que acrescentar nem tirar uma vírgula — diz Epaminondas Gonçalves. Mais que satisfação, sua cara revela alívio, como se tivesse temido o pior dessa leitura que o jornalista acaba de fazer, de deslocado, sem que o interrompessem os espirros — O felicito.

— Certa ou falsa, é uma história extraordinária — resmungo o jornalista, que não parece ouvi-lo — Que um enganador de feira, que andava dizendo pelas ruas de Salvador que os ossos são a escritura da alma e que pregava a anarquia e o ateísmo nos botequins, resulte um emissário da Inglaterra que trama com os sebastianistas para restaurar a monarquia e que apareça queimado vivo no sertão não é extraordinário?

— É — assente o chefe do Partido Republicano Progressista— E o é mais ainda que esses que pareciam um grupo de fanáticos dizimem e ponham em disparada a um batalhão armado com canhões e metralhadoras. Extraordinário, sim. Mas, sobretudo, aterrador para o futuro deste país.

O calor se acrescentou e a cara do jornalista míope está coberta de suor. Limpa-a com esse lençol que faz as vezes de lenço e logo esfrega contra o alhado peitilho de sua camisa seus óculos empanados.

— Eu mesmo levarei isto aos tipógrafos e ficarei enquanto armam a página —diz, compilando as folhas pulverizadas pelo escritório— Não haverá erratas, não se preocupe. Vá descansar tranqüilo, senhor.

— Está você mais contente trabalhando comigo que no periódico do Barão? —pergunta-lhe seu chefe, à boca de jarro— Já sei que aqui ganha mais que no *Jornal da Bahia*. Refiro-me ao trabalho. Prefere-o?

— A verdade, sim. — O presidente coloca os óculos e fica um momento petrificado, esperando o espirro com os olhos entrecerrados, a boca semiaberta e o nariz palpitante. Mas é um falso alarme— A crônica política é mais divertida que escrever sobre os

estragos que causa a pesca com explosivos na Ribeira do Itapagipe ou o incêndio da *Chocolateria Magalhães*.

—E, além disso, é fazer pátria, contribuir a uma boa causa nacional — diz Epaminondas Gonçalves— Porque, você é um dos nossos, não é verdade?

—Não sei o que sou, senhor — responde o jornalista, com essa voz que é tão desigual como seu físico: momentos aguda e momentos grave, com eco— Não tenho idéias políticas nem me interessa a política.

—Eu gosto de sua franqueza — ri o dono do jornal, ficando de pé, empunhando uma maleta— Estou contente com você. Suas crônicas são impecáveis, dizem exatamente o que tem que dizer e da maneira devida. Alegro-me lhe haver creditado a seção mais delicada.

Levanta a lamparina, apaga a chama soprando e sai do despacho seguido pelo jornalista que, ao cruzar a soleira da Redação-Administração, tropeça contra uma escarradeira.

— Então, vou pedir lhe algo, senhor — diz, de repente— Se o Coronel Moreira César deve debelar a insurreição de Canudos, queria ir com ele, como enviado do *Jornal de Notícias*.

Epaminondas Gonçalves tornou a olhá-lo e examina, enquanto coloca o chapéu.

— Suponho que é possível — diz — Já vê, é você dos nossos, embora não lhe interessa a política. Para admirar ao Coronel Moreira César terá que ser um republicano a carta cabal.

— Não sei se é admiração — precisa o jornalista, abanando-se com os papéis— Ver um herói de carne e osso, estar perto de alguém tão famoso resulta muito tentador. Como ver e tocar a um personagem de novela.

— Terá você que cuidar-se, o Coronel não gosta dos jornalistas — diz Epaminondas Gonçalves. Afasta-se já para a saída — Começou sua vida pública matando à balaços nas ruas do Rio a um plumário que tinha insultado ao Exército.

— Boa noite — murmura o jornalista. Trota para o outro extremo do local, onde um corredor lóbrego comunica com a oficina. Os tipógrafos, que ficaram de guarda esperando sua crônica, convidar-lhe-ão certamente a uma taça de café.

TRÊS

I

O trem entra apitando na estação de Queimadas, engalanada com banderolas que dão boas-vindas ao Coronel Moreira César. Na estreita plataforma de telhas vermelhas se apinha uma multidão, sob um grande tecido branco que sobrevoa os trilhos, ondeando: “Queimadas Saúda o Heróico Coronel Moreira César E a Seu Glorioso Regimento. Viva O Brasil!” Um grupo de meninos descalços agitam bandeirinhas e há meia dúzia de senhores endomingados, com as insígnias da Câmara de vereadores Municipal no peito e chapéus nas mãos, rodeados por uma massa de gente esfarrapada e miserável, que olha com grande curiosidade e entre a qual se movem mendigos pedindo esmola e vendedores de rapadura e frituras.

Gritos e aplausos recebem a aparição, na escalinata do trem — os guichês estão lotados de soldados com fuzis — do Coronel Moreira César. Vestido com uniforme de pano azul, botões e esporas douradas, galões e cós encarnados e espada ao cinto, o Coronel salta à plataforma. É pequeno, quase raquítico, muito ágil. O calor molha de suor todas as caras mas ele não está suando. Sua debilidade física contrasta com a força que parece gerar em torno, devido à energia que bole em seus olhos ou à segurança de seus movimentos. Olha como alguém que é dono de si mesmo, sabe o que quer e costuma mandar.

Os aplausos e vítores correm pela plataforma e a rua, onde a gente se protege do sol com pedaços de cartão. Os meninos jogam no ar punhados de papel picado e os que levam bandeiras as agitam. As autoridades se adiantam, mas o Coronel Moreira César não se detém lhes dar a mão. Foi rodeado por um grupo de oficiais. Faz-lhes uma vênha cortês e logo grita, em direção à multidão: “Viva a República! Viva o Marechal Floriano!” Ante a surpresa dos Vereadores, quem, não há dúvida, esperavam dizer discursos, conversar com ele, acompanhá-lo, o Coronel ingressa na estação, escoltado por seus oficiais. Tratam de segui-lo, mas os detêm os sentinelas na porta que acaba de fechar-se. Ouve-se um relincho. Do trem estão baixando um

formoso cavalo branco, entre o regozijo da criançada. O animal desperta o corpo, agita as crinas, relincha feliz de sentir a vizinhança do campo. Agora, por portas e janelas do trem descem filas de soldados, descarregam vultos, valises, caixas de munições, metralhadoras. Um rumor recebe a aparição dos canhões, que cintilam. Os soldados estão aproximando juntas de bois para arrastar os pesados artefatos. As autoridades, com um gesto resignado, somar-se-ão aos curiosos que, amontoados ante portas e janelas, espiam o interior da estação, tratando de divisar ao Moreira César entre o grupo movediço de oficiais, adjuntos, ordenanças.

A estação é um só recinto, grande, dividido por um tabique depois do qual está o telegrafista, trabalhando. O lado oposto à plataforma dá a uma construção de dois pisos, com um rótulo: *Hotel Continental*. Soldados por toda parte, na desarborizada avenida Itapicurú, que sobe para o *Plaza Matriz*. Detrás das dezenas de caras que se esmagam contra os cristais, observando o interior da estação, prossegue o desembarque da tropa, de maneira febril. Ao que parece a bandeira do Regimento, que um soldado faz ondular ante a multidão, escuta-se uma nova salva de aplausos. Na esplanada, entre o *Hotel Continental* e a estação, um soldado escova o cavalo branco de vistosa crina. Em uma esquina do recinto há uma larga mesa com jarras, garrafas e fontes de comida protegidas das miríades de moscas por retalhos de tule, a que ninguém faz conta. Bandeirinhas e grinaldas penduram do teto, entre pôsteres do Partido Republicano Progressista e do Partido Autonomista baiano com Vivas ao Coronel Moreira César, à República e ao Sétimo Regimento de Infantaria do Brasil.

Em meio de uma formigante animação, o Coronel Moreira César troca o uniforme de pano pelo traje de campanha. Dois soldados levantaram uma manta diante do tabique do telégrafo e, desde esse improvisado refúgio, o Coronel lança seus objetos que um ajudante recebe e guarda em um baú. Enquanto se veste, Moreira César fala com três oficiais que se acham ante ele em posição firme.

— Parte de efetivos, Cunha Matos.

O Major choca ligeiramente os calcanhares ao começar a falar:

— Oitenta e três homens atacados de varíola e de outras enfermidades — diz, consultando um papel— Mil duzentos e trinta e

cinco combatentes. Os quinze milhões de cartuchos e os setenta tiros de artilharia estão intactos Excelência.

— Que a vanguarda parta dentro de duas horas para Monte Santo, sem mais demorar. — A voz do Coronel é retilínea, sem matizes, impessoal— Você, Olímpio, desculpe-me com a Câmara de vereadores Municipal. Recebe-los-ei mais tarde, um momento. Explique-lhes que não podemos perder tempo em cerimônias nem hospedagens.

— Sim, Excelência.

Quando o Capitão Olímpio de Castro se retira, adianta-se o terceiro oficial. Tem galões de coronel e é um homem envelhecido, algo rechoncho e de olhar aprazível:

— Estão aqui o Tenente Pires Ferreira e o Major Febrônio de Brito. Têm ordens de incorporar-se ao Regimento, como assessores. Moreira César fica um instante meditando.

— Que sorte para o Regimento — murmura, de maneira quase inaudível— Traga-os, Tamarindo.

Um ordenança, ajoelhado, ajuda-o a calçar umas botas de montar, sem esporas. Um momento depois, precedidos pelo Coronel Tamarindo, Febrônio de Brito e Pires Ferreira vêm a quadrar-se ante a manta. Fazem soar os tacos, dizem seus nomes, seus graus e “À suas ordens”. A manta cai ao chão. Moreira César leva pistola e espada ao cinto, as mangas da camisa arregaçadas e seus braços são curtos, fracos e imberbes. Observa dos pés a cabeça aos recém vindos, sem dizer uma palavra, com olhar glacial.

— É uma honra para nós pôr nossa experiência desta região ao serviço do chefe mais prestigioso do Brasil, Excelência.

O Coronel Moreira César olha nos olhos de Febrônio de Brito, fixamente, até vê-lo desconcertar-se.

— Experiência que não lhes serve nem para enfrentar um punhado de bandidos. — Não subiu a voz, mas, no ato, o recinto parece eletrizar-se, paralisar-se. Esquadrinhando ao Major como a um inseto, Moreira César aponta ao Pires Ferreira com um dedo — Este oficial mandava uma Companhia. Mas você tinha meio milhar de homens e se fez derrotar como um novato. Desprestigiaram ao Exército e, portanto, à República. Sua presença é ingrata ao Sétimo

Regimento. Ficam proibidos de entrar em ação. Permanecerão na retaguarda, encarregados dos doentes e do gado. Podem retirar-se.

Os dois oficiais estão lívidos. Febrônio de Brito sua copiosamente. Entreabre a boca, como se fosse dizer algo, mas opta por saudar e ir-se, cambaleando-se. O Tenente segue petrificado em seu lugar, com os olhos avermelhados de repente. Moreira César passa junto a ele, sem olhá-lo, e o enxame de oficiais e ordenanças reatam seus afazeres. Sobre uma mesa há dispostos uns planos e um alto de papéis.

—Que passem os correspondentes, Cunha Matos — ordena o Coronel.

O Major os faz entrar. Vieram no mesmo trem que o Sétimo Regimento e os nota fatigados pelo estalo continuado. São cinco homens, de distintas idades, vestidos com perneiras, boinas, calças de montar, armados de lápis, cadernos e, um deles, de um aparelho fotográfico com fole e tripode. O mais notório é o jornalista jovenzinho e míope do *Jornal de Notícias*. O espaçado cavanhaque de cabrito que lhe cresceu combina com seu aspecto desfiado, seu extravagante tabuleiro portátil, o tinteiro amarrado à manga e a pluma de ganso que mordisca enquanto o fotógrafo monta sua câmara. Ao dispará-la, brota uma nubécula que aviva o vozerio dos meninos escondidos detrás dos cristais. O Coronel Moreira César responde com uma vênia às saudações dos jornalistas.

— À muitos surpreendeu que em Salvador não recebesse aos notáveis — diz, sem solenidade e sem afeto, a maneira de saudação— Não há nenhum mistério, senhores. É uma questão de tempo. Cada minuto é precioso para a missão que nos trouxe para Bahia. A vamos cumprir. O Sétimo Regimento vai castigar aos facciosos de Canudos, como o fez com os amotinados da Fortaleza da Santa Cruz e a do Lange, e como castigou aos federalistas da Santa Catarina. Não haverá mais levantamentos contra a República.

Os cachos humanos dos cristais, emudecidos, esforçam-se por ouvir o que diz, oficiais e ordenanças estão imóveis, escutando, e os cinco jornalistas o olham, com uma mescla de feitiço e incredulidade. Sim, é ele, aí está por fim, em carne e osso, como o pintam as caricaturas: miúdo, débil, vibrante, com uns olhinhos que lançam faíscas ou perfuram ao interlocutor e um movimento da mão, ao

falar, que parece de esgrima. Esperavam-no dois dias atrás, em Salvador, com a mesma curiosidade que centenas de bahianos e deixou frustrado todo mundo, pois não aceitou os banquetes nem o baile que lhe tinham preparado, nem as recepções oficiais nem as comemorações, e, salvo uma breve visita clube Militar e ao Governador Luis Viana, não falou com ninguém, já que dedicou todo seu tempo a vigiar pessoalmente o desembarque de seus soldados no porto e o transporte da equipe e o parque à Estação de Calçada, para tomar ao dia seguinte este trem que os trouxe até o sertão. Tinha passado pela cidade de Salvador como escapando, como temendo poluir-se, e só agora dava uma explicação a sua conduta: o tempo. Mas os cinco jornalistas, que estão pendentes de seus menores gestos, não pensam no que está dizendo neste instante, a não ser recordando o que se disse e escrito sobre ele, confrontando a esse personagem de mito, odiado e endeusado, com a figura pequenina, severa, que os fala como se não estivessem ali. Tratam de marginalizá-lo arrolando-se de voluntário, quando era menino, na guerra contra o Paraguai, onde recebeu tantas feridas como medalhas; em seus primeiros anos de oficial, no Rio de Janeiro, quando seu republicanismo militante esteve a ponto de fazê-lo expulsar do Exército e de mandá-lo ao cárcere, ou nas conspirações contra a monarquia que comandou. Face à energia que transmitem seus olhos, seus gestos, sua voz, custa-lhes imaginar matando-o com cinco tiros de revólver, na rua do Ouvidor da capital, àquele obscuro jornalista, mas não é difícil, em troca, ouvi-lo declarar no julgamento que estava orgulhoso de fazê-lo e que o faria de novo se alguém voltasse a insultar ao Exército. Mas, sobretudo, rememoram sua carreira pública, ao voltar do Mato Grosso, onde esteve exilado até a queda do Império. Recordam-no convertido no braço direito do Presidente Floriano Peixoto, esmagando com mão de ferro todas as sublevações que houve nos primeiros anos da República e defendendo nesse periódico incendiário, *o Jacobino*, sua tese a favor da República Ditatorial, sem parlamento, sem partidos políticos em que o Exército seria, como a Igreja no passado, o nervo central de uma sociedade laica derrubada furiosamente para o progresso científico. Perguntam-se se é certo que à morte do Marechal Floriano Peixoto, no cemitério, sofreu um desvanecimento nervoso enquanto lia o elogio fúnebre do desaparecido. Diz-se que com a ascensão ao poder de um Presidente civil, Prudente de Moraes, o destino político

do Coronel Moreira César e dos chamados “jacobinos” está condenado. Mas, diz-se, não deve ser certo, pois se assim fosse, não estaria aqui em Queimadas, à frente do corpo mais célebre do Exército do Brasil, mandado pelo próprio governo a desempenhar uma missão da qual, quem pode duvidá-lo, retornará a Rio com seu prestígio acrescentado.

—Não vim à Bahia a intervir nas lutas políticas locais — está dizendo, ao mesmo tempo que aponta, sem olhá-los, os pôsteres do Partido Republicano e do Partido Autonomista que penduram do teto— O Exército está por cima das questões das facções, à margem da politicagem. O Sétimo Regimento está aqui para debelar uma conspiração monárquica. Por que detrás dos ladrões e loucos fanáticos de Canudos há uma conjuração contra a República. Esses pobres diabos são um instrumento dos aristocratas que não se resignam à perda de seus privilégios, que não querem que o Brasil seja um país moderno. De certos padres fanáticos que não se resignam à separação da Igreja do Estado porque não querem dar ao César o que corresponde ao César. E até a própria Inglaterra, pelo visto, que quer restaurar esse Império corrompido que lhe permitia apropriar-se de todo o açúcar brasileiro por preços irrisórios. Mas estão enganados. Nem os aristocratas, nem os padres, nem a Inglaterra, voltarão a ditar a lei no Brasil. O Exército não o permitirá.

Foi subindo a voz e dizendo as últimas frases em um tom aceso, com a mão direita apoiada na pistola de sua cartucheira. Ao calar há uma espera reverente no recinto e se escuta o zumbido de quão insetos revoam enlouquecidos sobre as fontes de comida. O mais grisalho dos jornalistas, um homem que, face à atmosfera ardente, vai abrigado com uma jaqueta à quadros, levanta timidamente uma mão, com a intenção de comentar ou perguntar algo. Mas o Coronel não lhe concede a palavra; fez um gesto e dois ordenanças, lecionados, levantam uma caixa do chão, colocam-na sobre a mesa, e a abrem: são fuzis.

Moreira César começa a passear, devagar, com as mãos presas às costas, diante dos cinco jornalistas.

—Capturados no sertão baiano, senhores — vai dizendo, com ironia, como se se burlasse de alguém— Estes, ao menos, não chegaram à Canudos. De onde vêm? Nem se deram ao trabalho de lhes tirar a marca de fábrica. *Liverpool*, nada menos! Nunca se viram

fuzis assim no Brasil. Com um dispositivo especial para disparar balas explosivas, além disso. Assim se explicam esses orifícios que surpreenderam aos cirurgiões; orifícios de dez, de doze centímetros de diâmetro. Não pareciam de bala mas sim de granada. É possível que simples jagunços, simples ladrões de gado, conheçam esses refinamentos europeus, as balas explosivas? E, de outra parte, o que significam esses personagens de procedência misteriosa. O cadáver encontrado em Iupuiará. O sujeito que aparece em Mato Grosso com uma bolsa repleta de libras esterlinas que confessa ter guiado um partido de cavaleiros que falavam em inglês. Até em Belo Horizonte descobriram estrangeiros que querem levar carregamentos de mantimentos e de pólvora à Canudos. Muitas coincidências para não advertir, detrás, um conjura anti-republicano. Não se rendem. Mas é em vão. Fracassaram no Rio, fracassaram no Rio Grande do Sul e fracassarão também na Bahia, senhores.

Deu duas, três voltas, a limiar curto e rápido, nervoso, diante dos cinco jornalistas. Agora está no mesmo lugar do princípio, junto à mesa dos mapas. Seu tom, ao dirigir-se outra vez à eles, volta-se autoritário, ameaçador:

— Consenti em que acompanhem ao Sétimo Regimento, mas terão que submeter-se à certas disposições. Os despachos telegráficos que enviam daqui, serão previamente aprovados pelo Major Cunha Matos ou pelo Coronel Tamarindo. Mesmo, as crônicas que enviem mediante mensageiros durante a campanha. Devo lhes advertir que se algum tentasse enviar um artigo sem o visto bom de meus anexos, cometeria uma grave infração. Espero que o compreendam: qualquer deslize, engano, imprudência, pode servir ao inimigo. Estamos em guerra, não esqueçam. Faço votos para que sua estada com o Regimento seja grata. Isso é tudo, senhores.

Volta-se para os oficiais de seu Estado Maior, que imediatamente o rodeiam, e imediatamente, como se se tivesse quebrado um encantamento, reatam-se a atividade, o ruído, o movimento, na estação de Queimadas. Mas os cinco jornalistas seguem ali, no mesmo lugar, olhando-se, desconcertados, abobalhados, decepcionados, sem entender por que o Coronel Moreira César os trata como se fossem seus inimigos potenciais, por que não lhes permitiu lhe formular pergunta alguma, por que não lhes fez a menor demonstração de simpatia ou ao menos de urbanidade. O círculo que

rodeia ao Coronel se debulha à medida que, obedecendo suas instruções, cada um dos oficiais, logo depois de chocar os saltos, afasta-se em direções distintas. Quando fica sozinho, o Coronel lança um olhar circular e, um segundo, os cinco jornalistas acreditam que se vai cercar à eles, mas se equivocam. Está olhando, como se acabasse descobrir, as caras esfomeadas, tostadas, miseráveis, que se esmagam contra as portas e janelas. Observa-as com uma expressão indefinível, a frente franzida, o lábio inferior adiantado. De repente, resolutamente, dirige-se à porta mais próxima. Abre-a de par em par e faz um gesto de boa-vinda ao enxame de homens, mulheres, meninos, velhos quase em farrapos, muitos descalços, que o olham com respeito, medo ou admiração. Com gestos imperiosos, obriga-os a entrar, devora-os, arrasta-os, anima-os, mostrando-lhes a larga mesa onde, sob auréolas de insetos ambiciosos, adoecem as bebidas e as viandas que a Câmara de vereadores Municipal de Queimadas preparou para homenageá-lo.

— Entrem, entrem — diz, guiando-os, empurrando-os, apartando ele mesmo os retalhos de tules — O Sétimo Regimento os convida. Adiante, sem medo. É para vocês. Faz-lhes mais falta que a nós. Bebam, comam, que lhes aproveite.

Agora, já não precisa açulá-los, já têm caídos, alvoroçados, ávidos, incrédulos, sobre os pratos, copos, fontes, jarras, e se dão de cotoveladas, atropelam-se, empurram-se, disputam a comida e as bebidas, ante o olhar entristecido do Coronel. Os jornalistas seguem no mesmo lugar, boquiabertos. Uma idosa com uma presa mordiscada na mão, que já se retira, detém-se junto ao Moreira César, a cara cheia de agradecimento.

— Que a Santa Senhora o proteja, Coronel — murmura, fazendo o sinal da cruz no ar.

— Esta é a senhora que me protege — ouvem os jornalistas que lhe responde Moreira César, tocando a espada.

Em sua melhor época, o Circo Cigano tivera vinte pessoas, se podia chamar-se pessoas à seres como a Mulher Barbuda, o Miúdo, o homem-aranha, o Gigante Pedrín e Julião tragador de sapos vivos. O Circo rodava então em uma carroça pintado de vermelho, com figuras de trapezistas, puxado pelos quatro cavalos em que os Irmãos Franceses faziam acrobacias. Tinha também um pequeno zoológico,

gêmeo da coleção de curiosidades humanas que o Cigano tinha ido compilando em suas correrias: um carneiro de cinco patas, um bonito de duas cabeças, uma cobra (esta normal) a que teria que alimentar com passarinhos e um cabrito com três fileiras de dentes, que Pedrín mostrava ao público lhe abrindo o focinho de porco com suas mãos. Nunca tiveram uma carpa. As funções se davam nas praças, os dias de feira ou na festa do santo.

Havia números de força e de equilibrismo, de magia e adivinhação, o Negro Solimão tragava sabres, o homem-aranha subia sedosamente pelo pau encebado e oferecia um fabuloso conto-de-reis a quem pudesse imitá-lo, o Gigante Pedrín rompia as cadeias, a Barbuda fazia dançar à cobra e beijava-a na boca e todos, borrados de palhaços com cortiça queimada e pós de arroz, dobravam em dois, em quatro, em seis ao Idiota, que não parecia ter ossos. Mas a estrela era o Miúdo, que contava romances com delicadeza, veemência, romantismo e imaginação: o da Princesa Magalona, filha do Rei de Nápoles, raptada pelo Cavalheiro Pierre e cujas jóias encontra um marinheiro no ventre de um peixe; o da Bela Silvaninha, com a que quis casar-se ninguém menos que seu próprio pai; o do Carlos Magno e os Doze Pares da França; o da duquesa estéril fornicada pelo Cão e que pariu ao Roberto, o Diabo; o de Oliveiros e Fierabrás. Seu número era o último porque estimulava a largueza do público.

O Cigano devia ter contas pendentes com a polícia no litoral, pois nem sequer em temporadas de seca baixava à costa. Era homem violento, ao que, por qualquer pretexto, tirava as mãos e golpeava sem misericórdia a quem o irritava, homem, mulher ou animal. Mas, apesar de seus maus tratos, nenhum dos circenses sonhava abandoná-lo. Era a alma do Circo, ele o tinha criado, compilando pela terra a esses seres que, em seus povoados e famílias, eram objetos de zombaria, anomalias às que os outros olhavam como castigos de Deus e equívocos da espécie. Todos eles, o Miúdo, a Barbuda, o Gigante, o homem-aranha, até o Idiota (que podia sentir estas coisas embora não as entendesse) tinham encontrado no Circo migrante, um lar mais hospitaleiro, que aquele de que vinham. Na caravana que subia, baixava e revoava pelos sertões candentes, deixaram de viver envergonhados, assustados e compartilhavam uma anormalidade que os fazia sentir-se normais.

Por isso nenhum deles pôde entender ao moço de largas riscas enredadas, muito vivos olhos escuros, quase sem pernas, que caminhava à quatro patas, do povo de Natuba. Tinham advertido, durante a função, que o Cigano o observava, interessado. Porque não havia dúvida alguma que ao Cigano os monstros —homens ou animais — o atraíam por alguma razão mais profunda que o proveito que podia lhes tirar. Talvez se sentia mais são, mais completo, mais perfeito, nessa sociedade de resíduos e raridades. O fato é que ao terminar o espetáculo perguntou por sua casa, encontrou-a, apresentou-se aos pais e os convenceu que o dessem, para transformá-lo artista. O incompreensível é que, uma semana mais tarde, o moço que trotava escapou, quando o Cigano tinha começado a lhe ensinar um número de domador.

A má estrela começou com a grande seca, pelo impedimento do Cigano em não descer para a costa, como lhe suplicaram os circenses. Encontravam povos desertos e fazendas convertidas em ossários; compreenderam que podiam morrer de sede. Mas o Cigano não deu seu braço a torcer e uma noite lhes disse: “Dou-lhes de presente a liberdade. Vão-se. Mas se não se vão, nunca mais me diga ninguém a rota que tem que tomar o Circo”. Nenhum se foi, sem dúvida porque temiam mais aos outros homens que à catástrofe. Na Caatinga do Moura caiu doente Graça, a mulher do Cigano, com febres delirantes, e teria que enterrá-la em Taquarandi. Tiveram que começar a comer os animais. Ao voltar as chuvas, ano e meio depois, do zoológico sobrevivia a cobra, e, dos circenses, tinham morrido Julião e sua mulher Sabina, o Negro Solimão, o Gigante Pedrín, o homem-aranha e a Estrelinha. Tinham perdido a carruagem com figuras estampadas e agora carregavam seus pertences em duas carretas puxadas por eles mesmos até que, com o retorno da gente, da água, da vida, o Cigano pôde comprar dois burros de carga.

Voltaram a dar funções e a ganhar novamente o suficiente para comer. Mas já não era como antes. O Cigano, enlouquecido com a perda de seus filhos, se desinteressou do espetáculo. Tinha deixado aos três filhos com uma família do Caldeirão Grande, para que os cuidasse, e quando voltou a buscá-los, depois da seca, ninguém no povoado pôde lhe dar razão da família Campinas nem dos meninos. Não se resignava e anos depois seguia interrogando aos vizinhos das aldeias se os tinham visto ou tido notícias. O desaparecimento de

seus filhos —a quem todos davam por mortos — fez dele, que era a energia personificada, um ser apático e rancoroso, que se embebedava freqüentemente e se enfurecia de tudo. Uma tarde estavam atuando no casario de Santa Rosa e o Cigano fazia o número que tinha feito antes o Gigante Pedrín: desafiar a qualquer espectador a que o fizesse tocar o chão com as costas. Um homem forte se apresentou e o tombou ao primeiro empurrão. O Cigano se levantou, dizendo que escorregou e que o homem devia provar outra vez. O forçudo voltou a enviá-lo ao chão. Ficando de pé, o Cigano, com os olhos relampeantes, perguntou-lhe se repetiria a proeza com uma faca na mão. O outro resistia a brigar, mas o Cigano, perdida a razão, provocou-o de tal modo que o forçudo não teve mais remédio que aceitar o desafio. Com a mesma facilidade com que o tinha convexo, deixou ao Cigano no chão, com o cangote aberto e os olhos frágeis. Depois souberam que o chefe do Circo tivera a temeridade de desafiar ao bandido Pedrão.

Em que pese a tudo, sobrevivendo-se a si mesmo por simples inércia, como demonstração de que não morre nada que não deva morrer (a frase era da Barbuda) o Circo não chegou a desaparecer. Era agora, isso sim, como um detrito espectral do velho Circo, aglutinado em torno de uma carroça com um toldo remendado, que devorava um burro e no que havia uma carpa pregada com remendos, sob a qual dormiam os últimos artistas: a Barbuda, o Miúdo, o Idiota e a cobra. Ainda dava funções e os romances de amor e de aventuras do Miúdo tinham o êxito de antigamente. Para não cansar ao burro, faziam suas aventuras a pé e quão única desfrutava da carroça era a cobra, que vivia em uma cesta de vime. Em seu perambular pelo mundo, os últimos circenses tinham encontrado santos, bandidos, peregrinos, retirantes, as caras e trajes mais imprevisíveis. Mas nunca, até essa manhã, toparam-se com uma cabeleira masculina de cor vermelha, como a do homem atirado na terra, que viram dobrar uma curva do atalho que ia rumo ao Riacho das Onze. Estava imóvel, vestido com uma roupa negra que o pó branqueava as manchas. Uns metros mais à frente, havia o cadáver decomposto de uma mula que os urubus comiam e uma fogueira apagada. E, junto às cinzas, uma moça os olhava vir com uma expressão que não parecia triste. O burro, como se tivesse recebido uma ordem, deteve-se. A Barbuda, o Miúdo, o Idiota examinaram ao

homem e puderam ver, entre os cabelos flamígeros, a ferida cárdena do ombro e o sangue ressecado na barba, na orelha e no peitilho.

— Está morto? — perguntou a Barbuda.

— Ainda — respondeu Jurema.

“O fogo vai queimar este lugar”, disse o Conselheiro, ao tempo que se incorporava na cama. Só tinham descansado quatro horas, pois a procissão da véspera terminou à meia-noite, mas o Leão de Natuba, que tinha um ouvido muito fino, sentiu no sonho a voz inconfundível e saltou do chão a agarrar a pluma e o papel e a anotar a frase que não devia perder-se. O Conselheiro, com os olhos fechados, sumido na visão, acrescentou: “Haverá quatro incêndios. Os três primeiros os apagarei eu e o quarto o porei em mãos do Bom Jesus”. Desta vez, suas palavras despertaram também às devotas do quarto contíguo, pois, enquanto escrevia, o Leão de Natuba sentiu abrir a porta e viu entrar, amassada em sua túnica azul, a Maria Quadrado, a única pessoa, com o Beato e ele, que ingressava no Santuário de dia ou de noite sem pedir permissão. “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, disse a Superiora do Coro Sagrado, fazendo o sinal da cruz. “Louvado seja”, repôs o Conselheiro, abrindo os olhos. E, com uma leve inflexão de tristeza ainda sonhou: “vão matar-me, mas não trairei ao Senhor”.

Enquanto escrevia, sem distrair-se, consciente até a raiz dos cabelos da transcendência da missão que o Beato lhe creditou e que lhe permitia compartilhar com o Conselheiro todos os instantes, o Leão de Natuba sentia, no outro quarto, às devotas do Coro Sagrado, ansiosas, esperando a permissão da Maria Quadrado para entrar. Eram oito e vestiam, como esta, túnicas azuis com mangas e sem decote, sujeitas com um cordão branco. Foram descalças e com a cabeça coberta por um trapo também azul. Tinham sido escolhidas pela Mãe dos Homens por seu espírito de sacrifício e sua devoção para que se dedicassem exclusivamente ao Conselheiro e as oito tinham feito promessas de viver castas e de não retornar nunca à suas famílias. Dormiam no chão, do outro lado da porta, e acompanhavam ao Conselheiro, como uma auréola, enquanto vigiava

os trabalhos do Templo do Bom Jesus, orava na Igreja do Santo Antonio, presidia as procissões, os rosários, os enterros, ou quando visitava as Casas de Saúde. Devido aos costumes frugais do santo, suas obrigações eram poucas: lavar e cerzir a túnica morada, cuidar do carneirinho branco, limpar o chão e as paredes do Santuário e sacudir a cama de varas. Estavam entrando; Maria Quadrado fechou atrás delas a porta que lhes acabava de abrir. Alexandrinha Correia trazia o carneirinho. As oito fizeram o sinal da cruz ao mesmo tempo que salmodiavam: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. “Louvado seja”, respondeu o Conselheiro, acariciando ligeiramente o animal. O Leão de Natuba permanecia de cócoras, com a pluma na mão e o papel no banquinho que lhe servia de escritório, com os inteligentes olhos — brilhantes entre a imunda juba que lhe circundava a cara — fixos na boca do Conselheiro. Este se dispunha a rezar. Tombou-se de bruço, tanto que Maria Quadrado e as devotas se ajoelhavam a seu redor, para rezar com ele. Mas o Leão de Natuba não se tombou nem se ajoelhou: sua missão o eximia inclusive das rezas. O Beato lhe tinha indicado que permanecesse alerta se por acaso alguma das orações que dizia o santo fosse “revelação”. Mas essa manhã o Conselheiro orou em silêncio, no amanhecer que por segundos crescia e filtrava no Santuário, pelos interstícios do teto, dos tabiques e da porta, uns fios de ouro molestados por partículas de pó. Belo Monte ia despertando: ouvia-se os galos, aos cães e vozes humanas. Fora, sem dúvida, já teriam começado a formar os cachos de romeiros e de vizinhos que queriam ver o Conselheiro ou lhe pedir uma mercê.

Quando o Conselheiro se incorporou, as devotas lhe ofereceram uma tigela com leite de cabra, um pedaço de pão, um prato de farinha de milho cozida em água e uma cesta com surripiava. Mas ele se contentou com uns sorvos de leite. Então, as devotas trouxeram um cubo de água para asseá-lo. Enquanto elas, silenciosas, diligentes, sem estorvar umas a outras, como se tivessem ensaiado seus movimentos, circulavam em torno da cama e molhavam suas mãos, umedeciam-lhe a cara e lhe esfregavam os pés, o Conselheiro permaneceu imóvel, concentrado em seus pensamentos ou rezas. Quando lhe estavam pondo as sandálias de pastor que tirava para dormir, entraram no Santuário o Beato e João Abade.

Eram tão distintos que aquele parecia mais frágil e absorvido e este mais corpulento quando estavam juntos. “Louvado seja o Bom Jesus”, disse um deles e o outro “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. “Louvado seja.” O Conselheiro estirou a mão e, enquanto a beijava, perguntou-lhe com ansiedade:

— Há notícias do Padre Joaquim?

O Beato disse que não. Embora miúdo, adoentado e envelhecido, em sua cara se notava essa indomável energia com que organizava todas as atividades do culto, o recebimento dos peregrinos, o percurso das procissões, o cuidado dos altares e dava tempo para inventar hinos e letanias. Sua túnica marrom estava cheia de escapulários e também de buracos pelos que se divisava o cilício, que, dizia, não tinha tirado desde que de menino o rodeou o Conselheiro. Ele se adiantou a falar enquanto João Abade, a quem a gente tinha começado a chamar Chefe do Povo e Comandante da Rua, retrocedia.

— João tem uma idéia que é inspiração, padre — disse o Beato, com a voz tímida e reverente com que se dirigia sempre ao Conselheiro— Houve uma guerra, aqui mesmo, em Belo Monte. E enquanto todos brigavam você estava sozinho na torre. Ninguém lhe protegia.

— Protege-me o Pai, Beato —murmurou o Conselheiro— Como a si e a todos os que acreditam.

—Embora nós morramos, você deve viver —insistiu o Beato— Por caridade para os homens, Conselheiro.

—Queremos organizar uma guarda que lhe cuide, pai — sussurrou João Abade. Falava com os olhos baixos, procurando as palavras— Vigiará para que ninguém lhe faça mal. Escolheremos como a Mãe Maria Quadrado escolheu ao Coro Sagrado. Entrarão os melhores e os mais valentes, os de toda confiança. Consagrar-se-ão a seu serviço.

— Como os arcanjos do céu ao Bom Jesus — disse o Beato. Assinalou a porta, o crescente bulício— Cada dia, cada hora, há mais gente. Já estão centenas aí, esperando. Não podemos conhecer todo mundo. E se se metem os cães para lhe fazer danos? Eles serão seu escudo. E se houver guerra, não ficará nunca sozinho.

As devotas permaneciam agachadas quietas e mudas. Só Maria Quadrado estava de pé, junto aos recém chegados. O Leão de

Natuba, enquanto falavam, foi-se arrastando até o Conselheiro e, como o teria feito um cão preferido por seu amo, apoiou a cara no joelho do santo.

— Não pensa em si a não ser em outros — disse Maria Quadrado— É uma idéia inspirada, pai. Aceita-a.

— Será a Guarda Católica, a Companhia do Bom Jesus — disse o Beato— Serão os cruzados, os soldados crentes da verdade.

O Conselheiro fez um movimento quase imperceptível, mas todos entenderam que tinha dado seu assentimento.

— Quem a vai mandar? — perguntou.

— João Grande, se lhe parecer consigo — repôs o ex-cangaceiro— O Beato também acredita que poderia ser ele.

— É um bom crente. — O Conselheiro fez uma brevíssima pausa e, quando voltou a falar, sua voz se despersonalizou e já não parecia dirigir-se a nenhum deles a não ser a um auditório mais vasto e imperecível— Sofreu da alma e do corpo. E o sofrimento da alma, sobretudo, é o que faz bons aos bons.

Antes de que o Beato o olhasse, o Leão de Natuba tinha afastado sua cabeça do joelho onde repousava e, com rapidez felina, prendeu a pluma e o papel e escreveu o que tinha ouvido. Quando terminou e, sempre engatinhando, voltou a aproximar-se do Conselheiro e a colocar sua emaranhada cabeça em seus joelhos, João Abade tinha começado a referir o ocorrido nas últimas horas. Uns jagunços tinham partido para fazer averiguações, outros voltado com mantimentos e notícias e, outros, incendiado fazendas de gente que não queria ajudar ao Bom Jesus. Escutava-o o Conselheiro? Tinha os olhos fechados e permanecia imóvel e mudo, igual às devotas, como se sua alma tivesse partido para celebrar uma dessas conversas celestiais — assim os chamava o Beato — dos que traria revelações e verdades aos vizinhos de Belo Monte. Apesar de que não havia indícios da vinda de novos soldados, João Abade tinha apostado gente nos caminhos que saíam de Canudos ao Geremoabo, ao Uauá, ao Cambaio, ao Rosário, ao Chorrochó e ao Curral dos Bois e estava abrindo trincheiras e levantando parapeitos à beira do Vassa Barris. O Conselheiro não lhe fez perguntas. Tampouco as fez quando o Beato deu conta dos combates que ele liberava. Com a entonação das letanias, explicou quantos romeiros tinham chegado a véspera e

neste amanhecer; procediam de Cabobó de Jacobina, do Bom Conselho de Pombal e estavam agora na Igreja do Santo Antonio, esperando ao Conselheiro. Ia vê-los na manhã, antes de ir visitar os trabalhos do Templo do Bom Jesus, ou na tarde, durante os conselhos? O Beato continuou lhe dando conta dos trabalhos. Acabou-se a madeira para os arcos e não podia começar o teto. Dois carpinteiros tinham partido para Joazeiro a contratá-la. Como, felizmente, não faltavam pedras, os pedreiros seguiam escorando os muros.

—O Templo do Bom Jesus tem que acabar logo — murmurou o Conselheiro, abrindo os olhos - Isso é o mais importante.

— É-o, pai —disse o Beato— Todos ajudam. Não são braços os que faltam, a não ser materiais. Tudo se acaba. Mas conseguiremos a madeira e, se tivermos que pagá-la, pagaremos. Todos estão dispostos a dar o que têm.

— Faz muitos dias que não vem o Padre Joaquim — disse o Conselheiro, com certa angústia — Faz muitos dias que não há missa em Belo Monte.

— Deve ser pelas mechas, pai —disse João Abade— Já quase não ficam e ele ofereceu comprar nas minas de Cacabu. Encomendou-as e estará esperando que as tragam. Quer que mande para buscá-lo?

— Virá, o Padre Joaquim não nos trairá —repôs o Conselheiro. E procurou com os olhos a Alexandrinha Correia, quem, desde que tinham mencionado ao pároco de Cúpula, estava com a cabeça sumida entre os ombros, visivelmente confusa — Vem aqui. Não deve ter vergonha, filha.

Alexandrinha Correia — os anos a tinham emagrecido e enrugado, mas conservava sempre o nariz escoiceado e um ar rebelde que contrastava com suas maneiras humildes — se arrastou até o Conselheiro sem atrever-se a olhá-lo. Este lhe pôs uma mão sobre a cabeça enquanto lhe falava:

— Desse mal saiu um bem, Alexandrinha. Era um mau pastor e, por ter pecado, sofreu, arrependeu-se, arrumou suas contas com o céu e é agora bom filho do Pai. Fez-lhe um bem, ao final. E à seus irmãos de Belo Monte, porque graças a Dom Joaquim ainda podemos ouvir missa de vez em quando.

Disse este último com tristeza e talvez nem se deu conta que a ex-rabdomante se inclinou a lhe beijar a túnica antes de retornar a um rincão. Nos primeiros tempos de Canudos vários párocos deviam rezar missa, a batizar aos meninos e a casar aos casais. Mas desde aquela Santa Missão, com missionários capuchinhos de Salvador, que terminou tão mal, o Arcebispo da Bahia tinha proibido aos párocos prestar serviços espirituais à Canudos. Só o Padre Joaquim seguia vindo. Não só trazia conforto religioso; também, papel e tinta para o Leão de Natuba, círios e incenso para o Beato e encargos diversos ao João Abade e aos irmãos Vilanova. O que o impulsionava a desafiar à Igreja e, agora, à autoridade civil? Talvez Alexandrinha Correia, a mãe de seus filhos, com a que, em cada visita, mantinha uma austera conversação no Santuário ou na capela do Santo Antonio. Ou, talvez, o Conselheiro, ante quem o notava sempre turbado e como removido interiormente. Ou, talvez, a suspeita de que, vindo, pagava uma velha dívida contraída com o céu e com os sertanejos.

O Beato se pôs a falar de novo, sobre o *triduo* do Precioso Sangue que ia se iniciar essa tarde, quando uns nódulos tocaram à porta, entre uma agitação do exterior. Maria Quadrado foi abrir. Com o sol brilhando à suas costas e uma multidão de cabeças que tratavam de espiar, apareceu na soleira o pároco de Cumbe.

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo —disse o Conselheiro, ficando de pé tão depressa que o Leão de Natuba teve que se afastar de um salto— Nós pensando em você e você aparece.

Foi ao encontro do Padre Joaquim, cujo hábito vinha enterrado, assim como sua cara. Inclinou-se ante ele, agarrou-lhe a mão e a beijou. A humildade e o respeito com que o recebia o Conselheiro incomodavam sempre ao pároco, mas hoje estava tão inquieto que não pareceu notá-lo.

—Chegou um telegrama —disse, enquanto beijavam a mão o Beato, João Abade, a Mãe dos Homens e as devotas— Vem um Regimento do Exército Federal, desde o Rio. Seu chefe é um famoso militar, um herói que ganhou todas as guerras.

—Ainda ninguém ganhou uma guerra ao Pai — disse o Conselheiro, com voz gozadora.

O Leão de Natuba, escondido, escrevia rapidamente.

Ao terminar seu contrato com a gente da Ferrovia de Jacobina, em Itiuba, Rufino guia uns vaqueiros pelos atalhos da Serra do Bendengó, aquela onde uma vez caiu uma pedra do céu. Perseguem uns ladrões de gado que roubaram meia centena de cabeças de gado da fazenda Pedra Vermelha, do coronel José Bernardo Murau, mas antes de encontrar aos animais se inteiram da derrota da Expedição do Major Febrônio de Brito, em Cambaio, e decidem cessar a busca para não se topar com os jagunços ou os soldados em retirada. Quando acaba de separar-se dos vaqueiros. Rufino, nos contrafortes da Serra Grande, cai em mãos de uma patrulha de desertores, mandada por um sargento pernambucano. Tiram-lhe sua escopeta, seu facão, suas provisões e a saca com os reis que ganhou como pistoleiro. Mas não lhe fazem mal e, inclusive, advertem-lhe que não passe por Monte Santo pois ali se estão concentrando os soldados derrotados do Major Brito, que poderiam arrolá-lo

A região está removida com a guerra. A noite seguinte, perto do rio Cariará, o rastreador escuta um tiroteio e ao amanhecer descobre que gente vinda de Canudos queimou e saqueou a fazenda Santa Rosa, que ele conhece muito bem. A casa, que era ampla e fresca, com balaustrada de madeira e uma ronda de palmeiras, está chamuscada e em pedaços. Vê os estábulos vazios, a senzala e os ranchos dos peões também queimados e um velho do contorno lhe diz que todos partiram à Belo Monte, levando os animais e o que se livrou do fogo.

Rufino dá um rodeio, para evitar Monte Santo, e ao dia seguinte uma família de peregrinos que vai rumo à Canudos lhe avisa que tome cuidado, pois há grupos da Guarda Rural percorrendo a terra em busca de homens jovens para o Exército. Ao meio dia chega a uma capela meio perdida entre as colinas amareladas da Serra de Engorda, onde, tradicionalmente, homens que têm sangue nas mãos vêm a arrepender-se de seus crimes, e, outros, a fazer oferendas. É uma construção pequena, solitária, sem portas, de muros brancos pelos que correm lagartixas. As paredes transbordam de ex-votos: tigelas com comida petrificada, figurinhas de madeira, braços, pernas, cabeças de cera, armas, roupas, toda classe de minúsculos objetos. Rufino examina facas, facões, escopetas e escolhe uma faca pontuta deixada ali recentemente. Logo vai ajoelhar-se ante o altar, no que só há uma cruz, e explica ao Bom Jesus que leva essa faca

emprestada. Conta-lhe que lhe roubaram o que tinha e que a necessita para poder chegar a sua casa. Assegura-lhe que não quer tirar o que é dele e lhe promete devolver-lhe junto com outra nova, que será seu obséquo. Recorda-lhe que ele não é ladrão e que sempre cumpriu suas promessas. Faz o sinal da cruz se e diz: “Obrigado, Bom Jesus”.

Continua seu caminho, a um ritmo parecido, sem fatigar-se, subindo morros, ou descendo barrancos, cruzando caatingas, ou pedreiras. Essa tarde caça um tatu, que cozinha em uma fogueira. A carne dá para dois dias. Ao terceiro, está pelas vizinhanças Nordestina. Dirige-se ao rancho de um morador, onde costuma pernoitar. A família o recebe com mais cordialidade que outras vezes e a mulher lhe prepara de comer. Ele conta como os desertores lhe roubaram e conversam sobre o que irá ocorrer depois dessa batalha em Cambaio, em que, ao que parece, houve tantos mortos. Enquanto falam, Rufino nota que o casal troca olhadas, como se tivessem algo que lhe dizer e não se atrevessem. Cala-se e espera. O morador então, tossindo, pergunta-lhe quanto tempo está sem notícias de sua família. Perto de um mês. Morreu sua mãe? Não. Jurema, então? O casal fica olhando-o. Por fim, o homem fala: anda-se dizendo que houve um tiroteio e mortos em sua casa e que sua mulher fugiu com um forasteiro de cabelos vermelhos. Rufino lhes agradece a hospitalidade e se despede deles imediatamente.

À madrugada seguinte a silhueta do rastreador se desenha em uma colina da qual se avista sua cabana. Atravessa o bosquezinho de rochas e arbustos onde teve a primeira entrevista com o Galileo Gall e se aproxima do promontório onde está sua moradia à velocidade com a que sempre viaja, um trote entre a caminhada e a carreira. Em sua cara há rastros da longa viagem, das contrariedades e da má notícia da véspera: sua feição se aguçou, fundo, crispado. Sua única bagagem é a faca que lhe emprestou o Bom Jesus. A poucos metros de sua cabana, seu olhar se volta receoso. O curral tem a tranqueira aberta e está vazio. Mas não é o curral que Rufino olha com olhos graves, inquisitivos, sentido saudades, a não ser a esplanada onde antes não havia essas duas cruzes que há agora, sujeitas com pedrinhas. Ao entrar descobre o acendedor, as vasilhas, a cama, a rede, o baú, a imagem da Virgem de Marisco, as panelas e as tigelas e o alto de lenha. Tudo parece estar ali e, inclusive, ter sido ordenado.

Rufino olha de novo, devagar, como tratando de arrancar a esses objetos o ocorrido em sua ausência. Sente o silêncio: a falta de latidos, do cacarejo das galinhas, do tinido dos carneiros, da voz de sua mulher. Finalmente, dá uns passos pela habitação e começa a revisar tudo, com cuidado. Quando termina, tem os olhos sanguinolentos. Sai, fechando a porta sem brutalidade.

Encaminha-se para Queimadas, que brilha ao longe sob um sol agora vertical. A silhueta de Rufino se perde em uma curva do promontório; reaparece, trotando, entre pedras plúmbeas, cactos, matagais amarelados, a cerca pontuda de um curral. Meia hora depois entra no povoado pela avenida Itapicurú e sobe por ela para o Plaza Matriz. O sol estremece as casinhas caiadas, de portas azuis ou verdes. Os soldados em retirada, depois da derrota de Cambaio, começaram a chegar pois os vên, rotos, forasteiros, formando grupos nas esquinas, dormindo sob as árvores ou banhando-se no rio. O rastreador passa ante eles sem olhá-los, acaso sem vê-los, pensando só nos vizinhos: vaqueiros de peles curtidas, mulheres que dão de mamar a seus filhos, cavaleiros que partem, velhos que se ensoalheiram, meninos que correm. Dão-lhe o bom dia ou o chamam por seu nome e ele sabe que, quando passou, voltam-se a olhá-lo, assinalam-no e começam a cochichar. Responde suas saudações com uma inclinação de cabeça, olhando à frente, sem sorrir, para desanimar a qualquer que tentasse lhe dirigir a palavra. Cruzando o Plaza Matriz, densa de sol, de cães, homens fazendo vênias, consciente das falações, dos olhares, dos gestos, dos pensamentos que suscitam. Não se detém até chegar, frente à capelinha de Nossa Senhora do Rosário, a uma pequena tenda de velas e imagens religiosas, que penduram na fachada. Tira-se o chapéu, respira como quem vai mergulhar, e entra. Ao vê-lo, a idosa, que está alcançando um pacote a um cliente, abre muito os olhos e lhe ilumina a cara. Mas espera, para lhe falar, que o comprador se foi.

O local é um cubo com buracos pelos que ingressam línguas de sol. Círios e velas pendem de pregos e se alinham sobre o mostrador. As paredes estão cobertas de ex-votos, e de santos, cristos, virgens e imagens. Rufino se ajoelha para beijar a mão da anciã: “Bom dia, mãe”. Faz-lhe o sinal da cruz na frente com uns dedos nodosos, de unhas enegrecidas. É uma anciã esquelética, franzida, de olhar duro,

abrigada com uma manta face à atmosfera candente. Tem um rosário de contas grandes em uma mão.

— Caifás quer vê-lo quer lhe explicar — diz, com dificuldade, porque o tema a esgota ou pela falta de dentes— Virá à feira de sábado. Veio todos os sábados, a ver se voltou. É uma longa viagem, mas vinha. É seu amigo, quer lhe explicar.

— Explique-me, você o que sabe, enquanto isso, mãe — sussurra o rastreador.

— Não vinham matar você — replica a idosa, imediatamente— Nem a ela. Foram matar ao forasteiro somente. Mas ele se defendeu e matou a dois. Viu as cruzes, lá encima, frente a sua casa? — Rufino assente— Ninguém reclamou os corpos e os enterraram ali. — Faz o sinal da cruz — Que estejam em sua santa glória, Senhor. Encontrou sua casa limpa? Estive indo, pouco a pouco, para que não a encontrasse toda suja.

— Não devia ir — diz Rufino. Está cabisbaixo, com o chapéu na mão— Você logo que pode andar. E, além disso, essa casa está suja para sempre.

— Então, já sabe — murmura a anciã, lhe buscando os olhos que lhe oculta, olhando fixamente o chão. A mulher suspira. Logo depois de uma pausa, adiciona — Vendi seus carneiros para que não os roubassem, como às galinhas. Seu dinheiro está nessa gaveta. — Faz outra pausa, tratando de demorar o inevitável, o único assunto que lhe interessa, o único que interessa ao Rufino— A gente é má. Diziam que não voltaria. Que lhe tinham metido ao Exército, talvez, que tinha morrido na guerra, talvez. Viu quantos soldados em Queimadas? Morreram muitos lá, parece. O Major Febrônio de Brito está aqui, também.

Mas Rufino a interrompe:

— Você sabe quem os mandou? A esses que vinham a matá-lo.

— Caifás — diz a anciã— Ele os levou. Vai lhe explicar como me explicou. É seu amigo. Não foram matá-lo. Nem a ela. Só ao dos cabelos vermelhos, ao forasteiro. Cala-se e Rufino também cala e no ardente, sombreado reduto se escuta o zumbido dos moscardos, dos enxames de moscas que revoam entre as imagens. Por fim, a anciã se decide a falar.

— Muitos os viram! — exclama, com voz trêmula e os olhos de repente relampeantes — Caifás os viu. Quando me contou, pensei: pequei, é castigo de Deus. Eu desgracei a meu filho. Sim, Rufino: Jurema, Jurema. Ela o salvou, agarrou as mãos ao Caifás. Foi com ele, abraçando-o, apoiado nele. — Estira uma mão e aponta a rua — Todos sabem. Já não podemos viver aqui, filho.

O rosto anguloso, imberbe, escurecido pela penumbra do local não move um músculo, não pestaneja. A idosa agita um punho de dedos pequenino sarmentosos e cospe com desprezo para a rua:

— Vinham a me compadecer, a me falar de si. Cada palavra era uma adaga no coração. São víboras, filho! — Passa-se a manta negra pelos olhos, como se tivesse chorado, mas os tem secos— Limpará a imundície que lhe jogou em cima, não é certo? É pior que se tivesse tirado os olhos, pior que se me tivesse matado. Fala com o Caifás. Ele sabe a ofensa, ele sabe as coisas da honra. Ele lhe explicará.

Volta a suspirar e agora beija as contas de seu rosário, com unção. Olha ao Rufino, que não se moveu nem elevou a cabeça.

— Muitos foram à Canudos — diz, com voz mais suave— Vieram apóstolos. Também ia. Fiquei porque sabia que voltaria. Vai se acabar o mundo, filho. Por isso vemos o que vemos. Por isso aconteceu isso que passou. Agora posso ir. Dar-me-ão as pernas para essa viagem tão longa? O Pai decidirá. Ele decide tudo.

Permanece calada e, logo depois de um momento, Rufino se inclina e lhe beija outra vez a mão:

— É uma viagem muito longa e não o aconselho, mãe — diz— Há guerra, incêndios, falta que comer. Mas se quer ir, vá. O que você faça sempre estará bem feito. E esqueça-se do que Caifás lhe contou. Não sofra nem tenha vergonha por isso.

Quando o Barão da Canabrava e sua esposa desembarcaram no Arsenal da Marinha de Salvador, depois de vários meses de ausência, puderam dar-se conta pelo recebimento até que ponto tinha decaído a força de outrora todo-poderosa Partido Autonomista baiano e de seu chefe e fundador. Antigamente, quando era Ministro do Império,

ou Plenipotenciário em Londres, e inclusive nos primeiros anos da República, as voltas do Barão da Bahia eram motivo de grandes festejos. Todos os homens proeminentes da cidade e muitos fazendeiros iam ao porto conduzindo serventes e amealhados com pôsteres de boa-vinda. As autoridades compareciam sempre e havia banda de música e meninos das escolas, pias com ramalhetes para a Baronesa Estela. O banquete de recepção se celebrava no Palácio da Vitória, presidido pelo Governador, e dezenas de comensais aplaudiam os brinde, discursos e o imprescindível soneto que um poeta local recitava em honra dos recém chegados.

Todavia, desta vez não se achavam no Arsenal da Marinha para aplaudir ao Barão e à Baronesa, quando pisaram em terra, mais de duzentas pessoas e, entre elas, nenhuma autoridade civil, nem militar, nem eclesiástica. As caras com que o cavalheiro Adalberto de Gumucio e os deputados Eduardo Glicério, Rocha Seabra, Lelis Piedades e João Seixas de Pondé — a Comissão designada pelo Partido Autonomista para recepcionar a seu chefe — se aproximaram de estreitar a mão do Barão e a beijar a da Baronesa, eram de enterro.

Eles, entretanto, não demonstraram advertir a diferença. Sua conduta foi a de sempre. Enquanto a Baronesa, sorridente, mostrava-lhe os ramos de flores a sua inseparável empregada Sebastiana, como maravilhada de recebê-los, o Barão distribuía palmadas e abraços entre seus correligionários, parentes e amigos que faziam fila para chegar até ele. Saudava-os por seus nomes, inquiria por suas esposas, agradecia-lhes haver-se incomodado em vir a recebê-lo. E, a cada certo momento, como impelido por uma íntima necessidade, repetia a sorte que era sempre voltar para a Bahia, reencontrar este sol, este ar limpo, estas pessoas antes de subir ao carro que os esperava no mole, conduzido por um chofer de uniforme que fez muitas reverências ao vê-los, o Barão saudou com os dois braços em alto. Logo, tomou assento frente à Baronesa e Sebastiana, que tinham as saias cobertas de flores. Adalberto de Gumucio se sentou a seu lado e o carro começou a subir a Ladeira da Conceição da Praia, que transbordava de verdura. Logo, os viajantes puderam ver os veleiros da baía, o forte de São Marcelo, o Mercado e a muitos negros e mulatos metidos na água pescando caranguejos.

—Europa é sempre uma emulsão de juventude — felicitou-os Gumucio— Estão dez anos mais jovens do que se foram.

—Eu o devo ao navio mais que a Europa —disse a Baronesa— As três semanas mais descansadas de minha vida!

—Em troca, você está dez anos mais velho. —O Barão olhava pelo guichê o panorama majestoso do mar e a ilha que cresciam à medida que o carro subia, agora pela Ladeira de São Bento, para a cidade alta — É para tanto?

A cara do Presidente da Assembléia Legislativa bahiana se encheu de rugas:

—Pior de tudo o que imagina. —Assinalou o porto — Queríamos fazer uma demonstração de forças, um grande ato público. Todos prometeram trazer gente, inclusive do interior. Calculávamos milhares de pessoas. E já viu.

O Barão fez adeus a uns vendedores de pescado que, ao ver passar o carro em frente ao Seminário, tiraram-se os chapéus de palha. Recriminou a seu amigo com ar zombador:

—É má educação falar de política ante as damas. Ou já não considera Estela uma dama?

A Baronesa riu, com uma risada grácil e despreocupada, que a rejuvenescia. Era de cabelos castanhos e pele muito branca, com umas mãos de longos dedos que se moviam como pássaros. Ela e sua empregada, uma mulher moréia, de formas abundantes, olhavam entusiasmadas o mar azul escuro, o verde fosforescente das ribeiras e os telhados sangrentos.

—A ausência do Governador é a única justificada —disse Gumucio, como se não tivesse escutado— Decidimos nós. Queria vir, com o Conselho Municipal. Mas, tal como vão as coisas, é preferível mantê-lo *auessus de méléé*. Luis Viana continua leal.

— Trouxe-lhe um álbum de gravuras hípicas — animou-o o Barão — Suponho que as contrariedades políticas não lhe tiraram a afeição aos cavalos, Adalberto.

Ao entrar na cidade alta, rumo ao bairro de Nazareth, os recém chegados, luzindo seus melhores sorrisos, dedicaram-se a devolver os adeuses dos transeuntes. Vários carros e bom número de cavaleiros, alguns vindos do porto e outros que o esperavam no alto

do escarpado, escoltaram ao Barão pelas pavimentadas ruelas, entre curiosos que se apinhavam nas veredas ou saíam aos balcões ou tiravam as cabeças dos bondes puxados por asnos para vê-los passar. Os Canabrava viviam em um palácio com azulejos gastos de Portugal, teto de telhas vermelhas, balcões de ferro forjado, sustentados por cariátides de peitos robustos e uma fachada que rematava em quatro figuras de cerâmica amarela brilhante: dois leões cabeludos e dois dentes. Os leões pareciam vigiar aos navios que chegavam à baía e os dentes anunciar aos navegantes a esplêndida cidade. O pomar que rodeava à construção fervia de flamboians, mangas, crotos e *ficus* onde rumoreava o vento. O palácio tinha sido desinfetado com vinagre, perfumado com ervas aromáticas e engalanado com vasos de flores para receber aos donos. Na porta, criados de mamelucos brancos e negritos com aventais encarnados e lenços à cabeça os aplaudiram. A Baronesa ficou a conversar com eles, enquanto, o Barão, levantando-se na entrada, despedia-se de seus acompanhantes. Só Gumucio e os Deputados Eduardo Glicério, Rocha Seabra, Lelis Piedades e João Seixas de Pondé, entraram na casa com ele. Tanto que a Baronesa subia à planta alta, seguida por sua empregada, os homens cruzaram o vestíbulo, um recibo com móveis de madeira, e o Barão abriu as portas de uma habitação com prateleiras de livros, da que se via o pomar. Uma vintena de homens se calaram ao vê-lo. Os que estavam sentados se levantaram e todos aplaudiram. O primeiro em abraçá-lo foi o Governador Luis Viana:

—Não foi minha idéia a de não ir ao porto —disse— Em todo caso, já vê, aqui estão a Governação e a Câmara de vereadores em pleno, à suas ordens.

Era um homem enérgico, com uma calvície pronunciada e um ventre pugnaz, que não dissimulava sua preocupação. Enquanto o Barão saudava os presentes, Gumucio fechou a porta. A fumaça rarefazia a atmosfera. Havia jarras com refrescos de frutas em uma mesa e, como não alcançavam os assentos, uns foram sentando nos braços das poltronas e outros permaneciam apoiados contra as prateleiras. O Barão demorou em terminar a ronda de saudações. Quando se teve sentado, reinou um silêncio glacial. Os homens o olhavam e em seus olhares, além de inquietação, havia uma muda súplica, uma confiança angustiada. A expressão do Barão, até então jovial, foi agravando enquanto passava revista às caras fúnebres.

— Já vejo que as coisas não estão para que lhes conte se o Carnaval de Niza se parece com o nosso —disse, muito sério, procurando o Luis Viana— Começemos pelo pior. O que é o pior?

— Um telegrama que chegou ao mesmo tempo que você — murmurou o Governador, de uma poltrona no que parecia esmagado — O Rio acordou intervir militarmente na Bahia, com o voto unânime do Congresso. Manda um Regimento do Exército Federal contra Canudos.

— Quer dizer, o Governo e o Congresso oficializam a tese da conspiração —o interrompeu Adalberto de Gumucio— Quer dizer, os fanáticos sebastianistas querem restaurar o Império, com ajuda do Conde D' Eu dos monárquicos, da Inglaterra e, é óbvio, do Partido Autonomista da Bahia. Todas as patranhas estúpidas da estirpe jacobina convertidas na verdade oficial da República.

O Barão não demonstrou nenhum alarme.

— A vinda do Exército Federal não me surpreende —disse— Nestas alturas, era inevitável. O que me surpreende é o de Canudos. Duas expedições derrotadas! — Fez um gesto de estupor, olhando ao Viana— Não o entendo, Luis. À esses loucos terei que deixá-los em paz ou acabar com eles à primeira. Mas não fazer algo tão mal feito, não deixar que se convertessem em um problema nacional, não fazer um presente assim à nossos inimigos.

— Quinhentos soldados, dois canhões, duas metralhadoras, parece-lhe pouca coisa para enfrentar a um bando de safados e de devotas? —repôs Luis Viana, vivamente— Quem podia imaginar que com semelhante força Febrônio de Brito se faria derrotar por uns pobres diabos.

— A conspiração existe, mas não é nossa — voltou a interrompê-lo Adalberto de Gumucio. Tinha o cenho franzido e as mãos crispadas e o Barão pensou que jamais o tinha visto tão afetado por uma crise política— O Major Febrônio não é tão inepto como quer nos fazer acreditar. Sua derrota foi deliberada, negociada, decidida de antemão com os jacobinos de Rio de Janeiro, através de Epaminondas Gonçalves. Para ter esse escândalo nacional que procuram desde que Floriano Peixoto deixou o poder. Não estiveram inventando conspirações monárquicas depois para que o Exército enclausure o Congresso e instale a República Ditatorial?

— As conjecturas depois, Adalberto — disse o Primeiro Barão, quero saber exatamente o que ocorre, os fatos.

— Não tem fatos, só as fantasias e as intrigas mais incríveis — interveio o Deputado Rocha Seabra— Acusam-nos de: *açular aos sebastianistas, de lhes enviar armas, de estar conspirando com a Inglaterra para restaurar o Império.*

— O *Jornal de Notícias* nos acusa disso e de piores coisas da queda de Dom Pedro II — sorriu o Barão, fazendo um gesto desdenhoso.

— Diferentemente é que, agora, não é só o *Jornal de Notícias* a não ser metade do Brasil —disse Luis Viana. O Barão o viu revolver-se no assento, nervoso, e passar a mão pela calva— De repente, no Rio, em São Paulo, em Belo Horizonte, em todas partes começam a repetir as imbecilidades e as baixezas que inventa o Partido Republicano Progressista.

Várias pessoas falaram ao mesmo tempo e o Barão lhes pediu, com as mãos, que não se atropelassem. Por entre as cabeças de seus amigos podia ver o pomar, e, embora o que ouvia lhe interessava e o alarmava, desde que entrou no escritório não tinha deixado de perguntar-se se entre as árvores e arbustos estaria escondida o camaleão, um animal com o que se afeioou como outros com cães ou gatos.

— Agora sabemos para que formou Epaminondas a Guarda Rural — dizia o Deputado Eduardo Glicério — Para que proporcionasse as provas, no momento oportuno. Fuzis de contrabando para os jagunços e até espiões estrangeiros.

— Ah, disso não me inteirou — disse Adalberto de Gumucio, ao ver a expressão intrigada do Barão— O *summum* do grotesco. Um agente inglês no sertão! Encontraram-no carbonizado, mas era inglês. Como souberam? Por seus cabelos vermelhos! Exibiram-nos no Parlamento de Rio, junto com fuzis supostamente encontrados ao lado de seu cadáver, em Ipupiará. Ninguém nos escuta, até nossos melhores amigos, no Rio, tragam-se esses disparates. O país inteiro acredita que a República está em perigo pelo Canudos.

— Suponho que eu sou o gênio tenebroso da conspiração — murmurou o Barão.

— Sobre você se torna mais lodo que ninguém — disse o Diretor do *Jornal da Bahia*— Você entregou Canudos aos rebeldes e viajou à Europa para entrevistar-se com os emigrados do Império e planejar a rebelião. Chegou-se a dizer que houve uma “bolsa subversiva” e que você pôs a metade do dinheiro e a outra metade à Inglaterra.

— Sócio em partes iguais da coroa inglesa — murmurou o Barão — Caramba, superestimam-me.

— Sabe a quem mandam a debelar a sublevação restauradora? — disse o Deputado Lelis Piedades, que estava sentado no braço do assento do Governador— Ao Coronel Moreira César e ao Sétimo Regimento.

O Barão da Canabrava adiantou um pouco a cabeça e pestanejou.

— O Coronel Moreira César? — Ficou pensativo um bom momento, movendo às vezes os lábios como se falasse em silêncio. Depois, dirigiu-se ao Gumucio — Talvez tenha razão, Adalberto. Esta poderia ser uma operação audaz dos jacobinos. Da morte do Marechal Floriano, o Coronel Moreira César é sua grande carta, o herói com o que contam para recuperar o poder.

Novamente ouviu que se disputavam a palavra, mas desta vez não os conteve. Enquanto seus amigos opinavam e discutiam, ele, simulando escutá-los, distraiu-se deles, algo que fazia com grande facilidade quando um diálogo o aborrecia ou seus próprios pensamentos lhe pareciam mais importantes que o que ouvia. O Coronel Moreira César! Não era bom que viesse. Era um fanático e, como todos os fanáticos, perigoso. Recordou a maneira implacável como tinha reprimido a revolução federalista de Santa Catarina, fazia quatro anos, e como, quando o Congresso Federal lhe pediu que devesse dar conta dos fuzilamentos que tinha ordenado, respondeu com um telegrama que era um modelo de laconismo e de arrogância: “Não”. Recordou que entre os fuzilados pelo Coronel, lá no Sul, havia um Marechal, um Barão e um Almirante que ele conhecia e que, ao instalar a República, o Marechal Floriano Peixoto lhe encarregou depurar do Exército a todos os oficiais conhecidos por suas vinculações com a monarquia. O Sétimo Regimento de Infantaria contra Canudos! “Adalberto tem razão, pensou. É o *summum* do grotesco.” Fazendo um esforço, voltou a escutar.

— Não deve liquidar aos sebastianistas do sertão a não ser a nós — dizia Adalberto de Gumucio— Vem liquidar, ao Luis Viana, ao Partido Autonomista, e a entregar a Bahia ao Epaminondas Gonçalves, que é o homem dos jacobinos aqui.

— Não há razões para suicidar-se, senhores — interrompeu-o o Barão, elevando um pouco a voz. Não estava risonho já, a não ser muito sério, e falava com firmeza— Não há razões para suicidar-se — repetiu. Passou revista à concorrência, seguro de que sua serenidade acabaria por contagiar seus amigos— Ninguém vai arrebatá-lo que é nosso. Não estão, neste quarto, o poder político da Bahia, a administração da Bahia, a justiça da Bahia, o jornalismo da Bahia? Não estão aqui a maioria das terras, dos bens, dos rebanhos da Bahia? Nem o Coronel Moreira César pode mudar isso. Acabar conosco seria acabar com Bahia, senhores. Epaminondas Gonçalves e quem o segue são uma curiosidade extravagante nesta terra. Não têm nem os meios, nem a gente, nem a experiência para tomar as rédeas da Bahia embora as ponham nas mãos. O cavalo os jogaria ao chão no ato.

Fez uma pausa e alguém, solícito, alcançou-lhe um copo de refresco. Bebeu com fruicção o líquido, no que reconheceu o gosto açucarado da goiaba.

— Alegria-nos muito seu otimismo, é óbvio — ouviu que dizia Luis Viana— De todo modo, reconhecerá que sofremos uns reversos e que terá que atuar quanto antes.

— Sem dúvida nenhuma —assentiu o Barão— Vamos fazê-lo, por hora, agora mesmo enviaremos um telegrama ao Coronel Moreira César nos congratulando por sua vinda e lhe oferecendo o apoio das autoridades da Bahia e do Partido Autonomista. Acaso não estamos interessados em que venha a nos liberar dos ladrões de terras, dos fanáticos que saqueiam fazendas e não deixam trabalhar em paz aos moradores? E hoje mesmo, também, iniciaremos uma coleta que será entregue ao Exército Federal a fim de que se empregue na luta contra os bandidos.

Esperou que se apaziguassem os murmúrios, bebendo outro gole de refresco. Fazia calor e lhe tinha molhado a frente.

— Recordo-lhe que, há anos, toda nossa política consiste em impedir que o governo central interfira muito nos assuntos da Bahia

— disse Luis Viana, por fim.

— Pois, agora, a única política que podemos ter, a menos de escolher o suicídio, é demonstrar a todo o país que não somos inimigos da República nem da soberania do Brasil —disse o Barão, secamente— Teremos que desmontar essa intriga imediatamente e não há outra maneira. Daremos ao Moreira César e ao Sétimo Regimento um grande recebimento. Nós, não o Partido Republicano.

Secou a fronte com seu lenço e voltou a esperar que o murmúrio, mais forte que antes, decrescesse.

— É uma mudança muito brusca — disse Adalberto de Gumucio e o Barão viu que várias cabeças assentiam, depois dele.

— Na Assembléia, nos jornais, toda nossa atuação foi tratar de evitar a intervenção federal — disse o Deputado Rocha Seabra.

— Para defender os interesses da Bahia terá que seguir no poder e para seguir no poder terá que trocar de política, ao menos no momento — replicou o Barão, com suavidade. E, como se não tivessem importância as objeções que lhe faziam, prosseguiu dando diretivas — Os fazendeiros devem colaborar com o Coronel. Alojarem o Regimento, lhe facilitar guias, provisões. Somos nós, junto com o Moreira César, quem acabarei com os conspiradores monárquicos financiados pela Rainha Vitória. — Fez um simulacro de sorriso, ao mesmo tempo que passava de novo o lenço pela fronte— É uma festa de máscaras ridícula, mas não temos alternativa. E quando o Coronel acabar com os pobres cangaceiros e santos de Canudos celebraremos com grandes festas a derrota do Império Britânico e dos Bragança.

Ninguém o festejou, ninguém sorriu. Todos estavam calados e incômodos. Mas, observando-os, o Barão compreendeu que, embora a contra gosto, alguns admitiam já que não restava outra coisa que fazer.

— Viajarei ao Calumbí —disse o Barão— Não estava em meus planos fazê-lo ainda. Mas é necessário. Eu mesmo porei a disposição do Sétimo Regimento o que lhes faça falta. Todos os fazendeiros da região deveriam fazer o mesmo. Que Moreira César veja a quem pertence essa terra, quem manda ali.

A atmosfera estava muito tensa e todos queriam fazer perguntas, responder. Mas o Barão pensou que não era conveniente discutir

agora. Logo depois de comer e de beber, ao longo da tarde e a noite, seria mais fácil lhes tirar as dúvidas, os escrúpulos.

— Vamos almoçar e reunimo-nos com as damas —propôs-lhes, levantando-se— Falaremos depois. Nem tudo tem que ser política na vida. Terá que dar lugar, também, para as coisas agradáveis.

II

Queimadas, convertida em acampamento, é uma formigante animação sob a rajada de vento que cobre de pó: escutam-se ordens e se atropelam formações entre cavaleiros com sabres que gritam e gesticulam. De repente, cortam a madrugada uns toques de corneta e os curiosos correm pela borda do Itapicurú a observar a caatinga ressecada que se perde na direção de Monte Santo: estão partindo os primeiros corpos do Sétimo Regimento e o ar leva o hino que os soldados cantam a voz em pescoço.

No interior da estação, o Coronel Moreira César da alvorada estuda cartas topográficas, dá instruções, assina despachos e recebe parte de serviço dos distintos batalhões. Os correspondentes, sonolentos, alistam suas mulas, cavalos e o carro de bagagens na porta da estação, salvo o mirrado jornalista do *Jornal de Notícias*, que, o tabuleiro portátil sob o braço e seu tinteiro posto na manga, ronda pelo local tratando de aproximar-se do Coronel. Em que pese a ser tão cedo, os seis membros da Câmara de vereadores Municipal estão ali, para despedir do chefe do Sétimo Regimento. Esperam, sentados em um banco e o enxame de oficiais e ajudantes que vai e vem a seu redor os dispõe tão pouca atenção como aos cartazes do Partido Republicano Progressista e do Partido Autonomista baiano que ainda pendem do teto. Mas eles estão entretidos, observando ao jornalista espantado que, aproveitando um momento de calma, consegue por fim aproximar-se de Moreira César.

—Posso lhe fazer uma pergunta, Coronel? —silaba sua voz fanhosa.

—A conferência com os correspondentes foi ontem — responde-lhe o oficial, examinando-o como o faria com um ser caído de outro planeta. Mas a extravagante aparência ou a audácia do personagem o abrandam — Faça-a. Do que se trata?

—Dos detentos — sussurram os dois olhos vegos, posados sobre ele— Chamou-me a atenção que incorpore ladrões e assassinos ao

Regimento. Ontem à noite fui ao cárcere, com os dois tenentes, e vi que arrolaram a sete.

—Sim — diz Moreira César, esquadrinhando-o com curiosidade— Qual é a pergunta?

—A pergunta é: por que? Qual é a razão para que prometa a liberdade a esses delinqüentes?

—Sabem brigar —diz o Coronel Moreira César. E, logo depois de uma pausa — O delinqüente é um caso de energia humana excessiva que se verte na má direção. A guerra pode represá-la na boa. Eles sabem por que brigam e isso os faz bravos, às vezes heróicos. Comprovei-o. E o comprovará você, se chegar à Canudos. Porque — volta a olhar dos pés à cabeça — a simples vista se diria que não agüentará nenhuma jornada no sertão.

—Tratarei de agüentar, Coronel. —O jornalista míope se retira e se adiantam o Coronel Tamarindo e o Major Cunha Matos, que esperavam atrás dele.

—A vanguarda acaba de ficar em marcha —diz o Coronel Tamarindo.

O Major explica que as patrulhas do Capitão Ferreira Rocha reconheceram a rota até Tanquinho e que não há rastro de jagunços, mas que está cheio de desníveis e acidentes que vão dificultar o passo da artilharia. Os exploradores de Ferreira Rocha estão vendo se há maneira de evitar esses obstáculos e, de qualquer maneira , adiantou-se uma seção de sapadores a aplainar o caminho.

— Repartiu bem aos detentos? — pergunta-lhe Moreira César.

— Em companhias distintas e com proibição expressa de ver-se ou falar-se entre eles — assente o Major.

— Partiu também o comboio do gado — diz o Coronel Tamarindo. E, depois de vacilar um momento — Febrônio de Brito estava muito ofuscado. Teve uma crise de pranto.

— Outro suicidar-se-ia — é todo o comentário de Moreira César. Levanta-se e um ordenança se apressa a recolher os papéis da mesa que lhe serviu de escritório. O Coronel, seguido de seus oficiais, dirige-se para a saída. Há gente que corre, para vê-lo, mas ele, antes de chegar à porta, recorda algo, muda de direção e vai para os bancos onde esperam os Vereadores de Queimadas. Estes ficam de pé. São

homens rústicos, agricultores ou modestos comerciantes, que vestiram suas melhores roupas e engraxaram seus sapatos em sinal de respeito. Levam os chapéus nas mãos e os nota coibidos.

— Obrigado pela hospitalidade e colaboração, senhores. — O Coronel os confunde em um só olhar convencional e quase cego — O Sétimo Regimento não esquecerá o afeto de Queimadas. Recomendo-lhes à tropa que aqui fica.

Não têm tempo de lhe responder pois, em vez de despedir-se de cada um, faz uma saudação geral, levando a mão direita ao quepis, e dá meia volta para a saída.

A aparição de Moreira César e de sua comitiva, na rua, onde está formado o Regimento — as companhias se perdem ao longe, alinhadas uma detrás de outra, junto aos trilhos da ferrovia — provoca aplausos e vítores. Os sentinelas atalham a quão curiosos querem aproximar-se. O formoso cavalo branco relincha, impaciente por partir. Sobem à suas cavalgaduras Tamarindo, Cunha Matos, Olímpio de Castro; a escolta e os correspondentes, já montados, rodeiam ao Coronel. Este relê o telegrama que ditou para o Supremo Governo: “O Sétimo Regimento inicia hoje, 8 de fevereiro, sua campanha em defesa da soberania brasileira. Nem um só caso de indisciplina na tropa. Nosso único temor é que Antonio Conselheiro e os facciosos restauradores não nos esperem em Canudos. Viva a República”. Põe-lhe suas iniciais, para que o telegrafista o despache imediatamente. Faz logo um sinal ao Capitão Olímpio de Castro, quem dá uma ordem às cornetas. Estes executam um toque penetrante e lúgubre que diferencia a madrugada.

— É o toque do Regimento — diz Cunha Matos ao correspondente grisalho, que está a seu lado.

— Tem um nome? — pergunta a voz fastidiosa do homem do *Jornal de Notícias*. Encostou a sua mula uma grande bolsa, para o tabuleiro de escrever, que dá ao animal uma silhueta masurpial.

— Toque de Carga e Degola — diz Moreira César— O Regimento o toca da guerra do Paraguai, quando, por falta de munição, tinha que atacar a sabre, baioneta e faca.

Dá a ordem de partida com a mão direita. Mulas, homens, cavalos, carroças, armas, ficam em movimento entre baforadas de pó que um ventania manda a seu encontro. Ao sair de Queimadas os

distintos corpos da Coluna vão muito unidos e só os diferenciam as cores dos pendões que levam suas escoltas. Logo, os uniformes de oficiais e soldados são igualados pelo terral que obriga a todos a baixar as viseiras de gorros e quepis e, a muitos, a amarrar lenços à boca. Pouco a pouco, batalhões, companhias e seções se vão distanciando e o que, ao deixar a estação, parecia um organismo compacto, uma larga serpente ondulando pela terra gretada, entre troncos de favela ressecados, estala em membros independentes, serpentes filhas que também se afastam umas de outras, perdendo-se de vista por momentos e voltando-se para avistar, segundo as anfractuosidades do terreno. Há constantes cavaleiros que sobem e baixam, tendendo um sistema circulatório de informações, ordens, averiguações, entre as partes desse todo espalhado cuja cabeça, às poucas horas de marcha, presentes já, ao longe, a primeira população do trajeto: Pau Seco. A vanguarda, comprova o Coronel Moreira César através de seus prismáticos, deixou ali, entre as cabanas, rastros de seu passo: uma bandeirola e dois soldados que o esperam sem dúvida com mensagens.

Escoltados se adiantam uns metros ao Coronel e a seu Estado Maior; detrás destes, emplastro de betume exótico nessa sociedade uniformizada, vão os correspondentes que, igual a muitos oficiais, desmontaram e caminham conversando. Exatamente ao meio da Coluna se acha a bateria de canhões.

— O detalhe mestre foi o arco triunfal na estação de Calçada nos chamando salvadores —recorda Tamarindo— Uns dias antes se opunham freneticamente a que o Exército Federal interviesse na Bahia e depois nos jogam flores pelas ruas e o Barão da Canabrava nos manda dizer que viaja ao Calumbí para pôr sua fazenda a disposição do Regimento.

Ri, de boa vontade, mas seu bom humor não contagia ao Moreira César.

— Isso significa que o Barão é mais inteligente que seus amigos — diz— Não podia impedir que o Rio interviesse em um caso flagrante de insurreição. Então, opta pelo patriotismo, para que os republicanos não o desloquem. Distrair e confundir por hora, para tentar depois outro arranhão. O Barão tem boa escola: a escola inglesa, senhores.

Encontram ao Pau Seco deserto de gente, de coisas, de animais. Dois soldados, junto ao tronco sem ramos onde baila a bandeirola que deixou a vanguarda, saúdam. Moreira César freia seu cavalo e passa a vista pelas moradias de barro, cujo interior se divisa por portas abertas ou arrancadas. De uma delas emerge uma mulher sem dentes, descalça, com uma túnica por entre cujos buracos lhe vê a pele escura. Duas criaturas raquíticas, de olhos frágeis, uma das quais está nua e tem o ventre inchado, prendem-se de seu corpo. Olham com assombro aos soldados. Moreira César, do alto do cavalo, segue as observando: parecem a encarnação do desamparo. Sua cara se contrai em uma expressão em que se mesclam a tristeza, a cólera, o rancor. Sempre as olhando, ordena a um dos escoltas:

— Que lhes dêem de comer. — E se volta para seus lugares-tenentes — Vêem vocês em que estado têm às pessoas de seu país?

Há uma vibração em sua voz e seus olhos relampejam. Em um gesto inoportuno tira a espada do cinto e a leva a cara, como se fosse beijá-la. Os correspondentes vêem então, alargando as cabeças, que o chefe do Sétimo Regimento, antes de reatar a marcha, faz com sua espada essa saudação que se faz nos desfiles à bandeira e à máxima autoridade, aos três miseráveis habitantes de Pau Seco.

As palavras incompreensíveis estavam brotando, por rajadas, desde que o encontraram junto à mulher triste e o cadáver da mula que bicavam os urubus. Esporádicas, veementes, tronantes, ou apagadas, sussurradas, secretas, brotavam de dia e de noite assustando às vezes ao Idiota que ficava a tremer. A Barbuda disse a Jurema depois de farejar ao homem dos cabelos vermelhos: “Tem febres delirantes, como as que mataram a Graça. Morrerá hoje, o mais tardar”. Mas não morreu, embora alguns momentos branqueava os olhos e parecia vir o estertor final. Logo depois de permanecer imóvel, voltava a retorcer-se fazendo caretas e a pronunciar as palavras que para eles eram só ruídos. Outros momentos, abria os olhos e os olhava com atordoamento. O Miúdo se empenhou em que falava língua de ciganos e a Barbuda em que se parecia com o latim das missas.

Quando Jurema perguntou se podia ir com eles a Barbuda consentiu, talvez por compaixão, talvez por simples inércia. Entre os quatro subiram ao forasteiro à carroça, junto à cesta da cobra, e reataram a marcha. Os novos acompanhantes lhes trouxeram sorte

pois, ao entardecer, na alqueria de Quererá, convidaram-lhes para comer. Uma idosa jogou fumaça sobre o Galileo Gall, pôs-lhe ervas nas feridas, deu-lhe um cozimento e disse que se curaria. Nessa noite a Barbuda entreteve aos vaqueiros com a cobra, o Idiota fez palhaçadas e o Miúdo lhes contou os contos dos cavalheiros. Continuaram viagem e, com efeito, o forasteiro começou a tragar os bocados que lhe davam. A Barbuda perguntou a Jurema se era sua mulher. Não, não o era: ele a tinha desgraçado, em ausência de seu marido, e depois disso o que ficava a não ser segui-lo. “Agora entendo por que é triste”, comentou o Miúdo com simpatia.

Foram em direção Norte, guiados por uma boa estrela, pois, diariamente, encontravam o que comer. Ao terceiro dia, apresentaram-se na feira de um casario. O que as pessoas mais gostaram foram as barbas da Barbuda: pagavam para comprovar que não eram postiças e lhe tocar de passagem as tetas e verificar que era mulher. Miúdo, enquanto isso, contava-lhes sua vida desde que ela era uma garotinha normal, lá no Ceará, e como se converteu em vergonha de sua família o dia que começaram a lhe sair pêlos nas costas, nos braços, nas pernas e na cara. Começou a dizer-se que tinha pecado de por medo, que era filha de sacristão ou do Cão. A menina engoliu vidro picado de matar cães com raiva. Mas não morreu e viveu como bobo até que chegou o Rei do Circo, o Cigano, que a recolheu e a fez artista. Jurema acreditava que era uma fantasia do Miúdo mas este lhe assegurou que era a pura verdade. Sentavam-se a conversar, às vezes, e como o Miúdo era amável e lhe inspirava confiança lhe falou de sua infância na fazenda de Calumbí, ao serviço da esposa do Barão da Canabrava, uma mulher muito bela e muito boa. Era triste que Rufino, seu marido, em vez de ficar com o Barão, fora à Queimadas e se dedicasse a pistoleiro, odioso ofício que o tinha viajando. E, mais triste, não lhe haver podido dar um filho. Por que a teria castigado Deus, lhe impedindo de engendrar? “Quem sabe?”, murmurou o Miúdo. As decisões de Deus eram, às vezes, difíceis de compreender.

Dias depois, acamparam em Iupiará, numa encruzilhada de atalhos. Acabava de ocorrer uma desgraça. Um morador, atacado de loucura, tinha matado à seus filhos. Logo, matou-se também, com seu facão. Como era o enterro dos meninos-mártires, os circenses não se apresentaram, embora apregoaram uma para a noite seguinte.

O povoado era pequeno mas com um armazém onde vinha a aprovisionar-se toda a região.

Na manhã chegaram os capangas. Vinham montados e seu rodeio, apressado e dando coices, despertou à Barbuda que engatinhou sob a carpa para ver quem eram. Em todas as moradias de Ipupirá havia curiosos, surpreendidos como ela por essa aparição. Viu seis cavaleiros armados; eram capangas e não cangaceiros, nem guardas rurais, pela maneira como estavam vestidos e porque, nas ancas de seus animais, via-se muito clara a mesma marca de uma fazenda. Ia à frente — um desembainhado — desmontou e a Barbuda viu que se dirigia para ela. Jurema acabava de incorporar-se da manta. Sentiu-a tremer e a viu desencaixada, com a boca entreaberta. “É seu marido?”, perguntou-lhe. “É Caifás”, disse a moça. “Vai matá-la?”, insistiu a Barbuda. Mas, em vez de lhe responder, Jurema saiu a quatro mãos da carpa, ergueu-se e foi ao encontro do capanga. Este se deteve a esperá-la. O coração da Barbuda se agitou, pensando que o desembainhado —era um homem ossudo e torrado de olhar frio — golpea-la-ia, chuta-la-ia e talvez lhe cravaria a faca antes de cravar-se ao homem dos cabelos vermelhos ao que sentia remover-se na carroça. Mas não, não a golpeou. Mas bem, tirou-se o chapéu e lhe fez a saudação que se faz a alguém que se respeita. De seus cavalos, os cinco homens olhavam esse diálogo que para eles, como para a Barbuda, só era um movimento dos lábios. O que diziam? O Miúdo e o Idiota despertaram e também espiavam. Logo depois de um momento, Jurema voltou e assinalou a carroça onde dormia o forasteiro ferido.

O desembainhado, seguido pela moça, foi para a carroça, colocou a cabeça sob o toldo e a Barbuda viu que inspecionava com indiferença ao homem que, dormindo ou acordado, seguia falando com os fantasmas. O chefe dos capangas tinha os olhos quietos dos que sabem matar, quão mesmos a Barbuda tinha visto no bandido Pedrão aquela vez que venceu e matou ao Cigano. Jurema, muito pálida, esperava que o capanga terminasse a inspeção. Por fim, este se voltou para ela, falou-lhe, Jurema assentiu e o homem então indicou aos cavaleiros que desmontassem. Jurema se aproximou da Barbuda e lhe pediu as tesouras. Enquanto buscava, a Barbuda sussurrou: “Não a vai matar?” Jurema disse que não. E, com a tesoura que tinham sido de Graça na mão, encarapitou-se na carroça.

Os capangas, levando seus cavalos das rédeas, dirigiam-se ao armazém de Ipupiará. A Barbuda se atreveu a aproximar-se de ver que fazia Jurema, e atrás dela veio o Miúdo e atrás deste o Idiota.

Ajoelhada junto a ele — ambos cabiam apenas no estreito espaço — a moça cortava, atrás do crânio, os cabelos do forasteiro. Fazia-o sujeitando com uma mão as matas avermelhadas e aneladas e a tesoura chiava. Havia manchas de sangue coagulado na levita negra de Galileo Gall, rasgões, pó e excremento de pássaros. Estava de costas, entre trapos e caixas de cores, argolas, fuligem e sombreiros de cartão com meia-luas e estrelas. Tinha os olhos fechados, a barba cheia e também com sangue ressecado e, como lhe tinham tirado as botas, os dedos de seus pés apareciam pelos buracos das meias, grandes, branquíssimos e com as unhas sujas. A ferida de seu pescoço desaparecia sob a atadura e as ervas da curandeira. O Idiota pôs-se a rir e, embora a Barbuda o acotovelasse, continuou rindo. Imberbe, esquelético, de olhos perdidos, com a boca aberta e um fio de baba pendurando dos lábios, retorcia-se com as gargalhadas. Jurema não lhe prestou atenção, mas, em troca, o forasteiro abriu os olhos. Sua cara se contraiu em uma expressão de surpresa, de dor ou terror pelo que lhe faziam, mas a debilidade não lhe permitiu incorporar-se, só mover-se no local e emitir um desses ruídos incompreensíveis para os circenses.

Terminar sua tarefa tomou de Jurema bastante tempo. Tanto que, quando terminou, os capangas tinham tido tempo de entrar no armazém, inteirar-se da história dos meninos assassinados pelo louco e ir ao cemitério cometer esse sacrilégio que deixaria estupefatos aos vizinhos de Ipupiará: desenterrar o cadáver do filicida e subi-lo com gaveta e tudo a um de seus cavalos para levar-lhe. Agora estavam aí, a uns metros dos circenses, esperando. Quando o crânio de Gall ficou tosquiado, coberto por uma irisação desigual, torneado, estalou de novo a risada do Idiota. Jurema reuniu em um feixe as matas de cabelos que colocara sobre sua saia, atou-as com o cordão que sujeitava seu próprio cabelo e a Barbuda a viu revisar os bolsos do forasteiro e tirar uma bolsinha onde lhes disse que havia dinheiro, se por acaso queriam usá-lo. Com o penacho em uma mão e na outra a bolsinha, desceu da carroça e passou entre eles.

O chefe dos capangas veio a seu encontro. A Barbuda o viu receber das mãos de Jurema os cabelos do forasteiro e, quase sem olhá-los, guardá-los em sua alforja. Suas pupilas imóveis eram ameaçadoras, em que pese a que se dirigia a Jurema de maneira estudada, cortês, cerimoniosa, enquanto escovava os dentes com seu dedo indicador. Agora sim, a Barbuda podia ouvi-los.

—Tinha isto em seu bolso —disse Jurema, lançando-lhe a bolsinha. Mas Caifás não a agarrou.

—Não devo —disse, como repellido por algo invisível— Também isso é de Rufino.

Jurema, sem fazer a menor objeção, escondeu a bolsa entre suas roupas. A Barbuda acreditou que ia se afastar, mas a moça, olhando Caifás nos olhos, perguntou-lhe brandamente:

— E se Rufino morreu?

Caifás refletiu um momento, sem trocar de cara, sem pestanejar.

— Se morreu, sempre haverá alguém que lave sua honra — ouviu-o dizer a Barbuda e lhe pareceu estar ouvindo o Miúdo e seus contos de príncipes e cavalheiros — Um familiar, um amigo. Eu mesmo posso fazê-lo, se fizer falta.

— E se contam a seu patrão o que fez? — perguntou-lhe ainda Jurema.

— É só meu patrão —repôs Caifás, com segurança— Rufino, mais que isso. Ele quer ao forasteiro morto e o forasteiro vai morrer. Possivelmente de suas feridas, possivelmente de Rufino. Logo a mentira se tornará verdade e estes serão os cabelos de um morto.

Deu as costas a Jurema, para subir ao cavalo. Ela, ansiosa, pôs uma mão nos arreios:

— Matar-me-á também?

A Barbuda advertiu que o desembainhado a olhava sem compaixão e acaso com um pouco de desprezo.

— Se eu fosse Rufino lhe mataria, porque em si também há culpa e possivelmente pior que a dele — disse Caifás, do alto de sua cavalgadura— Mas como não sou Rufino, não sei. Ele saberá.

Esporeou seu cavalo e os capangas partiram, com seu estranho, pestilento saque, na direção pela que tinham vindo.

Logo que terminou a missa oficiada pelo Padre Joaquim na capela de Santo Antonio, João Abade foi recolher a gaveta com os encargos, que tinha deixado no Santuário. Em sua cabeça revoava uma pergunta: “Um regimento quantos soldados são?” Jogou a gaveta ao ombro e começou a dar limiães sobre a terra desnivelada de Belo Monte, esquivando aos vizinhos que lhe saíam ao passo a lhe perguntar se era verdade que vinha outro Exército. Respondia-lhes que sim, sem deter-se, saltando para não pisar nas galinhas, cabras, cães e nos meninos que lhe colocavam entre os pés. Chegou à antiga casa-fazenda convertida em armazém com o ombro lhe doendo pelo peso da gaveta.

A gente amontoada na porta deu-lhe passagem e, dentro, Antonio Vilanova interrompeu algo que dizia a sua mulher Antonia e a sua cunhada Assunção para vir a seu encontro. De um balanço, um lorito repetia, frenético: “Felicidade, Felicidade”.

—Vem um Regimento — disse João Abade, colocando sua carga no chão— Quantos homens são?

—Trouxe as mechas! — exclamou Antonio Vilanova. De cócoras revisava laborioso o conteúdo da gaveta. Sua cara foi arredondando-se, satisfeita, enquanto descobria, além dos pacotes de mechas, remédios para a diarréia, desinfetantes, ataduras, calomelano, azeite e álcool.

— Não há como pagar o que faz por nós o Padre Joaquim — disse, elevando a gaveta sobre o mostrador. As prateleiras transbordavam de latas e frascos, gêneros e toda classe de roupa, desde sandálias até chapéus, e tinha semeadas em qualquer parte bolsas e caixas entre as que se moviam as Sardelinhas e outras pessoas. O mostrador, um tablado sobre barris, tinha uns livros negros, semelhantes aos das caixas das fazendas.

— O padre também trouxe notícias —disse João Abade— Um regimento, serão mil?

— Sim, já ouvi, vem um Exército — assentiu Antonio Vilanova, dispondo os encargos sobre o mostrador— Um Regimento? Mais de

mil. Possivelmente dois mil.

João Abade se deu conta que não lhe interessava quantos eram quão soldados mandava desta vez o Cão contra Canudos. Ligeiramente calvo, grosso, com a barba espessa, via-o ordenar pacotes e frascos com sua energia característica. Não havia a menor inquietação em sua voz, nem sequer interesse. “Suas ocupações são muitas”, pensou João Abade, ao mesmo tempo que explicava ao comerciante que era preciso mandar alguém a Monte Santo, agora mesmo. “Tem razão, é melhor que ele não se ocupe da guerra.” Porque Antonio era talvez a pessoa que, desde fazia anos, dormia menos e trabalhava mais em Canudos. Ao princípio, logo depois da chegada do Conselheiro, continuava seus afazeres de comprador e vendedor de mercadorias, mas, pouco a pouco, com o consentimento tácito de todos, seu trabalho se foi sobrepondo, até deslocar a organização da sociedade que nascia. Sem ele seria difícil comer, dormir, sobreviver, quando, de todos os limites, começaram a romper sobre Canudos as ondas de romeiros. Ele tinha distribuído o terreno para que se levantassem suas casas e semeassem, indicando o que era bom semear e que animais criar; ele mudava nos povoados o que Canudos produzia com o que necessitava; quando começaram a chegar donativos, ele separou o que seria tesouro do Templo do Bom Jesus com o que se empregaria em armas e provisões. Uma vez que o Beato autorizava sua permanência, os novos vizinhos vinham onde Antonio Vilanova a que os ajudasse a instalar-se. Idéias suas eram as Casas de Saúde, para os anciões, doentes e necessitados e quando os combates de Uauá e Cambaio ele se encarregou de armazenar as armas capturadas e de distribuí-las, de acordo com o João Abade. Quase todos os dias se reunia com o Conselheiro para lhe prestar contas e para escutar seus desejos. Não voltou a viajar e João Abade tinha ouvido dizer a Antonia Sardelinha que esse era o sinal mais extraordinário da mudança experimentada por seu marido, esse homem antes possuído pelo demônio do trânsito. Agora fazia as expedições. Honório e ninguém poderia dizer se essa vontade de arraigar no major dos Vilanova se devia à magnitude de suas obrigações em Belo Monte ou a que elas lhe permitiam estar quase diariamente, embora fosse uns minutos, com o Conselheiro. Voltava dessas entrevistas com brios renovados e uma paz profunda no coração.

— O Conselheiro aceitou a guarda para cuidá-lo —disse João Abade— E também que João Grande seja o chefe.

Desta vez Antonio Vilanova se interessou e o olhou com alívio. O lorito gritou de novo: “Felicidade”.

—Que João Grande venha para ver-me. Eu posso ajudá-lo a escolher às pessoas. Eu conheço todos. Enfim, se lhe parecer.

Antonia Sardelinha se aproximou:

—Esta manhã Catarina perguntou por você —disse ao João Abade — Tem tempo de vê-la agora?

João negou com a cabeça: não, não tinha. De noite, possivelmente. Sentiu-se envergonhado, embora Vilanova entendia que se pospor à família por Deus: acaso eles não o faziam? Mas a ele, no fundo de seu coração, atormentava-o que as circunstâncias, ou a vontade do Bom Jesus, tivessem-no cada vez mais afastado de sua mulher.

— Irei ver a Catarina e o direi — sorriu-lhe Antonia Sardelinha.

João Abade saiu do armazém pensando em quão estranhas resultavam as coisas de sua vida e, acaso, as de todas as vidas. “Como nas histórias dos trovadores”, pensou. Ele, que ao encontrar ao Conselheiro acreditou que o sangue desapareceria de seu caminho, estava agora envolto em uma guerra pior que todas as que tinha conhecido. Para isso fez o Padre que se arrependesse de seus pecados? Para seguir matando e vendo morrer? Sim, sem dúvida para isso. Mandou dois moços da rua dizer ao Pedrão e ao velho Joaquim Macambira que se reunissem com ele à saída para o Geromoabo e, antes de ir onde João Grande, foi procurar ao Pajeú que abria trincheiras no caminho de Rosário. Encontrou-o a umas centenas de metros das últimas moradias, dissimulando com matas de espinheiros uma sarjeta que cortava o atalho. Um grupo de homens, alguns com escopetas, conduziam e plantavam ramos, tanto que umas mulheres repartiam pratos de comida a outros homens sentados no chão que pareciam recém relevados de seu turno de trabalho. Ao vê-lo chegar, todos se aproximaram. Viu-se no centro de um círculo de caras inquisitivas. Uma mulher, sem dizer uma palavra, pôs-lhe nas mãos uma tigela com carne de cabrito frita, orvalhada de farinha de milho; outra, alcançou-lhe uma jarra de água. Estava tão fatigado — viera correndo — que teve que respirar

fundo e beber um longo trago antes de poder falar. Fez-o enquanto comia, sem que lhe passasse pela cabeça que a gente que o escutava, poucos anos atrás — quando seu bando e a do Pajeú se destroçavam um ao outro — dariam tudo para tê-lo assim, à sua mercê, para submetê-lo às piores torturas antes de matá-lo. Felizmente, aqueles tempos de desordem ficaram para trás.

Pajeú não se alterou ao saber do novo Exército anunciado pelo Padre Joaquim. Não fez nenhuma pergunta. Sabia Pajeú quantos homens tinha um Regimento? Não, não sabia; e tampouco os outros. João Abade lhe pediu então o que viera a lhe pedir: que partisse para o Sul, a espiar e hostilizar essa tropa. Seu cangaço tinha transportado anos nessa região, conhecia-a melhor que ninguém: não era ele a pessoa mais indicada para vigiar a rota dos soldados, lhes infiltrar pistoleiros e carregadores e demorá-los com emboscadas para dar tempo à Belo Monte preparar-se?

Pajeú assentiu, ainda sem abrir a boca. Vendo sua palidez amarela-cinza, a grande cicatriz que fendia sua cara e sua figura maciça, João Abade se perguntou que idade teria, se não era um homem velho ao que não lhe notavam os anos.

— Está bem — ouviu-lhe dizer— Mandar-lhe-ei mensagens cada dia. A quantos destes vou levar?

— Aos que queira — disse João — São seus homens.

— Eram — grunhiu Pajeú, dando uma olhada, com seus olhos afundados e casmurros nos quais brilhava uma luz cálida, aos que o rodeavam— Agora são de Bom Jesus.

— Todos somos Dele — disse João Abade. E, com súbita urgência — antes de partir, que Antonio Vilanova lhe dê munição e explosivos. Já temos mechas. Pode ficar aqui Taramela?

O aludido deu um passo adiante: era um homenzinho minúsculo, com uns olhos achinados, cicatrizes, rugas e largas costas, que tinha sido lugar-tenente de Pajeú.

— Quero ir consigo à Monte Santo —disse, com voz ácida— Sempre lhe cuidei. Sou sua sorte.

— Cuida agora à Canudos, que vale mais que eu — respondeu Pajeú, com brutalidade.

— Sim, sei nossa sorte —disse João Abade— Mandar-lhe-ei mais gente, para que não se sinta sozinho. Louvado seja o Bom Jesus.

— Louvado seja — responderam vários.

João Abade lhes tinha dado as costas e corria de novo, atravessando o campo, cortando caminho para o mole de Cambaio onde estava João Grande. Enquanto corria, recordou sua mulher. Não a via desde que se decidiu cavar esconderijos e trincheiras em todo os atalhos, o que o tivera correndo dia e noite em uma circunferência da que Canudos era também o centro, como o era do mundo, João Abade tinha conhecido a Catarina quando era um desse punhado de homens e mulheres — que crescia e diminuía como a água do rio — que entrava nos povoados com o Conselheiro e se estendia a seu redor nas noites, depois de fatigantes jornadas, para rezar com ele e escutar seus conselhos. Havia, entre eles, uma figura tão magra que parecia espírito, embutida em uma túnica branca como um sudário. O ex-cangaceiro tinha encontrado muitas vezes os olhos da mulher, fixos nele, durante as marchas, as rezas, os descansos. Punham-no incômodo e, por momentos, assustavam-no. Eram uns olhos devastados pela dor, que pareciam ameaçá-lo com castigos que não eram deste mundo.

Uma noite, quando os peregrinos dormiam já em torno de uma fogueira, João Abade se arrastou para a mulher cujos olhos podia ver, ao resplendor das chamas, cravados nele. “Quero saber por que me olha sempre”, sussurrou. Ela fez um esforço, como se sua debilidade ou sua repugnância fossem muito grandes. “Eu estava em Custódia a noite que você veio vingar-se”, disse, de maneira quase inaudível. “O primeiro homem que matou, que deu o grito, era meu pai. Vi como lhe colocou a faca no estômago.” João Abade permaneceu calado, sentindo o ranger da fogueira, o borderar dos insetos, a respiração da mulher, tratando de recordar aqueles olhos nessa madrugada tão longínqua. Ao cabo de um momento, em voz também muito baixa, perguntou: “Não morreram todos em Custódia, dessa vez?” Não morremos três —sussurrou a mulher— Dom Matías, que se escondeu na palha de seu teto. A senhora Rosa, que se curou de suas feridas, embora ficou lunática. E eu. Também quiseram me matar, e também me curei.” Falava como se se tratasse de outras pessoas, de outros acontecimentos, de uma vida distinta e mais pobre. “Quantos anos tinha você?”, perguntou o cangaceiro. “Dez ou

doze, por aí”, disse ela. João Abade a olhou: devia ser muito jovem, então, mas a fome e o sofrimento a tinham envelhecido. Sempre em voz muito baixa, para não despertar aos peregrinos, o homem e a moça evocaram gravemente os pormenores daquela noite, que conservavam vívida em sua memória. Foi violada por três homens e mais tarde alguém a tinha feito ajoelhar diante de umas calças que cheiravam a bosta, e umas mãos calosas lhe tinham encravado um membro duro que logo que cabia em sua boca e que ela tivera que sorver até receber um escarro de sêmen que o homem lhe ordenou tragar. Quando um dos bandidos lhe deu um talho com sua faca, Catarina sentiu uma grande serenidade. “Fui eu que lhe deu o talho?”, sussurrou João Abade. “Não sei —sussurrou ela— Já então, embora fosse de dia, não distinguia as caras nem sabia onde estava.”

Desde essa noite, o ex-cangaceiro e a sobrevivente de Custódia estavam acostumados rezar e andar juntos, contando-se episódios dessas vistas que agora lhes pareciam incompreensíveis. Ela se tinha unido ao santo em um povoado de Sergipe, onde vivia da caridade. Era o mais esquelético dos peregrinos, depois de Conselheiro, e um bom dia, durante uma marcha, caiu exânime. João Abade tomou em seus braços e prosseguiu assim a jornada, até o entardecer. Durante vários dias a teve carregada e se ocupou também de lhe dar os pedacinhos encharcados de alimento que seu estômago aceitava. Nas noites, depois de ouvir o Conselheiro, também como tivesse feito com um menino, contava-lhe as histórias dos trovadores de sua infância que agora — talvez porque sua alma tinha recuperado a pureza da infância — voltavam para sua memória com luxo de detalhes. Ela o escutava sem interrompê-lo e dias depois, com sua voz quase perdida, fazia pergunta sobre os sarracenos, Fierabrás e Roberto, o Diabo, de modo que ele descobria que esses fantasmas se incorporaram à vida da Catarina como antes a dele.

Ela se tinha repostado e andava por seus próprios pés quando, uma noite, João Abade, tremendo de confusão, acusou-se diante de todos os peregrinos de haver sentido muitas vezes o desejo de possuí-la. O Conselheiro chamou a Catarina e lhe perguntou se a ofendia o que acabava de ouvir. Ela disse que não com a cabeça. Ante a ronda silenciosa, o Conselheiro lhe perguntou se ainda sentia rancor pelo acontecido em Custódia. Ela voltou a dizer que não: “Está purificada”, disse o Conselheiro. Fez que ambos tirassem as mãos e

pediu que todos rezassem ao Pai por eles. Uma semana depois os casou o pároco de *Xique-Xique*. Quanto fazia disso? Quatro ou cinco anos? Sentindo que seu coração lhe arrebatava, João divisou por fim, nas saias de Cambaio, as sombras dos jagunços. Deixou de correr e continuou com esse limiar curto e rápido com o que tinha andado tanto pelo mundo.

Uma hora depois estava junto ao João Grande, lhe contando as novidades, enquanto bebia água fresca e comia um prato de milho. Estavam sozinhos, porque, logo depois de lhes anunciar a vinda desse Regimento — ninguém soube lhe dizer quantos soldados eram — pediu a outros homens que se afastassem. O ex-escravo andava, como sempre, descalço, com uma calça descolorida, amarrado com uma corda da qual pendiam uma faca e um facão, e uma camisa sem botões que deixava descoberto seu peito peludo. Tinha uma carabina à costas e duas fileiras de bala como colares. Quando o escutou dizer que se formaria uma Guarda Católica para cuidar de Conselheiro e que ele seria o chefe, moveu a cabeça com força.

— Por que não? — deu João Abade.

— Não sou digno — resmungou o negro.

— O Conselheiro diz que é — respondeu João Abade — Ele sabe mais.

— Não sei mandar — protestou o negro — Não quero aprender a mandar, tampouco. Que outro seja o chefe.

— Mandará você — disse o Comandante da Rua — Não há tempo para discutir, João Grande.

O negro esteve observando, pensativo, aos grupos de homens repartidos nos penhascos e pedras brutas da colina, sob o céu que se tornou plúmbeo.

— Cuidar de Conselheiro é muito para mim — resmungou ao fim.

— Escolhe aos melhores, aos que estão mais tempo aqui, aos que viu brigar bem em Uauá e aqui, em Cambaio — disse João Abade — Quando chegar esse Exército, a Guarda Católica deve estar formada e ser o escudo de Canudos.

João Grande permaneceu em silêncio, mastigando, em que pese a que tinha a boca vazia. Olhava as cúpulas do contorno como se

estivesse vendo nelas aos guerreiros resplandecentes do Rei Dom Sebastião: atemorizado e deslumbrado pela surpresa.

— Você me escolheu, não o Beato, nem o Conselheiro — disse, com voz surda— Não me fez um favor.

— Não lhe fiz — reconheceu João Abade — Não o escolhi para lhe fazer isso, nem para lhe fazer um dano, mas sim porque é o melhor. Anda à Belo Monte e começa a trabalhar.

— Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro — disse o negro. Levantou-se da pedra em que estava sentado e se afastou pela planície de cascalho.

— Louvado seja — disse João Grande. Uns segundos depois viu que o ex-escravo punha-se a correr.

— Ou será que faltou a seu dever duas vezes — diz Rufino— Não o matou, como Epaminondas queria. E lhe mentiu, lhe fazendo acreditar que estava morto. Duas vezes.

— Só a primeira é grave — diz Caifás— Entreguei-lhe seus cabelos e um cadáver. Era de outro, mas nem ele nem ninguém podia notá-lo. E o forasteiro será cadáver logo, se não o for já. Essa falta é leve.

À borda avermelhada do Itapicurú, na margem oposta a dos curtumes de Queimadas, este sábado, como todos os sábados, estendem-se postas as bancas onde os vendedores vindos de toda a comarca apregoam suas mercadorias. As discussões entre mercados e clientes se elevam sobre o mar de cabeças descobertas ou ensombreadas que enegrecem a feira e se mesclam com relinchos, latidos, zurros, vozerio de meninos e brinde de bêbados. Os mendigos estimulam a generosidade das pessoas exagerando as contorções de seus membros entrevados e há cantores que tocam o violão, ante pequenos grupos, entoando histórias de amor e as guerras entre os heréticos e os cruzados cristãos. Movendo as saias, enfeitadas de braceletes, ciganas jovens e velhas adivinham o futuro.

— Em todo caso, lhe agradeço — diz Rufino — É um homem de honra, Caifás. Por isso sempre lhe respeitei. Por isso lhe respeitam todos.

— Qual é o dever maior? — diz Caifás — Com o patrão ou com o amigo? Um cego veria que minha obrigação era fazer o que fiz.

Caminham muito sérios um ao lado do outro, indiferentes à atmosfera matizada, promíscua, multicolorida. Abrem-se passagem sem pedir permissão apartando às pessoas com o olhar ou a pressão dos ombros. Às vezes, alguém, de um mostrador ou um toldo, saúda-os, e ambos respondem de maneira tão cortante que ninguém lhes aproxima. Como previamente de acordo, dirigem-se a um posto de bebidas — bancos de madeira, tábuas e uma ramagem — onde há menos gente que nos outros.

— Se eu o tivesse rematado, lá em Ipupiará, talvez ofendesse você — diz Caifás, como expressando algo que pensou e repensou — Impedindo-lhe de lavar a mancha.

— Por que vieram matá-lo aqui, da primeira vez? — interrompe-o Rufino — Por que em minha casa?

— Epaminondas queria que morresse aí — diz Caifás — Não morreu você, nem Jurema. Para não a machucar, morreram meus homens. — Cospe ao ar, por uma presa, e fica refletindo— Possivelmente foi minha culpa que morreram. Não pensei que ia se defender, que sabia brigar. Não parecia.

— Não — diz Rufino— Não parecia.

Sentam-se e juntam as cadeiras para falar sem ser ouvidos. A mulher que atende lhes alcança dois copos e pergunta se querem aguardente. Sim, querem. Traz uma garrafa que está pela metade, o rastreador serve e bebem, sem brindar. Agora é Caifás quem enche os copos. É maior que o rastreador e seus olhos, sempre imóveis, estão apagados. Vestido de couro, como de costume, e está dos pés a cabeça.

— Ela o salvou? — diz Rufino, ao fim, baixando os olhos — Ela lhe agarrou o braço?

— Assim me dava conta que se tornou sua mulher — assente Caifás. Em sua cara ainda há rastros da surpresa daquela manhã— Quando saltou e me desviou o braço, quando me atacou junto a ele. — Encolhe os ombros e cospe — Era sua mulher já, o que podia fazer a não ser defendê-lo?

— Sim — diz Rufino.

— Não entendo por que não me mataram — diz Caifás— Perguntei à Jurema, em Ipupiará, e não me soube explicar isso. Esse forasteiro

é estranho.

— É — diz Rufino.

Entre a gente da feira, há também soldados. São os resíduos da Expedição do Major Brito, que seguem aqui, esperando, dizem, a chegada de um Exército. Têm os uniformes rasgados, vagabundeiam como almas em pena, dormem no Plaza Matriz, na estação, nos barrancos do rio. Estão também entre os bancos, de dois, de quatro, olhando com inveja às mulheres, à comida e ao álcool que os rodeiam. Os vizinhos se empenham em não lhes falar, em não os ouvir, em não os ver.

— As promessas atam as mãos, não é verdade? — diz Rufino, com acanhamento. Uma ruga profunda reparte sua fronte.

— Atam-nas — assente Caifás — Como poderia desatar uma promessa feita ao Bom Jesus ou à Virgem?

— E uma feita ao Barão? — diz Rufino, adiantando a cabeça.

— Essa o Barão pode desatar — diz Caifás. Enche de novo os copos e bebem. Entre o rumor da feira, estala uma discussão violenta, longínqua, que termina em risadas. O céu se encapotou, como se fosse chover.

— Sei o que sente — diz Caifás, de repente— Sei que não dorme e que tudo na vida morreu para você. Que inclusive quando está com outros, como agora comigo, está se vingando. Assim é, Rufino, assim é quando se tem honra.

Uma fila de formigas percorre alinhada à mesa, contornando a garrafa que ficou vazia. Rufino as observa avançar, desaparecer. Tem seu copo na mão e o aperta com força.

— Há algo que deve ter presente — acrescenta Caifás — A morte não basta, não lava a afronta. A mão ou o chicote na cara, em troca, sim. Porque a cara é tão sagrada como a mãe ou a mulher.

Rufino fica de pé. Acode a proprietária do posto e Caifás leva a mão ao bolso, mas o rastreador o atalha e paga. Esperam o troco em silêncio, apartados por seus pensamentos.

— É certo que sua mãe se foi à Canudos? — pergunta Caifás. E, como Rufino assente — Muitos se vão. Epaminondas está contratando mais homens para a Guarda Rural. Vem um Exército e

quer ajudá-lo. Também há minha família com o santo. É difícil fazer guerra à própria família, não Rufino?

— Eu tenho outra guerra — murmura Rufino, guardando as moedas que dá a mulher.

— Espero que o encontre, que a enfermidade não o tenha matado — diz Caifás.

Suas silhuetas se desvanecem no tumulto da feira de Queimadas.

— Há algo que não entendo, Barão — repetiu o coronel José Bernardo Murau, desprezando-se na cadeira de balanço, em que se balançava devagarzinho impulsionando-se com o pé— O Coronel Moreira César nos odeia e nós o odiamos. Sua vinda é uma grande vitória para o Epaminondas e uma derrota para o que defendemos, que o Rio não se meta em nossos assuntos. E, entretanto, o Partido Autonomista o recebe em Salvador como um herói e agora competimos com o Epaminondas a ver quem dá mais ajuda ao Cortapescoços.

A estadia, fresca, caiada, velha, com rachos na parede, luzia desarrumada; havia um buquê de flores murchas em um vaso de cobre e, como de costume, estava lascado. Pelas janelas se viam os canaviais, acesos pelo sol, e, muito perto da casa, um grupo de servidores alistando uns cavalos.

— Os tempos se tornaram confusos, meu querido José Bernardo— sorriu o Barão da Canabrava— Já nem as pessoas inteligentes se orientam na selva em que vivemos.

— Inteligente não fui nunca, essa não é virtude de fazendeiros — resmungou o coronel Murau. Fez um gesto vago para fora— Passei meio século aqui só para chegar à velhice e ver como tudo se desmorona. Meu consolo é que morrerei logo e não verei a ruína total desta terra.

Era, efetivamente, um homem muito velho, ossudo, com a pele brunida e umas mãos nodosas com as quais arranhava freqüentemente a cara mal barbeada. Vestia como um peão, uma

calça descolorida, uma camisa aberta e, sobre ela, um colete de couro cru que tinha perdido os botões.

— A má rajada passará logo — disse Adalberto de Gumucio.

— Para mim, não. — O fazendeiro fez ranger os ossos de seus dedos— Sabem quantos partiram destas terras nos últimos anos? Centenas de famílias. A seca de 77, a miragem dos cafezais do Sul, da borracha do Amazonas, e, agora, o maldito Canudos. Sabem a quantidade de gente que vai à Canudos? Abandonando casas, animais, trabalho, tudo. A esperar lá o Apocalipse e a chegada do Rei Dom Sebastião. —Olhou-os, afligido pela imbecilidade humana— Dir-lhe-ei o que vai ocorrer, sem ser inteligente. Moreira César imporá ao Epaminondas de Governador da Bahia e ele e sua gente hostilizar-nos-ão de tal modo que terá que vender mal as fazendas ou dá-las de presente, e ir-se também.

Em frente ao Barão e ao Gumucio havia uma mesinha com refrescos e uma cesta de bolachas, que ninguém tinha provado. O Barão abriu uma caixinha de rapé, ofereceu-a a seus amigos, e aspirou com deleite. Ficou um momento com os olhos fechados.

— Não vamos dar de presente o Brasil aos jacobinos, José Bernardo — disse, abrindo-os— Em que pese a que prepararam esta operação com muita astúcia, não lhes vai resultar.

— Brasil já é deles — interrompeu-o Murau— A prova é que Moreira César vem aqui, mandado pelo governo.

— Foi renomado por pressão do Clube Militar do Rio. Um pequeno reduto jacobino, aproveitando a enfermidade do Presidente Moraes —disse o Barão— Na realidade, esta é uma conjuração contra Moraes. O plano é muito claro. Canudos é o pretexto para que seu homem se infle de mais glória e prestígio. Moreira César esmaga uma conspiração monárquica! Moreira César salva à República! Não é essa a melhor prova de que só o Exército pode garantir a segurança nacional? O Exército ao poder, então, a República Ditatorial. — Estava sorridente, mas agora ficou sério — Não o permitiremos, José Bernardo. Porque não vão ser os jacobinos, a não ser nós, os que vamos esmagar a conspiração monárquica. — Fez uma careta de asco — Não se pode atuar como cavalheiros, querido. A política é um que fazer de rufiões.

A frase tocou alguma mola íntima do velho Murau, porque sua expressão se animou e o viram tornar a rir.

— Está bem, rendo-me, senhores rufiões! — exclamou — Mandarei mulas, pistoleiros, provisões e o que faça falta ao Cortapescoços. Devo alojar também, aqui, ao Sétimo Regimento?

— É seguro que não passará por sua terra — agradeceu-lhe o Barão— Nem sequer terá que lhe ver a cara.

— Não podemos deixar que o Brasil nos creia elevados contra a República, e até tramando com a Inglaterra para restaurar a monarquia — disse Adalberto de Gumucio— Não se dá conta, José Bernardo? Terá que desmontar essa intriga, e muito em breve. Com o patriotismo não se joga.

— Epaminondas jogou e jogou bem — resmungou Murau.

— É certo — admitiu o Barão — Eu, você, Adalberto, Viana, todos acreditávamos que não teríamos que lhe dar importância. O certo é que Epaminondas demonstrou ser um adversário perigoso.

— Toda a intriga contra nós é troca, grotesca, de uma vulgaridade total —disse Gumucio.

— Mas lhe deu bons resultados, até agora. — O Barão deu uma olhada para o exterior: sim, os cavalos estavam preparados. Anunciou a seus amigos que melhor seguir viagem ao mesmo tempo, já que tinha obtido seu objetivo: convencer ao fazendeiro mais teimoso da Bahia. Iria ver se Estela e Sebastiana podiam partir. José Bernardo Murau lhe recordou então que um homem, vindo de Queimadas, esperava-o fazia duas horas. O Barão o tinha esquecido por completo. “É certo, é certo”, murmurou. E ordenou que o fizessem passar.

Um instante depois se recortou na porta a silhueta de Rufino. Viram-no tirar o chapéu de palha, fazer uma vênia ao dono da casa e ao Gumucio, ir para o Barão, inclinar-se e lhe beijar a mão.

— Quanto me alegro de vê-lo, afilhado — disse-lhe este, aplaudindo-o com afeto— Que bom que veio nos ver. Como está Jurema? Por que não a trouxe? A Estela talvez gostasse de vê-la.

Advertiu que o guia permanecia cabisbaixo, espremendo o chapéu e de repente, notou-o terrivelmente envergonhado. Suspeitou então qual podia ser o motivo da visita de seu antigo peão.

— Aconteceu algo a sua mulher? — perguntou — Está doente Jurema?

— Dê-me permissão para romper a promessa, padrinho — disse Rufino, de um puxão. Gumucio e Murau, que estavam distraídos, interessaram-se no diálogo. No silêncio, que havia se tornado enigmático e tenso, o Barão demorou em dar-se conta que podia dizer isso que ouvia, em saber o que lhe pediam.

— Jurema? — disse, pestanejando, retrocedendo, escavando na memória— Fez-lhe algo? Não o terá abandonado, não, Rufino? Quer dizer que o fez, que se foi com outro homem?

O arbusto de cabelos murchos e sujos que tinha diante, assentiu quase imperceptivelmente. Agora compreendeu o Barão por que Rufino lhe ocultava os olhos. E soube o esforço que estava fazendo e quanto padecia. Sentiu compaixão por ele.

— Para que, Rufino? — disse, com um gesto causar pena — O que ganharia? Desgraçar-lhe duas vezes em lugar de uma. Se se foi, de certa forma, morreu. Matou-se sozinha. Esqueça-se de Jurema. Esqueça-se um tempo de Queimadas, também. Já conseguirá outra mulher que lhe seja fiel. Vêm conosco ao Culumbí, onde tem tantos amigos.

Gumucio e José Bernardo Murau esperavam com curiosidade a resposta de Rufino. O primeiro se serviu um copo de refresco e o tinha junto aos lábios, sem beber.

— Dê-me permissão para romper a promessa, padrinho — disse, ao fim, o rastreador, sem levantar os olhos.

Um sorriso cordial, de aprovação, brotou no Adalberto de Gumucio, que seguia muito atento a conversação entre o Barão e seu antigo servidor. José Bernardo Murau, em troca, pôs-se a bocejar. O Barão disse que qualquer raciocínio seria inútil, que tinha que aceitar o inevitável e dizer sim ou não, mas não se enganar tratando de fazer mudar de decisão ao Rufino. Mesmo assim, tentou ganhar tempo:

— Quem a roubou? —murmurou— Com quem se foi?

Rufino esperou um segundo antes de falar.

— Um estrangeiro que veio à Queimadas — disse. Fez outra pausa e, com sábia lentidão, acrescentou — Queria ir à Canudos, levar armas aos jagunços.

O copo se desprende das mãos de Adalberto de Gumucio e se fez migalhas a seus pés, mas nem o ruído, nem as salpicaduras, nem a chuva de lascas, distraiu aos três homens que, com os olhos muito abertos, olhavam assombrados ao rastreador. Este permanecia imóvel, cabisbaixo, calado, dir-se-ia ignorante do efeito que acabava de causar. O Barão foi o primeiro em repor-se.

— Um estrangeiro queria levar armas à Canudos? — O esforço que fazia para parecer natural danificava mais sua voz.

— Queria mas não foi — assentiu o arbusto de cabelos sujos. Rufino mantinha a postura respeitosa e olhava sempre ao chão— O coronel Epaminondas o mandou matar. E crê morto. Mas não está. Jurema o salvou. E agora Jurema e ele estão juntos.

Gumucio e o Barão se olharam, maravilhados, e José Bernardo Murau fazia esforços por incorporar-se na cadeira de balanço, grunhindo algo. O Barão se levantou antes que ele. Estava pálido e as mãos lhe tremiam. Nem sequer agora parecia advertir o rastreador a agitação que provocava nos três homens.

— Ou será, Galileo Gall está vivo — articulou, por fim, Gumucio, golpeando uma palma com o punho— Ou será, o cadáver queimado, a cabeça talhada e toda essa truculência...

— Não a cortaram, senhor — interrompeu Rufino e outra vez reinou um silêncio elétrico na sala desarrumada— Cortaram-lhe os longos cabelos que tinha. Mataram foi um lunático que assassinou a seus filhos. O estrangeiro está vivo.

Calou e embora Adalberto de Gumucio e José Bernardo Murau lhe fizeram várias perguntas ao mesmo tempo, e lhe pediram detalhes e lhe exigiram que falasse, Rufino guardou silêncio. O Barão conhecia bastante às pessoas de sua terra para saber que o guia disse o que tinha que dizer e que ninguém nem nada lhe tiraria uma palavra mais.

— Há alguma outra coisa que possa nos contar, afilhado ? — Tinha-lhe posto uma mão no ombro e não dissimulava quão comovido estava. Rufino moveu a cabeça.

— Agradeço-lhe que veio —disse o Barão— Fez-me um grande serviço, filho. A todos nós. Ao país também, embora você não saiba.

A voz de Rufino voltou a soar, mais insistente que antes:

— Quero romper a promessa que lhe fiz, padrinho.

O Barão assentiu, pesaroso. Pensou que ia ditar uma sentença de morte contra alguém que talvez era inocente, ou que tinha razões poderosas e respeitáveis, e que ia sentir-se mal e repellido pelo que ia dizer, e, entretanto, não podia fazer outra coisa.

— Faz o que sua consciência lhe peça —murmurou— Que Deus o acompanhe e lhe perdoe.

Rufino elevou a cabeça, suspirou, e o Barão viu que seus olhinhos estavam ensangüentados e úmidos e que sua cara era a de um homem que sobreviveu a uma terrível prova. Ajoelhou-se e o Barão lhe fez o sinal da cruz na frente e lhe deu outra vez a beijar sua mão. O rastreador se levantou e saiu da habitação sem sequer olhar às outras duas pessoas.

O primeiro em falar foi Adalberto de Gumucio:

— Inclino-me e rendo honras — disse, escrutinando os pedaços de vidro disseminados a seus pés— Epaminondas é um homem de grandes recursos. É verdade, estávamos equivocados com ele.

— Lastimo que não seja dos nossos — adicionou o Barão. Mas, apesar do extraordinário descobrimento que tinha feito, não pensava em Epaminondas Gonçalves, a não ser em Jurema, a moça que Rufino ia matar, e na pena que sua mulher sentiria se o fizesse.

III

— A ordenança está aí desde ontem — diz Moreira César, apontando com seu chicote o cartaz que manda à população civil declarar ao Sétimo Regimento todas as armas de fogo— E esta manhã, ao chegar a Coluna, foi apregoada antes do registro. Sabiam ao que se arriscavam, senhores.

Os prisioneiros estão atados costas contra costas, e não há rastros de castigo em suas caras, nem em seus torsos. Descalços, sem chapéus, poderiam ser pai e filho, tio e sobrinho, ou dois irmãos, pois os rasgos do jovem repetem os do mais velho e ambos têm uma maneira semelhante de olhar a mesinha de campanha do tribunal que acaba de julgá-los. Dos três oficiais que fizeram de juízes, dois estão indo, com a pressa que vieram e os sentenciaram, para as companhias que continuam chegando à Cansanção e se somam às que já acampam no povoado. Só Moreira César está ali, junto ao corpo do delito: duas carabinas, uma caixa de balas, uma bolsinha de pólvora. Os prisioneiros, além de ocultar as armas, atacaram e feriram a um de quão soldados os prendeu. Toda a população de Cansanção — umas poucas dezenas de camponeses — está no descampado, atrás de soldados com baioneta calada que lhes impedem de aproximar-se.

— Por este lixo, não valia a pena — a bota do Coronel roça as carabinas. Não há a menor animosidade em sua voz. Volta-se para um Sargento, que está a seu lado e, como se lhe perguntasse a hora, diz-lhe — Dê-lhes um gole de aguardente.

Pertíssimo dos prisioneiros, apinhados, silenciosos, com caras de estupefação ou de susto, acham-se os correspondentes. Os quais não têm chapéus se protegem do ensolarado com seus lenços. Mais à frente do descampado, ouvem-se os ruídos de rotina: sapatões e botas contra a terra, cascos e relinchos, vozes de ordem, rangidos e gargalhadas. Dir-se-ia que a quão soldados chegam ou que já descansam lhes importa um cominho o que vai passar. O Sargento

tirou a rolha de uma garrafa e aproximou-a da boca dos prisioneiros. Ambos beberam um longo trago.

— Quero morrer de tiro, Coronel — suplica, de repente, o mais jovem. Moreira César move a cabeça.

— Não gasto munição em traidores da República — diz — Coragem. Morram como homens.

Faz um gesto e dois soldados desembainham suas facas do cinto e avançam. Atuam com precisão, com movimentos idênticos: agarram, cada qual com a mão esquerda, os cabelos de um prisioneiro, de um puxão lhe jogam a cabeça para trás e os degolam, ao mesmo tempo, com um talho profundo, que corta em seco o gemido animal do jovem e o alarido do velho:

— Viva o Bom Jesus Conselheiro! Viva Belo...!

Os soldados se aproximam, para fechar a passagem aos vizinhos, que não se moveram. Alguns correspondentes baixaram a vista, outro olha aniquilado e o jornalista míope do *Jornal de Notícias* faz caretas. Moreira César observa os corpos caídos, tintos de sangue.

— Que fiquem expostos ao pé da ordenança — diz, com suavidade.

E, no ato, parece esquecer a execução. Andando nervoso, rápido, afasta-se pelo descampado, para a cabana onde lhe prepararam uma rede. O grupo de jornalistas fica em movimento, depois dele, e lhe dá alcance. Vai em meio deles, sério, tranqüilo, com a pele seca, diferente dos correspondentes, congestionados pelo calor e a impressão. Não se recuperam do impacto dessas grutas seccionadas aos poucos passos deles: o significado de certas palavras, guerra, crueldade, sofrimento, destino, desertou o abstrato domínio em que vivia cobrando uma carnificina mensurável, tangível, que os emudece. Chegam à porta da cabana. Um ordenança apresenta ao Coronel um lavatório, uma toalha. O chefe do Sétimo Regimento enxágua as mãos e refresca a cara. O correspondente que anda sempre agasalhado balbucia:

— Pode-se dar notícia desta execução. Excelência?

Moreira César não ouve, ou não se digna lhe responder.

— No fundo, o homem só teme à morte — diz, enquanto se seca, sem grandiloqüência, com naturalidade, como nos bate-papos que nas noites lhe ouvem dar à grupos de seus oficiais— Por isso, é o

único castigo eficaz. A condição de que se aplique com justiça. Leciona à população civil e desmoraliza ao inimigo. Sonha duro, sei. Mas assim ganham as guerras. Hoje tiveram seu batismo de fogo. Já sabem do que se trata, senhores.

Despede-os com vênua rapidíssima, glacial, que aprenderam a reconhecer como irreversível fim de entrevista. Dá-lhes as costas e ingressa na cabana, em que alcançam a divisar um agitação de uniformes, um mapa desdobrado e um punhado de anexos que fazem soar os calcanhares. Confusos, atormentados, desfocados, descruzam o descampado para o posto de intendência, onde, em cada descanso, recebem sua ração, idêntica a dos oficiais. Mas é seguro que hoje não provarão bocado.

Os cinco estão muito cansados, pelo ritmo da marcha da Coluna. Têm os fundilhos ressentidos, as pernas duras, a pele queimada pelo sol desse deserto arenoso, arrepiado de cactos e favelas, que separa à Queimadas de Monte Santo. Perguntam-se como agüentam os que partem a pé, a imensa maioria do Regimento. Mas muitos não agüentam: viram-nos derrubar-se como fardos e ser levados em peso às carretas da Sanidade. Agora sabem que esses exaustos, uma vez reanimados, são repreendidos severamente. “Esta é a guerra?”, pensa o jornalista míope. Porque, antes desta execução, não viram nada que se pareça com a guerra. Por isso, não entendem a veemência com que o chefe do Sétimo Regimento faz apurar a seus homens. É esta uma carreira para uma miragem? Não havia tantos rumores sobre as violências dos jagunços no interior? Onde estão? Não encontraram a não ser aldeias semidesertas, cuja pobre humanidade os olha passar com indiferença e que, a suas perguntas, responde sempre com evasivas. A Coluna não foi atacada, não se ouviram tiros. É certo que as cabeças de gado desaparecidas foram roubadas pelo inimigo, como assegura Moreira César? Esse homem pequeno e intenso não lhes merece simpatia, mas lhes impressiona sua segurança, e que logo que coma e durma, a energia não o abandona um instante. Quando, nas noites, envolvem-se nas mantas para mal dormir vêm-no ainda em pé, com o uniforme sem desabotoar nem arregaçar, percorrendo as fileiras de soldados, detendo-se trocar umas palavras com os sentinelas ou discutindo com seu Estado Maior. E, nas madrugadas, quando soa a corneta e eles, bêbados de sono, abrem os olhos, já está ele aí, lavado e

raspado, interrogando aos mensageiros da vanguarda ou examinando as peças de artilharia, como se não se deitasse. Até a execução de um momento, a guerra, para eles, era ele. Era o único que falava permanentemente dela, com uma convicção tal que chegava a convencê-los, a fazer que a vissem rodeá-los, assediá-los. Ele os persuadiu que muitos desses seres impávidos, famintos — idênticos aos executados — que saem a vê-los passar, são cúmplices do inimigo, e que atrás desses olhares apagados há umas inteligências que contam, medem, calculam, registram, e que essas informações vão sempre adiante deles, rumo à Canudos. O jornalista míope recorda que o velho aclamou ao Conselheiro antes de morrer e pensa: “Talvez é verdade. Ao melhor, todos eles são o inimigo”.

Desta vez, diferente de outros descansos, nenhum dos correspondentes põe-se a cabecear. Permanecem, solidários em sua confusão e angústia, junto ao toldo dos ranchos, fumando, meditando, e o jornalista do *Jornal de Notícias* não afasta a vista dos cadáveres estirados ao pé do tronco onde baila a ordenança que desobedeceram. Uma hora depois estão de novo à cabeça da Coluna, imediatamente atrás dos estandartes e do Coronel Moreira César, rumo a essa guerra que para eles, agora sim, começou.

Outra surpresa os espera, antes de chegar à Monte Santo, na encruzilhada onde um cartaz impreciso aponta o desvio à fazenda de Calumbí; a Coluna chega ali às seis horas de reatar a marcha. Dos cinco correspondentes, só o mirrado espantelho do *Jornal de Notícias* será testemunha muito próxima do fato. Uma curiosa relação se estabeleceu entre ele e o chefe do Sétimo Regimento, que seria inexato chamar amizade ou até simpatia. Trata-se, muito bem, de uma curiosidade nascida da mútua repelência, da atração que exercem entre si as antípodas. Mas o fato é que o homem que parece uma caricatura de si mesmo, não só quando escreve no disparatado tabuleiro que coloca sobre suas pernas ou arreios e molha a pluma nesse tinteiro portátil que parece um recipiente desses em que os caboclos levam o veneno para os dardos de suas suspensões nas caçadas, mas também, quando caminha ou cavalga, dando sempre a impressão de estar a ponto de desmoronar-se, parece absorvido, enfeitiçado, obcecado pelo miúdo Coronel. Não deixa de observá-lo, não perde ocasião de aproximar-se e, nos bate-papos com seus colegas, Moreira César é o único tema que lhe importa, mais ainda,

dir-se-ia, que Canudos e a guerra. E o que pode ter interessado ao Coronel do jovem jornalista? Possivelmente sua excentricidade indumentária e física, essa ruindade de ossos, essa desproporção de membros, essa proliferação de cabelos e de pêlos, essas unhas largas que agora andam negras, essas maneiras brandas, esse conjunto no que não aparece nada que o Coronel chamaria viril, marcial. Mas o certo é que há algo nessa figurinha contrafeita, de voz antipática, que seduz, acaso apesar de si mesmo, ao pequeno oficial de idéias fixas e olhos enérgicos. É ao único ao que está acostumado a dirigir-se, quando conversa com os correspondentes, e algumas vezes dialoga com ele a sós, logo do rancho da tarde. Durante as jornadas, o jornalista do *Jornal de Notícias*, como por iniciativa de sua cavalgadura, está acostumado a se adiantar e unir ao Coronel. É o que ocorreu esta vez, depois de ter partido a Coluna de Cansação. O míope, balançando-se com os movimentos de um boneco, confunde-se com os oficiais e ordenanças que rodeiam o cavalo branco de Moreira César, quando este, ao chegar ao desvio de Calumbí, levanta a mão direita: o sinal de alto.

Escoltados se afastam à carreira, levando ordens, e a corneta dá o toque que fará deter todas as companhias do Regimento. Moreira César, Olímpio de Castro, Cunha Matos e Tamarindo desmontam: o jornalista escorrega até o chão. Atrás, os correspondentes e muitos soldados vão molhar as caras, braços e pés em uma poça de água estancada. O Major e Tamarindo examinam um mapa e Moreira César observa o horizonte com seus prismáticos. O sol está desaparecendo detrás de uma montanha longínqua e solitária — Monte Santo — a que impôs uma forma espectral. Quando guardou seus prismáticos, o Coronel empalideceu. Nota-o tenso.

— O que o preocupa, Excelência? — diz o Capitão Olímpio de Castro.

— O tempo. — Moreira César fala como se tivesse um corpo estranho na boca — Que fujam antes de que cheguemos.

— Não fugirão — replica o jornalista míope — Acreditam que Deus está de seu lado. Às pessoas desta terra gostam de briga.

— Dizem que à inimigo que foge, ponte de prata — brinca o Capitão.

— Não neste caso — articula com dificuldade o Coronel— Temos que fazer um castigo que acabe com as ilusões monárquicas. E, também, vingar a afronta feita ao Exército.

Fala com misteriosas pausas entre sílaba e sílaba, desafinando. Abre a boca ainda, para acrescentar algo, mas não o faz. Está lívido e com as pupilas irritadas. Senta-se em um tronco caído e tira o quepis, a ritmo lento. O jornalista do *Jornal de Notícias* vai sentar-se também, quando Moreira César leva as mãos à cara. Seu quepis cai ao chão e o Coronel se levanta de um salto e começa a dar tropeções, congestionado, enquanto arranca a tapas os botões da camisa, como se se afogasse. Gemendo, jogando espuma, presa de contorções, roda aos pés do Capitão Olímpio de Castro e do jornalista, que não atinam a nada. Quando se inclinam, já correm para ali Tamarindo, Cunha Matos e vários ordenanças.

— Não o toquem — grita o Coronel com gesto enérgico— Rápido, uma manta. Chamem o Doutor Souza Ferreiro. Que ninguém se aproxime! Atrás, atrás.

O Major Cunha Matos obriga a retroceder as balizas ao jornalista e, com os ordenanças, sai ao encontro dos correspondentes. Afastam-se, sem olhares. Enquanto isso, jogam uma manta sobre o Moreira César; Olímpio de Castro e Tamarindo dobram suas jaquetas para que lhe sirvam de travesseiro.

— Abra-lhe a boca e agarre-lhe a língua — indica o velho Coronel, perfeitamente a par do que terá que fazer. Volta-se para duas escoltas e lhes ordena armar uma tenda.

O Capitão abre à força a boca de Moreira César. As convulsões continuam, um bom momento. O Doutor Souza Ferreiro chega, por fim, com uma carroça da Sanidade. Levantaram à tenda e Moreira César estendido em uma cama de armar de campanha. Tamarindo e Olímpio de Castro permanecem a seu lado, alternando-se em lhe manter a boca aberta e abrigá-lo. A cara molhada, os olhos fechados, presa de desassossego, emitindo um gemido entrecortado, o Coronel, cada certo momento, arroja uma baforada de espuma. O Doutor e o Coronel Tamarindo trocam um olhar e não cruzam palavra. O Capitão explica como foi o ataque, quanto tempo faz, e, enquanto, Souza Ferreiro vai tirando a jaqueta e instruindo com gestos a um ajudante para que aproxime o estojo de primeiros socorros à cama de

armar. Os oficiais saem da tenda para que o Doutor examine com liberdade ao paciente.

Sentinelas armados isolam a tenda do resto da Coluna. Perto, espiando entre os fuzis, acham-se os correspondentes. Devoraram as perguntas ao jornalista míope e este lhes disse já o que viu. Entre os sentinelas e o acampamento há uma terra de ninguém, que nenhum oficial, nem soldado, atravessa a menos se for chamado pelo Major Cunha Matos. Este passeia de um lado ao outro, com as mãos à costas. O Coronel Tamarindo e o Capitão Olímpio de Castro lhe aproximam e os correspondentes os vêem caminhar ao redor da tenda. Suas caras vão obscurecendo-se à medida que se apaga o grande aguerro crepuscular. A momentos, Tamarindo entra na tenda, sai, e os três reatam o passeio. Passam assim muitos minutos, talvez meia hora, talvez uma hora, pois, quando, subitamente, o Capitão de Castro avança para os correspondentes e indica ao jornalista do *Jornal de Notícias* que vá com ele, acenderam uma fogueira e, atrás, soa a corneta do rancho. Os sentinelas deixam passar ao míope, a quem o Capitão conduz até o Coronel e o Major.

— Você conhece a região: pode nos ajudar — murmura Tamarindo, sem o tom bonachão que é o seu, como vencendo uma repugnância íntima a falar disto a um estranho— O Doutor insiste em que o Coronel deve ser levado a um lugar onde haja certas comodidades, onde possa ser bem atendido. Não há alguma fazenda perto?

— Claro que há a diz a voz aguda— Você sabe tão bem como eu.

— Quero dizer, além de Calumbí — corrige o Coronel Tamarindo, incômodo— O Coronel rechaçou categoricamente o convite do Barão de hospedar ao Regimento. Não é o local adequado para levá-lo.

— Não há nenhum outro — diz, cortante, o jornalista míope, que esquadrinha a semi-obscuridade em direção à tenda de campanha, da que sai um resplendor esverdeado— Tudo o que abrange a vista entre Cansação e Canudos pertence ao Barão da Canabrava.

O Coronel olha-o, compungido. Nesse momento sai da tenda o Doutor Souza Ferreiro, secando as mãos. É um homem com dobras nas têmporas e grandes entradas na frente, uniformizado. Os oficiais o rodeiam, esquecendo do jornalista, quem, entretanto, permanece

ali, e aproxima irreverentemente os olhos que aumentam os cristais de seus óculos.

— Foi o desgaste físico e nervoso dos últimos dias — queixa-se o Doutor, colocando um cigarro nos lábios— Depois de dois anos, repetir justamente agora. Má sorte, rasteira do diabo, o que sei eu. Tenho-lhe feito uma sangria, para a congestão. Mas necessita os banhos, as fricções, todo o tratamento. Vocês decidem, senhores.

Cunha Matos e Olímpio de Castro olham ao Coronel Tamarindo. Este pigarra, sem dizer nada.

— Insiste em que o levemos ao Calumbí sabendo que o Barão está ali? — diz, por fim.

— Eu não falei de Calumbí — replica Souza Ferreiro — Eu só falo do que necessita o paciente. E me permitam acrescentar algo. É uma temeridade o ter aqui, nestas condições.

— Você conhece coronel — intervém Cunha Matos — Em casa de um dos chefes da subversão monárquica se sentirá ofendido, humilhado.

O Doutor Souza Ferreiro encolhe os ombros:

— Eu acato sua decisão. Sou um subordinado. Deixo salva minha responsabilidade.

Uma agitação à suas costas faz que os quatro oficiais e o jornalista olhem a tenda de campanha. Ali está Moreira César, visível na pouca luz da lamparina do interior, rugindo algo que não se entende. Seminu, apoiado com as duas mãos na lona, tem o peito com umas formas escuras e imóveis que devem ser sanguessugas. Só pode se ter em pé uns segundos. Vêm-no desabar-se, queixando. O Doutor se ajoelha a lhe abrir a boca enquanto os oficiais agarram os pés, os braços, as costas, para subi-lo de novo à cama de armar.

— Eu assumo a responsabilidade de levá-lo ao Calumbí, Excelência — diz o Capitão Olímpio de Castro.

— Está bem — assente Tamarindo — Acompanhe ao Souza Ferreiro com uma escolta. Mas o Regimento não irá onde o Barão. Acampará aqui.

— Posso acompanhá-lo, Capitão? — diz, na penumbra, a voz intrusa do jornalista míope— Conheço o barão. Trabalhei para seu periódico, antes de entrar para o *Jornal de Notícias*.

Permaneceram em Ipupiará dez dias mais, depois da visita dos capangas a cavalo que se levaram, por todo saque, uma cabeleira avermelhada. O forasteiro começou a recuperar-se. Uma noite, a Barbuda o ouviu conversar, em um português dificultoso, com a Jurema, a que perguntava que país era este, que mês e que dia. À tarde seguinte se desprendia da carroça e conseguia dar uns passos cambaleantes. E duas noites depois estava no armazém de Ipupiará, sem febre, gasto, corajoso, acoçando perguntas ao distribuidor (que olhava divertido seu crânio) sobre Canudos e a guerra. Fez-se confirmar várias vezes, com uma espécie de frenesi, que um exército de meio milhar de homens vindo da Bahia ao mando do Major Febrônio tinha sido derrotado em Cambaio. A notícia o excitou de tal modo que Jurema, a Barbuda e o Miúdo pensaram que de novo começaria a delirar em língua estranha. Mas Gall, logo depois de tomar com o distribuidor um copo de cachaça, caiu em um sono profundo que lhe durou dez horas.

Retomaram a marcha por iniciativa de Gall. Os circenses preferiram ficar ainda em Ipupiará, onde, mal podiam comer, entretendo com histórias e palhaçadas aos vizinhos. Mas o forasteiro temia que os capangas voltassem a levar-se esta vez sua cabeça. Recuperou-se: falava com tanta energia que a Barbuda, o Miúdo e até o Idiota o escutavam embevecidos. Deviam adivinhar parte do que dizia e os intrigava sua mania de falar dos jagunços. A Barbuda perguntou a Jurema se era um desses apóstolos do Bom Jesus que percorriam o mundo. Não, não o era: não tinha estado em Canudos, não conhecia conselheiro e nem sequer acreditava em Deus. Jurema tampouco entendia essa mania. Quando Gall lhes disse que partia rumo ao norte, o Miúdo e a Barbuda decidiram segui-lo. Não poderiam explicar por que. Possivelmente a razão foi a da gravidade, os corpos débeis imantados pelos fortes, ou, simplesmente, não ter nada melhor que fazer, nenhuma alternativa, nenhuma vontade que opor a de quem, diferente deles, parecia possuir um rumo na vida.

Partiram ao amanhecer e partiram todo o dia entre pedras e mandacarús folhudos sem trocar palavra, adiante a carroça, aos

lados a Barbuda, o Miúdo e o Idiota, Jurema pega às rodas e, fechando a caravana, Galileo Gall. Para proteger-se do sol pôs um chapéu que usava o Gigantão Pedrín. Tinha emagrecido tanto que a calça ficava larga e a camisa lhe escorria. O roce queimante da bala lhe tinha deixado uma mancha cárdena atrás da orelha e a faca do Caifás uma cicatriz sinuosa entre o pescoço e o ombro. A fraqueza e palidez haviam como exacerbado a turbulência de seus olhos. Ao quarto dia de marcha, em uma curva do chamado Sítio das Flores, encontraram-se com uma partida de homens famintos que lhes tiraram o burro. Estavam em um bosquezinho de cardos e mandacarús, partido por um leito seco. Ao longe, divisavam as colinas da Serra de Engorda. Os bandidos eram oito, vestidos alguns de couro, com chapéus decorados com moedas e armados de facas, carabinas e fileiras de balas. Ao chefe, baixo e ventruado, de perfil de ave de presa e olhos cruéis, os outros o chamavam Barbadura, em que pese a ser imberbe. Deu umas instruções lacônicas e seus homens, em um dois por três, mataram ao burro, cortaram-no, esfolaram e o assaram em partes sobre os que, mais tarde, equilibraram-se com avidez. Deviam estar sem comer vários dias porque, de felicidade pelo festim, alguns ficaram a cantar.

Observando-os, Galileo se perguntava quanto demorariam as animálias e a atmosfera em converter esse cadáver nos montes de ossos polidos que se acostumou a encontrar no sertão, ossaturas, rastros, memórias de homem, ou de animal que instruía ao viajante sobre seu destino em caso de desmaio ou morte. Estava sentado na carroça, junto à Barbuda, o Miúdo, o Idiota e Jurema. Barbadura tirou o chapéu, em cuja asa dianteira brilhava uma esterlina, e fez gestos aos circenses de que comessem. O primeiro em animar-se foi o Idiota, quem se ajoelhou e estirou seus dedos para a fumaça. Imitaram-no a Barbuda, o Miúdo, Jurema. Logo comiam com apetite, mesclados aos bandoleiros. Gall se chegou à fogueira. A intempérie o tinha torrado e curtido como um sertanejo. Desde que viu tirar o chapéu o Barbadura, não apartava a vista de sua cabeça. E a seguia olhando enquanto levava a boca o primeiro bocado. Ao tentar tragar, sobreveio-lhe uma arcada.

— Só pode tragar coisas brandas — explicou Jurema aos homens — Esteve doente.

— É estrangeiro — acrescentou o Anão — Fala línguas.

— Assim só me olham meus inimigos — disse o chefe, com rudeza — Tirem-me os olhos, que me incomodam.

Porque nem sequer enquanto vomitava tinha deixado Gall de examiná-lo. Todos se voltaram para ele. Galileo, sempre observando-o, deu uns passos até ficar ao alcance de Barbadura.

— Só me interessa sua cabeça — disse, muito devagar— Deixe-me tocar isso. O bandido levou a mão a faca, como se fosse atacá-lo. Gall o tranqüilizou sorrindo-lhe.

— Deixa que lhe toque — grunhiu a Barbuda — Direi seus segredos.

O bandido examinou ao Gall com curiosidade. Tinha um pedaço na boca mas não mastigava.

— É sábio? — perguntou, a crueldade de seus olhos subitamente evaporada.

Gall voltou a lhe sorrir e deu um passo mais, até roçá-lo. Era mais alto que o cangaceiro, cujos ombros apenas sustentavam a cabeça hirsuta. Circenses e bandidos olhavam, intrigados. Barbadura, sempre com a mão na faca, parecia intranqüilo e ao mesmo tempo curioso. Galileo elevou as duas mãos, posou-as sobre a cabeça de Barbadura e começou a apalpá-la.

— Em uma época quis ser sábio — soletrou, enquanto seus dedos se moviam devagar, apartando as matas de cabelo, explorando com arte o couro cabeludo— A polícia não me deu tempo.

— Os volantes? — entendeu Barbadura.

— Nisso nos parecemos — disse Gall — Temos o mesmo inimigo.

Os olhinhos de Barbadura se encheram subitamente de angústia; parecia acochado, sem escapatória.

— Quero saber a forma de minha morte — sussurrou, violentando-se a si mesmo.

Os dedos de Gall escavavam a cabeleira do cangaceiro, detendo-se, sobretudo, em cima e atrás das orelhas. Estava muito sério, com o olhar febril de seus tempos de euforia. A ciência não se equivocava: o órgão da Acometividade, o dos propensos a atacar, o dos que gozam brigando, o dos indômitos e dos arriscados, saía ao encontro de seus dedos, terminante, insolente, em ambos os hemisférios. Mas era sobretudo o da Destrutividade, o dos vingativos e dos intemperantes

e dos desalmados, que cria aos grandes sanguinários quando não o rebatem os poderes morais e intelectuais, que sobressaía anormalmente: dois inchaços duros, fogosos, em cima das orelhas. “O homem-predador”, pensou.

— Não ouviu? — rugiu Barbadura, apartando-se com um movimento brusco que o fez cambalear — Como vou morrer?

Gall meneou a cabeça, desculpando-se:

— Não sei — disse — Não está escrito em seus ossos.

Os homens do partido se dispersaram, voltaram para as brasas em busca de comida. Mas os circenses ficaram junto ao Gall e Barbadura, que estava pensativo.

— Não tenho medo de nada — disse, de maneira grave— Quando estou acordado. Nas noites, é distinto. Vejo meu esqueleto, às vezes. Como me esperando, dá-se conta?

Fez um gesto de desagrado, passou a mão pela boca, cuspiu. Notava-o turbado e todos permaneceram um momento em silêncio, escutando zumbir às moscas, as vespas e os moscardos sobre os restos do burro.

— Não é um sonho recente — acrescentou o bandoleiro — Sonhava-o de menino, em Cariri, muito antes de vir à Bahia. E, também, quando andava com Pajeú. Às vezes passam anos sem que sonhe. E, de repente, outra vez, todas as noites.

— Pajeú?—disse Gall, olhando Barbadura com ansiedade—O da cicatriz? Que...?

— Pajeú — assentiu o cangaceiro— Estive cinco anos com ele, sem que tivéssemos uma discussão. Era o melhor brigando. Roçou-o o anjo e se converteu. Agora é eleito de Deus, lá em Canudos.

Encolheu os ombros, como se fosse difícil de entender ou não lhe importasse.

— Esteve em Canudos? — perguntou Gall — Conte-me. O que está passando? Como é?

— Ouvem-se muitas coisas — disse Barbadura, cuspiendo— Que mataram a muitos soldados de um tal Febrônio. Penduraram-nos em árvores. Se não enterrarem, ao cadáver o leva o Cão, parece.

— Estão bem armados? —insistiu Gall— Poderão resistir outro ataque?

— Poderão — grunhiu Barbadura— Não só Pajeú está lá. Também João Abade, Taramela, Joaquim Macambira e seus filhos, Pedrão. Os cabras mais terríveis destas terras. Odiavam-se e se matavam uns aos outros. Agora são irmãos e lutam pelo Conselheiro. Vão ao céu, face às maldades que fizeram. O Conselheiro os perdoou.

A Barbuda, o Idiota, o Miúdo e Jurema se sentaram no chão e escutavam, encantados.

— Aos romeiros, o Conselheiro lhes dá um beijo na testa — acrescentou Barbadura— O Beato os faz ajoelhar e o Conselheiro os levanta e os beija. Isso é o beijo dos escolhidos. A gente chora de felicidade. Já é eleito, sabe que vai ao céu. O que importa a morte, depois disso?

— Você também deveria estar em Canudos —disse Gall— São seus irmãos, também. Lutam para que o céu desça à terra. Para que desapareça esse inferno ao que tem tanto medo.

— Não tenho medo do inferno a não ser à morte — o corrigiu Barbadura, sem irritação— Melhor dizendo, ao pesadelo, ao sonho da morte. É diferente, não se dá conta?

Cuspiu de novo, com expressão atormentada. De repente, dirigiu-se a Jurema, assinalando ao Gall.

— Alguma vez sonha com seu esqueleto, seu marido?

— Não é meu marido — replicou Jurema.

João Grande entrou em Canudos correndo, a cabeça aturdida pela responsabilidade que acabavam de lhe conferir e que, cada segundo, parecia-lhe mais imerecida para sua pobre pessoa pecadora que ele acreditou alguma vez possuída pelo Cão (era um temor que voltava, como as estações). Aceitara, não podia dar marcha atrás. Nas

primeiras casas se deteve, sem saber o que fazer. Tinha a intenção de ir onde Antonio Vilanova, para que lhe dissesse como organizar a Guarda Católica. Mas agora, seu coração atordoado lhe fez saber que neste momento necessitava, antes da ajuda prática, socorro espiritual. Era o entardecer; logo o Conselheiro subiria à torre; se se dava pressa talvez o alcançasse no Santuário. Pôs-se a correr, novamente, por tortuosas ruazinhas apertadas de homens, mulheres e meninos que abandonavam casas, choças, covas, buracos e fluíam, igual a cada tarde, para o Templo do Bom Jesus, para escutar os conselhos. Ao passar frente ao armazém dos Vilanova, viu que Pajeú e uma vintena de homens, providos para uma longa viagem, despediam-se de grupos de familiares. Deu-lhe trabalho abrir passagem entre a massa que transbordava o descampado adjacente às igrejas. Obscurecia e, aqui e lá, titilavam já lamparinas.

O Conselheiro não estava no Santuário. Tinha ido despedir do Padre Joaquim até a saída para Cumbe e, depois, o carneirinho branco preso em uma mão e na outra o cajado de pastor, visitava as Casas de Saúde, confortando doentes e anciões. Devido à multidão que permanecia soldada a ele, estes percorridos pelo Conselheiro, por Belo Monte, eram cada dia mais difíceis. Acompanhavam-no esta vez o Leão de Natuba e as devotas do Coro Sagrado, mas o Beato e Maria Quadrado estavam no Santuário.

— Não sou digno, Beato —disse o ex-escravo, afogando-se, da porta— Louvado seja o Bom Jesus.

— Preparei um juramento para a Guarda Católica —repôs o Beato, docemente— Mais profundo que o que fazem os que vêm salvar-se. O Leão o escreveu. —Alcançou-lhe um papel, que desapareceu nas mãos escuras— Aprenderá de cor e a cada um que escolha o fará jurar. Quando a Guarda Católica estiver formada, jurarão todos no templo e faremos procissão.

Maria Quadrado, que tinha estado em um rincão do quarto, veio para eles com um trapo e um recipiente de água.

— Sente-se, João —disse, com ternura— Bebe, primeiro. Deixe-me lavá-lo.

O negro lhe obedeceu. Era tão alto que, sentado, resultava da mesma altura que a Superiora do Coro Sagrado. Bebeu com avidez. Estava suarento, agitado, e fechou os olhos enquanto Maria

Quadrado lhe refrescava a cara, o pescoço, os crespos nos quais havia cabelos brancos. De repente, estirou um braço e se prendeu da devota.

— Ajude-me, Mãe Maria Quadrado — implorou, transpassado de medo— Não sou digno disto.

— Você foi escravo de um homem — disse a devota, acariciando-o como a um menino— Não vai aceitar uma escravidão do Bom Jesus? Ele vai ajudá-lo, João Grande.

— Juro que não fui republicano, que não aceito a expulsão do Imperador, nem sua substituição pelo Anticristo — recitou o Beato, com intensa devoção— Que não aceito o matrimônio civil, nem a separação da Igreja do Estado, nem o sistema métrico decimal. Que não responderei às perguntas do censo. Que nunca mais roubarei, nem fumarei, nem me embebedarei, nem apostarei, nem fornicarei por vício. E que darei minha vida por minha religião e pelo Bom Jesus.

— Aprenderei, Beato — balbuciou João Grande.

Nisso chegou o Conselheiro, precedido por um grande rumor. Uma vez que o alto personagem, escuro e cadavérico, entrou no Santuário, seguido pelo carneirinho, o Leão de Natuba — um vulto a quatro patas que parecia fazer cambalhotas — e as devotas, o rumor continuou, impaciente, do outro lado da porta. O carneirinho devia lambe os tornozelos de Maria Quadrado. As devotas se agacharam presas à parede. O Conselheiro foi para o João Grande, quem, ajoelhado, olhava o chão. Parecia tremer dos pés a cabeça; fazia quinze anos que estava com o Conselheiro e, entretanto, seguia convertendo-se, a seu lado, em um ser nulo, quase em uma coisa. O santo tomou a cara com as duas mãos e o obrigou a elevar a cabeça. As pupilas incandescentes se cravaram nos olhos arrasados de pranto do ex-escravo.

— Sempre está sofrendo, João Grande — murmurou.

— Não sou digno de lhe cuidar —soluçou o negro— Mande-me o que seja. Se fizer falta, me mate. Não quero que lhe passe nada por minha culpa. Tive ao Cão no corpo, pai, lembre-se.

— Você formará a Guarda Católica — repôs o Conselheiro — Mandará. Sofreu muito, está sofrendo agora. Por isso é digno. O Pai

disse que o justo lavará as mãos no sangue do pecador. Agora é um justo, João Grande.

Deixou-o beijar sua mão e, com o olhar distante, esperou que o negro se desfogasse chorando. Um momento depois, seguido por todos eles, voltou a sair do Santuário para subir à torre a aconselhar ao povo de Belo Monte. Confundido com a multidão, João Grande o ouviu rezar e, logo, referir o milagre da serpente de bronze que, por ordem do Pai, construiu Moisés para àquele que a olhasse ficasse curado das mordidas das cobras que atacavam aos judeus, e o ouviu profetizar uma nova invasão de víboras que viriam à Belo Monte para exterminar aos crentes em Deus. Mas, ouviu-o dizer, quem conservasse a fé sobreviveriam às mordidas. Quando a gente começou a retirar-se, estava sereno. Recordava que, durante a seca, fazia anos, o Conselheiro contou pela primeira vez esse milagre e que isso tinha operado outro milagre nos sertões ameaçados pelas cobras. Esta lembrança lhe deu segurança.

Era outra pessoa quando foi tocar a porta do Antonio Vilanova. Abriu-lhe Assunção Sardelinha, a mulher do Honório, e João viu que o comerciante, sua mulher, vários filhos e ajudantes de ambos os irmãos comiam sentados no mostrador. Deram-lhe lugar, alcançaram-lhe um prato que fumegava e João comeu sem saber o que comia, com a sensação de perder tempo. Logo que escutou Antonio lhe contar que Pajeú tinha preferido levar, em vez de pólvora, apitos de madeira, suspensões e dardos envenenados, pois pensava que assim perseguiria melhor a quão soldados vinham. O negro mastigava e tragava, desinteressado de tudo o que não fosse sua missão.

Terminada a comida, outros puseram-se a dormir, nos quartos contíguos ou em colchonetes, redes e mantas estendidas entre as caixas e estantes ao redor deles. Então, à luz de um acendedor, João e Antonio falaram. Falaram muito, em momentos em voz baixa, em momentos subindo-a, em momentos de acordo e em momentos com fúria. Enquanto, o armazém se foi enchendo de vagalumes que faiscavam pelos rincões. Antonio, às vezes, abria um dos grandes livros de caixa em que anotava a chegada dos romeiros, os falecimentos e os nascimentos, e mencionava alguns nomes. Mas ainda não deixava João que o comerciante descansasse. Desenrugando um papel que tinha conservado entre seus dedos, o

alcançou e o fez ler, várias vezes, até memorizá-lo. Quando se afundava no sono, tão fatigado que nem sequer tirou as botas, Antonio Vilanova escutou ao ex-escravo, convexo em um vão livre sob o mostrador, repetindo o juramento concebido pelo Beato para a Guarda Católica.

À manhã seguinte, os filhos e ajudantes dos Vilanova se esparramaram por Belo Monte apregoando, onde se topavam com um grupo, que quem não temesse dar a vida pelo Conselheiro podiam ser aspirantes à Guarda Católica. Logo, os candidatos se aglomeravam frente à antiga casa-fazenda e obstruíam Campo Grande, a única rua reta de Canudos. João Grande e Antonio Vilanova recebiam a cada um sentados em uma gaveta de mercadorias e o comerciante verificava quem era e quanto tempo levava na cidade. João lhe perguntava se aceitaria fazer objeto do que tinha, abandonar a sua família como o fizeram os apóstolos por Cristo e submeter-se a um batismo de resistência. Todos assentiam, com ardor.

Foram preferidos os que tinham brigado em Uauá e em Cambaio e, eliminados, os incapazes de limpar o interior de um fuzil, carregar uma espingarda ou esfriar uma escopeta reaquecida. Também, os muito velhos e os muito jovens e os que tinham alguma incapacidade para brigar, como os lunáticos e as mulheres grávidas. Ninguém que fosse pistoleiro de volantes, ou coletor de impostos, ou empregado do censo foi aceito. Cada certo tempo, aos escolhidos, João Grande os levava a um descampado e fazia que o atacassem como a um inimigo. Os que duvidavam eram descartados. Aos outros, os fazia agredir-se e derrubar-se para medir sua bravura. Ao anoitecer, a Guarda Católica tinha dezoito membros, um dos quais era uma mulher do bando do Pedrão. João Grande tomou o juramento no armazém, antes de lhes dizer que fossem à suas casas despedirem-se, pois a partir de amanhã já não teriam outra obrigação que proteger ao Conselheiro.

No segundo dia, a seleção foi mais rápida, pois os escolhidos ajudavam ao João a aplicar as provas aos aspirantes e punham ordem no tumulto que tudo isto incitava. As Sardelinhas, enquanto isso, as engharam para conseguir trapos azuis, que os escolhidos levariam como braceletes ou na cabeça. No segundo dia, João juramentou mais trinta, no terceiro cinqüenta; e ao terminar a

semana contava com perto de quatrocentos membros. Vinte e cinco eram mulheres que sabiam disparar, preparar explosivos e dirigir a faca e até o facão.

Um domingo mais tarde, a Guarda Católica percorreu em procissão as ruas de Canudos, entre uma dupla cerca de gente que os aplaudiam e os invejavam. A procissão começou ao meio dia e, como nas grandes celebrações, passearam-se nela as imagens da Igreja do Santo Antonio e do Templo em construção, os vizinhos tiraram as que tinham em suas casas, arreventaram-se fogos e o ar se encheu de incenso e rezas. Ao anoitecer, no Templo do Bom Jesus, ainda sem cobrir, sob um céu saturado de estrelas madrugadoras que pareciam ter saído para espionar o regozijo, os membros da Guarda Católica repetiram em coro o juramento do Beato.

E à madrugada seguinte chegava até o João Abade um mensageiro de Pajeú, a lhe informar que o Exército do Cão tinha mil e duzentos homens, vários canhões e que ao Coronel que o mandava lhe diziam Cortapescoços.

Com gestos rápidos, precisos, Rufino termina os preparativos de uma nova viagem, mais incerto que os anteriores. Trocou a calça e a camisa com os que foi ver o Barão, à fazenda da Pedra Vermelha, por outros idênticos, e tinha consigo um facão, uma carabina, duas facas e uma alforja. Dá uma olhada à cabana, às tigelas, à rede, aos bancos, à imagem de Nossa Senhora de Marisco. Tem a cara desencaixada e pestaneja sem trégua. Mas seu rosto anguloso recupera depois de um momento a expressão inescrutável. Com movimentos exatos, faz uns preparativos. Quando acaba, acende com o acendedor os objetos que dispôs em distintos lugares. A cabana começa a flamejar. Sem apressar-se, vai para a porta, levando unicamente as armas e a alforja. Fora, agachado junto ao curral vazio, dali contempla como um vento suave atíça as chamas que devoram seu lar. A fumaça chega até ele e o faz tossir. Fica de pé. Coloca-se a carabina em bandoleira, embainha o facão na cintura, junto às facas, e se pendura a alforja no ombro. Dá meia volta e se afasta, sabendo que nunca voltará para Queimadas. Ao passar pela estação nem sequer adverte

que estão pendurando banderolas e pôsteres de boa-vinda ao Sétimo Regimento e ao Coronel Moreira César.

Cinco dias depois, ao entardecer, sua silhueta enxuta, flexível, poeirenta, entra em Iupuiará. Fez um rodeio para devolver a faca que emprestou do Bom Jesus e andando em média dez horas diárias, descansando nos momentos de máxima escuridão e de maior calor. Salvo um dia, que comeu pagando, procurou o alimento com armadilhas ou bala. Sentados na porta do armazém, há um punhado de velhos idênticos, fumando um mesmo cachimbo. O rastreador se dirige a eles e, tirando o chapéu, saúda-os. Devem conhecê-lo, pois lhe perguntam sobre Queimadas e todos querem saber se viu soldados e o que se diz da guerra. Responde-lhes o que sabe, sentado entre eles, e se interessa pelas pessoas de Iupuiará. Algumas morreram, outras partiram para o Sul em busca de fortuna e duas famílias acabam de partir à Canudos. Ao escurecer, Rufino e os velhos entram no armazém para tomar um copo de aguardente. Uma brisa agradável substituiu a ardente atmosfera. Rufino então, com os circunlóquios devidos, leva o bate-papo para onde eles souberam sempre que levaria. Usa as formas mais impessoais para interrogar. Os velhos o escutam sem simular estranheza. Todos assentem e falam, em ordem. Sim, esteve aqui, mais fantasma de circo que circo, tão empobrecido que dava trabalho acreditar que tinha sido alguma vez essa suntuosa caravana que conduzia o Cigano. Rufino, respeitosamente, escuta-os rememorar os velhos espetáculos. Por fim, em uma pausa, retorna-os aonde os tinha levado e, esta vez, os velhos, como se estimassem que as formas se cumprissem, dizem-lhe porque veio, ou seja, confirmar: o tempo que acampou aqui, como a Barbuda, o Miúdo e o Idiota ganharam o sustento jogando a sorte, contando histórias e fazendo palhaçadas, as perguntas loucas do forasteiro sobre os jagunços e como um partido de capangas viera a lhe cortar os cabelos vermelhos e a roubar o cadáver do filicida. Nem ele pergunta nem eles mencionam à outra pessoa que não era circense nem forasteiro. Mas ela, ausência muito presente, ronda na conversação, cada vez que algum refere como o estrangeiro era curado e alimentado. Sabem que essa sombra é a mulher de Rufino? Certamente sabem ou adivinham, como sabem ou adivinham o que se pode dizer e o que terão que calar. Quase casualmente, ao concluir o bate-papo, Rufino averigua em que direção partiram os circenses.

Dorme no armazém, em uma cama que lhe oferece o dono e parte ao amanhecer, com seu trote metódico.

Sem acelerar nem diminuir o ritmo, a silhueta de Rufino cruza uma paisagem onde a única sombra é a de seu corpo, primeiro seguindo-o, logo precedendo-o. A cara apertada, os olhos entrecerrados, parte sem vacilar, em que pese a que o vento apagou a trechos o rastro. Está escurecendo quando chega a um rancho que domina uma plantação. O morador, sua mulher e meninos seminus o recebem com familiaridade. Come e bebe com eles, lhes dando notícias de Queimadas, Ipupiará e outros lugares. Conversam da guerra e dos temores que provoca, dos peregrinos que passam rumo à Canudos e filosofam sobre a possibilidade do fim do mundo. Só depois lhes pergunta Rufino pelo circo e o forasteiro sem cabelo. Sim, passaram por aqui e seguiram para a Serra do Olhos d'Água para tomar o caminho à Monte Santo. A mulher recorda sobretudo ao homem fraco e imberbe, de olhos amarelados, que se movia como um animal sem ossos e ao que, sem razões, brotava-lhe a risada. O casal cede uma rede ao Rufino e, à manhã seguinte, enchem-lhe as alforjas sem aceitar remuneração.

Boa parte do dia, Rufino trota sem ver ninguém, em uma paisagem refrescada por matagais entre os que gozam bandos de louros. Essa tarde começa a topar-se com pastores de cabras, com os que às vezes conversa. Pouco depois do Sítio das Flores —nome que parece brincadeira pois ali há só pedras e terra recozida — se desvia até uma cruz de troncos cercada de ex-votos, que são figurinhas esculpidas em madeira. Uma mulher sem pernas vela junto ao calvário, estendida no chão como uma cobra. Rufino se ajoelha e a mulher o benze. O rastreador lhe dá algo de comer e conversam. Ela não sabe quem são, não os viu. Antes de partir, Rufino acende uma vela e faz uma reverência à cruz.

Durante três dias perde o rastro. Interroga camponeses e vaqueiros e conclui que, em vez de seguir à Monte Santo, o circo se desviou ou retrocedeu. Talvez a procura de uma feira, para poder comer? Dá voltas em torno do Sítio das Flores, ampliando o círculo, averiguando por cada um de quem o compõe. Alguém viu uma mulher com cabelos na cara? A um miúdo de cinco palmos? A um idiota de corpo brando? A um forasteiro de penugem avermelhada que fala um idioma difícil de entender? A resposta é sempre não. Faz

hipóteses, convexo em refúgios em oferta. E se já o mataram ou morreram de suas feridas? Baixa até o Tanquinho e sobe outra vez, sem recuperar o rastro. Uma tarde que se pôs a dormir, rendido, uns homens armados se chegam até ele, sigilosos como aparecidos. Acertaram-no uma alpargata em seu peito. Vê que os homens, além de carabinas, levam facões, apitos de madeira, facas, fileiras de munições e que não são bandidos ou, em todo caso, que já não o são. Custa-lhe convencê-los que não é pistoleiro do Exército, que não viu um soldado desde Queimadas. Está tão desinteressado da guerra que acreditam que minta, e, em um momento, alguém lhe põe a faca na garganta. Por fim, o interrogatório torna-se conversa. Rufino passa a noite entre eles, escutando-os falar do Anticristo, do Bom Jesus, do Conselheiro e de Belo Monte. Entende que seqüestraram, mataram, roubaram e viveram a salto de arbusto mas que agora são Santos. Explicam-lhe que um Exército avança como uma peste, expropriando as armas da gente, levando homens e afundando facas no cangote do que resista a cuspir os crucifixos e amaldiçoar a Cristo. Quando lhe perguntam se quer unir-se a eles, Rufino lhes responde que não. Explica-lhes por que e eles compreendem.

À manhã seguinte, chega ao Cansanção quase ao mesmo tempo que os soldados. Rufino visita o ferreiro, que conhece. O homem, suando junto à forja que chiava, aconselha-lhe que se vá quanto antes pois os diabos arrolam pela força a todos os pistoleiros. Quando Rufino lhe explica, também ele compreende. Sim pode ajudá-lo; não faz muito passou por aqui Barbadura, que se encontrou com os que busca. E lhe falou que forasteiro que lê as cabeças. Onde os encontrou? O homem o explica e o rastreador fica na ferraria, conversando, até que anoitece. Então, sai da aldeia sem que os sentinelas o descubram e um par de horas depois se encontra de novo com os apóstolos de Belo Monte. Diz-lhes que, com efeito, a guerra chegou ao Cansanção.

O doutor Souza Ferreiro ia impregnando os copos com álcool e os alcançava à Baronesa Estela, quem se tinha colocado um lenço como uma touca. Ela acendia o copo e o aplicava com destreza sobre as costas do Coronel. Este se mantinha tão quieto que os lençóis logo que luziam rugas. — Aqui em Calumbí tive que fazer de médica e de parteira muitas vezes — dizia a voz cantada dirigindo-se talvez ao

Doutor, talvez ao doente— Mas, a verdade, anos que não punha ventosas. Faça-o sofrer muito, Coronel?

— Absolutamente, senhora. — Moreira César fazia esforços por dissimular seu desconforto, mas não o obtinha— Rogo-lhe que aceite minhas desculpas e as transmita a seu marido, por esta invasão. Não foi minha idéia.

— Estamos encantados com sua visita. —A Baronesa tinha terminado de aplicar as ventosas e acomodava os travesseiros— Tinha muita vontade de conhecer um herói de carne e osso. Bom, certamente, preferia que não fosse uma enfermidade o que o trouxesse para Calumbí...

Sua voz era amável, encantadora, superficial. Junto à cama, havia uma mesa com jarras e lavadores de porcelana com pinturas de perus reais, ataduras, algodões, jarro com sanguessugas, copos para as ventosas e muitos pomos. Na habitação fresca, forrada, de cortinas brancas, entrava o amanhecer. Sebastiana, a empregada da Baronesa, permanecia junto à porta, imóvel. O Doutor Souza Ferreiro examinou as costas do doente, erupcionada de copos de cristal, com uns olhos que delatavam a má noite.

— Bom, agora esperar meia hora para o banho e as fricções. Não me negará que se sente melhor, Excelência: tornaram-lhe as cores.

— O banho está preparado e eu estarei ali, para o que precisem — disse Sebastiana.

— Eu também estou à suas ordens — encadeou a Baronesa — Agora os deixo. Ah, esquecia-me. Pedi permissão ao Doutor para que tome o chá conosco, Coronel. Meu marido quer saudá-lo. Você também está convidado, Doutor. E o Capitão de Castro, e esse jovem tão original, como se chama?

O Coronel tentou lhe sorrir, mas apenas a esposa do Barão da Canabrava transpôs a soleira, seguida pela Sebastiana, fulminou ao médico.

— Deveria fuzilá-lo por me colocar nesta armadilha.

— Se lhe der um tranco, o sangrarei e terá que guardar cama um dia mais. — O Doutor Souza Ferreiro se deixou cair em uma cadeira de balanço, bêbado de fadiga— E agora me deixe descansar também, uma meia hora. Não se mova, por favor.

À meia hora exata, abriu os olhos, os esfregou e começou a lhe tirar as ventosas. Os copos se desprendiam facilmente e ficava um círculo avermelhado onde estavam apoiados. O Coronel permanecia de barriga para baixo, com a cabeça afundada sobre os braços cruzados e logo que separou os lábios quando o Capitão Olímpio de Castro entrou em lhe dar notícias da Coluna. Souza Ferreiro acompanhou ao Moreira César ao quarto de banho, onde Sebastiana tinha preparado tudo segundo suas instruções. O Coronel se despiu — diferente de sua tez e braços brunidos seu corpo era muito branco — entrou na banheira sem fazer um gesto e permaneceu nela bastante tempo, apertando os dentes. Logo, o Doutor o esfregou vigorosamente com álcool e emplastro de mostarda e lhe fez inalar fumaça de ervas que ferviam em um braseiro. A cura transcorreu em silêncio, mas, ao terminar as inalações, o Coronel, para relaxar a atmosfera, murmurou que tinha a sensação de estar submetido à práticas de bruxaria. Souza Ferreiro comentou que as fronteiras entre ciência e magia eram indiferenciáveis. Fizeram às pazes. Na habitação os esperava uma bandeja com frutas, leite fresco, pães, geléia e café. Moreira César comeu sem apetite e dormiu. Quando despertou, era meio-dia e estava a seu lado o jornalista do *Jornal de Notícias* com um jogo de baralho, propondo lhe ensinar o jogo de cartas, que estava em moda entre os boêmios da Bahia. Estiveram jogando sem trocar palavra até que Souza Ferreiro, lavado e barbeado, disse ao Coronel que podia levantar-se. Ao entrar à sala, para tomar o chá com os donos da casa, estavam ali o Barão e sua esposa, o Doutor, o Capitão de Castro e o jornalista, o único que não se aseou da véspera.

O Barão da Canabrava devia apertar a mão do Coronel. Na ampla habitação de ladrilhos vermelhos e brancos, havia móveis de Jacaranda e as cadeiras de palha e madeira chamadas “austríacas”, mesinhas com lampiões de querosene, fotos, vitrines com cristais, porcelana e mariposas cravadas em caixas de veludo. Nas paredes, aquarelas campestres. O Barão se interessou pela saúde de seu hóspede e ambos trocaram civildades; mas o fazendeiro jogava melhor que o oficial. Pelas janelas, abertas sobre o crepúsculo, viam-se as colunas de pedra da entrada, um poço de água, e aos flancos do aterro da frente, com tamarindos e palmeiras imperiais, o que tinha sido a senzala dos escravos e eram agora as moradias dos

trabalhadores. Sebastiana e uma faxineira de avental em quadros dispunham os bules, as taças, massas e bolachas. A Baronesa explicava ao Doutor, ao jornalista e ao Olímpio de Castro quão difícil tinha sido, ao longo de anos, conduzir até Calumbí os materiais e objetos desta casa e o Barão, mostrando ao Moreira César um herbário, dizia-lhe que de jovem sonhava com a ciência e passar sua vida em laboratórios e anfiteatros. Mas o homem propõe e Deus dispõe; ao final, consagrou-se à agricultura, a diplomacia e a política, coisas que não lhe interessaram jamais de moço. E o Coronel? Sempre quis ser militar? Sim, ele ambicionou a carreira das armas desde que teve uso de razão, e acaso antes, lá no povoado paulista onde nasceu: Pindamonhangaba. O jornalista se separou do outro grupo e estava agora junto a eles, escutando-os com impudicícia.

— Foi uma surpresa ver chegar este jovem com você — sorriu o Barão, apontando ao míope— Contou-lhe que trabalhou para mim, antes? Nesse tempo admirava ao Víctor Hugo e queria ser dramaturgo. Falava muito mal do jornalismo, então.

— Ainda o faço — disse a voz antipática.

— Puras mentiras! — exclamou o Barão— Na realidade, sua vocação é a chismografia, a calúnia, o ataque arteiro. Era meu protegido e quando se passou ao periódico de meu adversário, converteu-se no mais vil de meus críticos. Cuide-se, Coronel. É perigoso.

O jornalista míope estava radiante, como se tivessem feito seu elogio.

— Todos os intelectuais são perigosos — assentiu Moreira César— Débeis, sentimentais e capazes de usar as melhores idéias para justificar as piores velhacarias. O país os necessita, mas deve dirigi-los como a animais raros.

O jornalista míope pôs-se a rir com tanta felicidade que a Baronesa, o Doutor e Olímpio de Castro o olharam. Sebastiana servia o chá. O Barão agarrou o braço do Moreira César e o levou para um armário:

—Tenho para você um presente. É um costume do sertão: oferecer um presente a quem se hospeda. — Tirou uma poeirenta garrafa de *Brandy* e lhe mostrou a etiqueta, com uma piscada — Já sei que você

quer extirpar toda influência européia do Brasil, mas suponho que seu ódio não inclui também ao *Brandy*.

Apenas se sentaram, a Baronesa alcançou uma taça de chá ao Coronel e jogou dois torrões de açúcar.

— Meus fuzis são franceses e meus canhões alemães — disse Moreira César, tão a sério que os outros interromperam seu bate-papo— Não odeio a Europa e tampouco o *Brandy*. Mas como não bebo álcool, não vale a pena que desperdice um presente assim com alguém que não pode apreciá-lo.

— Guarde-o de lembrança, então — interveio a Baronesa.

— Odeio aos latifundiários locais e aos mercados ingleses que mantiveram esta região na pré-história — prosseguiu o Coronel, com acento frio — Odeio a quem o açúcar interessava mais que a gente do Brasil.

A Baronesa atendia seus convidados, imutável. O dono da casa, em troca, tinha deixado de sorrir. Mas seu tom continuou cordial:

— Aos comerciantes norte-americanos que o Sul recebe com os braços abertos lhes interessa a gente, ou só o café? — perguntou.

Moreira César tinha a resposta pronta:

— Com eles chegam as máquinas, a técnica e o dinheiro que necessita o Brasil para seu progresso. Porque progresso quer dizer indústria, trabalho, capital, como o demonstraram os Estados Unidos da América do Norte. —Seus olhinhos frios piscaram ao acrescentar — É algo que não entenderão nunca os donos de escravos, Barão da Canabrava.

No silêncio que seguiu à suas palavras, ouviu-se as colherinhas movendo-se nas taças e os sorvos do jornalista míope, que parecia fazer gargarejos.

— Não foi a República a não ser a monarquia que aboliu a escravidão —recordou a Baronesa, risonha como se fizesse uma brincadeira, ao mesmo tempo que oferecia bolachas a seu convidado — A propósito, sabia que nas fazendas de meu marido os escravos foram libertados cinco anos antes da lei?

— Não sabia — repôs o Coronel — Algo louvável, sem dúvida.

Sorriu, forçado e bebeu um sorvo. A atmosfera era agora tensa e não a distendiam os sorrisos da Baronesa, nem o súbito interesse do Doutor Souza Ferreiro pelas mariposas da coleção nem a anedota do Capitão Olímpio de Castro sobre um advogado do Rio assassinado por sua esposa. A tensão ainda se agravou por complemento do Souza Ferreiro:

— Os fazendeiros por aqui abandonam suas terras, porque os jagunços as queimam —disse— Você, em troca, dá o exemplo voltando para Calumbí.

— Voltei para pôr a fazenda a disposição do Sétimo Regimento - disse o Barão— Lastimo que minha ajuda não tenha sido aceita.

— Ninguém diria ao ver esta paz que a guerra está perto — murmurou o Coronel Moreira César— Os jagunços não o tocaram. Você é um homem com sorte.

— As aparências enganam —repôs o Barão, sem perder a calma— Muitas famílias de Calumbí partiram e as plantações se reduziram na metade. Por outra parte, Canudos é minha terra, não é certo? Paguei minha cota de sacrifício mais que ninguém na região.

O Barão conseguia dissimular a cólera que podiam lhe causar as palavras do Coronel; mas a Baronesa era outra pessoa quando voltou a falar:

—Suponho que você não toma a sério essa calúnia de que meu marido entregou Canudos aos jagunços — disse, com a cara afiada pela indignação. O Coronel bebeu outro sorvo, sem assentir nem negar.

— De modo que o convenceram que essa infâmia — murmurou o Barão — Seriamente acredita que eu ajudo à hereges dementes, a incendiários e ladrões de fazendas?

Moreira César pôs sua taça sobre a mesa. Olhou ao Barão com olhar glacial e passou rapidamente a língua pelos lábios.

— Esses dementes matam soldados com balas explosivas — soletrou, como temendo que alguém pudesse perder alguma sílaba— Esses incendiários têm fuzis muito modernos. Esses ladrões recebem ajuda de agentes ingleses. Quem a não ser os monárquicos podem fomentar uma insurreição contra a República?

Havia-se posto pálido e a taça começou a tremer em suas mãos. Todos, salvo o jornalista, olhavam ao chão.

— Esta gente não rouba, nem incendeia quando sentem uma ordem, quando vêem que o mundo está organizado, porque ninguém sabe melhor que eles respeitar as hierarquias — disse o Barão, com voz firme— Mas a República destruiu nosso sistema com leis impraticáveis, substituindo o princípio da obediência pelo dos entusiasmos embainhante. Um engano do Marechal Floriano, Coronel, porque o ideal social radica na tranqüilidade, não no entusiasmo.

— Sente-se você mal, Excelência? — interrompeu-o o Doutor Souza Ferreiro, levantando-se.

Mas um olhar de Moreira César lhe impediu de chegar até ele. Pôs-se lívido e tinha a testa úmida e os lábios vermelhos, como se os tivesse mordido. Ficou de pé e se dirigiu à Baronesa, com uma voz que ficava entre os dentes:

— Rogo-lhe que me desculpe, senhora. Sei que minhas maneiras deixam muito a desejar. Venho de um meio humilde e não tive outra sociedade que o quartel.

Retirou-se da sala equilibrando-se entre os móveis e vitrines. À suas costas, a voz sem educação do jornalista pediu outra taça de chá. Olímpio de Castro e ele permaneceram na sala, mas o Doutor foi depois do chefe do Sétimo Regimento, a quem encontrou na cama, respirando com ansiedade, em estado de grande fadiga. Ajudou-o a despir-se, deu-lhe um calmante e o ouviu dizer que se reincorporaria ao Regimento ao amanhecer: não tolerava discussão a respeito. Dito isto, prestou-se a outra sessão de ventosas e se mergulhou de novo em uma banheira de água fria, da que saiu tremendo. Um fricção de terebentina e de mostarda o fizeram entrar em calor. Comeu em seu dormitório, mas logo se levantou em bata e esteve uns minutos na sala, agradecendo ao Barão e à Baronesa sua hospitalidade. Despertou às cinco da madrugada. Assegurou ao Doutor Souza Ferreiro, enquanto tomavam um café, que nunca sentiu-se melhor e voltou a acautelar ao jornalista míope que, desganhado e entre bocejos, despertava a seu lado, que se em algum periódico havia a menor notícia sobre sua enfermidade, consideraria o responsável. Quando ia sair, um servente veio a lhe dizer que o Barão lhe rogava

passar por seu escritório. Guiou-o até uma peça pequena, com um grande escritório de madeira no que destacava um artefato para atar charutos, e em cujas paredes havia, além de prateleiras com livros, facas, chicotes, luvas e chapéus de couro e selas. A peça dava ao exterior e na luz nascente se via os homens da escolta conversando com o jornalista baiano. O Barão estava de bata e sapatilhas.

— Em que pese à nossas discrepâncias, acredito um patriota que deseja o melhor para o Brasil, Coronel —disse, a maneira de saudação— Não, não quero ganhar sua simpatia com lisonjas. Nem lhe fazer perder tempo. Preciso saber se o Exército, ou pelo menos você, estão a par das manobras forjadas contra mim e contra meus amigos por nossos adversários.

— O Exército não se mescla em questões políticas locais —o interrompeu Moreira César— Vim à Bahia sufocar uma insurreição que põe em perigo à República. Nada mais.

Estavam de pé, muito juntos, e se olhavam fixamente.

— Nisso consiste a manobra —disse o Barão— Em ter feito acreditar no Rio, ao Governo, ao Exército, que Canudos significa esse perigo. Esses miseráveis não têm armas modernas de nenhuma classe. As balas explosivas são projéteis de limonita, ou hematita parda se preferir o nome técnico, um mineral que abunda na Serra do Bendengó e que os sertanejos usam para suas escopetas sempre.

— As derrotas sofridas pelo Exército em Uauá e em Cambaio são também uma manobra? — perguntou o Coronel— Os fuzis gastos do *Liverpool* e colocados de contrabando por agentes ingleses o são?

O Barão examinou com minúcia a miúda cara impávida do oficial, seus olhos hostis, a careta depreciativa. Era um cínico? Não podia sabê-lo ainda: a única coisa clara era que Moreira César o odiava.

— Os fuzis ingleses sim o são —disse— Os trouxe Epaminondas Gonçalves, seu mais fervente partidário na Bahia, para nos acusar de cumplicidade com uma potência estrangeira e com os jagunços. E quanto ao espião inglês de Iupuiará também o fabricou ele, mandando assassinar a um pobre diabo que para sua desgraça era loiro. Sabia você isso?

Moreira César não pestanejou, não moveu um músculo; tampouco abriu a boca. Seguiu devolvendo o olhar ao Barão, lhe

fazendo saber mais definitivamente que com palavras, o que pensava dele e do que dizia.

— De modo que sabe, é você cúmplice e acaso eminência cinza de tudo isto. — O Barão afastou a vista e esteve um momento cabisbaixo, como se refletisse, mas, em realidade, tinha a mente em branco, um atordoamento do que ao fim se repôs — Acredita que vale a pena? Quero dizer, tanta mentira, intriga, inclusive crimes, para estabelecer a República Ditatorial. Acredita que um pouco nascido assim será a panacéia de todos os males do Brasil?

Passaram uns segundos sem que Moreira César abrisse a boca. Fora, um ensolarado avermelhado precedia ao sol, ouvia-se relinchar aos cavalos e vozes; no piso alto, alguém arrastava os pés.

— Há uma rebelião de gente que rechaça a República e que derrotara duas expedições militares — disse o Coronel de repente, sem que sua voz firme, seca, impessoal, alterou-se o mínimo — Objetivamente, essas pessoas são instrumentos de quem, como você, aceitaram a República só para trai-la melhor, apoderar-se dela e, trocando alguns nomes, manter o sistema tradicional. Estavam-no conseguindo, é verdade. Agora há um Presidente civil, um regime de partidos que divide e paralisa ao país, um Parlamento onde todo esforço para trocar as coisas pode ser demorado e desnaturado com as artimanhas nas que vocês são destros. Cantavam vitória já, não é certo? Fala-se inclusive de reduzir na metade os efetivos do Exército, não? Que triunfo! Pois bem, equivocam-se. Brasil não continuará o feudo que exploram faz séculos. Para isso está o Exército. Para impor a unidade nacional, para trazer o progresso, para estabelecer a igualdade entre os brasileiros e fazer ao país moderno e forte. Vamos remover os obstáculos, sim: Canudos, você, os mercados ingleses, quem cruze em nosso caminho. Não vou lhe explicar a República tal como entendemos os verdadeiros republicanos. Não o entenderia, porque você é o passado, alguém que olha atrás. Não compreende o ridículo que é ser Barão faltando quatro anos para que comece o século vinte? Você e eu somos inimigos mortais, nossa guerra é sem quartel e não temos nada que falar.

Fez uma vênica, deu meia volta e caminhou para a porta.

— Agradeço-lhe sua franqueza — murmurou o Barão. Sem mover do lugar, viu-o sair do despacho e, depois, aparecer no exterior. Viu-o

montar no cavalo branco que sujeitava seu ordenança e partir,
seguido pela escolta, em uma nuvem de pó.

IV

O som dos apitos se parece com o de certos pássaros, é um lamento descompassado que atravessa os ouvidos e vai incrustar-se nos nervos dos soldados, despertando-os na noite ou surpreendendo-os em uma marcha. Preludia a morte, vem seguido de balas ou dardos que, com assobio rasante, brilham contra o céu luminoso ou estrelado antes de dar no branco. O som dos apitos cessa então e se ouvem os mugidos enfermos das cabeças de gado, os cavalos, as mulas, as cabras ou os cabritos. Alguma vez cai ferido um soldado, mas é excepcional porque, assim como os apitos estão destinados aos ouvidos — as mentes, as almas — dos soldados, os projéteis procuram obsessivamente aos animais. Bastaram as duas primeiras cabeças de gado alcançadas para que descobrissem que essas vítimas não são já comestíveis, nem sequer por quem em todas as campanhas que viveram juntos aprenderam a comer pedras. Os que provaram essas cabeças de gado começaram a vomitar de tal modo e a padecer tais diarréias que, antes que os médicos o opinassem, souberam que os dardos dos jagunços matam duplamente aos animais, lhes tirando a vida e a possibilidade de ajudar a sobreviver a quem vinha tocando. Depois, logo que cai uma cabeça de gado, o Major Febrônio de Brito banha-a de querosene e prende fogo. Enfraquecido, com as pupilas irritadas, nos poucos dias da saída de Queimadas o Major se tornou um ser amargo e anti-social. É provavelmente a pessoa da Coluna sobre a que os apitos operam com mais eficácia, desvelando-o e martirizando-o. Sua má sorte faz que seja sua a responsabilidade desses quadrúpedes que caem em meio à elegia sonoras, que ele seja quem deve ordenar que os rematem e carbonizem sabendo que essas mortes significam fomes futuras. Fez o que estava a seu alcance para amortecer o efeito dos dardos, dispendo círculos de patrulhas em torno dos rebanhos e protegendo às bestas com couros crus, mas com a altíssima temperatura do verão, o casaco as faz suar, atrasar-se e às vezes desabam. Os soldados viram o Major à cabeça das patrulhas que, apenas, começa a sinfonia, saem a dar batidas. São incursões exaustivas,

deprimentes, que só servem para comprovar o inevitável, translaticios, fantasmagóricos que são os atacantes. O poderoso ruído dos apitos sugere que são muitos, mas é impossível que assim seja, pois como poderiam invisibilizar-se neste terreno plano, de escassa vegetação? O Coronel Moreira César explicou: trata-se de partidos ínfimos, encostados em locais cavados, que permanecem horas e dias à espreita em covas, gretas, tocas, matagais, e o ruído dos apitos está estrondosamente magnificado pelo silêncio astral da paisagem que percorrem. Estes ardis não devem distrai-los, são incapazes de afetar à Coluna. E, ao reordenar a marcha, logo depois de receber o relatório dos animais perdidos, comentou:

— Isto é bom, alivia-nos, chegaremos mais cedo.

Sua serenidade impressiona aos correspondentes, ante quem, cada vez que recebe notícias de novas mortes, permite-se alguma brincadeira. Eles estão crescentemente nervosos com esses adversários que espiam seus movimentos e aos que ninguém vê. Não têm outro tema de conversação. Acossam ao jornalista míope do *Jornal de Notícias*, lhe perguntando o que pensa o Coronel realmente dessa perseguição contínua aos nervos e reservas da Coluna, e o jornalista lhes responde, todas as vezes, que Moreira César não fala desses dardos nem ouve esses apitos porque vive entregue em corpo e alma a uma só preocupação: chegar à Canudos antes que o Conselheiro e os insurretos tenham tempo de fugir. Ele sabe, está seguro, que esses dardos e apitos não têm outro objeto que distrair ao Sétimo Regimento para dar tempo aos bandidos a preparar a retirada. Mas o Coronel é um soldado destro e não se deixa enganar, nem perde um dia em batidas inúteis nem se desvia um milímetro de sua trajetória. Aos oficiais que se inquietam pelo provisionamento futuro lhes disse que também desde esse ponto de vista o que interessa é chegar quanto antes à Canudos, onde o Sétimo Regimento encontrará, nos armazéns, chácaras e estábulos do inimigo, o que lhe falte.

Quantas vezes viram os correspondentes, desde que reataram a marcha, chegar à cabeça da Coluna a um jovem oficial com um punhado de dardos sanguinolentos a dar conta de novos atentados? Mas este meio-dia, poucas horas antes de entrar em Monte Santo, o oficial enviado pelo Major Febrônio de Brito traz, além de dardos, um apito de madeira e uma suspensão. A Coluna está detida em uma

quebrada, sob um sol que empapa as caras. Moreira César revisa cuidadosamente a suspensão. É uma versão muito primitiva, fabricada com madeiras sem polir e cordas grosseiras, de uso simples. O Coronel Tamarindo, Olímpio de Castro e os correspondentes o rodeiam. O Coronel agarra um dos dardos, coloca-o na suspensão, mostra aos jornalista como funciona. Logo, leva-se a boca o apito feito de cano, com incisões, e todos escutam o lúgubre lamento. Só então faz o mensageiro a grande revelação:

— Temos dois prisioneiros, Excelência. Estamos ferido, mas o outro pode falar.

Há um silêncio, no que Moreira César, Tamarindo e Olímpio de Castro se olham. O jovem oficial explica agora que três patrulhas se acham sempre prontas para sair apenas se escutarem os apitos e que faz duas horas, soaram, as três saíram em distintas direções, antes de que caíssem os dardos, e que uma delas divisou aos arqueiros quando se escorriam detrás de umas rochas. Tinham-nos açoitado, alcançado, procurado capturar vivos, mas a gente atacou aos soldados e resultou ferido. Moreira César parte imediatamente para a retaguarda, seguido pelos correspondentes, superexcitados com a idéia de ver por fim a cara do inimigo. Não alcançarão a vê-la imediatamente. Quando chegam, uma hora depois, à retaguarda, os prisioneiros estão encerrados em um barraco custodiado por soldados com baionetas. Não os deixam aproximar-se. Rondam pelos arredores, vêem o ir e vir de oficiais, recebem evasivas daqueles que os viram. Duas ou possivelmente três horas mais tarde Moreira César vai retomar seu posto à cabeça da Coluna. Por fim se inteiram de algo.

— Há um que está bastante grave —explica o Coronel— Talvez não chegue a Monte Santo. Uma lástima. Devem ser executados ali, para que sua morte sirva. Aqui, seria inútil.

Quando o jornalista veterano, que anda sempre como convalescendo de um resfriado, pergunta se os prisioneiros proporcionaram informações úteis, o Coronel faz um gesto cético:

— O álibi de Deus, do Anticristo, do fim do mundo. Sobre isso, dizem-no tudo. Mas não sobre seus cúmplices e aguçadores. É possível que não saibam muito, são pobres diabos. Pertencem ao bando de Pajeú, um cangaceiro.

A Coluna reata imediatamente a marcha, a um ritmo endiabrado, e entra ao anoitecer em Monte Santo. Ali não ocorre o que em outros povoados, nos que o Regimento só faz um rápido registro em busca de armas. Aqui, os correspondentes, quando ainda estão desmontando na praça quadrangular, sob os tamarindos, ao pé da montanha das capelas, rodeados de meninos, velhos e mulheres de olhares que já aprenderam a reconhecer — indolentes, desconfiadas, distantes, que se empenham em parecer estúpidas e desinformadas— vêem que os soldados se precipitam, de dois e de três, para as casas de terra, onde entram com os fuzis em alto como se fossem encontrar resistência. À seus lados, adiante, em qualquer parte, ao compasso de ordens e gritos, as patrulhas fazem saltar portas e janelas a coronhadas e patadas e logo começam a ver filas de vizinhos arrastados por volta de quatro currais emoldurados por sentinelas. Ali são interrogados. Do lugar em que estão, ouvem os insultos, os protestos, os rugidos, aos que se somam os prantos e resistências das mulheres que tratam de aproximar-se. Bastam poucos minutos para que todo Monte Santo seja cenário de uma estranha luta, sem disparos nem cargas. Abandonados, sem que nenhum oficial lhes explique o que ocorre, os correspondentes perambulam de um lado a outro pela aldeia dos calvários e cruzes. Vão de um a outro curral e vêem sempre o mesmo: filas de homens entre soldados com baionetas e às vezes um prisioneiro que levam a trancos ou tiram de um barracão tão maltratado que apenas se tem de pé. Vão em grupo, atemorizados com cair na engrenagem deste mecanismo que range a seu redor, sem entender o que ocorre, mas suspeitando que é conseqüência do que disseram os prisioneiros dessa manhã.

E assim os confirma o Coronel Moreira César, com quem podem conversar nessa mesma noite, depois que os prisioneiros são executados. Antes da execução, que tem lugar entre os tamarindos, um oficial lê uma Ordem do dia, particularizando que a República está obrigada a defender-se de quem, por cobiça, fanatismo, ignorância ou engano se atêm contra ela e servem os apetites de uma casta retrógrada, interessada em manter ao Brasil no atraso para explorá-lo melhor. Chega aos vizinhos esta mensagem? Os correspondentes intuem que essas palavras, proferidas com voz trovejante pelo pregoeiro, passam ante esses seres silenciosos, por trás dos sentinelas, como mero ruído. Terminada a execução, quando os vizinhos podem aproximar-se dos degolados, os jornalistas

acompanham ao Chefe do Sétimo Regimento para a moradia onde passará a noite. O míope do *Jornal de Notícias* acerta, como de costume, para estar a seu lado.

— Era necessário converter todo Monte Santo em inimigo com esses interrogatórios? — pergunta-lhe.

— Já o são, todo o povo é cúmplice — responde Moreira César— O cangaceiro Pajeú esteve aqui nestes dias, com cinquenta homens. Receberam-nos em festa e lhes deram provisões. Vêem vocês? A subversão impregnou fundo nesta pobre gente, graças a um terreno abonado pelo fanatismo religioso.

Não o nota alarmado. Por toda parte ardem acendedores, velas, fogueiras, e nas sombras circulam, espectrais, as patrulhas do Regimento.

— Para executar a todos os cúmplices, teve que esfaquir a Monte Santo inteiro. — Moreira César chegou a uma casinha onde o esperam o Coronel Tamarindo, o Major Cunha Matos e um grupo de oficiais. Despede-se dos correspondentes com um gesto e, sem transição, dirige-se a um tenente — Quantas cabeças de gado ficam?

— Entre quinze e dezoito, Excelência.

— Antes de que as envenenem, daremos um banquete à tropa. Diga ao Febrônio que as sacrifique ao mesmo tempo. — O oficial parte correndo e Moreira César se volta para seus outros subordinados— A partir de manhã, terão que apertar os cinturões.

Desaparece no barracão e os correspondentes se dirigem ao barraco dos ranchos. Ali bebem café, fumam, trocam impressões e ouvem as letanias que descem das capelas da montanha onde o povo vela aos dois mortos. Mais tarde, vêem a partilha de carne e como os soldados desfrutam dessa comida suntuosa, e os ouvem animar-se, tocar violões, cantar. Embora também comem carne e bebem aguardente, eles não participam da efervescência que deu procuração dos soldados por algo que é para eles a proximidade da vitória. Pouco depois, o Capitão Olímpio de Castro vem lhes perguntar se vão ficar em Monte Santo ou continuar para Canudos. Aos que continuam lhes será difícil retornar, pois não haverá outro acampamento intermediário. Dos cinco, dois decidem permanecer em Monte Santo e outro voltar para Queimadas, já que se sente doente. Aos que seguirão com o Regimento — o velho agasalhado e o míope — o

Capitão lhes sugere que, como a partir de agora haverá marchas forçadas, devem dormir.

No dia seguinte, quando os dois jornalistas despertam — é a alvorada e há *quiquiriquís* — lhes fazem saber que Moreira César já partiu, pois houve um incidente na vanguarda: três soldados violaram uma moça. Partem no ato, com uma companhia em que vai o Coronel Tamarindo. Quando alcançam à cabeça da Expedição, os violadores estão sendo açoitados, um ao lado do outro, sujeitos a troncos de árvores. A gente ruge com cada chicotada; outro parece rezar e o terceiro mantém um gesto arrogante enquanto suas costas avermelha arrebenta em sangue.

Estão em um clarão, rodeado de mandacarús, plantas e calumbí. Entre os arbustos e matagais se acham as companhias da vanguarda, observando o castigo. Reina silêncio absoluto entre os homens, que não apartam a vista de quem recebe os açoites. Há às vezes vozerio de louros e uns soluços de mulher. A que chora é uma moça albina, algo contrafeita, descalça, por cujas roupas rasgadas se divisam machucados. Ninguém lhe presta atenção e quando o jornalista míope pergunta a um oficial se foi ela que foi violada, este assente. Moreira César está junto ao Major Cunha Matos. Seu cavalo branco vadia uns metros mais à frente, sem arreios, fresco e limpo como se acabassem de escová-lo.

Quando terminam de açoitá-los, dois dos castigados perderam o sentido, mas o outro, o arrogante, faz ainda o alarde de ficar em atenção para escutar ao Coronel.

— Que isto lhes sirva de exemplo, soldados —grita este— O Exército é e deve ser a instituição mais pura da República. Estamos obrigados a atuar sempre, do mais elevado até o mais humilde, de maneira que os cidadãos respeitem nosso uniforme. Vocês sabem a tradição do Regimento: as maldades se castigam com o máximo rigor. Estamos aqui para proteger à população civil, não para competir com os bandidos. O próximo caso de violação será castigado com pena de morte.

Nenhum murmúrio, movimento, ecoa a suas palavras. Os corpos dos deprimidos penduram em posturas absurdas, cômicas. A moça albina deixou de chorar. Tem um olhar extraviado e por momentos sorri.

— Dêem algo de comer a esta infeliz — diz Moreira César, assinalando-a. E, aos jornalistas que lhe aproximaram — É uma louca. Parece-lhes um bom exemplo, para uma população já prejudgada contra nós? Não é esta a melhor maneira de dar razão a quem chama o Anticristo?

Um ordenança sela seu cavalo e o claro se encheu de ordens, deslocamentos. As companhias partem, em direções distintas.

— Começam a aparecer os cúmplices importantes — diz Moreira César, esquecendo de repente a violação— Sim, senhores. Sabem quem é fornecedor de Canudos? O pároco de Cumbe, um tal Padre Joaquim. O hábito, um salvo-conduto ideal, um abre-portas, uma imunidade. Um sacerdote católico, senhores!

Sua expressão é mais satisfeita que colérica.

Os circenses avançavam entre macambiras e cascalho, alternando-se para puxar a carroça. A paisagem se secou e às vezes realizavam longas jornadas sem nada que meter à boca. Do Sítio das Flores, começaram a encontrar peregrinos que foram à Canudos, gente mais miserável que eles mesmos, com todos os seus pertences nas costas e que, freqüentemente, arrastavam inválidos. Onde podiam, a Barbuda, o Idiota e o Miúdo liam a sorte, cantavam romances e faziam palhaçadas, mas a gente do caminho tinha pouco que lhes dar em troca. Como corriam rumores de que em Monte Santo a Guarda Rural bahiana impedia a passagem para Canudos e arrolava a todo homem em idade de brigar, tomaram a rota mais longa de Cumbe. De vez em quando percebiam fumaças; segundo a gente, eram obra dos jagunços que assolavam a terra para que os exércitos do Cão morressem de fome. Também eles podiam ser vítimas dessa desolação. O Idiota, muito débil, tinham perdido a risada e a voz.

Atiravam da carreta por casais; o aspecto dos cinco era ruinoso, como se agüentassem grandes padecimentos. Sempre que fazia de besta de carga, o Miúdo resmungava contra a Barbuda:

— Sabemos que é loucura ir lá e estamos indo. Não há o que comer, a gente morre de fome em Canudos. — Assinalou ao Gall, com uma careta de fúria — Por que faz conta?

O Miúdo transpirava e assim, encolhido e adiantado para falar, parecia ainda menor. Que idade podia ter? Tampouco ele sabia. Já

apareciam rugas em sua cara: as pequenas corcundas das costas e o peito se pronunciaram com a fraqueza. A Barbuda olhou ao Gall:

— Porque é um homem de verdade! —exclamou— Já me cansei de andar com monstros.

O Miúdo teve um ataque de risada.

— E você o que é? —disse contorsionado pelas gargalhadas— Sim, já sei o que. Uma escrava, Barbuda. Você gosta de lhe obedecer, como antes ao Cigano.

A Barbuda, que se pôs a rir também, tratou de esbofeteá-lo, mas o Miúdo a esquivou.

— Você gosta de ser escrava — gritava — Comprou-a o dia que lhe tocou a cabeça e lhe disse que fosse uma mãe perfeita. Você acreditou, encheram-lhe os olhos de lágrimas.

Ria a gargalhadas e teve que se pôr a correr para que a Barbuda não o alcançasse. Esta lhe atirou pedras, um momento. Mas depois, o Miúdo caminhava de novo junto a ela. Suas brigas eram assim, mais pareciam um jogo ou um modo especial de comunicação.

Partiam em silêncio, sem um sistema de voltas para atirar da carreta ou descansar. Detinham-se quando algum não podia mais de fadiga, ou quando encontravam um riacho, um poço ou um lugar sombreado para as horas de mais calor. Foram, enquanto andavam, com os olhos alertas, explorando o contorno em busca de alimento, e assim tinham capturado alguma vez uma presa comestível. Mas isso era raro e tinham que contentar-se mastigando tudo o que fosse verde. Procuravam sobretudo o *imbuzeiro*, árvore que Galileo Gall tinha aprendido a apreciar: o gosto adocicado, aquoso, refrescante, de suas raízes lhe parecia um verdadeiro manjar.

Essa tarde, depois de Algodões, encontraram a um grupo de peregrinos que tinham feito um alto. Deixaram a carroça e se uniram a eles. A maioria eram vizinhos do povoado que tinham decidido partir para Canudos. Conduzia-os um apóstolo, homem já velho que levava alpargatas e uma túnica sobre as calças. Tinha um escapulário enorme e os seres que o seguiam o olhavam com veneração e acanhamento, como a alguém caído de outro mundo. Galileo Gall, agachando-se a seu lado, fez-lhe perguntas. Mas o apóstolo o olhou de longe, sem entender, e seguiu conversando com sua gente. Mais tarde, entretanto, o velho falou de Canudos, dos Livros Santos e do

anunciado pelo Conselheiro, ao que chamava mensageiro de Jesus. Ressuscitariam aos três meses e um dia, exatamente. Os do Cão, em troca, morreriam para sempre. Essa era a diferença: a da vida e da morte, a do céu e do inferno, a da condenação e da salvação. O Anticristo podia mandar soldados à Canudos: do que lhe serviria? Apodreceriam, desapareceriam. Os crentes podiam morrer, mas, três meses e um dia depois, estariam de volta, completos de corpo e purificados de alma pelo roce, com os anjos e o vapor do Bom Jesus. Gall o esquadrihava com os olhos acesos, esforçando-se por não perder uma sílaba. Em uma pausa do velho disse que as guerras ganhavam não só com fé, mas também com armas. Estava Canudos em condições de defender-se contra o Exército dos ricos? Os olhares dos peregrinos oscilaram para o que falava e voltaram para o apóstolo. Este tinha escutado, sem olhar ao Gall. Ao final da guerra já não haveria ricos ou, melhor dizendo, não se notaria, pois todos seriam ricos. Estas pedras torna-se-iam rios, essas colinas plantações férteis e o areal que era Algodões um jardim de orquídeas como as que cresciam nas alturas de Monte Santo. A cobra, a tarântula, a sucuarana seriam amigas do homem, como se fosse este não expulso do Paraíso. Para recordar estas verdades estava no mundo o Conselheiro.

Alguém, na penumbra, ficou a chorar. Sentidos, profundos, baixos, os soluços aconteceram bastante tempo. O velho voltou a falar, com uma espécie de ternura. O espírito era mais forte que a matéria. O espírito era o Bom Jesus e a matéria era o Cão. Ocorreriam os milagres tão esperados: desapareceriam a miséria, a enfermidade, a fealdade. Suas mãos tocaram ao Miúdo, agachado junto ao Galileo. Também ele seria alto e formoso, como outros. Agora se ouvia chorar a outras pessoas, contagiadas pelo pranto da primeira. O apóstolo apoiou a cabeça no corpo mais próximo e pôs-se a dormir. A gente se foi sossegando e, uns depois de outros, os peregrinos o imitaram. Os circenses retornaram à carroça. Logo se ouviu roncar ao Miúdo, quem costumava falar em sonhos.

Galileo e Jurema dormiam separados, sobre a lona da carpa que não se tornou a levantar desde o Ipuipará. A lua, redonda e lúcida, presidia um séquito de incontáveis estrelas. A noite era fresca, clara, sem rumores, com sombras de mandacarús e mangabeiras. Jurema fechou os olhos e sua respiração se fez pausada, tanto que Gall, a seu

lado, de barriga para cima, as mãos debaixo da cabeça, olhava o céu. Seria estúpido acabar neste páramo, sem ter visto Canudos. Podia ser algo primitivo, ingênuo, poluído de superstição, mas não havia dúvida: era também algo distinto. Uma cidadela libertária, sem dinheiro, sem amos, sem policiais, sem padres, sem banqueiros, sem fazendeiros, um mundo construído com a fé e o sangue dos pobres mais pobres. Se durasse, o resto viria sozinho: os prejuízos religiosos, a miragem do mais à frente, murchar-se-iam por obsoletos e imprestáveis. Estenderia o exemplo, haveria outros Canudos e quem sabe... Pôs-se a sorrir. Arranhou sua cabeça. Seus cabelos estavam crescendo, podia agarrá-los com as pontas dos dedos. Produzia-lhe ansiedade, golpes de medo, estar rapado. Por que? Foi aquela vez, em Barcelona, quando o curavam para lhe dar pau. O pavilhão da enfermaria, os loucos da prisão. Estavam rapados e levavam camisas de força. Os cidadãos eram presos comuns; comiam-se as rações dos doentes, golpeavam-os sem misericórdia e gozavam-lhes dando banhos de água geada, com mangueiras. Esse era o fantasma que ressuscitava cada vez que um espelho, arroio ou poço de água lhe mostrava sua cabeça: o desses dementes a quem carcereiros e médicos suplicavam. Tinha escrito nessa época um artigo do que se orgulhou: “Contra a opressão da enfermidade”. A revolução não só arrancaria ao homem do jugo do capital e da religião, mas também dos prejuízos que rodeavam às enfermidades na sociedade classista: o doente, sobretudo o alienado, era uma vítima social não menos sofrida e desprezada que o operário, o camponês, a prostituta e a faxineira. Não disse o velho santo fazia um momento, acreditando falar de Deus quando em realidade falava da liberdade, que em Canudos desapareceriam a miséria, a enfermidade, a fealdade? Não era esse acaso o ideal revolucionário? Jurema tinha os olhos abertos e o observava. Estava pensando em alta voz?

— Daria tudo para estar com eles quando derrotaram ao Febrônio de Brito —sussurrou, como se dissesse palavras de amor— Passei a vida lutando e só vi traições, divisões e derrotas em nosso campo. Gostaria de ver uma vitória, embora fosse uma vez. Saber o que se sente, como é, como cheira nossa vitória.

Viu que Jurema lhe olhava, como outras vezes, distante e intrigada. Estavam a milímetros um do outro, mas não se tocavam. O Miúdo tinha começado a desvairar, brandamente.

—Você não me entende, eu tampouco a entendo —disse Gall— Por que não me matou quando estava inconsciente? Por que não convenceu aos capangas que levassem minha cabeça em vez de meus cabelos? Por que está comigo? Você não crê nas coisas que eu acredito.

— Ao que lhe toca matar é ao Rufino —sussurrou Jurema, sem ódio, como explicando algo muito simples— Matando-lhe lhe teria feito mais danos que o que você lhe fez.

“Isso é o que não entendo”, pensou Gall. Tinham falado outras vezes do mesmo e sempre ficava ele em trevas. A honra, a vingança, essa religião tão rigorosa, esses códigos de conduta tão pontilhados, como explicar-lhe neste fim do mundo entre gente que não tinha mais que os farrapos e os piolhos que levar em cima? A honra, o juramento, a palavra, esses luxos e jogos de ricos, de ociosos e parasitas, como entendê-los aqui? Recordou que, em Queimadas, da janela de seu quarto na Pensão Nossa Senhora das Graças, tinha escutado um dia de feira a um cantor ambulante narrar uma história que, embora distorcida, era uma lenda medieval que tinha lido de menino e visto de jovem transformada em comédia romântica: Roberto, o Diabo. Como tinha chegado até aqui? O mundo era mais imprevisível do que parecia.

— Tampouco entendo aos capangas que levaram meus cabelos — murmurou— A esse Caifás, quero dizer, me deixar vivo para não privar a seu amigo do prazer de uma vingança? Isso não é de camponês, mas sim de aristocrata.

Outras vezes, Jurema tinha tratado de explicar-lhe, mas esta noite permaneceu calada. Talvez estava já convencida de que o forasteiro nunca entenderia estas coisas.

À manhã seguinte, reataram a marcha, adiantando-se aos peregrinos de Algodões. Tomou um dia cruzar a Serra da França, e ao anoitecer estavam tão fatigados e famintos que se desmoronaram. O Idiota se deprimiu um par de vezes durante a marcha e a segunda permaneceu tão pálido e quieto que acreditaram morto. O entardecer os recompensou das penalidades da jornada com um poço de água esverdeada. Beberam, apartando as ervas, e a Barbuda aproximou do Idiota a terrina de suas mãos e refrescou à cobra, lhe salpicando gotas de água. O animal não padecia privações, pois sempre havia

rosinhas ou algum verme para alimentá-lo. Uma vez que saciaram a sede, arrancaram raízes, caules, folhas, e o Miúdo colocou armadilhas. A brisa que corria era um bálsamo depois do terrível calor de todo o dia. A Barbuda se sentou junto ao Idiota e lhe fez apoiar a cabeça em seus joelhos. O destino do Idiota, da cobra e da carreta a preocupavam tanto como o seu; parecia acreditar que sua sobrevivência dependia de sua capacidade de proteger a essa pessoa, animal e coisa que eram seu mundo.

Gall, Jurema e o Miúdo mastigavam devagar, sem alegria, cuspendo os raminhos e raízes uma vez que lhes extraíam o suco. Aos pés do revolucionário havia uma forma dura, meio caveira. Sim, era uma caveira, amarelada e rota. No tempo que levava nos sertões tinha visto ossos humanos ao longo dos caminhos. Alguém lhe contou que certos sertanejos desenterravam a seus inimigos e os deixavam à intempérie, como pasto dos predadores, pois acreditavam mandar assim suas almas ao inferno. Examinou a caveira, em um sentido e em outro.

—Para meu pai as cabeças eram livros, espelhos —disse, com nostalgia— O que pensaria se soubesse que estou neste lugar, neste estado? A última vez que o vi, eu tinha dezesseis anos. Decepcionei-o lhe dizendo que a ação era mais importante que a ciência. Foi um rebelde, a sua maneira. Os médicos se burlavam dele, chamavam-no bruxo.

O Miúdo o olhava, tratando de compreender, igual a Jurema. Gall seguiu mastigando e cuspendo, pensativo.

—Por que veio? —murmurou o Miúdo— Não se assusta morrer fora de sua pátria? Aqui não tem família, amigos, ninguém se lembrará de você.

—Vocês são minha família —disse Gall— E também os jagunços.

—Não é santo, não reza, não falas de Deus —disse o Miúdo— Por que essa teima com Canudos?

—Eu não poderia viver entre outra gente —disse Jurema— Não ter pátria é ser órfão.

—Um dia desaparecerá a palavra pátria —replicou imediatamente Galileo— A gente olhará para trás, para nós, encerrados em fronteiras, matando-nos por raias nos mapas, e dirão: que estúpidos foram.

O Miúdo e Jurema se olharam e Gall sentiu que pensavam que o estúpido era ele. Mastigavam e cuspiam, fazendo às vezes ascos.

—Você crê o que disse o apóstolo de Algodões? —perguntou o Miúdo— Que um dia haverá um mundo sem maldade, sem enfermidades...

—E sem fealdade —acrescentou Gall. Assentiu, várias vezes — Acredito nisso como outros em Deus. Faz tempo que muitos se fazem matar para que seja possível. Por isso tenho a teima de Canudos. Lá, no pior dos casos, morrerei por algo que vale a pena.

— Mata-lo-á Rufino —balbuciou Jurema, olhando o chão. Sua voz se animou — Crê que esqueceu a ofensa? Está-nos procurando e, cedo ou tarde, se vingará.

Gall a agarrou do braço.

—Segue comigo para ver essa vingança, não é certo? —perguntou-lhe— Se encolheu de ombros— Tampouco Rufino poderia entender. Não quis ofendê-lo. O desejo leva tudo de encontro: a vontade, a amizade. Não depende da gente mesmo, está nos ossos, no que outros chamam a alma. — Voltou a aproximar a cara a Jurema — Não arrependo, foi... instrutivo. Era falso o que eu acreditava. O gozo não está renhido com o ideal. Não terá que envergonhar do corpo, entende? Não, não entende.

— Ou será que pode ser verdade? —interrompeu-o o Miúdo. Tinha a voz quebrada e os olhos implorantes — Dizem que fez ver os cegos, ouvir os surdos, fechado chagas de leprosos. Se lhe disser: “vim porque sei que fará o milagre”, tocar-me-á e crescerei?

Gall o olhou, desconcertado, e não encontrou nenhuma verdade ou mentira para lhe responder. Nisso a Barbuda rompeu a chorar, compadecida do Idiota: “Já não pode mais—dizia— Já nem sorri, nem se queixa, morre aos poucos cada segundo”. Ouviram-na chorar assim tempo mais, antes de dormir. Ao amanhecer, despertou uma família da Carnaíba, que lhes deu más notícias. Patrulhas da Guarda Rural e capangas de fazendeiros da região fechavam as saídas de Cumbe, em espera do Exército. A única maneira de chegar à Canudos era desviando-se para o Norte e dando um grande rodeio pelo Massacará, Angico e Rosário.

Dia e meio depois chegaram ao Santo Antonio, minúscula estação de águas termais às bordas esverdeadas de Massacará. Os circenses

estavam no povoado, anos atrás, e recordavam a afluência de gente que iam curar os males da pele nas poças borbulhantes e fedidas. Santo Antonio tinha sido também vítima pertinaz dos bandidos, que deviam roubar aos doentes. Agora parecia deserto. Não encontraram lavadeiras no rio e tampouco nas ruelas empedradas, com coqueiros, *ficus* e cacto, via-se ser vivente —humano, cão ou pássaro. Em que pese a isso, o Miúdo ficou de bom humor. Agarrou um cornetim, soprou-o lhe arrancando um som cômico e começou a apregoar a função. A Barbuda pôs-se a rir e até o Idiota, em que pese a sua debilidade, queria apurar à carroça, com os ombros, as mãos, a cabeça; tinha a boca entreaberta e fios de saliva. Por fim, divisaram um velho território, que sujeitava uma moça a uma porta. Olhou-os como se não os visse mas quando a Barbuda lhe mandou um beijo, sorriu.

Os circenses instalaram a carreta em uma praça com trepadeiras; começavam a abrir janelas, portas, a aparecer caras atraídas pelo cornetim. O Miúdo, a Barbuda e o Idiota revolviam trapos e artefatos e um momento depois estavam borrando-se, sujando-se, agasalhando-se, e apareciam em suas mãos os vestígios de um objeto de cenário extinto: a jaula da cobra, aros, varinhas mágicas, um acordeão de papel. O Miúdo soprava com fúria e rugia: “Já começa a função!” Pouco a pouco, formou-se em torno um auditório de pesadelo. Esqueletos humanos, de idade e sexo indefiníveis, a maioria com as caras, os braços e as pernas comidos por gangrenas, chagas, eczemas, grãos, saíam das casas e, vencendo uma apreensão inicial, apoiando-se um em outro, engatinhando ou arrastando-se, deviam engrossar o círculo. “Não dão a impressão de agonizantes — pensou Gall— mas sim de ter morrido faz tempo.” Todos, principalmente os meninos, pareciam muito velhos. Alguns sorriam à Barbuda, que se enrolava a cobra, beijava-a na boca e a fazia retorcer-se em seus braços. O Miúdo agarrou ao Idiota e mimou com ele o número da Barbuda e o animal: o fazia dançar, contorsionar-se, atar-se. Os vizinhos e doentes do Santo Antonio olhavam, graves ou risonhos, movendo as cabeças em sinal de aprovação e às vezes aplaudindo. Alguns se voltavam a espiar ao Gall e a Jurema, como perguntando-se a que hora atuariam. O revolucionário os observava fascinado, e Jurema tinha a cara desfigurada em uma careta de repulsão. Fazia esforços por conter-se, mas, de repente, sussurrou

que não podia vê-los, queria ir-se. Galileo não a tranqüilizou. Seus olhos se foram deslumbrando e estava intimamente revoltado. A saúde era egoísta, igual ao amor, igual à riqueza e o poder: enclausurava-o a um em si mesmo, abolia aos outros. Sim, era preferível não ter nada, não amar, mas como renunciar à saúde para ser solidário dos irmãos doentes? Havia tantos problemas, a hidra tinha tantas cabeças, a iniquidade aparecia por onde se voltasse a vista. Adivinhou o asco e o temor de Jurema e a agarrou pelo braço:

—Olha-os, olha-os —disse com febre, com indignação— Olha às mulheres. Eram jovens, fortes, bonitas. Quem as tornou assim? Deus? Os canalhas, os malvados, os ricos, os sãos, os egoístas, os poderosos.

Tinha uma expressão exaltada, enfurecida e, soltando a Jurema, avançou até o centro do círculo, sem dar-se conta que o Miúdo tinha começado a contar a singular história da Princesa Magalona, filha do Rei de Napóles. Os espectadores viram que o homem de penugem e barba avermelhada, calças rotas e cicatriz no pescoço, ficava a acionar:

—Não percam o valor, irmãos, não sucumbam ao desespero. Não estão apodrecendo-os em vida porque o tenha decidido um fantasma escondido depois das nuvens, mas sim porque a sociedade está mal feita. Estão assim porque não comem, porque não têm médicos nem remédios, porque ninguém se ocupa de vocês, porque são pobres. Seu mal se chama injustiça, abuso, exploração. Não lhes resignem, irmãos. Do fundo de sua desgraça, lhes rebele, como seus irmãos de Canudos. Ocupem as terras, as casas, dá procuração dos bens daqueles que se apoderaram de sua juventude, que lhes roubaram sua saúde, sua humanidade...

A Barbuda não o deixou continuar. Congestionada de ira o remexeu, repreendendo-o:

—Estúpido! Estúpido! Ninguém o entende! Está pondo-os tristes, está os aborrecendo, não nos darão de comer! Toque-lhes as cabeças, lhes diga o futuro, algo que os alegre!

O Beato, os olhos ainda fechados, ouviu cantar o galo e pensou: “Louvado seja o Bom Jesus”. Sem mover-se, rezou e pediu ao Pai força para a jornada. Seu corpo miúdo suportava mal a intensa atividade; nos últimos dias, com o aumento de peregrinos, alguns momentos tinha vertigens. Nas noites, quando se tornava sobre o colchonete, atrás do altar da capela do Santo Antonio, a dor nos ossos e músculos lhe impedia de descansar; permanecia às vezes horas, com os dentes apertados, antes de que o sonho o liberasse desse suplício secreto. Porque o Beato, embora débil, tinha um espírito bastante forte para que ninguém notasse as fraquezas de sua carne, nessa cidade em que exercia as funções espirituais mais altas, depois do Conselheiro.

Abriu os olhos. O galo voltou a cantar e a madrugada apontava pela clarabóia. Dormia com a túnica que Maria Quadrado e as devotas do Coro haviam cerzido inumeráveis vezes. Calçou as alpargatas, beijou o escapulário e o pingente que levava no peito e se acomodou na cintura o oxidado cilício que lhe tinha cedido o Conselheiro quando era ainda um menino, lá em Pombal. Enrolou o colchonete e foi despertar ao chaveiro e mordomo, que dormia à entrada da Igreja. Era um velho de Chorrochó; ao abrir os olhos, murmurou: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. “Louvado seja”, repôs o Beato. Alcançou-lhe o látego com o que cada manhã oferecia sacrifício de dor ao Pai. O ancião agarrou o látego —o Beato se ajoelhou — e lhe deu dez açoites, nas costas e as nádegas, com toda a força de seus braços. Recebeu-os sem um gemido. Logo, voltaram a fazer o sinal da cruz. Assim iniciavam as tarefas do dia.

Enquanto o chaveiro foi assear o altar, o Beato foi à porta e, ao aproximar-se, sentiu os romeiros chegados a Belo Monte de noite, que os homens da Guarda Católica teriam vigiados esperando que ele decidisse se podiam permanecer ou eram indignos. O medo a equivocar-se, rechaçando a um bom cristão ou admitindo a alguém cuja presença ocasionasse dano ao Conselheiro, rasgava seu coração, era algo pelo que pedia ajuda com angústia ao Pai. Abriu a porta e ouviu um rumor e viu as dezenas de seres que acampavam frente ao portão. Havia entre eles membros da Guarda Católica, com braceletes ou lenços azuis e carabinas, que fizeram coro: “Louvado seja o Bom Jesus”. “Louvado seja”, murmurou o Beato. Os romeiros faziam o sinal da cruz, os que não eram entrevados ou doentes

ficavam de pé. Em seus olhos havia fome e felicidade. O Beato calculou ao menos cinquenta.

—Bem-vindos a Belo Monte, terra do Pai e do Bom Jesus — salmodiou — Duas coisas pede o Conselheiro aos que vêm, escutando o chamado: fé e verdade. Ninguém que seja incrédulo ou que minta se hospedará nesta terra do Senhor.

Disse à Guarda Católica que começasse a fazê-los passar. Antes, conversava com cada peregrino a sós; agora tinha que fazer por grupos. O Conselheiro não queria que ninguém o ajudasse; “Você é a porta, Beato”, respondia, cada vez que lhe rogava compartilhar esta função.

Entraram um cego, sua filha e seu marido e dois filhos destes. Vinham de Quererá e a viagem lhes tinha tomado um mês. No trajeto morreu a mãe do marido e dois filhos gêmeos do casal. Enterraram-nos de forma cristã? Sim, em gavetas e com responso. Enquanto o ancião de pálpebras presas lhe referia a viagem, o Beato os observou. Dizia-se que eram uma família unida, onde se respeitava aos maiores, pois os quatro escutavam ao cego sem interrompê-lo, assentindo em apoio do que dizia. As cinco caras mostravam essa mescla de fadiga que davam a fome e o sofrimento físico e de regozijo da alma que invadia aos peregrinos ao pisar em Belo Monte. Sentindo o roce do anjo, o Beato decidiu que eram bem-vindos. Ainda perguntou se nenhum tinha servido ao Anticristo. Logo depois de tomar juramento de não ser republicanos, nem aceitar a expulsão do Imperador, nem a separação da Igreja e do Estado, nem o matrimônio civil, nem os novos pesos e medidas nem as perguntas do censo, abraçou-os e enviou com alguém da Guarda Católica de Antonio Vilanova. Na porta, a mulher murmurou algo ao ouvido do cego. Este, temeroso, perguntou quando veriam o Bom Jesus Conselheiro. Havia tanta ansiedade na família enquanto esperava sua resposta, que o Beato pensou: “São escolhidos”. Veriam nesta tarde, no Templo; ouviriam-no dar conselhos e lhes dizer que o Pai estava ditoso de recebê-los no rebanho. Viu-os partir, aturdidos de gozo. Era purificadora a presença da graça neste mundo condenado à perdição. Esses vizinhos —o Beato sabia — tinham esquecido já seus três mortos e as penalidades e sentiam que a vida valia a pena de ser vivida. Agora Antonio Vilanova os apontaria em seus livros,

mandaria o cego a uma Casa de Saúde, à mulher a ajudar às Sardelinhas e ao marido e aos meninos a trabalhar como abacateiros.

Enquanto escutava a outro casal —a mulher tinha um vulto nas mãos— o Beato pensou no Antonio Vilanova. Era um homem de fé, um eleito, uma ovelha do Pai. Ele e seu irmão eram gente instruída, tinham tido negócios, ganhos, dinheiro; poderiam dedicar sua vida a entesourar e a ter casas, terras, serventes. Mas tinham preferido compartilhar com seus irmãos-humildes a servidão de Deus. Não era mercê do Pai ter aqui a alguém como Antonio Vilanova, cuja sabedoria solucionava tantos problemas? Acabava, por exemplo, de organizar a partilha da água. Recolhia-se de Vassa Barris e das aguadas da Fazenda Velha e se distribuía gratuitamente. Os abacateiros eram peregrinos recém chegados; assim, foram sendo conhecidos, sentiam-se úteis ao Conselheiro e ao Bom Jesus e as pessoas lhes davam de comer.

O Beato compreendeu, pela gíria do homem, que o vulto era uma menina recém-nascida, morta a véspera, quando baixavam a Serra da Canabrava. Levantou o pedaço de tecido e observou: o cadáver estava rígido, cor de pergaminho. Explicou à mulher que era favor do céu que sua filha tivesse morrido no único pedaço de terra que permanecia a salvo do Demônio. Não a tinham batizado e o fez, chamando-a Maria Eufrasia e rogando ao Pai que levasse essa alma a Sua glória. Tomou juramento ao casal e os mandou onde os Vilanova, para que sua filha fosse enterrada. Pela escassez de madeira, os enterros se converteram em um problema de Belo Monte. Percorreu-o um calafrio. Era o que mais temia: seu corpo sepultado em uma fossa, sem nada que o cobrisse.

Enquanto entrevistava a novos romeiros, entraram umas devotas do Coro Sagrado a arrumar a capela e Alexandrinha Correia lhe trouxe um jarro de barro com um recado da Maria Quadrado: “Para que você coma sozinho”. Porque a Mãe dos Homens sabia que dava de presente suas rações aos famintos. De uma vez que escutava aos peregrinos, o Beato agradeceu a Deus lhe haver dado suficiente fortaleza de alma para não sofrer fome nem sede. Uns sorvos, um bocado lhe bastavam; nem sequer durante a peregrinação pelo deserto tinha padecido como outros irmãos as torturas da falta de comida. Por isso, só o Conselheiro tinha devotado mais jejuns que ele

ao Bom Jesus. Alexandrinha Correia lhe disse também que João Abade, João Grande e Antonio Vilanova o esperavam no Santuário.

Esteve ainda perto de duas horas recebendo peregrinos e só proibiu ficar a um comerciante em grãos do Pedrinhas, que tinha sido coletor de impostos. Aos ex-soldados, pistoleiros e fornecedores do Exército, o Beato não os rechaçava. Mas os cobradores de impostos deviam partir e não voltar, sob ameaça de morte. Levaram à exaustão ao pobre, tinham-lhe rematado suas colheitas, roubado seus animais, eram implacáveis em sua cobiça: podiam ser o verme que corrompe a fruta. O Beato explicou ao homem do Pedrinhas que, para obter a misericórdia do céu, devia lutar contra o Cão, longe, por sua conta e risco. Logo depois de dizer aos romeiros do descampado que o esperassem, dirigiu-se ao Santuário. Era meio manhã, o sol fazia reverberar as pedras. Muitas pessoas tentaram detê-lo, mas ele lhes explicou com gestos que tinha pressa. Ia escoltado por gente da Guarda Católica. Ao princípio, tinha rechaçado a escolta, mas agora compreendia que era indispensável. Sem esses irmãos, cruzar os poucos metros entre a capela e o Santuário tomaria horas, pela gente que o acoitava com pedidos e consultas. Ia pensando que entre os peregrinos dessa manhã havia alguns vindos de Alagoas e Ceará. Não era extraordinário? A multidão aglomerada ao redor do Santuário era tão compacta — gente de toda idade estirando as cabeças para a portinha de madeira onde, em algum momento do dia, apareceria o Conselheiro — que ele e os quatro da Guarda Católica ficaram atolados. Agitaram então seus trapos azuis e seus companheiros que cuidavam do Santuário abriram uma cerca para o Beato. Enquanto, inclinado, avançava pelo beco de corpos, este disse que sem a Guarda Católica o caos teria feito presa de Belo Monte: essa fosse a porta para que o Cão entrasse.

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, disse e ouviu: “Louvado seja”. Percebeu a paz que instalava a seu redor o Conselheiro. Inclusive o ruído da rua era aqui música.

—Envergonho-me de fazê-los esperar, padre —murmurou—
Chegam cada vez mais originais e não alcanço a falar com eles nem a recordar suas caras.

—Todos têm direito a salvar-se —disse o Conselheiro— Alegre-se por eles.

—Meu coração goza vendo que cada dia são mais —disse o Beato — Minha cólera é contra mim, porque não chego a conhecê-los bem.

Sentou-se entre o João Abade e João Grande, que tinham suas carabinas sobre os joelhos. Estavam ali também, além do Antonio Vilanova seu irmão Honório, que parecia recém-chegado de viagem pelo terral que o cobria. Maria Quadrado lhe alcançou um copo de água e ele bebeu, saboreando. O Conselheiro, sentado em sua cama, permanecia ereto, envolto em sua túnica morada, e a seus pés o Leão de Natuba, o lápis e o caderno nas mãos, com sua grande cabeça apoiada nos joelhos do santo; uma mão deste se afundava nos cabelos retintos e intrincados. Mudas e imóveis, as devotas estavam agachadas contra a parede e o carneirinho branco dormia. “É o Conselheiro, o Professor, o Pimpolho, o Amado”, pensou o Beato com unção. “Somos seus filhos. Não éramos nada e ele nos converteu em apóstolos.” Sentiu uma quebra de onda de felicidade: outro roce do anjo.

Compreendeu que havia uma diferença de opiniões entre o João Abade e Antonio Vilanova. Este dizia que era oposto a que se queimasse Calumbí, como queria aquele, que Belo Monte e não o Maligno seria o prejudicado se a fazenda do Barão da Canabrava desaparecesse, pois era sua melhor fonte de abastecimentos. Expressava-se como se temesse ferir alguém ou dizer algo muito grave, em voz tão tênue que teria que esforçar os ouvidos. Que indiscutivelmente sobrenatural era a aura do Conselheiro para que um homem como Antonio Vilanova se turvasse assim diante dele, pensou o Beato. Na vida diária, o comerciante era uma força da natureza, cuja energia esmagava e cujas opiniões eram vertidas com uma convicção contagiosa. E esse vozeirão retumbante, esse trabalhador incansável, esse fornecedor de idéias, ante o Conselheiro se tornava uma criança. “Mas não está sofrendo —pensou— a não ser sentindo o bálsamo.” Disse-o ele mesmo, muitas vezes, antes, quando davam passeios conversando, depois dos conselhos. Antonio queria saber tudo sobre o Conselheiro, a história de suas peregrinações, os ensinamentos já semeados, e o Beato o instruía. Pensou com nostalgia nesses primeiros tempos de Belo Monte, na disponibilidade perdida. Podia-se meditar, rezar, conversar. Ele e o comerciante conversavam diariamente, caminhando de um extremo a outro do lugar, então pequeno e despovoado. Antonio Vilanova lhe

abriu seu coração, lhe revelando como mudara sua vida o Conselheiro. “Eu vivia agitado, com os nervos a ponto de romper-se e a sensação de que minha cabeça ia estalar. Agora, basta saber que está perto para sentir uma serenidade que nunca tive. É um bálsamo, Beato.” Já não podiam conversar, escravizados cada um por suas respectivas obrigações. Que se fizesse a vontade do Pai.

Estava tão abstraído em suas lembranças que não notou em que momento calou Antonio Vilanova. Agora, João Abade lhe respondia. As notícias eram terminantes e as tinha confirmado Pajeú: o Barão da Canabrava servia ao Anticristo, ordenava aos fazendeiros que dessem capangas, mantimentos, pistoleiros, cavalos e mulas ao Exército e Calumbí se estava convertendo em acampamento para uniformizados. Essa fazenda era a mais rica, a maior, a de melhores depósitos e podia aprovisionar dez Exércitos. Teria que arrasá-la, não deixar nada que servisse aos cães ou seria muito mais difícil defender Belo Monte quando chegassem. Ficou com a vista fixa nos lábios do Conselheiro, como Antonio Vilanova. Não havia mais que discutir: o santo saberia se Calumbí se salvava ou ardia. Em que pese a suas diferenças —o Beato os tinha visto discrepar muitas vezes — sua irmandade não sofreria quebra. Mas antes de que o Conselheiro abrisse a boca, tocaram à porta do Santuário. Eram homens armados, vinham de Cumbe. João Abade foi averiguar que notícias traziam.

Quando saiu, tomou outra vez a palavra Antonio Vilanova, mas para falar das mortes. Aumentavam, com a invasão de peregrinos, e o cemitério velho, por trás das igrejas, já não tinha espaço para muitas tumbas. Por isso, pôs gente a limpar e cercar um terreno em Tabolerinho, entre Canudos e Cambaio, para levantar um novo. Aprovava isso o Conselheiro? O santo fez um muito breve sinal de assentimento. Quando João Grande, movendo suas mãos, confuso, brilhando de suor seu cabelo crespo, contava que a Guarda Católica abria desde ontem uma trincheira com duplo parapeito de pedras que, começando à beira do Vassa Barris chegaria até a Fazenda Velha, voltou João Abade. Até o Leão de Natuba elevou sua enorme cabeça de olhos inquisitivos.

— Os soldados chegaram ao Cumbe esta madrugada. Entraram perguntando pelo Padre Joaquim, buscando-o. Parece que lhe cortaram o cangote.

O Beato ouviu um soluço, mas não olhou: sabia que era Alexandrinha Correia. Tampouco os outros a olharam, em que pese a que os soluços cresceram e ocuparam o Santuário. O Conselheiro não se moveu.

— Vamos rezar pelo Padre Joaquim —disse, por fim, com voz afetuosa— Agora está junto ao Pai. Ali nos seguirá ajudando, mais que neste mundo. Alegremo-nos por ele e por nós. A morte é festa para o justo.

O Beato, ajoelhando-se, invejou com força ao pároco de Cumbe, já a salvo do Cão, lá encima, nesse lugar privilegiado onde só sobem os mártires do Bom Jesus.

Rufino entra em Cumbe ao mesmo tempo que duas patrulhas de soldados que se conduzem como se os vizinhos fossem o inimigo. Registram as casas, golpeiam com as culatras aos que protestam, cravam uma ordenança prometendo a morte a quem oculta armas de fogo e a apregoam com rufo de tambor. Procuram o padre. Ao Rufino contam que o localizam por fim e que não têm escrúpulos em entrar na Igreja e tirar à trancos. depois de percorrer Cumbe indagando pelos circenses, Rufino se aloja em casa de um ajulejista. A família comenta os registros, os maus tratos. Impressionam-nos menos que o sacrilégio: invadir a Igreja e golpear a um ministro do Deus! Deve ser certo, pois, o que se diz: essas pessoas ímpias servem ao Cão.

Rufino sai do povoado seguro de que o forasteiro não passou por Cumbe. Encontra-se talvez em Canudos? Ou em mãos dos soldados? Está a ponto de ser apressado em uma barreira de guardas rurais que fecha a rota à Canudos. Vários o conhecem e intercedem por ele ante os outros; depois de um momento lhe permitem ir-se. Toma um atalho para o Norte e, em pouco tempo de marcha, ouve um tiro. Compreende que lhe disparam, pelo pó alvoroçado a seus pés. Atira-se ao chão, arrasta-se, localiza a seus agressores: dois guardas escondidos em uma elevação. Gritam-lhe que arrojue a carabina e a faca. Lança-se, veloz, correndo em ziguezague, para um ângulo morto. Chega ao refúgio, ileso, e dali pode distanciar-se pelo rochedo. Mas perde o rumo e quando está seguro de não ser seguido,

acha-se tão exausto que dorme como um tronco. O sol o põe na direção de Canudos. Há grupos de peregrinos que afluem de distintos lados à impreciso atalho que faz alguns anos só percorriam comboios de gado e comerciantes paupérrimos. Ao anoitecer, acampando entre romeiros, ouve um velho com furúnculos que vem do Santo Antonio, recordar uma função de circo. O coração do Rufino pulsa com força. Deixa falar com o velho sem interrompê-lo e um momento depois sabe que recuperou a pista.

Chega escuro em Santo Antonio e se senta junto a uma das poças, à beira de Massacará, a esperar a luz. A impaciência não o deixa pensar. Com o primeiro raio de sol, começa a percorrer as casinhas idênticas. A maioria estão vazias. O primeiro vizinho que encontra lhe aponta onde ir. Ingressa em um interior escuro e pestilento e se detém, até que seus olhos se acostumem à penumbra. Vão aparecendo as paredes, com raias, desenhos e um Coração do Jesus. Não há móveis, quadros, nem um acendedor, mas fica como uma reminiscência dessas coisas que levaram os ocupantes.

A mulher está no chão e se reincorpora ao vê-lo entrar. Há a seu redor trapos de cores uma cesta de vime e um braseiro. Tem, em sua saia, algo que lhe custa reconhecer. Sim, é a cabeça de um ofídio. O rastreador adverte agora a penugem que sombreia a cara e os braços da mulher. Entre ela e a parede há alguém estendido, de que vê meio corpo e os pés. Descobre a desolação que arrasa os olhos da Barbuda. Inclina-se e, em atitude respeitosa, pergunta-lhe pelo circo. Ela segue olhando-o sem vê-lo e, por fim, com desalento, alcança-lhe a cobra: pode comer-lhe. Rufino, de cócoras, explica-lhe que não quer lhe tirar a comida a não ser saber algo. A Barbuda fala do morto. Esteve agonizando aos poucos e a noite anterior expirou. Ele a escuta, assentindo. Ela se acusa, tem lances de consciência, talvez devia matar a Idília antes para lhe dar de comer. Teria-o salvado, se o pudesse? Ela mesma responde que não. A cobra e o morto compartilhavam com ela a vida do começo do circo. A memória devolve ao Rufino imagens do Cigano, do Gigante Pedrín e outros artistas que viu de menino, em Calumbí. A mulher ouviu que se não fossem enterrados em gavetas, os mortos iam ao inferno; isso a angustia. Rufino se oferece a fabricar um ataúde e cavar uma fossa para seu amigo. Pergunta o que quer, Rufino — sua voz treme — diz: O forasteiro?, repete a Barbuda, Galileo Gall? Sim, ele. Levaram-o

uns homens a cavalo, quando saíam do povoado. E fala outra vez do morto, não podia arrastá-lo, dava-lhe pena, e preferiu ficar cuidando-o. Eram soldados? Guardas rurais? Bandidos? Não sabe. Os que lhe cortaram os cabelos em Ipupiará? Não, não eram esses. Buscavam a ele? Sim, aos circenses os deixaram em paz. Partiram para Canudos? Tampouco sabe.

Rufino amortalha ao defunto com as pranchas da janela, que amarra com os trapos de cores. Coloca no ombro o duvidoso ataúde e sai, seguido pela mulher. Alguns vizinhos o guiam até o cemitério e lhe emprestam uma pá. Abre uma fossa, volta a enchê-la e permanece ali enquanto a Barbuda reza. Ao voltar para o casario, ela o agradece, efusivamente. Rufino, que esteve com o olhar perdido, pergunta-lhe: levaram também à mulher? A Barbuda pestaneja. Você é Rufino, diz. Ele assente. Conta-lhe que Jurema sabia que apareceria. Também a ela levaram? Não, foi com o Miúdo, rumo à Canudos. Um grupo de doentes e de gente sã os ouvem falar, entretidos. A fadiga que Rufino sente de repente o faz cambalear-se. Oferecem-lhe hospitalidade e ele aceita dormir na casa que ocupa a Barbuda. Dorme até a noite. Ao despertar, a mulher e um casal lhe aproximam uma tigela com uma substância espessa. Conversa com eles sobre a guerra e os transtornos do mundo. Quando o casal se vai, interroga à Barbuda sobre o Galileo e Jurema. Diz-lhe o que sabe e, também, que vai à Canudos. Não teme meter-se na boca do lobo? Mais teme ficar sozinha; lá, talvez, encontre ao Miúdo e possam seguir acompanhando-se.

À manhã seguinte, despedem-se. O rastreador parte para o Oeste, pois os vizinhos asseguram que esse rumo tomaram os capangas. Parte entre arbustos, espinhos e matagais e no meio da manhã esquivou uma patrulha de exploradores que restelava a caatinga. Freqüentemente se detém estudar os rastros. Esse dia não capturara nenhuma presa e só mastigara ervas. Passa a noite no Riacho de Varginha. A pouco de retomar a travessia, divisa o Exército do Cortapescoços, esse que está em todas as bocas. Vê brilhar as baionetas no pó, ouve o rangido das armações rodando pelo atalho.

Reata seu trote mas não entra em Zélia até obscurecer. Os vizinhos lhe contam que, além dos soldados, estiveram ali os jagunços do Pajeú. Ninguém recorda de um partido de capangas com alguém como Gall. Rufino ouve ulular ao longe os apitos de madeira que, de maneira intermitente, ressonarão toda a noite.

Entre a Zélia e Monte Santo, o terreno é plano, seco e pontudo, sem atalhos. Rufino avança temendo ver a qualquer momento uma patrulha. Encontra água e comida no meio da manhã. Mas depois, tem a sensação de não estar sozinho. Olha em torno, examina a caatinga, vai e vem: nada. Entretanto, um momento mais tarde, já não duvida: espiam-no, vários. Tenta perdê-los, troca o rumo, se oculta, corre. Inútil: são pistoleiros que sabem seu ofício e estão sempre aí, invisíveis e próximos. Resignado, marcha já sem tomar precauções, esperando que o matem. Pouco depois ouviu um bando de cabras. Por fim, avista um clarão. Antes que os homens armados vão à moça, albina, contrafeita, de olhar extraviado. Por suas roupas rasgadas, vêem-se machucados. Está distraída com um punhado de guizos e um apito de madeira, desses com que os pastores dirigem o rebanho. Os homens, uma vintena, deixam-no aproximar-se sem lhe dirigir a palavra. Seus aspectos são mais de camponeses que de cangaceiros, mas estão armados de facões, carabinas, fileiras de munições, facas, chifres com pólvora. Ao chegar Rufino, um deles se aproxima da moça, sorrindo para não assustá-la. Ela abre muito os olhos e fica imóvel. O homem, sempre tranquilizando-a com gestos, tira-lhe as campainhas e o apito e retorna onde estão seus companheiros. Rufino vê que todos eles têm pendurados guizos e apitos.

Estão sentados em círculo, comendo, um pouco apartados. Não parecem dar a menor importância a sua chegada, como se o estivessem esperando. O rastreador leva a mão ao chapéu de palha: “Boa tarde”. Alguns seguem comendo, outros movem a cabeça, e a gente murmura, com a boca cheia: “Louvado seja o Bom Jesus”. É um caboclo forçado, amarelado, com uma cicatriz que o privou quase de nariz. “É Pajeú”, pensa Rufino. “Vai matar-me.” Sente tristeza, pois morrerá sem lhe haver posto a mão na cara ao que o desonrou. Pajeú começa a interrogá-lo. Sem animosidade, sem sequer lhe pedir suas armas: de onde vem, para quem trabalha, aonde vai, o que viu. Rufino responde sem vacilar, calando-se só quando o interrompe

uma nova pergunta. Outros seguem comendo; só quando Rufino explica o que é o que busca e por que, voltam as caras e o esquadrinham, dos pés a cabeça. Pajeú lhe faz repetir quantas vezes guiou a quão volantes perseguiram cangaceiros, a ver se se contradiz. Mas como, de um princípio, Rufino optou por dizer a verdade, não se equivocou. Sabia que uma dessas volantes perseguia o Pajeú? Sim, sabia. O ex-bandido diz então que recorda a essa volante do Capitão Geraldo Macedo, o Caçabandidos, pois lhe custou muito trabalho escapar dela. “É bom pistoleiro”, diz. “Sou”, responde Rufino. “Mas seus pistoleiros são melhores. Eu não pude me liberar deles.” À pouco, das ramagens, surge uma figura sigilosa que deve dizer algo ao Pajeú; parte, com a mesma descrição fantasmagórica. Sem impacientar-se, sem perguntar qual será sua sorte, Rufino os vê terminar de comer. Os jagunços ficam de pé, enterram os carvões da fogueira, apagam os rastros de sua presença com ramos de icá. Pajeú olha-o. “Não quer se salvar?”, pergunta-lhe. “Primeiro tenho que salvar minha honra”, diz Rufino. Ninguém ri. Pajeú duvida, uns segundos. “Ao forasteiro que busca o levaram ao Calumbí, onde está o Barão da Canabrava”, murmura entre dentes. Parte imediatamente, com seus homens. Rufino recebe a moça albina, sentada no chão, e a dois urubus, na taça de um *imbuzero*, pigarreando como velhos.

Afasta-se imediatamente do claro, mas não andou meia hora quando uma paralisia se apodera de seu corpo, uma fadiga que o tomba onde está. Acorda, com a cara, pescoço e braços cheios de picadas. Pela primeira vez, desde Queimadas, sente um desgosto amargo, o convencimento de que tudo é em vão. Reemprende a marcha, em direção contrária. Mas agora, em que pese a que acesse uma zona que percorreu uma e outra vez desde que soube andar, em que sabe quais são os atalhos e onde procurar água e o melhor sítio para estender armadilhas, a jornada lhe faz interminável e todo o tempo deve lutar contra o abatimento. Frequentemente, volta para sua cabeça algo que sonhou esta tarde: a terra é uma magra crosta que, a qualquer momento, pode rachar-se e tragá-lo. Vagueia Monte Santo, sigilosamente, e dali demora menos de dez horas em chegar ao Calumbí. Não parou para descansar em toda a noite, em alguns momentos correu. Não adverte, ao atravessar a fazenda em que nasceu e passou sua infância, o estado ruinoso das

plantações, a escassez de homens, a deterioração generalizada. Cruza alguns peões que o saúdam, mas não lhes devolve as *boa tarde* nem responde suas perguntas. Nenhum lhe fecha a passagem e alguns o seguem, de longe.

No aterro que rodeia a casa grande, entre as palmeiras imperiais e os tamarindos, há homens armados, além de peões que circulam pelos estábulos, depósitos e quadras da servidão. Fumam, conversam. As janelas têm as persianas baixas. Rufino avança, devagar, atento às atitudes dos capangas. Sem ordem alguma, nem dizer-se palavra, estes saem a seu encontro. Não há gritos, ameaças, nem sequer diálogo entre eles e Rufino. Quando o rastreador chega a sua altura, sujeitam-no pelos braços. Não o golpeiam, não lhe tiram sua carabina nem seu facão nem sua faca e evitam ser bruscos. Limitam-se a lhe impedir de avançar. De uma vez, aplaudem-no, saúdam-no, aconselham-lhe que não seja teimoso e entenda as razões. O rastreador tem a cara empapada. Tampouco os golpeia, mas trata de escapar. Quando se desprende de dois e dá um passo já há outros dois, obrigando-o a retroceder. Tira e afrouxa segue assim, um bom momento. Por fim, Rufino deixa de lutar e baixa a cabeça. Os homens o soltam. Olha a fachada de dois andares, o teto de telhas, a janela que é o despacho do Barão. Dá um passo e no ato se reconstitui a barreira de homens. Abre-se a porta da casa grande e sai alguém que conhece: Aristarco, o capataz, que manda nos capangas.

—Se quer vê-lo, o Barão lhe recebe agora mesmo—diz-lhe, com amizade. O peito do Rufino cresce e decresce:

— Vai me entregar ao forasteiro?

Aristarco nega com a cabeça:

— Vai entregá-lo ao Exército. O Exército o vingará.

—Esse tipo é meu —murmura Rufino— O Barão sabe isso.

—Não é para si, não lhe vai entregar —repete Aristarco— Quer que ele lhe explique isso?

Rufino, lívido, diz que não. Incharam-lhe as veias da frente e do pescoço, está exagerado e sua.

— Diga ao Barão que já não é meu padrinho—articula sua voz rachada— E diga-lhe que estou indo matar a quem me roubou.

Cospe, dá meia volta e se afasta, por onde veio.

Pela janela do despacho, o Barão da Canabrava e Galileo Gall viram partir para o Rufino e retornar aos sítios que ocupavam os guardiães e peões. Galileo estava asseado, tinham-lhe dado uma blusa e uma calça em melhor estado que os que tinha. O Barão retornou a seu escritório, sob uma pilha de facas e chicotes. Havia uma taça de café, fumegando, e ele bebeu um gole, com o olhar distraído. Depois, voltou a examinar ao Gall como um entomólogo fascinado por uma espécie estranha. Assim o olhava desde que o viu entrar, extenuado e faminto, entre o Aristarco e seus capangas, e, mais ainda, desde que o ouviu falar.

— Mandou matar ao Rufino? —perguntou Galileo, em inglês— Se insistisse em entrar, se ficasse insolente? Sim, estou seguro, mandava-o matar.

—Não se mata aos mortos, senhor Gall —disse o Barão— Rufino está morto. Você matou-o, quando roubou a Jurema. Mandando-o matar lhe faria um favor, o liberaria da angústia da desonra. Não existe pior suplício para um sertanejo.

Abriu uma caixa de tabacos e, enquanto acendia um, imaginou um titular do *Jornal de Notícias*: “Agente inglês guiado por esbirro do Barão”. Estava bem pensado que Rufino lhe servisse de pistoleiro: que melhor prova de cumplicidade com ele?

—Quão único não entendia era do que se valeu Epaminondas para atrair ao sertão ao suposto agente —disse, movendo os dedos como se os tivesse tidos cãibras— Não me passou pela cabeça que o céu o favorecesse pondo em suas mãos a um idealista. Raça curiosa, a dos idealistas. Não conhecia nenhum e agora, com poucos dias de diferença, tratei a dois. O outro é o Coronel Moreira César. Sim, é também um sonhador. Embora seus sonhos não coincidam com os seus...

Interrompeu-os uma viva agitação no exterior. Foi à janela e, através dos quadradinhos do ralo metálico, viu que não era Rufino, de volta, a não ser quatro homens com carabinas, aos que rodeavam Aristarco e os capangas. “É Pajeú, o de Canudos”, ouviu dizer ao Gall, esse homem que nem ele mesmo sabia se era um prisioneiro ou seu hóspede. Examinou aos recém chegados. Três permaneciam mudos, enquanto o quarto falava com o Aristarco. Era caboclo, baixo,

maciço, já não jovem, com a pele como couro de vaca. Uma cicatriz seccionava sua cara: sim, podia ser Pajeú. Aristarco assentiu várias vezes e o Barão o viu vir para a casa.

—Este é um dia de acontecimentos —murmurou, chupando seu tabaco. Aristarco trazia a cara impenetrável de sempre, mas o Barão adivinhou o alarme que o habitava.

—Pajeú —disse, laconicamente — Quer falar com você.

O Barão, em vez de responder, voltou-se para o Gall:

—Rogo-lhe que se retire agora. Vê-lo-ei na hora do jantar. Comemos cedo, aqui no campo. Às seis.

Quando saiu, perguntou ao capataz se só tinham vindo esses quatro. Não, nos arredores havia pelo menos meia centena de jagunços. Seguro que o caboclo era Pajeú? Sim, era-o.

—O que ocorre se atacarem Calumbí? —disse o Barão— Podemos resistir?

—Podemos nos fazer matar —replicou o capanga, como se antes deu-se a si mesmo essa resposta— De muitos dos homens, já não confio. Também podem ir à Canudos a qualquer momento.

O Barão suspirou.

— Traga-o —disse— Quero que atire à entrevista.

Aristarco saiu e um momento depois estava de volta, com o recém-chegado. O homem de Canudos tirou o chapéu ao mesmo tempo que se detinha, a um metro do dono da casa. O Barão tratou de identificar nesses olhinhos pertinazes, nessas facções curtidas, as maldades e crimes que lhe atribuía. A feroz cicatriz, que podia ser de bala, faca ou garra, rememorava a violência de sua vida. Pelo resto, poderia ser tomado por um morador. Mas estes, quando olhavam ao Barão, estavam acostumados a pestanejar, baixar os olhos. Pajeú sustentava seu olhar, sem humildade.

—Você é Pajeú? — perguntou, por fim.

—Sou —assentiu o homem. Aristarco permanecia atrás dele, como uma estátua.

—Fez tantos estragos nesta terra como a seca —disse o Barão— Com seus roubos, suas matanças, suas pilhagens.

—Foram outros tempos —repôs Pajeú, sem ressentimento, com uma recôndita comiseração— Em minha vida pecou os que terei que dar conta. Agora já não sirvo ao Cão a não ser ao Pai.

O Barão reconheceu esse tom: era o dos pregadores capuchinhos das Santas Missões, o dos santos ambulantes que chegavam a Monte Santo, o de Moreira César, o de Galileo Gall. O tom da segurança absoluta, pensou, o dos que nunca duvidam. E, pela primeira vez, sentiu curiosidade por ouvir o Conselheiro, esse sujeito capaz de converter a um trapaceiro em fanático.

—A que veio?

—A queimar Calumbí —disse a voz sem inflexões.

—A queimar Calumbí? —O estupor trocou a expressão, a voz, a postura do Barão.

—A purifica-la —replicou o caboclo, devagar— Depois de tanto suar, esta terra merece descanso.

Aristarco não se moveu e o Barão, que tinha recuperado o aprumo, esquadrinhava ao ex-cangaceiro como, em épocas mais tranqüilas, costumava fazê-lo com as mariposas e as plantas de seu herbário, ajudado por uma lente de aumento. Sentiu, de repente, o desejo de penetrar na intimidade do homem, de conhecer as secretas raízes disso que dizia. E, ao mesmo tempo, imaginava a Sebastiana, escovando os claros cabelos de Estela em meio de um círculo de chamas. Ficou pálido.

—Não se dá conta o infeliz do Conselheiro do que está fazendo? —Fazia esforços por conter a indignação— Não vê que as fazendas queimadas significam fome e morte para centenas de famílias? Não se dá conta de que essas loucuras trouxeram já a guerra a Bahia?

—Está na Bíblia —explicou Pajeú, sem alterar-se— Virá a República, o Cortapescoços, haverá um cataclismo. Mas os pobres se salvarão, graças a Belo Monte.

—Tem lido você a Bíblia, sequer? —murmurou o Barão.

—Tem-na lido ele —disse o caboclo— Você e sua família podem ir-se. O Cortapescoços esteve aqui e levou pistoleiros, cabeças de gado. Calumbí está maldita, passou-se ao Cão.

—Não permitirei que penhore a fazenda —disse o Barão— Não só por mim. Mas sim por centenas de pessoas para as que esta terra

representa a sobrevivência.

—O Bom Jesus se ocupará delas melhor que você —disse Pajeú. Era evidente que não queria ser ofensivo; falava esforçando-se por mostrar-se respeitoso; parecia desconcertado pela incapacidade do Barão para aceitar as verdades mais óbvias— Quando você partir, todos irão à Belo Monte.

—Por que então, Moreira César terá desaparecido —disse o Barão — Não compreende que as escopetas e as facas não podem resistir a um Exército?

Não, nunca compreenderia. Era em vão tratar de raciocinar com ele, como com o Moreira César ou com o Gall. O Barão teve um estremecimento; era como se o mundo tivesse perdido a razão e só crenças cegas, irracionais, governassem a vida.

—Para isto lhes mandou comida, animais, carregamentos de grãos? —disse— O compromisso do Antonio Vilanova era que vocês não tocariam Calumbí nem incomodariam a minha gente. Assim cumpre sua palavra o Conselheiro?

—Ele tem que obedecer ao Pai —explicou Pajeú.

—Ou sera que foi Deus quem ordenou que queime minha casa —murmurou o Barão.

—O Pai —corrigiu o caboclo, com vivacidade, para evitar um muito grave mal-entendido— O Conselheiro não quer que faça mal a você nem a sua família. Podem ir-se todos os que queiram.

—Muito amável de sua parte —replicou o Barão, com sarcasmo— Não deixarei que queime esta casa. Não irei.

Uma sombra velou os olhos do caboclo e a cicatriz de sua cara se crispou.

—Se você não se for, terei que atacar e matar a gente que pode salvar-se —explicou, com desgosto — Materei você e a sua família. Não quero que essas mortes caiam sobre minha alma. Além disso, quase não haveria briga. —Assinalou com a mão, atrás — Pergunte ao Aristarco.

Esperou, implorando com o olhar uma resposta tranqüilizadora.

—Pode me dar uma semana? —murmurou ao fim o Barão— Não posso partir...

—Um dia —o interrompeu Pajeú— Pode levá-lo se quer. Não posso esperar mais. O Cão está indo a Belo Monte e tenho que estar lá, eu também. — Colocou o chapéu, deu meia volta e, de costas, a modo de despedida, acrescentou ao cruzar a soleira seguida pelo Aristarco — Louvado seja o Bom Jesus.

O Barão advertiu que lhe tinha apagado o tabaco. Arrojou a cinza, acendeu-o e enquanto dava uma baforada, calculou que não tinha possibilidade alguma de pedir ajuda ao Moreira César antes de que se cumprisse o prazo. Então, com fatalismo—ele também era, afinal de contas, um sertanejo — se perguntou como tomaria Estela a destruição desta casa e esta terra tão ligada à suas vidas.

Meia hora depois estava no refeitório, com Estela a sua direita e Galileo Gall a sua esquerda, sentados os três nas cadeiras “austríacas” de altos encostos. Ainda não escurecia, mas os criados acendiam os lampiões. O Barão observou ao Gall: levava-se as colheradas à boca com relutância e tinha a expressão atormentada de costume. Havia-lhe dito que, se queria estirar as pernas, podia sair ao exterior, mas Gall, salvo os momentos que passava conversando com ele, permanecia em seu quarto —o mesmo que tinha ocupado Moreira César — escrevendo. O Barão lhe tinha pedido um testemunho de tudo o que tinha ocorrido desde sua entrevista com o Epaminondas Gonçalves. “Em troca disso recuperarei a liberdade?”, tinha-lhe perguntado Gall. O Barão negou com a cabeça: “Você é a melhor arma que tenho contra meus inimigos”. O revolucionário tinha permanecido mudo e o Barão duvidava que estivesse escrevendo essa confissão. O que era então o que podia rabiscar, dia e noite? Sentiu curiosidade, em meio de seu desgosto.

—Um idealista? —surpreendeu-o a voz de Gall— Um homem do que se dizem tantas atrocidades?

Compreendeu que o escocês, sem acautelá-lo, retomava a conversação de seu escritório.

—Parece-lhe estranho que o Coronel seja um idealista? —repôs, em inglês— O é, sem dúvida alguma. Não lhe interessam o dinheiro, nem as honras e acaso nem sequer o poder para ele. Movem-no coisas abstratas: um nacionalismo doentio, a idolatria do progresso técnico, a crença de que só o Exército pode pôr ordem e salvar a este

país do caos e da corrupção. Um idealista à maneira do Robespierre...

Calou, enquanto um servente recolhia os pratos. Brincou com o guardanapo, distraído, pensando que a noite próxima tudo o que o rodeava seria escombros e cinzas. Desejou um instante que ocorresse um milagre, que o Exército de seu inimigo Moreira César se apresentasse em Calumbí e impedisse esse crime.

—Como ocorre com muitos idealistas, é implacável quando quer materializar seus sonhos —acrescentou, sem que sua cara mostrasse o que sentia. Sua esposa e Gall o olhavam— Sabe você o que fez na Fortaleza do Anható Miram, quando a revolta federalista contra o Marechal Floriano? Executaram cento e oitenta e cinco pessoas. renderam-se, mas não lhe importou. Queria um castigo.

—Degolou-as —disse a Baronesa. Falava o inglês sem a desenvoltura do Barão, devagar, pronunciando com temor cada sílaba— Sabe como lhe dizem os camponeses? Cortapescoços.

O Barão soltou uma risada; olhava, sem ver o prato que acabavam de lhe servir.

—Imagine o que vai ocorrer quando esse idealista tenha a sua mercê aos insurretos monárquicos e anglófilos de Canudos —disse, em tom lúgubre— Ele sabe que não são nem o um nem o outro, mas é útil para a causa jacobina que o sejam, assim dá no mesmo. Por que faz isso? Pelo bem do Brasil, naturalmente. E crê com toda sua alma que é assim.

Tragou com dificuldade e pensou nas chamas que arrasariam Calumbí. Viu-as devorando tudo, sentiu-as crepitando.

—A esses pobres diabos de Canudos os conheço bem —disse, sentindo as mãos úmidas— São ignorantes, supersticiosos, e um enganador pode lhes fazer acreditar que chegou o fim do mundo. Mas são também gente valorosa, sofrida, com um instinto certo da dignidade. Não é absurdo? Vão ser sacrificados por monárquicos e anglófilos, eles que confundem ao Imperador Pedro II com um dos apóstolos, que não têm idéia onde está a Inglaterra e que esperam que o Rei Dom Sebastião saia do fundo do mar a defendê-los.

Voltou a levar o garfo à boca e tragou um bocado que lhe teve sabor de fuligem.

—Moreira César dizia que teremos que desconfiar dos intelectuais —acrescentou— Mais ainda dos idealistas, senhor Gall.

A voz deste chegou a seus ouvidos como se lhe falasse desde muito longe:

— Deixe-me partir para Canudos. —Tinha a expressão deslumbrada, os olhos brilhantes e parecia comovido até o tutano — Quero morrer pelo melhor que há em mim, por isso acredito, por isso lutei. Não quero acabar como um estúpido. Esses pobres diabos representam o mais digno desta terra, o sofrimento que se rebela. Apesar do abismo que nos separa, você pode me entender.

A Baronesa, com um gesto, indicou ao servente que recolhesse os pratos e saísse.

—Não lhe sirvo de nada —acrescentou Gall— Sou ingênuo, talvez, mas não fanfarrão. Isto não é uma chantagem a não ser um fato. De nada lhe valerá me entregar às autoridades, ao Exército. Não direi uma palavra. E, se fizer falta, mentirei, jurarei que fui pago por você para acusar ao Epaminondas Gonçalves de algo que não fez. Porque embora ele seja um rato e você um cavalheiro, preterirei sempre a um jacobino que a um monárquico. Somos inimigos, Barão, não o esqueça.

A Baronesa tentou ficar de pé.

—Não é necessário que vá —conteve o Barão. Escutava ao Gall mas só podia pensar no fogo que abrasaria Calumbí. Como o diria a Estela?

— Deixe-me partir para Canudos —repetiu Gall.

—Mas para que? —exclamou a Baronesa— Os jagunços o matarão, acreditando-o inimigo. Não diz você que é ateu, anarquista? O que tem que ver com Canudos?

—Os jagunços e eu coincidimos em muitas coisas, senhora, embora eles não saibam —disse Gall. Fez uma pausa e perguntou — Poderei partir?

O Barão, quase sem dar-se conta, falou com sua esposa, em português:

—Temos que ir, Estela. Vão queimar Calumbí. Não há outro remédio. Não tenho homens para resistir e não vale a pena suicidar-se. Viu que sua esposa ficava imóvel, que empalidecia muito, que

mordia os lábios. Pensou que ia se deprimir. Voltou-se para o Gall — Como vê, Estela e eu temos algo grave que tratar. Irei a seu quarto, mais tarde.

Gall se retirou imediatamente. Os donos da casa ficaram em silêncio. A Baronesa esperava, sem abrir a boca. O Barão lhe contou sua conversação com o Pajeú. Notou que ela fazia esforços por lhe parecer serena, mas apenas o conseguia: estava gasta tremendo. Sempre a quis muito, mas, nos momentos de crise, além disso, tinha-a admirado. Jamais a viu fraquejar; depois dessa aparência delicada, grácil, decorativa, havia um ser forte. Pensou que também esta vez ela seria sua melhor defesa contra a adversidade. Explicou-lhe que não poderiam levar quase nada, que deviam guardar em baús o mais valioso e enterrá-los e que, o resto, era melhor distribuí-lo entre os criados e peões.

—Não há nada a fazer? —sussurrou a Baronesa, como se algum inimigo fosse ouvi-la.

O Barão moveu a cabeça: nada.

—Na realidade, não querem nos machucar, a não ser matar ao diabo e que a terra descanse. Não se pode raciocinar com eles. — Encolheu os ombros e, como sentiu que começava a comover-se, pôs fim ao diálogo — Partiremos amanhã ao meio-dia. É o prazo que me deram.

A Baronesa assentiu. Suas feições se afiaram, havia dobras em sua frente e lhe chocavam os dentes.

—Então, terei que trabalhar toda a noite —disse, levantando-se.

O Barão a viu afastar-se e soube que, antes de nada, tinha ido contar à Sebastiana. Mandou chamar o Aristarco e discutiu com ele os preparativos da viagem. Logo, encerrou-se em seu escritório e durante tempo rompeu cadernos, papéis, cartas. O que levaria consigo cabia em duas maletas. Quando ia ao quarto de Gall comprovou que Estela e Sebastiana se puseram em ação. A casa era presa de uma atividade febril e criadas e serventes circulavam de um lado a outro, conduzindo coisas, desprendendo objetos, enchendo cestas, caixas, baús e cochichando com caras de pânico. Entrou sem chamar. Gall estava escrevendo, no velador, e ao senti-lo, com a pluma ainda na mão, interrogou-o com os olhos.

—Sei que é uma loucura deixá-lo partir —disse o Barão, com meio sorriso que era em realidade uma careta— O que teria que fazer é passear por Salvador, pelo Rio, como fez com seus cabelos, com o falso cadáver, com os falsos fuzis ingleses...

Deixou a frase sem terminar, vencido pelo desânimo.

—Não se equivoque —disse Galileo. Estava muito perto do Barão e seus joelhos se tocavam— Não vou ajudar a resolver seus problemas, não serei nunca seu colaborador. Estamos em guerra e todas as armas valem.

Falava sem agressividade e o Barão o via longe: pequeno, pitoresco, inofensivo, absurdo.

—Todas as armas valem —murmurou— É a definição desta época, do século vinte que vem, senhor Gall. Não estranho que esses loucos pensem que o fim do mundo chegou.

Via tanta angústia na cara do escocês que, subitamente, sentiu compaixão por ele. Pensou: “Tudo o que deseja é morrer como um cão entre gente que não o entendem e às que não entende. Acredita que vai morrer como um herói e em realidade vai morrer como o temente: como um idiota”. O mundo inteiro lhe pareceu vítima de um mal-entendido sem remédio.

— Pode você partir — disse-lhe — Dar-lhe-ei um guia. Embora duvide que chegue à Canudos.

Viu que a cara de Gall se acendia e lhe ouviu balbuciar um agradecimento.

—Não sei por que o deixo ir —acrescentou— Tenho fascinação pelos idealistas, embora simpatia não, nenhuma. Mas talvez sim, algo, por você, pois é um homem perdido sem remédio e seu fim será resultado de um equívoco.

Mas se deu conta que Gall não o ouvia. Estava recolhendo as páginas escritas do velador. Alcançou-as:

—É um resumo do que sou, pelo que penso. —Seu olhar, suas mãos, sua pele pareciam em efervescência— Possivelmente você não seja a pessoa mais indicada para que lhe deixe isto, mas não há outra à mão. Leia-o e, depois, agradeceria se enviasse essa direção, em Lyon. É uma revista, publicam-na uns amigos. Não sei se continua

saindo... —Calou, como envergonhado de algo— A que hora posso partir?

—Agora mesmo —disse o Barão— Não preciso lhe advertir ao que se arrisca, suponho. O mais provável é que caia em mãos do Exército. E o Coronel o matará de qualquer maneira.

—Não se mata aos mortos, senhor, como você disse —repôs Gall— Recorde que já me mataram em Ipupiará...

V

O grupo de homens avança pela extensão arenosa, os olhos cravados no matagal. Nas caras há esperança, mas não na do jornalista míope, quem, desde que saíram do acampamento, pensa: “Será inútil”. Não disse uma palavra que delatasse esse derrotismo com o qual lutava desde que se racionou a água. A pouca comida não é problema para ele, eterno inapetente. Em troca, suporta mal a sede. Com frequência, descobre contando o tempo que falta para tomar o sorvo de água, segundo o rígido horário que se pôs. Talvez por isso acompanha à patrulha do Capitão Olímpio de Castro. O sensato seria aproveitar estas horas no acampamento, descansando. Esta correria, a ele, tão mau cavaleiro, fatigará e, é óbvio, aumentará sua sede. Mas não, lá no acampamento a angústia faria presa dele, enche-lo-ia de hipóteses lúgubres. Aqui, pelo menos, está obrigado a concentrar-se no esforço que significa para ele não cair de arreios. Sabe que seus óculos, suas roupas, seu corpo, seu tabuleiro, seu tinteiro, são motivo de brincadeira entre os soldados. Mas isso não lhe incomoda.

O rastreador que guia à patrulha aponta o poço. Ao jornalista lhe basta a expressão do homem para saber que o poço foi também secado pelos jagunços. Os soldados se precipitam com recipientes, empurrando-se; ouvem o ruído das latas ao se chocar contra as pedras e vê a decepção, a amargura dos homens. O que faz aqui? Por que não está em sua desordenada casinha de Salvador, entre seus livros, fumando um cachimbo de ópio, sentindo essa grande paz?

—Bom, era de esperar —murmura o Capitão Olímpio de Castro— Quantos poços ficam pelos arredores?

—Só dois para ver. —O rastreador faz um gesto cético — Não acredito que valha a pena.

—Não importa, verifique —o interrompe o Capitão— Têm que estar de volta antes de escurecer, Sargento.

O oficial e o jornalista fazem um trecho com o resto da patrulha e quando estão já longe do matagal, outra vez na extensão calcinada,

ouvem murmurar ao rastreador que se está cumprindo a profecia do Conselheiro: o Bom Jesus encerrará à Canudos em um círculo, fora do qual desapareceria a vida vegetal, animal e, por último, humana.

—Se crê isso o que faz conosco? —pergunta-lhe Olímpio de Castro. O rastreador se toca a garganta:

—Tenho mais medo ao Cortapescoços que ao Cão.

Alguns soldados riem. O Capitão e o jornalista míope se separam da patrulha. Cavalgam um momento até que o oficial, compadecido de seu companheiro, põe seu cavalo ao passo. O jornalista, aliviado, violentando seu horário, bebe um sorvo de água. Três quartos de hora depois divisam os barracos do acampamento.

Acabam de passar ao primeiro sentinela, quando os alcança a poeirada de outra patrulha, que vem do Norte. O Tenente que a comanda, muito jovem, coberto de terra, está contente.

—E? —diz Olímpio de Castro, a modo de saudação— Encontrou-o?

O Tenente o mostra, com o queixo. O jornalista míope descobre ao prisioneiro. Tem as mãos amarradas, expressão de terror e essa camisola deve ser sua batina. É baixinho, robusto, barrigudo, com mechas brancas nas têmporas. Move os olhos, em uma direção e em outra. A patrulha prossegue sua marcha, seguida pelo Capitão e o jornalista. Quando chega ante a tenda do chefe do Sétimo Regimento, dois soldados sacodem a roupa ao prisioneiro à palmadas. Sua chegada produz revôo, muitos se aproximam para observá-lo. Ao homenzinho lhe batem os dentes e olha com pânico, como temendo que o vão golpear. O Tenente o arrasta ao interior da tenda e o jornalista míope se desliza atrás deles.

—Missão cumprida, Excelência —diz o jovem oficial, chocando os calcanhares.

Moreira César se levanta de uma escrivaninha, onde está sentado entre o Coronel Tamarindo e o Major Cunha Matos. Aproxima-se e examina ao prisioneiro, com seus olhinhos frios. Sua cara não mostra emoção, mas o jornalista míope adverte que remói o lábio inferior, como sempre, que algo o impressiona.

—Bom trabalho. Tenente —diz, estirando-lhe a mão— Vá descansar agora.

O jornalista míope vê que os olhos do Coronel se posam um instante nos seus e teme que lhe ordene sair. Mas não o faz. Moreira César estuda ao prisioneiro com atenção. São quase da mesma altura, embora o oficial seja muito mais magro.

—Está você morto de medo.

—Sim, Excelência, estou—gagueja o prisioneiro. Logo que pode falar, pelo tremor— Fui maltratado. Minha condição de sacerdote...

—Não lhe impediu de ficar ao serviço dos inimigos de sua pátria — cala-o o Coronel. Dá uns passos, frente ao pároco de Cumbe, que baixou a cabeça.

—Sou um homem pacífico. Excelência —geme.

—Não, você é um inimigo da República, ao serviço da subversão restauradora e de uma potência estrangeira.

—Uma potência estrangeira? —balbucia o Padre Joaquim, com um estupor tão grande que interrompeu seu medo.

—A você não admito o álibi da superstição —acrescenta Moreira César, em voz suave, com as mãos nas costas— As frescuras do fim do mundo, do Diabo e de Deus.

As outras pessoas seguem mudas, os deslocamentos do Coronel. O jornalista míope sente no nariz o comichão que precede ao espirro e isso, não sabe por que, alarma-o.

—Seu medo me revela que está a par, senhor padre — diz Moreira, com aspereza — Com efeito , temos os meios de fazer falar com jagunço mais bravo. De maneira que não nos faça perder tempo.

—Não tenho nada que ocultar —balbucia o pároco, tremendo outra vez— Não sei se fiz bem ou mal, estou confuso...

—Acima de tudo, as cumplicidades exteriores — interrompe-o o Coronel e o jornalista míope nota que o oficial move, nervosos, os dedos enlaçados à costas— Latifundiários, políticos, assessores militares, nativos ou ingleses.

—Ingleses? —exclama o padre, exagerado— Nunca vi um estrangeiro em Canudos, só a gente mais humilde e mais pobre. Que fazendeiro nem político poria os pés entre tanta miséria. Asseguro-o, senhor. Há gente vinda de longe, certamente. De Pernambuco, do Piauí. É uma das coisas que me surpreende. Como tanta gente pôde...

— Quanta? —interrompe-lhe o Coronel e o cura escoiceia.

— Milhares —murmura— Cinco, oito mil, não sei. Os mais pobres, os mais desamparados. O diz alguém que viu muita miséria. Aqui abundam, com a seca, as epidemias. Mas lá parece que se deram entrevista, que Deus os tivesse congregado. Doentes, inválidos, todas as pessoas sem esperança, vivendo uns em cima de outros. Não era minha obrigação de sacerdote estar com eles?

—Sempre foi política da Igreja Católica estar onde acredita que está sua conveniência —diz Moreira César— Foi seu Bispo quem lhe ordenou ajudar aos revoltosos?

—E, entretanto, face à miséria, essa gente é feliz —balbucia o Padre Joaquim como se não o tivesse ouvido. Seus olhos revoam entre o Moreira César, Tamarindo e Cunha Matos— A mais feliz que vi senhor. É difícil admiti-lo, também para mim. Mas é assim, é assim. Ele deu-lhes uma tranqüilidade de espírito, uma resignação às privações, ao sofrimento, que é algo milagroso.

—Falemos das balas explosivas —diz Moreira César— Entram no corpo e arrebentam como uma granada, abrindo crateras. Os médicos não tinham visto feridas assim no Brasil. De onde saem? Algum milagre, também?

—Não sei nada de armas —balbucia o Padre Joaquim— Você não crê, mas é certo, Excelência. Juro pelo hábito que visto. Ocorre algo extraordinário lá. Essa gente vive em graça de Deus.

O Coronel olha-o com ironia. Mas, em um rincão, o jornalista míope esqueceu a sede e se acha pendente das palavras do pároco, como se o que diz fosse para ele de vida ou morte.

—Santos, justos, bíblicos, escolhidos de Deus? Isso é o que devo me tragar? —diz o Coronel - São os que queimam fazendas, assassinam e chamam Anticristo à República?

—Não me faço entender, Excelência — reclama o prisioneiro— Cometeram atos terríveis, certamente. Mas, mas...

—Mas você é seu cúmplice —murmura o Coronel— Que outros padres os ajudam?

—É difícil de explicar —baixa a cabeça o pároco de Cumbe— Ao princípio, ia rezar-lhes missa e jamais vi ardor igual, uma participação assim. Extraordinária a fé dessa gente, senhor. Não era

pecado lhes voltar as costas? Por isso continuei, face à proibição do Arcebispo. Não era pecado deixar sem sacramentos a quem acredita como não vi acreditar em ninguém? Para eles a religião é tudo na vida. Estou-lhe abrindo minha consciência. Eu sei que não sou um sacerdote digno, senhor.

O jornalista míope quis, de repente, ter consigo um tabuleiro, sua pluma, seu tinteiro, seus papéis.

—Tive uma companheira, fiz vida marital muitos anos — balbucia o padre de Cumbe— Tenho filhos, senhor.

Fica cabisbaixo, tremendo, e é seguro, pensa o jornalista míope, que não percebe a risada do Major Cunha Matos. Pensa que certamente está vermelho de rubor sob a crosta de terra que lhe mela a cara.

—Que um padre tenha filhos não me tira o sono—diz Moreira César— Sim, em troca, que a Igreja Católica esteja com os facciosos. Que outros sacerdotes ajudam à Canudos?

—E ele me deu uma lição —diz o Padre Joaquim— Ver como era capaz de viver prescindindo de tudo, consagrado ao espírito, ao mais importante. Acaso Deus, a alma, não deveriam ser o primeiro?

—O Conselheiro? —pergunta Moreira César, com sarcasmo— Um santo, sem dúvida?

—Não sei, Excelência —diz o prisioneiro— Pergunto-me isso todos os dias, desde que o vi entrar em Cumbe, faz já muitos anos. Um louco, pensava ao princípio, como a hierarquia. Vieram uns padres capuchinhos, mandados pelo Arcebispo, a averiguar. Não entenderam nada, assustaram-se, também disseram que era louco. Mas como se explica então, senhor? Essas conversões, essa serenidade de espírito, a felicidade de tantos miseráveis.

—E como se explicam os crimes, a destruição de propriedades, os ataques ao Exército? —interrompe-o o Coronel.

—Certo, certo, não têm desculpa —assente o Padre Joaquim— Mas eles não se dão conta do que fazem. Quer dizer, são crimes que cometem de boa fé. Por amor à Deus, senhor. Há uma grande confusão, sem dúvida.

Apavorado, olha ao redor, como se dissesse algo que poderia provocar uma tragédia.

—Quais inculcaram a esses infelizes que a República é o Anticristo? Quem converteu essas loucuras religiosas em um movimento militar contra o regime? Isso é o que quero saber, senhor padre. —Moreira César sobe a voz, que soa destemperada— Quem pôs essa pobre gente ao serviço de quão políticos querem restaurar a monarquia no Brasil?

—Eles não são políticos, não sabem nada de política—reclama o Padre Joaquim— Estão contra o matrimônio civil, por isso do Anticristo. São cristãos puros, senhor. Não podem entender que haja matrimônio civil quando existe um sacramento criado por Deus...

Mas emudece, depois de emitir um grunhido, porque Moreira César tirou a pistola de sua cartucheira. Desarrocha-a calmo, e aponta ao prisioneiro na têmpera. O coração do jornalista míope parece um tambor grande e as têmperas lhe doem do esforço que faz por conter o espirro.

—Não me mate! Não me mate, por mais que queira, Excelência, senhor! —Deixou-se cair de joelhos.

—Em que pese a minha advertência, faz-nos perder tempo, senhor padre —diz o Coronel.

—É verdade, levei-lhes remédios, provisões, tenho-lhes feito encargos —geme o Padre Joaquim— Também explosivos, pólvora, cartuchos de dinamite. Comprava-os para eles nas minas do Cacabú. Foi um engano, sem dúvida. Não sei, senhor, não pensei. Causa-me tanto mal-estar, tanta inveja, por essa fé, essa serenidade de espírito que nunca tive. Não me mate!

—Quais os ajudam? —pergunta o Coronel— Quais lhes dão armas, provisões, dinheiro?

—Não sei quem, não sei —choraminga o padre— Quer dizer, sim, muitos fazendeiros. É o costume, senhor, como com os bandidos, lhes dar algo para que não ataquem, para que se vão a outras terras.

—Também da fazenda do Barão de Canabrava recebem ajuda? —interrompe-o Moreira César.

—Sim, suponho que também de Calumbí, senhor. É o costume. Mas isso mudou, muitos se foram. Jamais vi a um latifundiário, a um político ou a um estrangeiro em Canudos. Só a miseráveis, senhor.

Digo-lhe tudo o que sei. Eu não sou como eles, não quero ser mártir, não me mate.

Corta-lhe a voz e rompe em pranto, encolhendo-se.

—Nessa mesa há papel —diz Moreira César— Quero um mapa detalhado de Canudos. Ruas, entradas, como está defendido o lugar.

—Sim, sim —engatinha para a escrivanhinha o Padre Joaquim— Tudo o que sei, não tenho por que lhe mentir.

Encarapita-se no assento e começa a desenhar. Moreira César, Tamarindo e Cunha Matos o rodeiam. Em seu rincão, o jornalista do *Jornal de Notícias* sente alívio. Não verá voar em pedaços a cabeça do cura. Divisa seu perfil ansioso enquanto desenha o mapa que lhe pediram. Ouve-o responder atropeladamente a perguntas sobre trincheiras, armadilhas, caminhos cortados. O jornalista míope se senta no chão e espirra, duas, três, dez vezes. A cabeça lhe revoa e volta a sentir, compulsiva, a sede. O Coronel e os outros oficiais falam com o prisioneiro sobre “ninhos de fuzileiros” e “postos de avançada” —este não parece entender bem o que são — e ele abre seu cantil e bebe um longo trago, pensando que violentou uma vez mais seu horário. Distraído, aturdido, desinteressado, ouve discutir aos oficiais sobre os confusos dados que lhes dá o pároco e ao Coronel explicar onde se instalarão as metralhadoras, os canhões, e em que forma devem desdobrar as companhias para encerrar aos jagunços em uma tenaz. Ouve-o dizer:

—Devemos lhes impedir toda possibilidade de fuga.

Terminou o interrogatório. Dois soldados entram para levar o prisioneiro. Antes de sair, Moreira César lhe diz:

—Como conhece esta terra, ajudará aos guias. E nos ajudará a identificar aos chefes, quando chegar a hora.

—Acreditei que você ia matar —diz, do chão, o jornalista míope, quando o levaram.

O Coronel olha-o como se só agora o descobrisse.

—O senhor cura nos será útil em Canudos —responde— E, além disso, convém que se saiba que a adesão da Igreja à República não é tão sincera como alguns acreditam.

O jornalista míope sai da tenda. Anoiteceu e a lua, grande e amarela, banha o acampamento. Enquanto avança para o barraco

que compartilha com o jornalista velho e friorento, a corneta anuncia o rancho. O som se repete, ao longe. Acenderam-se, aqui e lá, fogueiras, e ele passa entre grupos de soldados que vão em busca das magras rações. No barraco, encontra a seu colega, como sempre, tem seu cachecol enrolado ao pescoço. Enquanto fazem a cauda da comida, o jornalista do *Jornal de Notícias* lhe conta tudo o que viu e ouviu na tenda do Coronel. Comem, sentados em terra, conversando. O rancho é uma substância espessa, com um remoto sabor a mandioca, um pouco de farinha e dois torrões de açúcar. Dão-lhes também café que lhes tem sabor de maravilha.

—O que o impressionou tanto? —pergunta-lhe seu colega.

—Não entendemos o que acontece em Canudos —responde ele— É mais complicado, mais confuso do que acreditava.

—Bom, eu nunca acreditei que os emissários de Sua Majestade britânica estivessem nos sertões, se se referir a isso —grunhe o jornalista velho— Mas tampouco posso acreditar no conto do cura de que só há amor a Deus detrás de tudo isso. Muitos fuzis, muitos estragos, uma tática muito bem concebida para que tudo seja obra dos sebastianistas analfabetos.

O jornalista míope não diz nada. Retornam ao barraco e, imediatamente, o velho se abriga e dorme. Mas ele permanece acordado, escrevendo com seu tabuleiro portátil sobre os joelhos, à luz de um candil. Tomba-se em sua manta quando ouviu o toque de silêncio. Imagina a quão soldados dormem à intempérie, vestidos, ao pé de seus fuzis, alinhados de quatro, e aos cavalos, em seu curral, junto às peças de artilharia. Está tempo insone pensando nos sentinelas que percorrem o perímetro do acampamento e que, ao longo da noite, comunicar-se-ão mediante apitos. Mas, ao mesmo tempo, subjacente, aguilhoador, perturbador, há em sua consciência outra preocupação: o padre prisioneiro, seus balbuceios, suas palavras. Tem razão seu colega, o Coronel? Pode explicar-se Canudos de acordo aos conceitos familiares de conjuração, rebeldia, subversão, intrigas de quão políticos querem a restauração monárquica? Hoje, ouvindo o apavorado cura, teve a certeza que não. Trata-se de um pouco mais difuso, inabitual, desacostumado, algo que seu cepticismo lhe impede de chamar divino ou diabólico ou simplesmente espiritual. O que, então? Passa a língua por seu cantil vazio e pouco depois cai dormindo.

Quando a primeira raia o horizonte, escuta-se, em um extremo do acampamento, o tinido de uns guizos e balidos. Um pequeno broto de arbustos começa a agitar-se. Algumas cabeças se erguem, na seção que custodia esse flanco do Regimento. O sentinela que se estava afastando retorna ligeiro. Os que foram despertados pelo ruído esforçam os olhos, levam-se as mãos à orelha. Sim: balidos, campainhas. Em suas caras sonolentas, sedentas, famintas, há ansiedade, alegria. Esfregam-se os olhos, fazem-se gestos de guardar silêncio, incorporam-se com sigilo e correm para os arbustos. Aí estão sempre os balidos, o tinido. Os primeiros que chegam ao matagal divisam aos carneiros, brancos na sombra azulada... *choccc, choccc...* agarrou a um dos animais quando estala o tiroteio e se escutam os *ais* de dor dos que rodam pelo chão, alcançados por balas de carabina ou dardos de suspensão.

No outro extremo do acampamento, soa o alvo, anunciando à Coluna que se reata a marcha.

O saldo da emboscada não é muito grave — dois mortos, três feridos — e as patrulhas que saem detrás dos jagunços, embora não os capturam, trazem uma dúzia de carneiros que reforçam o rancho. Mas, talvez pelas crescentes dificuldades com o alimento e a água, talvez pela cercania de Canudos, a reação da tropa ante a emboscada revela um nervosismo que até agora não se manifestou. Os soldados da companhia a que pertencem as vítimas pedem ao Moreira César que o prisioneiro seja executado, em represália. O jornalista míope comprova a mudança de atitude dos homens apinhados em torno do cavalo branco do chefe do Sétimo Regimento: caras decompostas, ódio nas pupilas. O Coronel os deixa falar, escuta-os, assente, enquanto eles se tiram a palavra. Por fim, explica-lhes que esse prisioneiro não é um jagunço do montão, a não ser alguém cujos conhecimentos serão preciosos para o Regimento lá em Canudos.

— Vingar-se-ão — diz-lhes — Já falta pouco. Guardem essa raiva não a desperdicem.

Esse meio-dia, entretanto, os soldados têm a vingança que desejam. O Regimento está passando junto a um promontório

pedregoso, no que se divisa —o espetáculo é freqüente — a pele e a cabeça de uma vaca a que os urubus arrancaram todo o comestível. Um palpite faz murmurar a um soldado que essa cabeça de gado morta é um esconderijo de vigia. Apenas o disse quando vários rompem a formação, correm e, com uivos de entusiasmo, vêm aparecer do oco onde estava apostado, debaixo da vaca, um jagunço esquelético. Caem sobre ele, afundam-lhe suas facas, suas baionetas. Imediatamente o decapitam e vão mostrar sua cabeça ao Moreira César. Dizem-lhe que a dispararão com um canhão à Canudos, para que os rebeldes saibam o que os espera. O Coronel comenta ao jornalista míope que a tropa se acha em excelente forma para o combate.

Embora passasse a noite viajando, Galileo Gall não sentia sonho. As cavalgaduras eram velhas e fracas, mas não demonstraram cansaço até a entrada da manhã. Não era fácil a comunicação com o guia Ulpino, homem de traços fortes e pele acobreada que mascava tabaco. Quase não trocaram palavras até o meio-dia, em que fizeram um alto para comer. Quanto demorariam até Canudos? O guia, cuspendo a fibra que mordiscava, não lhe deu uma resposta precisa. Se os cavalos respondessem, dois ou três dias. Mas isso era em tempos normais, não nestes... Agora não seguiriam o caminho reto, iriam pespontando, para evitar aos jagunços e aos soldados, pois, qualquer deles, tirar-lhe-iam os animais. Gall sentiu, de repente, grande cansaço e quase imediatamente dormiu.

Umás horas depois, reataram a marcha. A pouco de partir puderam refrescar-se, em um ínfimo arroio de água salubre. Enquanto avançavam, entre colinas de cascalho e planos crispados de cardos e palmatórias, a impaciência angustiava ao Gall. Recordou aquele amanhecer de Queimadas onde pôde morrer e no que o sexo voltou para sua vida. Perdia-se ao fundo de sua memória. Descobriu, assombrado, que não tinha idéia da data: nem dia nem mês. O ano só podia continuar 1897. Era como se nesta região que percorria incessantemente, ricocheteando de um lado a outro, o tempo fosse abolido, ou fosse um tempo distinto, com seu próprio ritmo. Tratou

de recordar o que ocorria, nas cabeças que tinha apalpado aqui, com o sentido da cronologia. Existia um órgão específico vinculado à relação do homem com o tempo? Sim, é óbvio. Era um incômodo, uma imperceptível depressão, uma temperatura? Não recordava seu assento. Mas sim, em troca, as aptidões ou inépcias que revelava: pontualidade e impontualidade, previsão do futuro ou improvisação contínua, capacidade para organizar com método a vida ou existências escavadas pela desordem, comidas pela confusão... “Como a minha”, pensou. Sim, ele era um caso típico de personalidade cujo destino era o tumulto crônico, uma vida que por toda parte se dissolvia em caos... Tinha-o comprovado em Calumbí, quando tratava febrilmente de resumir aquilo no que acreditava e os fatos centrais de sua biografia. Havia sentido a desmoralizadora sensação de que era impossível ordenar, hierarquizar essa vertigem de viagens, paisagens, gente, convicções, perigo, exaltações, infortúnios. E, o mais provável, é que nesses papéis que ficaram em mãos do Barão da Canabrava não se transpareciam bastante, o que sim era constante em sua vida, essa lealdade que nunca descumpria, algo que podia dar um semblante de ordem à desordem: sua paixão revolucionária, seu grande ódio à infelicidade e a injustiça que padeciam tantos homens, sua vontade de contribuir de algum modo que aquilo mudasse. “Nada do que você crê é certo nem seus ideais têm nada a ver com o que acontece à Canudos.” A frase do Barão vibrou de novo em seus ouvidos e o irritou. O que podia entender de seus ideais um latifundiário aristocrata que vivia como se a Revolução Francesa não tivesse tido lugar? Alguém considerava “idealismo” uma má palavra? O que podia entender de Canudos a pessoa a quem os jagunços lhe arrebataram uma fazenda e lhe estavam queimando outra? Calumbí era, sem dúvida, neste momento, pasto das chamas. Ele sim podia entender esse fogo, ele sabia muito bem que não era obra do fanatismo ou da loucura. Os jagunços estavam destruindo o símbolo da opressão. Obscura, sabiamente, intuía que séculos de regime de propriedade privada chegavam a arraigar de tal modo nas mentes dos explorados, que esse sistema podia lhes parecer de direito divino e, os latifundiários, seres de natureza superior, semideuses. Não era o fogo a melhor maneira de provar a falsidade desses mitos, de dissipar os temores das vítimas, de fazer ver as massas de famintos que o poder dos proprietários era destrutível, que os pobres tinham a força necessária

para acabar com ele? O Conselheiro e seus homens, face às escórias religiosas que arrastavam, sabiam onde teriam que golpear. Nos fundamentos mesmos da opressão: a propriedade, o Exército, a moral obscurantista. Tinha cometido um engano escrevendo essas páginas autobiográficas que deixou em mãos do Barão? Não, elas não fariam mal à causa. Mas não era absurdo confiar algo tão pessoal a um inimigo? Porque o Barão era seu inimigo. Entretanto, não sentia por ele animação. Talvez porque, graças a ele, pudera sentir que entendia tudo o que ouvia e que lhe entendiam tudo o que dizia: era algo que não lhe acontecia desde que saiu de Salvador. Por que tinha escrito essas páginas? Porque sabia que ia morrer? Tinha-as escrito em um arranque de debilidade burguesa, porque não queria acabar sem deixar rastro dele no mundo? De repente lhe ocorreu que talvez engravidara a Jurema. Sentiu uma espécie de pânico. Sempre lhe tinha produzido um rechaço visceral a idéia de um filho e talvez isso tinha influenciado em sua decisão de Roma, de abstenção sexual. Dissera-se, sempre, que seu horror à paternidade era conseqüência de sua convicção revolucionária. Como pode um homem estar disponível para a ação se tiver a responsabilidade de um apêndice ao que terá que alimentar, vestir, cuidar? Também nisso tinha sido constante: nem mulher, nem filhos nem nada que pudesse limitar sua liberdade e debilitar sua rebeldia.

Quando já faiscavam estrelas, desmontaram em um bosquezinho de plantas e macambira. Comeram sem falar e Galileo dormiu antes de tomar o café. Teve um sonho sobressaltado, com imagens de morte. Quando Ulpino despertou, era ainda noite fechada e se ouvia um lamento que podia ser de raposa. O guia tinha esquentado café e selado os cavalos. Tratou de cercar conversação com o Ulpino. Quanto tempo trabalhava com o Barão? O que pensava dos jagunços? O guia respondia com tantas evasivas que não insistiu. Era seu acento estrangeiro o que fazia brotar a desconfiança nesta gente? Ou era uma falta de comunicação mais profunda, de maneira de sentir e de pensar?

Nesse momento, Ulpino disse algo que não entendeu. Fez-lhe repetir e esta vez suas palavras soaram claras: por que ia à Canudos? “Porque lá passam coisas pelas quais lutei toda minha vida”, disse-lhe. “Lá estão criando um mundo sem opressores nem oprimidos, onde todos são livres e iguais.” Explicou-lhe, nos termos mais

singelos de que era capaz, por que Canudos era importante para o mundo, como certas coisas que faziam os jagunços coincidiam com um velho ideal pelo que muitos homens tinham dado a vida. Ulpino não o interrompeu nem o olhou enquanto falava, e Gall não podia evitar sentir que o que dizia escorregava no guia, como o vento nas rochas, sem trincá-lo. Quando calou, Ulpino, inclinando um pouco a cabeça, e de uma maneira que ao Gall pareceu estranha, murmurou que ele acreditava que ia à Canudos salvar a sua mulher. E, ante a surpresa de Gall, insistiu: não disse Rufino que a mataria? Não lhe importava que a matasse? Não era sua mulher acaso? Para que a tinha roubado, então? “Eu não tenho mulher, eu não roubei a ninguém”, replicou Gall, com força. Rufino falava de outra pessoa, era vítima de um mal-entendido. O guia retornou a sua mudez.

Não voltaram a falar até horas mais tarde, em que encontraram a um grupo de peregrinos, com carretas e tinas, que lhes deram de beber. Quando os deixaram atrás, Gall sentiu abatimento. Tinham sido as perguntas do Ulpino, tão inesperadas, e seu tom recriminativo. Para não recordar a Jurema nem ao Rufino, pensou na morte. Não a temia, por isso a tinha desafiado tantas vezes. Se os soldados o capturassem antes de chegar à Canudos, lhes enfrentaria até obrigá-los a matá-lo, para não passar pela humilhação da tortura e, possivelmente, da covardia.

Notou que Ulpino parecia inquieto. Fazia meia hora que cruzavam uma caatinga fechada, em meio de baforadas de ar quente, quando o guia começou a esquadrihar a ramagem. “Estamos rodeados—sussurrou— Melhor esperar que se aproximem.” Desceram dos cavalos. Gall não alcançava a distinguir nada que indicasse seres humanos no contorno. Mas, pouco depois, uns homens armados com escopetas, suspensões, facões e facas surgiram dentre as árvores. Um negro, já entrado em anos, enorme, seminu, fez uma saudação que Gall não entendeu e perguntou de onde vinham. Ulpino repôs que de Calumbí, que foram à Canudos e indicou a rota que tinham seguido para, afirmou, não tropeçar com os soldados. O diálogo era difícil mas não lhe parecia inamistoso. Viu nisso que o negro agarrava as rédeas do cavalo do guia e subia nele, ao mesmo tempo que outro fazia o mesmo com o seu. Deu passagem para o negro e no ato todos os que tinham escopetas o apontaram. Fez gestos de paz e pediu que o escutassem. Explicou que tinha que

chegar logo à Canudos, falar com o Conselheiro, lhe dizer algo importante, que ele ia ajudar os contra, os soldados..., mas, calou, derrotado pelas caras distantes, apáticas, debochadas dos homens. O negro esperou um momento, mas ao ver que Gall permanecia calado disse algo que este tampouco entendeu. E imediatamente partiram, tão discretos como tinham aparecido.

—O que disse? —murmurou Gall.

—Que a Belo Monte e ao Conselheiro os defendem o Pai, o Bom Jesus e o Divino— respondeu-lhe Ulpino— Não necessitam mais ajuda.

E acrescentou que não estavam tão longe, assim não se preocupasse com os cavalos. Ficaram a caminho imediatamente. A verdade era que, com o enredado da caatinga, avançavam no mesmo ritmo que montados. Mas a perda dos cavalos tinha sido, também, a das alforjas com provisões e a partir de então mataram a fome com frutas secas, caules e raízes. Como Gall advertiu que, desde que saíram de Calumbí, recordar os incidentes da última etapa de sua vida, abria as portas de seu ânimo ao pessimismo, tratou —era um velho recurso — de enfrascar-se em reflexões abstratas, impessoais. “A ciência contra a má consciência.” Não expor Canudos uma interessante exceção à lei histórica segundo a qual a religião tinha servido sempre para adormecer aos povos e lhes impedir de rebelar-se contra os amos? O Conselheiro tinha utilizado a superstição religiosa para instigar aos camponeses contra a ordem burguesa e a moral conservadora e enfrentar àqueles que tradicionalmente se valeram das crenças religiosas para mantê-los submetidos e exaustos. A religião era, no melhor dos casos, o que tinha escrito David Hume —um sonho de homens doentes— sem dúvida, mas em certos casos, como o de Canudos, podia servir para arrancar às vítimas sociais de sua passividade e as empurrar à ação revolucionária, no curso da qual as verdades científicas, racionais, iriam substituindo aos mitos e fetiches irracionais. Teria ocasião de enviar uma carta sobre este tema à *l'Étincelle de révolte*? Tentou de novo cercar conversação com o guia. O que pensava Ulpino de Canudos? Este permaneceu mastigando, um bom momento, sem responder. Por fim, com tranqüilo fatalismo, como se não lhe concernisse, disse: “Cortarão o cangote de todos”. Gall pensou que não tinham nada mais que dizer.

Ao sair da caatinga, entraram em um tablado carregado de *xique-xiques*, que Ulpino partia com sua faca; no interior havia uma polpa agridoce que tirava a sede. Esse dia encontraram novos grupos de peregrinos que foram à Canudos. Essas pessoas, que deixavam atrás, em cujos olhos fatigados podia distinguir um recôndito entusiasmo mais forte que sua miséria, fizeram bem ao Gall. Devolveram-lhe o otimismo, a euforia. Tinham deixado suas casas para ir a um lugar ameaçado pela guerra. Não significava isso que o instinto popular era certo? Foram ali porque intuíaam que Canudos encarnava sua fome de justiça e emancipação. Perguntou ao Ulpino quando chegariam. Ao anoitecer, senão houvesse percalços. Que percalços? Acaso tinham algo que lhes roubar? “Podem nos matar”, disse Ulpino. Mas Gall não se deixou desmoralizar. Pensou, sorrindo, que os cavalos perdidos eram, depois de tudo, uma contribuição à causa.

Descansaram em uma alqueria deserta, com rastros de incêndio. Não havia vegetação nem água. Gall sovou as pernas, tinham cãibras pela caminhada. Ulpino, de improviso, murmurou que tinham cruzado o círculo. Assinalava em direção aonde havia estábulos, animais, vaqueiros, e agora havia só desolação. O círculo que separava à Canudos do resto do mundo. Diziam que, dentro, mandava o Bom Jesus e, fora, o Cão. Gall não disse nada. Em última instância, os nomes não importavam, eram envoltórios, e serviam para que as pessoas sem instrução identificassem mais facilmente os conteúdos, era indiferente que em vez de dizer justiça e injustiça, liberdade e opressão, sociedade emancipada e sociedade classista, falasse-se de Deus e do Diabo. Pensou que chegaria à Canudos e que veria algo que tinha visto de adolescente em Paris: um povo em efervescência, defendendo com unhas e dentes sua dignidade. Se conseguisse fazer-se ouvir, entender, sim, poderia ajudá-los, pelo menos compartilhando com eles aquelas coisas que ignoravam e que ele tinha aprendido em tantas correrias pelo mundo.

—Seriamente não lhe importa que Rufino mate a sua mulher? — ouviu que lhe dizia Ulpino— Para que a roubou, então?

Sentiu que a cólera o afogava. Rugiu, atropelando-se, que não tinha mulher: como se atrevia a lhe perguntar algo que já lhe tinha respondido? Sentia ódio contra ele e vontade de insultá-lo.

—É algo que não se pode entender —ouviu que resmungava Ulpino.

Doíam-lhe as pernas e tinha os pés tão inchados que, a pouco de reatar a marcha, disse que precisava descansar algo mais. Pensou tombando-se: “Já não sou o de antes”. Tinha enfraquecido muito, também: olhava, como se fosse alheio, esse antebraço ossudo no qual apoiava a cabeça.

— Vou ver se encontro algo de comer —disse Ulpino— Durma um pouco.

Gall o viu perder-se detrás de umas árvores sem folhas. Quando fechava os olhos percebeu, em um tronco, meio desencravado, uma madeira com uma inscrição imprecisa: Caracatá. O nome ficou revoando em sua mente enquanto dormia.

Aguçando o ouvido, o Leão de Natuba pensou: “Vai me falar”. Seu corpo estremeceu de felicidade. O Conselheiro permanecia mudo em sua cama, mas o escriba de Canudos sabia se estava acordado ou dormindo por sua respiração. Voltou a escutar, na escuridão. Sim, velava. Teria fechados seus olhos profundos e, debaixo das pálpebras, estaria vendo algumas dessas aparições que baixavam a lhe falar ou que ele subia a visitar sobre as altas nuvens: os Santos, a Virgem, o Bom Jesus, o Pai. Ou estaria pensando nas coisas que diria amanhã e que ele anotaria nas folhas que lhe trazia o Padre Joaquim e que os futuros crentes leriam como os de hoje os Evangelhos.

Pensou que, posto que o Padre Joaquim já não viria à Canudos, logo lhe acabaria o papel e teria que escrever nessas folhas do armazém dos Vilanova nos que se corria a tinta. O Padre Joaquim rara vez lhe tinha dirigido a palavra e, desde que o viu —na manhã em que entrou trotando ao Cumbe atrás do Conselheiro— tinha advertido também em seus olhos, muitas vezes, essa surpresa, desconforto, repugnância, que sua pessoa provocava sempre e esse movimento rápido de afastar a vista e esquecê-lo. Mas a captura do pároco pelos soldados do Cortapescoços e sua morte provável causavam pena pelo efeito que tinham causado no Conselheiro. “Alegremo-nos, filhos”, disse essa tarde, durante os conselhos, na torre do novo Templo: “Belo Monte tem seu primeiro santo”. Mas logo, no Santuário, o Leão de Natuba tinha comprovado a tristeza

que o embargava. Recusou os alimentos que lhe alcançou Maria Quadrado e, enquanto as devotas o asseavam, não fez os carinhos que estava acostumado à cabrita que Alexandrinha Correia (os olhos inchados de tanto chorar) mantinha a seu alcance. Ao apoiar a cabeça em seus joelhos, o Leão não sentiu a mão do Conselheiro e, mais tarde, ouviu-o suspirar: “Não haverá mais missas, deixou-nos órfãos”. O Leão teve um pressentimento de catástrofe.

Por isso tampouco ele conseguia dormir. O que ocorreria? Outra vez a guerra estava próxima e, agora, seria pior que quando os escolhidos e os cães se enfrentaram em Tabolerinho. Brigaria nas ruas, haveria mais feridos e mortos e ele seria um dos primeiros a morrer. Ninguém viria salvá-lo, como o tinha salvado o Conselheiro de morrer queimado em Natuba. Por gratidão tinha partido com ele e por gratidão continuava preso ao santo, saltando pelo mundo, pese ao esforço sobre-humano que para ele, deslocando-se a quatro patas, significavam essas longuíssimas travessias. O Leão entendia que muitos tivessem saudades daquelas aventuras. Então eram poucos e tinham ao Conselheiro exclusivamente para eles. Como mudaram as coisas! Pensou em quão milhares o invejavam por estar dia e noite junto ao santo. Entretanto, tampouco ele tinha ocasião já de falar a sós com o único homem que o tinha tratado sempre como se fosse igual à outros. Porque nunca tinha notado o Leão o mais ligeiro indício de que o Conselheiro visse nele a esse ser de espinhaço curvo e cabeça gigante que parecia um estranho animal nascido por equívoco entre os homens.

Recordou essa noite, nos subúrbios do Tepidó, fazia muitos anos. Quantos peregrinos havia ao redor do Conselheiro? Depois das rezas, tinham começado a confessar-se em voz alta. Quando lhe tocou o turno, o Leão de Natuba, em um arrebatamento impensado, disse de repente algo que ninguém lhe tinha ouvido antes: “Eu não acredito em Deus, nem na religião. Só em si, pai, porque você me faz sentir humano”. Houve um grande silêncio. Tremendo de sua temeridade, sentiu sobre si as olhadas espantadas dos peregrinos. Voltou a escutar as palavras do Conselheiro, essa noite: “Sofreu tanto que até os diabos escapam de tanta dor. O Pai sabe que sua alma é pura porque está todo o tempo expiando. Não tem do que se arrepender, Leão: sua vida é penitência”. Repetiu mentalmente: “Sua vida é penitência”. Mas também havia nela instantes de incomparável

felicidade. Por exemplo, achar algo novo que ler, um pedaço de livro, uma página de revista, um fragmento impresso qualquer e aprender essas coisas fabulosas que diziam as letras. Ou imaginar que Almudia estava viva, era ainda a bela menina de Natuba e que lhe cantava e que, em vez de enfeitiçá-la e matá-la, suas canções a faziam sorrir. Ou apoiar a cabeça nos joelhos do Conselheiro e sentir seus dedos abrindo caminho entre suas riscas, separando-as, lhe sovando o couro cabeludo. Era adormecedor, uma sensação cálida que o atravessava dos pés à cabeça e ele sentia que, graças à essas mãos em seus cabelos e à esses ossos contra sua bochecha, os maus momentos da vida ficavam recompensados.

Era injusto, não só ao Conselheiro devia agradecimento. Não o tinham carregado os outros quando já não lhe davam as forças? Não tinham rezado tanto, sobretudo o Beato, para que acreditasse? Não era boa, caridosa, generosa com ele Maria Quadrado? Tratou de pensar com carinho na Mãe dos Homens. Ela tinha feito o impossível para ganhá-lo. Nas peregrinações, quando o via extenuado, massageava-lhe longamente o corpo, como fazia com as extremidades do Beato. E quando teve febres o fez dormir em seus braços, para lhe dar calor. Procurava-lhe a roupa que vestia e tinha ideado as engenhosas luvas-sapatos de madeira e couro com que andava. Por que, então, não a queria? Sem dúvida porque também à Superiora do Coro Sagrado a tinha ouvido, nos altos noturnos do deserto, acusar-se de ter sentido asco do Leão de Natuba e de ter pensado que sua fealdade provinha do Maligno. Maria Quadrado chorava ao confessar estes pecados e, golpeando o peito, pedia-lhe perdão por ser tão pérfida. Ele dizia que a perdoava e a chamava Mãe. Mas, no fundo, não era verdade. “Sou rancoroso—pensou— Se houver um inferno, arderei pelos séculos dos séculos.” Outras vezes, a idéia do fogo lhe dava terror. Hoje o deixou frio.

Perguntou-se, recordando a última procissão, se devia assistir a alguma mais. Quanto medo tinha passado! Quantas vezes tinha estado a ponto de ser sufocado, pisoteado, pela multidão que tratava de aproximar-se do Conselheiro! A Guarda Católica fazia esforços inauditos para não ser transbordada pelos crentes que, entre as tochas e o incenso, estiravam as mãos para tocar ao santo. Ele Leão se viu sacudido, empurrado ao chão, teve que uivar para que a Guarda Católica o içasse quando a maré humana o tragaria.

Ultimamente, apenas se aventurava fora do Santuário, pois as ruas se tornaram perigosas. As pessoas se precipitavam a lhe tocar o lombo, acreditando que lhes traria sorte, puxavam-no como um boneco e o tinham horas em suas casas fazendo perguntas sobre o Conselheiro. Teria que passar o resto de seus dias encerrado entre estas paredes de barro? Não havia fundo na infelicidade, as reservas de sofrimento eram inextinguíveis.

Sentiu, por sua respiração, que agora o Conselheiro dormia. Escutou em direção do cubículo onde se amontoavam as devotas: também dormiam, até a Alexandrinha Correia. Permanecia insone pela guerra? Era iminente, nem João Abade, nem Pajeú, nem Macambira, nem Pedrão, nem Taramela, nem os que cuidavam os caminhos e as trincheiras tinham vindo aos conselhos e o Leão tinha visto as pessoas armadas detrás dos parapeitos eretos ao redor das igrejas e os homens indo e vindo com trabucos, escopetas, fileiras de balas, suspensões, paus, tranches, como se esperassem o ataque a qualquer momento.

Ouviu cantar o galo; por entre as canas, amanhecia. Quando se escutavam as buzinas dos abacateiros anunciando a partilha da água, o Conselheiro despertou e se tombou a rezar. Maria Quadrado entrou em momento. O Leão estava já incorporado, face à noite em branco, disposto a registrar os pensamentos do santo. Este orou bastante tempo e, enquanto as devotas lhe umedeciam os pés e calçavam as sandálias, permaneceu com os olhos fechados. Entretanto, bebeu a tigela de leite que lhe alcançou Maria Quadrado e comeu um pãozinho de milho. Mas não acariciou ao carneirinho. “Não só pelo Padre Joaquim está tão triste —pensou o Leão de Natuba— Também pela guerra.”

Nisso entraram João Abade, João Grande e Taramela. Era a primeira vez que o Leão via este último no Santuário. Quando o Comandante da Rua e o chefe da Guarda Católica, depois de beijar a mão do Conselheiro, ficaram de pé, o lugar-tenente do Pajeú continuou ajoelhado.

—Taramela recebeu ontem à noite notícias, pai —disse João Abade.

O Leão pensou que, provavelmente, tampouco o Comandante da Rua prendeu os olhos. Estava suarento, sujo, preocupado. João

Grande bebia com fruição a tigela que acabava de lhe dar Maria Quadrado. O Leão imaginou, a ambos, correndo toda a noite, de trincheira em trincheira, de entrada a entrada, conduzindo pólvora, revisando armas, discutindo. Pensou: “Será hoje”. Taramela seguia de joelhos, o chapéu de couro enrugado em sua mão. Tinha duas escopetas e tantos colares de projéteis que pareciam adorno de carnaval. Mordiscava-se os lábios, incapaz de falar. Ao fim, balbuciou que tinham chegado a cavalo, Cintio e Cruzes. Um dos cavalos arrebentou. O outro talvez tinha arrebentado já, porque o deixou suando a jorros. Os cabras tinham galopado dois dias sem parar. Eles também por pouco arrebentaram. Calou-se, confuso, e seus olhinhos achinados pediram socorro ao João Abade.

—Conte ao Pai Conselheiro a mensagem do Pajeú que traziam Cintio e Cruzes — orientou o ex-cangaceiro. Também a ele tinha alcançado Maria Quadrado uma tigela de leite e um pãozinho. Falava com a boca cheia.

—A ordem está cumprida, pai —recordou Taramela— Calumbí ardeu. O Barão da Canabrava foi à Queimadas, com sua família e uns capangas.

Lutando contra o acanhamento que lhe produzia o santo, explicou que, logo depois de queimar a fazenda, Pajeú, em vez de adiantar-se aos soldados, colocou-se atrás do Cortapescoços para cair pela retaguarda quando se lançasse contra Belo Monte. E, sem transição, passou a falar novamente do cavalo morto. Dera ordem de que o comessem em sua trincheira e de que, se o outro animal morria, entregassem-no ao Antonio Vilanova, para que ele dispusesse... mas, como nesse momento o Conselheiro abriu os olhos, emudeceu. O olhar profundo, muito escuro, aumentou o nervosismo do lugar-tenente do Pajeú; o Leão viu a força com que espremia seu chapéu.

—Está bem, filho —murmurou o Conselheiro— O Bom Jesus premiará sua fé e sua valentia, ao Pajeú e aos que estão com ele.

Estirou sua mão e Taramela a beijou, retendo-a um momento nas suas e olhando-a com unção. O Conselheiro o benzeu e ele se fez o sinal da cruz. João Abade lhe indicou com um gesto que partisse. Taramela retrocedeu, fazendo uns movimentos reverentes de cabeça, e antes de que saísse, Maria Quadrado lhe deu de beber da mesma

chaleira no que tinham bebido João Abade e João Grande. O Conselheiro os interrogou com o olhar.

—Estão muito perto, pai —disse o Comandante da Rua, agachando-se. Falou com acento tão grave que o Leão de Natuba se assustou e sentiu que as devotas também se estremeciam. João Abade tirou sua faca, riscou um círculo e agora lhe acrescentava raias que eram os caminhos por onde se aproximavam os soldados.

—Por este lado não vem ninguém—disse, assinalando a saída para Geremoabo— Os Vilanova estão levando ali a muitos velhos e doentes, para os liberar dos tiros.

Olhou ao João Grande, para que este continuasse. O negro apontou com um dedo ao círculo.

—Construímos um refúgio para você, entre os estábulos e Mocambo—murmurou— Fundo e com muitas pedras, para que resista a bala. Aqui não pode ficar, porque vêm por este lado.

—Trazem canhões—disse João Abade— Os vi, ontem à noite. Os pistoleiros me fizeram entrar em acampamento do Cortapescoços. São grandes, lançam fogo a grande distância. O Santuário e as igrejas serão seus primeiros alvos.

O Leão de Natuba sentia tanto sonho que a pluma lhe escorregou dos dedos. Empurrando, apartou os braços do Conselheiro e conseguiu apoiar a cabeça, que sentia zumbindo, em seus joelhos. Ouviu apenas as palavras do santo:

—Quando estarão aqui?

—Esta noite o mais tardar —repôs João Abade.

—Vou às trincheiras, então —disse brandamente o Conselheiro— Que o Beato saque os Santos e os Cristos, e a urna com o Bom Jesus, e que faça levar todas as imagens e as cruzes aos caminhos por onde vem o Anticristo. Vão morrer muitos mas não terão que chorar, a morte é sorte para o bom crente.

Para o Leão de Natuba a sorte chegou nesse momento: a mão do Conselheiro acabava de posar-se em sua cabeça. Afundou-se no sono, reconciliado com a vida.

Quando volta as costas à casa grande de Calumbí, Rufino se sente aliviado: ter quebrado o vínculo que o ligava ao Barão lhe dá, de repente, a sensação de dispor de mais recursos para obter seus

propósitos. A meia légua, aceita a hospitalidade de uma família que conhece desde menino. Eles, sem lhe perguntar pela Jurema nem pela razão de sua presença em Calumbí, fazem-lhe muitas demonstrações de afeto e, à manhã seguinte, despedem-no com provisões para o caminho.

Viaja todo o dia, encontrando, aqui e lá, peregrinos que vão à Canudos e que, sempre, pedem-lhe algo de comer. Deste modo, ao anoitecer, terminaram as provisões. Dorme junto a umas covas onde costumava vir com outros meninos de Calumbí a queimar aos morcegos com tochas. No outro dia, um morador lhe adverte que apareceu uma patrulha de soldados e que rondam jagunços por toda a comarca. Prossegue sua marcha, com um pressentimento obscuro no ânimo.

Ao entardecer chega aos subúrbios de Caracatá, um punhado de moradias salpicadas entre arbustos e cactos, ao longe. Depois do sufocante sol, a sombra das mangabeiras e cipós, resulta benfeitora. Nesse momento sente que não está sozinho. Várias silhuetas o rodeiam, surgem felinamente da caatinga. São homens armados com carabinas, suspensões e facões que levam campainhas e apitos de madeira. Reconhece alguns jagunços que foram com o Pajeú, mas o caboclo não está com eles. O homem machucado e descalço que as manda, leva-se um dedo aos lábios e lhe indica com um gesto que os siga. Rufino duvida, mas o olhar do jagunço lhe faz saber que deve ir com eles, que lhe está fazendo um favor. Pensa em Jurema imediatamente e sua expressão o delata, pois o jagunço assente. Entre as árvores e matagais descobre outros homens emboscados. Vários levam mantos de ervas que os cobrem inteiramente. Inclinação, em cócoras, tombados, espiam o atalho e o povoado. Indicam ao Rufino que se esconda. Um momento depois o rastreador ouve um rumor. É uma patrulha de dez soldados de uniformes cinzas e vermelhos, encabeçada por um Sargento jovem e loiro. Guia-os um pistoleiro que, sem dúvida, pensa Rufino, é cúmplice dos jagunços. Como pressentindo algo, o Sargento começa a tomar precauções. Tem o dedo no gatilho do fuzil e salta de uma árvore a outra, seguido por seus homens que progridem também, defendendo-se nos troncos. O pistoleiro vai por meio de atalho. Em torno de Rufino, os jagunços parecem haver-se esfumado. Não se move uma folha na caatinga.

A patrulha chega à primeira moradia. Dois soldados derrubam a porta e entram, enquanto outros os cobrem. O pistoleiro se agachada detrás dos soldados e Rufino nota que começa a retroceder. Logo depois de um momento, os dois soldados reaparecem e com mãos e cabeças indicam ao Sargento que não há ninguém. A patrulha avança para a próxima moradia e se repete a operação, com o mesmo resultado. Mas, de repente, na porta de uma casa maior que as outras, aparece uma mulher descabelada e logo outra, que observam, assustadas. Quando os soldados as divisam e apontam seus fuzis para elas, as mulheres fazem gestos de paz, dando gritos. Rufino sente um atordoamento parecido ao que teve quando ouviu a Barbuda nomear ao Galileo Gall. O pistoleiro, aproveitando a distração, desaparece na casa.

Os soldados rodeiam a casa e Rufino compreende que falam com as mulheres. Por fim, dois uniformizados entram atrás delas, enquanto o resto aguarda fora, com os fuzis preparados. Pouco depois, retornam os que entraram, fazendo gestos obscenos e animando aos outros a imitá-los. Rufino escuta risadas, vozes e vê que todos os soldados, com caras exultantes, avançam para a casa. Mas o Sargento faz que dois permaneçam na porta, de guarda.

A caatinga começa a mover-se, a seu redor. Emboscados se arrastam, engatinham, levantam-se e o rastreador adverte que são trinta, quando menos. Vai atrás deles, depressa, até alcançar ao chefe: “Está aí a que era minha mulher?”, ouve-se dizer. “Acompanha-a um miúdo, não é certo?” “Sim. ” “Deve ser ela, então”, assente o jagunço. Nesse instante uma salva de tiros acertam aos dois soldados que fazem guarda, ao mesmo tempo que no interior rompem gritos, alaridos, carreiras, um disparo. Enquanto corre, entre os jagunços, Rufino tira sua faca, única arma que fica, e vê aparecer pela porta e pelas janelas da casa, soldados disparando ou tratando de fugir. Logo que conseguem afastar uns passos, antes de serem alcançados pelos dardos, ou pelas balas, ou enrolados pelos jagunços que os rematam com suas facas e facões. Nisso, Rufino escorrega e cai ao chão. Quando se levanta, escuta ulular aos apitos e vê que estão jogando de uma janela o cadáver sanguinolento de um soldado ao que arrancaram a roupa. O corpo estoura-se em terra com um golpe seco.

Quando Rufino entra na casa, a violência do espetáculo aturde-o. Soldados agonizantes no chão, sobre os que se encarniçam cachos de homens e mulheres que esgrimem facas, paus, pedras; golpeiam-nos e ferem sem misericórdia, ajudados pelos que seguem invadindo o lugar. As mulheres, quatro ou cinco, são as que chamam e também elas tiram dos uniformes as balizas às suas vítimas para, mortos ou moribundos, afrontá-los em sua dignidade. Há sangue, pestilência e, no chão, umas brechas onde devem ter estado escondidos os jagunços, esperando à patrulha. Uma mulher, torcida sob uma mesa, tem uma ferida na frente e se queixa.

Enquanto os jagunços despem aos soldados e agarram seus fuzis e embornais, Rufino, seguro de que na habitação não está o que busca, abre caminho por volta dos quartos. São três, em fileira, um aberto, no que não tem ninguém. Pelas frestas do segundo divisa uma cama de armar de pranchas e umas pernas de mulher, estirada no chão. Empurra a porta e vê Jurema. Está viva e sua cara, ao encontrar-se com ele, franze-se e toda ela se encolhe, golpeada pela surpresa. Ao lado de Jurema, desfigurado pelo medo, minúsculo, o rastreador vê o Miúdo, que lhe parece conhecer sempre, e, sobre a cama, ao Sargento loiro a quem, em que pese a estar exânime, dois jagunços seguem esfaqueando: ambos rugem com cada golpe e as salpicaduras de sangue chegam até o Rufino. Jurema, imóvel, olha-o com a boca entreaberta; está desencaixada, lhe afiou o nariz e em seus olhos há pânico e resignação. O rastreador se dá conta que o jagunço machucado e descalço entrou e que ajuda aos outros a elevar ao Sargento e a jogá-lo à rua pela janela. Saem, levando o uniforme, o fuzil e o embornal do morto. Ao passar junto de Rufino, o chefe, assinalando a Jurema, murmura: “Vê? Era ela”. O Miúdo fica a proferir frases que Rufino ouve, mas não entende. Segue na porta, quieto e, agora, de novo com o rosto inexpressivo. Seu coração se acalma e à vertigem do princípio segue uma total serenidade. Jurema continua no chão, sem forças para levantar-se. Pela janela chega a ver os jagunços, homens e mulheres, afastando-se para a caatinga.

—Estão indo—balbucia o Miúdo, seus olhos saltando de um a outro— Temos que ir também, Jurema. Rufino move a cabeça.

—Ela fica —diz, com suavidade— Você vai.

Mas o Miúdo não se vai. Confuso, indeciso, medroso, brinca de correr pela casa vazia, entre a pestilência e o sangue, amaldiçoando

sua sorte, chamando à Barbuda, fazendo o sinal da cruz e rogando a Deus. Enquanto, Rufino revisa os quartos, encontra dois colchões de palha e os arrasta à habitação da entrada, da qual pode ver a única rua e as moradias de Caracatá. Tirou os colchões maquinalmente, sem saber o que se propõe, mas, agora que estão ali, sabe: dormir. Seu corpo é como uma esponja branda que a água estivesse enchendo, afundando. Agarra as amarras de um gancho, vai onde está Jurema e ordena: “Vêm”. Ela o segue, sem curiosidade, sem temor. Faz sentar-se junto aos colchões e lhe ata mãos e pés. O Miúdo está aí, exagerado de terror. “Não a mate, não a mate!”, grita. O rastreador vira-se de costas e, sem olhá-lo, ordena-lhe:

—Ponha aí e se vier alguém desperta.

O Miúdo pestaneja, desconcertado, mas um segundo depois assente e salta até a porta. Rufino fecha os olhos. Pergunta-se, antes de desaparecer no sono, senão matou a Jurema ainda porque quer vê-la sofrer ou porque, agora que a tem, seu ódio amainou. Sente que ela, a um metro dele, tomba-se no outro colchão. Com dissimulação, por entre as pestanas, a espia: está muito mais fraca, com os olhos afundados e resignados, a roupa desfeita e os cabelos revoltos. Tem um rasgão no braço.

Quando Rufino acorda, incorpora-se de um salto, como escapando de um pesadelo. Mas não recorda ter sonhado. Sem dar uma olhada a Jurema, passa junto ao Miúdo, quem segue na porta e olha-o entre assustado e esperançado. Pode ir com ele? Rufino assente. Não trocam palavra, enquanto o rastreador procura, nas últimas luzes, algo que possa aplacar a fome e a sede. Quando estão retornando, o Miúdo lhe pergunta: “Vai matá-la?”. Ele não responde. Saca de sua alforja ervas, raízes, folhas, caules e os põe sobre o colchão. Não olha Jurema enquanto a desata ou a olha como se não estivesse ali. O Miúdo tem um punhado de ervas na boca e mastiga penosamente. Jurema também começa a mastigar e a tragar, de maneira mecânica; alguns momentos sova os pulsos e os tornozelos. Em silêncio, comem, enquanto fora anoitece de tudo e aumentam os ruídos dos insetos. Rufino pensa que este fedor se parece com o que sentiu a noite que passou em uma armadilha, junto ao cadáver de um tigre. De repente, ouve a Jurema:

—Por que não me mata a um só tempo?

Ele segue olhando o vazio, como se não a ouvisse. Mas está pendente dessa voz que vai exasperando, rasgando-se:

—Crê que tenho medo de morrer? Não tenho. Ao contrário, estive esperando-o para isso. Crê que não estou farta, que não estou cansada? Já teria me matado se não o proibisse Deus, se não fosse pecado. Quando vai me matar? Por que não o faz agora?

—Não, não —balbucia o Miúdo, obstruindo-se.

O rastreador segue sem mover-se nem responder. Estão quase na escuridão. Um momento depois, Rufino sente que ela se arrasta até tocá-lo. Todo seu corpo se crispa, em uma sensação em que se mesclam o asco, o desejo, o despeito, a raiva, a nostalgia. Mas não deixa que nada disto se note.

—Esqueça, esqueça o que aconteceu, pela Virgem, pelo Bom Jesus — ouve-a implorar, sente-a tremer— Foi à força, eu não tive culpa, eu me defendi. Já não sofra, Rufino.

Abraça-se a ele e, no ato, o rastreador a afasta, sem violência. Fica de pé, procura provar as amarras e, sem proferir palavra, volta a atá-la. Retorna a sentar-se onde estava.

—Tenho fome, tenho sede, tenho cansaço, já não quero viver — ouve-a soluçar—Mate-me de uma vez.

—Vou fazê-lo—diz ele— Mas não aqui, a não ser em Calumbí. Para que lhe vejam morrer.

Passa bastante tempo, no qual os soluços de Jurema vão cortando-se, até extinguir-se.

—Já não é o Rufino que foi —ouve-a murmurar.

—Você tampouco—diz ele— Agora tem dentro um leite que não é meu. Agora já sei por que Deus lhe castigou antes, não permitindo que se fecundasse.

A luz da lua entra, de repente, obliquamente por portas e janelas e revela o pó suspenso no ar. O Miúdo se planta aos pés de Jurema e Rufino também se estende. Quanto tempo passa, com os dentes apertados, refletindo, recordando? Quando os ouvir fosse como se despertasse, mas não pregou os olhos.

—Por que segue aqui, se ninguém lhe obriga?—diz Jurema— Como suporta este aroma, e o que vai passar? Vai à Canudos, melhor.

—Tenho medo de ir, de ficar —geme o Miúdo— Não sei estar sozinho, nunca estive desde que me comprou o Cigano. Tenho medo de morrer, como todo mundo.

—As mulheres que estavam esperando aos soldados não tinham medo—diz Jurema.

— Porque estavam seguras de ressuscitar —reclama o Miúdo— Se eu estivesse tão seguro, tampouco teria medo.

— Eu não tenho medo de morrer e não sei se vou ressuscitar— afirma Jurema e o rastreador entende que lhe está falando agora com ele, não ao Miúdo.

Algo o acorda, quando o amanhecer é apenas um fulgor azulado esverdeado. O estalo do vento? Não, algo mais. Jurema e o Miúdo abrem simultaneamente os olhos, e este último começa a desesperar-se, mas Rufino o cala: “*Shhht, shhht*”. Escondido depois da porta, espiando. Uma silhueta masculina, alargada, sem escopeta, vem pela única rua de Caracatá, colocando a cabeça nas moradias. Reconhece-o quando está já perto: Ulpino, o de Calumbí. Vê-o levar-se ambas as mãos à boca e chamar: “Rufino! Rufino!”. Deixa-se ver, aparecendo na porta. Ulpino, ao reconhecê-lo, abre os olhos com alívio e o chama. Vai a seu encontro, agarrando a manga de sua faca. Não dirige ao Ulpino uma palavra de saudação. Compreende, por seu aspecto, que andou muito.

—Busco-lhe desde ontem a tarde—exclama Ulpino, em tom amistoso—Disseram -me que foi à Canudos. Mas encontrei aos jagunços que mataram aos soldados. Passei a noite caminhando.

Rufino o escuta com a boca fechada, muito sério. Ulpino olha-o com simpatia, como lhe recordando que eram amigos.

—Trouxe-lhe—murmura devagar— O Barão me mandou levá-lo à Canudos. Mas com o Aristarco decidimos que, se lhe encontrasse, era para si.

Na cara de Rufino há assombro, incredulidade.

—Trouxeu-o? Ao forasteiro?

—É um cabra sem honra —Ulpino, exagerando seu asco, cospe ao chão—Não lhe importa que mate a sua mulher, a que lhe tirou. Não queria falar disso. Mentia que não era dela.

—Onde está?—Rufino pestaneja e passa a língua pelos lábios. Pensa que não é verdade, que não o trouxe.

Mas Ulpino lhe explica com muitos detalhes onde o encontrará.

—Embora não é meu assunto, eu gostaria de saber algo — acrescenta— Matou a Jurema?

Não faz nenhum comentário quando Rufino, movendo a cabeça, responde-lhe que não. Parece, um pouco, envergonhado de sua curiosidade. Aponta a caatinga que tem atrás.

—Um pesadelo—diz— Dependuraram nas árvores esses que mataram aqui. Os urubus os bicam. Põe os cabelos de pé.

—Quando o deixou? — Corta-o Rufino, atropelando-se.

—Ontem a tarde—diz Ulpino— Não se moveu. Estava morto de cansaço. Tampouco teria onde ir. Não só lhe falta honra, também resistência, e não sabe orientar-se pela terra...

Rufino lhe agarra o braço. Aperta-o.

—Obrigado—diz, olhando-o aos olhos.

Ulpino assente e solta seu braço. Não se despedem. O rastreador volta para a moradia à saltos, com os olhos brilhando. O Miúdo e Jurema o recebem de pé, atordoados. Desata os pés de Jurema, mas não suas mãos e, com movimentos rápidos, destros, passa-lhe a mesma corda pelo pescoço. O Anão reclama e tampa a cara. Mas não a enforca, mas faz um laço, para arrastá-la. Obriga-a a segui-lo ao exterior. Ulpino se foi. O Miúdo vai atrás, saltando. Rufino volta e lhe ordena: “Não faça ruído”. Jurema tropeça contra as pedras, enreda-se nos matagais, mas não abre a boca e mantém o ritmo de Rufino. Depois deles, o Miúdo aos poucos desvaira sobre os soldados pendurados que os urubus comem.

—Vi muita desgraça em minha vida—disse a Baronesa Estela, olhando o costureiro lascado da estadia— Lá, no campo, coisas que aterrariam aos homens de Salvador.—Olhou ao Barão, que se balançava na cadeira de balanço, contagiado pelo dono da casa, o ancião coronel José Bernardo Murau, que estava também

balançando-se na sua— Lembra-se do touro que enlouqueceu e investiu aos meninos que saíam do catecismo? Acaso me deprimi? Não sou uma mulher débil. Na grande seca, por exemplo, vimos coisas atrozes não é certo?

O Barão assentiu. José Bernardo Murau e Adalberto de Gumucio —que viera de Salvador a dar o encontro aos Canabrava à fazenda da Pedra Vermelha e que logo que levava com eles um par de horas — a escutavam esforçando-se por mostrar-se naturais, mas não podiam dissimular o desconforto que lhes produzia o desassossego da Baronesa. Essa mulher discreta, invisível atrás de suas maneiras corteses, cujos sorrisos levantavam uma muralha impalpável entre ela e outros, agora divagava, queixava-se, monologava sem trégua, como se tivesse a enfermidade da fala. Nem sequer Sebastiana, que vinha, pouco a pouco, umedecer-lhe a fronte com água de colônia, conseguia fazê-la calar. Nem seu marido, nem o dono da casa, nem Gumucio, tinham podido convencê-la que se retirasse a descansar.

—Estou preparada para as desgraças—repetiu, estirando para eles as brancas mãos, de maneira implorante— Ver arder Calumbí foi pior que a agonia de minha mãe, que a ouvi uivar de dor, que lhe aplicar eu mesma o láudano que ia matando. Essas chamas continuam ardendo aqui dentro.—Tocou o estômago e se encolheu, tremendo— Era como se se carbonizassem aí os filhos que perdi ao nascer.

Sua cara girou para olhar ao Barão, ao coronel Murau, ao Gumucio, suplicando-lhes que acreditassem. Adalberto de Gumucio lhe sorriu. Tinha tentado desviar a conversação para outros temas, mas, cada vez, a Baronesa os retornava ao incêndio de Calumbí. Tentou, de novo, afastá-la dessa lembrança:

—E, entretanto, Estela querida, alguém se resigna às piores tragédias. Disse-lhe alguma vez o que foi para mim o assassinato de Adelinha Isabel, por dois escravos? O que senti quando achamos o cadáver de minha irmã já decomposto, irreconhecível pelas punhaladas?—Pigarreou, movendo-se na poltrona— Por isso prefiro os cavalos aos negros. Nas classes e raças inferiores há uns recursos de barbárie e de ignomínia que dão vertigem. E, entretanto, Estela querida, a gente acaba por aceitar a vontade de Deus, resigna-se e descobre que, com todos as viacruzes, a vida está cheia de coisas formosas.

A mão direita da Baronesa se posou sobre o braço de Gumucio:

—Sinto fazê-los recordar a Adelinha Isabel—disse, com carinho—Perdoe-me.

—Não me fez recordar, porque não a esqueço nunca—sorriu Gumucio, agarrando entre as suas as mãos da Baronesa— Acontecera há vinte anos e é como se fosse nesta manhã. Falo-lhe de Adelinha Isabel para que veja que o desaparecimento de Calumbí é uma ferida que vai cicatrizar.

A Baronesa tratou de sorrir, mas seu sorriso desfez-se. Nisso entrou Sebastiana, com um frasco nas mãos. Uma vez que refrescava a fronte e as bochechas da Baronesa, lhe tocando a pele com grande cuidado, com a outra mão lhe corrigia o cabelo alvoroçado. “De Calumbí aqui deixou de ser a moça, bela, corajosa que era”, pensou o Barão. Tinha umas olheiras profundas, uma dobra sombria na frente, suas feições se relaxaram e de seus olhos fugiram a vivacidade e a segurança que sempre viu neles. Tinha-lhe exigido muito? Tinha sacrificado a sua mulher aos interesses políticos? Recordou que quando decidiu retornar ao Calumbí, Luis Viana e Adalberto Gumucio lhe aconselharam que não levasse a Estela, por que convulsionada estava a região com Canudos. Sentiu um mal-estar intenso. Por inconsciência e egoísmo tinha feito possivelmente um dano irreparável à mulher que amava mais que a ninguém no mundo. E, entretanto, quando Aristarco, que galopava a seu lado, alertou-os—“Olhem, já prenderam Calumbí”— Estela tinha guardado uma compostura extraordinária. Estavam no alto de uma chapada em que, quando ia de caça, o Barão se detinha observar a terra, o lugar aonde levava aos visitantes a lhes mostrar a fazenda, a atalaia aonde todos iam para apreciar os danos das inundações ou das pragas. Agora, na noite sem vento e com estrelas, viam arquear-se—vermelhas, azuis, amarelas—as chamas, arrasando a casa grande a que estava ligada a vida de todos os presentes. O Barão ouviu soluçar a Sebastiana na escuridão e viu os olhos de Aristarco arrasados pelas lágrimas. Mas Estela não chorou, e em algum momento a ouviu murmurar: “Não só queimam a casa, também os estábulos, as quadras, o armazém”. À manhã seguinte tinha começado a recordar em voz alta o incêndio e depois não havia maneira de tranqüilizá-la. “Não me perdoarei disso nunca”, pensou.

—Se fosse eu, estaria lá, morto—disse de repente o coronel Murau—Teriam que me queimar também.

Sebastiana saiu do quarto, murmurando “Com permissão”. O Barão pensou que as cóleras do velho deviam ter sido terríveis, piores que as do Adalberto, e que, em tempos da escravidão, certamente sacrificava aos rebeldes e silvestres.

—Não porque Pedra Vermelha valha já grande coisa—grunhiu, olhando as maltratadas paredes de sua sala— Inclusive pensei queimá-la, alguma vez, pelas amarguras que me dá. A gente pode destruir sua propriedade se lhe der vontade. Mas que um partido de ladrões infames e dementes me digam que vão queimar minha terra para que descanse, porque suou muito, isso não. Teriam que me matar.

—Não lhes daria a escolher—tratou de brincar o Barão—Queimassem-me antes que a sua fazenda.

Pensou: “São como os escorpiões. Queimar as fazendas é cravar a lanceta, ganhar a mão à morte. Mas a quem oferecem esse sacrifício de si mesmos, de todos nós?”. Advertiu, feliz, que a Baronesa bocejava. Ah, se pudesse dormir, esse seria o melhor remédio para seus nervos. Nestes últimos dias, Estela não prendeu os olhos. Na escala de Monte Santo, nem sequer quis deitar-se na cama da paróquia e permaneceu toda a noite sentada, chorando nos braços da Sebastiana. Ali começou a alarmar o Barão, pois Estela não costumava chorar.

—É curioso—disse Murau, trocando olhares de alívio com o Barão e Gumucio, pois a Baronesa tinha fechado os olhos— Quando passou por aqui, a caminho de Calumbí, meu ódio principal era contra Moreira César. Agora, sinto até simpatia por ele. Meu ódio aos jagunços é mais forte que o que tive jamais pelo Epaminondas e os jacobinos.—Quando estava muito agitado, fazia um movimento circular com as mãos e arranhava o queixo: o Barão estava esperando que o fizesse. Mas o ancião tinha os braços cruzados em atitude hierática— O que fez com Calumbí; com Poço da Pedra; com Sucurana; com Jua e Curral Novo; com Penedo e Lagoa, é iníquo, inconcebível. Destruir as fazendas que lhes dão de comer, os focos de civilização deste país! Não tem perdão de Deus. É de diabos, de monstros.

“Vá, por fim”, pensou o Barão: acabava de fazer o gesto. Uma circunferência veloz com a mão nodosa e o dedo indicador estirado e, agora, arranhava-se com fúria a pele do queixo.

—Não eleve tanto a voz, José Bernardo—o interrompeu Gumucio, assinalando à Baronesa— Levamo-a ao dormitório?

—Quando seu sono for mais profundo—repôs o Barão. Pôs-se de pé e acomodava a almofadinha a fim de que sua esposa se recostasse nela. Logo, ajoelhando-se, colocou-lhe os pés sobre um banquinho.

—Acredito que o melhor seria levá-la quanto antes à Salvador— sussurrou Adalberto de Gumucio— Mas não sei se é imprudente submetê-la a outra viagem tão longa.

—Veremos como amanece amanhã.—O Barão, de novo na cadeira de balanço, balançava-se sincronicamente com o dono da casa.

—Queimar Calumbí! Gente que lhe deve tanto!—Murau voltou a fazer um, dois círculos e a arranhar-se— Espero que Moreira César os faça pagar caro. Eu gostaria de estar ali, quando os passasse a faca.

—Não há notícias dele, ainda?—voltou a interrompê-lo Gumucio — Teria que ter acabado com Canudos faz tempo.

—Sim, estive calculando—assentiu o Barão—Até com pés de chumbo, teria que ter chegado à Canudos faz dias. A menos que...— Observou que seus amigos o olhavam intrigados—Quero dizer, outro ataque, como o que obrigou a refugiar-se em Calumbí. Talvez se repetiu.

—Quão único falta é que Moreira César morra de enfermidade antes de pôr fim a essa degeneração—resmungou José Bernardo Murau.

—Também é possível que não fique uma linha de telégrafos na região—disse Gumucio—Se queimarem as terras para que façam sesta, sem dúvida destroem os arames e os postes para lhes evitar a dor de cabeça. O Coronel pode estar incomunicável.

O Barão sorriu, com desgosto. A última vez que estavam reunidos, aqui, a vinda de Moreira César era como o partido de falecimento para os Autonomistas da Bahia. E agora ardiam de impaciência por conhecer os detalhes de sua vitória contra os que o Coronel queria

fazer passar por restauradores e gente da Inglaterra. Refletia sem deixar de observar o sono da Baronesa: estava pálida, com a expressão tranqüila.

—Os agentes da Inglaterra—exclamou de repente—Cavalheiros que queimam fazendas para que a terra repouse. Ouvi e não acabo de acreditar. Um cangaceiro como Pajeú, assassino, violador, ladrão, cortador de orelhas, saqueador de povos, convertido em cruzado da fé. Estes olhos o viram. Ninguém diria que nasci e passei boa parte de minha vida aqui. Esta terra me tornou estrangeiro. Estas pessoas não são as que tratei sempre. Possivelmente o escocês anarquista as entenda melhor. Ou o Conselheiro. É possível que só os loucos entendam aos loucos...

Fez um gesto de desesperança e deixou a frase sem terminar.

—A propósito do escocês anarquista—disse Gumucio. O Barão sentiu íntimo desgosto: sabia que a pergunta viria, esperava-a há duas horas— Consta-lhe que nunca pus em dúvida sua sensatez política. Mas que deixasse partir assim ao escocês, não o entendo. Era um prisioneiro importante, a melhor arma contra nosso inimigo número um.—Olhou ao Barão, pestanejando— Não o era, acaso?

—Nosso inimigo número um já não é Epaminondas, nem nenhum jacobino —murmurou o Barão, com desânimo— São os jagunços. A quebra econômica da Bahia. É o que vai ocorrer se não põe fim a esta loucura. As terras vão ficar imprestáveis e tudo está indo ao diabo. Comem-se os animais, o gado desaparece. E, o pior, uma região onde a falta de braços foi sempre um problema, vai ficar despovoada. As pessoas que partem agora em massa, não vamos trazer de volta. Terei que atalhar de qualquer modo a ruína que está provocando Canudos.

Viu as olhadas, surpreendidas e recriminativas, de Gumucio e de José Bernardo e se sentiu incômodo.

—Já sei que não respondi sua pergunta sobre o Galileo Gall—murmurou— Dito seja de passagem, nem sequer se chama assim. Por que o deixei ir? Possivelmente é outro sinal da loucura dos tempos, minha cota à insensatez geral.—Sem adverti-lo, fez um círculo com a mão, como os de Murau— Duvido que nos servisse, até se nossa guerra com o Epaminondas continuasse...

—Continuasse?—escoiceou Gumucio— Não cessou um segundo, que eu saiba. Em Salvador, os jacobinos estão ensorbecidos como nunca, com a chegada de Moreira César. O *Jornal de Notícias* pede que o Parlamento ajuíze ao Viana e nomeie um Tribunal Especial para julgar nossas conspirações e negócios.

—Não esqueci o dano que nos fez os Republicanos Progressistas— interrompeu o Barão— Mas neste momento as coisas tomaram um rumo distinto.

—Equivoca-se—disse Gumucio— Só esperam que Moreira César e o Sétimo Regimento entrem na Bahia com a cabeça do Conselheiro, para depor ao Viana, fechar o Parlamento e começar a caçada contra nós.

—Perdeu algo Epaminondas Gonçalves à mãos dos restauradores monárquicos?—sorriu o Barão— Eu, além de Canudos, perdi Calumbí, a fazenda mais antiga e próspera do interior. Tenho mais razões que ele para receber ao Moreira César como nosso salvador.

—De todo modo, nada disso explica que soltasse tão alegremente ao cadáver inglês—disse José Bernardo. O Barão soube imediatamente o grande esforço que fazia o ancião para pronunciar essas frases— Não era uma prova vivente da falta de escrúpulos de Epaminondas? Não era uma testemunha de ouro para demonstrar o desprezo desse ambicioso pelo Brasil?

—Em teoria—assentiu o Barão— No terreno das hipóteses.

—Tivéssemos passeio pelos mesmos sítios onde eles passearam com a famosa cabeleira—murmurou Gumucio. Também sua voz era severa, ferida.

—Mas na prática, não—continuou o Barão—Gall não é um louco normal. Sim, não riam, é um louco especial: um fanático. Não declarasse a favor a não ser contra nós. Confirmasse as acusações de Epaminondas, cobria-nos de ridículo.

—Tenho que lhe contradizer outra vez, sinto—disse Gumucio— Há meios de sobra para fazer dizer a verdade, a cordatos e a loucos.

—Não aos fanáticos—repôs o Barão— Não àqueles nos que as crenças são mais fortes que o medo de morrer. A tortura não faria efeito ao Gall, reforçaria suas convicções. A história da religião oferece muitos exemplos...

—Nesse caso, era preferível dar-lhe um tiro e trazer seu cadáver—murmurou Murau— Mas soltá-lo...

—Tenho curiosidade para saber o que fizeram dele—disse o Barão— Para saber quem o matou. Guia-o, para não o levar até Canudos? Os jagunços, para lhe roubar? Ou Moreira César?

—Guia-o?—Gumucio abriu muito os olhos— Além disso, deu-lhe um guia?

—E um cavalo—assentiu o Barão— Tive uma debilidade por ele. Inspirou-me compaixão, simpatia.

—Simpatia? Compaixão?—repetiu o coronel José Bernardo Murau, balançando-se depressa— Por um anarquista que sonha pôr o mundo a sangue e fogo?

—E com alguns cadáveres à costas, a julgar por seus papéis—disse o Barão— A não ser que sejam embrulhos, o que também é possível. O pobre diabo estava convencido que Canudos é a fraternidade universal, o paraíso materialista, falava dos jagunços como de correligionários políticos. Era impossível não sentir ternura por ele.

Notou que seus amigos o olhavam cada vez mais estranhos.

—Tenho seu testamento—disse-lhes—Uma leitura difícil, com muitos disparates, mas interessante. Inclui detalhes da intriga de Epaminondas: como o contratou, tentou logo matá-lo, etc.

— Seria melhor que a contasse ao mundo pessoalmente—disse Adalberto de Gumucio, indignado.

—Ninguém acreditaria—replicou o Barão— A fantasia inventada pelo Epaminondas Gonçalves, com seus agentes secretos e contrabandistas de armas, é mais verossímil que a história real. Traduzir-lhes-ei uns parágrafos, depois do jantar. Está em inglês, sim. —Calou uns segundos, enquanto observava à Baronesa, que tinha suspirado no sono— Sabem por que me deu esse testamento? Para que o envie a um pasquim anarquista de Lyon. Imaginem, já não con Spiro com a monarquia inglesa a não ser com os terroristas franceses que lutam pela revolução universal.

Riu, observando que a irritação de seus amigos aumentava por segundos.

—Como vê, não podemos compartilhar seu bom humor—disse Gumucio.

—E isso que é para mim a quem queimaram Calumbí.

—Deixe de falsas brincadeiras e explique-nos— admoestou-o Murau.

—Já não se trata de machucar Epaminondas, camponês brutão— disse o Barão da Canabrava— Trata-se de chegar a um acordo com os Republicanos. A guerra entre nós acabou, acabaram com ela as circunstâncias. Não se pode liberar duas guerras ao mesmo tempo. O escocês não nos servia para nada e, ao longo, fosse uma complicação.

—Um acordo com os Republicanos Progressistas disse?—olhava-o atônito Gumucio.

—Disse acordo, mas pensei numa aliança, um pacto—disse o Barão— É difícil de entender e mais ainda de fazer, mas não há outro caminho. Bom, acredito que agora podemos levar a Estela ao dormitório.

VI

Impregnado até os ossos, encolhido sobre uma manta que se confunde com o barro, o jornalista míope do *Jornal de Notícias* sente trovejar o canhão. Em parte pela chuva, em parte pela iminência do combate, ninguém dorme. Aguça os ouvidos: seguem repicando na escuridão os sinos de Canudos? Só ouve, espaçados, os tiros e as cornetas, entoando o Toque de Carga e Degola. Também os jagunços terão posto nome à sinfonia de apitos com que martirizaram ao Sétimo Regimento desde Monte Santo? Está desassossegado, sobressaltado, estremecido de frio. A água lhe umedece os ossos. Pensa em seu colega, o velho friorento que, ao ficar atrasado entre os soldados-meninos seminus, disse-lhe: “Na porta do forno se queima o pão, jovem amigo”. Terá morrido? Terão o deslocado e esses moços a mesma sorte que o Sargento loiro e os soldados de sua patrulha que encontraram essa tarde, nos contrafortes desta serra? Nisso, lá abaixo, os sinos respondem às cornetas do Regimento, diálogo nas trevas chuvosas que preludia o que cercarão escopetas e fuzis apenas ao aparecimento do dia.

A sorte do Sargento loiro e sua patrulha pôde ser a sua: tinha estado a ponto de dizer sim, quando Moreira César lhe sugeriu acompanhá-los. Salvou-o a fadiga? Um palpite? A casualidade? Ocorreu na véspera mas, em sua memória, parece muito longínquo, porque ontem ainda sentia Canudos como inalcançável. A cabeça da Coluna se detém e o jornalista míope recorda que lhe zumbiam os ouvidos, que as pernas lhe tremiam, que tinha os lábios ulcerados. O Coronel leva o cavalo da rédea e os oficiais se confundem com os soldados e os pistoleiros, pois a terra os uniformiza. Adverte a fadiga, a sujeira, a privação que o rodeiam. Uma dúzia de soldados se arranca das filas e a passo ligeiro vêm a quadrar-se ante o Coronel e o Major Cunha Matos. Quem os comanda é o jovem oficial que trouxe prisioneiro ao padre de Cumbe. Ouve-o chocar os tacos, repetir as instruções:

—Fazer-me forte em Caracatá, fechar as quebradas com fogo cruzado logo que comece o assalto. —Tem o ar resolvido, saudável, otimista, que lhe viu em todos os momentos da marcha— Não tema, Excelência, nenhum bandido escapará pelo Caracatá.

O pistoleiro que se alinhou junto ao Sargento era o que guiava às patrulhas a procurar água? Foi quem levou aos soldados à emboscada e o jornalista míope pensa que está aqui, empapado, confuso e fantasiando, de puro milagre. O Coronel Moreira César o vê sentado em terra, rendido, tendo cãibras, com seu tabuleiro portátil sobre os joelhos:

—Quer ir com a patrulha? Em Caracatá estará mais protegido que conosco.

O que lhe fez dizer não, depois de uns segundos de vacilação? Recorda que o jovem Sargento e ele conversaram várias vezes: fazia pergunta sobre o *Jornal de Notícias* e seu trabalho, Moreira César era a pessoa que mais admirava no mundo—“Mais ainda que ao Marechal Floriano” — e, como ele, acreditava que os políticos civis eram uma catástrofe para a República, fonte de corrupção e de divisão, e que só os homens de espada e uniforme podiam regenerar à Pátria envilecida pela monarquia.

Deixou de chover? O jornalista míope fica de barriga para cima, sem abrir os olhos. Sim, já não goteja, esses alfinetes de água são obra do vento que varre a ladeira. O disparo também cessou e a imagem do velho jornalista friorento substitui em sua mente a do jovem Sargento: seus cabelos entre brancos e amarelados, sua desencaixada cara bondosa, seu cachecol, as unhas que contemplava como se estimulassem a meditação. Estará pendurado de uma árvore, também? Não muito depois da partida da patrulha um mensageiro deve ter dito ao Coronel que algo ocorreu com as crianças. A companhia das crianças!, pensa. Está escrito, jaz ao fundo do bolsão sobre o que está jogado para proteger da chuva, quatro ou cinco folhas relatam a história desses adolescentes, quase meninos, que o Sétimo Regimento recrutou sem lhes perguntar a idade. Por que o faz? Porque, segundo Moreira César, os meninos têm melhor pontaria, nervos mais firmes que os adultos. Ele viu, falou com esses soldados de quatorze e quinze anos aos que chamam crianças. Por isso, quando escuta ao mensageiro dizer que algo lhes

ocorre, o jornalista míope segue ao Coronel para a retaguarda. Meia hora depois os encontra.

Nas trevas molhadas, um calafrio lhe corre da cabeça aos pés. De novo soam, muito fortes, as cornetas e os sinos, mas ele segue vendo, no sol do entardecer, aos oito ou dez meninos-soldados, em cócoras ou tombados sobre o cascalho. As companhias da retaguarda vão deixando atrás. São os mais jovens, parecem disfarçados, os nota mortos de fome e cansaço. Assombrado, o jornalista míope descobre a seu colega entre eles. Um Capitão de bigodes, que parece vítima de sentimentos encontrados—piedade, cólera, indecisão—recebe ao Coronel: negavam-se a continuar, Excelência, o que devia fazer? O jornalista trata afanosamente de persuadir a seu colega: que se levante, que faça um esforço. “Não eram razões o que precisava—pensa— se tivesse um átomo de energia teria seguido.” Recorda suas pernas estiradas, a lividez de sua cara, sua respiração difícil. Um dos meninos choraminga: preferem que os faça matar, Excelência, têm os pés infectados, zumbidos na cabeça, não darão um passo mais. Soluça, com as mãos como rezando, e, pouco a pouco, os que não choravam também rompem a chorar, tampando as caras e encolhendo-se aos pés do Coronel. Recorda o olhar de Moreira César, seus olhinhos frios passando e voltando a passar sobre o grupo:

—Acreditei que se fariam homens mais rápido nas filas. vão se perder o melhor da festa. Defraudaram-me, moços. Para não considerá-los desertores, dou-lhes de baixa. Entreguem suas armas e seus uniformes.

O jornalista míope cede meia ração de água a seu colega e aí está o sorriso com que este o agradece, enquanto os meninos, apoiando uns em outros, com mãos frouxas, tiram-se as jaquetas e os quepis e devolvem seus fuzis aos armeiros.

—Não fiquem aqui, é muito descoberto—lhes diz Moreira César— Tratem de chegar ao roquedal onde fizemos alto esta manhã. Escondam-se aí até que passe alguma patrulha. A verdade, têm poucas probabilidades.

Dá meia volta e retorna à cabeça da Coluna. Seu colega sussurra a modo de despedida: “Na porta do forno se queima o pão, jovem amigo”. Aí está o velho, com seu cachecol absurdo no cangote, ficando atrás, sentado como um monitor entre meninos seminus que

mugem. Pensa: “Também choveu lá”. Imagina a surpresa, a felicidade, a ressurreição que foi para o velho e os meninos esse súbito toró que envia o segundo céu depois de encher-se e obscurecer-se de nuvens. Imagina a incredulidade, os sorrisos, as bocas abrindo-se ávidas, gozadoras, as mãos formando terrinas para reter a água, imagina aos moços abraçando-se, ficando de pé, descansando, encorajados, desferidos. Terão reatado a marcha, alcançado talvez à retaguarda? Encolhendo-se até tocar o queixo com os joelhos, o jornalista míope se responde que não: seu abatimento e ruína física eram tais que nem sequer a chuva terá sido capaz de levantá-los.

Quantas horas dura já esta chuva? Começou ao anoitecer, quando a vanguarda começou tomar posse das alturas de Canudos. Há uma explosão indescritível em todo o Regimento, soldados e oficiais saltam, aplaudem-se, bebem em seus quepis, expõem-se com os braços abertos às trombas do céu, o cavalo branco do Coronel relincha, agita as crinas, remove os cascos na lama que começa a formar-se. O jornalista míope só atina a elevar a cabeça, a fechar os olhos, a abrir a boca, o nariz, incrédulo, extasiado por essas gotas que salpicam sobre seus ossos e está assim, tão absorto, tão ditoso, que não ouve os disparos, nem os gritos do soldado que roda pelo chão, a seu flanco, dando *ais* de dor e agarrando a cara. Quando descobre a desordem se agacha, levanta o tabuleiro e o bolsão e tampa a cabeça. Desde esse miserável refúgio vê o Capitão Olímpio de Castro disparando seu revólver e a soldados que correm em busca de casaco ou se jogam no barro. E entre as pernas enlameadas que se cruzam e descruzam vê—a imagem está detida em sua memória como um *daguerrotipo*— ao Coronel Moreira César agarrando as rédeas do cavalo, saltando sobre arreios e, com o sabre desembainhado carregando, sem saber se é seguido, para a caatinga de onde dispararam. “Gritava viva a República—pensa— viva o Brasil.” Na plúmbea luz, entre os jorros de água e o vento que balança as árvores, oficiais e soldados põem-se a correr, fazendo coro os gritos do Coronel, e—esquecendo um instante o frio e a angústia, o jornalista do *Jornal de Notícias* ri, lembrando— se vê de repente ele também correndo em meio deles, também para o bosque, também ao encontro do invisível inimigo. Recorda ter pensado, enquanto dava tropeções, que corria estupidamente para um combate que não ia

liberar. Com o que o tivesse liberado? Com um tabuleiro portátil? Com o bolsão de couro onde leva suas mudas e seus papéis? Com seu tinteiro vazio? Mas o inimigo, claro está, não aparece.

“O que apareceu foi pior”, pensa, e outro calafrio o atravessa, como uma lagartixa por suas costas. Na cinzenta tarde que começa a ser noite, volta a ver como a paisagem adquire de repente perfil fantasmagórico, com esses estranhos frutos humanos pendurados das umburanas e a favela, e essas botas, vagens de sabres, polonesas, quepis, bailando dos ramos. Alguns cadáveres são já esqueletos vazamentos de olhos, ventres, nádegas, coxas, sexos, pelas bicadas dos abutres ou as dentadas dos roedores e sua nudez ressalta contra a grisura esverdeada, espectral, das árvores e a cor parda da terra. Detido em seco pelo insólito do espetáculo, caminha atordoado entre esses restos de homens e uniformes que adornam a caatinga. Moreira César desmontou e o rodeiam os oficiais e soldados que carregaram atrás dele. Estão petrificados. Um profundo silêncio, uma imobilidade tirante substituíram a gritaria e as carreiras de um momento. Todos observam e, nas caras, ao estupor, ao medo, vão acontecendo a tristeza, a cólera. O jovem Sargento loiro tem a cabeça intacta—embora sem olhos—e o corpo desfeito de cicatrizes cárdenas, ossos salientes, bocas tumefactas que com o correr da chuva parecem sangrar. Balança-se, brandamente. Desde esse momento, antes ainda de espantar-se e ter piedade, o jornalista míope pensou o que não pode deixar de pensar, o que agora mesmo o rói e lhe impede de dormir: a casualidade, o milagre que o salvaram de estar também aí, nu, talhado, castrado pelas facas dos jagunços ou os picos dos urubus, pendurando entre os cactos. Alguém soluça. É o Capitão Olímpio de Castro, que, com a pistola ainda na mão, leva-se o braço à cara. Na penumbra, o jornalista míope vê que outros oficiais e soldados também choram pelo Sargento loiro e seus soldados, aos que começaram a desprender. Moreira César permanece ali, presenciando a operação que se faz às escuras, com o rosto franzido em uma expressão de uma dureza que não lhe viu até agora. Envoltos em mantas, uns junto a outros, os cadáveres são enterrados imediatamente, por soldados que apresentam armas na escuridão e disparam uma salva em sua honra. Depois do toque da corneta, Moreira César aponta com a espada as ladeiras que têm diante e pronuncia um discurso muito curto:

—Os assassinos não fugiram, soldados. Estão aí, esperando o castigo. Agora calo para que falem as baionetas e os fuzis.

Sente de novo o bramido do canhão, esta vez mais perto, e salta no sítio, muito acordado. Recorda que nos últimos dias quase não espirrou, nem sequer nesta umidade chuvosa, e se diz que pelo menos para isso lhe terá servido a Expedição: o pesadelo de sua vida, esses espirros que enlouqueciam a seus companheiros de redação e que o tinham noites íntegras insone, diminuíram, talvez desaparecido. Recorda que começou a fumar ópio nem tanto para sonhar para dormir sem espirros e se diz: “que mediocridade”. Se inclina e espia o céu: é uma mancha sem faíscas. Está tão escuro que não distingue as caras dos soldados tombados junto a ele, a direita e esquerda. Mas ouve seu fôlego, as palavras que lhes escapam.

Cada certo tempo, uns se levantam e outros devem descansar enquanto os primeiros sobem a relevá-los na cúpula. Pensa: será terrível. Algo que nunca poderá reproduzir fielmente por escrito. Pensa: estão cheios de ódio, intoxicados pelo desejo de vingança, por lhes fazer pagar a fadiga, a fome, a sede, os cavalos e as cabeças de gado perdidas e, sobretudo, os cadáveres destroçados, vexados, desses companheiros aos que viram partir apenas umas horas antes de tomar Caracatá. Pensa: era o que necessitavam para chegar ao paroxismo. Esse ódio foi o que os fez escalar as ladeiras rochosas a um ritmo frenético, apertando os dentes, e o que deve os ter agora insones, empunhando suas armas, olhando obsessivamente da cúpula as sombras abaixo onde estão essas presas que, se ao princípio odiavam por dever, agora odeiam pessoalmente, como inimigos aos que devem cobrar uma dívida de honra.

Pelo ritmo louco em que o Sétimo Regimento escalou as colinas, não pôde permanecer à cabeça, junto ao Coronel, o Estado Maior e a escolta. Impediram-o a falta de luz, os tropeções, os pés inchados, o coração que parecia sair, as têmperas que golpeavam. O que o fez resistir, incorporar-se tantas vezes, continuar subindo? Pensa: o medo de ficar sozinho, a obscuridade que vai passar. Em uma dessas quedas extraviou o tabuleiro, mas um soldado com o crânio rapado— rapam aos infectados de piolhos— o alcança pouco depois. Já não tem modo de usá-lo, terminou a tinta e a última pluma de ganso se quebrou a véspera. Agora que cessou a chuva, percebe ruídos diversos, um rumor de pedras, e se pergunta se, na noite, as

companhias seguem desdobrando-se a um e outro lado, se estão arrastando os canhões e metralhadoras a uma nova convocação ou se a vanguarda se lançou já costa abaixo, sem esperar o dia.

Não o deixaram atrasado, chegou antes que muitos soldados. Sente uma alegria infantil, a sensação de ter ganho uma aposta. Essas silhuetas sem feições já não avançam, estão afanosamente abrindo vultos, tirando as mochilas. Desaparecem sua fadiga, sua angústia. Pergunta onde está o comando, ricocheteia em um e outro grupo de soldados, vai e vem até dar com a lona sustentada em estacas, iluminada por um candil débil. É já noite fechada, continua chovendo muito, e o jornalista míope recorda a segurança, o alívio que sentiu ao aproximar-se engatinhando à lona e ver o Moreira César. Está recebendo partes, dando instruções, reina uma atividade febril em torno da mesinha sobre a que chiada a chama. O jornalista míope se deixa cair no chão, à entrada, como outras vezes, pensando que sua postura, sua presença ali, são as de um cão e que é a um cão sem dúvida ao que mais deve associá-lo o Coronel Moreira César. Vê entrar e sair a oficiais salpicados de barro, ouve discutir ao Coronel Tamarindo com o Major Cunha Matos, dar ordens ao Moreira César. O Coronel está envolto em uma capa negra e, na luz oleosa, parece disforme. Teve uma nova crise de sua misteriosa enfermidade? Porque a seu lado está o Doutor Souza Ferreiro.

—Que a artilharia rompa o fogo—ouve dizer— Que os *Krupp* lhes mandem nossos cartões de visita, para abrandá-los até o momento do assalto.

Quando os oficiais começam a sair da tenda, deve ficar de um lado a fim de que não o pisem.

—Que ouçam o Toque do Regimento—diz o Coronel ao Capitão Olímpio de Castro.

Pouco depois o jornalista míope ouve o longo toque, lúgubre, funeral, que ouviu ao partir a Coluna de Queimadas. Moreira César se pôs de pé e balança, meio encolhido em sua capa, até a saída. Vai dando a mão e desejando sorte aos oficiais que partem.

—Vá, chegou você até Canudos—diz-lhe- Vê-lo confesso que me assombra. Nunca acreditei que seria o único dos correspondentes a nos acompanhar até aqui.

E imediatamente, desinteressado dele, volta-se para o Coronel Tamarindo. O Toque de Carga e Degola ressoa em distintos pontos do contorno, por sobre a chuva. Em um silêncio, o jornalista míope escuta de repente um alerta de sinos. Recorda o que pensou que todos pensavam: “A resposta dos jagunços”. “Amanhã almoçarão em Canudos”, ouve dizer ao Coronel. Atordoa-lhe o coração, pois amanhã já é hoje.

Acordou-o uma forte ardência: fileiras de formigas lhe percorriam ambos os braços, deixando um monte de pontos vermelhos em sua pele. Esmagou-as com as mãos enquanto sacudia a cabeça embotada. Observando o céu cinza, a luz que ralava, Galileo Gall tratou de calcular a hora. Sempre tinha invejado em Rufino, na Jurema, na Barbuda, em toda a gente daqui, a segurança com que, mediante uma simples olhada ao sol ou às estrelas, podiam saber a que altura do dia ou da noite se encontravam. Quanto tinha dormindo? Não muito, pois Ulpino ainda não voltava. Quando viu as primeiras estrelas se sobressaltou. Teria lhe ocorrido algo? Teria fugido, temeroso de levá-lo até o mesmo Canudos? Sentiu frio, uma sensação que parecia não experimentar fazia séculos.

Horas depois, na clara noite, teve a certeza de que Ulpino não ia voltar. Ficou de pé e, sem saber o que pretendia, pôs-se a andar pela direção que assinalava o madeiro onde estava Caracatá. O caminho se dissolvia em um labirinto de espinhos que o arranhavam. Retornou ao claro. Alcançou a dormir, angustiado, com pesadelos que ao amanhecer recordava confusamente. Tinha tanta fome que esteve um bom momento, esquecido do guia, mastigando ervas, até acalmar o vazio de seu ventre. Logo, explorou os arredores, convencido de que não tinha mais remédio que se orientar sozinho. Depois de tudo, não seria difícil bastava encontrar ao primeiro grupo de peregrinos e segui-los. Mas, onde estavam? Que Ulpino o tivesse extraviado deliberadamente, produzia-lhe tanta angústia que, logo que aparecia em seu cérebro essa suspeita, expulsava-a. Para abrir passagem no bosque levava uma grossa ramo e, presa ao ombro, sua alforja. De repente, rompeu a chover. Ébrio de excitação, lambia as

gotas que caíam em sua cara, quando viu umas silhuetas entre as árvores. Gritou, chamando-as, e correu para elas, chapinhando, dizendo-se que por fim, quando reconheceu a Jurema e ao Rufino, parou-se em seco. Através de uma cortina de água, advertiu a tranqüilidade do rastreador e que levava a Jurema atada ao cangote, como a um animal. Viu-o soltar a corda e divisou a cara assustada do Miúdo. Os três o olhavam e se sentiu desconcertado, irreal. Rufino tinha uma faca na mão; seus olhos pareciam carvões.

—Por si, não viria a defender a sua mulher—entendeu que lhe dizia, com mais desprezo que raiva— Não tem honra, Gall.

Sentiu que se acentuava a sensação de irrealidade. Elevou a mão que tinha livre e fez um gesto pacificador, amistoso:

—Não há tempo para isto, Rufino. O que lhe passou posso explicar. O urgente agora é outra coisa. Há milhares de homens e mulheres que podem ser sacrificados por um punhado de ambiciosos. Seu dever...

Mas se deu conta que falava em inglês. Rufino vinha para ele e Galileo começou a retroceder. Como de costume já era barro. Atrás, o Miúdo tratava de desenredar a Jurema. “Não lhe vou matar ainda”, acreditou entender, e que o rastreador ia pôr a mão na cara para lhe tirar sua honra. Teve vontade de rir. A distância entre ambos se ia cortando por segundos e pensou: “Não entende, nem entenderá as razões”. O ódio, como o desejo, anulava a inteligência e voltava para homem puro instinto. Morreria por essa estupidez, o vazio de uma mulher? Continuava gestos apaziguadores e punha uma cara medrosa e implorante. De uma vez, calculava a distância e, quando o deixou próximo, subitamente descarregou contra Rufino o pau que empunhava. O rastreador caiu ao chão. Escutou gritar a Jurema, mas quando ela chegou a seu lado, voltou a golpear ao Rufino um par de vezes e este, aturdido, soltara a faca, que Gall recolheu. Conteve a Jurema, indicando-lhe com um gesto que não a mataria. Enfurecido, mostrando o punho ao homem cansado, rugiu:

—Cego, egoísta, traidor a sua classe, mesquinho, não pode sair de seu mundinho vaidoso? A honra dos homens não está em suas caras nem no cone das mulheres, insensato. Há milhares de inocentes em Canudos, está-se jogando a sorte de seus irmãos, compreende-o.

Rufino movia a cabeça, voltando do desmaio.

—Trata você de que entenda—gritou Gall a Jurema ainda, antes de partir. Ela o olhava como se estivesse louco ou não o conhecesse. De novo teve uma sensação de absurdo e irrealidade. Por que não tinha matado ao Rufino? O imbecil o perseguiria até o fim do mundo, era seguro. Corria, arranhado pela caatinga, sob trombas de água, enlodando-se, sem saber onde ia. Conservava o pau e a alforja, mas tinha perdido o chapéu e sentia as gotas ricocheteando em seu crânio. Um tempo depois, que podia ser uns minutos ou uma hora, deteve-se. Pôs-se a andar, devagar. Não havia atalho algum, nenhum ponto de referência entre os matagais e os cactos, e os pés lhe afundavam no barro, freando-o. Sentia que suava sob a água. Amaldiçoou sua sorte, em silêncio. A luz se foi apagando e lhe custava acreditar que fosse já o entardecer. Ao fim, disse-se que estava olhando a todos lados como se estivesse a ponto de suplicar a essas árvores cinzas, estéreis, de puas pontudas em vez de folhas, que o ajudassem. Fez um gesto, entre compassivo e desesperado, e pôs-se a correr de novo. Mas aos poucos metros deixou de fazê-lo e permaneceu no lugar, crispado pela impotência. Escapou-lhe um soluço:

—Rufinoooo! Rufinoooo!—gritou, levando as mãos à boca— Vêm, vêm, aqui estou, necessito-lhe! me ajude, me leve à Canudos, façamos algo útil, não sejamos estúpidos. Logo poderá se vingar, me matar, me esbofetear. Rufinooo!

Escutou o eco de seus gritos, entre o estalo da água. Parecia uma sopa, morto de frio. Seguiu andando, sem rumo, movendo a boca, golpeando as pernas com o pau. Era o entardecer, logo seria noite, tudo isto era talvez um simples pesadelo e o costume cedeu sob seus pés, antes de chocar contra o fundo, compreendeu que tinha pisado em uma ramagem que dissimulava um buraco. O golpe não o fez perder o sentido: a terra estava branda pela chuva. Endireitou-se, tocou-se braços, pernas, as costas dolorida. Procurou provas a faca de Rufino que lhe tinha desprendido da cintura e pensou que poderia cravar-lhe. Tentou escalar o buraco, mas seus pés escorregavam e voltava a cair. Sentou-se como de costume empapado, apoiou-se no muro e, com uma espécie de alívio, dormiu. Despertou um murmúrio tênue, de ramos e folhas pisadas. Ia gritar quando sentiu um sopro junto a seu ombro e na penumbra viu cravar-se na terra um dardo de madeira.

—Não atirem! Não atirem!—gritou— Sou um amigo, um amigo.

Houve murmúrios, vozes, e seguiu gritando até que um lenho aceso se afundou no poço e atrás da chama intuiu cabeças humanas. Eram homens armados e cobertos de xales grandes de ervas. Estenderam-se várias mãos e o içaram até a superfície. Havia exaltação, felicidade, na cara de Galileo Gall que os jagunços examinavam, dos pés à cabeça, à luz de suas tochas, chispantes na umidade da chuva recente. Os homens pareciam disfarçados com suas carapaças de ervas, os apitos de madeira enroscados no pescoço, as carabinas, os facões, as suspensões, as fileiras de balas, os farrapos, os escapulários e detenha com o Coração do Jesus. Enquanto eles o olhavam, farejavam, com expressões que diziam a surpresa que lhes produzia esse ser que não conseguiam identificar dentro das variedades de homens conhecidos. Galileo Gall lhes pedia com veemência que o levassem à Canudos: podia servi-los, ajudar ao Conselheiro, lhes explicar as maquinações de que eram vítimas por obra dos políticos e militares corrompidos da burguesia. Acionava, para dar ênfase e eloqüência à suas palavras e encher os vazios de sua meia língua, olhando a uns e outros com olhos exagerados: tinha uma velha experiência revolucionária, camaradas, tinha combatido muitas vezes ao lado do povo, queria compartilhar sua sorte.

—Louvado seja o Bom Jesus—parecia entender que alguém dizia. Burlavam-se dele? Balbuciou, lhe travou a língua, lutou contra a sensação de impotência que ganhava no dar-se conta que as coisas que dizia não eram exatamente as que queria dizer, as que eles poderiam entender. Desmoralizava-o, sobretudo, advertir na indecisa luz das tochas que os jagunços trocavam olhadas e gestos significativos e que lhe sorriam piedosamente, lhe mostrando suas bocas onde faltavam ou sobravam dentes. Sim, pareciam disparates, mas tinham que lhe acreditar! Estava aqui para ajudá-los, custara-lhe muitíssimo chegar à Canudos. Graças a eles tinha renascido um fogo que o opressor acreditava ter extinto no mundo. Calou de novo, desconcertado, desesperado, pela atitude benévola dos homens com xales grandes de ervas nos que só adivinhava curiosidade e compaixão. Ficou com as mãos estiradas e sentiu os olhos carregados de lágrimas. Que fazia aqui? Como tinha chegado a meter-se nesta armadilha, da que não ia sair, acreditando que assim punha um granito de areia na grande empresa de desbravar o mundo? Alguém

lhe aconselhava que não tivesse medo: eram só maçons, protestantes, serventes do Anticristo; o Conselheiro e o Bom Jesus valiam mais. Quem lhe falava tinha uma cara larga e uns olhos diminutos e soletrava cada palavra: quando faltasse, um rei chamado Sebastião sairia do mar e subiria a Belo Monte. Não devia chorar, os inocentes tinham sido tocados pelo anjo e o Pai o faria ressuscitar se os hereges o matavam. Queria lhes responder que sim, que, por debaixo da roupagem enganosa das palavras que diziam, era capaz de escutar a contundente verdade de uma luta em marcha, entre o bem representado pelos pobres, os sofridos, os espoliados e o mal que eram os ricos e seus exércitos e que, ao término dessa luta, abrir-se-ia uma era de fraternidade universal, mas não encontrava as palavras apropriadas e sentia que agora o aplaudiam no ombro, consolando-o, pois o viam soluçar. Mal entendia frases soltas, o beijo dos escolhidos, alguma vez seria rico, e que devia rezar.

—Quero ir à Canudos—pôde dizer, agarrando o braço de que falava— Levem-me com vocês. Posso segui-los?

—Não pode—repôs-lhe um, assinalando para cima— Aí estão os cães. Cortariam o seu cangote. Esconda-se. Irá depois, quando estiverem mortos.

Fizeram-lhe gestos de paz e se desvaneceram a seu redor, deixando-o em meio da noite, atordoado, com uma frase que ressonava em seus ouvidos como uma brincadeira: Louvado seja o Bom Jesus. Deu uns passos, tratando de segui-los, mas lhe interpôs um bólido que o derrubou. Compreendeu que era Rufino quando já estava brigando com ele e, enquanto golpeava e era golpeado, pensou que esses brilhos inquietos detrás dos jagunços eram os olhos do rastreador. Tinha esperado que aqueles partissem para atacá-lo? Não trocavam insultos enquanto se feriam, resfolegando no lodo da caatinga. De novo chovia e Gall ouvia o trovão, o estalo da água e, de algum modo, esta violência animal o liberava do desespero e dava um momentâneo sentido a sua vida. Enquanto mordía, chutava, arranhava, cabeceava, ouvia os gritos de uma mulher que sem dúvida era Jurema chamando o Rufino e, misturado, o alarido do Miúdo chamando a Jurema. Mas de repente todos os ruídos ficaram inundados por um estalo de cornetas, multiplicado, que provinha da altura e por um repique de sinos que lhe respondia. Foi como se essas cornetas e sinos, cujo sentido pressentia, ajudassem-no; agora

lutava com mais brios, sem experimentar fadiga nem dor. Caía e se levantava, sem saber se o que sentia jorrar sobre sua pele era suor, chuva ou sangue de feridas. Bruscamente, Rufino foi dentre as mãos, afundou-se, e escutou o ruído de seu corpo ao se chocar no fundo do poço. Permaneceu estendido, ofegando, tentando com a mão a bordo que tinha decidido a luta, pensando que era a primeira coisa favorável que lhe acontecia em vários dias.

—Preconceituoso! Insensato! Vaidoso! Teimoso!—gritou, afogando-se— Não sou seu inimigo, seus inimigos são os que tocam essas cornetas. Não as ouve? Isso é mais importante que meu sêmen, que o cone de sua mulher, onde pôs sua honra, como um burguês imbecil.

Deu-se conta que, de novo, tinha falado em inglês. Com esforço, ficou de pé. Chovia muito e a água que recebia com a boca aberta o fazia bem. Coxeando, porque, talvez ao cair ao poço, talvez na briga, feriu uma perna, avançou pela caatinga, sentindo os ramos e lascas das árvores, tropeçando. Tratava de orientar-se pelos toques elegíacos, mortuários, das cornetas, ou pelos solenes sinos, mas os sons pareciam itinerantes. E nisso algo se prendeu de seus pés e o fez rodar, sentir barro nos dentes. Chutou, tratando de escapar, e ouviu gemer ao Miúdo. Obstinado a ele, apavorado, chiava:

—Não me abandone, Gall, não me deixe sozinho. Não sente esse roçar? Não vê o que são, Gall?

Voltou a sentir essa sensação de pesadelo, de fantasia, de absurdo. Recordou que o Miúdo perfurava a escuridão e que às vezes a Barbuda lhe dizia gato e coruja. Estava tão cansado que seguia convexo, sem apartar ao Miúdo, ouvindo-o choramingar que não queria morrer. Pôs-lhe uma mão nas costas e a sovou, enquanto se esforçava por ouvir. Não cabia dúvida: eram tiros. Vinha ouvindo-os, espaçados, pensando que eram rufos de tambor, mas agora estava seguro que eram explosivos. De canhões sem dúvida pequenos, acaso morteiros, mas que, é óbvio, volatilizariam Canudos. A fadiga era muito grande e, por desmaio ou sono, perdeu a consciência.

Despertou tremendo de frio em uma debilitada claridade. Ouviu bater os dentes do Miúdo e viu seus olhos girando espantados nas órbitas. O homenzinho devia ter dormido apoiando-se sobre sua perna direita, que sentia intumescida. Foi recuperando a consciência,

piscou, olhou: viu, pendurados das árvores, restos de uniformes, quepis, sapatões, capote, cantis, mochilas, vagens de sabres e de baionetas, e umas toscas cruces. Eram os penduricalhos das árvores que o Miúdo olhava enfeitiçado, como se não visse esses objetos a não ser os fantasmas de quem as vestiu. “Pelo menos a esses os derrotaram”, pensou.

Escutou. Sim, outro tiro. Tinha deixado de chover fazia horas, pois a seu redor tudo estava seco, mas o frio lhe mordia os ossos. Débil, dolorido, conseguiu ficar de pé. Descobriu em sua cintura a faca e pensou que nem sequer lhe tinha ocorrido usá-la enquanto lutava contra o rastreador. Por que não quis matá-lo tampouco esta segunda vez? Ouviu, agora sim, muito claro, outro tiro, e uma gritaria de cornetas, esse som lúgubre que parecia toque de defuntos. Como em sonhos, viu aparecer ao Rufino e Jurema entre os arbustos. O rastreador estava ferido gravemente, ou exausto, pois se apoiava nela, e Gall soube que Rufino tinha passado a noite buscando-o, incansável, pela escuridão do bosque. Sentiu ódio por essa firmeza, por essa decisão retilínea e imperturbável de matá-lo. Olhavam-se aos olhos e ele estava trêmulo. Tirou a faca de sua cintura e apontou para onde vinha o toque de cornetas:

—Ouve?—silabou— Seus irmãos recebem metralha, morrem como moscas. Você me impediu de chegar lá e morrer com eles. Você fez de mim um palhaço estúpido...

Rufino tinha na mão uma adaga de madeira. Viu-o soltar a Jurema, empurrá-la, esconder-se para investir:

—Que classe de inseto é, Gall—ouviu-o dizer— Fala muito dos pobres, mas trai ao amigo e ofende a casa onde lhe dão hospitalidade.

Calou-o, lançando-se contra ele, cego de fúria. Tinham começado a destroçar-se e Jurema os olhava, estupidizada de angústia e fadiga. O Miúdo dobrou-se em dois.

—Não morrerei pelas misérias que há em mim, Rufino—rugia Gall— Minha vida vale mais que um pouco de sêmen, infeliz.

Estavam derrubando-se no chão quando apareceram dois soldados correndo. Detiveram-se em seco ao vê-los. Usavam uniformes meio rasgados, um deles sem sapatos, com os fuzis

preparados. O Miúdo tampou a cabeça. Jurema correu para eles, lhes interpôs, rogou-lhes:

—Não disparem, não são jagunços...

Mas os soldados dispararam a queima-roupa sobre os dois adversários e se equilibraram logo sobre ela, bufando, e a arrastaram para uns matagais secos. Feridos gravemente, o rastreador e o frenólogo seguiam brigando.

“Teria que estar contente, pois significa que o sofrimento do corpo terminará, que verei o Pai e a santíssima”, pensou Maria Quadrado. Mas o medo a transpassava e fazia esforços para que as devotas não o advertissem. Se elas notassem seu medo, contagiar-se-iam e a armação dedicada ao cuidado do Conselheiro se faria vento. E nas próximas horas, estava segura, o Coro Sagrado seria mais necessário que nunca. Pediu perdão a Deus por sua covardia e tratou de rezar, como o fazia e tinha instruído às devotas que o fizessem, enquanto o Conselheiro celebrava reunião com os apóstolos. Mas não pôde concentrar-se no Credo. João Abade e João Grande já não insistiam em levá-lo a refúgio, mas o Comandante da Rua tratava de dissuadir o de percorrer as trincheiras: a guerra podia surpreendê-lo ao ar livre, desprotegido, pai.

O Conselheiro não discutia nunca e agora tampouco o fez. Retirou a cabeça do Leão de Natuba de seus joelhos e a colocou no chão, onde o escriba seguiu dormindo. Ficou de pé, João Abade e João Grande também se incorporaram. Tinha enfraquecido ainda mais nos últimos dias e parecia mais alto. Maria Quadrado estremeceu ao ver que estava dolorido: tinha os olhos enrugados, entreaberta a boca e havia nesse *rictus* como uma adivinhação terrível. Decidiu instantaneamente acompanhá-lo. Nem sempre o fazia, sobretudo nas últimas semanas, quando, pela aglomeração nas estreitas ruas, a Guarda Católica devia formar uma muralha em torno do Conselheiro que a ela e às devotas resultava difícil manter-se perto dele. Mas agora sentiu, de maneira peremptória, que devia ir. Fez um gesto e as devotas se amontoaram a seu redor. Saíram detrás dos homens, deixando dormindo no Santuário ao Leão de Natuba.

A aparição do Conselheiro na porta do Santuário tomou tão de surpresa às pessoas ali apinhadas que não tiveram tempo de lhe fechar a passagem. A um sinal do João Grande, os homens com braceletes azuis que se achavam na esplanada, entre a igreja do Santo Antonio e o Templo em construção, pondo ordem nos peregrinos recém chegados, correram a rodear ao santo, que avançava já pela ruela dos Mártires para a baixada de Umburanas. Enquanto trotava, rodeada das devotas, atrás do Conselheiro, Maria Quadrado recordou sua travessia de Salvador à Monte Santo, e aquele moço que a violou, pelo que sentiu compaixão. Era um mau sintoma: só recordava o maior pecado de sua vida quando se achava muito abatida. Arrependeu-se desse pecado incontáveis vezes; tinha-o confessado em público; aos ouvidos dos párocos e feito por ele toda classe de penitências. Mas a culpa estava sempre no fundo de sua memória, de onde vinha a torturá-la periodicamente.

Dava-se conta de que, entre os vítores ao Conselheiro, havia vozes que a nomeavam—Mãe Maria Quadrado! Mãe dos Homens!— que perguntavam por ela e a assinalavam. Essa popularidade lhe parecia armadilha do diabo. Ao princípio, disse-se que esses que lhe pediam intercessões eram romeiros de Monte Santo, que a tinham conhecido lá. Mas, por fim, compreendeu que a veneração de que era objeto se devia aos anos que levava servindo ao Conselheiro, que a gente acreditava que este a tinha impregnado com sua santidade.

O movimento febril, os preparativos que via nos atalhos e barracões apinhados de Belo Monte, foram apartando à Superiora do Coro Sagrado de sua preocupação. Essas pás e enxadas, essas marteladas, eram preparativos de guerra. O povo estava transformando-se como se fosse combater cada casa. Viu que havia homens levantando sobre os tetos esses tablados aéreos que tinha visto nas caatingas, entre as árvores, de onde os atiradores espreitavam aos tigres. Até no interior das moradias, homens, mulheres e meninos que interrompiam sua tarefa para fazer o sinal da cruz, abriam fossos ou enchiam sacos de terra. E todos tinham carabinas, trabucos, lanças, paus, facas, colares de balas, ou carregavam seixos, ferros, pedras brutas.

A baixada de Umburanas, que se abria à ambas as bordas de um riacho, estava irreconhecível. Os da Guarda Católica tiveram que guiar às devotas por esse campo crivado, entre os fossos que

proliferavam. Porque, além da trincheira que tinha visto quando a última procissão chegou até ali, havia agora, em qualquer parte, buracos escavados na terra, de um ou dois ocupantes, com parapeitos de pedra para resguardar as cabeças e apoiar o fuzil.

A chegada do Conselheiro causou grande alvoroço. Os que cavavam ou carregavam correram a escutá-lo. Maria Quadrado, ao pé da carreta onde subiu o santo, detrás de uma dupla cerca da Guarda Católica, podia ver na trincheira dezenas de homens armados, alguns dormindo em posturas absurdas e que não despertavam apesar do alvoroço. Imaginou toda a noite velando, vigiando, trabalhando, preparando a defesa de Belo Monte contra o Grande Cão e sentiu ternura por todos, desejo de lhes limpar as frentes, de lhes dar água e pães recém assados e lhes dizer que por essa abnegação a santíssima Mãe e o Pai lhes perdoariam todas as suas culpas.

O Conselheiro se pôs a falar, sossegando os ruídos. Não falava dos cães nem dos escolhidos, mas sim das tempestades de dor que se levantaram no Coração da Maria quando, respeitosa da lei dos judeus, levou seu filho ao Templo, aos oito dias de nascido, para que sangrasse na cerimônia da circuncisão. Descrevia o Conselheiro, com um acento que chegava à alma da Maria Quadrado—e podia ver que todos estavam igualmente de comovidos— como o Menino Jesus, recém circuncidado, estendia para a santíssima seus braços, reclamando consolo, e como seus balidos de cordeirinhos penetravam na alma da Senhora e a suplicavam, quando rompeu a chover. O murmúrio, a gente que caiu de erva-doces ante essa prova de que também os elementos se enterneciam com o que evocava o Conselheiro, disseram a Maria Quadrado que os irmãos e irmãs compreendiam que acabava de ocorrer um milagre. “É um sinal, Mãe?”, murmurou Alexandrinha Correia. Ela assentiu. O Conselheiro dizia que era preciso ouvir como gemeu Maria ao ver tão linda flor batizada de sangue no alvorecer de sua preciosa vida, e que esse pranto era símbolo do que diariamente chorava a Senhora pelos pecados e covardias dos homens que, como o sacerdote do Templo, fazem sangrar ao Jesus. Nisso chegou o Beato, seguido por um cortejo que trazia as imagens das igrejas e a urna com o rosto do Bom Jesus. Entre os recém vindos chegou, quase perdido, curvado como uma foice, empapado, o Leão de Natuba. O Beato e o escriba

foram levantados em peso pela Guarda Católica ao local que lhes correspondia.

Quando se reatou a procissão, para o Vassa Barris, a chuva tinha convertido a terra em lodaçal. Escolhidos chapinhavam e se enlameavam e em poucos minutos as imagens, estandartes, pálios e bandeiras foram manchadas de vultos plúmbeos. Encarapitado em um altar de barris, o Conselheiro, enquanto a chuva erupcionava a superfície do rio, falou, em voz que logo alcançavam para ouvir os mais próximos, mas que estes repetiam aos detrás e estes aos de mais atrás em uma cadeia de ondas concêntricas, de algo que era, talvez, a guerra.

Referindo-se a Deus e a sua Igreja disse que o corpo devia estar unido em toda sua cabeça, ou não seria corpo vivo nem viveria a vida da cabeça, e Maria Quadrado, os pés afundados na lama quente, sentindo contra seus joelhos o carneirinho que Alexandrinha Correia tinha na corda, entendeu que falava da indissolúvel união que devia haver entre os escolhidos, ele e o Pai, o Filho e o Divino na batalha. E bastava ver as caras do contorno para saber que todos entendiam, como ela mesma, que estava pensando neles quando dizia que o bom crente tinha a prudência da serpente e a simplicidade da pomba. Maria Quadrado tremeu ao escutá-lo salmodiar: “Derramo-me como água e todos os meus ossos se desconjuntaram. Meu coração se tornou de cera e está derretendo em minhas vísceras”. Ouvia-o cantarolar esse mesmo Salmo fazia quatro, cinco anos? Nas alturas de Masseté, no dia do enfrentamento que pôs fim às peregrinações.

A multidão continuou atrás do Conselheiro ao longo de Vassa Barris. Por esses campos que os escolhidos tinham lavrado, cheio de milho, de mandioca, de pasto, de cabras, de cabritos, de ovelhas, de vacas; desapareceria tudo isso, arrasado pela heresia? Viu fossos também em meio das plantações, com homens armados. O Conselheiro, de um montículo, falava explicitamente da guerra. Vomitariam água em vez de balas os fuzis dos maçons? Ela sabia que as palavras do Conselheiro não deviam tomar-se em sentido literal, porque freqüentemente eram comparações, símbolos difíceis de decifrar, que só podiam identificar-se claramente com os fatos quando estes ocorriam. Tinha cessado de chover e acenderam tochas. Um aroma fresco dominava a atmosfera. O Conselheiro explicou que o cavalo branco do Cortapescoços não era novidade para o crente,

pois não estava escrito no Apocalipse que viria e que seu cavaleiro levaria um arco e uma coroa para vencer e conquistar? Mas suas conquistas cessariam às portas de Belo Monte por intercessão da Senhora.

E assim continuou, da saída para Geremoabo à de Uauá; de Cambaio à entrada de Rosário; da rota de Chorrochó ao Curral do Bois, levando a homens e mulheres o fogo de sua presença. Em todas as trincheiras se deteve e em todas era recebido e despedido com vítores e aplausos. Foi a mais longa das procissões que Maria Quadrado recordava, entre torós e períodos de calma, desigualdades que correspondiam aos de seu espírito, que, com o passar do dia, passou, como o céu, do pânico à serenidade e do pessimismo ao entusiasmo.

Era já noite e na saída de Cocorobó o Conselheiro diferenciou a Eva, em que preponderavam a curiosidade e a desobediência, da Maria, toda amor e servidão e quem nunca tivesse sucumbido à tentação do fruto proibido que desgraçou à humanidade. Na espaçada luz, Maria Quadrado via o Conselheiro, entre o João Abade, João Grande, o Beato, os Vilanova, e pensava que, assim como ela, teria visto Maria Madalena, lá na Judéia, ao Bom Jesus e a seus discípulos, homens tão humildes e bons como estes, e teria pensado, como ela neste instante, que generoso era o Senhor que escolheu para que a história mudasse de rumo, não aos ricos donos de terras e de capangas, a não ser a um punhado de muito humildes seres. Deu-se conta que o Leão de Natuba não estava entre os apóstolos. Seu coração deu um tombo. Teria caído, sido pisoteado, jazeria no chão lamacento, com seu corpo de menino e seus olhos de sábio? Insultou-se por não havê-lo cuidado e ordenou às devotas que o buscassem. Mas nessa massa logo que podiam mover-se.

Ao retornar, Maria Quadrado pôde aproximar-se do João Grande e estava lhe dizendo que teria que encontrar ao Leão de Natuba, quando estalou o primeiro tiro. A multidão se deteve a escutar e muitos exploravam o céu, desconcertados. Mas trovejou outro tiro e viram saltar, em lascas e brasas, uma moradia do setor do cemitério. Na correria que se produziu ao redor, Maria Quadrado sentiu que logo procurava refúgio contra seu corpo. Reconheceu ao Leão de Natuba pelas riscas e a mínima ossatura. Abraçou-o, apertou-o, beijou-o meigamente, sussurrando-lhe: “meu filho, filhinho,

acreditava-o perdido, sua mãe está feliz, feliz”. Desordenava mais a noite um toque de clarins, ao longe, longo e lúgubre. O Conselheiro seguia avançando, ao mesmo passo, para o coração de Belo Monte. Tratando de defender ao Leão de Natuba dos trancos, Maria Quadrado quis pegar ao anel de homens que, passado o primeiro momento de confusão, fechou-se de novo em torno do Conselheiro. Mas as quedas e terremotos os atrasaram e chegaram à esplanada das igrejas quando estava coberta de gente. Sobressaindo-se entre os gritos dos que se chamavam ou pediam amparo ao céu, o vozeirão do João Abade ordenou que se apagassem todos os acendedores de Canudos. Logo, a cidade era um fosso de trevas no que Maria Quadrado não distinguia nem as feições do escriba.

“Tirou-me o medo”, pensou. Tinha começado a guerra, a qualquer momento outro tiro podia cair aqui mesmo e convertê-los, a ela e ao Leão, na massa de músculos e ossos que deviam ser os habitantes da casa destruída. E, entretanto, já não tinha medo. “Obrigado, Pai, Senhora”, rezou. Abraçando ao escriba, deixou-se cair ao chão, igual a outra gente. Tratou de perceber o tiroteio. Mas não havia disparos. Por que esta escuridão, então? Tinha falado em voz alta, pois a voz viva do Leão de Natuba lhe repôs: “Para que não possam nos apontar. Mãe”.

Os sinos do Templo do Bom Jesus retumbaram e sua palavra metálica apagou os clarins com que o Cão pretendia atemorizar Belo Monte. Foi como um vendaval de fé, de alívio, esse revôo de sinos que duraria o resto da noite. “Ele está acima, no campanário”, disse Maria Quadrado. Houve um rugido de reconhecimento, de afirmação, na multidão reunida na praça, ao sentir-se banhada pelo tangido desafiante, revitalizador, dos sinos. E Maria Quadrado pensou na sabedoria do Conselheiro que soube, no meio do espanto, dar ordem e esperança aos crentes.

Um novo tiro iluminou com ruído amarelo o espaço da praça. A explosão levantou e voltou para chão a Maria Quadrado, e ressonou em seu cérebro. No segundo de luz alcançou a ver as caras das mulheres e os meninos que olhavam o céu como se vissem o inferno. Ocorreu-lhe de repente que as partes e objetos que tinha visto pelos ares eram a casa do sapateiro Eufrasio, de Chorrochó, que vivia junto ao cemitério com um enxame de filhas, enteados e netos. Um silêncio seguiu ao tiro e desta vez não houve correrias. Os sinos repicavam

com a mesma alegria. Fazia-o bem sentir ao Leão de Natuba apertando-se como se quisesse esconder-se dentro de seu velho corpo.

Instruiu aos abacateiros para que em caso de combate recolhessem aos feridos e os levassem às Casas de Saúde e arrastassem aos mortos a um estábulo, convertido em Necrotério, para lhes dar depois um enterro cristão. Convertidos em enfermeiros e coveiros, os repartidores de água começavam a trabalhar.

Maria Quadrado rezou por eles, pensando: “Tudo passa como estava anunciado”.

Alguém chorava, não muito longe. Na praça, pelo visto, só havia meninos e mulheres. Onde estavam os homens? Deviam ter deslocado a subir-se aos palanques, a esconder-se nas trincheiras e parapeitos, e estariam agora atrás do João Abade, da Macambira, do Pajeú, do João Grande, do Pedrão, de Taramela e os outros chefes, com suas carabinas e fuzis, com suas lanças, facas, facões e paus, esquadrinhando as trevas a espera do Anticristo. Sentiu gratidão, amor, por esses homens que foram receber a mordida do Cão e talvez a morrer. Rezou por eles, arrulhada pelos sinos da torre.

E assim transcorreu a noite, entre rápidos aguaceiros cujos trovões silenciavam ao campanário e espaçados tiros que deviam pulverizar uma ou duas choças e a provocar um incêndio que o seguinte aguaceiro extinguiu. Uma nuvem de fumaça, que fazia arder a garganta e os olhos, estendeu-se pela cidade e Maria Quadrado, em seu adormecimento, com o Leão de Natuba nos braços, sentia tossir e cuspir. De repente, removeram-na. Abriu os olhos e se viu rodeada pelas devotas do Coro Sagrado, em uma luz ainda débil que lutava com a sombra. O Leão de Natuba dormia, apoiado em seus joelhos. Os sinos continuavam soando. As devotas abraçavam-na, tinham-na procurado, chamando-a na escuridão, e ela logo que podia as ouvir pela fadiga e o intumescimento. Despertou ao Leão: seus grandes olhos a olharam, brilhantes, desde atrás da selva de riscas. Trabalhosamente, ficaram de pé.

Parte da praça se limpou e Alexandrinha Correia lhe explicou que Antonio Vilanova tinha ordenado que as mulheres que não coubessem nas igrejas fossem a suas casas, a meter-se nos buracos, porque logo que viesse o dia as explosões varreriam a esplanada.

Rodeados das devotas, o Leão de Natuba e Maria Quadrado avançaram até o Templo do Bom Jesus. A Guarda Católica as fez entrar. No vigamento e paredes ao meio erigir, estava ainda escuro. A Superiora do Coro Sagrado viu, além de mulheres e meninos agachados, muitos homens em armas, e ao João Grande, correndo com uma carabina e fileiras de balas nos ombros. Sentiu-se empurrada, arrastada, guiada para os andaimes com cachos de gente que espiavam o exterior. Subiu, ajudada por braços musculosos, ouvindo que lhe diziam Mãe, sem soltar ao Leão, que aos poucos lhe escorria. Antes de alcançar o campanário, escutou um novo tiro, muito longínquo.

Por fim, no patamar dos sinos, viu o Conselheiro. Estava de joelhos, rezando, dentro de uma barreira de homens que não deixavam ninguém cruzar a escada. Mas a ela e ao Leão os fizeram passar. Tornou-se no chão e beijou os pés do Conselheiro que tinham perdido as sandálias e eram uma crosta de barro seco. Quando se incorporou notou que clareava rapidamente. Aproximou-se do batente de pedra e madeira e, pestanejando, viu, nas colinas, uma mancha cinza, azulada, avermelhada, com brilhos, que descia para Canudos. Não perguntou aos homens carrancudos e silenciosos que se alternavam para tocar os sinos o que era essa mancha, porque seu coração lhe disse que eram os cães. Já estavam vindo, cheios de ódio, a Belo Monte, para perpetrar uma nova matança de inocentes.

“Não me vão matar”, pensa Jurema. Deixa-se arrastar por quão soldados a agarram ferreamente das bonecas e a internam, à balizas, no labirinto de ramos, espinhos, troncos e barro. Escorrega e se incorpora, jogando um olhar de desculpas aos homens de uniformes rotos, em cujos olhos e lábios entreabertos percebe aquilo que aprendeu a conhecer essa manhã em que trocou sua vida, em Queimadas, quando, logo do tiroteio, Galileo Gall se equilibrou sobre ela. Pensa, com serenidade que a assombra: “Enquanto tenham esse olhar, enquanto queiram isso, não me matarão”. Esquece ao Rufino e ao Gall e só pensa em salvar-se, em demorá-los, agradá-los, lhes rogar, em fazer o que faltar para que não a matem. Volta a escorregar e desta vez um a solta e cai sobre ela, de joelhos, com as pernas abertas. O outro também a solta e se retira um passo para olhar, excitado. Quem está sobre ela aponta o fuzil, lhe advertindo que lhe triturrará a cara se gritar, e ela, lúcida, obediente, instantaneamente

se abranda e permanece quieta e move a cabeça com suavidade para tranqüilizá-lo. É o mesmo olhar, a mesma expressão bestial, faminta, dessa vez. Com os olhos entrecerrados o vê escavar na calça, abrir-lhe enquanto com a mão que acaba de soltar o fuzil trata de lhe levantar a saia. Ajuda-o, encolhendo-se, alargando uma perna, mas mesmo assim o homem se estorva e termina dando puxões. Em sua cabeça chispam toda classe de idéias e ouve também trovões, cornetas, sinos, atrás do ofego do soldado. Está estendido sobre ela, golpeando-a com um de seus cotovelos até que ela entende e afasta a perna que o molesta e agora sente, entre suas coxas, a verga dura, molhada, pugnando por entrar nela. Sente-se asfixiada pelo peso e cada movimento do homem parece lhe romper um osso. Faz um imenso esforço para não delatar a repugnância que a invade quando a tara com barba se refrega contra a sua, e uma boca esverdeada pelas ervas que ainda mastiga se esmaga contra sua boca e empurra, obrigando-a a separar os lábios para lhe afundar avidamente uma língua que trabalha em excesso contra a sua. Está tão pendente de não fazer nada que possa irritá-lo que não vê chegar aos homens cobertos com xales grandes de ervas, nem se dá conta que põem uma faca ao soldado no cangote e de um chute o tiram de cima. Só quando respira de novo e se sente livre, vê-os. São vinte, trinta, possivelmente mais e ocupam toda a caatinga do redor. Inclina-se, acomodam-lhe a saia, cobrem-na, ajudam-na a sentar-se, a ficar de pé. Ouve palavras afetuosas, vê caras que se esforçam por ser amáveis.

Parece-lhe despertar, voltar de uma viagem longuíssima, e não aconteceram a não ser poucos minutos desde que os soldados caíram sobre ela. O que fizeram de Rufino, de Gall, do Miúdo? Em sonhos os recorda, brigando, recorda aos soldados lhes disparando. Ao soldado que lhe tiraram de cima o está interrogando, aos poucos passos, um caboclo baixo e maciço, já amadurecido, cujos traços amarelados curtem brutalmente uma cicatriz, entre a boca e os olhos. Pensa: Pajeú. Sente medo pela primeira vez no dia. O soldado pôs cara de terror, responde a toda velocidade o que lhe perguntam e implora, roga, com olhos, boca, mãos, pois enquanto Pajeú o interroga outros vão despindo-o. Tiram-lhe a jaqueta rota a calça desfiada, sem maltratá-lo, e Jurema—sem alegrar-se nem entristecer-se, sempre como se estivesse sonhando—vê que, uma vez nu, a um simples gesto desse caboclo do que se contam histórias tão

terríveis, os jagunços lhe afundam várias facas, no ventre, nas costas, no pescoço, e que o soldado desaba sem tempo sequer de gritar. Vê que um dos jagunços se inclina, agarra o sexo agora chato e minúsculo do soldado, corta-o de um talho e com o mesmo movimento o embute na boca. Põe logo sua faca no cadáver e o guarda no cinto. Não sente nem pena nem alegria nem asco. Dá-se conta que o caboclo sem nariz lhe fala:

—Vem sozinha a Belo Monte ou com outros peregrinos?— Pronuncia lentamente, como se não pudesse lhe entender, ouvi-lo— De onde é?

Custa-lhe falar, balbucia, com voz que lhe parece de outra mulher, que vem de Queimadas.

— Longa viagem—diz o caboclo, examinando-a de cima abaixo, com curiosidade— E pelo mesmo caminho que os soldados, além disso.

Jurema assente. Teria que lhe agradecer, lhe dizer algo amável por havê-la resgatado, mas Pajeú lhe inspira muito medo. Todos os outros jagunços a rodeiam e com seus mantos de ervas, suas armas, seus apitos, dão-lhe a impressão de não ser de carne e osso mas sim de conto ou pesadelo.

—Não pode entrar em Belo Monte por aqui—diz-lhe Pajeú, com uma careta que deve ser seu sorriso— Há protestantes nessas colinas. Dá a volta, mas bem, até o caminho de Geremoabo, por aí não há soldados.

—Meu marido—murmura Jurema, assinalando o bosque.

A voz lhe corta em um soluço. Põe-se a andar, angustiada, devolvida ao que ocorria quando chegaram os soldados, e reconhece de repente ao outro, que olhava esperando seu turno: é o corpo nu, sanguinolento, pendurado de uma árvore, que baila junto a seu uniforme também aceso dos ramos. Jurema sabe onde ir porque um rumor a guia e, com efeito, aos poucos momentos descobre, nesse setor da caatinga decorado com uniformes, ao Galileo Gall e ao Rufino. Têm a cor da terra barrosa, devem estar moribundos mas seguem lutando. São duas pelancas atadas, golpeiam-se com as cabeças, com os pés, remoem-se e se arranham, mas tão devagar como se estivessem jogando. Jurema se detém frente a eles e o caboclo e os jagunços formam um círculo e observam a briga. É um

combate que termina, duas formas enlameadas, irreconhecíveis, inseparáveis, que apenas se movem e não dão sinais de saber que estão rodeados por dúzias de recém vindos. Ofegam, sangram, arrastam farrapos de roupas.

—Você é Jurema, você é a mulher do pistoleiro de Queimadas— diz a seu lado Pajeú, com animação— Já a encontrou. Ou encontrou ao pobre de espírito que estava em Calumbí.

—É o lunático que caiu ontem à noite na armadilha—diz alguém, do outro lado do círculo— O que tinha tanto terror aos soldados.

Jurema sente uma mão entre as suas, pequenina, gordinha, que aperta com força. É o Miúdo. Olha-a com alegria e esperança, como se ela fosse lhe salvar a vida. Está enlameado e lhe pega.

—Para-os, para-os, Pajeú—diz Jurema— Salva a meu marido, salva...

—Quer que salve aos dois?—burla-se Pajeú— Quer ficar com os dois?

Jurema ouve que outros jagunços riem também pelo que disse o caboclo sem nariz.

—É coisa de homens, Jurema—explica-lhe Pajeú, com calma— Você os meteu nisso. Deixa-os onde os pôs, que resolvam seu negócio como dois homens. Se seu marido se salvar mata-lo-á e se morrer sua morte cairá sobre si e terá que dar conta ao Pai. Em Belo Monte o Conselheiro lhe aconselhará para que se redima. Agora parte porque aqui vem a guerra. Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro!

A caatinga se move e em segundos os jagunços desaparecem entre a favela. O Miúdo segue lhe apertando a mão e olhando, como ela. Jurema vê que Gall tem uma faca média profunda no corpo, à altura das costelas. Ouve, sempre, clarins, sinos, apitos. De repente, a resistência cessa pois Gall, dando um rugido, roda a uns metros do Rufino. Jurema o vê agarrar a faca e arrancar-lhe com um novo rugido. Olha Rufino quem a olha também, do barro, com a boca aberta e um olhar sem vida.

—Ainda não me pôs a mão na cara—ouve dizer ao Galileo, que chama o Rufino com a mão que tem a faca.

Jurema vê que Rufino assente e pensa: “entendem-se”. Não sabe o que quer dizer o que pensou mas o sente muito certo. Rufino se

arrasta para o Gall, muito devagar, vai chegar até ele? Empurra-se com os cotovelos, com os joelhos, esfrega a cara contra o barro, como uma lombriga, e Gall o respira, movendo a faca. “Coisa de homens”, pensa Jurema. Pensa: “A culpa cairá sobre mim”. Rufino chega junto ao Gall, quem trata de lhe cravar a faca, enquanto o pistoleiro o golpeia na cara. Mas a bofetada perde força ao tocá-lo, porque Rufino carece já de energia ou por um abatimento íntimo. A mão fica na cara de Gall, em uma espécie de carícia. Gall o golpeia também, uma, duas vezes, e sua mão se aquieta sobre a cabeça do rastreador. Agonizam abraçados, olhando-se. Jurema tem a impressão de que as duas caras, a milímetros uma da outra, estão sorrindo. Os toques de corneta e os apitos foram deslocados por um forte tiroteio. O Miúdo diz algo que ela não entende.

“Já lhe pôs a mão na cara, Rufino”, pensa Jurema. “O que ganhou com isso, Rufino? Do que lhe serve a vingança se morrer, se me deixar sozinha no mundo, Rufino?” Não chora, não se move, não afasta os olhos dos homens imóveis. Essa mãos sobre a cabeça do Rufino lhe recorda que, em Queimadas, quando para desgraça de todos, Deus fez que devesse oferecer trabalho a seu marido, o forasteiro apalpou uma vez a cabeça do Rufino e lhe leu seus segredos, como o bruxo Porfirio os lia nas folhas de café e dona Casilda em uma vasilha cheia de água.

—Contei-lhes quem se apresentou em Calumbí, no séquito de Moreira César? —disse o Barão da Canabrava— Esse jornalista que trabalhou comigo e que levou Epaminondas para o *Jornal de Notícias*. Essa calamidade com óculos como escafandro de mergulhador, que caminhava fazendo ganchos de ferro e se vestia de palhaço. Lembra-se dele, Adalberto? Escrevia poesias, fumava ópio.

Mas nem o coronel José Bernardo Murau, nem Adalberto do Gumicio o escutavam. Este último relia os papéis que o Barão acabava de lhe traduzir, aproximando-os do candelabro que iluminava a mesa do refeitório, da que não tinham recolhido as taças vazias de café. O velho Murau, movendo-se em sua cadeira da

cabeceira como se continuasse na cadeira de balanço da sala, parecia adormecido. Mas o Barão soube que refletia no que lhes tinha lido.

—Vou ver Estela—disse, ficando de pé.

Enquanto percorria a desmantelada casa grande, sumida na penumbra, para o dormitório onde tinham deitado à Baronesa pouco antes do jantar, ia calculando a impressão que causara em seus amigos essa espécie de testamento do aventureiro escocês. Pensou, tropeçando em uma *loseta* rota no corredor a cujos lados se abriam os dormitórios: “As perguntas continuarão, em Salvador. E cada vez que explique por que o deixei partir, sentirei a mesma sensação de estar mentindo”. Por que tinha deixado partir para o Galileo Gall? Por estupidez? Por cansaço? Por indigestão de tudo? Por simpatia? Pensou, recordando ao Gall e ao jornalista míope: “Tenho debilidade pelos espécies estranhos, pelo anormal”.

Da soleira viu, no débil resplendor avermelhado do lampião de azeite que iluminava o velador, o perfil da Sebastiana. Estava sentada ao pé da cama, em uma poltrona com almofadinhas, e embora nunca tinha sido uma mulher risonha sua expressão era agora tão grave que o Barão se alarmou. Pôs-se de pé ao vê-lo entrar.

—Seguiu dormindo tranqüila?—perguntou o Barão, levantando o mosquiteiro e inclinando-se para observar. Sua esposa tinha os olhos fechados e em meio a escuridão seu rosto, embora muito pálido, parecia sereno. Os lençóis subiam e baixavam brandamente, com sua respiração.

—Dormindo, sim, mas não tão tranqüila—murmurou Sebastiana, acompanhando de retorno até a porta do dormitório. Baixou mais a voz e o Barão notou a inquietação empoçada nos olhos negros, muito vivos, da empregada— Está sonhando. Fala em sonhos e sempre do mesmo.

“Não se atreve a dizer incêndio, fogo, chamas”, pensou o Barão, com o peito oprimido. Converter-se-iam em tabu, deveria ordenar que alguma vez mais se pronunciassem em seu lar as palavras que Estela pudesse associar com o holocausto de Calumbí? Tinha preso no braço a Sebastiana, tratando de tranqüilizá-la, mas não atinava a dizer nada. Sentia em seus dedos a pele lisa e morna da empregada.

—A senhora não pode ficar aqui—sussurrou esta— Leve-a a Salvador. Os médicos têm que a ver, lhe dar algo, lhe tirar essas

lembranças da cabeça. Não pode seguir com essa angústia, dia e noite.

—Sei, Sebastiana—assentiu o Barão— Mas a viagem é tão longa, tão dura. Parece-me arriscado expô-la a outra expedição estando assim. Embora talvez seja mais perigoso tê-la sem cuidados. Já veremos amanhã. Agora, deve ir descansar. Tampouco você pregou os olhos há dias.

—Vou passar a noite aqui, com a senhora—repôs Sebastiana, desafiante.

O Barão, vendo-a instalar-se de novo junto a Estela, pensou que continuava uma mulher de formas duras e belas, admiravelmente conservadas. “Igual a Estela”, disse-se. E, em uma baforada de nostalgia, recordou que nos primeiros anos de matrimônio tinha chegado a sentir um ciúmes intenso, desvelador, ao ver a camaradagem, a intimidade infranqueável que existia entre ambas as mulheres. Retornava ao refeitório e, por uma janela, viu que a noite estava encapotada de nuvens que ocultavam as estrelas. Recordou, sorrindo, que esse ciúmes lhe tinham feito pedir a Estela que me despedisse da Sebastiana e que por esse motivo tinham tido a disputa mais séria de toda sua vida conjugal. Entrou no refeitório com a imagem vívida, intacta, dolorosa, da Baronesa, as bochechas arrebatadas, defendendo a sua criada e lhe repetindo que se Sebastiana partisse, partiria ela também. Essa lembrança, que tinha sido muito tempo uma faísca que inflamava seu desejo, comoveu-o agora até os ossos. Tinha vontade de chorar. Encontrou seus amigos enfrascados em conjecturas sobre o que lhes tinha lido.

—Um fanfarrão, um imaginativo, um safado com fantasia, um enganador de luxo —dizia o coronel Murau— Nem nas novelas passa um sujeito tantas peripécias. Quão único acredito é o acordo com Epaminondas para levar armas à Canudos. Um contrabandista que inventou a história do anarquismo como desculpa e justificação.

—Desculpa e justificação?—Adalberto do Gumicio ricocheteou em seu assento é um agravante, mas bem...

O Barão se sentou a seu lado e fez esforços por interessar-se.

—Querer acabar com a propriedade, com a religião, com o matrimônio, com a moral, parecem-lhe atenuantes?—insistia Gumucio—É mais grave que traficar com armas.

“O matrimônio, a moral”, pensou o Barão. E se perguntou se Adalberto tivesse mimado em seu lar uma cumplicidade tão estreita como a de Estela e Sebastiana. O coração voltou a oprimir pensando em sua esposa. Decidiu partir na manhã seguinte. Serve-se uma taça de *vinho* e bebeu um longo trago.

—Eu me inclino a acreditar que a história é certa—disse Gumucio — Pela naturalidade com que se refere a essas coisas extraordinárias, as fugas, os assassinatos, as viagens piratescas, o jejum sexual. Não se dá conta que são fatos fora do comum. Isso faz pensar que os viveu e que crê as barbaridades que diz contra Deus, a família e a sociedade.

—Que as crê não cabe dúvida—disse o Barão, saboreando o gosto ardente adocicado do *vinho*— Ouvi muitas vezes, em Calumbí.

O velho Murau encheu outra vez as taças. Na comida não tinham bebido, mas logo após o café o fazendeiro tirou este garrafão de vinho que estava já quase vazio. Embriagar-se até perder a consciência era o remédio que necessitava para não pensar na saúde de Estela?

—Confunde a realidade e as ilusões, não sabe onde termina uma e começa a outra —disse— Pode ser que conte essas coisas com sinceridade e acredita-as ao pé da letra. Não importa. Porque ele não as vê com os olhos a não ser com as idéias, com as crenças. Não recordam o que diz de Canudos, dos jagunços? Deve ser o mesmo com o resto. É possível que uma briga de rufiões em Barcelona, ou uma jogada à rede de contrabandistas pela polícia de Marselha, sejam para ele batalha entre oprimidos e opressores na guerra por romper as cadeias da humanidade.

—E o sexo?—disse José Bernardo Murau: estava abotagado, com os olhinhos faiscantes e a voz branda— Esses dez anos de castidade vocês os trazem? Dez anos de castidade para entesourar energias e as descarregar na revolução?

Falava de tal modo que o Barão supôs que a qualquer momento começaria referir-se à histórias decoradas.

—E os sacerdotes?—perguntou— Não vivem castos por amor a Deus? Gall é uma espécie de sacerdote.

—José Bernardo julga aos homens por si mesmo—brincou Gumucio, voltando-se por volta do dono da casa— Para você seria impossível suportar dez anos de castidade.

—Impossível—lançou uma gargalhada o fazendeiro— Não é estúpido renunciar a uma das poucas compensações que tem a vida?

Uma das velas do candelabro começava a chispar, soltando um halo de fumaça e Murau se incorporou a apagá-la. Aproveitou para servir uma nova ronda de vinho que esvaziou todo o garrafão.

—Nesses anos de abstinência acumularia tanta energia para embarçar uma burra—disse, com o olhar deslumbrado. Riu com vulgaridade e foi com passo vacilante tirar outra garrafa de vinho de um aparador. As demais velas do candelabro estavam acabando e o recinto escureceu— Como é a mulher do pistoleiro, a que o tirou da castidade?

—Não a vejo faz tempo—disse o Barão— Era uma menina delgada, dócil e tímida.

—Boas ancas?—balbuciou o coronel Murau, levantando sua taça com mão tremente— É o melhor que têm, nestas terras. São baixinhas, adoentados, envelhecem rápido. Mas as ancas, sempre de primeira.

Adalberto de Gumucio se apressou a trocar de tema:

—Será difícil fazer as pazes com os jacobinos, como quer—comentou ao Barão—Nossos amigos não se conformarão a trabalhar com quem nos ataca há tantos anos.

—Claro que será difícil—repôs o Barão, agradecido ao Adalberto—Sobretudo, convencer ao Epaminondas, que se crê triunfador. Mas ao final todos compreenderão que não há outro caminho. É uma questão de sobrevivência...

Interromperam-no uns cascos e relinchos muito próximos e, um momento depois, fortes golpes à porta. José Bernardo Murau franziu a cara, aborrecido, “Que diabos passa?”, grunhiu, levantando-se com trabalho. Saiu do refeitório arrastando os pés. O Barão voltou a encher as taças.

—Você, bebendo, isso sim que é novo—disse Gumucio— É pela queima de Calumbí? Não acabou o mundo. Um reverso, somente.

—É por Estela—disse o Barão— Não me perdoarei disso nunca. Foi minha culpa, Adalberto. Exigi-lhe muito. Não devia levá-la ao Calumbí, como você e Viana me disseram. Fui um egoísta, um insensato.

Lá, na porta de entrada, ouviu-se correr uma tranca e vozes de homens.

—É uma crise passageira, da que se recuperará muito em breve— disse Gumucio — É absurdo que se jogue a culpa.

—Decidi seguir amanhã à Salvador—disse o Barão— Há mais perigo tendo-a aqui, sem atenção médica.

José Bernardo Murau reapareceu no dintel. Parecia tirar-lhe a bebedeira de repente e trazia uma expressão tão insólita que o Barão e Gumucio foram a seu encontro.

—Notícias de Moreira César?—agarrou o braço o Barão, tratando de fazê-lo reagir.

—Incrível, incrível—murmurava o velho fazendeiro, entre dentes, como se visse fantasmas.

VII

O primeiro que o jornalista míope adverte, no dia que desponta, enquanto se sacode as crostas de barro, é que o corpo lhe dói mais que a véspera, como se durante a noite desvelada o tivessem moído à pauladas. O segundo, a febril atividade, o movimento de uniformes, que se leva a cabo sem ordens, em um silêncio que contrasta com os tiros, sinos e clarins que bombardearam seus ouvidos toda a noite. Torna-se ao ombro o bolsão de couro, sujeita o tabuleiro sob o braço e, sentindo agulhas que lhe fincam as pernas e o comichão de um iminente espirro, começa a subir o monte para a tenda do Coronel Moreira César. “A umidade”, pensa, sacudido por um ataque de espirros que o faz esquecer a guerra e tudo o que não sejam essas explosões internas que lhe molham os olhos, tampam-lhe os ouvidos, aturdem-lhe o cérebro e convertem em formigueiros seus narizes. Roçam-no e empurram soldados que passam sujeitando as mochilas, com os fuzis nas mãos, e agora sim ouve vozes de mando.

No topo, descobre ao Moreira César, rodeado de oficiais, encarapitado em algo, observando ladeira abaixo com uns prismáticos. Reina grande desordem no contorno. O cavalo branco, com arreios postos, corcoveia entre soldados e cornetas que tropeçam com oficiais que chegam ou partem, saltitante, rugindo frases que os ouvidos do jornalista, zumbem pelos espirros, logo que entendem. Ouve a voz do Coronel: “O que acontece a artilharia, Cunha Matos?”. A resposta se perde entre toques de clarim. O jornalista, desembaraçando do bolsão e do tabuleiro, adianta-se a olhar para Canudos.

Na noite anterior não o viu e pensa que dentro de minutos ou horas já ninguém poderá ver esse lugar. Põe depressa o cristal embaciado de seus óculos com uma ponta da camiseta e observa o que tem à seus pés. A luz entre azulada e plúmbea que banha as cúpulas não alcança ainda a depressão em que se encontra Canudos. Custa-lhe trabalho diferenciar onde terminam as ladeiras, as plantações e campos de calhaus das choças e ranchos que se

amontoam e intercalam em uma vasta extensão. Mas divisa imediatamente duas igrejas, uma pequena e a outra muito alta, de torres imponentes, separadas por um descampado quadrangular. Está esforçando os olhos para distinguir, na meia-luz a zona limitada por um rio que parece carregado de água, quando estala um canhão que o faz saltar e tampar os ouvidos. Mas não fecha os olhos que, fascinados, vêem uma súbita labareda e elevar-se vários barracões convertidos em chiado de madeira, adubo, latas, esteiras, objetos indiferenciáveis que estalam, desintegram-se e desaparecem. O barulho aumenta e Canudos fica sepultado em uma nuvem de fumaça que escala as saias das colinas e que se abre, aqui e lá, em crateras pelas quais saem despedidos pedaços de tetos e paredes alcançados por novas explosões. Estupidamente pensa que se a nuvem continuar subindo chegará até seu nariz e o fará espirrar de novo.

—Que espere o sétimo! E o nono! E o dezesseis!—diz Moreira César tão perto que se volta a olhar e, com efeito, o Coronel e o grupo que o rodeia estão virtualmente a seu lado.

—Aí carrega o sétimo, Excelência—responde a seu flanco o Capitão Olímpio de Castro.

—E o nove e o dezesseis—atropela alguém à suas costas.

—É testemunha de um espetáculo que o fará famoso.—O Coronel Moreira César lhe dá uma palmada ao passar junto dele. Não alcança a lhe responder porque o oficial e seu séquito o deixam atrás e vão se instalar, algo mais abaixo, em um pequeno promontório.

“O sétimo, o nono, o dezesseis”, pensa. “Batalhões? Pelotões? Companhias?” Mas imediatamente entende. Por três lados, nas colinas ao redor, baixam corpos do Regimento—as baionetas cintilam—para o fundo humoso de Canudos. Os canhões deixaram de trovejar e, no silêncio, o jornalista míope ouve de repente sinos. Os soldados correm, escorregam, saltam pelas saias das colinas, disparando. Também as ladeiras começam a encher-se de fumaça. O quepis roxo-azul de Moreira César se move, em sinal de aprovação. Recolhe seu bolsão e seu tabuleiro e baixa os metros que o separam do chefe do Sétimo Regimento; acomoda-se em uma fenda, entre eles e o cavalo branco, que um ordenança deixou. Sente-se estranho,

hipnotizado, e lhe passa pela cabeça a absurda idéia de que não está vendo aquilo que vê.

Uma brisa começa a dissipar as corcundas plúmbeas que ocultam a cidade; vê-as aliviar-se, desfazer-se, afastar-se, empurradas pelo vento em direção ao terreno aberto onde deve estar a rota do Geremoabo. Agora pode seguir o deslocamento dos soldados; os de sua direita ganharam a borda do rio e estão cruzando-o; as figurinhas vermelhas, verdes, azuis, voltam-se cinzas, desaparecem e reaparecem do outro lado das águas, quando, subitamente, entre elas e Canudos se levanta uma parede de pó. Várias figurinhas caem.

—Trincheiras—diz alguém.

O jornalista míope opta por aproximar-se do grupo que rodeia ao Coronel, quem deu uns passos mais fechados abaixo e observa, trocando dos prismáticos à luneta. A bola vermelha do sol ilumina o teatro de operações há um momento. Quase sem dar-se conta, o jornalista do *Jornal de Notícias*, que não deixou de tremer, encarapita-se sobre uma rocha saliente para ver melhor. Adivinha então o que está ocorrendo. As primeiras filas de soldados em vadear o rio foram molestadas de uma sucessão de defesas dissimuladas e há ali, agora, um forte tiroteio. Outro dos corpos de assalto que, quase a seus pés, balança desdobrado, vê-se detido também por uma rajada súbita, que se eleva do chão. Os atiradores estão entrincheirados em esconderijos. Vai aos jagunços. São essas cabeças —ensombreadas, encapuzadas—que brotam de repente da terra, jogando fumaça; embora a poeirada esfumasse seus traços e silhuetas, pode dar-se conta que há homens alcançados pelos tiros ou que escorregam nos buracos onde sem dúvida se combatem já corpo a corpo.

Sacode-o uma rajada de espirros tão prolongada que, um momento, crê deprimir-se. Dobrado em dois, os olhos fechados, os óculos na mão, espirra e abre a boca e desesperadamente tenta levar ar a seus pulmões. Por fim pode endireitar-se, respirar, e se dá conta que lhe golpeiam as costas. Coloca os óculos e vê o Coronel.

—Acreditávamos que o tinham ferido—diz Moreira César, que parece de excelente humor.

Está rodeado de oficiais e não sabe o que dizer, pois a idéia de que o acreditavam ferido o maravilha, como se não lhe tivesse passado

pela cabeça que ele também forma parte desta guerra, que também se acha a mercê das balas.

—O que acontece, o que passa?—gagueja.

—O nono entrou em Canudos e agora entra o sétimo—diz o Coronel, com os prismáticos na cara.

As têmporas palpitantes, ofegando, o jornalista míope tem a sensação de que tudo se aproximou, de que pode tocar a guerra. Nas bordas de Canudos há casas em chamas e duas fileiras de soldados entram na cidade, entre nubéculas que devem ser disparos. Desaparecem, tragados por um labirinto de tetos de telhas, de palha, de latas, de estacas, no que aos poucos surgem chamas. “Estão recolhendo todos os que se salvaram dos tiros”, pensa. E imagina o furor com que oficiais e soldados estarão vingando aos cadáveres pendurados na caatinga, desferrando-se dessas emboscadas e apitos que os desvelaram desde Monte Santo.

—Nas igrejas há focos de atiradores—ouve dizer ao Coronel— Que espera Cunha Matos para tomar.

Os sinos continuaram repicando e ele esteve escutando, entre os tiros e a fuzilaria, como uma música de fundo. Entre os atalhos de moradias, distingue figuras que correm, uniformes que se cruzam e descruzam. “Cunha Matos está nesse inferno”, pensa. “Correndo, tropeçando, matando.” Também Tamarindo e Olímpio de Castro? Busca-os e não encontra ao velho Coronel, mas o Capitão se acha entre os acompanhantes de Moreira César. Sente alívio, não sabe por que.

—Que a retaguarda e a polícia bahiana ataquem pelo outro flanco—ouve ordenar ao Coronel.

O Capitão Olímpio de Castro e três ou quatro escoltas correm, colina acima, e várias cornetas começam a tocar até que, ao longe, respondem-lhes toques parecidos. Só agora se dá conta que as ordens se transmitem com cornetas. Gostaria de anotar isso para não esquecer. Mas vários oficiais exclamam algo, ao unísono, e volta a olhar. No descampado entre as igrejas, dez, doze, quinze uniformes roxo-azuis correm detrás de dois oficiais—divisa sabres desembainhados, trata de reconhecer a esses tenentes ou capitães aos quais tem que ver muitas vezes—com o evidente propósito de capturar o templo de altíssimas torres brancas rodeadas de

andaimes, quando uma fechada descarrega sai de todo o recinto e derruba à maioria; uns poucos dão meia volta e desaparecem no pó.

—Deverão proteger-se com cargas de fuzilaria—ouve dizer ao Moreira César, em tom gelado— Há um reduto aí...

Das igrejas saíram muitas silhuetas que correm para os caídos e trabalham em excesso sobre eles. “Estão os rematando, castrando, lhes tirando os olhos”, pensa, e nesse instante ouve murmurar ao Coronel: “Loucos dementes, estão despindo-os”. “Despindo-os”, repete, mentalmente. E volta a ver os corpos pendurados das árvores do Sargento loiro e seus soldados. Está morto de frio. O descampado fica apagado pelo pó. Os olhos do jornalista se movem em distintas direções, tratando de averiguar o que ocorre ali embaixo. Os soldados dos dois corpos que entraram em Canudos, um a sua esquerda e outro a seus pés, desapareceram nessa teia crispada, tanto que um terceiro corpo, a sua direita, segue penetrando na cidade, e pode seguir sua progressão pelos redemoinhos de pó que o precedem e que se propagam por essas passagens, becos, curvas, meandros nos que adivinha os choques, os golpes, as culatras que derrubam portas, derrubam pranchas, estacas, derrubam tetos, episódios dessa guerra que ao fragmentar-se em mil barracões se volta a entrevê-lo confuso, agressão de um contra um, de um contra dois, de dois contra três.

Não tomou nem um gole de água essa manhã, a noite anterior tampouco comeu, e além disso do vazio no estômago lhe retorcem as tripas. O sol luz no centro do céu. É possível que seja meio-dia, que passaram tantas horas? Moreira César e seus acompanhantes baixam ainda uns metros e o jornalista míope, dando tropeções, vai unir-se a eles. Agarra-se ao braço de Olímpio de Castro e lhe pergunta o que ocorre, quantas horas leva o combate.

—Já estão lá a retaguarda e a polícia bahiana—diz Moreira César, os prismáticos em sua cara— Já não poderão fugir por esse lado.

O jornalista míope distingue ao outro extremo das casinhas semi-desertas pelo pó umas manchas azuis, esverdeadas, douradas, que avançam por esse setor até agora descontaminado, sem fumaça, sem incêndios, sem gente. As operações foram abrangendo todo Canudos, há casas em chamas por toda parte.

—Isto demora muito—diz o Coronel e o jornalista míope adverte sua brusca impaciência, sua indignação— Que o esquadrão de cavalaria dê uma mão a Cunha Matos.

Detecta imediatamente—pelas caras de surpresa, de contrariedade, dos oficiais— que a ordem do Coronel é inesperada, arriscada. Ninguém protestou, mas os olhares de uns e outros são mais eloqüentes que as palavras.

—O que lhes passa?—Moreira César passeia os olhos pelos oficiais. Encara ao Olímpio de Castro — Qual é a objeção?

—Nenhuma, Excelência—diz o Capitão— Só que...

—Siga—repreende-o Moreira César— É uma ordem.

—O esquadrão de cavalaria é a única reserva, Excelência—termina o Capitão.

—E para que a necessitamos aqui?—Moreira César aponta para baixo— Não está lá a briga? Quando virem aos cavaleiros os que ainda estejam vivos sairão espavoridos e poderemos rematá-los. Que carreguem imediatamente!

—Rogo-lhe que me deixe carregar com o esquadrão—balbucia Olímpio de Castro.

—Necessito-o aqui—responde o Coronel, secamente.

Ouve novos toques de corneta e minutos depois aparecem, pela cúpula onde se acham, os cavaleiros, em pelotões de dez e quinze, com um oficial à frente, que ao passar junto ao Moreira César saúdam levantando o sabre.

—Limpem as igrejas, empurrem-os para o Norte—grita este.

Está pensando que essas caras tensas, jovens, brancas, escuras, negras, vão entrar nesse torvelinho, quando o sacode outro ataque de espirros, mais forte que o anterior. Seus óculos saem disparados e ele pensa, com terror, enquanto sente a asfixia, as explosões no peito e nas têmporas, o comichão no nariz, que se têm quebrado, que alguém pode as pisar, que seus dias serão névoa perpétua. Quando o ataque cessa, cai de joelhos, apalpa com angústia em redor até dar com elas. Comprova, feliz, que estão intactas. Coloca-os meio que os olha. Centenas de cavaleiros baixou a colina. Como puderam fazê-lo tão rápido? Mas passa algo com eles, no rio. Não acabam de cruzá-lo. As cavalgadas entram na água e parecem encabritar-se, rebelar-se,

face à fúria com que são urgidas, açoitadas, pelas mãos, as botas, os sabres. É como se o rio as espantasse. revolvem-se em meio a corrente e algumas expulsam seus cavaleiros.

—Devem ter posto armadilhas—diz um oficial.

—Tiroteavam-os desde esse ângulo morto—murmura outro.

—Meu cavalo!—grita Moreira César e o jornalista míope lhe vê entregar seus prismáticos a um ordenança. Enquanto monta ao animal, acrescenta, chateado— Os moços necessitam um estímulo. Fique no mando, Olímpio.

Seu coração se acelera ao ver que o Coronel desembainha seu sabre, esporeia ao animal e começa a baixar a costa, depressa. Mas não avançou cinqüenta metros quando o vê encolher-se nos arreios, apoiar-se no cangote do cavalo, que se detém em seco. Vê que o Coronel o faz girar, para retornar ao posto de mando; mas, como se recebesse ordens contraditórias do cavaleiro, o animal gira redondo, duas, três vezes. Agora entende por que oficiais e escoltas proferem exclamações, gritos, e correm pendente abaixo, com os revólveres desencapados. Moreira César roda ao chão e quase ao mesmo tempo ocultam o Capitão e os outros que o carregaram e o estão subindo, para ele, apressadamente. Há um vozerio ensurdecedor, disparos, ruídos diversos.

Permanece abobalhado, sem iniciativa, vendo o grupo de homens que sobem à trote a ladeira, seguidos pelo cavalo branco, que arrasta as bridas. Ficou sozinho. O terror que se apodera dele o impulsiona colina acima, escorregando-se, incorporando-se, engatinhando. Quando chega à cúpula e salta para a tenda de lona, vagamente adverte que o lugar está quase vazio de soldados. Salvo um grupo apinhado à entrada da tenda, logo que divisa um de outro sentinela, olhando assustado nesta direção. “Pode ajudar ao Doutor Souza Ferreiro?”, ouve, e embora quem lhe fala é o Capitão não reconhece sua voz e apenas sua cara. Assente e Olímpio de Castro o empurra com tanta força que se leva de encontro a um soldado. Dentro, vê as costas do Doutor Souza Ferreiro, inclinada sobre o beliche e os pés do Coronel.

—Enfermeiro?—Souza Ferreiro vira-se e ao dar-se com ele sua expressão se avinagra.

—Já disse, não há enfermeiros—grita-lhe o Capitão de Castro, remexendo ao jornalista míope— Estão com os batalhões, lá abaixo. Que ele o ajude.

O nervosismo de um e outro o contagiam e tem vontade de gritar, de sapatear.

—Terá que extrair os projéteis ou a infecção acabará com ele em um dois por três —choraminga o Doutor Souza Ferreiro, olhando a um lado e a outro como a espera de um milagre.

—Faça o impossível—diz o Capitão, indo— Não posso abandonar o Comando, tenho que informar ao Coronel Tamarindo para que tome... Sai, sem terminar a frase.

—Arregace-se, friccione-se com esse desinfetante—ruge o Doutor.

Ele obedece a toda a velocidade que sua estupidez o permite e um momento depois descobre-se, dentro do atordoamento que se apropriou dele, com os joelhos em terra, empapando uns goles de éter que lhe fazem pensar nas festas de Carnavais em Politeama, umas ataduras que aplica no nariz e na boca do Coronel Moreira César, para mantê-lo dormindo, enquanto o médico opera. “Não trema, não seja imbecil, mantenha o éter sobre o nariz”, diz o Doutor um par de vezes. Concentra-se em sua função—abrir o tubo, embeber o pano, colocá-lo sobre esse nariz afiado, sobre esses lábios que se torcem em uma careta de interminável angústia— e pensa na dor que deve sentir esse homenzinho sobre cujo ventre afunda a cara o Doutor Souza Ferreiro como cheirando ou lambendo. Cada certo tempo dá uma olhada, apesar de si mesmo, às manchas pulverizadas pela camisa, as mãos e o uniforme do médico, a manta do beliche e sua própria calça. Quanto sangue armazena um corpo tão pequeno! O aroma do éter o enjoa e lhe provoca arcadas. Pensa: “Não tenho o que vomitar”. Pensa: “Como não tenho fome, sede?”. O ferido permanece com os olhos fechados, mas aos poucos se move no lugar e então o médico grunhe: “Mais éter, mais éter”. Mas o último dos tubos está já quase vazio e ele o diz, com um sentimento de culpa.

Entram ordenanças trazendo umas bacias fumegantes e nelas lava o Doutor: bisturis, agulhas, fios, tesouras, com uma só mão. Várias vezes, enquanto aplica as ataduras ao ferido, escuta ao Doutor Souza Ferreiro falando sozinho, palavrões, injúrias, maldições, insultos contra sua própria mãe por havê-lo parido. Vai ganhando uma

modorra e o Doutor o recrimina: “Não seja imbecil, não é momento para sestras”. Balbucia uma desculpa e na próxima vez que trazem a bacia, implora-lhes que lhe dêem de beber.

Nota que já não estão sozinhos na tenda; a sombra que lhe põe um cantil na boca é o Capitão Olímpio de Castro. Ali estão também, as costas presas à lona, as caras amarguradas, uniformizados em ruínas, o Coronel Tamarindo e o Major Cunha Matos. “Mais éter?”, pergunta, e se sente estúpido, porque o tubo já está vazio. O Doutor Souza Ferreiro enfaixa ao Moreira César e está agora abrigando-o. Assombrado, pensa: “Já é de noite”. Há sombras e alguém coloca um lampião em um dos postes que sujeitam a lona.

—Como vai?—murmura o Coronel Tamarindo.

—Tem o ventre destroçado—sopra o Doutor— Muito me temo que...

Enquanto abaixa as mangas da camisa, o jornalista míope pensa: “Se agora mesmo era o amanhecer, o meio-dia, como é possível que o tempo voe desse modo”.

—Duvido, inclusive, que recupere o sentido—acrescenta Souza Ferreiro.

Como lhe respondendo, o Coronel Moreira César começa a mover-se. Todos se aproximam. Incomodam-lhe as ataduras. Pestaneja. O jornalista míope imagina vendo silhuetas, ouvindo ruídos, tratando de entender, de recordar, e a sua vez, recorda, como algo de outra vida, certo despertar depois de uma noite serenada pelo ópio. Assim deve ser de lento, de difícil, de impreciso, o retorno do Coronel à realidade. Moreira César tem os olhos abertos e observa com anseio a Tamarindo, repassa seu desfeito uniforme, os arranhões de seu pescoço, seu desânimo.

—Tomamos Canudos?—articula, roncando.

O Coronel Tamarindo baixa os olhos e nega. Moreira César percorre as caras afligidas do Major, do Capitão, do Doutor Souza Ferreiro e o jornalista míope vê que também o examina, como autópsia.

—Tentamo-lo três vezes, Excelência—balbucia o Coronel Tamarindo— Os homens combateram até o limite de suas forças.

O Coronel Moreira César se incorpora—empalideceu ainda mais do que estava— e agita uma mão crispada, iracunda:

—Um novo assalto, Tamarindo. Imediatamente! Ordeno-o!

—As baixas são muito grandes, Excelência—murmura o Coronel, envergonhado, como se tudo fosse culpa sua— Nossa posição, insustentável. Devemos nos retirar a um lugar seguro e pedir reforços...

—Responderá ante um Tribunal de Guerra por isso—interrompe Moreira César, elevando a voz— O Sétimo Regimento retirar-se ante uns malfeitores? Entregue sua espada à Cunha Matos.

“Como pode mover-se, retorcer-se assim com a barriga aberta”, pensa o jornalista míope. No silêncio que se prolonga o Coronel Tamarindo olha, pedindo ajuda, aos outros oficiais. Cunha Matos se adianta para a cama de armar de campanha:

—Há muitas deserções, Excelência, a unidade está em pedaços. Se os jagunços atacarem, tomarão o acampamento. Ordene a retirada.

O jornalista míope vê, por entre o Doutor e o Capitão, que Moreira César se deixa cair de costas sobre o beliche.

—Você também trai?—murmura, com desespero— Vocês sabem o que significa esta campanha para nossa causa. Quer dizer que comprometi minha honra em vão?

—Todos comprometemos nossa honra, Excelência—murmura o Coronel Tamarindo.

—Sabem que me resignei a conspirar com politiqueiros corrompidos—Moreira César fala com entonações bruscas, absurdas — Quer dizer que mentimos ao país em vão?

—Ouça o que passa ali fora, Excelência—reclama o Major Cunha Matos, e ele se diz que esteve ouvindo essa sinfonia, essa gritaria, essas carreiras, esse atordoamento, mas que não quis tomar consciência do que significa para não sentir medo— É a disparada. Podem acabar com o Regimento se não nos retirarmos em ordem.

O jornalista míope distingue os apitos de madeira e os sinos entre as carreiras e as vozes. O Coronel Moreira César os olha, um a um, desencaixado, boquiaberto. Diz algo que não se ouve. O jornalista míope se dá conta que os olhos relampeantes dessa cara lívida estão fixos nele:

—Você, você—ouve— Papel e pluma, não me entende? Quero levantar ata desta infâmia. Vamos, escriba, está preparado?

Nesse momento recorda o jornalista míope seu tabuleiro, sua bolsa, enquanto, como picado por uma víbora, procura um lado e outro. Com a sensação de ter perdido parte de seu corpo, um amuleto que o protegia, recorda que não subiu a colina com ele, ficara atirado nas costas, mas não pode pensar mais, porque Olímpio de Castro—seus olhos estão cheios de lágrimas—põe-lhe nas mãos umas folhas de papel e um lápis e o Major Souza Ferreiro o ilumina com o lampião.

—Estou preparado—diz, pensando que não poderá escrever, que as mãos lhe tremerão.

—Eu, Comandante em chefe do Sétimo Regimento, em uso de minhas faculdades, deixo perseverante que a retirada de Canudos é decisão que se toma contra minha vontade, por ajudantes que não estão à altura de sua responsabilidade histórica —Moreira César se ergue um segundo na cama e volta a cair de costas— As gerações futuras são chamadas a julgar. Confio em que haja republicanos que me defendam. Toda minha conduta esteve orientada à defesa da República, que deve fazer sentir sua autoridade em todos os rincões se quiser que o país progrida.

Quando a voz, que quase não ouvia pára, cessa, demora para descobri-lo, pelo atrasado que está no ditado. Escrever, esse trabalho manual, como pôr trapos cheios de éter no nariz do ferido, é benfeitor, libera-o de torturar-se perguntando-se como se explica que o Sétimo Regimento não tomasse Canudos, que deva retirar-se. Quando levanta os olhos, o Doutor tem a orelha no peito do Coronel e está tomando o pulso. Fica de pé e faz um gesto expressivo. Uma desordem estende imediatamente, Cunha Matos e Tamarindo ficam a discutir à gritos enquanto Olímpio de Castro diz ao Souza Ferreiro que os restos do Coronel não podem ser vexados.

—Uma retirada agora, na escuridão, é insensatez—grita Tamarindo— Aonde? Por onde? vou mandar ao sacrifício homens extenuados, que combateram todo um dia? Amanhã...

—Amanhã não ficarão aqui nem os mortos—gesticula Cunha Matos— Não vê que o Regimento se desintegra, que não há mando, que se não os reagrupa agora os vão caçar como à coelhos?

—Agrupe-os, faça o que queira, eu permanecerei aqui até o amanhecer, para levar a cabo uma retirada como deve ser.—O Coronel Tamarindo se volta para o Olímpio de Castro— Trate de chegar até a artilharia. Esses quatro canhões não devem cair em mãos do inimigo. Que Salomão da Rocha os destrua.

—Sim, Excelência.

O Capitão e Cunha Matos saem juntos da tenda e o jornalista míope os segue, como autômato. Ouve-os e não crê o que ouve:

—Esperar é uma loucura, Olímpio, terá que retirar-se agora ou ninguém chegará vivo pela manhã.

—Eu vou tratar de alcançar à artilharia—corta-o Olímpio de Castro— É uma loucura, talvez, mas minha obrigação é obedecer ao novo comandante.

O jornalista míope o sacode pelo braço, sussurra-lhe: “Seu cantil, estou morrendo de sede”. Bebe com avidez, obstruindo-se, enquanto o Capitão o aconselha:

—Não fique conosco, o Major tem razão, isto vai mal. Parta.

Partir? Ele sozinho, pela caatinga, na escuridão? Olímpio de Castro e Cunha Matos desaparecem, deixando-o confuso, medroso, petrificado. Há a seu redor gente que corre ou caminha depressa. Dá uns passos em uma direção, em outra, retorna para a tenda de campanha, mas alguém lhe dá um tranco e o faz mudar de rumo. “Deixem ir com vocês, não se vão”, grita, e um soldado o anima, sem voltar-se: “Corre, corre, já estão subindo, não ouve os apitos?”. Sim, ouço-os. Põe-se a correr atrás deles, mas tropeça, várias vezes, e fica atrasado. Apóia-se em uma sombra que parece uma árvore, mas apenas o toca sente que se move. “Desate-me, pelo amor de Deus”, ouve. E reconhece a voz do padre de Cumbe que respondia ao interrogatório de Moreira César, chiando também agora com o mesmo pânico: “Desate-me, desate-me, estão me comendo as formigas”.

—Sim, sim—gagueja o jornalista míope, sentindo-se feliz, acompanhado— Desato-o, desato-o.

—Vamos!—rogou-lhe o Miúdo— Vamos, Jurema, vamos. Agora que não há tiros.

Jurema tinha permanecido ali, olhando ao Rufino e ao Gall, sem dar-se conta que o sol dourava a caatinga, secava as gotas e evaporava a umidade do ar e dos matagais. O Miúdo a remexia.

—Aonde vamos?—respondeu, sentindo grande cansaço e um peso no estômago.

—Ao Cumbe, ao Geremoabo, a qualquer parte—insistiu o Miúdo, tirando-a.

—E por onde se vai ao Cumbe, ao Geremoabo?—murmurou Jurema— Acaso sabemos? Acaso você sabe?

—Não importa! Não importa!—chiou o Miúdo, devorando-a— Não ouviu os jagunços? Vão brigar aqui, vão cair tiros aqui, vão nos matar.

Jurema se incorporou e deu uns passos para a manta de ervas trancadas com a que os jagunços cobriram-na ao resgatá-la dos soldados. Sentiu-a molhada. Jogou-a em cima dos cadáveres do rastreador e do forasteiro, procurando lhes cobrir as partes mais machucadas: torsos e cabeças. Logo, com brusca decisão de vencer o torpor, tomou a direção pela qual recordava ter visto ir-se ao Pajeú. Imediatamente sentiu em sua mão direita a mão pequenina e gordinha.

—Aonde vamos?—disse o Miúdo— E os soldados?

Ela encolheu os ombros. Os soldados, os jagunços, que mais dava. Sentia-se farta de tudo e de todos e com o único desejo de esquecer o que tinha visto. Ia arrancando folhas e raminhos para lhes chupar o suco.

—Tiros—disse o Anão— Tiros, tiros.

Eram descargas fechadas, que em uns segundos impregnaram a caatinga densa, serperteando, que parecia multiplicar as rajadas e salvas. Mas não se via ser vivente pelos arredores: só uma terra trepadeira, coberta de sarças e folhas desprendidas das árvores pela chuva, charcos lamacentos e uma vegetação de macambiras com ramos como garras e mandacarús e *xiquexiques* de pontas acirradas. Tinha perdido as sandálias em algum momento da noite e, embora boa parte de sua vida andou descalça, sentia os pés feridos. A colina era cada vez mais íngreme. O sol caía totalmente na cara e parecia recompor, ressuscitar, seus membros. Soube que ocorria algo pelas

unhas do Miúdo, que lhe incrustaram. A quatro metros os apontava uma escopeta de cano curto e boca larga, sujeita por um homem, de pele de casca, extremidades ramosas e cabelos que eram penachos de ervas.

—Fugindo daqui—disse o jagunço, tirando a cara do manto— Não lhe disse Pajeú que fosse à entrada de Geremoabo?

—Não sei como ir—respondeu Jurema.

“*Shhht, shhht*“, ouviu um momento, em várias partes, como se os matagais e os cactos ficassem a falar. Viu que apareciam cabeças de homens, entre a ramagem.

—Escondam-se—escutou ordenar ao Pajeú, sem saber de onde saía a voz, e se sentiu empurrada ao chão, esmagada por um corpo de homem, ao mesmo tempo que a envolvia em seu manto de ervas, soprava-lhe: “*Shhht, shhht*“. Permaneceu imóvel, com os olhos entrecerrados, espiando. Sentia no ouvido o fôlego do jagunço e pensava se o Miúdo estaria também assim como ela. Viu os soldados. Saltou-lhe o coração ao vê-los tão perto. Vinham em coluna de dois, com suas calças de tiras vermelhas e suas casacas azuladas, suas botas negras de canos longos e o fuzil com a baioneta nua. Conteve a respiração, fechou os olhos, esperando que arreventassem os disparos, mas como não ocorria voltou a abri-los e aí estavam sempre os soldados, passando. Podia ver-lhes os olhos deslumbrados pela ansiedade ou devastados pela falta de sonho, as caras impávidas ou sobressaltadas, e ouvir palavras soltas de seus diálogos. Não era incrível que tantos soldados cruzassem sem descobrir que havia jagunços quase tocando-os, quase pisando-os?

E nesse momento a caatinga se acendeu em um soltar de pólvora que, um segundo, recordou-lhe a festa do Santo Antonio, em Queimadas, quando vinha o circo e se queimavam fogos. Alcançou a ver, entre a fuzilaria, uma chuva de silhuetas esverdeadas, que caíam ou se elevavam contra os uniformizados, e no meio da fumaça, do trovão, dos tiros, sentiu-se livre do que a sujeitava, içada, arrastada, ao mesmo tempo que lhe diziam: “Agache-se, agache-se”. Obedeceu, encolhendo-se, afundando a cabeça, e correu tudo o que lhe davam suas forças, esperando a qualquer momento o impacto dos balaços em suas costas, desejando-os quase. A correria a empapou de suor e

era como se fosse cuspir o coração. E nisso viu o caboclo sem nariz aí a seu lado, olhando-a com certa ironia:

—Quem ganhou a briga? Seu marido ou o lunático?

—Mataram-se os dois— acessou

—Melhor para você—comentou Pajeú, com um sorriso— Agora poderá buscar outro marido, em Belo Monte.

O Miúdo estava a seu lado, também ofegando. Ela divisou à Canudos. Estendia-se à frente, ao largo e ao longo, sacudido por explosões, línguas de fogo, fumaças disseminadas, sob um céu que contradizia essa desordem pelo limpo e azul, no que o sol reverberava. Os olhos lhe encheram de lágrimas e teve um golpe de ódio contra essa cidade e esses homens, entrematando-se nessas ruazinhas como tocas. Sua desgraça começou por esse lugar; por Canudos foi o forasteiro a sua casa e assim arrancaram as desventuras que a tinham deixado sem nada, nem ninguém no mundo, perdida em uma guerra. Desejou com toda sua alma um milagre, que não ocorreria nada e que ela e Rufino estivessem como antes, em Queimadas.

—Não chore, moça—disse-lhe o caboclo— Não sabe? Os mortos vão ressuscitar. Não ouviu? Existe a ressurreição da carne.

Falava tranqüilo, como se ele e seus homens não acabassem de tirotear com os soldados. Limpou as lágrimas com a mão e deu uma olhada, reconhecendo o lugar. Era um atalho entre as colinas, uma espécie de túnel. A sua esquerda havia um teto de pedras e rochas sem vegetação que lhe ocultavam a montanha, e a sua direita a caatinga, algo raleada, descia até desaparecer em uma extensão pedregosa que, além de um rio de largo leito, voltava-se uma confusão de casinhas de telhas avermelhadas e fachadas contrafeitas. Pajeú lhe pôs algo na mão e sem ver o que era o levou a boca. Devorou aos poucos a fruta de polpa branda e ácida. Os esverdeados foram-se pulverizando, pegando-se aos matagais, afundando-se em esconderijos cavados na terra. Outra vez a mão gordinha procurou a sua. Sentiu pena e carinho por essa presença familiar. “Metam-se aí”, ordenou Pajeú, afastando uns ramos. Quando estiveram de cócoras no fosso, explicou-lhes, assinalando as rochas: “Aí estão os cães”. No buraco havia outro jagunço, um homem sem dentes que se

aproximou para lhes dar lugar. Tinha uma suspensão e um saco repleto de dardos.

—O que vai passar?—sussurrou o Miúdo.

—Cale-se—disse o jagunço— Não ouviu? Os heréticos estão acima de nós.

Jurema espiou entre os ramos. Os tiros continuavam, dispersos, intermitentes, e ali seguiam as nubéculas e chamas dos incêndios, mas não alcançava a ver desde seu esconderijo às figurinhas uniformizadas que tinha visto cruzando o rio e desaparecendo no povoado. “Quietos”, disse o jagunço e pela segunda vez no dia os soldados surgiram do nada. Desta vez eram cavaleiros, em filas de dois, montados em animais pardos, negros, baios, salpicados, relinchantes, que, a uma distância incrivelmente próxima, desprendiam-se da parede de rochas de sua esquerda e se precipitavam rapidamente para o rio. Pareciam a ponto de rodar nessa baixada quase vertical, mas mantinham o equilíbrio e ela os via passar, velozes, usando as patas traseiras como freio. Estava enjoada pelas caras sucessivas dos cavaleiros e os sabres que os oficiais levavam em alto, assinalando, quando houve um encrespamento da caatinga. Os esverdeados saíam dos buracos, dos ramos e disparavam suas escopetas ou, como o jagunço que tinha estado com eles e arrastava agora pendente abaixo, flechavam-nos com seus dardos que faziam um ruído assobiante de cobra. Ouviu, muito claro, a voz do Pajeú: “Aos cavalos, aos que têm facões”. Já não se podia ver os cavaleiros, mas imaginava chapinhando no rio—entre a fuzilaria e um remoto alerta de sinos distinguia relinchos—e recebendo nas costas, sem saber de onde, esses dardos e balas que via e ouvia disparar aos jagunços esparramados a seu redor. Alguns, de pé, apoiavam a carabina ou as suspensões nos ramos dos mandacarús. O caboclo sem nariz não disparava. Com as mãos ia movendo para a direita e para baixo aos esverdeados. Nisso, apertaram-lhe o ventre. O Miúdo apenas lhe permitia respirar. Sentia-o tremendo. Remexeu-o com as duas mãos: “Já passaram, já se foram, olhe”. Mas quando ela também olhou, havia aí outro cavaleiro, em um cavalo branco, que descia a rocha com as crinas alvoroçadas. O pequeno oficial sujeitava as rédeas com uma mão e com a outra segurava um sabre. Estava tão perto que viu sua cara franzida, seus olhos incendiados, e um momento depois o viu encolher-se. Sua cara se apagou de

repente. Pajeú lhe estava apontando e pensou que era ele quem lhe tinha disparado. Viu corcovear ao cavalo branco, viu-o girar em uma dessas piruetas com que se luziam os vaqueiros nas feiras, e, com o cavaleiro pendurado pelo cangote, viu-o retroceder o caminho, subir a costa, e, quando desaparecia, voltou a ver o Pajeú apontando-o e, sem dúvida, lhe disparando.

—Vamos, vamos, estamos em meio a guerra—choramingou o Miúdo, incrustando-se de novo contra ela.

Jurema o insultou: “Cale-se, estúpido, covarde”. O Miúdo emudeceu, apartou-se e a olhou assustado, lhe implorando perdão com os olhos. O ruído de explosões, de disparos, de clarins, de sinos continuavam e os esverdeados desapareciam, correndo ou arrastando-se por essa colina boscosa que se perdia no rio e em Canudos. Procurou o Pajeú e o caboclo tampouco estava. Ficaram sozinhos. O que devia fazer? Permanecer ali? Seguir aos jagunços? Procurar um atalho que a afastasse de Canudos? Sentiu fadiga, esgotamento de músculos e ossos, como se seu organismo protestasse contra a só idéia de mover-se. Apoiou-se contra a parede úmida do fosso e fechou os olhos. Flutuou, afundou-se no sonho.

Quando, removida pelo Miúdo, ouviu que este lhe pedia desculpas por despertá-la, custou-lhe mover-se. Os ossos lhe doíam e teve que esfregar o pescoço. Era já tarde, pelas sombras em torcido e quão amortecida caía a luz. Esse ruído ensurdecedor não era do sonho. “O que acontece?”, perguntou, sentindo a língua ressecada e torcida. “Aproximam-se, não os ouve?”, murmurou o Miúdo, assinalando o pendente. “Terei que ir ver”, disse Jurema. O Miúdo lhe prendeu, tratando de atalhá-la, mas quando ela saiu do fosso, seguiu-a engatinhando. Baixou até as rochas e sarças onde tinha visto o Pajeú e se agachou face à poeirada, divisou nas saias das colinas, de frente uma aglomeração de formigas escuras, e pensou que mais soldados desciam para o rio, mas logo compreendeu que não baixavam, mas, subiam, que fugiam de Canudos. Sim, não havia dúvida, saíam do rio, corriam, tratavam de ganhar os cumes e viu, na outra margem, grupos de homens que disparavam e brincavam de correr; soldados isolados, que surgiam dentre os barracões, tratando de ganhar a borda. Sim, os soldados estavam escapando e eram os jagunços quem agora os perseguia. “Vêm para cá”, choramingou o Miúdo e a ela lhe gelou o corpo ao advertir que, por observar as colinas de

frente, não se tinha dado conta que a guerra tinha lugar também a seus pés, em ambas as bordas do Vassa Barris. Desde aí vinha o bulício com o que acreditou sonhar.

Meio apagados pelo terral e pela fumaça que deformava corpos, rostos, vislumbrou, em uma confusão de vertigem, cavalos tombados e parados às margens do rio, alguns agonizando, pois moviam seus largos cangotes como pedindo ajuda para sair dessa água lamacenta onde morreriam afogados ou sangrando. Um cavalo sem cavaleiro, de só três patas, saltava enlouquecido querendo morder a cauda, entre soldados que vadeavam o rio com os fuzis sobre as cabeças, e outros apareciam correndo, gritando, dentre as paredes de Canudos. Irrompiam de dois e de três, correndo, às vezes de costas como escorpiões, e se atiravam à água com a intenção de ganhar o pendente onde estavam ela e o Miúdo. Disparavam-lhes de alguma parte porque alguns caíam rugindo, uivando, e tinha uniformizados que começavam a subir as rochas.

—Vão matar-nos, Jurema—choramingou o Miúdo.

Sim, pensou ela, vão matar-nos. Ficou de pé, agarrou ao Miúdo, e gritou: “Corre, corre”. Lançou-se costa acima, pela parte mais entupida da caatinga. Muito em breve se fatigou mas encontrou ânimo para seguir na lembrança do soldado que caíra sobre ela na manhã. Quando já não pôde correr, seguiu andando. Pensava, compadecida, no extenuado que devia estar o Miúdo, com suas pernas curtas, a quem, entretanto, não havia sentido queixar-se e que tinha deslocado com firmeza de sua mão. Quando se detiveram, escurecia. Achavam-se na outra vertente, o terreno era plano aos poucos e a vegetação se enredou. O ruído da guerra se ouvia longe. Deixou-se cair no chão e às cegas agarrou ervas e as levou a boca e as mastigou, devagar, até sentir seu gostinho ácido no paladar. Cuspiu, agarrou outro punhado e assim foi burlando a sede. O Miúdo, um vulto imóvel, fazia o mesmo. “Corremos horas”, disse-lhe, mas não ouviu sua voz e pensou que certamente ele tampouco tinha forças para lhe falar. Tocou-o no braço e lhe apertou a mão, com gratidão. Assim estiveram, respirando, mastigando e cuspidando fibras, até que entre a ramagem ralada da favela se acenderam as estrelas. Vendoadas, Jurema se lembrou de Rufino, de Gall. Com o passar do dia os teriam bicado os urubus, as formigas e as lagartixas e já teriam começado a apodrecer. Nunca mais veria esses restos que, ao melhor,

estavam aí aos poucos metros, abraçados. As lágrimas lhe molharam a cara. Nisso ouviu vozes, muito perto; procurou e encontrou a mão aterrada do Miúdo, contra o que uma das duas silhuetas acabava de chocar. O Miúdo chiou como se o tivessem esfaqueado.

—Não disparem, não nos matem—ululou uma voz muito próxima
— Sou o Padre Joaquim, sou o pároco de Cumbe. Somos gente de paz!

—Nós somos uma mulher e um miúdo. Padre—disse Jurema, sem mover-se— Também somos gente de paz. Desta vez sim lhe saiu a voz.

Ao estalar o primeiro tiro dessa noite, a reação de Antonio Vilanova, passado o atordoamento, foi proteger ao santo com seu corpo. Igual coisa fizeram João Abade, João Grande, o Beato e Joaquim Macambira e seu irmão Honório, de modo que se encontrou preso com eles nos braços, rodeando ao Conselheiro, e calculando a trajetória da granada, que teria caído por São Cipriano, a ruela dos curandeiros, bruxos, ervateiros e arrumadores de Belo Monte. Qual, ou quais dessas cabanas de velhas que curavam o *mau olhado* com poções medicinais ou mágicas de *jurema e emanará*, ou desses esqueléticos que compunham o corpo à balizas, explodiram pelos ares? O Conselheiro os tirou da paralisia: “Vamos ao Templo”. Enquanto, tirados dos braços, internavam-se por Campo Grande em direção às igrejas, João Abade começou a gritar que apagassem as luzes das casas, pois acendedores e fogueiras era chamariz para o inimigo. Suas ordens eram repetidas, estendidas e obedecidas: à medida que deixavam atrás os becos e barracos de Espírito Santo, de Santo Agostinho, do Santo Cristo, dos Papas e da Maria Madalena, que se ramificavam às margens de Campo Grande, as moradias desapareciam nas sombras. Frente ao pendente dos Mártires, Antonio Vilanova ouviu João Grande dizer ao Comandante da Rua: “Anda a dirigir a guerra, nós o levaremos são e salvo”. Mas o ex-cangaceiro estava ainda com eles quando estalou o segundo tiro que os fez soltar-se e ver pranchas e entulhos, telhas e restos de animais ou pessoas suspensas no ar, em meio da labareda que iluminou

Canudos. Amareladas pareciam ter estalado em Santa Inês, onde os camponeses que trabalhavam os pomares de frutíferos, ou nessa aglomeração contínua em que coincidiam tantos cafusos, mulatos e negros que chamavam o Mocambo.

O Conselheiro se separou do grupo na porta do Templo do Bom Jesus, ao que entrou seguido por uma multidão. Nas trevas, Antonio Vilanova sentiu que o descampado lotava com a gente que continuava a procissão e que já não cabia nas igrejas. “Tenho medo?”, pensou, surpreso de sua inanição, esse desejo de agachar-se ali com os homens e mulheres que o rodeavam. Não, não era medo. Em seus anos de comerciante, cruzando os sertões com mercadorias e dinheiro, tinha deslocado muitos riscos sem assustar-se. E aqui, em Canudos, como lhe recordava o Conselheiro, tinha aprendido a somar, a encontrar sentido às coisas, uma razão última para tudo o que fazia e isso o tinha liberado desse temor que, antes, em certas noites de insônia, enchia suas costas de suor gelado. Não era medo a não ser tristeza. Uma mão robusta o sacudiu:

—Não ouve, Antonio Vilanova?—ouviu que lhe dizia João Abade— Não vê que estão aqui? Não estivemos nos preparando para recebê-los? Que espera?

—Perdoe-me—murmurou passando a mão pelo crânio semipelado— Estou aturdido. Sim, sim, vou.

—Terá que tirar às pessoas daqui—disse o ex-cangaceiro, remexendo-o— Se não, morrerão despedaçados.

—Vou, vou, não se preocupe, tudo funcionará—disse Antonio— Não falharei.

Chamou aos gritos seu irmão, tropeçando entre a multidão, e em pouco tempo o sentiu: “Aqui estou, compadre”. Mas, enquanto ele e Honório ficavam em ação, exortando às pessoas a ir aos refúgios cavados nas casas; chamavam os abacateiros para que recolhessem as padiolas; e retrocediam Campo Grande rumo ao armazém, Antonio seguia lutando contra uma tristeza que lhe rasgava a alma. Havia já muitos abacateiros, esperando-o. Repartiu-lhes as macas de pitas e cascas e enviou uns em direção das explosões e ordenou a outros que aguardassem. Sua mulher e sua cunhada tinham partido para as Casas de Saúde e os filhos de Honório se achavam na trincheira de Umburanas. Abriu o depósito que tinha sido

antigamente cavalaria e era agora a artilharia de Canudos e seus ajudantes tiraram as caixas de explosivos e de projéteis. Instruiu-os para que só entregassem munições ao João Abade ou à emissários enviados por ele. Deixou Honório encarregado da distribuição de pólvora e com três ajudantes correu pelos meandros de São Eloy e São Pedro até a forja do Menino Jesus, onde os ferreiros, por indicação dele, desde fazia uma semana tinham deixado de fabricar ferraduras, enxadas, foices, facas, para dia e noite converter em projéteis de trabucos e *bacarmartes* os pregos, latas, ferros, ganchos e toda classe de objetos de metal que se pôde reunir. Encontrou aos ferreiros confusos, sem saber se a ordem de apagar os acendedores e fogueiras também era para eles. Fez-lhes acender a forja e reatar a tarefa, depois de ajudá-los a tapar as frestas dos tabiques que olhavam às colinas. Quando retornava ao armazém, com uma gaveta de munições que cheiravam a enxofre, dois projéteis cruzaram o céu e estouraram ao longe, para os currais. Pensou que vários cabritos teriam ficado desventrados e escancarados, e possivelmente algum pastor, e que muitas cabras teriam saído espavoridas e estariam quebrando as patas e arranhando nas brenhas e nos cactos. Então se deu conta por que estava triste. “Outra vez tudo vai ser destruído, vai se perder tudo”, pensou. Sentia gosto de cinza na boca. Pensou: “Como quando a peste em Assaré, como quando a seca em Joazeiro, como quando a inundação na Caatinga do Moura”. Mas quem bombardeava Belo Monte esta noite eram piores que os elementos adversos, mais nocivos que as pragas e as catástrofes. “Obrigado por me fazer sentir tão certa a existência do Cão—rezou— Obrigado, porque assim sei que você existe, Pai.” Ouviu os sinos, muito fortes, e seu repicar lhe fez bem.

Encontrou João Abade e vinte homens levando munições e pólvora: eram seres sem caras, vultos que se moviam silenciosamente embora a chuva caísse de novo, removendo o teto. “Leva tudo?”, perguntou-lhe, estranhando, pois o próprio João Abade tinha insistido para que o armazém fosse o centro distribuidor de armas e apertechos. O Comandante da Rua sacou ao ex-comerciante do lodaçal em que estava convertido Campo Grande.

“Estão esticando-se desde este extremo até aí”, indicou-lhe, assinalando as lomas da Favela e de Cambaio. “Vão atacar por estes dois lados. Se a gente de Joaquim Macambira não resiste, este setor será o primeiro a cair. É melhor repartir as balas desde agora.” Antonio assentiu: “Onde vai estar?”, disse. “Por todas as partes”, repôs o ex-cangaceiro. Os homens esperavam com os caixões e as carteiras nos braços.

—Boa sorte, João—disse Antonio— Vou às Casas de Saúde. Alguma encomenda para a Catarina?

O ex-cangaceiro vacilou. Logo disse, devagar:

—Se me matarem, deve saber que embora ela perdoasse o de Custódia, eu não o perdoei.

Desapareceu na noite úmida, em que acabava de estalar um tiro.

—Você entendeu a mensagem de João à Catarina, compadre?— disse Honório.

—É uma história antiga, compadre—repôs-lhe.

À luz de uma vela, sem falar, ouvindo o diálogo dos sinos e os clarins e, aos poucos, o bramido do canhão, estiveram dispendo mantimentos, ataduras, remédios. Pouco depois chegou um menino a dizer, da parte de Antonia Sardelinha, que haviam trazido muitos feridos à Casa da Saúde de Santa Ana. Agarrou uma das caixas com iodo, formol, extrato de bismuto e calomelano que tinha encarregado ao Padre Joaquim e foi levar depois de dizer a seu irmão que descansasse um pouco, pois, o bravo viria com o amanhecer.

A Casa de Saúde do pendente da Santa Ana era um manicômio. Escutavam-se prantos e gemidos. Antonia Sardelinha, Catarina e as outras mulheres que foram ali cozinhar para os anciões, inválidos e doentes logo que podiam mover-se entre os parentes e amizades de quão feridos as torneavam e exigiam que atendessem suas vítimas. Estas jaziam umas sobre outras, no chão, e eram às vezes pisoteadas. Imitado pelos abacateiros, Antonio obrigou a sair do local aos intrusos e pôs àqueles a cuidar da porta enquanto ajudava a curar e enfaixar aos feridos. Os bombardeios explodiram dedos e mãos, abriram brechas nos corpos e a uma mulher a explosão arrancou uma perna. Como podia estar viva?, perguntava-se Antonio, enquanto a fazia aspirar álcool. Seus sofrimentos deviam ser tão terríveis que o melhor que podia lhe ocorrer era morrer quanto

antes. O farmacêutico chegou quando a mulher expirava em seus braços. Vinha da outra Casa de Saúde, onde, disse, havia tantas vítimas como nesta, e imediatamente ordenou que abandonassem no galinheiro aos cadáveres, que reconhecia de uma simples olhada. Era a única pessoa de Canudos com alguma instrução médica e sua presença acalmou o recinto. Antonio Vilanova encontrou a Catarina molhando a frente de um moço, com bracelete da Guarda Católica, ao que uma lasca tinha esvaziado um olho e aberto a maçã do rosto. Estava aceso com a avidez infantil dela, que lhe cantarolava entre dentes.

—João me deu um recado—disse-lhe Antonio. E lhe repetiu as palavras do cangaceiro. Catarina se limitou a fazer um ligeiro movimento de cabeça. Esta mulher fraca, triste e calada resultava um mistério para ele. Era serviçal, devota, e parecia ausente de tudo e de todos. Ela e João Abade viviam na rua do Menino Jesus, em uma cabaninha esmagada por duas casas de pranchas e preferiam andar sozinhos. Antonio os tinha visto, muitas vezes, passeando pelas plantações atrás de Mocambo, enfrascados em uma conversação interminável. “Vai ver o João?”, perguntou-lhe. “Talvez. O que quer que lhe diga?” “Que se condene, quero me condenar”, disse brandamente Catarina.

O resto da noite passou, para o ex-comerciante, acondicionando enfermeiras em duas moradias do atalho ao Geremoabo, das que teve que transladar seus moradores à casas de vizinhos. Embora com seus auxiliares limpava o lugar e fazia trazer soalhos, colchonetes, mantas, baldes de água, remédios, ataduras, voltou a sentir-se invadido pela tristeza. Acreditava tanto que esta terra desse de novo para: riscar e cavar canais; arar e abonar esse pedregal, para que se aclimassem o milho e o feijão; as favas e a cana; os melões e as melancias; e dera tanto trazer, cuidar, fazer reproduzir-se às cabras e aos cabritos. Foi preciso tanto trabalho, tanta fé, tanta dedicação de tanta gente para que estas plantações e currais fossem o que eram. E agora os tiros estavam acabando com eles e foram entrar os soldados para acabar com as pessoas que se reuniram ali para viver em amor a Deus e ajudar-se a si mesmos já que nunca as tinham ajudado. Esforçou-se para tirar esses pensamentos que lhe provocavam aquela raiva contra a que pregava o Conselheiro. Um ajudante vinha a lhe dizer que os cães estavam descendo das colinas.

Era o amanhecer, havia uma gritaria de cornetas, as ladeiras se moviam com formas roxo-azuis. Tirando o revólver de sua capa, Antonio Vilanova pôs-se a correr ao armazém da rua Campo Grande, onde chegou a tempo para ver, cinqüenta metros adiante, que as linhas de soldados tinham cruzado o rio e franqueavam a trincheira do velho Joaquim Macambira, disparando a mão direita e sinistra.

Honório e meia dúzia de ajudantes se entrincheiraram no local, detrás de barris, mostradores, colchonetes, gavetas e sacos de terra, pelos que Antonio e seus auxiliares subiram a quatro mãos, devorados pelos de dentro. Ofegante, instalou-se de maneira que pudesse ter um bom ponto de olhar para o exterior. O tiroteio era tão forte que não ouvia seu irmão, em que pese a estar cotovelo com cotovelo. Espiou pela paliçada de trastes: umas nuvens terrosas avançavam, procedentes do rio, por Campo Grande e às costas de São José e de Santa Ana. Viu fumaças, chamas. Estavam queimando as casas, queriam torrá-los. Pensou que sua mulher e sua cunhada estavam lá embaixo, em Santa Ana, talvez asfixiando-se e chamuscando-se com os feridos da Casa de Saúde e sentiu outra vez raiva. Vários soldados surgiram da fumaça e da terra, olhando com loucura a direita e a esquerda. As baionetas de seus largos fuzis cintilavam, vestiam casacas azuis e calças vermelhas. A gente lançou uma tocha por cima da paliçada. “Apaga-a”, rugiu Antonio ao moço que tinha a seu lado, enquanto apontava ao peito ao soldado mais próximo. Disparou, quase sem ver, pela densa poeirada, com os tímpanos que lhe arrebetavam, até que seu revólver ficou sem balas. Enquanto o carregava, de costas contra um tonel, viu que Pedrín, o moço ao que tinha mandado apagar a tocha, permanecia sobre o madeiro embreado, com as costas sangrando. Mas não pôde ir para ele pois, a sua esquerda, a paliçada se desmoronou e dois soldados se meteram por ali, estorvando-se um ao outro. “Cuidado, cuidado”, gritou, lhes disparando, até sentir de novo que o gatilho golpeava o percussor vazio. Os dois soldados caíram e quando chegou a eles, com a faca na mão, três ajudantes os rematavam com suas facas, amaldiçoando-os. Procurou e sentiu alegria ao ver o Honório ileso, sorrindo-lhe. “Tudo bem, compadre?”, disse-lhe e seu irmão assentiu. Foi ver o Pedrín. Não estava morto, mas além da ferida nas costas queimou as mãos. Carregou-o ao quarto do lado e o depositou sobre umas mantas. Tinha a cara molhada. Era um órfão, que ele e Antonia tinham recolhido a pouco de instalar-se em

Canudos. Ouvindo que se reatava o tiroteio, abrigou-o e se separou dele, lhe dizendo: “Já volto a lhe curar, Pedrín”.

Na paliçada, seu irmão disparava com um fuzil dos soldados e dos auxiliares tinham abafado a abertura. Voltou a carregar seu revólver e se instalou junto ao Honório, quem lhe disse: “Acabam de passar uns trinta”. O tiroteio, ensurdecedor, parecia cercá-los. Esquadrinhou o que ocorria na costa da Santa Ana e ouviu que Honório lhe dizia: “Crê que Antonia e Assunção estarão vivas, compadre?”. Nisso viu, no lodo, frente à paliçada, a um soldado meio abraçado a seu fuzil e com um sabre na outra mão. “Necessitamos dessas armas”, disse. Abriram uma brecha e se lançou à rua. Quando se inclinava a recolher o fuzil, o soldado tentou levantar o sabre. Sem vacilar, afundou-lhe a adaga no ventre, deixando cair sobre ele com todo seu peso. Sob o seu, o corpo do soldado exalou uma espécie de arroto, grunhiu, abrandou e ficou imóvel. Enquanto lhe arrancava a adaga, o sabre, o fuzil e o embornal, examinou a cara cinzenta, meio amarela, uma cara que havia visto muitas vezes entre os camponeses e vaqueiros e teve uma sensação amarga. Honório e os ajudantes estavam fora, desarmando outro soldado. E nisso reconheceu a voz do João Abade. O Comandante da Rua chegou como segregado pelo terral. Vinha seguido de dois homens e os três tinham manchas de óleo e de sangue.

—Quantos vocês são?—perguntou, ao mesmo tempo que fazia gestos para que se aproximassem à fachada da casa-fazenda.

—Nove—disse Antonio— E dentro está Pedrín, ferido.

—Venham—disse João Abade, dando meia volta— Tomem cuidado, há soldados metidos em muitas casas.

Mas o cangaceiro não tinha o menor cuidado, pois caminhava ereto, a passo rápido, por meia cale, enquanto ia explicando que atacavam as igrejas e o cemitério pelo rio e que teria que impedir que os soldados se aproximassem também por este lugar, pois o Conselheiro ficaria isolado. Queria fechar Campo Grande com uma barreira à altura dos Mártires, já quase na esquina da capela do Santo Antonio.

Uns trezentos metros os separavam dali e Antonio ficou surpreso ao ver os estragos. Havia casas ruínas, afundadas e furadas; escombros, altos de entulhos, cobertas rotas, madeiras carbonizadas

entre as quais aparecia às vezes um cadáver; nuvens de pó e fumaça que tudo apagavam, mesclavam, dissolviam. Aqui e lá, como marcos do avanço dos soldados, lingüetas de incêndios. Colocando-se ao lado do João Abade, repetiu-lhe a mensagem de Catarina. O cangaceiro assentiu, sem voltar-se. Intempestivamente, deram-se com uma patrulha de soldados na travessa de Maria Madalena e Antonio viu que João saltava, corria e lançava pelo ar sua faca como nas apostas de pontaria. Correu também, disparando. As balas assobiavam a seu redor e um instante depois tropeçou e caiu ao chão. Mas pôde parar e esquivar a baioneta que viu vir e arrastar ao soldado com ele à lama. Golpeava e recebia golpes sem saber se tinha na mão a faca. De repente sentiu que o homem com o qual lutava se encolhia. João Abade o ajudou a levantar-se.

—Recolham as armas dos cães—ordenava, ao mesmo tempo— As baionetas, os embornais, as balas.

Honório e dois auxiliares estavam inclinados sobre o Anastácio, outro ajudante, tratando de incorporá-lo.

—É inútil, está morto—conteve-os João Abade— Arrastem os corpos, para tampar a rua.

E deu o exemplo, agarrando de um pé o cadáver mais próximo e pondo-se a andar em direção aos Mártires. Na travessa, muitos jagunços tinham começado a levantar a barricada com tudo o que achavam à mão. Antonio Vilanova ficou imediatamente a trabalhar com eles. Escutavam-se tiros, rajadas, e em pouco tempo, apareceu um moço da Guarda Católica a dizer ao João Abade, que carregava com o Antonio as rodas de uma carreta, que os heréticos vinham de novo para o Templo do Bom Jesus. “Todos lá”, gritou João Abade e os jagunços correram atrás dele. Entraram no lugar ao mesmo tempo que, do cemitério, desembocavam vários soldados, dirigidos por um jovem loiro que segurava um sabre e disparava um revólver. Uma fechada fuzilaria, da capela, das torres e tetos do Templo em construção, atalhou-os. “Sigam-nos, sigam-nos”, ouviu rugir ao João Abade. Das igrejas saíram dezenas de homens a somar-se à perseguição. Viu o João Grande, enorme, descalço, alcançar ao Comandante da Rua e lhe falar enquanto corria. Os soldados fizeram-se fortes atrás do cemitério e ao entrar em São Cipriano os jagunços foram recebidos com uma chuva de granizo de balas. “Vão matá-lo”, pensou Antonio, atirado no chão, ao ver o João Abade que,

de pé em meia cale, indicava com gestos a quem o seguia que se refugiassem nas casas ou se esmagassem contra a terra. Logo, aproximou-se do Antonio, a quem lhe falou agachando-se a seu lado:

—Retorna à barricada e assegura-a. Terá que os desalojar daqui e empurrá-los para onde lhes cairá Pajeú. Anda e que não penetrem pelo outro lado.

Antonio assentiu e, um momento depois, corria de volta, seguido de Honório, os auxiliares e outros dez homens, à encruzilhada dos Mártires e Campo Grande. Pareceu-lhe recuperar ao fim a consciência, sair do atordoamento. “Você sabe organizar,—disse-se— E agora isso falta.” Indicou que os cadáveres e escombros do descampado fossem levados a barricada e ele ajudou até que, no meio do trajeto ouviu gritos no interior de uma moradia. Foi o primeiro a entrar, abrindo o tabique com uma patada e disparando ao uniforme de cócoras. Estupefato, compreendeu que o soldado que tinha matado estava comendo; tinha na mão o pedaço de charque que sem dúvida acabava de agarrar do fogão. A seu lado, o dono da casa, um velho, agonizava com a baioneta cravada no estômago e três meninos chiavam desmedidos. “Que fome teria—pensou— para esquecer-se de tudo e deixar-se matar com tal de tragar um bocado de charque.” Com cinco homens foi revisando as moradias, entre a travessa e o descampado. Todas pareciam um campo de batalha: desordem, tetos com brechas, muros partidos, objetos pulverizados. Mulheres, anciões, meninos armados de paus e trinche punham cara de alívio ao vê-los ou prorrompiam em uma bagunça frenética. Em uma casa encontrou dois baldes de água e depois de beber e fazer beber aos outros, arrastou-os à barricada. Viu a felicidade com que Honório e outros bebiam.

Encarapitando-se na barricada, observou por entre os trastes e os mortos. A única rua reta de Canudos, Campo Grande, luzia deserta. A sua direita, o tiroteio aumentava entre incêndios. “A coisa está brava em Mocambo, compadre”, disse Honório. Tinha a cara encarnada e coberta de suor. Sorria-lhe. “Não nos vão tirar daqui, não é certo?”, disse. “Claro que não, compadre”, respondeu Honório. Antonio se sentou em uma carreta e enquanto carregava seu revólver—já quase não ficavam balas nos cinturões que lhe rodeavam o ventre — viu que os jagunços estavam em sua maioria armados com os fuzis dos

soldados. Estavam ganhando a guerra. Lembrou-se das Sardelinhas, lá embaixo, nas costas de Santa Ana.

—Fique aqui e diga ao João que fui à Casa de Saúde para ver o que passa—disse a seu irmão.

Saltou ao outro lado da barricada, pisando nos cadáveres acoitados por miríades de moscas. Quatro jagunços o seguiram. “Quem lhes ordenou vir?”, gritou-lhes. “João Abade”, disse um deles. Não teve tempo de replicar, pois em São Pedro se viram apanhados em um tiroteio: lutava-se nas portas, nos tetos e no interior das casas da rua. Voltaram para Campo Grande e por ali puderam descer para a Santa Ana, sem encontrar soldados. Mas em Santa Ana havia tiros. Esconderam-se atrás de uma casa que fumegava e o comerciante observou. À altura da Casa de Saúde havia outra fumaça; dali disparavam. “Vou aproximar-me, esperem aqui”, disse, mas quando se arrastava viu que os jagunços se arrastavam a seu lado. Uns metros mais à frente descobriu por fim a meia dúzia de soldados, disparando não contra eles a não ser contra as casas. Incorporou-se e correu para eles a toda a velocidade de suas pernas, com o dedo no gatilho, mas só disparou quando um dos soldados virou a cabeça. Descarregou-lhe os seis tiros e lançou a faca a outro que lhe veio em cima. Caiu ao chão e ali se prendeu das pernas do mesmo, ou de outro soldado e, sem saber como, encontrou-se lhe apertando o pescoço, com todas as suas forças. “Matou dois cães, Antonio”, disse um jagunço. “Os fuzis, as balas, tirem-lhes” respondeu ele. As casas se abriam e saíam grupos, tossindo, sorrindo, fazendo adeus. Aí estavam Antonia, sua mulher, e Assunção, e, detrás, Catarina, a mulher do João Abade.

—Olha-os—disse um dos jagunços, sacudindo-o— Olha como se atiram ao rio.

A direita e esquerda, por sobre os tetos encrespados da costa da Santa Ana, havia outras figuras uniformizadas, aceleradas, subindo o pendente, e outras se lançavam ao rio, às vezes arrojando seus fuzis. Mas lhe chamou mais a atenção advertir que muito em breve seria de noite. “Vamos tirar-lhes as armas”, gritou com todas as suas forças. “Vamos cabras, não se deixa um trabalho sem terminar.” Vários jagunços correram com ele para o rio e alguém ficou a dar morra à República e ao Anticristo e vivas ao Conselheiro e ao Bom Jesus.

Nesse sonho que é e não é, dorme-vela que dissolve a fronteira entre a vigília e o dormir e que lhe recorda certas noites de ópio em sua desordenada casinha de Salvador, o jornalista míope do *Jornal de Notícias* tem a sensação de não dormir a não ser falar e escutar, dizendo à essas presenças sem rosto que compartilham com ele a caatinga, a fome e a incerteza, que para ele o mais terrível não é estar extraviado, ignorante do que ocorrerá quando do aparecimento do dia, a não ser ter perdido o bolsão de couro e os cilindros de papéis rabiscados que tinha envoltos em suas poucas mudas de roupa. Está seguro de lhes haver contado também coisas que o envergonhavam: que faz dois dias, quando lhe acabou a tinta e lhe partiu a última pluma de ganso teve um acesso de pranto, como se lhe tivesse morrido um familiar. E está seguro—seguro da maneira incerta, desconexa, branda, em que tudo passa, diz-se ou se forma no mundo do ópio— que toda a noite mastigou, sem asco, os molhos de ervas, de folhas, de raminhos, possivelmente os insetos, as indecifráveis matérias, secas ou úmidas, viscosas ou sólidas, que passaram, de mãos em mãos, ele e seus companheiros. E está seguro que escutou tantas confissões íntimas como as que crê ter feito. “Menos ele, todos temos um medo incomensurável”, pensa. Assim o reconheceu Padre Joaquim, a quem serviu de travesseiro e que foi dele: que descobriu o verdadeiro medo só hoje em dia, lá, amarrado a essa árvore, esperando que um soldado viesse a lhe cortar o cangote, ouvindo o tiroteio, vendo as idas e vindas, a chegada dos feridos, um medo imensamente maior que o que nunca sentiu por nada e por ninguém, incluídos o Demônio e o inferno. Disse estas coisas ao padre gemendo e aos poucos pedindo perdão a Deus por dizê-las? Mas quem tem mais medo ainda é o que ele disse que é anão. Porque, com uma voz tão disforme como deve ser seu corpo, não cessou que choramingar e de desvairar sobre mulheres barbudas, ciganos, forçudos e um homem sem ossos que podia dobrar-se em quatro. Como será o Miúdo? Será ela sua mãe? O que fazem aqui esse par? Como é possível que ela não tenha medo? O que tem que é pior que o medo? Pois o jornalista míope percebeu algo ainda mais corrosivo, ruinoso, dilacerador, no murmúrio suave, esporádico, no que a mulher não falou que quão único tem sentido, o medo de morrer, mas sim da insistência de alguém que está morto, sem enterrar, molhando-se, gelando-se, mordido por toda classe de insetos. Será

uma louca, alguém que já não tem medo porque o teve tanto que enlouqueceu?

Sente que o remexem. Pensa: “Meus óculos”. Vê uma claridade esverdeada, sombras móveis. E enquanto apalpa seu corpo, ao seu redor, ouve o Padre Joaquim: “Desperte, já amanhece, tratemos de encontrar o caminho de Cumbe”. Acha-os ao fim, entre suas pernas, intactos. Limpa-os, incorpora-se, balbucia “vamos, vamos”, e ao colocar os óculos e definir o mundo vê o Miúdo: com efeito, é muito pequeno como um menino de dez anos e com uma cara constelada de dobras. Está na mão dele, uma mulher sem idade, com os cabelos soltos, tão magra que a pele parece sobreposta à seus ossos. Ambos estão cobertos de barro, com as roupas destroçadas, e o jornalista míope se pergunta se ele dará também, como eles e como o cura forçado, que se pôs a caminhar decidido rumo ao sol, essa impressão de desganhamento, de abandono, de indefinição. “Estamos do outro lado da Favela”, diz o Padre Joaquim. “Por aqui deveríamos sair ao atalho de Bendengó. Deus queira que não tenha soldados...” “Mas haverá”, pensa o jornalista míope. Ou, em vez deles, jagunços. Pensa: “Não somos nada, não estamos em um, nem em outro bando. Matar-nos-ão”. Caminha, surpreso de não estar cansado, vendo diante a filiforme silhueta da mulher e do Miúdo que salta para não atrasar-se. Andam tempo, sem trocar palavra, nessa ordem. Na madrugada ensolarada ouvem cantos de pássaros, borderar de insetos e ruídos múltiplos, confusos, dissímiles, crescentes: tiros isolados, sinos, o ulular de uma corneta, talvez uma explosão, talvez vozes humanas. O cura não se desvia, parece saber aonde vai. A caatinga começa a ralar e diminuir-se de matagais e cactos, até converter-se em terra escarpada, a descoberto. Partem paralelos a uma linha rochosa que os oculta a visão da direita. Uma meia hora depois alcançam a crista desse horizonte rochoso e ao mesmo tempo que a exclamação do padre, o jornalista míope vê o que o motiva: quase junto a eles estão os soldados e detrás, diante, aos flancos, os jagunços. “Milhares”, murmura o jornalista míope. Tem vontade de sentar-se, de fechar os olhos, de esquecer-se. O Anão reclama: “Jurema, olhe, olhe”. O padre cai de joelhos, para oferecer menos vulto aos olhares e seus companheiros também se agachavam. “Justamente, tínhamos que cair em meio da guerra”, sussurra o Miúdo. “Não é a guerra, pensa o jornalista míope. É a fuga.” O espetáculo ao pé dessas colinas cujo cume ocupam cheios de medo. Assim, não lhe fizeram caso ao Major

Cunha Matos, não se retiraram ontem à noite e o faziam só agora, como queria o Coronel Tamarindo.

As massas de soldados sem ordem nem concerto, que se aglomeram lá embaixo em uma extensão ampla, em partes apinhados e em outras distanciados, em um estado calamitoso, arrastando as carretas da Enfermaria e carregando macas, com os fuzis pendurados de qualquer maneira ou convertidos em fortificações e muletas, não se parecem em nada ao Sétimo Regimento do Coronel Moreira César que ele recorda, esse corpo disciplinado, cuidadoso dos trajés e das formas. Enterraram-no lá encima? Trarão seus restos em uma dessas macas, dessas carretas?

—Farão as pazes?—murmura o padre, a seu lado— Um armistício, talvez?

A idéia de uma reconciliação lhe resulta extravagante, mas é verdade que algo estranho acontece lá embaixo: não há briga. E, entretanto, soldados e jagunços estão perto, cada momento mais perto. Os olhos míopes, ávidos, alucinados, saltam entre os grupos de jagunços, essa indescritível humanidade de trajés extravagantes, armada de escopetas, de carabinas, de paus, de facões, de restelos, de suspensões, de pedras, com trapos nas cabeças, que parece encarnar a desordem, a confusão, como aqueles a quem persegue, ou, melhor, escoltam, acompanham.

—Renderam-se os soldados?—diz o Padre Joaquim— Levarão os prisioneiros?

Os grandes grupos de jagunços vão pelas saias das colinas, a um e outro lado da corrente ébria e deslocada de soldados, aproximando-os e estrangendo-os cada vez mais. Mas não há tiros. Não, pelo menos, o que havia ontem em Canudos, essas rajadas e explosões, embora a seus ouvidos chegam às vezes tiros isolados. E ecos de insultos e injúrias: o que outra coisa podem ser esses fiapos de vozes? À retaguarda da desarrumada Coluna o jornalista míope reconhece de repente ao Capitão Salomão da Rocha. O grupinho de soldados que vai à cauda, afastado de outros, com quatro canhões atirados por mulas às que açoitam sem misericórdia, fica completamente isolado quando um grupo de jagunços dos flancos põe-se a correr e se interpõe entre eles e o resto dos soldados. Os canhões já não se movem e o jornalista míope está seguro que esse

oficial —tem um sabre e uma pistola, vai de um a outro dos soldados esmagados contra os muares e canhões, lhes dando sem dúvida ordens, fôlego, à medida que os jagunços se fecham sobre eles—é Salomão da Rocha. Recorda seus bigodinhos recortados—seus companheiros lhe diziam o Figurino—e sua mania de falar sempre dos adiantamentos anunciados no catálogo dos *Comblain*, da precisão dos *Krupp* e desses canhões aos que pôs nome e sobrenome. Ao ver pequenos brotos de fumaça compreende que se estão disparando, a bancarrota, só que ele, eles, não ouvem os disparos porque o vento corre em outra direção. “Todo este tempo estiveram disparando-se, matando-se, insultando-se, sem que nós ouvíssemos”, pensa e deixa de pensar, pois o grupo de soldados e canhões é bruscamente submerso pelos jagunços que o cercavam. Piscando, pestanejando, abrindo a boca o jornalista míope vê que o oficial do sabre resiste uns segundos a surra de paus, lanças, enxadas, foices, facões, baionetas ou o que sejam esses objetos escuros, antes de desaparecer igual aos soldados, sob a massa de assaltantes que agora dá saltos e sem dúvida gritos que não chega para ouvir. Ouve, em troca, relinchar às mulas às que tampouco vê.

Dá-se conta que ficou sozinho nesse parapeito do que viu a captura da artilharia do Sétimo Regimento e a segura morte dos soldados e do oficial que a serviam. O pároco de Cumbe trota pendente abaixo, a vinte ou trinta metros, seguido pela mulher e o Miúdo, direto para os jagunços. Todo seu ser duvida. Mas o medo a ficar só ali é pior e fica de pé e põe-se a correr também, pendente abaixo. Tropeça, escorrega, cai, levanta-se, equilibra-se. Muitos jagunços os viram, há caras que se inclinam, levantam, para o pendente por onde ele baixa, com uma sensação de ridículo por sua estupidez para pisar e manter-se direito. O padre de Cumbe, agora dez metros adiante, diz algo, grita e faz gestos, gestos aos jagunços. Está denunciando-o, delatando-o? Para congar-se com eles lhes dirá que é soldado, fará que...? e volta a rodar, aparatosamente. Dá cambalhotas, faz excursão como um tonel, sem sentir dor, vergonha, unicamente pensando em seus óculos que por milagre seguem firmes em suas orelhas quando por fim se detém e trata de incorporar-se. Mas está tão machucado, aturdido e apavorado que não consegue fazê-lo até que uns braços o levantam em peso. “Obrigado”, murmura e vê o Padre Joaquim espalmado, abraçado, beijado na

mão por jagunços que sorriem e mostram surpresa, excitação. “Conhecem-no—pensa— se ele os pede não me matarão.”

—Eu mesmo, eu mesmo, João, em corpo e alma—diz o Padre Joaquim a um homem alto, forte, de pele curtida, enlameado, em meio de um grupo de gente com fileiras de balas no pescoço—nenhum espírito, não me mataram, escapei-me. Quero voltar para Cumbe, João Abade, sair daqui, me ajude...

—Impossível, Padre, é perigoso, não vê que há tiros por toda parte?—diz o homem— Vá à Belo Monte, até que a guerra passe.

“João Abade?”, pensa o jornalista míope. “João Abade também em Canudos?” Ouve descargas de fuzilaria, súbitas, fortes, ubíquas e lhe gela o sangue: “Quem é o cabra quatro olhos?”, ouve dizer ao João Abade, assinalando-o. “Ah, sim, um jornalista, ajudou-me a escapar, não é soldado. E essa mulher e esse...”, mas não pode concluir a frase pelo tiroteio. “Retorne à Belo Monte, Padre, lá está espaçoso”, diz João Abade ao mesmo tempo que corre pendente abaixo, seguido pelos jagunços que o rodeavam. Do chão, o jornalista míope divisa de repente, ao longe, ao Coronel Tamarindo agarrando a cabeça em meio de uma correria de soldados. Há uma desordem e confusão totais; a Coluna parece disseminada, pulverizada. Os soldados correm, dessalgados, espavoridos, perseguidos e, do chão, a boca cheia de terra, o jornalista míope vê a mancha de gente que se vai pulverizando, repartindo, mesclando, figuras que caem, que lutam, e seus olhos voltam uma e outra vez ao lugar onde caiu o velho Tamarindo. Uns jagunços estão inclinados, rematando-o? Mas se atrasam muito, de cócoras aí, e os olhos do jornalista míope, ardendo de tanto esforçar-se, advertem ao fim que o estão despindo.

Sente um sabor acre, um começo de obstrução e se dá conta que, como autômato, está mastigando a terra que lhe entrou na boca ao atirar-se ao chão. Cospe, sem deixar de olhar, no gigantesco terral que se levantou, a disparada dos soldados. Correm em todas as direções, alguns disparando, outros jogando ao chão, ao ar, armas, caixas, macas, e embora estejam já longe alcança a ver que vão também, em sua correria frenética, aturdida, arrojando os quepis, as polonesas, os correagens, as cartucheiras. Por que despem eles também, que loucura é esta que está vendo? Intui que se despojam de tudo o que possa identificá-los como soldados, que querem fazer-se passar por jagunços na desordem. O Padre Joaquim fica de pé e,

como faz um momento, volta a correr. Desta vez de maneira estranha, movendo a cabeça, as mãos, falando e gritando a fugitivos e perseguidores. “Está indo meter-se em meio das balas, onde se estão esfaqueando, destroçando”, pensa. Seus olhos encontram os da mulher, que o olha assustada, lhe pedindo conselho. E então ele, seguindo um impulso, também fica de pé, lhe gritando: “Teremos que estar com ele, é o único que pode nos salvar”. Ela se incorpora e põe-se a correr, arrastando ao Miúdo que, exagerado, com a cara cheia de terra, reclama enquanto corre. O jornalista míope deixa de vê-los logo, pois suas largas pernas ou seu medo lhes tiram vantagem. Corre veloz, torcido, desancado, a cabeça sumida, pensando hipnoticamente que uma dessas balas que queimam e que assobiam lhe está destinada, que corre para ele, e que uma dessas facas, foices, facões, baionetas que entrevê o aguarda para pôr fim a sua correria. Mas segue correndo entre nuvens de terra, percebendo e perdendo e recuperando a figurinha forte como com aspas, do padre de Cumbe. De repente, perde-o de tudo. Enquanto o amaldiçoa e odeia, pensa: “Aonde vai, por que corre assim, por que quer morrer e que morramos”. Embora já não tem fôlego—vai com a língua fora, tragando pó, quase sem ver pois os óculos cobriram-se de terra—segue correndo, desancando-se; as poucas forças que ficam dizem que sua vida depende do Padre Joaquim.

Quando cai por terra, porque tropeça ou porque o cansaço lhe dobra as pernas, sente uma curiosa sensação benfeitora. Apóia a cabeça em seus braços, tráfico entre o ar e seus pulmões, escuta seu coração. Melhor morrer que seguir correndo. Pouco a pouco vai repondo-se sentindo que a palpitação das têmporas se acalma. Está enjoado e com arcadas mas não vomita. Tira-se os óculos e os limpa. Coloca-os. Está rodeado de gente. Não tem medo já nem lhe importa. O cansaço o livrou de temores, incertezas, imaginação. Pelo resto, ninguém parece fixar-se nele. Estão recolhendo os fuzis, as munições, as baionetas, mas seus olhos não se enganam e do primeiro momento sabem que, além disso, esses grupos de jagunços, aqui, lá, mais à frente, estão também decapitando aos cadáveres com seus facões, com a aplicação com que se decapita aos bois e aos cabritos, e jogando as cabeças em montes, ou as trespassando em lanças e nas mesmas baionetas que esses mortos trouxeram para trespassá-los ou levando agarrados pelos cabelos, tanto que outros prendem fogueiras onde começam a chispar, a estalar, a retorcer-se,

a chamuscar os cadáveres descabeçados. Uma fogueira está muito perto e vê que, sobre dois corpos que assam, uns homens com trapos azuis arrojam outros restos. “Agora me toca—pensa— virão, cortar-me-ão, levar-me-ão em um pau e jogarão meu corpo nessa fogueira.” Segue amedrontado, vacinado contra tudo pela infinita fadiga. Embora os jagunços falem, não os entende.

Nisso vê o Padre Joaquim. Sim, o Padre Joaquim. Não vai, mas, vem; não corre, mas, anda; com os pés muito abertos, sai desse terral que começou já a produzir em seus narizes o comichão que precede os espirros, sempre fazendo gestos, caretas, sinais, a ninguém e a todos, inclusive a estes mortos queimados. Vem enlameado, esmigalhado, os cabelos revoltos. O jornalista míope se incorpora quando passa frente a ele, dizendo: “Não se vá, me leve, não deixe que me arranquem a cabeça, não deixe que me queimem...”. Ouve-o o padre de Cumbe? Fala só ou com fantasmas, repete coisas incompreensíveis, nomes desconhecidos, aciona. Ele caminha a seu lado, muito junto, sentindo que essa vizinhança o ressuscita. Adverte que a sua direita caminham, com eles, a mulher descalça e o Miúdo. Gastos, enterrados, quebrados, parecem-lhe sonâmbulos.

Nada do que vê e ouve lhe surpreende ou assusta ou interessa. É isto o êxtase? Pensa: “Nem sequer o ópio, em Salvador...”. Vai a seu passo, os jagunços estão pendurando nas árvores de favela salpicados em ambos os lados do atalho, quepis, jaquetas, cantis, capotes, mantas, correagens, botas, como quem decora as árvores para a véspera de natal, mas não lhe importa. E quando, na baixada por volta do mar de tetos e escombros que é Canudos, vê ambas as bordas do atalho, alinhadas, olhando-se, molestadas como insetos, as cabeças dos soldados, tampouco seu coração se enlouquece nem retornam seu medo, sua fantasia. Nem sequer quando uma figura absurda, um desses espantalhos que se plantam nas plantações, obstrui-lhes o caminho e reconhece, na forma nua, adiposa, empalada em um ramo seco, o corpo e a cara do Coronel Tamarindo, altera-se. Mas um momento depois pára em seco e, com a serenidade que alcançou, fica a esquadriñar uma das cabeças aureoladas por enxames de moscas. Não há dúvida alguma: é a cabeça de Moreira César.

O espirro toma-o tão despreparado que não tem tempo de levar as mãos à cara, de atalhar seus óculos: saem despedidos e ele dobrado

pela rajada de espirros, está seguro de ouvir o impacto que fazem ao se chocar contra os calhaus. Logo que pode, se agachada e gesticula. Encontra-os imediatamente. Agora sim, ao apalpá-los e sentir que os cristais fizeram-se pedacinhos, retorna o pesadelo da noite, do amanhecer, de faz um momento.

—Alto, alto—grita, fincando os óculos, vendo um mundo trizado, rachado, pontilhado— Não vejo nada, suplico-lhes.

Sente em sua mão direita uma mão que só pode ser —por seu tamanho, por sua pressão — a da mulher descalça. Tira dele, sem dizer uma palavra, orientando-o nesse mundo de repente inapreensível, cego.

O primeiro que surpreendeu ao Epaminondas Gonçalves, ao entrar no palácio do Barão da Canabrava, no que nunca pôs os pés, foi o aroma de vinagre e de ervas aromáticas que impregnavam as habitações, pelas quais um criado negro conduzia, iluminando-o com um candil. Introduziu-o a um despacho com estantes cheias de livros, iluminado por um lampião de cristais esverdeado que dava aparência selvagem ao escritório de extremidades ovaladas, aos confortáveis e mesinhas com adornos. Bisbilhotava um mapa antigo, no que alcançou a ler escrito em letras cardenalícias o nome de Calumbí, quando entrou o Barão, deram-se a mão sem calor, como pessoas que apenas se conhecem.

—Agradeço-lhe que veio—disse o Barão, lhe oferecendo assento— Talvez fosse melhor celebrar esta entrevista em um lugar neutro, mas me permiti lhe propor minha casa porque minha esposa está delicada e prefiro não sair.

—Espero que se recupere logo—disse Epaminondas Gonçalves, rechaçando a caixa de charutos que o Barão lhe alcançou— Toda Bahia espera vê-la outra vez tão sã e bela como sempre.

O Barão emagreceu e envelheceu muito e o dono do *Jornal de Notícias* se perguntou se essas rugas e esse abatimento eram obra da velhice ou dos últimos acontecimentos.

— Na realidade, Estela se acha fisicamente bem, seu organismo se recuperou—disse o Barão, com vivacidade— É seu espírito o que segue doído, pela impressão que foi para ela o incêndio de Calumbí.

—Uma desgraça que concerne a todos os bahianos—murmurou Epaminondas. Elevou a vista para seguir ao Barão, que se pôs de pé e estava servindo duas taças de conhaque— Disse na Assembléia e no *Jornal de Notícias*: A destruição de propriedades é um crime que nos afeta; à aliados e adversários por igual.

O Barão assentiu. Alcançou ao Epaminondas sua taça e brindaram em silêncio, antes de beber. Epaminondas colocou sua taça na mesinha e o Barão a reteve, esquentando e removendo o líquido avermelhado.

—Pensei que era bom que falássemos—disse, devagar— O êxito das negociações entre o Partido Republicano e o Partido Autonomista dependem de que você e eu nos ponhamos de acordo.

—Tenho que lhe advertir que não fui autorizado por meus amigos políticos para negociar nada esta noite—interrompeu-o Epaminondas Gonçalves.

—Não necessita sua autorização—sorriu o Barão, com minha ironia, querido Epaminondas, não joguemos às sombras chinesas. Não há tempo. A situação é muito grave e você sabe. No Rio, em São Paulo, assaltam os jornais monárquicos e lincham a seus donos. As senhoras do Brasil rifam suas jóias e seus cabelos para ajudar ao Exército que vem à Bahia. Vamos pôr as cartas sobre a mesa. Não podemos fazer outra coisa a menos que queiramos nos suicidar.

Voltou a beber um sorvo de conhaque.

—Já que quer franqueza, confessar-lhe-ei que sem o ocorrido ao Moreira César em Canudos não estaria aqui nem haveria conversações entre nossos partidos—assentiu Epaminondas Gonçalves.

—Nisso estamos de acordo—disse o Barão— Suponho que também o estamos no que significa politicamente para Bahia essa mobilização militar em grande escala que organiza o governo federal em todo o país.

—Não sei se a vemos da mesma maneira.—Epaminondas agarrou sua taça, bebeu, saboreou e acrescentou, friamente— Para você e

seus amigos é, certamente, o fim.

—É-o sobretudo para vocês, Epaminondas—repôs amavelmente o Barão— Não se deu conta? Com a morte de Moreira César, os jacobinos sofreram um golpe mortal. perderam a única figura de prestígio com que contavam. Sim, meu amigo, os jagunços fizeram um favor ao Presidente Prudente de Moraes e ao Parlamento, a esse governo de “bacharéis” e “cosmopolitas” que vocês queriam derrubar para instalar a República Ditatorial. Moraes e os paulistas vão servir-se desta crise para limpar ao Exército e a administração de jacobinos. Sempre foram poucos e agora estão acéfalos. Você também será varrido na limpeza. Por isso o chamei. Vamo-nos ver em apuros com o gigantesco Exército que vem à Bahia. O governo federal porá um chefe militar e político no estado, alguém de confiança de Prudente de Moraes, e a Assembléia perderá toda força se não se fechar por falta de uso. Toda forma de poder local desaparecerá da Bahia e seremos um simples apêndice do Rio. Por mais partidário do centralismo que seja, imagino que não o é tanto como para aceitar ver-se expulso da vida política.

—É uma maneira de ver as coisas—murmura Epaminondas, imperturbável— Pode me dizer em que forma rebateria esse perigo frente ao comum que me propõe?

—Nossa união obrigará Moraes a negociar e pactuar conosco e salvará a Bahia de cair aos pés e mãos sob o controle de um vice-rei militar—disse o Barão— E dará a você, além disso, a possibilidade de chegar ao poder.

—Acompanhado...—disse Epaminondas Gonçalves.

—Só—retificou-o o Barão— A Governação é dela. Luis Viana não voltará a apresentar-se e você será nosso candidato. Teremos listas conjuntas para a Assembléia e para as Câmaras de vereadores Municipais. Não é pelo que luta há tanto tempo?

Epaminondas Gonçalves avermelhou. Produziam-lhe esse arrebatamento o conhaque, o calor, o que acabava de ouvir ou o que pensava? Permaneceu silencioso uns segundos, abstraído.

—Seus partidários estão de acordo?—perguntou ao fim, em voz baixa.

—Estarão quando compreenderem o que é que devem fazer—disse o Barão— Eu me comprometo a convencê-los. Está satisfeito?

—Preciso saber o que vai pedir-me em troca—disse Epaminondas Gonçalves.

—Que não se toquem nas propriedades agrárias nem nos comércios urbanos—repôs o Barão da Canabrava, no ato— Vocês e nós lutaremos contra qualquer intento de confiscar, expropriar, intervir ou sobrecarregar imoderadamente as terras ou os comércios. É a única condição.

Epaminondas Gonçalves respirou fundo, como se lhe faltasse o ar. Bebeu o resto de conhaque de um gole.

—E você, Barão?

—Eu?—murmurou o Barão, como se falasse de um espírito— Vou retirar-me da vida política. Não serei um estorvo de nenhuma espécie. Pelo resto, como sabe, viajo à Europa na próxima semana. Permanecerei lá por tempo indefinido. Tranqüiliza-o?

Epaminondas Gonçalves, em vez de responder, ficou de pé e deu uns passos pela habitação, com as mãos nas costas. O Barão adotara uma atitude ausente. O dono do *Jornal de Notícias* não tratava de ocultar o indefinível sentimento que deu procuração dele. Estava sério, arrebatado, e em seus olhos, além da buliçosa energia de sempre, havia também desassossego, curiosidade.

—Já não sou um menino, embora não tenha sua experiência—disse, olhando de maneira desafiante ao dono da casa— Sei que você está me enganando, que há uma armadilha no que me propõe.

O Barão assentiu, sem demonstrar o menor aborrecimento. Levantou-se para servir um dedo de conhaque nas taças vazias.

—Compreendo que desconfie—disse, com sua taça na mão, iniciando um percurso pela habitação que terminou na janela do pomar. Abriu-a: uma baforada de ar morno entrou em despacho junto com a gritaria dos grilos e um longínquo violão— É natural. Mas não há armadilha alguma, asseguro-lhe. A verdade é que, tal como estão as coisas, cheguei ao convencimento que a pessoa com os dotes necessários para dirigir a política da Bahia é você.

—Devo tomar isso como um elogio?—perguntou Epaminondas Gonçalves, com ar sarcástico.

—Acredito que se acabou um estilo, uma maneira de fazer política—precisou o Barão, como se não o ouvisse— Reconheço que fiquei

obsoleto. Eu funcionava melhor no velho sistema, quando se tratava de conseguir a obediência da gente para as instituições, de negociar, de persuadir, de usar a diplomacia e as formas. Fazia-o bastante bem. Isso se acabou, certamente. Entramos na hora da ação, da audácia, da violência, inclusive dos crimes. Agora se trata de dissociar totalmente a política da moral. Estando assim as coisas, a pessoa melhor preparada para manter a ordem neste Estado é você.

—Já suspeitava que você não estava me fazendo um elogio— murmurou Epaminondas Gonçalves, tomando assento.

O Barão se sentou a seu lado. Com o falatório dos grilos entravam na habitação ruídos de carros, a cantilena de um sereno, uma buzina, latidos.

—Em certo sentido, admiro-o.—O Barão o observou com um brilho fugaz nas pupilas— Pude apreciar quão temerário é, a complexidade e a frieza de suas operações políticas. Sim, ninguém tem na Bahia suas condições para fazer frente ao que morra.

—Vai me dizer uma vez por todas o que quer de mim?—disse o dirigente do Partido Republicano. Em sua voz havia algo dramático.

—Que me substitua—afirmou o Barão, com ênfase— Elimina sua desconfiança que lhe diga que me sinto derrotado por você? Não nos fatos, pois nós temos mais possibilidades que os jacobinos da Bahia de nos entender com Moraes e os Paulistas do Governo Federal. Mas psicologicamente sim o estou, Epaminondas.

Bebeu um sorvo de conhaque e seus olhos se afastaram.

—Ocorreram coisas que nunca sonhava—disse, falando sozinho— O melhor Regimento do Brasil derrotado por um bando de mendigos fanáticos. Quem o entende? Um grande estrategista militar feito pedaços no primeiro encontro...

—Não há maneira de entendê-lo, com efeito—assentiu Epaminondas Gonçalves — Estive esta tarde com o Major Cunha Matos. É muito pior do que se disse oficialmente. Está informado das cifras? São incríveis: entre trezentas e quatrocentas baixas, a terceira parte dos homens. Dezenas de oficiais massacrados. Perderam integralmente o armamento, os canhões até as facas. Os sobreviventes chegam à Monte Santo nus, em cueca, desvairando. O Sétimo Regimento! Você esteve perto, em Calumbí, você os viu. O que está ocorrendo em Canudos, Barão?

—Não sei nem o entendo—disse o Barão, com desgosto— Supera tudo o que imaginava. E, entretanto, acreditava conhecer esta terra, a esta gente. Essa derrota já não se pode explicar com o fanatismo de uns mortos de fome. Tem que haver algo mais.—Olhou-o outra vez, aturdido— Cheguei a pensar que esse fantástico fosse um embuste propagado por vocês, de que em Canudos havia oficiais ingleses e armamento monárquico, podia ter algo de certo. Não, não vamos mudar esse assunto, é história velha. Digo para que veja até que ponto me pasma o ocorrido com o Moreira César.

—A mim, melhor, assusta-me—disse Epaminondas— Se esses homens podem pulverizar ao melhor Regimento do Brasil, também podem estender a anarquia por todo o Estado, pelos Estados vizinhos, chegar até aqui...

Encolheu os ombros e fez um gesto vago, catastrófico.

—A única explicação é que à banda do sebastianistas se somaram milhares de camponeses, inclusive de outras regiões—disse o Barão— Movidos pela ignorância, pela superstição, pela fome. Porque já não existem os freios que mitigavam a loucura, como antes. Isto significa a guerra, o Exército do Brasil instalando-se aqui, a ruína da Bahia. — Agarrou ao Epaminondas Gonçalves pelo braço— Por isso deve me substituir. Nesta situação, necessita-se alguém de suas condições para unificar aos elementos valiosos e defender os interesses bahianos, no meio do cataclismo. No resto do Brasil há ressentimento contra a Bahia, pelo Moreira César. Dizem que as turfas que assaltaram os jornais monárquicos no Rio gritavam “Mora Bahia!”.

Fez uma larga pausa, removendo sua taça de conhaque com pressa.

—Muitos já se arruinaram, lá no interior—disse— Eu perdi duas fazendas. Esta guerra civil vai afundar e matar muita gente. Se nós seguimos nos destruindo, qual será o resultado? Perderemos tudo. Aumentará o êxodo para o Sul e para o Maranhão. No que ficará convertida Bahia? Terá que fazer as pazes, Epaminondas. Esqueça-se das estridências jacobinas, deixe de atacar aos pobres portugueses, de pedir a nacionalização dos comércios e seja prático. O jacobinismo morreu com o Moreira César. Assuma a Governança e defendamos juntos, nesta hecatombe, a ordem civil. Evitemos que a República se

converta aqui, como em tantos países latino-americanos, em um grotesco aquelarre onde tudo é caos, quartelada, corrupção, demagogia...

Permaneceram em silêncio um bom momento, com as taças nas mãos, pensando ou escutando. Às vezes, no interior da casa se ouviam passos, vozes. Um relógio deu nove badaladas.

—Agradeço-lhe que me convidasse—disse Epaminondas, levantando-se— Tudo o que disse levo na cabeça, para lhe dar voltas. Não posso lhe responder agora.

—Certamente que não—disse o Barão, ficando também de pé— Reflita e conversaremos. Eu gostaria de vê-lo antes de minha partida, claro está.

—Terá minha resposta depois de amanhã—disse Epaminondas, caminhando para a porta. Quando cruzavam os salões, apareceu o criado negro com o candil. O Barão acompanhou ao Epaminondas até a rua. Na grade, perguntou-lhe:

—Teve notícias de seu jornalista, que acompanhava ao Moreira César?

—O excêntrico?—disse Epaminondas— Não apareceu. Mataram-no, suponho. Como sabe, não era um homem de ação.

Despediram-se com uma vênua.

QUATRO

I

Quando um servente lhe informou quem o buscava, o Barão da Canabrava, em vez de lhe mandar dizer, como a todos os que se aproximavam do solar, que ele não fazia nem aceitava visitas, tornou-se escada abaixo, cruzou as amplas estadias que o sol da manhã iluminava e foi até a porta da rua ver se não tinha ouvido mau: era mesmo ele. Deu-lhe a mão, sem dizer uma palavra, e o fez entrar. A memória lhe devolveu, a queima-roupa, aquilo que fazia meses tratava de esquecer: o incêndio de Calumbí, Canudos, a crise de Estela, seu retiro da vida pública.

Calado, sobrepondo-se à surpresa da visita e à ressurreição desse passado, guiou ao recém vindo até o quarto no que celebrava todas as entrevistas importantes: o escritório. Em que pese a ser cedo, fazia calor. Ao longe, por sobre os crotos e a ramagem das mangas, os *ficus*, as goiabas e as pitangas do pomar, o sol branqueava o mar como uma lâmina de aço. O Barão correu a cortina e a habitação ficou em sombra.

—Sabia que lhe surpreenderia minha visita—disse o visitante e o Barão reconheceu a voz de cômico que fala em falsete— Interei-me que voltou você da Europa e... neste impulso, digo sem rodeios, vim a lhe pedir trabalho.

—Tome assento—disse o Barão.

Tinha-o ouvido como em sonhos, sem prestar atenção a suas palavras, ocupado em examinar seu físico e em confrontá-lo com o da última vez, o espantinho que aquela manhã viu partir de Calumbí junto com o Coronel Moreira César e sua pequena escolta. “É e não é ele”, pensou. Porque o jornalista que tinha trabalhado para o *Jornal da Bahia* e logo para o *Jornal de Notícias* era um moço e este homem de grossos óculos, que ao sentar-se parecia dividir-se em quatro ou seis partes, era um velho. Sua cara fervia de estrias, mechas cinzas salpicavam seus cabelos, seu corpo dava uma impressão quebradiça. Vestia uma camisa desabotoada, um colete

sem mangas, com manchas de óleo de velhice ou de graxa, uma calça desfiada gasta e sapatos de vaqueiro.

—Agora recorde—disse o Barão— Alguém me escreveu que estava você vivo. Soube na Europa. “Apareceu um fantasma.” Escreveram-me isso. Em que pese a isso, seguia-o acreditando desaparecido, morto.

—Não morri nem desapareci—disse, sem rastro de humor, a voz nasal— Logo depois de ouvir dez vezes no dia o que você disse, dava-me conta que a gente estava defraudada de que seguisse neste mundo.

—Se quiser que lhe seja franco, importa-me um nada que esteja vivo ou morto —ouviu-o dizer, sobrepondo-se de sua crueldade— Talvez preferiria que estivesse morto. Odeio tudo o que recorda à Canudos.

—Soube de sua esposa—disse o jornalista míope e o Barão adivinhou a rabugice inevitável— Que perdeu a razão, que é uma grande desgraça em sua vida.

Olhou-o de tal maneira que o fez calar, assustar-se. Pigarreou, piscou e tirou os óculos para limpá-los com o fio de sua camisa. O Barão se alegrou de ter reprimido o impulso de jogá-lo.

—Agora volta tudo—disse, com amabilidade— Foi uma carta de Epaminondas Gonçalves, faz um par de meses. Por ele me inteirei que tinha voltado para Salvador.

—Blefa-se com esse miserável?—vibrou a voz nasal— É certo, agora são aliados.

—Fala assim do Governador da Bahia?—sorriu o Barão— Não quis repô-lo no *Jornal de Notícias*?

—Ofereceu-me aumentar o salário melhor—replicou o jornalista míope— Mas com a condição de que me esquecesse da história de Canudos.

Riu, com uma risada de pássaro exótico, e o Barão viu que sua risada se transformava em uma rajada de espirros que o faziam ricochetear no assento.

—Ou será que Canudos fez de você um jornalista íntegro—disse, burlando-se— Ou será que mudou. Porque meu aliado Epaminondas é como foi sempre, ele não trocou um ápice.

Esperou que o jornalista soasse o nariz com um trapo azul que tirou do bolso.

—Nessa carta, Epaminondas dizia que apareceu você junto com um personagem estranho. Um miúdo ou algo assim?

—É meu amigo—assentiu o jornalista míope— Tenho uma dívida com ele. Salvou-me a vida. Quer saber como? Falando do Carlos Magno, dos Doze Pares da França, da Rainha Magalona. Cantando a Terrível e Exemplar História de Roberto, o Diabo.

Falava com urgência, esfregando as mãos, torcendo-se no assento. O Barão recordou ao professor Thales de Azevedo, um acadêmico amigo que o visitou em Calumbí, anos atrás: ficava horas fascinado ouvindo os trovadores das feiras, se fazia ditar as letras que ouvia cantar e contar e assegurava que eram romances medievais, gastos pelos primeiros portugueses e conservados pela tradição sertaneja. Advertiu a expressão de angústia de seu visitante.

—Ainda se pode salvar—ouviu-o dizer, implorar com seus olhos ambíguos— Está tuberculoso, mas a operação é possível. O Doutor Magalhães, o do Hospital Português, salvou a muitos. Quero fazer isso por ele. Também para isso necessito trabalho. Mas, sobretudo... para comer.

O Barão viu que se envergonhava, como se tivesse confessado algo ignominioso.

—Não sei por que teria que ajudar a esse miúdo—murmurou— Nem a você.

—Não há nenhuma razão, é óbvio—repôs imediatamente o míope, estirando os dedos— Simplesmente, decidi jogá-lo à sorte. Pensei que poderia comovê-lo. Você tinha fama de generoso, antes.

—Uma tática banal de político—disse o Barão— Já não a necessito, já me retirei da política.

E nisso viu, pela janela do pomar, ao camaleão. Rara vez o via, ou, melhor dizendo, reconhecia-o, pois sempre se identificava de tal modo com as pedras, a erva ou os arbustos e ramagens do jardim, que alguma vez tinha estado a ponto de pisá-lo. A véspera, na tarde, tinha tirado Estela com Sebastiana a tomar o afresco, sob as mangas e *ficus* do pomar, e o camaleão foi um entretenimento maravilhoso para a Baronesa, que, da cadeira de balanço de palha, dedicou-se a

apontar ao animal, ao que reconhecia com a mesma facilidade que antigamente, entre os ervas e cascas. O Barão e Sebastiana a viram sorrir, ao ver que o camaleão corria quando eles se aproximavam a comprovar se era ele. Agora estava aí, ao pé de uma das mangas, entre esverdeado e marrom, torneado, apenas distinguível da erva, com sua papada palpitante. Mentalmente, falou-lhe: “Camaleão querido, bichinho escorregadio, bom amigo. Agradeço-lhe com toda a alma que fizesse rir a minha mulher”.

—Só tenho o que tenho posto—disse o jornalista míope— Ao voltar de Canudos encontrei que a proprietária da casa tinha rematado todas minhas coisas para pagar aluguéis. O *Jornal de Notícias* não quis assumir os gastos.—Fez uma pausa e acrescentou — Vendeu também meus livros. Às vezes reconheço algum, no Mercado de Santa Bárbara.

O Barão pensou que a perda de seus livros devia ter ferido muito a esse homem que fazia dez ou doze anos lhe disse que algum dia seria o Oscar Wilde do Brasil.

—Está bem—disse— Pode voltar para *Jornal da Bahia*, depois de tudo, você não era um mau redator.

O jornalista míope tirou os óculos e moveu várias vezes a cabeça, muito pálido, incapaz de agradecer de outro modo. “O que importa—pensou o Barão— Acaso o faço por ele ou por esse anão? Faço-o pelo camaleão.” Olhou pela janela, buscando-o, e se sentiu defraudado: já não estava ali ou, intuindo que o espiavam, disfarçou-se perfeitamente com as cores do contorno.

—É um homem que tem um grande terror à morte—murmurou o jornalista míope, calçando-se de novo as lentes— Não é amor à vida, me entenda. Sua vida foi sempre abjeta. Foi vendido de menino a um cigano para que fosse curiosidade de circo, monstro público. Mas seu medo à morte é tão grande, tão fabuloso, que o fez sobreviver. E a mim, de passagem.

O Barão se arrependeu de repente de lhe haver dado trabalho, porque isto estabelecia de algum modo um vínculo entre ele e esse sujeito. E não queria ter vínculos com alguém que se associasse tanto à lembrança de Canudos. Mas em vez de fazer saber ao visitante que a entrevista tinha terminado, disse, sem pensá-lo:

—Deve ter visto você coisas terríveis.—Pigarreou, incômodo de ter cedido a essa curiosidade e, entretanto, acrescentou — Ali, enquanto estive em Canudos.

—Na realidade, não vi nada—respondeu no ato o esquelético personagem, dobrando-se e endireitando-se—Romperam-me os óculos no dia que desfizeram ao Sétimo Regimento. Estive ali quatro meses vendo sombras, vultos, fantasmas.

Sua voz era tão irônica que o Barão se perguntou se dizia isso para irritá-lo ou porque era sua maneira crua, antipática, de lhe fazer saber que não queria falar.

—Não sei por que não riu—ouviu-o dizer, aguçando o tom provocador— Todos riem quando lhes digo que não vi o que aconteceu em Canudos porque me romperam os óculos. Não há dúvida que é cômico.

—Sim, é-o—disse o Barão, ficando de pé— Mas o tema não me interessa. Assim...

—Mas embora não as vi, senti, ouvi, apalpei, cheirei as coisas que passaram—disse o jornalista, seguindo-o detrás de seus óculos— E, o resto, adivinhei-o.

O Barão o viu rir de novo, agora com uma espécie de picardia, olhando-o impavidamente aos olhos. Sentou-se de novo.

—Seriamente veio a me pedir trabalho e a me falar desse anão?—disse— Existe esse miúdo tuberculoso?

—Está cuspidando sangue e eu quero ajudá-lo—disse o visitante— Mas vim também por outra coisa.

Baixou a cabeça e o Barão, enquanto olhava o arbusto de cabelos alvoroçados e grisalhos, polvilhados de caspa, imaginou os olhos aquosos cravados no chão. Teve a fantástica suspeita que o visitante lhe trazia um recado de Galileo Gall.

—Estão-se esquecendo de Canudos—disse o jornalista míope, com voz que parecia eco— As últimas lembranças do acontecido se evaporarão com o éter e a música dos próximos Carnavais, no Teatro Politeama.

—Canudos?—murmurou o Barão— Epaminondas faz bem em querer que não se fale dessa história. Esqueçamo-la, é o melhor. É um episódio desgraçado, turvo, confuso. Não serve. A história deve

ser instrutiva, exemplar. Nessa guerra ninguém se cobriu de glória. E ninguém entende o que aconteceu. As pessoas decidiram baixar uma cortina. É sábio, é saudável.

—Não permitirei que se esqueçam—disse o jornalista, olhando-o com a duvidosa fixidez de seu olhar— É uma promessa que fiz.

O Barão sorriu. Não pela súbita solenidade do visitante, mas sim porque o camaleão acabava de materializar-se, atrás do escritório e das cortinas, no verde brilhante das ervas do jardim, sob os nodosos ramos de pitanga. Comprido, imóvel, esverdeado, com sua orografia de cúpulas bicudas, quase transparente, reluzia como uma pedra preciosa. “Bem-vindo, amigo”, pensou.

—Como?—disse, porque sim, para encher o vazio.

—Da única maneira que se conservam as coisas—ouviu grunhir ao visitante— Escrevendo-as.

—Também me lembro disso—assentiu o Barão— Você queria ser poeta, dramaturgo. Vai escrever essa história de Canudos que não viu?

“Que culpa tem o pobre diabo de que Estela não seja já esse ser lúcido, a clara inteligência que era?”, pensou.

—Desde que pude me tirar de cima aos impertinentes e aos curiosos, estive indo ao Gabinete de Leitura da Academia Histórica—disse o míope— A revisar os periódicos, todas as notícias de Canudos. O *Jornal de Notícias*, o *Jornal da Bahia*, o *Republicano*. Tenho lido tudo o que se escreveu, o que escrevi. É algo... difícil de expressar. Muito irreal, vê você? Parece uma conspiração da qual todo mundo participasse, um mal-entendido generalizado, total.

—Não entendo.—O Barão tinha esquecido ao camaleão e inclusive a Estela e observava intrigado ao personagem que, encolhido, parecia puxar: seu queixo roçava seu joelho.

—Hordas de fanáticos, sanguinários abjetos, canibais do sertão, degenerados da raça, monstros desprezíveis, escória humana, infames lunáticos, filicidas, tarados da alma —recitou o visitante, detendo-se em cada sílaba— Alguns desses adjetivos eram meus. Não só os escrevi. Acreditava, também.

—Vai fazer uma apologia de Canudos?—perguntou o Barão— Sempre me pareceu um pouco louco. Mas me custa acreditar que o

seja tanto como para me pedir que o ajude nisso. Sabe o que me custou Canudos, não é certo? Que perdi a metade de meus bens? Que por Canudos me ocorreu a pior desgraça, pois, Estela...

Sentiu que sua voz vacilava e calou. Olhou à janela, pedindo ajuda. E a encontrou: seguia ali, quieto, formoso, pré-histórico, eterno, a meio caminho entre os reino animal e vegetal, sereno na resplandecente manhã.

—Mas esses adjetivos eram preferíveis, ao menos a gente pensava nisso—disse o jornalista, como se não o tivesse ouvido— Agora, nenhuma palavra. Fala-se de Canudos nos cafés da rua do Chile, nos mercados, nos botequins? Fala-se das órfãs desvirginadas pelo Diretor do Asilo Santa Rita de Cássia, mas bem. Ou da pílula antisifilítica do Dr. Silva Lima ou da última remessa de sabões russos e calçados ingleses que receberam os *Armazéns Clarks*.—Olhou ao Barão nos olhos e este viu que nas bolas míopes havia fúria e pânico — A última notícia sobre Canudos apareceu nos jornais faz doze dias. Sabe qual era?

—Desde que deixei a política não leio periódicos—disse o Barão— Nem sequer o meu.

—O retorno ao Rio de Janeiro da Comissão que mandou o Centro Espírita da capital a fim de que, valendo-se de seus poderes mediúnicos ajudassem às forças da ordem a acabar com os jagunços. Pois bem, já voltaram para o Rio, no navio *Rio Vermelho*, com suas mesas de três pernas e suas bolas de vidro e o que seja. Após, nenhuma linha. E não aconteceram nem três meses.

—Não quero continuar ouvindo-o—disse o Barão— Já lhe disse que Canudos é um tema doloroso para mim.

—Preciso saber o que você sabe—cortou-o o jornalista em voz rápida, conspiratória— Você sabe muitas coisas, você lhes mandou várias cargas de farinha e também ganhos. Teve contatos com eles, falou com o Pajeú.

Uma chantagem? Vinha a ameaçá-lo, a lhe tirar dinheiro? O Barão se sentiu decepcionado de que a explicação de tanto mistério e tanta palavrório fosse algo tão vulgar.

—De verdade deu ao Antonio Vilanova esse recado para mim?— diz João Abade, despertando da sensação cálida em que somem os dedos muito magros de Catarina quando se afundam em suas riscas, à caça de lêndeas.

—Não sei que recado lhe deu Antonio Vilanova—responde Catarina, sem deixar de explorar sua cabeça.

“Está contente”, pensa João Abade. Conhece-a o bastante para perceber, por furtivas inflexões em sua voz ou faíscas em seus olhos pardos, quando o está. Sabe que a gente fala da tristeza mortal da Catarina, a que ninguém viu rir e muito pouco falar. Para que tirar de seu engano? Ele sim a viu sorrir e falar, embora sempre como um segredo.

—Que se eu me condeno, você também quer condenar-se— murmura.

Os dedos de sua mulher se imobilizam, igual a cada vez que encontram um piolho aninhado entre suas riscas e suas unhas vão triturar. Logo depois de um momento, reatam seu trabalho e João volta a sumir-se na placidez benfeitora que é estar assim, sem sapatos, com o torso nu, na cama de varas da minúscula casinha de pranchas e barro da rua do Menino Jesus, com sua mulher ajoelhada a suas costas, despojando-o. Sente pena pela cegueira da gente. Sem necessidade de falar-se, Catarina e ele dizem mais coisas que os periquitos mais desbocados de Canudos. É manhã e o sol alardeia o quarto único da cabana, pelas ranhuras da porta de pranchas e os buracos do trapo azulado que cobre a única janela. Fora, ouvem-se vozes, meninos brincando de correr, ruído de seres atarefados, como se este fosse um mundo de paz, como se não acabasse de morrer tanta gente que Canudos demorou uma semana em enterrar a seus mortos e em arrastar aos subúrbios os cadáveres dos soldados para que os comam os urubus.

—É verdade.—Catarina lhe fala com ouvido, seu fôlego faz cócegas — Se for para o inferno, quero ir com você.

João alarga o braço, toma a Catarina pela cintura e senta-a em seus joelhos. Faz-o com a maior delicadeza, como cada vez que a toca, pois por sua extrema fraqueza ou pelos remorsos, sempre tem a angustiada sensação de lhe fazer danos, e pensando que agora

mesmo deverá soltá-la, pois, encontrará essa resistência que aparece sempre que tenta inclusive agarrá-la pelo braço. Ele sabe que o contato físico lhe é insuportável e aprendeu a respeitá-la, violentando-se a si mesmo, porque a ama. Em que pese a viver já tantos anos juntos, fizeram amor poucas vezes, pelo menos o amor completo, pensa João Abade, sem essas interrupções que o deixam aceso, suarento, com o coração alvoroçado. Mas esta manhã, ante sua surpresa, Catarina não o rechaça. Pelo contrário, encolhe-se em seus joelhos e ele sente seu corpo frágil, de costelas salientes, quase sem peitos, apertando-se contra o seu.

—Na Casa de Saúde, tinha medo por você—diz Catarina— Enquanto cuidávamos dos feridos, enquanto víamos passar aos soldados, disparando e atirando tochas. Tinha medo. Por você.

Não o diz de maneira febril, apaixonada, a não ser impessoal, em todo caso fria, como se falasse de outros. Mas João Abade sente uma emoção profunda e, de repente, desejo. Sua mão se introduz sob a bata de Catarina e lhe acaricia as costas, os flancos, os mamilos pequeninos, enquanto sua boca sem dentes dianteiros desce por seu pescoço, por sua bochecha, buscando-lhe os lábios. Catarina deixa que a beije, mas não abre sua boca e quando João tenta jogá-la na cama, fica rígida. No ato, solta-a, respirando fundo, fechando os olhos. Catarina fica de pé, acomoda-se a bata, coloca-se na cabeça o lenço azul que caiu ao chão. O teto da cabana é tão baixo que deve manter-se inclinada, no rincão onde se guardam (quando há) as provisões: o charque, a farinha, o feijão, a rapadura. João a olha preparar a comida e calcula quantos dias—ou semanas?—não tinha a fortuna de achar-se assim, a sós com ela, esquecidos ambos da guerra e do Anticristo. Em pouco tempo, Catarina vem sentar-se a seu lado na cama, com uma chaleira de madeira cheia de feijão orvalhado de farinha. Tem na mão uma colher de pau. Comem passando a colher, dois ou três bocados ele por cada bocado dela.

—É verdade que Belo Monte se salvou do Cortapescoços graças aos índios de Mirandela?—sussurra Catarina— Joaquim Macambira o disse.

—E também graças aos morenos de Mocambo e à outros—diz João Abade— Mas é certo, foram bravos. Os índios de Mirandela não tinham carabinas nem fuzis.

Não queriam os ter por capricho, superstição, desconfiança ou o que fosse. Ele, os Vilanova, Pedrão, João Grande, os Macambira tinham tentado várias vezes lhes dar armas de fogo, petardos, explosivos. O cacique movia a cabeça energicamente, estirando as mãos com uma espécie de asco. Ele mesmo se ofereceu, pouco antes da chegada do Cortapescoços, a lhes ensinar como carregar, limpar e disparar as escopetas, as espingardas, os fuzis. A resposta tinha sido não. João Abade concluiu que os *kariris* tampouco brigariam desta vez. Eles não tinham ido enfrentar-se com os cães em Uauá e quando a expedição que entrou por Cambaio nem sequer abandonaram suas choças, como se essa guerra não fosse também deles. “Por esse lado Belo Monte não está defendido”, disse João Abade. “Peçamos ao Bom Jesus que não venham por aí.” Mas tinham vindo também por aí. “O único lado pelo qual não puderam entrar”, pensa João Abade. Tinham sido essas criaturas ásperas, distantes, incompreensíveis, lutando só com arcos e flechas, lanças e facas, quem o tinha impedido. Um milagre, acaso? Procurando os olhos de sua mulher, João pergunta:

—Lembra-se quando entramos em Mirandela pela primeira vez, com o Conselheiro?

Ela assente. Terminaram de comer e Catarina leva a tigela e a colher até a ponta do fogão. Logo João a vê vir para ele—delgada, séria, descalça, sua cabeça roçando o teto cheio de fuligem—e tornar-se a seu lado na cama. Passa-lhe o braço sob as costas e a emprega, com precaução. Permanecem quietos, ouvindo os ruídos de Canudos, próximos e muito longínquos. Assim podem permanecer horas e esses são talvez os momentos mais profundos da vida que compartilham.

—Nesse tempo eu odiava você tanto como você tinha odiado a Custódia—sussurra Catarina.

Mirandela, aldeia de índios agrupados ali no século XVIII pelos missionários capuchinhos da Missão de Massacará, era um estranho enclave do sertão de Canudos, separado de Pombal por quatro léguas de terreno arenoso, caatinga espessa e espinhosa, aos poucos

impenetrável, e de uma atmosfera tão ardente que cortava os lábios e enrugava a pele. O povo de índios *kariris*, ereto no alto de uma montanha, em meio de uma paisagem rebelde, era desde tempos imemoriais cenário de sangrentas disputas, e às vezes, carnificina, entre os indígenas e os brancos da comarca pela posse das melhores terras. Os índios viviam reconcentrados no povo, em cabanas dispersas em torno da Igreja do Senhor da Ascensão, uma construção de pedra de dois séculos de antigüidade, com teto de palha e porta e janelas azuis e ao descampado terroso que era o Plaza, em que só havia um punhado de coqueiros e uma cruz de madeira. Os brancos permaneciam em suas fazendas do redor e essa cercania não era coexistência a não ser guerra surda que periodicamente estalava em recíprocas incursões, incidentes, saques e assassinatos. As poucas centenas de índios de Mirandela viviam seminus, falando uma língua vernácula enfeitada de cuspes; caçando com dardos e flechas envenenadas. Eram uma humanidade áspera e miserável, que permanecia aquartelada dentro de sua ronda de cabanas cobertas com folhas de *icó* e suas plantações de milho, e tão pobre que nem os bandidos nem os volantes entravam para saquear Mirandela. Tornaram-se outra vez hereges. Fazia anos que os padres capuchinhos e lazaristas não conseguiam celebrar no povoado uma Santa Missa, pois, logo que apareciam os missionários pela vizinhança, os índios, com suas mulheres e suas criaturas, desvaneciam-se na caatinga até que aqueles, resignados, rezavam a missa só para os brancos. João Abade não recorda quando decidiu o conselheiro ir à Mirandela. O tempo da peregrinação não é para ele linear, um antes e um depois, a não ser, circular, uma repetição de dias e fatos equivalentes. Recorda, em troca, como aconteceu. Logo depois de ter restaurado a capela de Pombal, uma madrugada o Conselheiro enfiou-se para o Norte, por uma sucessão de colinas pontudas e compactas que conduziam diretamente a esse reduto de índios onde acabava de ser massacrada uma família de brancos. Ninguém lhe disse uma palavra, pois nunca, ninguém, interrogava-o a respeito de suas decisões. Mas, muitos pensaram, como João Abade, durante a ardente jornada em que o sol parecia trepar-lhe o crânio, que os receberia uma aldeia deserta, ou uma chuva de flechas.

Não ocorreu nenhuma, nem outra coisa. O Conselheiro e os peregrinos subiram a montanha ao entardecer e entraram no povoado em procissão, cantando Louvores a Maria. Os índios os receberam sem espantar-se, sem hostilidade, em uma atitude que simulava a indiferença. Viram-nos instalar-se no descampado em frente à suas cabanas e acender uma fogueira e formar redemoinhos ao redor. Logo os viram entrar na Igreja do Senhor da Ascensão e rezar as estações do Calvário, e, mais tarde, desde suas cabanas e plantações esses homens com incisões; raias brancas e verdes nas caras, escutaram ao Conselheiro dar os conselhos da tarde. Ouviram-no falar do Espírito Santo, que é a liberdade, das aflições; da Maria, celebrar as virtudes da frugalidade, da pobreza e do sacrifício; explicar que cada sofrimento devotado a Deus converte-se em prêmio na outra vida. Logo ouviram os peregrinos do Bom Jesus rezar um rosário à Mãe de Cristo. E à manhã seguinte, sempre sem aproximar-se deles, sempre sem lhes dirigir um sorriso ou um gesto amistoso, viram-nos partir pela rota do cemitério no qual se detiveram a limpar as tumbas e cortar a erva.

—Foi inspiração do Pai que o Conselheiro foi à Mirandela dessa vez—diz João Abade— Semeou uma semente e esta acabou por florescer.

Catarina não diz nada, mas, João sabe que está recordando, como ele, a surpreendente aparição em Belo Monte de mais de uma centena de índios, arrastando consigo seus pertences, seus velhos, alguns em padiolas, suas mulheres e seus meninos, pela rota que vinha de Bendengó. Tinham passado anos, mas ninguém pôs em dúvida que a chegada dessas pessoas, seminuas e borradas era a devolução da visita do Conselheiro. Os *kariris* entraram em Canudos acompanhados por um branco de Mirandela—Antonio, o Fogueteiro — como se entrassem em sua casa, e instalaram-se no descampado vizinho à Mocambo que lhes indicou Antonio Vilanova. Ali levantaram suas cabanas e abriram entre elas suas plantações. Foram ouvir os conselhos e entendiam suficiente português para entender-se com outros, mas constituíam um mundo à parte. O Conselheiro costumava vê-los—recebiam-no sapateando na terra em sua estranha maneira de dançar—e também os irmãos Vilanova com quem comercializava seus produtos. João Abade sempre tinha pensado neles como forasteiros. Agora já não. Porque o dia da

invasão do Cortapescoços os viu resistir três cargas de infantes, que, duas pelo lado de Vassa Barris e a outra pela rota de Geremoabo, caíram diretamente sobre seu bairro. Quando ele, com uma vintena de homens da Guarda Católica, foi reforçar esse setor, ficou assombrado do número de atacantes que circulavam entre as choças e da fortaleza com que os índios resistiam, flechando-os dos tetos e equilibrando-se com suas tochas de pedra, suas atiradeiras e suas lanças de madeira. Os *kariris* brigavam presos dos invasores e também suas mulheres lhes saltavam em cima e os mordiam e arranhavam tratando de lhes arrancar fuzis e baionetas, ao mesmo tempo que lhes rugiam certamente conjuros e maldições. Pelo menos um terço deles ficaram mortos ou feridos ao terminar o combate.

Uns golpes na porta tiram o João Abade de seus pensamentos. Catarina afasta a tabela, sujeita com um arame, e aparece um dos meninos de Honório Vilanova, entre uma baforada de pó, luz branca e ruído.

—Meu tio Antonio quer ver o Comandante da Rua—diz.

—Diga-lhe que já vou—responde João Abade.

Tanta felicidade não podia durar, pensa, e pela cara de sua mulher compreende que ela pensa o mesmo. Embainha-se a calça com tiras de couro cru, as alpargatas, a blusa e sai à rua. A luz brilhante do meio-dia o cega. Como sempre, os meninos, as mulheres, os velhos sentados às portas das moradias, saúdam-no e ele vai fazendo adeus. Avança entre mulheres que demolem o milho em seus morteiros formando rodas de pessoas, homens que conversam a voz em pescoço enquanto armam andaimes de canos e preenchem-os à tapas com barro, para repor as paredes caídas. Até ouve um violão, em alguma parte. Não precisa vê-los, para saber que outras centenas de pessoas estão neste momento, às bordas do Vassa Barris e à saída para Geremoabo, de cócoras, arando a terra, limpando os pomares e os currais. Quase não há escombros nas ruas, muitas cabanas incendiadas estão de novo em pé. “É Antonio Vilanova”, pensa. Não tinha terminado a procissão celebrando o triunfo de Belo Monte contra os apóstatas da República, quando já estava Antonio Vilanova à cabeça de piquetes de voluntários e gente da Guarda Católica, organizando o enterro dos mortos, a remoção de escombros, a reconstrução das cabanas, das oficinas e o resgate das ovelhas, cabras e cabritos espantados. “São também eles”, pensa

João Abade. “São resignados. São heróis.” Aí estão, tranqüilos, saudando-o, sorrindo-lhe, e nesta tarde correrão ao Templo do Bom Jesus para ouvir o Conselheiro, como se nada ocorresse, como se todas estas famílias não tivessem alguém baleado, trespassado, ou queimado na guerra e algum ferido entre esses seres gementes que se apinhavam nas Casas de Saúde e na Igreja do Santo Antonio convertida em Enfermaria.

Nisso, algo o faz deter-se de repente. Fecha os olhos, para escutar. Não se equivocou, não é sonho. A voz, monótona, afinada, segue recitando. Do fundo de sua memória, cascata que cresce e se torna rio, algo exaltante toma forma e coagula em uma turba de espadas; resplandecentes palácios e quartos muito luxuosos. “A batalha do cavaleiro Oliveiros com o Fierabrás”, pensa. É um dos episódios que mais o seduzem das histórias dos Doze Pares da França, um duelo que não tornou a ouvir há muitíssimo tempo. A voz do trovador vem da encruzilhada entre Campo Grande e Beco do Divino, onde há muita gente. Aproxima-se e, ao reconhecê-lo, abrem-lhe passagem. Quem canta a prisão de Oliveiros e seu duelo com o Fierabrás é um menino. Não, um miúdo. Minúsculo, magro, faz como que toca um violão e vai também mimando o choque das lanças, o galope dos cavaleiros, as vênias cortesãs ao Grande Carlos Magno. Sentada no chão, com uma lata entre as pernas, há uma mulher de longos cabelos e a seu lado um ser ossudo, torcido, enlameado, que olha como os cegos. Reconhece-os: são os três que apareceram com o Padre Joaquim, aos que Antonio Vilanova permite dormir no armazém. Estira um braço e toca o homenzinho que no ato se cala.

—Sabe a *Terrível e Exemplar História do Roberto, o Diabo?*— pergunta-lhe.

O Miúdo, depois de um instante de vacilação, assente.

—Eu gostaria de ouvi-la alguma vez—tranqüiliza-o o Comandante da Rua. E põe-se a correr, para recuperar o tempo perdido. Aqui e lá, em Campo Grande, há crateras de projéteis. A antiga casa grande tem a fachada perfurada de balas.

—Louvado seja o Bom Jesus—murmura João Abade, sentando-se em um barril, junto ao Pajeú. A expressão do caboclo é inescrutável, mas ao Antonio e Honório Vilanova, ao velho Macambira, ao João Grande e ao Pedrão nota-os carrancudos. O Padre Joaquim está em

meio deles, de pé, coveiro dos pés à cabeça, com os cabelos alvoroçados e a barba cheia.

—Averiguou algo em Joazeiro, Padre?—perguntam-lhe— Vêm mais soldados?

—Tal como ofereceu, o Padre Maximiliano veio desde Queimadas e me levou a lista completa—pigarreia Padre Joaquim. Saca um papel de seu bolso e lê, ofegando— Primeira Brigada, batalhões: Sétimo, Décimo quarto e Terceiro de Infantaria, ao mando do Coronel Joaquim Manuel de Medeiros. Segunda Brigada: Décimo sexto batalhões, Vigésimo quinto e Vigésimo sétimo de Infantaria, ao mando do Coronel Ignacio Maria Gouveia. Terceira Brigada: Quinto Regimento de Artilharia e Quinto Batalhões e Nono de Infantaria ao mando do Coronel Olímpio da Silveira. Chefe da Divisão: General João da Silva Barboza. Chefe da Expedição: General Artur Oscar.

Deixa de ler e olha ao João Abade, exausto e abobalhado.

—O que quer dizer isso em soldados, Padre?—pergunta o ex-cangaceiro.

—Uns cinco mil, parece—balbucia o cura— Mas esses são só os que estão em Queimadas e Monte Santo. Vêm outros pelo Norte, por Sergipe.—Lê de novo, com voz agitada— Coluna ao mando do General Claudio do Amaral Savaget. Três Brigadas: Quarta, Quinta e Sexta. Integradas pelos Batalhões Décimo segundo, Trigésimo primeiro e Trigésimo terceiro de Infantaria, de uma Divisão de Artilharia e dos Batalhões Trigésimo quarto, Trigésimo quinto, Quadragésimo, Vigésimo sexto, Trigésimo segundo e de outra Divisão de Artilharia. Outros quatro mil homens, mais ou menos. Desembarcaram em Aracajú e vêm para Geremoabo.—O Padre Maximiliano não conseguiu os nomes dos que os mandam. Disse-lhe que não importava.—Não importa, não, João?

—Claro que não, Padre Joaquim—diz João Abade— Conseguiu você uma boa informação lá. Deus o pagará.

—O Padre Maximiliano é um bom crente—murmura o cura— Confessou-me que tinha muito medo de fazer isto. Eu lhe disse que tinha mais que ele.—Faz um simulacro de risada e imediatamente acrescenta— Têm muitos problemas lá em Queimadas, explicou-me. Muitas bocas para alimentar. Não resolveram o do transporte. Não

têm carros, muares, para a enorme equipe. Diz que podem demorar semanas ficando em marcha.

João Abade assente. Ninguém fala. Todos parecem concentrados no bordear das moscas e nas acrobacias de uma vespa que termina por posar no joelho do João Grande. O negro a separa de um peteleco. João Abade estranha de repente o tagarelo do papagaio dos Vilanova.

—Estive também com o Doutor Aguilar do Nascimento— acrescenta o Padre Joaquim— Disse que lhes dissesse que quão único podiam fazer era dispersar às pessoas e retornar todos aos povos, antes de que essa armadilha blindada chegasse aqui.—Faz uma pausa e joga um olhada temerosa aos sete homens que o olham com respeito e atenção— Mas que se, em que pese a tudo, vão enfrentar aos soldados, sim, sim pode oferecer algo.

Baixa a cabeça, como se a fadiga ou o medo não lhe permitissem dizer mais.

—Cem fuzis *Comblain* e vinte e cinco caixas de munições—diz Antonio Vilanova— Sem estrear, do Exército, em suas caixas de fábrica. Podem-se trazer pelo Uauá e Bendengó, a rota está livre.— Sua copiosamente e seca a testa enquanto fala— Mas não há peles, nem bois, nem cabras, em Canudos para pagar o que pede.

—Há jóias de prata e ouro—diz João Abade, lendo nos olhos do comerciante o que este deve haver dito ou pensado já, antes que ele chegasse.

—São da Virgem e de seu Filho—murmura o Padre Joaquim, em voz quase inaudível— Não é sacrilégio, isso?

—O Conselheiro saberá se for, Padre—diz João Abade— Terá que perguntar-lhe

“Sempre se pode sentir mais medo”, pensou o jornalista míope. Era o grande ensino destes dias sem horas, de figuras sem caras, de luzes recobertas por nuvens que seus olhos se esforçavam em perfurar até infligir um ardor tão grande que era preciso fechá-los e permanecer um momento às escuras, entregue ao desespero: ter

descoberto quão covarde era. O que diriam disso seus colegas do *Jornal de Notícias*, do *Jornal da Bahia*, de *O Republicano*? Tinha a fama de temerário entre eles, por andar sempre à caça de experiências novas: tinha sido dos primeiros em assistir aos candomblés, não importa em que secreto beco ou choupanas se celebrassem, em uma época em que as práticas religiosas dos negros inspiravam repugnância e temor aos brancos da Bahia; um tenaz freqüentador de bruxos e feiticeiros; e um dos primeiros a fumar ópio. Não tinha sido por espírito de aventura que se ofereceu a ir ao Joazeiro entrevistar aos sobreviventes da Expedição do Tenente Pires Ferreira, não propôs ele mesmo ao Epaminondas Gonçalves acompanhar ao Moreira César? “Sou o homem mais covarde do mundo”, pensou. O Miúdo prosseguia enumerando as aventuras, desventuras e galanterias de Oliveiros e Fierabrás. Esses vultos, que ele não conseguia saber se eram homens ou mulheres, permaneciam quietos e era evidente que o relato os mantinha absortos, fora do tempo e de Canudos. Como era possível que aqui, no fim do mundo, estivesse ouvindo, recitado por um miúdo que sem dúvida não sabia ler, um romance dos cavalheiros da Mesa Redonda chegado a estes lugares fazia séculos, nas alforjas de algum navegante ou algum bacharel de Coimbra? Que surpresas não lhe proporcionaria esta terra?

Teve uma retorção no estômago e se perguntou se o auditório lhes daria de comer. Era outro descobrimento, nestes dias instrutivos: que a comida podia ser uma preocupação absorvente, capaz de escravizar sua consciência horas e horas, e, por momentos, uma fonte maior de angústia que a semicegueira em que a ruptura de seus óculos o deixou, esta condição de homem que se tropeçava contra tudo e todos e tinha o corpo cheio de cardeais pelas topadas contra os fios dessas coisas imprestáveis que se interpunham e o obrigavam a ir pedindo desculpas, dizendo não vejo, sinto muito, para desarmar qualquer possível irritação.

O Miúdo fez uma pausa e disse que, para continuar a história—imaginou seus *morisquetas* implorantes— seu corpo reclamava sustento. Todos os órgãos do jornalista entraram em atividade. Sua mão direita se moveu para Jurema e a roçou. Fazia isso muitas vezes ao dia, sempre que acontecia algo novo, pois era nas soleiras do novidadeiro e do imprevisível, que seu medo—sempre empoçado—

recuperava seu império. Era só um roce rápido, para apaziguar seu espírito, pois essa mulher era sua última esperança, agora que o Padre Joaquim parecia definitivamente fora de seu alcance, a que via por ele e atenuava seu desamparo. Ele e o Miúdo eram um estorvo para Jurema. Por que não os deixava? Por generosidade? Não, sem dúvida por descuido, por essa terrível indolência em que parecia sumida. Mas o Miúdo, ao menos, com suas palhaçadas, conseguia esses punhados de farinha de milho ou de carne de cabrito seco ao sol que os mantinha vivos. Só ele era o inútil total do que, cedo ou tarde, desprender-se-ia a mulher.

O Miúdo, logo depois de umas piadas que não provocaram risadas, reatou a história de Oliveiros. O jornalista míope pressentiu a mão de Jurema e no ato abriu os dedos. Imediatamente, levou à boca essa forma que parecia um pedaço de pão duro. Mastigou tenaz, avidamente, todo seu espírito concentrado no mingau que se ia formando em sua boca e que tragava com dificuldade, com felicidade. Pensou: “Se sobreviver, a odiarei, amaldiçoarei até as flores que se chamam como ela”. Porque Jurema sabia até onde chegava sua covardia, os extremos a que podia empurrá-lo. Enquanto mastigava, lento, avaro, ditoso, assustado, recordou a primeira noite de Canudos, o homem exausto, de pernas de serragem e semicego que era, tropeçando, caindo, os ouvidos aturdidos pelos vítores ao Conselheiro. De repente sentiu-se levantado em peso por uma vivíssima confusão de aromas, de pontos chispantes, oleaginosos, e o rumor crescente das letanias. Da mesma maneira súbita tudo emudeceu. “É ele, o Conselheiro.” Sua mão apertou com tanta força essa mão que não soltara todo o dia, que a mulher disse “me solte, me solte”. Mais tarde, quando a voz rouca cessou e a gente começou a dispersar-se, ele, Jurema e o Miúdo se tombaram no mesmo descampado. Tinham perdido ao padre de Cumbe ao entrar em Canudos, arrebatado pela gente. Durante a prédica, o Conselheiro agradeceu ao céu que o tivesse feito voltar, ressuscitar, e o jornalista míope supôs que o Padre Joaquim estava lá, ao lado do santo, na tribuna, no andaime ou na torre de onde falava. Depois de tudo, Moreira César tinha razão: o padre era jagunço, era um deles. Foi então que ficou a chorar. Tinha soluçado como nem sequer imaginava fazê-lo de menino, implorando à mulher que o ajudasse a sair de Canudos. Ofereceu-lhe roupas, casa, algo para que não o

abandonasse, meio cego e meio morto de fome. Sim, ela sabia que o medo o tornava um lixo capaz de algo para despertar a compaixão.

O Miúdo tinha terminado. Ouviu alguns aplausos e o auditório começou a desfazer-se. Tenso, tratou de distinguir se estiravam uma mão, se davam algo, mas teve a desoladora impressão de que ninguém o fazia.

—Nada?—sussurrou, quando sentiu que estavam sozinhos.

—Nada—repôs a mulher, com sua indiferença de sempre, ficando de pé.

O jornalista míope se incorporou também e, ao notar que ela—figurinha alargada, cujos cabelos soltos e regata em farrapos recordava—ficava a andar, imitou-a. O Miúdo ia a seu lado, sua cabeça à altura de seu cotovelo.

—Estão mais osso e pele que nós—ouviu-o murmurar— Recordasse de Cipo, Jurema? Aqui se vêem ainda mais refugos. Viu alguma vez tantos manetas, cegos, entrevados, tremedores, albinos, sem orelhas, sem narizes, sem cabelos, com tantas crostas e manchas? Nem se deu conta, Jurema. Eu sim. Porque aqui me sinto normal.

Riu, de bom humor, e o jornalista míope o ouviu assobiar uma toada alegre um bom momento.

—Dar-nos-ão hoje também farinha de milho?—disse, de repente, com ansiedade. Mas estava pensando algo distinto e acrescentou, com amargura— Se for verdade que o Padre Joaquim se foi de viagem, já não temos quem nos ajude. Por que nos fez isso, por que nos abandonou?

—E por que não nos abandonaria?—disse o Anão— Acaso somos algo dele? Conhecia-nos? Agradece que, por ele, tenhamos teto para dormir.

Era certo, já os tinha ajudado, graças a ele tinham teto. Quem senão o Padre Joaquim podia ter sido a razão de que, no dia seguinte de dormir à intempérie, com os ossos e músculos doloridos, uma voz poderosa, eficiente, que parecia corresponder a esse vulto sólido, a esse rosto barbado, dissera-lhes:

—Venham, podem dormir no depósito. Mas não saiam de Belo Monte.

Estavam prisioneiros? Nem ele, nem Jurema, nem o Miúdo perguntaram nada a esse homem que sabia mandar e que, com uma simples frase, organizou-lhes o mundo. Levou-os sem dizer outra palavra a um local que o jornalista míope adivinhou grande, sombreado, caloroso e repleto; e, antes de desaparecer—sem averiguar quem eram, nem o que faziam ali, nem o que queriam fazer—repetiu-lhes que não podiam ir-se de Canudos e que tomassem cuidado com as armas. O Miúdo e Jurema lhe explicaram que estavam rodeados de fuzis, de pólvora, de morteiros, de cartuchos de dinamite. Compreendeu que eram as armas arrebatadas ao Sétimo Regimento. Não era absurdo que dormissem aí, em meio desse saque de guerra? Não, a vida tinha deixado de ser lógica e por isso nada podia ser absurdo. Era a vida: teria que aceitá-la assim ou matar-se.

Pensava isso, que, aqui, algo distinto à razão ordenava as coisas, os homens, o tempo, a morte, algo que seria injusto chamar loucura e, geralmente, chamar fé, superstição; da tarde em que ouviu pela primeira vez ao Conselheiro, imerso nessa multidão que ao escutar a voz profunda, alta, estranhamente impessoal, adotara uma imobilidade granítica, um silêncio que se podia tocar. Antes que pelas palavras e o tom majestoso do homem, o jornalista se sentiu golpeado, aturdido, alagado, por essa quietude e esse silêncio com que o escutavam. Era como... era como... Procurou com desespero essa semelhança com algo que sabia depositado ao fundo da memória porque, estava seguro, uma vez que aparecesse em sua consciência lhe esclareceria o que estava sentindo. Sim: os candomblés. Alguma vez, nesses humildes ranchos dos morenos de Salvador, ou nos becos por trás da Estação de Calçada, assistindo aos ritos frenéticos dessas seitas que cantavam em perdidas línguas africanas, tinha percebido uma organização da vida, um conluio das coisas e dos homens, do tempo, do espaço e da experiência humana, tão totalmente, prescindente da lógica, do sentido comum, da razão, como a que, nesta noite rápida que começava a desfazer as silhuetas, percebia nesses seres aos que aliviava, dava forças; e agarrando essa voz profunda, cavernosa, dilacerada, tão depreciativa das necessidades materiais, tão orgulhosamente concentrada no espírito, em tudo o que não se comia, nem vestia, nem usava; nos pensamentos, nas emoções, nos sentimentos, nas virtudes. Enquanto a ouvia, o jornalista míope acreditou intuir o porquê de Canudos, o porquê durava essa aberração que era Canudos. Mas quando a voz

cessou e terminou o êxtase da gente, sua confusão voltou a ser a de antes.

—Aí têm um pouco de farinha—ouviu que dizia a esposa do Antonio Vilanova ou a do Honório: suas vozes eram idênticas— E leite.

Deixou de pensar, de divagar, e foi só um ser ávido que se levava com as pontas dos dedos salgadinhos de farinha de milho à boca, os ensalivava e retinha tempo entre o paladar e a língua antes de tragá-los, um organismo que sentia gratidão cada vez que o sorvo de leite de cabra levava a intimidade de seu corpo essa sensação benfeitora.

Quando terminaram, o Miúdo arrotou e o jornalista míope o sentiu rir, com alegria. “Se come está contente, se não, triste”, pensou. Ele também: sua felicidade ou infelicidade dependiam agora em boa parte de suas tripas. Essa verdade elementar era a que reinava em Canudos, e, entretanto, podiam ser chamadas materialistas estas pessoas? Porque outra idéia persistente destes dias era que esta sociedade tinha chegado, por obscuros caminhos, acaso equívocos e acidentais; a desembaraçar-se das preocupações do corpo, da economia, da vida imediata, de tudo aquilo que era primitivo no mundo de onde vinha. Seria sua tumba este sórdido paraíso de espiritualidade e miséria? Nos primeiros dias em Canudos tinha ilusões, imaginava que o cura de Cumbe se lembraria dele, contrataria uns guias, um cavalo, e poderia voltar para Salvador. Mas o Padre Joaquim não voltou a vê-los e agora diziam que estava de viagem. Já não aparecia nas tardes nos andaimes do Templo em construção, nas manhãs já não celebrava missa. Nunca pudera aproximar-se dele, cruzar essa massa compacta e armada de homens e mulheres com trapos azuis que rodeava ao Conselheiro e a seu séquito e agora ninguém sabia se o Padre Joaquim voltaria. Seria distinta sua sorte se lhe tivesse falado? O que lhe haveria dito? “Padre Joaquim, tenho medo de estar entre jagunços, me tire daqui, me leve onde haja militares e policiais que me ofereçam alguma segurança?” Pareceu-lhe ouvir a resposta do cura: “E a mim que segurança me oferecem eles, senhor jornalista? Esquece-se que me salvei de puro milagre de que o Cortapescoços me matasse? imagina que eu poderia voltar onde haja militares e policiais?”. Pôs-se a rir, de maneira incontrolável, histérica. Escutou-se rindo, assustado, pensando que essa risada podia ofender aos imprecisos seres desta

terra. O Miúdo, contagiado, ria também, à gargalhadas. Imaginou pequeno, contrafeito, retorcendo-se. Irritou-o que Jurema permanecesse séria.

—Vá, o mundo é pequeno, voltamos a nos encontrar—disse uma voz áspera, viril, e o jornalista míope advertiu que umas silhuetas se aproximavam. Uma delas, a mais baixa, com uma mancha vermelha que devia ser um lenço, plantou-se frente a Jurema— Eu pensava que os cães a tinham matado lá encima, no monte.

—Não me mataram—respondeu Jurema.

—Alegro-me—disse o homem— Seria uma lástima.

“Queria-a para ele, a levaria”, pensou o jornalista míope, rápido. Umideceram-lhe as mãos. Levar-la-ia e o Miúdo os seguiria. Ficou a tremer: imaginava sozinho, liberado a sua semicegueira, agonizando de inanição, de topadas, de terror.

—Além do anão, trouxe outro acompanhante—ouviu dizer ao homem, entre adulator e zombador— Bom, já nos veremos. Louvado seja o Bom Jesus.

Jurema não respondeu e o jornalista míope permaneceu encolhido, atento, esperando—não sabia por que—receber uma patada, um bofetão, um escarro.

—Estes não são todos—disse uma voz distinta a que tinha falado ele, depois de um segundo, reconheceu ao João Abade— Há mais no depósito de couros.

—São muitos—disse a voz do primeiro homem, agora neutra.

—Não o são—disse João Abade— Não o são se for verdade que vêm oito ou nove mil. Nem o dobro, nem o triplo, seriam muitos.

—Certo—disse o primeiro.

Sentiu-os mover-se, circular por diante e por detrás deles, e adivinhou que estavam apalpando os fuzis, levantando-os, manuseando-os, que os levavam a cara para ver se tinham as miras alinhadas e postas as almas. Oito, nove mil? Vinham oito, nove mil soldados?

—E nem sequer todos servem, Pajeú—disse João Abade— Vê? O canhão torcido, o gatilho quebrado, a culatra partida.

Pajeú? Quem estava aí, movendo-se, conversando, que lhe tinha falado a Jurema, era Pajeú. Diziam algo das jóias da Virgem, mencionavam a um Doutor chamado Aguilar do Nascimento, suas vozes se afastavam e se aproximavam com seus passos. Todos os bandidos do sertão estavam para cá, todos haviam se tornado beatos. Quem o podia entender? Passavam frente dele e o jornalista míope podia ver esses dois pares de pernas ao alcance de sua mão.

—Quer ouvir agora a *Terrível e Exemplar História do Roberto, o Diabo*?—ouviu perguntar ao Miúdo— Sei, contei-a mil vezes. Recita-a, senhor?

—Agora não—disse João Abade— Mas outro dia sim. Por que me diz senhor? Não sabe meu nome acaso?

—Sim sei—murmurou o Miúdo— Desculpe-me...

Os passos dos homens se apagaram. O jornalista míope se pôs a pensar: “que cortava orelhas, narizes, que castrava seus inimigos e lhes tatuava suas iniciais. Que assassinou a todo um povo para provar que era Satã. E Pajeú, o açougueiro, o ladrão de gado, o assassino, o patife”. Aí estavam, junto a ele. Achava-se aturdido e com vontade de escrever.

—Viu como falou, olhou-o?—ouviu dizer ao Miúdo— Que sorte, Jurema. Leva-la-á a viver com ele, terá casa e comida. Porque Pajeú é um dos que mandam aqui.

O que ia ser dele?

“Não são dez moscas por habitante, mas mil—pensa o Tenente Pires Ferreira— Sabem que são indestrutíveis.” Por isso não se alteram quando o ingênuo trata de as espantar. Eram as únicas moscas do mundo que não se moviam quando a mão revoava a milímetros delas, querendo as afugentar. Seus vários olhos observavam ao infeliz, desafiando-o. Este podia esmagá-las, sim, sem nenhum trabalho. O que ganhava com essa asquerosidade? Dez, vinte materializavam-se, imediatamente, no local da esmagada. Melhor resignar-se a sua vizinhança, como os sertanejos. Deixavam-nas passear por suas comidas e suas roupas, enegrecer suas casas e

seu mantimentos, aninhar nos corpos dos recém-nascidos, limitando-se a afastá-las da rapadura que foram morder, ou cuspi-las se lhes colocavam à boca. Eram maiores que as de Salvador, os únicos seres gordos desta terra onde homens e animais pareciam reduzidos a sua mínima expressão.

Está convexo, nu, em sua cama do *Hotel Continental*. Pela janela vê a estação e a insígnia: Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas. Odeia mais às moscas ou à Queimadas, onde tem a sensação de que vai passar o resto de seus dias, doente de tédio, decepcionado, ocupado em filosofar sobre as moscas? Este é um desses momentos em que a amargura o faz esquecer que é um privilegiado, pois tem um quartinho só para ele, neste *Hotel Continental* que é a cobiça dos milhares de soldados e oficiais que se apinham, de dois em dois, de quatro em quatro, nas moradias intervindas, ou alugadas pelo Exército e de quem—a grande maioria—dorme nos barracos levantados à beira de Itapicurú. Tem a fortuna de ocupar um quarto no *Hotel Continental* por direito de antigüidade. Está aqui desde que passou por Queimadas o Sétimo Regimento e o Coronel Moreira César confinou-o à humilhada função de ocupar-se dos doentes, na retaguarda. Desta janela viu os acontecimentos que convulsionaram o sertão, a Bahia, ao Brasil, nos últimos três meses: a partida de Moreira César em direção à Monte Santo e a volta precipitada dos sobreviventes do desastre, os olhos deslumbrados ainda pelo pânico e a estupefação; viu depois vomitar, semana após semana, ao trem de Salvador à militares profissionais, corpos de polícia e regimentos de voluntários que vêm de todas as regiões do país a este povoado apropriado pelas moscas, a vingar aos patriotas mortos, a salvar às instituições humilhadas e a restaurar a soberania da República. E desde este *Hotel Continental* o Tenente Pires Ferreira viu como essas dezenas e dezenas de companhias, tão entusiastas, tão ávidas de ação, foram aprisionadas por uma teia que as mantém inativas, imobilizadas, distraídas por preocupações que não têm nada a ver com os ideais generosos que as trouxeram: os incidentes, os roubos, a falta de moradia, de comida, de transporte, de inimigos, de mulher. A véspera, o Tenente Pires Ferreira assistiu a uma reunião de oficiais do Terceiro Batalhão de Infantaria, convocada por um escândalo maiúsculo—o desaparecimento de cem fuzis *Comblain* e de vinte e cinco caixas de munições—e o Coronel Joaquim Manuel de

Medeiros, depois de ler uma ordenança advertindo que, a menos que houvesse devolução imediata, os autores do roubo seriam sumariamente executados, disse-lhes que o grande problema—transportar à Canudos a enorme equipe do corpo expedicionário—ainda não se resolveu e que portanto não há nada fixo ainda sobre a partida.

Tocam a porta e o Tenente Pires Ferreira diz “Adiante”. Seu ordenança vem a lhe recordar o castigo ao soldado Queluz. Enquanto se veste, bocejando, trata de evocar a cara deste ao que, está seguro, faz uma semana ou um mês, já açoitou, acaso pela mesma falta. Qual? Conhece-as todas: rateios ao Regimento ou às famílias que ainda não partiram de Queimadas, briga com soldados de outros corpos, intentos de deserção. O Capitão da companhia lhe confia freqüentemente os açoites com que trata de conservar a disciplina, cada vez mais danificada pelo aborrecimento e pelas privações. Não é algo que agrada o Tenente Pires Ferreira, isso de dar pauladas. Mas agora tampouco lhe desgosta, passou a formar parte da rotina de Queimadas, como dormir, vestir-se, despir-se, comer, ensinar aos soldados as peças de um *Mánlicher* ou um *Comblain*, o que é o quadrado de defesa e o de ataque, ou refletir sobre as moscas.

Ao sair do *Hotel Continental*, o Tenente Pires Ferreira toma a avenida do Itapicurú, nome do pendente pedregoso que sobe para a Igreja do Santo Antonio, observando, por sobre os tetos das casinhas pintadas de verde, branco ou azul, as colinas com arbustos ressecados que rodeiam à Queimadas. Pobres as companhias de infantes em plena instrução, naquelas colinas abrasadas. Levou cem vezes aos recrutas a enterrar-se nelas e os viu empapar-se de suor e às vezes perder o conhecimento. São sobretudo os voluntários de terras ressecadas que se desabam como pintinhos a pouco de partir pelo deserto com a mochila à costas e o fuzil ao ombro.

As ruas de Queimadas não são nestas horas o formigamento de uniformes, o mostruário de acentos do Brasil, que voltam nas noites, quando soldados e oficiais se derrubam às ruas a conversar, tocar um violão, escutar canções de seus povos e saborear o gole de aguardente que conseguiram procurar à preços exorbitantes. Há, aqui e lá, grupos de soldados com a camisa desabotoada, mas não divisa a um só vizinho no trajeto para o Plaza Matriz, de graciosas palmeiras *uricurís* que sempre fervem de pássaros. Quase não ficam vizinhos.

Salvo algum outro vaqueiro muito velho, doente ou apático, que olha com ódio não dissimulado da porta da casa que deve compartilhar com os intrusos, todos foram desaparecendo.

Na esquina da pensão Nossa Senhora das Graças—em cuja fachada se lê: “Não permitimos pessoas sem camisas”—o Tenente Pires Ferreira reconhece, no jovem oficial de cara apagada pelo sol que vem a seu encontro, o Tenente Pinto Souza, de seu Batalhão. Está aqui faz só uma semana, conserva a fogueira dos recém vindos. Fez amigos e nas noites revistam passear juntos.

—Tenho lido o relatório que escreveu sobre Uauá—diz, ficando a caminhar junto ao Pires Ferreira, em direção ao acampamento— É terrível.

O Tenente Pires Ferreira olha-o protegendo-se com uma mão contra o ensolarado:

—Para quem o vivo, sim, sem dúvida. Para o pobre Doutor Antonio Alves dos Santos sobretudo—diz— Mas o de Uauá não é nada comparado com o que ocorreu ao Major Febrônio e ao Coronel Moreira César.

—Não falo dos mortos, mas sim do que diz sobre os uniformes e as armas—corrige-o o Tenente Pinto Souza.

—Ah, isso?—murmura o Tenente Pires Ferreira.

—Não o compreendo—exclama seu amigo, consternado— A superioridade não fez nada.

—À segunda e à terceira expedição passou o mesmo que nós—diz Pires Ferreira— Também as derrotaram o calor, os espinhos e o pó antes que os jagunços.

Encolhe-se de ombros. Redigiu esse relatório recém-chegado ao Joazeiro, depois da derrota, com lágrimas nos olhos, desejoso de que sua experiência aproveitasse seus companheiros de armas. Com luxo de detalhes explicou que os uniformes ficaram destroçados com o sol, a chuva e a poeira, que as casacas de flanela e as calças de pano se convertiam em cataplasmas e eram rasgados pelos ramos da caatinga. Contou que os soldados perderam boinas e sapatos e tiveram que andar descalços a maior parte do tempo. Mas sobretudo foi explícito, escrupuloso, insistente no das armas: “em que pese a sua magnífica pontaria, o *Mánlicher* se malogra com grande

facilidade; bastam uns grãos de areia na antecâmara para que o ferrolho deixe de funcionar. Por outro lado, se se dispara seguido, o calor dilata o canhão e então se estreita a antecâmara e os carregadores de seis cartuchos já não entram nela. O extrator, por efeito do calor, danifica-se e têm que tirar os cartuchos usados com a mão. Por último, a culatra é tão frágil que ao primeiro golpe se quebra”. Não só o escreveu; disse-o à todas as comissões que o interrogaram e repetiu-o em dezenas de conversações privadas. Do que serviu?

—Ao princípio, acreditei que não me acreditavam—diz— Que pensavam que escrevi isso para desculpar minha derrota. Agora já sei por que a superioridade não faz nada.

—Por que?—pergunta o Tenente Pinto Souza.

—Vão trocar os uniformes de todos os corpos do Exército do Brasil? Não são todos de flanela e pano? Vão atirar ao lixo todos os sapatos? Jogar ao mar todos os *Mánnlichers* que temos? Terão que continuar usando-os, sirvam ou não sirvam.

Chegaram ao acampamento do Terceiro Batalhão de Infantaria, na margem direita do Itapicurú. Está junto ao povo, tanto que os outros se afastam de Queimadas, águas acima. Os barracos se alinham frente às ladeiras de terra avermelhada, de grandes pedras brutas, escuras, a cujos pés discorrem as águas negra-esverdeadas. Os soldados da companhia estão aguardando-o; os castigos são sempre muito concorridos pois é um dos poucos entretenimentos do Batalhão. O soldado Queluz, já preparado, tem as costas nua, entre uma ronda de soldados que lhe fazem brincadeiras. Ele lhes responde rindo. Ao chegar os dois oficiais todos ficam sérios e Pires Ferreira vê, nos olhos do castigado, um súbito temor, que dissimula tratando de conservar a expressão zombadora e indócil.

—Trinta varas—lê, na parte do dia— São muitas. Quem lhe castigou?

—O Coronel Joaquim Manuel de Medeiros, sua senhoria— murmura Queluz.

—O que fez?—pergunta Pires Ferreira. Está calçando a luva de couro, para que a esfregação das varas não lhe arreberte as ampolas. Queluz pestaneja, incômodo, olhando com a extremidade do olho a direita e a esquerda. Brotam risadas, murmúrios.

—Nada, sua senhoria—diz, engasgado.

Pires Ferreira interroga com os olhos centena de soldados que formam o círculo.

—Quis violar a um corneta do Quinto Regimento—diz o Tenente Pinto Souza, com desgosto— Um cabra que não cumpriu quinze anos. Surpreendeu-o o próprio Coronel. É um degenerado, Queluz.

—Não é certo, sua senhoria, não é certo—diz o soldado, negando com a cabeça— O Coronel interpretou mal minhas intenções. Estávamos nos banhando no rio sadiamente. Juro.

—E por isso ficou a pedir auxílio o corneta?—diz Pinto Souza— Não seja cínico.

—É que o corneta também interpretou mal minhas intenções, sua senhoria—diz o soldado, muito sério. Mas como estala uma gargalhada geral, ele mesmo acaba por rir.

—Mais cedo começamos, mais cedo terminamos—diz Pires Ferreira, agarrando a primeira vara, de várias que tem a seu alcance o ordenança. A prova no ar e com o movimento lhe arqueiam, que produz um assobio de enxame, a ronda de soldados retrocede— Amarramo-o, ou agüenta como bravo?

—Como bravo, sua senhoria—diz o soldado Queluz, empalidecendo.

—Como bravo que se atira aos cornetas—esclarece alguém e há outra salva de risadas.

—Meia volta, então, e agarre-se as bolas—ordena o Tenente Pires Ferreira.

Dá os primeiros açoites com força, vendo-o cambalear quando a varinha avermelha suas costas; logo, à medida que o esforço o empapa de transpiração a ele também, faz-o de modo mais suave. O coro de soldados canta às pauladas. Não chegaram a vinte quando os pontos vermelhos das costas de Queluz começam a sangrar. Com a última paulada, o soldado cai de joelhos, mas se incorpora aí mesmo e se volta para o Tenente, cambaleando-se:

—Muito obrigado, sua senhoria—murmura, com a cara feita água e os olhos injetados.

—Console-se pensando que estou tão esgotado como você—ofega Pires Ferreira— Anda à enfermaria, que lhe joguem desinfetante. E deixa em paz aos cornetas.

A ronda se dissolve. Alguns soldados se afastam com o Queluz, ao que alguém joga em cima uma toalha, tanto que outros descem o barranco argiloso para refrescar-se no Itapicurú. Pires Ferreira molha a cara em um cubo de água que lhe aproxima seu ordenança. Assina a parte indicando que executou o castigo. Enquanto, responde às perguntas do Tenente Pinto Souza, quem segue obcecado com seu relatório sobre Uauá. —Esses fuzis eram antigos ou comprados recentemente?

—Não eram novos—diz Pires Ferreira— Tinham sido usados em 1894, na campanha de São Paulo e Paraná. Mas a velhice não explica suas imperfeições. O problema é a constituição do *Mánlicher*. Foi concebido na Europa, para ambientes e climas muito distintos, para um Exército com uma capacidade de manutenção que o nosso não tem.

Interrompe-o o toque simultâneo de muitas cornetas, em todos os acampamentos.

—Reunião geral—diz Pinto Souza— Não estava prevista.

—Deve ser o roubo desses cem fuzis *Comblain*, tem louco no Comando—diz Pires Ferreira— Talvez encontraram aos ladrões e vão fuzilá-los.

—Talvez chegou o Ministro da Guerra—diz Pinto Souza— Está anunciado.

Dirigem-se ao ponto de reunião do Terceiro Batalhão, mas ali lhes informam que se reunirão também com os oficiais do Sétimo e do Décimo quarto, quer dizer, toda a Primeira Brigada. Correm para o posto de mando, instalado em uma curtume, a um quarto de légua água acima do Itapicurú. No trajeto, advertem um movimento inusitado em todos os acampamentos e a gritaria das cornetas cresceu tanto que é difícil desentranhar suas mensagens. Na curtume se acham já várias dezenas de oficiais, alguns dos quais devem ter sido surpreendidos em plena sesta, pois estão ainda embutindo nas

camisas, ou grampeando as jaquetas. O chefe da Primeira Brigada, Coronel Joaquim Manuel de Medeiros, encarapitado sobre uma banca, fala, acionando, mas Pires Ferreira e Pinto Souza não ouvem o que diz pois há ao seu redor aclamações, vítores ao Brasil, burras à República e alguns oficiais jogam no ar seus quepis para manifestar seu contentamento.

—O que acontece, o que passa—diz o Tenente Pinto Souza.

—Partimos para Canudos dentro de duas horas!—grita-lhe, eufórico, um capitão de Artilharia.

II

—Loucura, mal-entendidos? Não basta, não explica tudo—murmurou o Barão da Canabrava— Houve também estupidez e crueldade.

Apresentava-lhe de repente a cara mansa de Gentil de Castro, com suas maçãs do rosto rosadas e suas costeletas loiras, inclinándose a beijar a mão de Estela em alguma festa de Palácio, quando ele formava parte do gabinete do Imperador. Era delicado como uma dama, ingênuo como um menino, bondoso, serviçal. Que outra coisa que a imbecilidade e a maldade podiam explicar o ocorrido com Gentil de Castro?

—Suponho que não só Canudos, que toda a história está amassada com isso—repetiu, fazendo uma careta de desgosto.

—A menos que a gente creia em Deus—o interrompeu o jornalista míope, e sua voz empedrada recordou ao Barão sua existência— Como eles, lá. Tudo era transparente. A fome, os bombardeios, estripados os mortos de inanição. O Cão ou o Pai, o Anticristo ou o Bom Jesus. Sabiam imediatamente que fato procedia de um ou outro, se era benéfico ou maléfico. Não os inveja? Tudo resulta fácil se a gente for capaz de identificar o mal ou o bem detrás de cada coisa que ocorre.

—Lembrei-me de repente de Gentil de Castro—murmurou o Barão da Canabrava— A estupefação que devia sentir ao saber por que arrasavam seus periódicos, por que destruíam sua casa.

O jornalista míope alargou o cangote. Estavam sentados frente a frente, nas poltronas de couro, separados por uma mesinha com uma jarra de refresco de mamão e plátano. A manhã transcorria depressa, a luz que lanceava o pomar era já a do meio-dia. Vozes de pregoeiros oferecendo viandas, louros, rezas, serviços, sobrevoavam as taipas.

—Esta parte da história tem explicação—retrucou o homem que parecia pregado — O que ocorreu no Rio de Janeiro, em São Paulo, é lógico e racional.

—Lógico e racional que a multidão se derrube às ruas a destruir periódicos, a assaltar casas, a assassinar as pessoas incapazes de assinalar no mapa onde está Canudos, porque uns fanáticos derrotam uma expedição a milhares de quilômetros de distância? Lógico e racional isso?

—Estavam intoxicados pela propaganda—insistiu o jornalista míope— Você não tem lido os periódicos, Barão.

—Conheço o que aconteceu no Rio por uma das próprias vítimas—disse este— Salvou-se por um fio de que o matassem também.

O Barão se encontrou com o Visconde de Ouro Preto em Lisboa. Tinha passado toda uma tarde com o ancião líder monárquico, refugiado em Portugal, logo depois de fugir precipitadamente do Brasil, depois das terríveis jornadas que viveu no Rio de Janeiro ao chegar ali a notícia da derrota do Sétimo Regimento e da morte de Moreira César. Incrédulo, confuso, espantado, o velho ex-dignatário tinha visto desfilar na rua Marquês de Abrantes, sob os balcões da casa da Baronesa da Guanabara, onde se achava de visita, uma manifestação que, iniciada no Clube Militar, levava pôsteres pedindo sua cabeça como responsável pela derrota da República em Canudos. Pouco depois vinha um mensageiro a lhe avisar que seu lar tinha sido saqueado, igual aos de outros conhecidos monárquicos, e que a *Gazeta de Notícias* e *A Liberdade* ardiam.

—O espião inglês de Ipupiará—recitou o jornalista míope, golpeando com os nódulos na mesa— Os fuzis encontrados no sertão que foram rumo à Canudos. Os projéteis de *Kropatchek* dos jagunços que só podiam ter trazido navios britânicos. E as balas explosivas. As mentiras atiradas dia e noite viram verdades.

—Você superestima a audiência do *Jornal de Notícias*—sorriu o Barão da Canabrava.

—O Epaminondas Gonçalves do Rio de Janeiro chama-se Aleindo Guanabara e seu jornal *A República*—afirmou o jornalista míope— Da derrota do Major Febrônio, *A República* não deixou um só dia de

apresentar provas concludentes da cumplicidade do Partido Monárquico com Canudos.

O Barão o ouvia pela metade, porque estava ouvindo, agasalhado em uma manta que apenas lhe deixava a boca livre, disse-lhe o Visconde de Ouro Preto: “O patético é que nunca tomamos a sério à Gentil de Castro. Nunca foi ninguém durante o Império. Jamais recebeu um título, uma distinção, um cargo. Seu monarquismo era sentimental, não tinha a ver com a realidade”.

—Por exemplo, a prova concludente das cabeças de gado e as armas de Sete Lagoas, em Minas Gerais—seguia dizendo o jornalista míope— Não foram acaso para o Canudos? Não as conduzia o conhecido chefe de capangas de caudilhos monárquicos, Manuel João Brandão? Não tinha trabalhado este para o Joaquim Nabuco, para o Visconde de Ouro Preto? Aleindo dá os nomes dos policiais que prenderam Brandão, reproduz suas declarações confessando tudo. O que importa que Brandão não existisse e que alguma vez fosse descoberto tal carregamento? Estava escrito, era verdade. A história do espião de Ipujará repetida, multiplicada. Vê como é lógico, racional? A você não o lincharam porque em Salvador não há jacobinos, Barão. Os bahianos só se exaltam com os Carnavais, a política lhes importa um nada.

—Com efeito, agora pode trabalhar no *Jornal da Bahia*—brincou o Barão— Já conhece as infâmias de nossos adversários.

—Vocês não são melhores que eles—sussurrou o jornalista míope—
— Esquece-se que Epaminondas é seu aliado e seus antigos amigos membros do governo?

—Descobre um pouco tarde que a política é algo sujo—disse o Barão.

—Não para o Conselheiro—disse o jornalista míope—

—Também para o pobre Gentil de Castro—suspirou o Barão.

Ao voltar da Europa encontrou em seu escritório uma carta, despachada do Rio vários meses atrás, em que o próprio Gentil de Castro, com estudada caligrafia, perguntava-lhe: “O que é isto de Canudos, meu muito afeiçoado Barão? O que está ocorrendo em suas queridas terras nordestinas? Atribuem-nos toda classe de disparates conspiratórios e não podemos sequer nos defender pois não entendemos o assunto. Quem é Antonio Conselheiro? Existe? Quais

são esses depredadores sebastianistas com quem se empenham em nos vincular os jacobinos? Muito lhe agradeceria me ilustrasse a respeito...”. Agora, o ancião ao que o nome de Gentil correspondia tão bem estava morto por ter armado e financiado uma rebelião que pretendia restaurar o Império e escravizar o Brasil à Inglaterra. Anos atrás, quando começou a receber exemplares da *Gazeta de Notícias* e *A Liberdade*, o Barão da Canabrava escreveu ao Visconde de Ouro Preto, perguntando-lhe que absurdo era esse de tirar duas folhas nostálgicas da monarquia, nestas alturas, quando era óbvio para todo mundo que o Império estava definitivamente enterrado. “O que quer você, meu querido... Não foi minha idéia, nem de João Alfredo, nem de Joaquim Nabuco, nem de nenhum de seus amigos daqui, a não ser, exclusivamente do Coronel Gentil de Castro. Decidiu gastar seu dinheiro tirando essas publicações com o propósito de defender o nome de quem serve ao Imperador, do desprezo a que nos submetem. A todos parece bastante extemporânea a reivindicação da monarquia nestes momentos, mas como cortar este arranque do pobre Gentil de Castro? Não sei se você o recorda. Um bom homem, nunca figurou muito...”

—Não estava no Rio, mas, em Petrópolis, ao chegar as notícias à capital—disse o Visconde de Ouro Preto— Com meu filho, Afonso Celso, mandei-lhe dizer que não lhe ocorresse voltar, que seus jornais tinham sido arrasados, sua casa destruída e que uma multidão na rua do Ouvidor e ao Longo de São Francisco pedia sua morte. Bastou isso para que Gentil de Castro decidisse voltar.

O Barão imaginou, rosado, fazendo sua maleta e dirigindo-se à estação, enquanto no Rio, no Clube Militar, uma vintena de oficiais mesclavam seus sangues ante um compasso e um esquadro e juravam vingar ao Moreira César, elaborando uma lista de traidores que deviam ser executados. O primeiro nome: Gentil de Castro.

—Na estação de Merití, Afonso Celso lhe comprou os jornais—proseguiu o Visconde de Ouro Preto— Gentil de Castro pôde ler todo o ocorrido a véspera na capital federal. Os *mítines*, o fechamento de comércios e de teatros, as bandeiras a meio haste e as braçadeiras de luto negros nos balcões, os ataques a jornais, os assaltos. E, é óbvio, a notícia sensacional na República: “Os fuzis descobertos na *Gazeta de Notícias* e *A Liberdade* são da mesma

marca e o mesmo calibre que os de Canudos”. Qual você crê que foi sua reação?

—Não tenho mais alternativa que mandar meus padrinhos ao Aleindo Guanabara —murmurou o Coronel Gentil de Castro, aparando o branco bigode— Levou a baixa muito longe.

O Barão pôs-se a rir: “Queria bater-se a duelo”, pensou. “O único que lhe ocorreu foi desafiar a duelo ao Epaminondas Gonçalves do Rio. Enquanto a multidão o buscava para linchá-lo, ele pensava em padrinhos vestidos de escuro, em espadas, em desafios a primeiro sangue ou a morte.” A risada lhe umedecia os olhos e o jornalista míope o olhava surpreso. Enquanto ocorria isso, ele viajava para Salvador, estupefato, sim, pela derrota de Moreira César, mas, em realidade, obcecado por Estela, contando as horas que faltavam para que os médicos do Hospital Português e da Faculdade de Medicina o tranqüilizassem lhe assegurando que era uma crise passageira, que a Baronesa voltaria a ser uma mulher alegre, lúcida, vital. Estava tão aturdido pelo que ocorria a sua mulher que recordava como um sonho suas negociações com o Epaminondas Gonçalves e seus sentimentos ao inteirar-se da grande mobilização nacional para castigar aos jagunços, o envio de batalhões de todos os estados, a formação de corpos de voluntários, as quermesses e rifas públicas onde as damas leiloavam suas jóias e suas cabeleiras para armar novas companhias que fossem defender à República. Voltou a sentir a vertigem que tinha sentido ao dar-se conta da magnitude daquilo, esse labirinto de equívocos, desvarios e crueldades.

—Ao chegar no Rio, Gentil de Castro e Afonso Celso se deslizaram até uma casa amiga, perto da estação de São Francisco Xavier— acrescentou o Visconde de Ouro Preto— Ali fui reunir-me com eles, às escondidas. Tinham-me de um lado a outro, oculto, para me proteger das turfas que seguiam nas ruas. Todo o grupo de amigos, demoramos um bom momento em convencer a Gentil de Castro que o único que ficava era fugir quanto antes do Rio e do Brasil.

Lembrou-se transladar ao Visconde e ao Coronel à estação, embuçados, segundos antes das seis e meia da tarde, hora da partida do trem à Petrópolis. Ali permaneceriam em uma fazenda enquanto preparava sua fuga ao estrangeiro.

—Mas o destino estava com os assassinos—murmurou o Visconde — O trem se atrasou meia hora. Nesse tempo, o grupo de homens embuçados que foram, acabou por chamar a atenção. Começaram a chegar manifestações que percorriam a plataforma dando vivas ao Marechal Floriano e morra para mim. Acabávamos de subir ao vagão quando nos rodeou uma turfa com revólveres e adagas. Soaram várias pistolas no instante em que o trem arrancava. Todas as balas deram em Gentil de Castro. Não sei por que estou vivo.

O Barão se imaginou ao ancião de bochechas rosadas com a cabeça e o peito aberto, tratando de fazer o sinal da cruz. Talvez essa morte não lhe tivesse aborrecido. —Era uma morte de cavalheiro, não?

—Talvez—disse o Visconde de Ouro Preto— Mas, seu enterro, estou seguro que lhe desgostou.

Foi enterrado às escondidas, por conselho das autoridades. O Ministro Amaro Cavalcanti advertiu aos parentes que, devido à excitação guiada nas ruas, o governo não podia garantir a segurança dos familiares e amigos se tentassem um enterro pomposo. Nenhum monárquico assistiu ao enterro e Gentil de Castro foi levado ao cemitério em uma *limusine* qualquer, a que seguia um carro de quatro portas em que se achavam seu jardineiro e dois sobrinhos. Estes não permitiram que o sacerdote terminasse o responso, temerosos de que aparecessem os jacobinos.

—Vejo que a morte desse homem, lá no Rio, impressiona-o muito —voltou a tirar de suas reflexões o jornalista míope— Em troca, não o impressionam as outras. Porque houve outras mortes, lá em Canudos.

Em que momento se pôs de pé seu visitante? Estava frente às prateleiras de livros, inclinado, torcido, um quebra-cabeças humano, olhando-o com fúria? Atrás de suas lentes espessas.

—É mais fácil imaginar a morte de uma pessoa que a de cem ou mil—murmurou o Barão— Multiplicado, o sofrimento se volta abstrato. Não é fácil comover-se por coisas abstratas.

—A menos que alguém o tenha visto passar de um a dez, a cem, a mil, a milhares —disse o jornalista míope— Se a morte de Gentil de Castro foi absurda, em Canudos morreram muitos por razões não menos absurdas.

—Quantos?—murmurou o Barão. Sabia que nunca se conheceria, que, como o resto da história, a cifra seria algo que historiadores e políticos reduziriam e aumentariam ao compasso de suas doutrinas e do proveito que podiam lhe tirar. Mas não pôde deixar de perguntar-lhe—Três mil? Cinco mil mortos?—susurrou o Barão, buscando-lhe os olhos.

—Tratei que sabê-lo—disse o jornalista, aproximando-se com seu andar dúbio e desmoronando-se na poltrona— Não há cálculo exato. Entre vinte e cinco e trinta mil.

—Está você considerando os feridos, os doentes?—escoiceou o Barão.

—Não falo dos mortos do Exército—disse o jornalista— Sobre eles sim há estatísticas precisas. Oitocentos e vinte e três, incluídas as vítimas de epidemias e acidentes.

Houve um silêncio. O Barão baixou a vista. Serviu-se um pouco de refresco, mas apenas o provou, pois esquentou e parecia um caldo.

—Em Canudos não podia haver trinta mil almas—disse— Nenhum povoado do sertão pode albergar essa quantidade de gente.

—O cálculo é relativamente simples—disse o jornalista— O General Oscar fez contar as moradias. Não sabia? Está nos jornais: 5.783. Quanta gente vivia em cada casa? No mínimo, cinco ou seis. Ou será, entre vinte e cinco e trinta mil mortos.

Houve outro silêncio, longo, interrompido por um zumbir de moscardos.

—Em Canudos não teve feridos—disse o jornalista— Os chamados sobreviventes, essas mulheres e meninos que o Comitê Patriótico de seu amigo Lelis Piedades repartiu pelo Brasil, não estavam em Canudos, a não ser em localidades da vizinhança. Do cerco só escaparam sete pessoas.

—Também sabe isso?—levantou a vista o Barão.

—Eu era um dos sete—disse o jornalista míope. E, como querendo evitar uma pergunta, acrescentou depressa— E a estatística que preocupava aos jagunços era outra. Quantos morreriam de bala e quantos de faca.

Ficou calado um bom momento; com a cabeça espantou a um inseto.

—É um cálculo que não há maneira de fazer, é óbvio—continuou, espremendo as mãos— Mas alguém poderia nos dar pistas. Um sujeito interessante, Barão. Esteve com o Regimento de Moreira César e voltou com a quarta expedição ao mando de uma Companhia do Rio Grande do Sul. O Alferes Maranhão.

O Barão o olhava, adivinhando quase o que ia dizer.

—Sabia que degolar é uma especialidade gaúcha? O Alferes Maranhão e seus homens eram especialistas. Nele, à destreza se unia a afeição. Com a mão esquerda agarrava ao jagunço do nariz, levantava-lhe a cabeça e pegava o talho. Um de vinte e cinco centímetros, que abria a carótida: a cabeça caía como a de um fantoche.

—Está tratando de me comover?—disse o Barão.

—Se o Alferes Maranhão nos dissesse quantos degolaram ele e seus homens se poderia saber quantos jagunços foram ao céu e quantos ao inferno—espirrou o míope—A degola tinha esse outro inconveniente. Despachava a alma ao inferno, ao que parece.

A noite que sai de Canudos, à frente de trezentos homens armados—muitos mais dos que nunca mandou— Pajeú se ordena a si mesmo não pensar na mulher. Sabe a importância que tem sua missão, e também sabem seus companheiros, escolhidos entre os melhores caminhantes de Canudos (porque terá que andar muito). Ao passar a pé pela Favela fazem um alto. Assinalando os contrafortes da colina, apenas visível na escuridão comovido pelos grilos e pelas rãs, Pajeú lhes recorda que é ali onde teria que trazê-los, subi-los, encerrá-los, para que João Abade, João Grande e todos os que não partiram com o Pedrão e os Vilanova para Geremoabo ao encontro de quão soldados vêm por esse rumo, pelas colinas e planos vizinhos, onde os jagunços já tomaram suas convocações em trincheiras carregadas de munições. João Abade tem razão, é a maneira de dar um golpe mortal às iscas malditas: empurrar à essa colina descampada. Não terão onde proteger-se e os atiradores farão pontaria sobre elas sem serem sequer vistos. “Ou os soldados caem na armadilha e os desfazemos—disse o Comandante da Rua— Ou

caímos nós, pois, se rodearem Belo Monte, não temos homens nem armas para impedir que entrem. De vocês depende, cabras.” Pajeú aconselha aos homens que sejam avaros com as munições, que apontem sempre aos cães que levam insígnias nos braços ou têm sabre e vão montados e que não se deixem ver. Divide-os em quatro corpos e os cita à tarde seguinte, na Lacuna do Lage, não longe da Serra do Aracaty, onde, calcula, estará chegando para então avançar a tropa que partiu ontem de Monte Santo. Nenhum dos grupos deve dar briga se encontrarem patrulhas; devem ocultar-se, deixa-las passar e, ao mais, fazê-las seguir por um pistoleiro. Nada nem ninguém deve lhes fazer esquecer sua obrigação: trazer os cães à Favela.

O grupo de oitenta homens que fica com ele, é o último em continuar a marcha. Uma vez mais rumo à guerra... saiu assim tantas vezes, desde que tem uso de razão, nas noites, escondendo-se, para dar um arranhão ou para evitar que o dessem, que não está mais inquieto desta vez que das outras. Para o Pajeú a vida é isso: fugir ou ir ao encontro de algum inimigo, sabendo que atrás e adiante há, e haverá sempre, no espaço e no tempo, balas, feridos e mortos.

A cara da mulher se desliza uma vez mais—instada, intrusa — em sua cabeça. O caboclo faz um esforço para expulsar a tez pálida, os olhos resignados, os cabelos murchos que caem soltos sobre as costas, e ansiosamente procura algo distinto no que pensar. A seu lado vai Taramela, pequeno, enérgico, mastigando, feliz porque o acompanha, como nos tempos do cangaço. Precipitadamente lhe pergunta se trouxe consigo esse emplastro de gema de ovo que é o melhor remédio contra a picada da cobra. Taramela lhe recorda que, ao separar-se dos outros grupos, ele mesmo repartiu ao Joaquim Macambira, Irmã Quadrado e Felício um pouco de emplastro. “Certo”, diz Pajeú. E como Taramela cala e olha-o, Pajeú se interessa por saber se os outros grupos terão suficientes *tigelinhas*, essas lamparinas de barro que lhes permitirão comunicar-se à distância, nas noites, se fizer falta. Taramela, rindo, recorda-lhe que ele mesmo verificou a distribuição de lamparinas no armazém dos Vilanova. Pajeú grunhe que tantos esquecimentos, indicam que está ficando velho. “Ou que está apaixonando”, brinca Taramela. Pajeú sente calor nas bochechas e a cara da mulher, que conseguiu expulsar,

retorna. Com estranha vergonha de si mesmo, pensa: “Não sei seu nome, não sei de onde é”. Quando voltar a Belo Monte, o perguntará.

Os oitenta jagunços caminham atrás dele e de Taramela em silêncio, ou falando tão baixo que suas vozes ficam apagadas pelo rodar de pedrinhas e o compassado som de sandálias e alpargatas. Há entre eles quem esteve com ele no cangaço, mesclados com outros que foram companheiros de correrias de João Abade ou de Pedrão, cabras que serviram nas volantes da polícia e inclusive ex-guardas rurais e infantas que desertaram. Que estejam partindo juntos homens que eram inimigos irreconciliáveis é obra do Pai, lá encima, e aqui embaixo do Conselheiro. Ele fez este milagre, irmanar aos cães, converter em fraternidade o ódio que reinava no sertão.

Pajeú apura a marcha e mantém um passo vivo toda a noite. Quando, ao amanhecer, chegam à Serra do Caxamango e protegidos por uma paliçada de *xique-xique* e mandacarús fazem alto para comer, todos estão com câibras.

Taramela acorda ao Pajeú umas quatro horas depois. Chegaram dois pistoleiros, ambos muito jovens. Falam afogando-se e um deles sova seus pés inchados, enquanto explicam ao Pajeú que seguiram às tropas desde Monte Santo. Com efeito, são milhares de soldados. Divididos em nove corpos, avançam muito devagar pela dificuldade para arrastar suas armas, carros e barracos, e o freio que lhes significa um canhão larguíssimo, que se enterra a cada passo e os obriga a alargar o atalho. Puxam-no nada menos que quarenta bois. Fazem, quando muito, cinco léguas por dia. Pajeú os interrompe: não lhe interessa quantos são, mas seu rumo. O moço que se sova os pés conta que fez um alto no Rio Pequeno e pernitoiu em Caldeirão Grande. Logo tomaram a direção de Gitirana, onde se detiveram, e, por fim, depois de muitos tropeços, atracaram em Jua, onde passaram a noite.

A rota dos cães surpreende ao Pajeú. Não é a de nenhuma das expedições anteriores. Têm a intenção de chegar por Rosário, em vez de pelo Bendengó, Cambaio ou a Serra da Canabrava? Se for assim, tudo será mais fácil, pois com umas quantas investidas e manhas dos jagunços, essa rota os levará à Favela.

Manda um pistoleiro à Belo Monte, a repetir ao João Abade o que acaba de ouvir, e reatam a marcha. Andam até o crepúsculo sem

deter-se, por paragens alvoroçadas de mangabeiras e cipós e matagais de macambiras. Na Lacuna do Lage estão já os grupos de Irmã Quadrado, Macambira e Felício. O primeiro cruzou uma patrulha a cavalo que explorava o atalho do Aracaty e Jueté. De cócoras atrás de cercas de cactos os viram passar e, um par de horas depois, retornar. Não há dúvida, pois: se mandarem patrulhas pelo rumo de Jueté é que escolheram o caminho de Rosário. O velho Macambira coça a cabeça: por que escolher a trajetória mais longa? por que dar essa volta que lhes representará quatorze ou quinze léguas a mais?

—Porque é mais plano—diz Taramela— Por aí quase não há subidas, nem baixadas. Será mais fácil fazer passar seus canhões e carretas.

Convêm que é o mais provável. Enquanto os outros descansam, Pajeú, Taramela, Irmã Quadrado, Macambira e Felício trocam opiniões. Como é quase seguro que a tropa entre por Rosário, decide-se que Irmã Quadrado e Joaquim Macambira vão postar-se ali. Pajeú e Felício escoltarão a Serra do Aracaty.

Ao amanhecer, Macambira e Irmã Quadrado partem com a metade dos homens. Pajeú pede ao Felício adiantar-se com seus setenta jagunços para Aracaty, semeando a estes pela meia légua de caminho a fim de conhecer em detalhe os movimentos dos batalhões. Ele permanecerá aqui.

A Lacuna do Lage não é uma lacuna—acaso foi, em tempos muito remotos— a não ser um vazio úmido, onde se semeava milho e feijão, como recorda muito bem Pajeú, que pernoitou muitas vezes nessas casinhas agora queimadas. Há uma só com a fachada intacta e o teto completo. Um cabra machucado diz, assinalando-a, que essas telhas poderiam servir para o Templo do Bom Jesus. Em Belo Monte já não se fabricam telhas, pois todos os fornos fundem balas. Pajeú assente e ordena destelhar a casa. Distribui aos homens pelo contorno. Está dando instruções ao pistoleiro que vai despachar à Canudos, quando ouviu cascos e um relincho, joga-se no chão e se escapule entre as pedras brutas. Já protegido, vê que os homens tiveram tempo de refugiar-se também, antes de que apareça a patrulha. Todos, menos os que destelham a casinha. Vai uma dúzia de cavaleiros brincar de correr a três jagunços que escapam em *ziguezague*, em direções distintas. Desaparecem nos penhascos sem, aparentemente, serem

feridos. Mas o quarto não chega a saltar do teto. Pajeú trata de identificá-lo: não, está muito longe. Depois de olhar um momento aos cavaleiros que lhe apontam com os fuzis, leva as mãos à cabeça, em atitude de rendição. Mas de repente se lança sobre um dos cavaleiros. Queria se apoderar do cavalo, escapar ao galope? Falha-lhe, pois o soldado o arrasta com ele ao chão. O jagunço golpeia a direita e a esquerda até que o que dirige o pelotão dispara a queima roupa. Nota-se que lhe chateia matá-lo, que queria levar um prisioneiro à seus chefes. A patrulha se retira, observada pelos emboscados. Pajeú se diz, satisfeito, que os homens resistiram a tentação de matar a esse punhado de cães.

Deixa Taramela na Lacuna do Lage, para enterrar ao morto, e vai instalar-se nas elevações que há a meio caminho de Aracaty. Já não permite que seus homens partam juntos, a não ser fragmentados e a distância do atalho. A pouco de chegar aos penhascos —um bom mirante—aparece a vanguarda. Pajeú sente a cicatriz em sua cara, uma tensão, uma ferida que se abriu. Ocorre-lhe nos momentos críticos, quando vive alguma ocorrência extraordinária. Soldados armados de picos, pás, facões e serrotes vão limpando o atalho, aplanando-o, tombando árvores, apartando pedras. Devem ter tido trabalho na Serra do Aracaty, pontuta e acidentada; vêm com os torsos nus e as camisas amarradas à cintura, trêz ao fundo, encabeçados por oficiais a cavalo. Os cães são muitos, sim, quando os encarregados de lhes abrir caminho passam de duzentos. Pajeú divisa também a um pistoleiro do Felício que segue de perto aos sapadores.

É o princípio da tarde quando cruza o primeiro dos nove corpos. Quando passa o último o céu está cheio de estrelas disseminadas em torno de uma lua redonda que banha o sertão com suave resplendor amarelo. Estiveram passando, às vezes juntos, às vezes separados por quilômetros, com uniformes que mudam de cor e de forma—esverdeados, azuis, com listas vermelhas, cinzas, com botões dourados, com correagens, com quepis, com chapéus de vaqueiro, com botas de cano longo, com sapatos, com alpargatas—a pé e a cavalo. Em meio de cada corpo, canhões atirados por bois. Pajeú —a cicatriz não deixa um momento de estar presente em sua cara—conta as munições e os mantimentos: sete carretas de bois, quarenta e trêz carros de burros, uns duzentos carregadores dobrados pelos vultos

nas costas (muitos são jagunços). Sabe que essas caixas de madeira trazem projéteis para fuzil e em sua cabeça se arma um labirinto de cifras quando trata de adivinhar quantas balas terão por habitante de Belo Monte.

Seus homens não se movem; dir-se-ia que não respiram, que não pestanejam, e ninguém abre a boca. Mudos, imóveis, consubstanciados com as pedras, os cactos e os arbustos que os ocultam, escutam as cornetas que levam ordens de batalhão a batalhão, vêem ondular as bandeiras dos escoltas, ouvem gritar aos servidores das peças de artilharia açulando à bois, mulas e burros. Cada corpo avança separado em três partes, esperando a do centro, que as dos flancos se adiantem para logo avançar. Por que fazem este movimento que os demora e que parece um retrocesso tanto como um avanço? Pajeú compreende que é para evitar ser surpreendidos pelos flancos, como ocorria aos animais e soldados do Cortapescoços, que podiam ser atacados pelos jagunços na mesma borda do atalho. Enquanto contempla este espetáculo ruidoso, multicolorido, que se desembrulha calmamente à seus pés, repete-se as mesmas perguntas: Qual é a rota pela qual pensam chegar? E se se abrem em abano para entrar em Canudos por dez sítios diferentes ao mesmo tempo?

Logo depois de passar a retaguarda, come um bocado de farinha e rapadura e reemprenhe a volta, para esperar aos soldados em Jueté, a duas léguas de marcha. Durante o trajeto, que toma um par de horas, Pajeú sente aos homens comentando entre dentes o tamanho desse canhão ao qual batizaram a Matadeira. Faz-os calar. Certo, é enorme, capaz sem dúvida de voar várias casas de um disparo, talvez de perfurar as paredes de pedra do Templo em construção. Terá que acautelar ao João Abade sobre a Matadeira.

Como calculou, os soldados acampam em Lacuna do Lage. Pajeú e seus homens passam tão perto dos barracos que ouvem os sentinelas comentando as incidências da jornada. Reúnem-se com Taramela antes da meia-noite, em Jueté. Ali encontram um mensageiro de Irmã Quadrado e Macambira; ambos estão já em Rosário. No caminho viram patrulhas a cavalo. Enquanto os homens bebem e molham as caras, à luz da lua, na Laguna de Jueté onde antes levavam seus rebanhos os pastores da comarca, Pajeú despacha um pistoleiro ao João Abade e estende-se para dormir, entre Taramela e

um velho que segue falando da Matadeira. Seria bom que os cães capturassem a um jagunço e que este lhes revelasse que todas as entradas de Belo Monte estão protegidas, salva as colinas da Favela. Pajeú dá voltas à idéia até que dorme. Em sonho, visita a mulher.

Quando começa a clarear, chega o grupo de Felício. Viu-se surpreso por uma das patrulhas de soldados que flanqueiam ao comboio de cabeças de gado e cabras que seguem à Coluna. Eles se dispersaram, sem sofrer baixas, mas voltar a agrupá-los demorou e ainda há três perdidos. Quando se inteiram do encontro na Lacuna do Lage, um curiboca que não deve ter mais de treze anos e que Pajeú usa como mensageiro, põe-se a chorar. É o filho do jagunço que os cães encontraram destelhando a casa e mataram.

Enquanto partem para Rosário, atomizados em grupos de poucos homens, Pajeú se aproxima do menino. Este faz esforços para conter as lágrimas, mas, às vezes, lhe escapa um soluço. Pergunta-lhe sem preâmbulos se quer fazer algo pelo Conselheiro, algo que ajudará a vingar a seu pai. O menino olha-o com tanta decisão que não necessita outra resposta. Explica-lhe o que espera dele. Forma-se uma ronda de jagunços, que escutam olhando-os alternadamente, a ele e ao menino.

—Não é questão só de se fazer pescar—diz Pajeú— Têm que acreditar que não queria que lhe pescassem. E não é questão de que ponha a falar com a primeira. Têm que acreditar que lhe fez falar. Ou seja, deixar que lhe peguem e até que lhe cortem. Têm que acreditar que está assustado. Só assim lhe acreditarão. Poderá?

O menino tem os olhos secos e uma expressão adulta, como se em cinco minutos tivesse crescido cinco anos.

—Poderei, Pajeú.

Reúnem-se com Irmã Quadrado e Macambira nos subúrbios de Rosário, onde a senzala e a casa grande da fazenda estão em ruínas. Pajeú desdobra aos homens em uma quebrada, ao fio direito do atalho, com ordens de não brigar a não ser no tempo justo para que os cães os vejam fugir em direção ao Bendengó. O menino está a seu lado, as mãos na escopeta de perdigãos quase tão alta como ele. Passam os sapadores, sem vê-los, pouco depois, o primeiro batalhão. O tiroteio estala e se eleva uma poeirada. Pajeú espera, para disparar, que esta se dissipe um pouco. Faz-se tranqüilo, apontando,

disparando com intervalos de vários segundos as seis balas do *Männlicher* que o acompanha desde Uauá. Escuta a gritaria de apitos, cornetas, gritos, vê a desordem da tropa. Superada em algo a confusão, urgidos por seus chefes, os soldados começam a ajoelhar-se e a responder os disparos. Há uma falação frenética, não demorarão para chegar reforços. Pode ouvir os oficiais ordenando à seus subordinados internar-se na caatinga atrás dos atacantes.

Então, carrega seu fuzil, incorpora-se e, seguido por outros jagunços, avança até o centro do atalho. Encara aos soldados que se acham a cinqüenta metros, aponta-lhes e os descarga seu fuzil. Os homens fazem o mesmo, plantados a seu redor. Novos jagunços emergem dos matagais. Os soldados, por fim, vêm a seu encontro. O menino, sempre a seu lado, leva a escopeta a uma orelha e fechando os olhos se dispara. O perdigão o banha em sangue.

—Leve minha escopeta, Pajeú—diz, alcançando-a. Escaparei, voltarei para Belo Monte.

Atira-se ao chão e fica a dar alaridos, agarrando a cara. Pajeú põe-se a correr—as balas zumbem por toda parte—e seguido pelos jagunços se perde na caatinga. Uma companhia se lança atrás deles e se fazem perseguir um bom momento; enredam nas matas de *xique-xique* e altos mandacarús, até que os soldados se encontram tiroteados pelas costas pelos homens de Macambira. Optam por retirar-se. Pajeú também dá meia volta. Dividindo aos homens nos quatro grupos de sempre, ordena-lhes retornar, adiantar-se à tropa e esperá-la no Baixas, a uma légua de Rosário. No caminho, todos falam da bravura do menino. Acreditaram-se quão protestantes eles o feriram? Estarão interrogando-o? Ou, furiosos pela emboscada, despedaçariam à facadas?

Umás horas depois, das matas densas da planície argilosa do Baixas—descansaram, comeram, contaram as pessoas, descobriram que faltam dois homens e que há onze feridos—Pajeú e Taramela vêm aproximar-se da vanguarda. À cabeça da Coluna, mancando junto a um cavaleiro que o tem preso à uma corda, entre um grupo de soldados, está o menino. Tem a cabeça enfaixada e caminha cabisbaixo. “Acreditaram-lhe—pensa Pajeú— Se estiver aí diante, é que vai de pistoleiro.” Sente um golpe de afeto pelo curiboca.

Dando-lhe uma cotovelada, Taramela lhe sussurra que os cães já não estão na mesma ordem que em Rosário. Com efeito, as bandeiras dos escoltas adiante são encarnadas e douradas em vez de azuis e os canhões vão à vanguarda, inclusive a Matadeira. Para protegê-los, há companhias que serpenteiam a caatinga; de continuar onde se acham, alguma se dará de bruço com eles. Pajeú indica à Macambira e ao Felicio que se adiantem até Rancho do Vigário, aonde sem dúvida acampará a tropa. Engatinhando, sem ruído, sem que seus movimentos alterem a quietude da ramagem, os homens do velho e do Felicio se afastam e desaparecem. Pouco depois, estalam disparos. Têm-nos descoberto? Pajeú não se move: a cinco metros vê, pelo vigamento de matagais, um corpo de maçons a cavalo, com longas lanças rematadas em pontas de metal. Para ouvir os tiros, os soldados apuram o passo, à galopes, toque de cornetas. A fuzilaria continua, aumenta. Pajeú não olha Taramela, não olha a nenhum dos jagunços esmagados contra a terra, escondidos entre os ramos. Sabe que centena e meia de homens estão, como ele, sem respirar, sem mover-se, pensando que Macambira e Felicio podem estar sendo exterminados... O estrondo o remexe dos pés à cabeça. Mas mais que o tiro o assusta o grito que o estampido arranca de um jagunço, atrás dele. Não se volta a recriminá-lo; com os relinchos e exclamações é improvável que o tenham ouvido. Depois do tiro, os tiros cessam.

Nas horas que seguem, a cicatriz parece incandescente, irradia ondas ardentes para seu cérebro. Escolheu mal o sítio, duas vezes passam, à suas costas, patrulha com cortadores de patrício fazendo voar os arbustos. É milagre que não vejam seus homens, em que pese a passar quase pisando-os? Ou esses cortadores são escolhidos do Bom Jesus? Se os descobrirem, escaparão poucos, pois, com esses milhares de soldados, será fácil cercá-los. É o temor de ver seus homens dizimados, sem ter completado a missão, o que converte em úlcera viva sua cara. Mas, agora, seria insensato mover-se.

Quando começa a escurecer, contou vinte e dois carros de burros; ainda falta a metade da Coluna. Cinco horas viu soldados, canhões, animais. Nunca lhe ocorreu que havia tantos soldados no mundo. A bola vermelha está caindo rápido; em meia hora estará escuro. Ordena Taramela que leve a metade da gente à Rancho do Vigário e o cita nas grutas onde há armas escondidas. Apertando-lhe o braço,

sussurra-lhe: “Tenha os jagunços cuidado, partem, inclinados até tocar com o peito os joelhos, de três, de quatro.

Pajeú continua ali até que o céu estoura-se. Conta dez carros mais e já não duvida: é evidente que nenhum batalhão tomou outro rumo. Levando-se a boca o apito de madeira, sopra, curto. Esteve tanto momento imóvel que lhe dói todo o corpo. Sova com força as panturrilhas antes de tornar-se a andar. Quando vai tocar o chapéu, descobre que não o tem. Recorda que o perdeu em Rosário: uma bala o levou, uma bala que lhe deixou o calor de seu passo.

A marcha até Rancho do Vigário a duas léguas do Baixas, é lenta, fatigante; progridem perto do atalho, em fila indiana, detendo-se a cada momento, arrastando-se como lombrigas para cruzar os descampados. Chegam passada a meia-noite. Em vez de aproximar-se da moradia missionária ao que o sítio deve o nome, Pajeú se desvia para o Oeste, em busca do desfiladeiro rochoso, ao que seguem colinas com grutas. É o ponto de reunião. Não só Joaquim Macambira e Felício—perderam só três homens no choque com os soldados— esperam-os, também João Abade.

Sentados por terra, em uma gruta, em torno de uma lamparina, enquanto bebe um saco de água algo salubre, que lhe tem sabor de glória, e come bocados de feijão que têm afresco o sabor do azeite, Pajeú conta ao João Abade o que viu, fez, temeu e suspeitou desde que saiu de Canudos. Este o escuta, sem interrompê-lo, esperando que fique a beber ou a mastigar para lhe fazer perguntas. Ao redor estão Taramela, Irmã Quadrado e o velho Macambira, que coloca sua colher para falar alarmado da Matadeira. Fora, os jagunços se puseram a dormir. A noite é clara, com grilos. João Abade conta que a Coluna que vem subindo de Sergipe e Geremoabo, é a metade de numerosa que esta, não mais de dois mil homens. Pedrão e os Vilanova a esperam em Cocorobó. “É o melhor lugar para cair”, diz. “O que vem depois é chato. Há três dias, todo Belo Monte está abrindo trincheiras, ali onde havia currais, se por acaso Pedrão e os Vilanova não conseguem parar à República em Cocorobó.” E imediatamente volta para assunto que lhes importa. Está de acordo com eles: se tiver vindo até Rancho do Vigário, a Coluna atravessará amanhã a Serra do Angico. Porque, se não, teria que fazer dez léguas mais para o Oeste antes de achar outro atalho para seus canhões.

—Depois de Angico começa o perigo—grunhe Pajeú.

Como outras vezes, João Abade faz traços na terra com a ponta de sua faca:

—Se se desviarem para Tabolerinho, tudo nos falha. Estamos esperando-os já ao redor da Favela.

Pajeú imagina a forquilha em que se bifurca o declive, logo depois da pedreira espinhosa de Angico. Se não tomarem o rumo de Pitombas, não chegarão à Favela. Por que teriam que tomar o rumo de Pitombas? Muito bem poderiam tomar o outro, que desemboca nas saias de Cambaio e Tabolerinho.

—Salvo que se encontrem aqui com uma parede de balas—explica João Abade, iluminando com a lamparina a terra raiada— Se não passarem por esse lado, não ficam mais que tomar a direção de Pitombas e Umburanas.

—Esperaremos-los à saída de Angico, então—assente Pajeú— Colocaremos bala ao longo de toda a rota, pela direita. Verão que o caminho está fechado.

—Isso não é tudo—diz João Abade— Depois, têm que dar tempo para reforçar ao João Grande, no Riacho. Do outro lado há bastante gente. Mas não no Riacho.

A fadiga e a tensão caem de repente sobre Pajeú, a quem João Abade vê de repente escorrer-se sobre o ombro de Taramela, dormindo. Este o desliza até o chão e afasta o fuzil e a escopeta do moço curiboca, que Pajeú tinha sobre as pernas. João Abade se despede com um rápido “Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro”.

Quando Pajeú acorda, o dia desponta no topo do desfiladeiro, mas a seu redor é ainda noite fechada. Remexe Taramela, ao Felício, à Irmã Quadrado e ao velho Macambira, que dormiram também na gruta. Enquanto um resplendor azulado se estende pelas colinas, ocupam-se de repor, com as munições enterradas pela Guarda Católica, as que gastaram em Rosário. Cada jagunço leva trezentos projéteis em seu saco. Pajeú faz repetir a cada um o que vai fazer. Os quatro grupos partem separadamente.

Ao subir as lajes da Serra de Angico, o do Pajeú—será o primeiro que atacará, para fazer-se perseguir desde essas colinas até Pitombas, onde estarão apostados os outros—escuta, longínquas, as cornetas. A Coluna se pôs em marcha. Deixa dois jagunços na cúpula e vai emboscar-se ao pé da vertente, frente à rampa que é passagem

obrigatória, o único sítio por onde podem escorregar as rodas das carroças. Pulveriza às pessoas entre as matas, bloqueando o atalho que se bifurca ao oeste e lhes volta a repetir que desta vez não se trata de correr. Isso, mais tarde. Primeiro terá que agüentar o tiroteio. Que o Anticristo crê que tem à frente centenas de jagunços. Depois, terá que fazer-se ver, brincar de correr, seguir até Pitombas. Um dos jagunços que deixou na cúpula chega a dizer que vem uma patrulha. São seis soldados; deixam-nos passar sem lhes disparar. Uma roda do cavalo, pois a laje é escorregadia, sobretudo de manhã, pela umidade acumulada na noite. Depois dessa patrulha, passam outras duas, antes dos sapadores com suas pás, picos e serrotes. A segunda patrulha vai para Cambaio. Mau. Significa que neste ponto vão abrir-se? Quase em seguida surge a vanguarda. Aproximou-se muito aos que limpam o caminho. Estarão assim, tão juntos, os nove corpos?

Tem já o fuzil no ombro e está medindo ao cavaleiro velho que deve ser o chefe, quando estala um disparo, outro e várias rajadas. Enquanto observa a desordem na rampa, os protestantes que se atropelam, e, a sua vez, disparam, Pajeú se diz que terá que averiguar quem desencadeou o tiroteio antes de que ele desse o primeiro disparo. Esvazia sua rampa devagar, apontando, pensando que por culpa de que disparou os cães tiveram tempo de retroceder e refugiar-se na cúpula.

O fogo cessa uma vez que a rampa fica vazia. No topo se vislumbram boinas roxas-azuis, brilho de baionetas. Os soldados, parapetados depois das rochas, tratam de localizá-los. Ouve ruídos de armas, de homens, de animais, às vezes, injúrias. De repente, irrompe pela rampa um pelotão, encabeçado por um oficial que aponta com o sabre a caatinga. Pajeú vê como sapateia com ferocidade em seu baio nervoso, dando coices. Nenhum dos cavaleiros roda na rampa, todos chegam ao pé da vertente face à chuva de balas. Mas todos caem, acertados, logo que invadem a caatinga. O oficial do sabre, alcançado por vários tiros, rugiu: “Mostrem as caras, covardes!”. “Mostrar as caras para que nos matem?”, pensa Pajeú. “Isso é o que os ateus chamam dignidade?” Estranha maneira de pensar; o diabo não só é malvado, mas também estúpido. Está carregando seu fuzil, reaquecido pelo fogo. A rampa se enche de soldados, outros se desprendem pelo rochedo. Uma vez que

aponta, sempre com calma, Pajeú calcula que são menos cem, talvez cento e cinquenta.

Vê, pela extremidade do olho, que um jagunço luta corpo a corpo com um soldado e se pergunta como chegou este até aqui. Coloca faca entre os dentes; é seu costume, dos tempos do cangaço. A cicatriz se faz presente e ouve, muito perto, muito nítido, gritos de “Viva a república!” “Viva o Marechal Floriano!” “Mora a Inglaterra!”. Os jagunços respondem: “Mora o Anticristo!” “Viva o Conselheiro!” “Viva Belo Monte!”.

“Não podemos ficar aqui, Pajeú”, diz-lhe Taramela. Pela rampa baixa agora uma compacta massa de soldados, carros de bois, um canhão, cavaleiros, protegidos por duas companhias que carregam contra a caatinga. Equilibram-se disparando e afundam as baionetas nos matagais com a esperança de trespassar ao inimigo invisível. “Ou vamos agora ou não vamos mais, Pajeú”, repete Taramela, mas sua voz não está assustada. Ele quer ter a segurança de que os soldados tomam realmente o rumo de Pitombas. Sim, não há dúvida, o fluxo de uniformes enfia sem vacilar ao norte; ninguém, fora dos que rastelam o matagal, torce para o Oeste. Ainda dispara as últimas balas antes de tirar a faca da boca e sopra o apito de madeira com todas as suas forças. Instantaneamente aqui e lá surgem os jagunços, escondidos, engatinhando, correndo, afastando-se de costas, saltando de refúgio em refúgio, dessalgados, alguns tropeçando entre os pés dos soldados. “Não perdemos ninguém”, pensa, admirado. Volta para soprar o apito e, seguido por Taramela, inicia também a retirada. Demorou muito. Não corre em linha reta a não ser riscando um gancho de ferro de curvas, idas, voltas, para dificultar a pontaria do inimigo; vislumbra, a direita e a esquerda, soldados que levam suas armas à cara ou correm perseguindo os jagunços com a baioneta adiantada. Enquanto se interna na caatinga, a toda a velocidade de suas pernas, pensa de novo na mulher, nos dois que se mataram por ela: será um desses que trazem desgraças?

Sente-se esgotado, o coração a ponto de estalar. Taramela também ofega. É bom que esteja aí esse companheiro leal, amigo de tantos anos, com o que não teve jamais uma mudança de palavras. E nisso lhe saem à frente quatro uniformes, quatro rifles. “Atire, atire”, grita. Joga-se no chão e roda, sentindo que pelo menos dois disparam. Quando alcança a esconder-se já tem seu fuzil apontando

à quão soldados vêm para ele. O *Männlicher* ferrou: o gatilho golpeia sem provocar explosão. Ouve um tiro e um dos protestantes cai, agarrando o ventre. “Sim, Taramela, é minha sorte”, pensa, ao mesmo tempo que, utilizando o fuzil como pau, lança-se sobre os três soldados a quem ver seu companheiro ferido desconcerta uns segundos. Golpeia e faz cambalear a um deles mas os outros lhe jogam em cima. Sente um ardor, uma pontada. Subitamente a cara de um dos soldados arrebenta em sangue e o ouve rugir. Taramela está aí, depois de irromper como um bólido. O inimigo que lhe toca não é adversário para o Pajeú: muito jovem, transpira e o uniforme em que está embutido apenas o deixa mover-se. Luta até que Pajeú lhe arrebata o fuzil e, então, corre. Taramela e o outro estão no chão, resfolegando. Pajeú lhes aproxima e de um impulso afunda a faca até a manga no pescoço do soldado, que gargareja, treme e fica imóvel. Taramela tem uns quantos machucados e Pajeú sangra no ombro. Taramela lhe esfrega emplastro de ovo e o enfaixa, com a camisa de um dos mortos. “É minha sorte, Taramela”, diz Pajeú. “Sou”, assente este. Não podem correr agora, pois, além dos seus, cada um leva um fuzil dos soldados e seu embornal.

Pouco depois ouvem um tiroteio. Começa espaçado mas logo cobra intensidade. A vanguarda já está em Pitombas, recebendo as balas do Felício. Imagina a raiva que devem sentir ao encontrar-se, pendurando das árvores, uniformizados, as botas, as boinas, os correagens do Cortapescoços, de dar-se com os restos comidos pelos urubus. Durante quase toda sua marcha para Pitombas, segue o tiroteio e Taramela comenta: “Quem como eles, sobram-lhes balas, podem disparar por disparar”. Os tiros cessam de repente. Felício deve ter empreendido a retirada, servindo de chamariz à Coluna pelo caminho de Umburanas, onde o velho Macambira e Irmã Quadrado os receberão com outra chuva de fogo.

Quando Pajeú e Taramela—devem descansar um momento, pois o sobrepeso dos fuzis e embornais os fadiga em dobro—chegam a caatinga de Pitombas, ainda há ali jagunços disseminados. Disparam esporadicamente à Coluna que, sem lhes prestar atenção, continua discorrendo, entre uma poeirada amarela, para essa profunda depressão, antigamente leito de rio, que os sertanejos chamam caminho das Umburanas.

—Não deve doer muito, quando ri, Pajeú—diz Taramela.

Pajeú está soprando o apito de madeira, para fazer saber aos jagunços que já está ali, e pensa que tem direito a sorrir. Não estão os cães afundando-se pela quebrada, batalhão após batalhão, a caminho de Umburanas? Não os leva esse caminho, definitivamente para Favela?

Ele e Taramela estão em uma esplanada boscosa que pendura sobre os barrancos cortados; não precisam ocultar-se, pois, além disso do ângulo morto, protegem-nos os raios do sol que cegam aos soldados se olharem nesta direção. Vêm como a Coluna, ali abaixo, vai azulando, avermelhando a terra cinzenta. Escutam sempre tiros esporádicos. Os jagunços chegam serpenteando, emergem de covas, desprendem-se de palanques dissimulados nas árvores.

Apinham-se em torno de Pajeú, ao que alguém passa um saco com leite, que ele toma e que lhe deixa um fio branco nas comissuras. Ninguém lhe pergunta por sua ferida e, melhor, evitam olhar-lhe como se fosse algo impudico. Pajeú vai comendo um punhado de frutas que põem em suas mãos: quixabas, partes de umbú, surripiaba. De uma vez, escuta o relatório entrecortado de dois homens que Felício deixou ali, enquanto ele ia reforçar ao Joaquim Macambira e a Irmã Quadrado em Umburanas. Os cães demoraram para reagir ao serem tiroteados da esplanada, porque lhes parecia arriscado subir o declive e ficar nos olhos dos atiradores ou porque adivinhavam que estes eram grupos insignificantes. Entretanto, quando Felício e seus homens se adiantaram até a borda da ravina e os ateus viram que começavam a ter baixas, mandaram várias companhias caçá-los. Assim estavam, eles tratando de subir e os jagunços agüentando-os, até que, por fim, os soldados lhes penetraram por um e outro sítio e eles os viram desaparecer entre as matas. Felício partiu pouco depois.

—Até pouco tempo—diz um dos mensageiros — tudo isto fervia de soldados.

Taramela, que esteve contando às pessoas, informa ao Pajeú que há trinta e cinco. Esperarão aos outros?

—Não há tempo—responde Pajeú— Necessitam-nos.

Deixa um mensageiro, para orientar os outros, reparte os rifles e embornais que trouxeram e parte pelo fio dos barrancos a encontrar-se com Irmã Quadrado, Felício e Macambira. O repouso lhe fez bem,

e ter bebido e comido. Já não lhe doem os músculos; a ferida lhe arde menos. Vai depressa, sem ocultar-se, pela vereda quebradiça que os obriga a fazer esses. Segue, a seus pés, a progressão da Coluna. A cabeça está já longe, talvez subindo a Favela, pois nem sequer nas perspectivas sem obstáculos a divisa. O rio de soldados, cavalos, canhões, carroças, não tem fim. “É um crótalo”, pensa Pajeú. Cada batalhão são os anéis, uniformes, as escamas, a pólvora de seus canhões, o veneno com que envenena suas vítimas. Gostaria de poder contar à mulher o que lhe ocorreu.

Então, ouve disparos. Tudo saiu como João Abade planejou. Aí estão já fuzilando à serpente das rochas de Umburanas, lhe dando o último empurrão para a Favela. Ao contornar uma colina, vêem subindo a um pelotão de cavaleiros. Começa a disparar, aos animais, para fazê-los rodar pela ravina. Que bons cavalos, como escalam o pendente tão parado. A salva de fuzilaria derruba a dois mas vários alcançam a cúpula. Pajeú dá ordem de escapar, sabendo, enquanto corre, que os homens devem sentir-se ressentidos pois os privou de uma vitória fácil.

Quando chegam por fim às quebradas nas que se desdobram os jagunços, Pajeú se dá conta que seus companheiros estão em uma situação difícil. O velho Macambira, a quem localiza depois de um bom momento, explica-lhe que os soldados bombardeiam as cúpulas, provocando desmoronamentos, e que lhes envia companhias frescas cada corpo que passa. “Perdemos muitos”, diz o velho, enquanto maltrata seu fuzil com energia e o carrega, cuidadosamente, com pólvora que extrai de um corno. “Ao menos vinte, grunhe. Não sei se agüentaremos a próxima carga. O que faremos?”

De onde está, Pajeú vê, próximo, o feixe de colinas que compõem a Favela e, mais adiante, o Monte Mario. Essas colinas, cinzas e ocres, tornaram-se azulosas, avermelhadas, esverdeadas, e se movem como infestadas de larvas.

—Faz três ou quatro horas que sobem—diz o velho Macambira—Subiram até os canhões. E também a Matadeira.

—Então, fizemos o que tínhamos que fazer—disse Pajeú— Então, vamos todos reforçar o Riacho.

Quando as Sardelinhas lhe perguntaram se queria ir com elas cozinhar aos homens que esperavam aos soldados em Trabubú e Cocorobó, Jurema disse que sim. Disse-o mecanicamente, como dizia e fazia as coisas. O Miúdo o reprovou e o míope lançou esse ruído entre gemido e gargarejo que emitia cada vez que algo o assustava. Levavam já mais de dois meses em Canudos e não se separavam nunca.

Acreditou que o Miúdo e o míope permaneceriam na cidade, mas, quando esteve preparado o comboio de quatro burros de carga, vinte carregadores e uma dúzia de mulheres, ambos ficaram junto a ela. Tomaram a rota de Geremoabo. Ninguém se incomodou com a presença desses dois intrusos que não tinham armas nem picos e pás para fazer trincheiras. Ao passar pelos currais, reconstruídos, com cabras e cabritos outra vez, todos ficaram a cantar hinos que, diziam, tinha composto o Beato. Ela ia calada, sentindo, através das sandálias, as pedras brutas do caminho. O Miúdo cantava com os outros. O míope, concentrado na operação de ver o que pisava, tinha uma mão no olho direito sustentando à arceios de tartaruga marinha a que tinha coado vários pedacinhos de seus óculos quebrados. Esse homem que parecia com mais ossos que os outros, de andar desordenado, com esse artefato de pedacinhos de vidro, que se aproximava das coisas e das pessoas como se fosse topá-las, fazia esquecer-se aos poucos a Jurema de sua má estrela. Nessas semanas em que tinha sido, para ele, olhos, fortificação e consolo, tinha pensado que era como seu filho. Pensar “é meu filho” desse grandalhão era seu jogo secreto, um pensamento que a fazia rir. Deus a tinha feito conhecer gente estranha, que nem suspeitava que existisse, como Galileo Gall, os circenses ou este ser maltratado que acabava de dar um tropeção.

Cada certo trecho encontravam nos Montes grupos armados da Guarda Católica; detinham-se para repartir: farinha, frutas, rapadura, charque e munições. Tempos em tempos apareciam mensageiros que freavam sua carreira para falar com o Antonio Vilanova. Sua passagem levantava um cochicho. O tema era o mesmo: a guerra, os cães que vinham. Tinha acabado por compreender que eram dois Exércitos, aproximando-se, um por Queimadas e Monte Santo, outro por Sergipe e Geremoabo. Centenas

de jagunços tinham partido nessas duas direções nos dias passados e cada tarde, durante os conselhos, aos que Jurema assistia pontualmente, o Conselheiro exortava a rezar por eles. Tinha visto a angústia que provocava a cercania de uma nova guerra. A ela lhe ocorreu só que, graças a essa guerra, tinha partido e demoraria para voltar o caboclo amadurecido e forçado da cicatriz cujos olhinhos a assustavam.

O comboio chegou à Trabubú ao anoitecer. Deram de comer aos jagunços entrincheirados nas rochas e três mulheres ficaram com eles. Logo Antonio Vilanova ordenou continuar rumo ao Cocorobó. Fizeram o último lance às escuras. Jurema deu a mão ao míope. Em que pese a sua ajuda, escorregou tantas vezes que Antonio Vilanova o fez montar em um burro de carga, sobre as bolsas de milho. Ao entrar no desfiladeiro de Cocorobó veio a seu encontro Pedrão. Era um homem gigantesco, quase tanto como João Grande, mulato claro e já velho, com um clavinote antigo que não tirava do ombro nem para dormir. Andava descalço, com uma calça ao tornozelo e um colete que deixava ao ar seus braços fornidos. Tinha um ventre esférico que arranhava ao falar. Jurema sentia apreensão ao vê-lo, pelas histórias que circulavam sobre sua vida na Várzea da Ema, onde tinha feito grandes maldades com esses acompanhantes de caras de foragidos que jamais se separavam dele. Sentia que estar perto de gente como Pedrão, João Abade ou Pajeú, por mais que agora fossem santos, era inseguro, como viver com uma onça, uma cobra e uma tarântula que, por um obscuro instinto, podiam a qualquer momento dar o arranhão, morder ou picar.

Agora, Pedrão parecia inofensivo, dissolvido nas sombras nas que conversava com o Antonio e com o Honório Vilanova, quem tinha emerso fantasmagórico por trás das rochas. Numerosas silhuetas chegaram com ele, desprendendo-se das brenhas para desembaraçar aos carregadores dos vultos que traziam para as costas. Jurema ajudava a acender os braseiros. Os homens abriam caixas de munições, bolsas com pólvora, repartiam mechas. Ela e as demais mulheres começaram a cozinhar. Os jagunços estavam tão famintos que logo que podiam esperar que fervessem as marmitas, aglomeravam-se em torno de Assunção Sardelinha, que ia enchendo de água as chaleiras e latas, tanto que outras lhes repartiam

punhados de mandioca; como estendeu certa desordem, Pedrão lhes ordenou acalmarem-se.

Trabalhou toda a noite, repondo uma e outra vez as panelas, fritando partes de carne, reaquecendo o feijão. Os cachos de homens pareciam o mesmo homem multiplicado. Vinham de dez em dez, de quinze em quinze, e quando algum reconhecia entre as cozinheiras a sua mulher, agarrava-a pelo braço e se afastava para conversar. Por que não tinha passado, alguma vez, pela cabeça de Rufino, como a tantos sertanejos, vir à Canudos? Se o tivesse feito, ainda estaria vivo.

Escutou-se um trovão. Mas o ar estava seco, não podia ser anúncio de chuva. Compreendeu que era um canhão o que retumbava; Pedrão e os Vilanova fizeram apagar as fogueiras e aos que estavam comendo os mandaram retornar às alturas. Entretanto, uma vez que se foram, eles seguiram ali, conversando. Pedrão disse que os soldados estavam nos subúrbios de Canche; demorariam para chegar. Não viajavam de noite, tinha-os seguido desde Simão Dias e conhecia seus costumes. Logo que escurecia, instalavam barracos e sentinelas, até o dia seguinte. Na madrugada, antes de partir, disparavam ao ar: isso devia ser o tiro, estariam deixando Canche.

—São muitos?—interrompeu-o, do chão, uma voz que parecia ulular de pássaro— Quantos são?

Jurema o viu incorporar-se, perfilar-se entre ela e os homens, larguirucho e quebradiço, tratando de olhar com a lente de pedacinhos. Os Vilanova e Pedrão puseram-se a rir, igual às mulheres que estavam guardando os cachorros e as sobras de comida. Ela conteve a risada. Sentiu pena do míope. Havia alguém mais necessitado e acovardado que seu filho? Tudo o assustava; as pessoas que o roçavam, entrevados, loucos e leprosos que pediam caridade, o rato que cruzava o armazém: tudo lhe provocava o grito, desencaixava-lhe a cara, fazia-o procurar sua mão.

—Não os contei—gargalhou Pedro— Para que, se matarão a todos?

Houve outra onda de risadas. No alto, começava a clarear.

—É melhor que as mulheres saiam daqui—disse Honório Vilanova.

Como seu irmão, além de fuzil, levava pistola e botas. Os Vilanova, por sua maneira de vestir-se, de falar e até por seu físico, pareciam-lhe com a Jurema muito diferente do resto de Canudos. Mas ninguém os tratava como se fossem distintos.

Pedrão, esquecendo do míope, indicou às mulheres que o seguissem. A metade dos carregadores subiram ao monte, mas o resto estava ali, com os vultos nas costas. Um arco vermelho se levantava detrás das colinas de Cocorobó. O míope seguiu no sítio, movendo a cabeça, quando o comboio ficou em marcha para instalar-se nas rochas, atrás dos combatentes. Jurema pegou-lhe a mão: estava empapada. Seus olhos frágeis e oscilantes a olharam com gratidão. “Vamos—disse ela, arrastando-se— Estão nos deixando para trás.” Tiveram que despertar ao Miúdo, que dormia a perna solta.

Quando chegaram a um monte abrigado, perto das cúpulas, avançadas do Exército entravam em desfiladeiro e tinha começado a guerra. Os Vilanova e Pedrão desapareceram e ali ficaram, entre rochas erodidas, as mulheres, o míope e o Miúdo, escutando os disparos. Eram longínquos, dispersos. Jurema os ouvia a esquerda e direita e pensou que o vento devia levar o estrondo pois chegavam muito amortecidos. Não via nada: uma parede de pedras mofada ocultava aos atiradores. Essa guerra, apesar de estar tão perto, parecia muito longínqua. “São muitos?”, balbuciou o míope. Seguia obstinado a sua mão. Respondeu-lhe que não sabia e foi ajudar às Sardelinhas a descarregar os burros de carga e dispor as tinas com água, as panelas com comida, as tiras e trapos para fazer enfaixados, os emplastos e remédios que o farmacêutico tinha metido em uma caixa. Viu que o Miúdo subia para o cume. O míope se sentou no chão e tampou a cara, como chorando. Mas quando uma das mulheres lhe gritou que recolhesse ramos para fazer um teto, incorporou-se depressa e Jurema o viu trabalhar em excesso, apalpando o lugar em busca de caules, folhas, ervas, que vinha a lhes alcançar tropeçando. Era tão cômica essa figurinha que ia e vinha, levantando-se, caindo e olhando a terra com sua lente estrambótica, que as mulheres acabaram por burlar-se, apontando-o. O Miúdo desapareceu na pedreira.

De repente, os disparos se acrescentaram e aproximaram. As mulheres ficaram imóveis, escutando. Jurema viu que a crepitação,

as rajadas contínuas, punham-nas muito sérias: tinham esquecido ao míope e se lembravam de seus maridos, pais, filhos, que, na vertente oposta, eram brancos nesse fogo. Desenhou-lhe a cara de Rufino e se mordeu os lábios. O tiroteio a aturdiu mas não lhe dava medo. Sentia que aquela guerra não a concernia e que, por isso, as balas a respeitariam. Sentiu uma modorra tão forte que se encolheu contra as rochas, ao lado das Sardelinhas. Dormiu sem dormir, com um sonho lúcido, consciente do tiroteio que sacudia os Montes do Cocorobó, sonhando uma e outra vez com outros tiros, os dessa manhã de Queimadas, aquele amanhecer em que esteve a ponto de ser morta pelos capangas e em que o forasteiro de falar estranho a violou. Sonhava que, como sabia o que ia passar, rogava-lhe que não o fizesse pois isso seria sua ruína, a de Rufino e a do próprio forasteiro, mas este, que não entendia seu idioma, não o fazia caso.

Quando despertou, o míope, a seus pés, olhava-a como o idiota do circo. Dois jagunços bebiam de uma das tinas, rodeados pelas mulheres. Incorporou-se e foi averiguar o que ocorria. O Miúdo não voltou e a fuzilaria era ensurdecidora. Vinham a levar-se munições; logo que podiam falar, da tensão e da fadiga: o desfiladeiro estava semeado de ateus, caíam como moscas todas as vezes que se lançavam ao assalto do monte. Uma e outra vez lhes tinham rechaçado suas cargas, sem lhes permitir chegar nem a meia ladeira. Quem falava, era um homenzinho de barba espaçada, salpicada de pontos brancos, encolheu os ombros: só que eram tantos que nada os fazia retroceder. A eles, em troca, começava a esgotar a munição.

—E se tomarem as ladeiras?—ouviu Jurema balbuciar ao míope.

—Em Trabubú não poderão pará-los—pigarreou o outro jagunço — Lá já quase não fica gente, todos vieram nos ajudar.

Como se isso lhes tivesse recordado a necessidade de partir, os jagunços murmuraram “Louvado seja o Bom Jesus” e Jurema os viu escalar as rochas e esfumar-se. As Sardelinhas disseram que teriam que reaquecer a comida, pois a qualquer momento apareceriam mais jagunços. Enquanto as ajudava, Jurema sentia ao míope, preso em suas saias, tremendo. Adivinhou seu terror, seu pânico de que subitamente homens uniformizados comesçassem a desprender-se das rochas, baleando e trespassando o que lhes punha adiante. Além de fuzilaria, estalavam tiros cujos impactos eram seguidos por pedras que rolavam com ruído de terremoto. Jurema recordou a indecisão

de seu pobre filho todas estas semanas, sem saber o que fazer com sua vida, se ficar ou escapar. Queria partir, era o que ansiava, e, nas noites, quando, tombados no chão do armazém, ouviam roncar à família Vilanova, dizia, trêmulo: queria sair, escapar a Salvador, ao Cumbe, a Monte Santo, ao Geremoabo, onde pudesse pedir ajuda, fazer saber às pessoas amigas que vivia. Mas como ir, se o tinham proibido? Aonde podia chegar sozinho e meio cego? Alcançar-lhe-iam e matar-lhe-iam. Algumas vezes tentava convencê-la, nesses sussurantes diálogos noturnos, que o guiasse até qualquer aldeia onde pudesse contratar pistoleiros. Oferecia-lhe todas as recompensas do mundo se o ajudasse, mas um instante depois, retificava-se e dizia que era loucura querer escapar pois os encontrariam e matariam. Antes tremia pelos jagunços, agora tremia pelos soldados. “Pobre meu filho”, pensou. Sentia-se triste e desanimada. Matariam-na os soldados? Não lhe importava. Seria certo que ao morrer cada homem ou mulher de Belo Monte viriam anjos a levar suas almas? Em todo caso, a morte seria descanso, sono sem sonhos tristes, um pouco menos mau que a vida que levava desde Queimadas.

Todas as mulheres se endireitaram. Seguiu com a vista o que olhavam: das cúpulas vinham saltando dez ou doze jagunços. O disparo era tão forte que a Jurema parecia que arrebetava dentro de sua cabeça. Igual às outras correu para eles e entendeu que queriam munições: não havia com o que brigar, os homens estavam raivosos. Quando as Sardelinhas replicaram “que munições”, pois a última caixa a tinham levado dois jagunços fazia tempo, olharam-se entre eles, cuspiram e pisotearam com cólera. Ofereceram-lhes de comer, mas eles só beberam, passando uma concha de sopa de mão em mão: terminavam e corriam colina acima. As mulheres os olhavam beber, partir, suarentos, o cenho franzido, as veias salientes, os olhos injetados, sem lhes perguntar nada. O último se dirigiu às Sardelinhas:

—Retornem à Belo Monte, é melhor. Não agüentaremos muito. São muitos, não há balas.

Logo depois de um instante de dúvida, as mulheres, em vez de ir para os burros de carga, precipitaram-se também fecho acima. Jurema ficou confusa. Não foram à guerra por loucura, ali estavam seus homens, queriam saber se ainda viviam. Sem pensar mais,

correu atrás delas, gritando ao míope—petrificado e boquiaberto—que a esperasse.

Subindo a colina arranhou as mãos e duas vezes escorregou. A ascensão era elevada; seu coração se ressentia e lhe faltava a respiração. Viu nuvens ocres, plúmbeas, alaranjadas, o vento as fazia, desfazia-as e refazia-as, e seus ouvidos, além de tiros, espaçados, próximos, ouviam vozes ininteligíveis. Desceu por um declive sem pedras, engatinhando, tratando de ver. Encontrou duas pedras recostadas uma na outra e esquadrinhou os véus de pó. Pouco a pouco foi vendo, intuindo, adivinhando. Os jagunços não estavam longe mas era difícil reconhecê-los, pois se confundiam com a ladeira. Foi localizando-os, escondidos detrás de lajes ou matas de cactos, afundados em ocos, com apenas a cabeça fora. Nas colinas opostas, cujas moles alcançava a distinguir no teral, haveria também muitos jagunços, pulverizados, sumidos, disparando. Teve a impressão de que ficaria surda, que estes estampidos era quão último ouviria.

E nisso se deu conta que essa terra escura, em que se convertia em ravina cinqüenta metros mais abaixo, eram os soldados. Sim, eles: uma mancha que ascendia e se aproximava, em que havia brilhos, reflexos, estrelinhas vermelhas que deviam ser disparos, baionetas, espadas, e entreviu caras que apareciam e desapareciam. Olhou ambos os lados e para a direita a mancha estava já a sua altura. Sentiu algo no estômago, arcou-se e vomitou em cima do braço. Estava sozinha no meio da colina e essa crescente de uniformes muito em breve a inundaria. Irreflexivamente se deixou escorregar, sentada, até o ninho de jagunços mais próximo: três chapéus, dois de couro e um de palha, em um vazio. “Não disparem, não disparem”, gritou, enquanto rodava. Mas nenhum virou para olhá-la quando saltou no oco protegido por um parapeito de pedras. Então viu que dos três dois estavam mortos. A gente tinha recebido uma explosão que converteu sua cara em uma massa vermelha. Estava abraçado pelo outro que tinha os olhos e a boca cheios de moscas. Sustentava-se, como nas pedras em que tinha estado oculta. O jagunço vivo a olhou de soslaio, depois de um momento. Apontava com um olho fechado, calculando antes de disparar, e a cada disparo o fuzil golpeava o ombro. Sem deixar de apontar, moveu os lábios. Jurema não entendeu o que lhe estava dizendo. Engatinhou para ele,

em vão. Em seus ouvidos havia um zumbido e era quão único podia ouvir. O jagunço apontou algo e por fim entendeu que queria a bolsa que estava junto ao cadáver sem cara. Alcançou-a e viu o jagunço, sentado com as pernas cruzadas, limpar seu fuzil e carregá-lo, tranqüilo, como se dispusesse de todo o tempo.

—Os soldados já estão aqui—gritou Jurema— Meu Deus, o que vai passar, o que vai passar?

Ele encolheu os ombros e se acomodou de novo no parapeito. Devia sair dessa trincheira, voltar para outro lado, fugir à Canudos? Seu corpo não lhe obedecia, suas pernas se tornaram de trapo, se ficasse de pé se derrubaria. Por que não apareciam com suas baionetas, por que demoravam se os tinha visto tão perto? O jagunço movia a boca mas ela escutava só esse zumbido confuso e agora, também, ruídos metálicos: cornetas?

—Não ouço nada, não ouço nada—gritou, com toda a força— Estou surda.

O jagunço assentiu e lhe fez um gesto, como indicando que alguém se ia. Era jovem, de longos cabelos crespos que se jorravam sob as asas do chapéu, de pele algo esverdeada. Tinha o bracelete da Guarda Católica. “O que?”, rugiu Jurema. Fez-lhe gestos de que olhasse pelo parapeito. Empurrando aos cadáveres, apareceu a cara a uma das aberturas entre as pedras. Os soldados estavam agora mais abaixo, eram eles os que foram. “Por que se vão se ganharam?”, pensou, vendo como os tragavam os redemoinhos de terra. Por que se foram em vez de subir a rematar aos sobreviventes?

Quando o Sargento Frutuoso Crescido—Primeira Companhia, Décimo segundo Combativo—ouviu a corneta ordenando a retirada, crê loucura. Seu grupo de caçadores está à cabeça da Companhia e esta à cabeça do Batalhão na carga à baioneta, a quinta do dia, às ladeiras ocidentais do Cocorobó. Que desta vez, quando ocuparam as três quartas partes do pendente, tirando a baioneta, o sabre, os ingleses dos esconderijos de onde ralavam aos patriotas, ordenaram-lhes retroceder, é algo que, simplesmente, não entrava na cabeça do Sargento Frutuoso, apesar de que a deixava grande. Mas não há

dúvida: agora são muitas as cornetas que ordenam marcha atrás. Seus onze homens estão escondidos, olhando-o, e no terral que os envolve o Sargento Crescido os vê tão surpreendidos como ele. Perdeu o julgamento o Comando para privá-los da vitória quando só ficam as cúpulas para limpar? Os ingleses são poucos e quase não têm munições; o Sargento Frutuoso Crescido divisa lá no alto aos que foram escapando das ondas de soldados que rompiam sobre eles e vê que disparam: fazem gestos, mostram facas e facões, atiram pedras. “Ainda não matei meu inglês”, pensa Frutuoso.

—Que espera o primeiro grupo de caçadores para cumprir a ordem?—grita o chefe da Companhia, o Capitão Almeida, que se materializa a seu lado.

—Primeiro grupo de caçadores! Retirada!—ruge imediatamente o Sargento e seus onze homens se lançam pendente abaixo.

Mas ele não se apura; desce no mesmo passo que o Capitão Almeida.

—A ordem pegou de surpresa, sua senhoria—murmura, colocando-se à esquerda do oficial— Quem entende uma retirada nestas alturas?

—Nossa obrigação não é entender, mas obedecer—grunhe o Capitão Almeida, que se desliza sobre os calcanhares, utilizando o sabre como fortificação. Mas, um momento depois acrescenta, sem dissimular sua cólera— Tampouco o entendo. Só faltava rematá-los, era já um jogo.

Frutuoso Crescido pensa que um dos inconvenientes dessa vida militar que gosta tanto, é o mistério que podem ser as decisões da autoridade. Participou das cinco cargas contra as colinas do Cocorobó e, entretanto, não estava cansado. Leva seis horas brigando, desde que, esta madrugada, seu Batalhão, que ia à vanguarda da Coluna, viu-se de repente, à entrada do desfiladeiro, entre um fogo cruzado de fuzilaria. Na primeira carga, o Sargento ia detrás da Terceira Companhia e viu como os grupos de caçadores do Alferes Sepúlveda eram segados por rajadas que ninguém localizou de onde vinham. Na segunda, a mortandade foi também tão grande que tiveram de retroceder. A terceira carga a deram dois Batalhões da Sexta Brigada, o Vinte e seis e o Trinta e dois, mas à Companhia do Capitão Almeida, o Coronel Carlos Maria de Silva Telles lhe

encarregou uma manobra envolvente. Não deu resultado, pois ao escalar os contrafortes das costas descobriram que se cortavam em faca sobre uma quebrada de espinhos. À volta, o Sargento sentiu um ardor na mão esquerda: uma bala acabava de levar a ponta de seu mindinho. Não lhe doía e, na retaguarda, enquanto o médico do Batalhão lhe punha desinfetante, ele fez brincadeiras para lhes levantar a moral a quão feridos traziam os carregadores de maca. Na quarta carga foi de voluntário, argumentando que queria vingar-se por esse pedaço de dedo e matar um inglês. Tinham chegado até meio fecho, mas com tanta perda que, uma vez mais, tiveram que retroceder. Mas nesta os tinham derrotado em toda a linha: por que retirar-se? Talvez para que a Quinta Brigada os rematasse e levasse toda a glória o Coronel Donaciano de Araújo Pantoja, subordinado preferido do General Savaget. “Ao melhor”, murmura o Capitão Almeida.

Ao pé da colina, onde há companhias que tentam reconstituir-se, empurrando umas a outras, tropeiros que tratam de unir os animais de arrasto a canhões, carros e ambulâncias, toques de cornetas contraditórios, feridos que chamam, o Sargento Frutuoso Crescido descobre o porquê da súbita retirada: a Coluna que vem de Queimadas e Monte Santo caiu em uma armadilha e a Segunda Coluna, em vez de invadir Canudos pelo Norte, foi em marchas forçadas tirá-la do atoleiro.

O Sargento, que entrou no Exército aos quatorze anos e fez a guerra contra o Paraguai e brigou nas revoluções que alvoroçaram o Sul da queda da monarquia, não se alterou com a idéia de partir, por um terreno desconhecido, depois de passar o dia brigando. E que briga! Os bandidos são bravos, o reconhece. Agüentaram várias orvalhadas de tiros sem mover-se, obrigando os soldados a ir tirar a arma branca, e enfrentando-os com ferocidade no corpo a corpo: os mal-nascidos brigam como paraguaios. Diferentemente dele, que, logo depois de uns goles de água e umas bolachas, sente-se fresco, seus homens luzem exaustos. São novatos, recrutados em Bagé nos últimos seis meses; este foi seu batismo. Levaram bem, a nenhum o viu assustar-se. Terão mais medo que aos ingleses? É um homem enérgico com seus subordinados, à primeira as vêm com ele. Em lugar dos castigos regulamentares—perda de saída, calabouço, pauladas—o Sargento prefere as cabeçadas, balizas de orelhas, chutes

no traseiro ou aventários ao charco lamacento dos porcos. Estão bem treinados, provaram-no hoje. Todos se acham salvos, com exceção do soldado Coríntio, quem se golpeou contra umas pedras e coxeiou. É fracote, caminha esmagado pela mochila. Bom tipo, Coríntio, tímido, serviçal, madrugador, e Frutuoso Crescido tem com ele favoritismos por ser o marido da Florisa. O Sargento sente um comichão e ri para dentro. “Que puta é, Florisa—pensa— Que puta para que, estando tão longe e em uma guerra, seja capaz de me parar. Tem vontade de rir à gargalhadas com as burradas que lhe ocorrem. Olha ao Coríntio, coxeando, chateado sob a mochila, e recorda o dia que se apresentou com o maior despacho ao rancho da lavadeira: “Ou se deita comigo, Florisa, ou Coríntio fica todas as semanas com castigo rigoroso, sem direito à visitas”. Florisa resistiu um mês; cedeu para ver o Coríntio, ao princípio, mas agora, crê Frutuoso, continua deitando com ele porque gosta. Fazem-no no mesmo rancho ou na curva do rio onde ela vai lavar. É uma relação da que Frutuoso se ufana quando está bêbado. Suspeitará algo Coríntio? Não, não sabe nada. Ou se faz, pois, o que pode fazer contra um homem como o Sargento que é, além disso, seu superior?

Ouve tiros sobre a direita assim vai em busca do Capitão Almeida. A ordem é seguir, salvar à Primeira Coluna, impedir que os fanáticos a aniquilem. Esses tiros são manobras de distração, os bandidos se reagruparam em Trabubú e querem imobilizá-los. O General Savaget destacou dois Batalhões da Quinta Brigada para responder a provocação, tanto que os outros continuam a marcha acelerada para onde se acha o General Oscar.

O Capitão Almeida está tão lúgubre que Frutuoso lhe pergunta se algo vai mal.

—Muitas baixas—murmura o Capitão— Mais de duzentos feridos, setenta mortos, entre eles o Comandante Tristão Sucupira. Até o general Savaget está ferido.

—O General Savaget?—diz o Sargento— Mas, acabei de ver a cavalo, sua senhoria.

—Porque é um bravo—responde o Capitão— Tem o ventre perfurado por uma bala.

Frutuoso retorna a seu grupo de caçadores. Com tantos mortos e feridos tiveram sorte: estão intactos, descontando o joelho de

Coríntio e um dedo mindinho. Olha o dedo. Não lhe dói mas sangra, a atadura se tingiu de escuro. O médico que o curou, o Mojar Neri, riu quando o Sargento quis saber se lhe dariam aposentadoria por invalidez. “Acaso não viu tantos oficiais e soldados mochos?” Sim, viu. Arrepiam-lhe os cabelos quando pensa que poderiam lhe dar baixa. O que faria então? Para ele, que não tinha mulher, nem filhos, nem pais, o Exército era todas essas coisas.

Ao longo da marcha, contornando os Montes que rodeiam Canudos, os infantes, artilheiros e cavaleiros da Segunda Coluna ouvem várias vezes disparos, feitos das brenhas. Alguma Companhia se atrasa para lançar umas salvas, enquanto o resto continua. Ao anoitecer, o Décimo segundo Combativo faz alto, por fim. Os trezentos homens se desembaraçam de suas mochilas e fuzis. Estão rendidos. Esta não é como outras noites, como foi cada noite desde que saíram de Aracajú e avançaram para aqui por São Cristóvão, Lagarto, Itaporanga, Simão Dias, Geremoabo e Canche. Então, ao deter-se, os soldados carneavam e saíam em procura de água e lenha e a noite se enchia de violões, cantos e bate-papos. Agora ninguém fala. Até o Sargento está cansado.

O repouso não dura muito para ele. O Capitão Almeida convoca aos chefes de grupo para saber quantos cartuchos conservam e repor os usados, de modo que todos partam com duzentos cartuchos na mochila. Anuncia-lhes que a Quarta Brigada, a que pertencem, passará agora à vanguarda e seu Batalhão à vanguarda da vanguarda. A notícia reanima o entusiasmo de Frutuoso Crescido, mas saber que irão de ponta de lança não provoca a menor reação entre seus homens, que reatam a marcha com bocejos e sem comentários.

O Capitão Almeida disse que farão contato com a Primeira Coluna ao amanhecer, mas, a menos de duas horas, ao avançar a Quarta Brigada divisam a mole escura da Favela, onde, segundo os mensageiros do General Oscar se acha este cercado pelos bandidos. A voz das cornetas perfura a noite sem brisa, morna, e pouco depois ouvem, ao longe, a resposta de outras cornetas. Uma salva de vítores percorre o Batalhão: os companheiros da Primeira Coluna estão ali. O Sargento Frutuoso vê que seus homens, também comovidos, agitam os quepis e gritam: “Viva a República”, “Viva o Marechal Floriano”.

O Coronel Silva Telles ordena prosseguir para Favela. “Vai contra a tática, ordens de lançar-se à boca do lobo, em terreno desconhecido”, disse brincando o Capitão Almeida, aos Alferes e Sargentos enquanto lhes dá as últimas recomendações: “Avançar como os escorpiões, passando aqui, lá, para cá, guardar distâncias e evitar surpresas”. Tampouco ao Sargento Frutuoso lhe parece inteligente progredir de noite sabendo de que entre a Primeira Coluna e eles se interpõe o inimigo. Logo, a cercania do perigo o ocupa por inteiro; à cabeça de seu grupo fareja a direita e a esquerda a extensão pedregosa.

O tiroteio cai súbito, próximo, fulminante, e felpa as cornetas da Favela que os guiam. “Ao chão, ao chão”, ruge o Sargento, esmagando-se contra as pedras brutas. Aguça o ouvido: os tiroteavam da direita? Sim, da direita. “Estão a sua direita”, ruge. “Queimem-nos, moços.” E enquanto dispara, apoiado no cotovelo esquerdo, pensa que graças a estes bandidos ingleses está vendo coisas estranhas, como retirar-se de uma briga já ganha e enfaixar-se às escuras confiando que Deus orientará as balas contra os invasores. Não irão estas a incrustar-se em outros soldados, melhor? Lembra-se de algumas máximas da instrução: “A bala desperdiçada debilita ao que a desperdiça, só se dispara quando se vê contra o que”. Seus homens devem estar rindo. À momentos, entre os disparos, há maldições, gemidos. Por fim vem a ordem de cessar o fogo; outra vez soam as cornetas da Favela, chamando-os. O Capitão Almeida mantém um momento à Companhia no chão, até estar seguro que os bandidos foram repelidos. Os caçadores do Sargento Frutuoso Crescido abrem a marcha.

“De Companhia a Companhia, oito metros. De Batalhão a Batalhão, dezesseis. De Brigada a Brigada, cinqüenta.” Quem pode guardar as distâncias nas trevas? A ordenança também diz que o chefe de grupo deve ir à retaguarda na progressão, à cabeça na carga e achar-se ao centro no quadrado. Entretanto, o Sargento vai à cabeça porque pensa que se ficar atrás seus homens podem fraquejar, nervosos como andam por esta escuridão em que a qualquer momento brotam disparos. Cada meia hora, cada hora, talvez cada dez minutos—já não sabe, pois esses ataques relâmpago, que duram apenas, que danificam mais seus nervos que seus corpos, confundem-lhe o tempo—uma chuva de granizo de tiros os obriga a

tombar-se e responder com outra, mais por razões de honra que de eficácia. Suspeita que quem ataca são poucos, talvez dois e três homens. Mas que a escuridão seja uma vantagem para os ingleses, pois os vêem tanto que os patriotas não os vêem, enerva ao Sargento e o fadiga muitíssimo. Como estarão seus homens, se ele, com toda sua experiência, sente-se assim.

Por momentos, as cornetas da Favela parecem afastar-se. Os toques recíprocos pespontam a marcha. Há dois breves descansos, para que os soldados bebam e para averiguar as baixas. A Companhia do Capitão Almeida está intacta, a diferença da do Capitão Noronha, em que feriram a três.

—Já vêem, sortudos, não estão sofrendo nada—lhes levanta o ânimo o Sargento.

Começa a amanhecer e na débil luz, a sensação de que terminou o pesadelo dos disparos às escuras, de que agora sim verão onde pisam e os quais os atacam, faz-o sorrir.

O último trecho é um jogo em comparação com o anterior. Os contrafortes da Favela estão vizinhas e no resplendor que se levanta o Sargento distingue à Primeira Coluna, umas manchas azuladas, uns pontinhos que pouco a pouco se convertem em silhuetas, em animais, em carroças. Dir-se-ia que há muita desordem, uma grande confusão. Frutuoso Crescido se diz que esse amontoamento tampouco parece muito de acordo com a tática e a ordenança. E está comentando ao Capitão Almeida—os grupos se uniram e a Companhia marcha de quatro em fundo, à frente do Batalhão — que o inimigo fizera fumaça, quando emergem da terra, a uns passos, entre os ramos e caules do matagal, cabeças, braços, canos de fuzis e carabinas que cospem fogo simultaneamente. O Capitão Almeida luta para tirar o revólver de sua cartucheira e se dobra, abrindo a boca como se ficasse sem ar, e o Sargento Frutuoso Crescido, com sua grande cabeça em efervescência, rapidamente compreende que se esmagar contra o de costume seria suicídio, pois o inimigo está muito perto; também, dar meia volta, pois fariam pontaria com eles. De maneira que, o fuzil na mão, ordena com todos seus pulmões: “Carreguem, carreguem, carreguem!”, e lhes dá o exemplo, saltando para a trincheira de ingleses cuja boca se abre atrás de um meio-fio de pedra. Cai dentro e tem a impressão de que o gatilho não corre, mas está seguro que a folha da baioneta se crava em um corpo. Fica

incrustada e não consegue arrancá-la. Solta o fuzil e se ventila contra a figura que está mais perto, lhe buscando o cangote. Não deixa de rugir: “Carreguem, carreguem, queimem-nos!”, enquanto golpeia, cabeceia, apura, remói e se dissolve em um redemoinho no que alguém recita os elementos que, segundo a tática, compõem o ataque corretamente efetuado: reforço, apoio, reserva e cordão.

Quando um minuto ou um século depois abre os olhos, seus lábios repetem: retorço, apoio, reserva, cordão. Isso é o ataque misto dos mal-nascidos. De que comboio de provisões falam? Está brilhante. Não na trincheira, a não ser em uma garganta ressecada; vê a frente um ravina íngreme, cactos, e acima o céu azul, uma bola avermelhada. O que faz aqui? Como veio até aqui? Em que momento saiu da trincheira? O do comboio repica em seus ouvidos com angústia e soluços. Custa-lhe um esforço sobre-humano inclinar a cabeça. Então vê o soldadinho. Sente alívio; temia que fosse um inglês. O soldadinho está de barriga para baixo, a menos de um metro, delirando, e apenas lhe entende pois fala contra a terra. “Tem água?”, pergunta-lhe. A dor chega até o cérebro do Sargento como uma pontada ígnea. Fecha os olhos e se esforça por controlar o pânico. Está ferido de bala? Onde? Com outro esforço enorme se olha: de seu ventre sai uma raiz pontuta. Demora em dar-se conta que a lança curva não só o atravessa de lado a lado, mas também, o fixa no chão. “Estou trespassado, estou parecido”, pensa. Pensa: “Dar-me-ão uma medalha”. Por que não pode mover as mãos, os pés? Como puderam trinchá-lo assim sem que o visse nem sentisse? Perdeu muito sangue? Não quer olhar seu ventre de novo. Volta-se para o soldadinho:

—Ajude-me, ajude-me—roga, sentindo que lhe abre a cabeça—Tire-me isto, me desencrave. Temos que subir a ravina, nos ajudemos.

De repente, resulta-lhe estúpido falar de subir essa ravina quando nem sequer pode encolher um dedo.

—Levaram todo o transporte, todas as munições também—choraminga o soldadinho— Não é minha culpa, Excelência. É culpa do Coronel Campelo.

Ouve-o soluçar como um menino e lhe ocorre que está bêbado. Sente ódio e raiva por esse mal-nascido que choraminga em vez de

reagir e de pedir ajuda. O soldadinho levanta a cabeça e olha-o.

—É do Segundo de Infantaria?—diz-lhe o Sargento, sentindo a língua dura dentro da boca— Da Brigada do Coronel Silva Telles?

—Não, Excelência—responde o soldadinho— Sou do Quinto de Infantaria, da Terceira Brigada. A do Coronel Olímpio da Silveira.

—Não chore, não seja estúpido, aproxime-se, ajude-me a tirar isto da barriga—diz o Sargento— Vêm, dos mal-nascidos.

Mas o soldadinho afunda a cabeça na terra e chora.

—Ou será que é um desses que devemos salvar dos ingleses—diz o Sargento— Vêm e salve-me agora, estúpido.

—Tiraram-nos tudo! Roubaram-nos tudo!—chora o soldadinho— Disse-lhe ao Coronel Campelo que o comboio não podia atrasar-se tanto, que podiam nos cortar da Coluna. Disse-o, disse-o! E isso nos passou, Excelência! Roubaram até meu cavalo!

—Esqueça-se do comboio que roubaram, tire-me isto—grita Frutuosa— Quer que morramos como cães? Não seja estúpido, repensa!

—Traíram-nos os carregadores! Traíram-nos os pistoleiros!—choraminga o soldadinho— Eram espões, Excelência, eles também tiraram escopetas. Levaram vinte carros com munição, sete com sal, farinha, açúcar, aguardente, alfafa, quarenta sacos de milho. Levaram mais de cem cabeças de gado, Excelência! Compreende você a loucura do Coronel Campelo? Adverti-o. Sou o Capitão Manuel Porto e nunca minto, Excelência: foi culpa dele.

—É você Capitão?—balbucia Frutuosa Crescido— Mil perdões, sua senhoria. Não se viam seus galões.

A resposta é um estertor. Seu vizinho fica mudo e imóvel. “Morreu”, pensa Frutuoso Crescido. Sente um calafrio. Pensa: “Um capitão! Parecia um recém levado”. Também vai morrer a qualquer momento. Ganharam os ingleses, Frutuoso. Mataram-lhe esses mal-nascidos estrangeiros. E nisso vê perfilar-se na borda da ravina duas silhuetas. O suor não lhe permite distinguir se levam uniformes, mas grita “Ajuda, ajuda!”. Trata de mover-se, de retorcer-se, que vejam que está vivo e venham. Sua cabeça é um braseiro. As silhuetas baixam o declive a saltos e sente que vai chorar ao dar-se conta que

vestem azul claro, que levam botas de cano longo. Trata de gritar: “Tirem-me este pau da barriga, moços”.

—Reconhece-me, Sargento? Sabe quem sou?—diz o soldado que, estupidamente, em vez de agachar-se a desencravá-lo, apóia a ponta da baioneta em seu pescoço.

—Claro que lhe reconheço, Coríntio—ruge— Que espera, idiota. Tire-me isso da barriga! O que faz, Coríntio? Coríntio!

O marido da Florisa está lhe afundando a baioneta no cangote ante o olhar enojado do outro, ao que Frutuoso Crescido também identifica: Argimiro. Alcança a dizer-se que, então, Coríntio sabia.

III

—Como não o acreditaram, lá, no Rio de Janeiro, em São Paulo, esses que saíram às ruas a linchar monárquicos, se acreditassem os que estavam às portas de Canudos poderiam ver a verdade com seus olhos?—disse o jornalista míope.

Deslizou-se da poltrona de couro ao chão e ali estava, sentado na madeira, com os joelhos encolhidos e o queixo sobre um deles, falando como se o Barão não estivesse ali. Era o começo da tarde e os envolvia um ensolarado quente, que se filtrava pelos vasos do jardim. O Barão se acostumou às bruscas mudanças de seu interlocutor, que passava de um assunto a outro sem aviso, de acordo à urgências íntimas, e já não lhe importava a linha fraturada da conversação, intensa e chispante por momentos, logo inundada em períodos de vazio nos que, às vezes ele, às vezes o jornalista, às vezes ambos, retraíam-se para refletir ou recordar.

—Os correspondentes—explicou o jornalista míope, contorsionando-se em um desses movimentos imprevisíveis, que removiam seu magro esqueleto e pareciam estremecer cada uma de suas vértebras. Atrás dos óculos, seus olhos piscaram, rápidos — Podiam ver mas entretanto não viam. Só viam o que foram ver. Embora não estivesse ali. Não eram um, dois. Todos encontraram provas flagrantes da conspiração monárquico-britânica. Qual é a explicação?

—A credulidade da gente, seu apetite de fantasia, de ilusão—disse o Barão— Terei que explicar de algum jeito essa coisa inconcebível: que bandos de camponeses e de vagabundos derrotaram três expedições do Exército, que resistiram meses às Forças Armadas do país. A conspiração era uma necessidade: por isso a inventaram e acreditaram.

—Teria que ler você as crônicas de meu substituto no *Jornal de Notícias*—disse o jornalista míope— O que mandou Epaminondas Gonçalves quando me acreditou morto. Um bom homem. Honesto,

sem imaginação, sem paixões nem convicções. O homem ideal para dar uma versão desapaixonada e objetiva do que ocorria lá.

—Estavam morrendo e matando de ambos os lados—murmurou o Barão, olhando-o com piedade— É possível o desapaixonamento e a objetividade em uma guerra?

—Em sua primeira crônica, os oficiais da Coluna do General Oscar surpreendem nas alturas de Canudos a quatro observadores loiros e bem trajados mesclados com os jagunços—disse, devagar, o jornalista— Na segunda, a Coluna do General Savaget encontra entre os jagunços mortos a um sujeito branco, loiro, com correagem de oficial e um gorro de crochê tecido à mão. Ninguém pode identificar seu uniforme, que jamais foi usado por nenhum dos corpos militares do país.

—Um oficial de Sua Graciosa Majestade, sem dúvida?—sorriu o Barão.

—E na terceira crônica, aparece uma carta, resgatada do bolso de um jagunço prisioneiro, sem assinar mas de letra inequivocamente aristocrática—continuou o jornalista, sem ouvi-lo— Dirigida ao Conselheiro, lhe explicando por que é preciso restabelecer um governo conservador e monárquico, temeroso de Deus. Tudo indica que o autor da carta era você.

—É seriamente tão ingênuo para acreditar que o que se escreve nos periódicos é certo?—perguntou-lhe o Barão— Sendo jornalista?

—E há, também, essa crônica sobre os sinais luminosos—prossegiu o jornalista míope, sem responder— Graças a elas, os jagunços podiam comunicar-se nas noites a grandes distâncias. As misteriosas luzes se apagavam e acendiam, transmitindo chaves tão sutis que os técnicos do Exército não conseguiram decifrar nunca as mensagens.

Sim, não havia dúvida, em que pese a suas travessuras boêmias, ao ópio e ao éter e aos candomblés, era alguém ingênuo e angélico. Não era estranho, costumava dar-se entre intelectuais e artistas. Canudos o mudara, é óbvio. O que tinha feito dele? Um amargurado? Um cético? Acaso um fanático? Os olhos míopes o olhavam fixamente atrás dos cristais.

—O importante nessas crônicas são os subentendidos—concluiu a voz metálica, aguda, incisiva— Não o que dizem, a não ser o que

sugerem, o que fica liberado à imaginação. Foram ver oficiais ingleses. E os viram. Conversei com meu substituto, toda uma tarde. Não mentiu nunca, não se deu conta que mentia. Simplesmente, não escreveu o que via a não ser o que acreditava e sentia, o que acreditavam e sentiam quem o rodeava. Assim se foi armando esse matagal tão compacto de fábulas e de patranhas que não há maneira de desenredar. Como se vai ou será, então, a história de Canudos?

—Já o vê, o melhor é esquecê-la—disse o Barão— Não vale a pena perder o tempo com ela.

—Tampouco o cinismo é uma solução—disse o jornalista míope— Pelo resto, tampouco acredito que nessa atitude, de desprezo soberbo pelo ocorrido, seja sincera.

—É indiferença, não desprezo—corrigiu-o o Barão. Estela tinha estado longe de sua mente um bom momento, mas agora estava ali outra vez e com ela a dor ácida, corrosiva, que o convertia em um ser aniquilado e submisso— Já lhe disse que não me importa o mínimo o que aconteceu em Canudos.

—Importa-lhe, Barão—vibrou a voz do míope— Por quão mesmo a mim: porque Canudos mudou sua vida. Por Canudos sua esposa perdeu o julgamento, por Canudos perdeu você boa parte de sua fortuna e de seu poder. Claro que lhe importa. Por isso não me jogou, por isso estamos falando faz tantas horas...

Sim, talvez tinha razão. O Barão da Canabrava sentiu um gosto amargo na boca; embora farto dele e não havia razão para prolongar a entrevista, tampouco agora pôde despachá-lo. O que o retinha? Acabou por confessar-lhe a idéia de ficar sozinho, só com Estela, só com essa terrível tragédia.

—Mas não só viam o que não existia—acrescentou o jornalista míope— Além disso, ninguém viu o que seriamente havia ali.

—Frenólogos?—murmurou o Barão— Anarquistas escoceses?

—Padres—disse o jornalista míope— Ninguém os menciona. E ali estavam, espiando para os jagunços ou brigando ombro a ombro com eles. Mandando informações e trazendo remédios, contrabandeando salitre e enxofre para fabricar explosivos. Não é surpreendente? Não é importante?

—Está você seguro?—interessou-se o Barão.

—A um desses padres o conheci, quase posso dizer que nos fizemos amigos—assentiu o jornalista míope— O Padre Joaquim, pároco de Cumbe.

O Barão escrutinou a seu hóspede:

—Esse cura carregado de filhos? Esse bêbado e praticante dos sete pecados capitais estava em Canudos?

—É um bom indício do poder de persuasão do Conselheiro— afirmou o jornalista— Além de transformar em santos aos ladrões e assassinos, catequizou aos curas corrompidos e simoníacos do sertão. Homem inquietante não é certo?

Aquela velha anedota pareceu subir à memória do Barão do final dos tempos. Ele e Estela, seguidos de um pequeno séquito de homens armados, entravam em Cumbe e se dirigiam sem perda de tempo à igreja, obedecendo os sinos que chamavam à missa do domingo. O famoso Padre Joaquim, em que pese a seus esforços, não conseguia dissimular os rastros do que devia ter sido uma noite em branco de violão, aguardente e saias. Recordou o desagrado da Baronesa pelos equívocos do cura, as arcadas que lhe sobrevieram em pleno ofício e sua fuga precipitada para ir vomitar. Voltou a ver, inclusive, a cara de sua concubina: não era acaso a moça a que chamavam “fazedora de chuva” porque sabia detectar “caçambas” subterrâneas? Assim que o cura se voltou Conselheirista, também.

—Sim, Conselheirista e, de certa forma, herói.—O jornalista lançou uma dessas gargalhadas que faziam o efeito de um deslizamento de pedrinhas por sua garganta; como costumava lhe ocorrer, também esta vez a risada terminou em espirros.

—Era um cura pecador mas não estúpido—refletiu o Barão— Quando estava sóbrio se podia conversar com ele. Homem acordado e até com leituras. Custa-me acreditar que caísse também sob o feitiço de um enganador, igual aos analfabetos do sertão.

—A cultura, a inteligência, os livros não têm nada a ver com a história do Conselheiro—disse o jornalista míope— Mas isso é o de menos. O surpreendente não é que o Padre Joaquim se fizesse jagunço. É que o Conselheiro o voltasse valente, a ele que era um covarde.—Pestanejou, atordoado— É a conversão mais difícil, a mais milagrosa. Posso dizer eu. Eu sei o que é o medo. E o cura de Cumbe

era um homem com bastante imaginação para saber sentir pânico, para viver no terror. E entretanto...

Sua voz se cavou, esvaziada de substância, e sua cara se voltou careta. O que lhe tinha ocorrido, de repente? O Barão advertiu que seu hóspede instava por serenar-se, por romper algo que o atava. Tratou de ajudá-lo:

—E, entretanto...? —animou-o.

—E entretanto esteve meses, talvez anos, viajando pelos povoados, pelas fazendas, pelas minas, comprando pólvora, dinamites, espoletas. Urdindo mentiras para justificar essas compras que deviam chamar um tanto a atenção. E quando o sertão se encheu de soldados sabe como se jogava a pele? Escondendo barricas de pólvora no baú dos objetos de culto, entre o sagrário, o cálice sagrado das hóstias, o crucifixo, o casulo. Passava isso nas barbas da Guarda Nacional, do Exército. Adivinha o que significa fazer algo assim sendo covarde, tremendo, suando gelo? Adivinha a convicção que teria que ter?

—O catecismo está cheio de histórias parecidas, meu amigo— murmurou o Barão— Os flechados, devorados por leões, os crucificados, os... Mas, é certo, custa-me imaginar ao Padre Joaquim fazendo essas coisas pelo Conselheiro.

—Tem que haver um convencimento profundo—repetiu o jornalista míope— Uma segurança íntima, total, uma fé que sem dúvida você não sentiu nunca. Eu tampouco...

Cabeceou outra vez como uma galinha sem quietude e se içou em seus largos braços ossudos até a poltrona de couro. Jogou uns segundos com suas mãos, caviloso, antes de seguir:

—A Igreja tinha condenado ao Conselheiro formalmente por herético, supersticioso, agitador e perturbador de consciências. O Arcebispo da Bahia tinha proibido aos párocos que lhe permitissem pregar nos púlpitos. Necessita-se uma fé absoluta, para, sendo padre, desobedecer à própria Igreja, ao próprio Arcebispo e correr o risco de condenar-se por ajudar ao Conselheiro.

—O que o angustia assim?—disse o Barão— A suspeita de que o Conselheiro fosse efetivamente um novo Cristo, vindo pela segunda vez a redimir aos homens?

Disse-o sem pensar e apenas ao dizer se sentiu incômodo. Queria fazer uma brincadeira? Mas nem ele nem o jornalista míope sorriam. Viu este fazer uma negativa com a cabeça, que podia ser sua resposta ou uma maneira de espantar uma mosca.

—Até nisso pensei—disse o jornalista míope— Se era Deus, se o enviou Deus, se existia Deus... Não sei. Em todo caso, esta vez não ficaram discípulos para propagar o mito e levar a boa nova aos pagãos. Ficou um sozinho, que eu saiba; duvido que baste...

Lançou outra gargalhada e os espirros o ocuparam um bom momento. Quando terminou tinha o nariz e os olhos irritados.

—Mas, mais que em sua possível divindade, pensei nesse espírito solidário, fraterno, no vínculo inquebrável que conseguiu forjar entre essa gente—disse o jornalista míope, em tom patético— Assombroso, comovedor. Depois de 18 de julho, só ficaram abertas as rotas de Chorrochó e do Riacho Seco. O que era a lógica? Que a gente tentasse ir, escapar por esses atalhos antes de que elas também se fechassem não é certo? Mas foi ao contrário. A gente tratava de entrar em Canudos, continuavam vindo de todos lados, desesperado-se, apurados, a meter-se à ratoeira, ao inferno, antes de que os soldados completassem o cerco. Vê você? Lá nada era normal.

—Você falou de padres em plural—interrompeu-o o Barão. Esse tema, a solidariedade e a vontade de imolação coletiva dos jagunços, turvava-o. Várias vezes tinha aparecido no diálogo e sempre o tinha afastado, como agora.

—Aos outros não os conheci—repôs o jornalista, como aliviado também de que o tivessem feito mudar de tema— Mas existiam, o Padre Joaquim recebia informes e ajuda deles. E, ao final, acaso estavam aí, disseminados, perdidos na massa de jagunços. Alguém me falou de uma tal Madre Martínez. Sabe quem? Você a conheceu, faz anos, muitos anos. A filicida de Salvador, diz-lhe algo?

—A filicida de Salvador?—disse o Barão.

—Eu assisti ao julgamento quando era de calça curta. Meu pai era defensor de ofício, advogado de pobres, ele a defendeu. Reconheci-a em que pese a não vê-la, em que pese a passar vinte ou vinte e cinco anos. Você lia periódicos então, não? Todo o Nordeste se apaixonou pelo caso da Maria Quadrado, a filicida de Salvador. O Imperador lhe comutou a pena de morte pela cadeia perpétua. Não a recorda? Ela

estava também em Canudos. Vê como é uma história de alguma vez acabar?

—Isso já sei—disse o Barão— Todos os que tinham contas com a justiça, com sua consciência, com Deus, encontraram graças à Canudos um refúgio. Era natural.

—Que se refugiassem lá, sim, mas não que virassem outros.— Como se não soubesse o que fazer com seu corpo, o jornalista voltou a deslizar-se ao chão com uma flexão de suas largas pernas— Era a Santa, a Mãe dos Homens, a Superiora das devotas que cuidavam de Conselheiro. Atribuía-lhe milagres, dizia-se que tinha peregrinado com ele por todo mundo.

A história foi reconstruindo-se na memória do Barão. Um caso célebre, motivo de falatórios sem conta. Era faxineira de um notário e tinha afogado a seu filho recém-nascido, lhe colocando um novelo de lã na boca, pois como chorava muito, temia que por sua culpa a jogassem do trabalho. Teve o cadáver vários dias debaixo da cama, até que o descobriu a proprietária da casa pelo aroma. A moça confessou tudo imediatamente. Durante o julgamento, manteve uma atitude mansa e respondeu com boa vontade e franqueza a todas as perguntas. O Barão recordava a polêmica que tinha provocado a personalidade da filicida entre quem defendia a tese da “catatonia irresponsável” e os que a consideravam “um instinto perverso”. Fugiu do cárcere, então? O jornalista mudara uma vez mais de tema:

—Antes de 18 de julho muitas coisas tinham sido terríveis, mas, em realidade, só nesse dia toquei, cheirei e traguei o horror até senti-lo nas tripas.—O Barão viu que o míope se dava um golpe no estômago— Nesse dia encontrei-me, falei com ela e soube que era a filicida com a que sonhei tanto de menino. Ajudou-me, pois eu tinha ficado sozinho.

—Em 18 de julho eu estava em Londres—disse o Barão— Não estou informado dos pormenores da guerra. O que passou esse dia?

—Vão atacar amanhã—ofegou João Abade, que viera correndo. Nesse momento recordou algo importante — Louvado seja o Bom Jesus.

Fazia um mês que os soldados estavam nos Montes da Favela e a guerra se eternizava: tiroteios salpicados e bombardeios, geralmente às horas dos sinos. Ao despontar o dia, ao meio dia e a tarde a gente

circulava só por certos locais. O homem ia se acostumando, criava rotinas contudo, não? Morria gente e cada noite havia enterros. Os bombardeios cegos destruíam molhos de casas, estripavam aos velhos e às criaturas, quer dizer a quem não ia às trincheiras. Parecia que tudo ia continuar assim, indefinidamente. Mas não, ia ser pior, acabava-o de dizer o Comandante da Rua. O jornalista míope estava sozinho, pois Jurema e o Miúdo tinham ido levar a comida ao Pajeú, quando se apresentaram no armazém os que dirigiam a guerra: Honório Vilanova, João Grande, Pedrão, o próprio Pajeú. Estavam inquietos, bastava cheirá-los, a atmosfera do local delatava algo tenso. E entretanto nenhum se surpreendeu quando João Abade anunciou que iam atacar amanhã. Sabia tudo. Canhoneariam Canudos toda a noite, para abrandar as defesas, e às cinco da madrugada começaria o assalto das tropas. Sabia por quais locais. Falavam tranqüilos, repartiam-se os lugares, você espera-os aqui, terá que fechar a rua lá, levantaremos barreiras para cá, melhor eu me movo daqui se por acaso mandam cães deste lado. Podia o Barão imaginar o que ele sentia, escutando isso? Então surgiu o assunto do papel. Que papel? Um que uma “criança” do Pajeú trouxe correndo a toda carreira. Houve conciliábulo, perguntaram-lhe se podia lê-lo e ele tratou, com sua lente de pedacinhos, ajudando-se com uma vela, de decifrar o que dizia. Não o conseguiu. Então João Abade fez chamar o Leão de Natuba.

—Nenhum dos lugares-tenentes do Conselheiro sabia ler?— perguntou o Barão.

—Antonio Vilanova sabia, mas não estava em Canudos—disse o jornalista míope— E também sabia o que mandaram chamar. O Leão de Natuba. Outro íntimo, outro apóstolo do Conselheiro. Lia, escrevia, era o sábio de Canudos.

Calou, interrompido por uma rajada de espirros que o teve dobrado, agarrando o estômago.

—Não podia lhe ver os detalhes, as partes—sussurrou depois, ofegando— Só o vulto, a forma, ou, melhor dizendo, a falta de forma. Bastava para adivinhar o resto. Caminhava a quatro patas, tinha uma enorme cabeça e uma grande corcunda. Mandaram-no chamar e veio com a Maria Quadrado. Leu-lhes o papel. Eram as instruções do Comando para o assalto da madrugada.

A voz funda, melódica, normal, enumerava os dispositivos de batalha, a colocação dos regimentos, as distâncias entre companhia e companhia, entre combatente e combatente, os sinais, os toques, e, enquanto, o medo ia impregnando, e uma ansiedade sem limites para que Jurema e o Miúdo retornassem. Antes de que o Leão de Natuba terminasse de ler, a primeira parte do plano dos soldados entrou em execução: o bombardeio de abrandamento.

—Agora sei que nesse momento só nove canhões disparavam contra Canudos e que nunca disparariam mais de dezesseis ao mesmo tempo—disse o jornalista míope— Mas essa noite pareciam mil, parecia como se todas as estrelas do céu se puseram a nos bombardear.

O estrondo fazia vibrar as calaminas, estremecer os suportes e o mostrador, e se ouviam desmoronamentos, chiados, carreiras e, nas pausas, a inevitável gritaria dos meninos. “Começou”, disse um dos jagunços. Saíram a ver, retornaram, disseram a Maria Quadrado e ao Leão de Natuba que não podiam voltar para Santuário pois o trajeto estava varrido pelo fogo, e o jornalista ouviu que a mulher insistia em voltar. João Grande a dissuadiu, lhe jurando que logo que amainasse o disparo ele mesmo viria a conduzi-los ao Santuário. Os jagunços partiram e ele compreendeu que Jurema e o Miúdo—se ainda vivessem—tampouco poderiam retornar desde Rancho do Vigário aonde ele estava. Compreendeu, em seu incomensurável espanto, que teria que suportar tudo aquilo sem outra companhia que a Santa e o monstro quadrumano de Canudos.

—Do que ri agora?—disse o Barão da Canabrava.

—É muito ruim para poder contar—balbuciou o jornalista míope. Permaneceu ensimesmado e, de repente, elevou a cara e exclamou — Canudos mudou minhas idéias sobre a história, sobre o Brasil, sobre os homens. Mas, principalmente, sobre mim.

—Pelo tom em que o diz, não foi para melhor—murmurou o Barão.

—Assim é—sussurrou o jornalista— Graças à Canudos tenho um conceito muito pobre de mim mesmo.

Não era também seu caso, em certo modo? Não havia Canudos revoltou sua vida, suas idéias, seus costumes, como um beligerante torvelinho? Não tinha deteriorado suas convicções e ilusões? A

imagem de Estela, em suas habitações do segundo piso, com a Sebastiana aos pés de sua cadeira de balanço, acaso lhe relendo parágrafos das novelas que gostava, talvez penteando-a ou lhe fazendo escutar as caixas de música austríacas, e a cara abstraída, retirada, inalcançável, da mulher que tinha sido o grande amor de sua vida —essa mulher que simbolizou sempre para ele a alegria de viver, a beleza, o entusiasmo, a elegância—voltou a encher de fel seu coração. Fazendo um esforço, falou do primeiro que lhe passou pela cabeça:

—Você mencionou ao Antonio Vilanova—disse, com precipitação — O comerciante, verdade? Um ser metalizado e calculador como poucos. Conheci-os muito, a ele e ao irmão. Foram fornecedores de Calumbí. Também virou santo?

—Para fazer negócios não estava ali—recuperou sua risada sarcástica o jornalista míope— Era difícil fazer negócios em Canudos. Lá não circulava o dinheiro da República. Não vê que era o dinheiro do Cão, do Diabo, dos ateus, protestantes e maçons? Por que acredita que os jagunços lhes tiravam as armas aos soldados mas não as carteiras?

“Ou será que, depois de tudo, o frenólogo não estava tão desencaminhado”, pensou o Barão. “Ou será que, graças a sua loucura, Gall tinha chegado a pressentir algo da loucura que foi Canudos.”

—Não estava fazendo o sinal da cruz e dando-se golpes no peito—proseguiu o jornalista míope— Era um homem prático, realizador. Sempre movendo-se, organizando, fazia pensar em uma máquina de energia perpétua. Durante esses cinco meses infinitos, ocupou-se de que Canudos tivesse que comer. Por que fazia isso, entre as balas e a carniça? Não há outra explicação. O Conselheiro lhe havia tocado alguma fibra secreta.

—Como a você—disse o Barão— Faltou pouco para que também virasse santo.

—Até o final esteve saindo a trazer comida—disse o jornalista, sem lhe fazer caso— Partia com poucos homens, às escondidas. Cruzavam as linhas, assaltavam os comboios. Sei como o faziam. Com o ruído infernal dos trabucos provocavam uma correria. Na

desordem, tocavam dez, quinze bois à Canudos. Para que os que morreriam pelo Bom Jesus pudessem brigar um pouco mais.

—Sabe de onde vinham essas cabeças de gado?—interrompeu-o o Barão.

—Dos comboios que mandava o Exército de Monte Santo à Favela—disse o jornalista míope— Como as armas e balas dos jagunços. Uma das excentricidades desta guerra: o Exército nutria suas forças e ao adversário.

—Os roubos dos jagunços eram roubos de roubos—suspirou o Barão— Muitas dessas vacas e cabras eram minhas. Raras vezes compradas. Quase sempre arrebatadas aos meus vaqueiros pelos lançadores gaúchos. Tenho um amigo fazendeiro, o velho Murau, que ajuizou ao Estado pelas vacas e ovelhas que comeram os soldados. Reclama setenta contos de reis, nada menos.

Meio sonado, João Grande cheira o mar. Uma sensação cálida o percorre, algo que lhe parece a felicidade. Nestes anos em que, graças ao Conselheiro, encontrou quietude para o lacerante ferver que era sua alma quando servia ao Diabo, só uma coisa tem saudades, às vezes, quantos anos que não via, cheirava, sentia no corpo o mar? Não tem idéia mas sabe que transcorreu muito tempo da última vez que o viu, naquele alto promontório rodeado de canaviais onde a senhorita Adelinha Isabel de Gumucio subia a ver os crepúsculos. Balas isoladas lhe recordam que a batalha não terminou, mas não se inquieta: sua consciência lhe diz que até se estivesse acordado nada trocaria, já que nem a ele nem a nenhum dos homens da Guarda Católica encolhidos nessas trincheiras fica um cartucho de *Mánlicher* nem projétil de escopeta nem um grão de pólvora para fazer acionar as armas de explosão fabricadas por esses ferreiros de Canudos que a necessidade tornou armeiros.

Para que seguem, então, nessas covas dos montes, na quebrada ao pé da Favela onde estão amontoados os cães? Cumprem ordens do João Abade. Este, depois de assegurar-se que todas as forças da Primeira Coluna se achavam já na Favela, imobilizadas pelo tiroteio dos jagunços que rodeiam as colinas e os acertam desde os parapeitos, trincheiras, esconderijos, foi a tratar de capturar o comboio de munições, mantimentos, cabeças de gado e cabras, dos soldados, que, graças à topografia e à perseguição do Pajeú, vêm

muito atrasado. João Abade, que espera surpreender ao comboio em Umburanas e desviá-lo à Canudos, pediu ao João Grande que a Guarda Católica límpida, custe o que custar, que os regimentos da Favela dêem marcha atrás. Meio sonado, o ex-escravo se diz que os cães devem ser muito estúpidos ou ter perdido muita gente, pois, até agora, nem sequer um patrulha tentou retroceder o caminho das Umburanas para averiguar o que ocorre com o comboio. Os homens da Guarda Católica sabem que, ao menor intento dos soldados de abandonar a Favela, devem equilibrar-se sobre eles e lhes fechar a passagem, com facas, facões, baionetas, unhas, dente. O velho Joaquim Macambira e sua gente, emboscados ao outro lado do atalho aberto pelos soldados e seus calhambeques e canhões em sua passagem à Favela, farão o mesmo. Não o tentarão, estão muito concentrados em responder ao fogo que lhes fazem do fronte e os flancos, muito ocupados em bombardear Canudos para adivinhar o que ocorre à suas costas. “João Abade é mais inteligente que eles”, sonha. Não resultou boa sua idéia de trazer para os cães à Favela? Não ocorreu a ele que Pedrão e os Vilanova fossem esperar aos outros diabos no desfiladeiro de Cocorobó? Ali também devem havê-los destroçado. O aroma do mar, que lhe entra pelo nariz e o embebeda, afasta-o da guerra e vê ondas e sente sobre sua pele a carícia da água espumosa. É a primeira vez que dorme, depois de quarenta e oito horas de estar brigando.

Às duas horas o acorda um mensageiro do Joaquim Macambira. É um de seus filhos, jovem, esbelto, de cabelos compridos, que, de cócoras na trincheira, espera pacientemente que João Grande se desatordoe. Seu pai necessita munições, quase não ficam balas nem pólvora a seus homens. Com a língua entorpecida pelo sonho, João Grande lhe explica que a eles tampouco, tiveram alguma mensagem do João Abade? Nenhuma. E do Pedrão? O jovem assente: teve que retirar-se de Cocorobó, ficaram sem munições e perderam muita gente. Tampouco puderam parar aos cães em Trabubú.

João Grande se sente por fim acordado.

—Significa isso que o Exército do Geremoabo vem para aqui?

—Vem—diz o filho do Joaquim Macambira— Pedrão e os cabras que não morreram estão já em Belo Monte.

Talvez é o que deveria fazer a Guarda Católica: retornar à Canudos para defender ao Conselheiro do assalto que parece inevitável, se o outro Exército se encaminhar para aqui. O que vai fazer Joaquim Macambira? O jovem não sabe. João Grande decide ir falar com o velho.

É tarde na noite e o céu está tachonado de estrelas. Depois de instruir aos homens que não se movam dali, o ex-escravo se desprende silenciosamente pelo cascalho da ladeira, junto ao jovem Macambira. Por desgraça, com tantas estrelas verá os cavalos estripados e bicados pelos urubus, e o cadáver da anciã. Tudo no dia anterior e parte da véspera esteve vendo esses animais que montam os oficiais, as primeiras vítimas da fuzilaria. Está seguro de ter matado ele também a vários desses animais. Teria que fazê-lo, estavam por meio do Pai, do Bom Jesus Conselheiro e Belo Monte, o mais precioso desta vida. Fará quantas vezes seja preciso. Mas algo em sua alma protesta e sofre ao ver cair relinchando a esses animais, ao vê-los agonizar horas e horas, com as vísceras derramadas pelo chão e uma pestilência que envenena o ar. Ele sabe de onde vem esse sentimento de culpa, de estar pecando, que o embarga quando dispara aos cavalos dos oficiais. É a lembrança do cuidado que protegia aos cavalos da fazenda, onde o amo Adalberto de Gumucio tinha imposto à familiares, empregados e escravos a religião dos cavalos. Ao ver as sombras pulverizadas dos cadáveres dos animais, enquanto cruza o atalho escondido junto ao jovem Macambira, pergunta-se por que o Pai lhe conserva tão forte na cabeça certos fatos de seu passado pecador, como a nostalgia do mar, como o amor aos cavalos.

Nisso vê o cadáver da anciã e sente um golpe de sangue no peito. Viu-a só um segundo, a cara banhada pela lua, os olhos abertos e enlouquecidos, dois únicos dentes se sobressaindo dos lábios, os cabelos revoltos, a frente e o cenho crispados. Não sabe seu nome mas a conhece muito bem, faz muito que veio a instalar-se em Belo Monte com uma numerosa família de filhos, filhas, netos, sobrinhos e recolhidos, em uma casinha de barro da rua Coração do Jesus. Foi a primeira que pulverizaram os canhões do Cortapescoços. A velha estava na procissão e quando retornou a sua casa, era um montão de escombros sob os quais se achavam três de suas filhas e todos seus netos, uma dúzia de criaturas que dormiam uma sobre outra em um

par de redes e no chão. A mulher tinha subido às trincheiras das Umburanas com a Guarda Católica, quando esta veio ali, fazia três dias, a esperar aos soldados. Com outras mulheres tinha cozinhado, gasta água da aguada vizinha aos jagunços, mas quando começou o tiroteio João Grande e os homens a viram, de repente, em meio da poeirada, desprender-se a tropeções pelo cascalho e chegar até o atalho, onde—devagar, sem tomar precaução alguma—dedicou-se a perambular entre os soldados feridos, rematando-os com uma pequena adaga. Tinham-na visto escavar nos cadáveres uniformizados e antes de que a derrubassem as balas, tinha chegado a despir a alguns e a lhes cortar sua dignidade e incrustar-lhe na boca. Durante o combate, enquanto via passar soldados e cavaleiros e os via morrer, disparar, atropelar-se, pisotear a seus feridos e mortos, fugir do tiroteio e precipitar-se pelo único caminho livre—os Montes da Favela— João Grande voltava constantemente os olhos para o cadáver dessa anciã que acabava de deixar atrás.

Ao aproximar-se de um lodaçal erupcionado de árvores de favela, cactos, um e outro *imbuzeiro*, o jovem Macambira leva a boca o apito de madeira e sopra um som que parece de loro. Responde-lhe outro som idêntico. Agarrando pelo braço João, o moço o guia pelo lodaçal, onde se afundam até os joelhos, e pouco depois o ex-escravo está bebendo um saco de água adocicada junto ao Joaquim Macambira, ambos de cócoras sob uma ramada em torno da qual brilham muitas pupilas.

O velho está angustiado, mas João Grande se surpreende ao descobrir que sua angústia se deve exclusivamente ao canhão longo, larguíssimo, lustroso, puxado por quarenta bois que viu no caminho de Jueté. “Se a Matadeira disparar, voarão as torres e as paredes do Templo do Bom Jesus e desaparecerá Belo Monte”, resmunga, lúgubre. João Grande o escuta com atenção. Joaquim Macambira lhe inspira reverência, há nele algo venerável e patriarcal. É muito ancião, os cabelos brancos lhe caem em cachos até o ombro e uma barbicha branqueia sua cara curtida, de nariz sarmentoso. Em seus olhos enrugados bole uma incontável energia. Foi dono de uma grande plantação de mandioca e milho, entre Cocorobó e Trabubú, essa comarca que se chama justamente Macambira. Trabalhava essas terras com seus onze filhos e guerreava com seus vizinhos por litígios limítrofes. Um dia abandonou tudo e se trasladou com sua enorme

família à Canudos, onde ocupam meia dúzia de moradias frente ao cemitério. Todos em Belo Monte tratam ao velho com um pouco de temor pois tem fama de orgulhoso.

Joaquim Macambira mandou mensageiros a perguntar ao João Abade se, em vista das circunstâncias, segue cuidando de Umburanas ou dedica-se à Canudos. Ainda não há resposta. O que pensa ele? João Grande move sua cabeça com desgosto: não sabe o que fazer. Por um lado, o mais urgente é correr a Belo Monte a proteger ao Conselheiro se por acaso há um assalto pelo Norte. De outro não disse João Abade que é imprescindível que lhe cuidem as costas?

— Mas com o que?—ruge Macambira— Com as mãos?

— Sim —assente humildemente João Grande— se não houver outra coisa.

Concordam permanecer em Umburanas até ter notícias do Comandante da Rua. Despedem-se com um simultâneo “Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro”. Ao internar-se de novo no lodaçal, desta vez sozinho, João Grande ouve os apitos que parecem loritos indicando aos jagunços que o deixem passar. Enquanto chapinha no barro e sente em sua cara, braços e peito bicadas de mosquitos, trata de imaginar a Matadeira, esse artefato que tanto alarmou Macambira. Deve ser enorme, mortífero, trovejante, um dragão de aço que vomita fogo, para assustar a um bravo como o velho. O Maligno, o Dragão, o Cão é realmente poderoso, de infinitos recursos, pode mandar contra Canudos inimigos cada vez mais numerosos e melhor armados. Até quando queria provar o Pai a fé dos católicos? Não tinham sofrido o bastante? Não passaram bastante fome, mortes, sofrimentos? Não, ainda não. Disse o Conselheiro: a penitência será do mesmo tamanho de nossas culpas. Como sua culpa é mais grave que a dos outros, ele, sem dúvida, terá que pagar mais. Mas é um grande consolo estar do lado da boa causa, saber que briga junto a São Jorge e não junto ao Dragão.

Quando chegou à trincheira começou a amanhecer; salvo os sentinelas subidos nas rochas, os homens, esparramados pelas ladeiras, seguem dormindo. João Grande está encolhendo-se, sentindo que o sonho o abrandava, quando um galope o incorpora de um salto. Envoltos em uma poeirada, vêm para ele oito ou dez

cavaleiros. Exploradores, a vanguarda de uma tropa que irá proteger o comboio? Na luz ainda muito fraca uma chuva de flechas, dardos, pedras, lanças, rompe sobre a patrulha das ladeiras e ouve tiros no lodaçal onde está Macambira. Os cavaleiros voltam à garupas para a Favela. Agora sim, está seguro que a tropa de reforços ao comboio vai aparecer a qualquer momento, numerosa, para homens aos que só ficam suspensões, baionetas e facas, e João Grande roga ao Pai que João Abade tenha tempo de cumprir seu plano.

Aparecem uma horas depois. Para então a Guarda Católica obstruiu de tal modo a quebrada com os cadáveres dos cavalos, mulas e soldados, e com lajes, arbustos e cactos que fazem rodar dos pendentes, que duas companhias de sapadores têm que vir por diante a reabrir o atalho. Não lhes resulta fácil, pois, além da fuzilaria que faz sobre eles Joaquim Macambira com suas últimas munições e que os obriga a retroceder um par de vezes, quando os sapadores começaram a dinamitar os obstáculos, João Grande e uma centena de seus homens chegam até eles arrastando-se e os fazem travar-se em luta corpo a corpo. Antes de que apareçam mais soldados, ferem-lhes e matam vários, além de lhes arrebatam alguns rifles e essas preciosas mochilas de projéteis. Quando João Grande dá com o apito e logo a gritos ordem de retirada, vários jagunços ficam no atalho, mortos ou agonizantes. Já acima, protegido pelas lajes da chuva de granizo de balas, o ex-escravo tem tempo de comprovar que está ileso. Manchado de sangue, sim, mas é sangue alheio; limpa-se com areia fina. É divino que em três dias de guerra não tenha recebido nem um arranhão? De barriga no chão, ofegando, vê no atalho por fim aberto que os soldados passam de quatro, no fundo, em direção aonde se acha João Abade. Por dezenas, por centenas, vão proteger o comboio, sem dúvida, pois, em que pese a todas as provocações da Guarda Católica e de Macambira, não se incomodam em subir as ladeiras nem invadir o lodaçal. Limitam-se a orvalhar ambos os flancos com fuzilaria de pequenos grupos de atiradores que põem um joelho em terra para disparar. João Grande não duvida mais. Já não pode ajudar em nada aqui ao Comandante da Rua. Assegura-se que a ordem de substituir chegue a todos, saltando entre os penhascos, indo de trincheira em trincheira, baixando atrás das colinas a ver se as mulheres que cozinhavam partiram. Já não estão ali. Então, reemprende também a volta a Belo Monte.

Faz-o seguindo um ramal serpenteando o Vassa Barris, que só se alaga nas grandes crescentes. No esqualido leito de pavimentação de calhaus João sente aumentar o calor da manhã. Vai atrasado, averiguando pelos mortos, intuindo a tristeza do Conselheiro, do Beato, da Mãe dos Homens, quando souberem que esses irmãos se apodrecerão à intempérie. Lastima recordar esses moços, muitos dos quais ensinou a disparar, convertidos em alimento de abutres, sem um enterro com rezas. Mas como poderiam resgatar seus restos?

Ao longo de todo o trajeto ouvem tiros, da direção da Favela. Um jagunço diz que é estranho que Pajeú, Irmã Quadrado e Taramela, que fuzilam os cães desde essa frente, possam fazer tantas descargas. João Grande lhe recorda que a maior parte das munições se repartiram aos homens dessas trincheiras, que se interpõem entre Belo Monte e a Favela. E que até os ferreiros se transladaram ali com suas bigornas e foles para seguir fundindo chumbo junto aos combatentes. Entretanto, logo que avistam Canudos sob umas nubéculas que devem ser explosão de granadas—o sol está alto e as torres do Templo e das moradias caídas reverberam— João Grande presente a boa nova. Pestaneja, olha, calcula, compara. Sim, disparam rajadas contínuas do Templo do Bom Jesus, da Igreja do Santo Antonio, dos parapeitos do cemitério, igual a dos barrancos do Vassa Barris e Fazenda Velha. De onde saem tantas munições? Minutos depois uma “criança” lhe traz uma mensagem do João Abade.

—Ou será que voltou para Canudos—exclama o ex-escravo.

—Com mais de cem vacas e muitos fuzis—diz o menino, entusiasmado— E gavetas de balas, de amadurecidas e latas grandes de pólvora. Roubou-lhes isso aos cães e agora todo Belo Monte está comendo carne.

João Grande põe uma de suas mãos sobre a cabeça do menino e refreia sua emoção. João Abade quer que a Guarda Católica vá à Fazenda Velha, a reforçar ao Pajeú, e que o ex-escravo se reúna com ele em casa da Vilanova. João Grande enrumba a seus homens pelos barracões do Vassa Barris, ângulo morto que os protegerá contra os tiros da Favela, para a Fazenda Velha, um quilômetro de atalhos e esconderijos escavados, aproveitando os desníveis e sinuosidades do terreno que são a primeira linha de defesa de Belo Monte, apenas a

meia centena de metros dos soldados. Desde que retornou, o caboclo Pajeú se encarrega dessa frente.

Ao chegar a Belo Monte, João Grande logo que pode ver pela densidade do terral que deforma tudo. A fuzilaria é muito forte e ao estrondo dos disparos se soma o ruído de telhas que se quebram, paredes que se derrubam e latas que retintine. O menino o agarra na mão: ele sabe por onde não caem balas. Nestes dois dias de bombardeio e tiroteio a gente estabeleceu uma geografia de segurança e circula só por certas ruas e por certo ângulo de cada rua, a salvo da metralha. As cabeças de gado que trouxe João Abade são carneadas no beco do Espírito Santo, convertido em curral e matadouro, e há ali uma larga cauda de velhos, meninos e mulheres, esperando suas rações, tanto que Campo Grande parece um acampamento militar pela quantidade de caixas, barris e de fuzis entre os que se agita uma multidão de jagunços. Os burros de carga que arrastaram o carregamento têm visíveis as marcas dos regimentos e alguns sangram dos açoites e relincham, atemorizados pelo estrondo. João Grande vê um burro morto ao que devoram cães esqueléticos entre nuvens de moscas. Reconhece ao Antonio e Honório Vilanova encarapitados em um soalho; a gritos e gestos, distribuem essas caixas de munições que levam de dois em dois, correndo, pegos ao lado setentrional das moradias, jagunços jovens, alguns tão meninos como este que não o deixa aproximar-se dos Vilanova e o ameaça a entrar na antiga casa-fazenda, onde, diz-lhe, espera-o o Comandante da Rua. Que os meninos de Canudos sejam mensageiros—chamam-os “crianças”— foi idéia do Pajeú. Quando o propôs, neste mesmo armazém, João Abade disse que era arriscado, não eram responsáveis e sua memória falhava, mas Pajeú insistiu, refutando-o: em sua experiência, os meninos tinham sido rápidos, eficientes e também abnegados. “Era Pajeú quem tinha razão”, pensa o ex-escravo vendo a mão pequenina que não solta a sua até que o deixa em frente a João Abade, quem, apoiado no mostrador, bebe e mastiga, tranqüilo, enquanto escuta ao Pedrão, ao que rodeiam uma dúzia de jagunços. Ao vê-lo, faz-lhe gestos de que se aproxime e lhe aperte a mão com força. João Grande quer lhe dizer o que sente, lhe agradecer, felicitá-lo por ter conseguido essas armas, munições e comida, mas, como sempre, algo o retém, intimida, envergonha: só o Conselheiro é capaz de romper essa barreira que desde que tem uso de razão lhe impede de participar às pessoas os sentimentos de sua

alma. Saúda os outros com movimentos de cabeça ou aplaudindo-os. Sente de repente um enorme cansaço e agachada no chão. Assunção Sardelinha lhe põe nas mãos uma tigela repleta de carne assada com farinha e uma jarra de água. Durante um momento esquece a guerra e quem é e come e bebe com felicidade. Quando termina, nota que João Abade, Pedrão e os outros estão calados, esperando-o, e se sente confuso. Balbucia uma desculpa.

Está lhes explicando o acontecido em Umburanas quando o indescritível trovão o levanta e remexe no lugar. Uns segundos todos permanecem imóveis, encolhidos, com as mãos cobrindo a cabeça, sentindo vibrar as pedras, o teto, os objetos do armazém como se tudo, por efeito da interminável vibração, fosse quebrar-se em mil lascas.

—Vêem, vêem, dão-se conta?—entra rugindo o velho Joaquim Macambira, irreconhecível pelo barro e pelo pó— Vê o que é a Matadeira, João Abade?

Em vez de lhe responder, este ordena à “criança” que guiou ao João Grande e ao que a explosão lançou contra os braços do Pedrão, dos que sai com a cara decomposta pelo medo, que veja se o tiro prejudicou o Templo do Bom Jesus ou o Santuário. Logo, faz gestos a Macambira de que se sente. Mas o velho está frenético e, enquanto mordisca a parte de carne que dá Antonia Sardelinha, segue falando com espanto e ódio da Matadeira. João Grande o ouve resmungar: “Se não fizermos algo nos enterrará”.

E de repente João Grande está vendo, em um sonho plácido, a uma tropa de alazões briosos que galopam por uma praia arenosa e arremetem contra o mar branco de espuma. Há um aroma de canaviais, a mel recém feito, a bagaço triturado que perfuma o ar. Entretanto, a sorte que é ver esses lustrosos animais, relinchantes de alegria entre as frescas ondas, dura pouco, pois subitamente surge do fundo do mar o alargado e mortífero artefato, cuspidando fogo como o Dragão ao qual Oxossi nos candomblés de Mocambo extermina com uma espada reluzente. Alguém retumba: “O Diabo ganhará”. O susto o acorda.

Depois de uma cortina de ramelas vê, à luz vacilante de um acendedor, a três pessoas comendo: a mulher, o cego e o miúdo que vieram a Belo Monte com o Padre Joaquim. É de noite, não há

ninguém mais no recinto, dormiu muitas horas. Sente um remorso que o acorda de tudo. “O que passou?”, grita, levantando-se. Ao cego lhe escapa o pedaço de carne e o vê apalpar a terra, buscando-o.

“Eu os supliquei que lhe deixassem dormir”, ouve a voz do João Abade, e nas sombras se perfila sua robusta silhueta. “Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro”, murmura o ex-escravo e começa a desculpar-se, mas o Comandante da Rua o atalha: “Precisava dormir, João Grande, ninguém vive sem dormir”. Sentado em um tonel, junto ao acendedor, e o ex-escravo vê que está gasto, com os olhos afundados e a frente estriada. “Enquanto eu sonhava com cavalos, você brigava, corria, ajudava”, pensa. Sente tanta culpa que apenas se dá conta que o Miúdo se aproxima de lhes alcançar uma latinha de água. Depois de beber, João Abade a passa.

O Conselheiro está a salvo, no Santuário, e os ateus não se moveram da Favela; tiroteavam, de quando em quando. Na cara fatigada do João Abade há inquietação. “O que acontece, João? Posso fazer algo?” O Comandante da Rua olha-o com afeto. Embora não falem muito, o ex-escravo sabe, das peregrinações, que o ex-cangaceiro o aprecia; em multidão de ocasiões o fez sentir.

—Joaquim Macambira e seus filhos vão subir à Favela, a calar à Matadeira—diz; as três pessoas sentadas como de costume deixam de comer e o cego estira sua cabeça com o olho direito preso a essa lente que é um quebra-cabeças de vidrinhos— Difícil que cheguem acima. Mas, se chegarem, podem inutilizá-lo. É fácil, lhe quebrar a espoleta ou lhe voar o carregador.

—Posso ir com eles?—interrompe-o João Grande— Colocar-lhe-ei pólvora no canhão, voarei.

—Pode ajudar aos Macambira a subir até lá—diz João Abade— Não ir com eles, João Grande. Só ajudá-los a chegar acima. É seu plano, sua decisão. Vêm, vamos.

Quando estão saindo, o Miúdo se prende ao João Abade e com voz açucarada o adula: “Quando quiser lhe contarei de novo a *Terrível e Exemplar História do Roberto o Diabo*, João Abade”. O ex-cangaceiro o afasta, sem lhe responder.

Fora, é noite entrada. Não brilha uma só estrela. Não se ouvem disparos e não se vê gente em Campo Grande. Tampouco luz nas moradias. As cabeças de gado foram levadas, logo que obscureceu,

atrás de Mocambo. O beco do Espírito Santo fede a carniça e a sangue ressecado e enquanto escuta o plano dos Macambira, João Grande sente revoar miríades de moscas sobre os despojos que escavam os cães. Remontam Campo Grande até a esplanada das igrejas, fortificada pelos quatro custados, com duplas e triplas paliçadas de tijolos, pedras, gavetas de terra, carros derrubados, barris, portas, latas, estacas, atrás dos quais se apinham homens armados. Descansam, tombados no chão, conversam ao redor de pequenos braseiros, e em uma das esquinas um grupo canta, animado por um violão. “Como pode ser tão pouca coisa que um não resista estar sem dormir nem sequer quando se trata de salvar a alma ou queimar-se pela vida eterna?”, pensa, atormentado.

Na porta do Santuário, ocultos depois de um alto parapeito de sacos e gavetas de terra, conversam com os homens da Guarda Católica enquanto esperam aos Macambira. O velho, seus onze filhos e as mulheres destes se acham com o Conselheiro. João Grande seleciona mentalmente aos moços que o acompanharão e pensa que gostaria de ouvir o que o Conselheiro diz a essa família que vai sacrificar-se pelo Bom Jesus. Quando saem, o velho tem os olhos brilhantes. O Beato e a Mãe Maria Quadrado os acompanham até o parapeito e os benzem. Os Macambira abraçam suas mulheres, que ficam a chorar, presas neles. Mas Joaquim Macambira põe fim à cena, indicando que é hora de partir. As mulheres se vão com o Beato a rezar ao Templo do Bom Jesus.

No caminho para as trincheiras da Fazenda Velha, recolhem a equipe que João Abade ordenou: barras, alavancas, petardos, tochas, martelos. O velho e seus filhos os repartem em silêncio, enquanto João Abade lhes explica que a Guarda Católica distrairá os cães, com uma ameaça de assalto, enquanto eles rastejam até a Matadeira. “Vamos ver se as “crianças” a localizaram”, diz.

Sim, localizaram-na. Confirma-o Pajeú, ao recebê-los na Fazenda Velha.

A Matadeira está na primeira elevação, imediatamente atrás do Monte Mario, junto com os outros canhões da Primeira Coluna. Colocaram-nos em fileira, entre sacos cheios de pedras. Duas “crianças” se arrastaram até ali e contaram, logo depois da terra de ninguém e da linha de atiradores mortos, três postos de vigilância nas ladeiras quase verticais da Favela.

João Grande deixa ao João Abade e os Macambira com o Pajeú e se desliza pelos labirintos escavados ao longo deste terreno contíguo à Vassa Barris. Desde estas socavas e vazios os jagunços infligiram o castigo mais duro aos soldados que, logo que chegaram às cúpulas e avistaram Canudos, precipitaram-se pelas ladeiras para a cidade estendida a seus pés. A terrível fuzilaria os parou em seco, fez-os voltar-se, revolver-se, atropelar-se, pisotear-se, embrulhar-se, descobrir que não podiam retroceder nem avançar nem escapar pelos flancos e que sua única opção era esmagar-se contra o chão e levantar defesas. João Grande caminha entre jagunços que dormem; cada certo trecho, um sentinela se desprende dos parapeitos para falar com ele. O ex-escravo acorda a quarenta homens da Guarda Católica e lhes explica o que vão fazer. Não lhe surpreende saber que essa trincheira quase não teve baixas; João Abade tinha previsto que a topografia protegeria ali aos jagunços melhor que em nenhuma parte.

Quando retorna a Fazenda Velha, com os quarenta moços, João Abade e Joaquim Macambira estão discutindo. O Comandante da Rua quer que os Macambira fiquem de uniformes de soldados, diz que assim terão mais probabilidades de chegar até o canhão. Joaquim Macambira se nega, indignado.

—Não quero me condenar—grunhe.

—Não vai se condenar. É para que você e seus filhos retornem com vida.

—Minha vida e a de meus filhos é nosso assunto—troveja o velho.

—Como queira—resigna-se João Abade— Que o Pai os acompanhe, então.

—Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro—despede-se o velho.

Quando estão internando-se na terra de ninguém, sai a lua. João Grande amaldiçoa entre dentes e ouve seus homens murmurar. É uma lua amarela, redonda, enorme, que substitui as trevas por uma tênue claridade em que aparece a superfície terrosa, sem arbustos, que se perde nas sombras densas da Favela. Pajeú os acompanha até o pé da ladeira. João Grande não pode deixar de pensar no mesmo: como pôde ficar dormindo quando todos velavam? Espiam a cara do Pajeú. Esteve três, quatro dias sem dormir? Perseguiu aos cães desde Monte Santo, deu tiros em Angico e Umburanas, retornou à Canudos

a acozá-los daqui, segue-o fazendo faz dois dias e aí está, fresco, tranqüilo, hermético, guiando-os junto com as duas “crianças” que o substituirão como guia no pendente. “Ele não dormiu”, pensa João Grande. Pensa: “O Diabo dormiu sobressalta; apesar dos anos transcorridos e da quietude que deu a sua vida o Conselheiro, de tempo em tempo, atormenta-o a suspeita de que o Demônio que se meteu no corpo a longínqua tarde em que matou a Adelinha de Gumucio, permanece escondido na sombra de sua alma, esperando a ocasião propícia para perdê-lo de novo.

De repente, o terreno se levanta, vertical, frente a eles. João se pergunta se o velho Macambira poderá escalá-lo. Pajeú lhes aponta a linha de atiradores mortos, visíveis à luz da lua. São muitos soldados; eram a vanguarda e caíram à mesma altura, segados pela fuzilaria jagunça. Na penumbra, João Grande vê brilhar os botões de seus correagens, as insígnias douradas de seus gorros. Pajeú se despede com um sinal de cabeça quase imperceptível e os dois meninos começam a subir engatinhando a ladeira. João Grande e Joaquim Macambira vão atrás deles, também engatinhando, e mais atrás a Guarda Católica. Sobem tão sigilosos que nem João os sente. O rumor que produzem, os calhaus que fazem rodar, parecem obra do vento. À suas costas, abaixo, em Belo Monte, ouve um murmúrio constante. Rezam o rosário no Plaza? São os cânticos com que Canudos enterra aos mortos do dia, cada noite? Já percebe, adiante, silhuetas, luzes, ouve vozes e tem todos os músculos alertas, para o que pode ocorrer.

As “crianças” os fazem deter-se. Estão perto de um posto de sentinelas: quatro soldados, de pé, e atrás deles muitas figuras de soldados iluminados pelo resplendor de uma fogueira. O velho Macambira se arrasta até ele e João Grande o ouve respirar, laborioso: “Quando ouve o apito, queima-os”. Assente: “Que o Bom Jesus os ajude, Dom Joaquim”. Vê como as sombras dissolvem aos doze Macambira, esmagados sob os martelos, alavancas e tochas, e ao menino que os guia. A outra “criança” fica com eles.

Espera, em meio de seus homens, tenso, o apito indicando que os Macambira chegaram frente à Matadeira. Demora muito e ao escravo lhe parece que nunca vai ouvir. Quando—largo, lhe ululem, de súbito—apaga todos os outros rumores, ele e seus homens disparam simultaneamente contra os sentinelas. Estala uma fuzilaria

estruondosa, em todo o contorno. Há uma grande desordem e os soldados apagam a fogueira. tiroteavam de cima, mas não os localizaram, pois os tiros não vêm nesta direção.

João Grande ordena a sua gente avançar e um momento depois estão disparando e ventilando petardos contra o acampamento, às escuras, onde há carreiras, vozes, ordens confusas. Uma vez que esvaziou seu fuzil, João se esconde e escuta. Vamos, para o Monte Mario, parece haver também um tiroteio. Estão os Macambira brigando com os artilheiros? Em todo caso, não vale a pena seguir ali; seus companheiros também esgotaram os cartuchos. Com o apito, dá ordem de retirar-se.

Meio pendente, uma figurinha miúda os alcança, correndo. João Grande lhe põe a mão na cabeça emaranhada.

—Levou-os até a Matadeira? —pergunta-lhe.

—Levei-os —responde o menino.

Há uma fuzilaria ruidosa detrás, como se toda a Favela tivesse entrado em guerra. O menino não acrescenta nada e João Grande pensa, uma vez mais, na estranha maneira do sertão, onde as pessoas preferem calar a falar.

— E que passou com os Macambira? —pergunta, ao fim.

— Mataram-nos —diz brandamente o menino.

— A todos?

— Acredito que a todos.

Já estão em terra de ninguém, a meio caminho das trincheiras.

O Miúdo encontrou o míope chorando, encolhido em uma retirada do Cocorobó, quando os homens do Pedrão se retiravam. Da mão o guiou entre jagunços que voltavam a toda pressa para Belo Monte, convencidos de que os soldados da Segunda Coluna, uma vez franqueada a barreira do Trabubú, assaltariam a cidade. Quando, à madrugada seguinte, cruzavam uma trincheira diante dos currais de cabras, em meio da multidão se deram com a Jurema: ia entre as Sardelinhas, açulando a um asno com cestas. Os três se abraçaram, comovidos, e o Miúdo sentiu que, ao estreitá-lo, Jurema lhe punha os lábios na bochecha. Essa noite, tombados no armazém, detrás dos tonéis e caixas, ouvindo o tiroteio que caía sem trégua sobre

Canudos, o Miúdo lhes contou que, até onde podia recordar, esse beijo era o primeiro, que nunca lhe tinham dado.

Quantos dias durou o trovejar do canhão, as rajadas de fuzilaria, o estrondo de quão amadurecidas enegreciam o ar e lascavam as torres do Templo? Três, quatro, cinco? Eles rondavam pelo armazém, viam entrar de dia ou de noite aos Vilanova e outros, ouviam-nos discutir e dar ordens e não entendiam nada. Uma tarde o Miúdo teve que encher com uma concha de sopa as bolsinhas e chifres de pólvora para as escopetas e rifles de fâisca, e ouviu dizer a um jagunço, assinalando os explosivos: “Oxalá resistam suas paredes, Antonio Vilanova. Uma só bala poderia acender isto e desaparecer a maçã”. Não contou a seus companheiros. Para que aterrorizar mais ao míope? As coisas que tinham vivido juntos, aqui, faziam que sentisse por ambos um afeto que não havia sentido nem pelas pessoas do Circo com as quais levava melhor.

Durante o bombardeio saiu em duas ocasiões, em busca de comida. Preso aos muros, por onde se deslizava a gente, mendigou nas moradias, cegado pelo terral, aturdido pelo tiroteio. Na rua de A Madre Igreja viu morrer a um menino. A criatura apareceu correndo, detrás de uma galinha que batia as asas, e aos poucos passos abriu os olhos e saltou, como levada pelos cabelos. A bala lhe deu no ventre, matando-a imediatamente. Levou o cadáver à casa de onde a viu sair e como não havia ninguém a deixou na rede. Não pôde capturar a galinha. O ânimo dos três, face à incerteza e à mortandade, melhorou quando puderam comer, graças às cabeças de gado que trouxe João Abade à Belo Monte.

Era de noite, produziu-se uma trégua no tiroteio, tinha cessado o rumor das rezas no Plaza Matriz, e eles, no chão do armazém, acordados, conversavam. De repente, uma sigilosa figura se plantou na porta, com uma lamparina de barro nas mãos. O Miúdo reconheceu a ferida e os olhinhos do Pajeú. Tinha uma escopeta no ombro, facão e faca na cintura, bandas de cartuchos cruzadas sobre a regata.

—Com todo respeito—murmurou— Quero que seja minha mulher.

O Miúdo sentiu gemer ao míope. Pareceu-lhe extraordinário que esse homem tão reservado, tão lúgubre, tão glacial, dissesse semelhante coisa. Adivinhou, sob essa cara crispada pela cicatriz,

uma grande ansiedade. Não se ouviam disparos, latidos nem letanias; só a um besouro dando-se topadas contra a parede. O coração do Miúdo pulsava com força; não era medo a não ser uma sensação adocicada, compassiva, por essa cara rachada que, à luz da lamparina, olhava fixo a Jurema, esperando. Sentia a respiração temerosa do míope. Jurema não dizia nada. Pajeú ficou a falar de novo, articulando cada palavra. Não tinha estado casado antes, não como mandavam a Igreja, o Pai, o Conselheiro. Seus olhos não se separavam de Jurema, não piscavam, e o Miúdo pensou que era parvo sentir pena por alguém tão temido. Mas nesse instante Pajeú parecia terrivelmente desamparado. Tinha tido amores de passagem, esses que não deixam rastro, mas não família, filhos. Sua vida não o permitia. Sempre andando, fugindo, brigando. Por isso entendeu muito bem quando o Conselheiro explicou que a terra cansada, exausta de que lhe exijam sempre o mesmo, um dia pede repouso. Isso tinha sido para ele Belo Monte, como o descanso da terra. Sua vida tinha estado vazia de amor. Mas agora... O Miúdo notou que tragava saliva e lhe ocorreu que as Sardelinhas se despertaram e ouviam o Pajeú das sombras. Era uma preocupação, algo que o recordava nas noites: secou-se seu coração por falta de amor? Gaguejou e o Miúdo pensou: “Nem eu nem o cego existimos para ele”. Não se secou: viu a Jurema na caatinga e soube. Algo estranho ocorreu na cicatriz: era a chama da lamparina que, ao vacilar, avariava-lhe ainda mais o rosto. “Sua mão treme”, assombrou-se o Miúdo. Esse dia seu coração ficou a falar, seus sentimentos, sua alma. Graças a Jurema descobriu que não estava seco por dentro. Sua cara, seu corpo, sua voz, lhe apareciam aqui e ali. Tocou a cabeça e o peito, em um gesto brusco, e a chama subiu e baixou. Outra vez ficou calado, esperando, e se fizeram presentes de novo o zumbido e as topadas do besouro contra a parede. Jurema seguia muda. O Miúdo a observou de soslaio: repregada sobre si mesmo, em atitude defensiva, resistia o olhar do caboclo, muito séria.

—Não podemos nos casar agora, agora há outra obrigação — acrescentou Pajeú, como pedindo desculpas— Quando os cães se vão.

O Miúdo sentiu gemer ao míope. Tampouco esta vez os olhos do caboclo se separaram de Jurema para olhar a seu vizinho. Mas havia uma coisa... Algo que tinha pensado muito, estes dias, enquanto rastreava aos ateus, enquanto os tiroteava. Algo que alegraria seu

coração. Calou, envergonhou-se, lutou para dizê-lo: levar-lhe-ia Jurema a comida, a água, à Fazenda Velha? Era algo que invejava a outros, algo que também queria ter. Faria-o?

—Sim, sim, fa-lo-á, a levará—ouviu o Miúdo que dizia, atordoado, o míope— Fa-lo-á, fa-lo-á.

Mas nem sequer esta vez os olhos do caboclo o olharam.

—O que é ele de você?—ouviu-o perguntar. Agora sua voz era cortante como uma faca— Não seu marido, não é certo?

—Não—disse Jurema, muito suave— É... como meu filho. A noite se encheu de tiros. Primeiro uma surra, logo outra, muito violento. Ouviram-se gritos, carreiras, uma explosão.

—Alegro-me de ter vindo, de lhe haver falado—disse o caboclo— Agora tenho que ir. Louvado seja o Bom Jesus!

Um momento depois a escuridão alagava de novo o armazém e, em vez do besouro, ouviam rajadas intermitentes, longínquas, próximas. Os Vilanova estavam nas trincheiras e só apareciam para as reuniões com o João Abade; as Sardelinhas passavam a maior parte do dia nas Casas de Saúde e levando comida aos combatentes. O Miúdo, Jurema e o míope eram quão únicos permaneciam ali. O armazém se tornou a encher de armamentos e explosivos com o comboio que trouxe João Abade e uma paliçada de areia e pedras defendia sua fachada.

—Por que não lhe respondia?—ouviu o Miúdo agitar-se ao cego— Ele estava em uma tensão enorme, violentando-se para lhe dizer essas coisas. Por que não lhe respondia? Não vê que nesse estado podia passar do amor ao ódio, pegar-lhe, matar-lhe, e também a nós?

Calou para espirrar, uma, duas, dez vezes. Ao terminar seus espirros tinham terminado também os disparos e o besouro noturno revoava sobre suas cabeças.

—Não quero ser a mulher do Pajeú—disse Jurema, como se não lhes falasse—se me obrigar, matar-me-ei. Como se matou uma de Calumbí, com um espinho de *xique-xique*. Não serei nunca sua mulher.

O míope teve outro ataque de espirros e o Miúdo se sentiu sobressaltado: se Jurema morresse o que seria dele?

—Devemos escapar quando ainda podemos—ouviu gemer ao cego—
— Já não sairemos nunca daqui. Teremos uma morte horrível.

—Pajeú disse que os soldados se iriam—sussurrou o Miúdo—
Disse-o convencido. Ele sabe, está brigando, dá-se conta do que acontece na guerra.

Outras vezes, o cego o refutava: tinha enlouquecido como estes iludidos, figurava-se que podiam ganhar uma guerra ao Exército do Brasil? Acreditava, como eles, que apareceria o Rei Dom Sebastião a lutar de seu lado? Mas agora permaneceu calado. O Miúdo não estava tão seguro como ele que os soldados fossem invencíveis. Acaso tinham entrado em Canudos? Não os tinha despojado João Abade de suas armas e cabeças de gado? A gente dizia que estavam morrendo como moscas na Favela, tiroteados por todos lados, sem comida, e gastando as últimas balas.

Entretanto, o Miúdo, cuja passada existência itinerante lhe impedia de permanecer encerrado e o lançava à rua, face às balas, foi vendo, nos dias sucessivos, que Canudos não tinha o aspecto de uma cidade vitoriosa. Com frequência, encontrava algum morto ou ferido nas ruelas; se a fuzilaria era intensa passavam horas antes de que os levassem às Casas de Saúde, que estavam agora, todas, na rua Santa Inês, perto de Mocambo. Salvo quando ajudava aos enfermeiros, a conduzi-los, o Miúdo evitava esse setor. Porque em Santa Inês se amontoavam durante o dia os cadáveres que só podiam ser enterrados nas noites—o cemitério estava na linha de fogo—e a pestilência era terrível, fora os prantos e queixa dos feridos das Casas de Saúde, e do triste espetáculo dos velhos, inválidos, imprestáveis, encarregados de afugentar aos urubus e aos cães que queriam comer aos cadáveres. Os enterros se celebravam depois do rosário e os conselhos, que tinham lugar pontualmente, cada anoitecer, ao chamado do sino do Templo do Bom Jesus. Mas agora se faziam às escuras, sem os chispantes de antes da guerra. Aos conselhos estavam acostumados a ir, com ele, Jurema e o míope. Mas, diferente do Miúdo, que seguia logo os cortejos ao cemitério, retornavam ao armazém uma vez que terminava a prédica do Conselheiro. Ao Miúdo o fascinavam os enterros, esse curioso afã dos parentes de que seus mortos se enterrassem com algum pedaço de madeira em cima. Como já não havia quem fizesse ataúdes, pois todos estavam dedicados à guerra, os cadáveres se sepultavam envoltos em redes, às

vezes dois ou três em uma só. Os parentes punham dentro da rede uma tábua, um ramo de arbusto, um objeto qualquer de madeira, para provar ao Pai sua vontade de dar ao morto um enterro digno, com gaveta, que as adversas circunstâncias impediam.

Ao retorno de uma de suas correrias, o Miúdo encontrou no armazém a Jurema e o cego com o Padre Joaquim. Desde sua chegada, fazia meses, não retornaram a estar a sós com ele. Viam-no freqüentemente, à mão direita do Conselheiro, na torre do Templo do Bom Jesus, rezando missa, rezando o rosário que fazia coro a multidão no Plaza Matriz, nas procissões, cercado por argolas da Guarda Católica e nos enterros, salmodiando responsos em latim. Tinham ouvido que seus desaparecimentos eram viagens que o levavam pelos rincões do sertão, para fazer encargos e trazer ajuda aos jagunços. Desde que se reatou a guerra, aparecia com freqüência nas ruas, sobretudo em Santa Inês aonde ia confessar e repartir a extrema-unção aos moribundos das Casas de Saúde. Embora se tinha cruzado com ele várias vezes nunca lhe tinha dirigido a palavra; mas, ao entrar o Miúdo ao armazém, o cura lhe estirou a mão e lhe disse umas palavras amáveis. Estava sentado em um banquinho de ordenadora e, frente a ele, Jurema e o míope, no chão, com as pernas cruzadas.

—Nada é fácil, nem sequer isto que parecia o mais fácil do mundo —disse o Padre Joaquim a Jurema, desalentado, fazendo soar os lábios esparteçados— Eu pensava que lhe daria uma grande felicidade. Que, esta vez, receberiam-me como portador de alegria em uma casa.—Fez uma pausa e umedeceu a boca com a língua— Só vou às casas com os santos óleos, a fechar os olhos aos mortos, a ver sofrer.

O Miúdo pensou que, nestes meses, tornou-se um velho. Quase não tinha cabelos e entre as bolinhas de penugem branca, sobre as orelhas, via-se seu crânio torrado e coberto de sardas. Sua fraqueza era extrema; a abertura da puída batina azul delatava os ossos salientes de seu peito; sua cara se desprendeu em peles amareladas, nos que branqueavam pontinhos de barba cheia, leitosa. Em sua expressão, além de fome e velhice, havia imensa fadiga.

—Não me casarei com ele, Padre—disse Jurema— Se quer me obrigar, matar-me-ei.

Falou tranqüila, com a quieta determinação com que lhes tinha falado aquela noite, e o Miúdo compreendeu que o padre de Cumbe devia já havê-la ouvido dizer o mesmo, pois não se surpreendeu:

—Não quer lhe obrigar—murmurou— Não lhe passa pela cabeça sequer a idéia de que o rechaçaria. Sabe, como todo mundo, que qualquer mulher de Canudos se sentiria ditosa de ter sido escolhida pelo Pajeú para formar um lar. Você sabe quem é Pajeú, não é verdade, filha? Ouviu, certamente, as coisas que se contam dele.

Ficou olhando o chão terroso, com ar compungido. Uma pequena centopéia se arrastava entre suas sandálias, pelas quais apareciam seus dedos fracos e amarelados, de unhas negras crescidas. Não a pisou, deixou-a afastar-se, perder-se entre a réstia de fuzis apoiados uns em outros.

—Todas são certas, inclusive estão por debaixo da verdade—acrescentou, da mesma maneira abatida— Essas violências, mortes, roubos, saques, vinganças, essas ferocidades gratuitas, como cortar orelhas, narizes. Toda essa vida de loucura e inferno. E, entretanto, aí está, também ele, como João Abade, como Taramela, Pedrão e outros... O Conselheiro fez o milagre, transformou lobo em ovelha, colocou-o ao redil. E por transformar lobos em ovelhas, por dar razões para trocar de vida as pessoas que só conheciam o medo e o ódio, a fome, o crime e a pilhagem, por espiritualizar a brutalidade destas terras, mandam-lhes Exército após Exército, para que os exterminem. Que confusão deu procuração do Brasil, do mundo, para que se cometa uma iniquidade assim? Não é para lhe dar também nisso, razão ao Conselheiro e pensar que efetivamente Satanás se apropriou do Brasil, que a República é o Anticristo?

Não falava depressa, não elevava a voz, não estava enfurecido nem triste. Só afligido.

—Não é teimosia, nem que lhe tenha ódio—ouviu o Miúdo que dizia Jurema, com a mesma firmeza— Se fosse outro que Pajeú, tampouco o aceitaria. Não quero voltar a me casar, Padre.

—Está bem, entendi—suspirou o padre de Cumbe— Já o arrumaremos. Se não querer, não se casará com ele. Não tem que se matar. Eu sou o que casa às pessoas em Belo Monte, aqui não há matrimônio civil.—Fez um meio sorriso e pareceu como uma mosca picasse em suas pupilas— Mas não podemos dizer-lhe de repente.

Não terá que feri-lo. A suscetibilidade em gente como Pajeú é uma enfermidade tremenda. Outra coisa que sempre me assombrou é esse sentido da honra tão pontilhado. É uma chaga viva. Não têm nada mas lhes sobra honra. É sua riqueza. Bom, vamos começar por lhe dizer que sua viuvez é muito recente para contrair agora um novo matrimônio. Faremo-lo esperar. Mas há uma coisa. É importante para ele. Leve a comida a Fazenda Velha. Falou-me isso. Precisa sentir que uma mulher se ocupa dele. Não é muito. De resto, iremos desanimando, aos poucos.

A manhã tinha estado tranqüila; agora começavam ouvir tiros, espaçados e muito ao longe.

—Despertou uma paixão—acrescentou o Padre Joaquim— Uma grande paixão. Ontem à noite veio ao Santuário pedir permissão ao Conselheiro para casar-se consigo. Disse que também receberia a estes dois, já que são sua família, que os levaria a viver com ele...

Bruscamente, incorporou-se. O míope estava sacudido pelos espirros e o Miúdo pôs-se a rir, regozijado com a idéia de voltar-se filho adotivo do Pajeú: nunca mais lhe faltaria comida.

—Nem por isso nem por nada me casaria com ele—repetiu Jurema, imperturbável. Embora acrescentou, baixando a vista— Mas, se você acreditar que devo fazê-lo, levarei a comida.

O Padre Joaquim assentiu e dava meia volta quando o míope se incorporou de um salto e o agarrou pelo braço. O Miúdo, ao ver sua ansiedade, adivinhou o que diria:

—Você pode me ajudar—sussurrou, olhando a direita e a esquerda — Faça-o por suas crenças, Padre. Eu não tenho nada a ver com o que passa aqui. Estou em Canudos por acidente, você sabe que não sou soldado nem espião, que não sou ninguém. Rogo-o, lhe ajudem.

O padre de Cumbe o olhava com comiseração.

—A ir-se daqui? —murmurou.

—Sim, sim—gaguejou o míope, movendo a cabeça— Proibiram-me. Não é justo...

—Devia escapar—sussurrou o Padre Joaquim— Quando era possível, quando não tinha soldados por toda parte.

—Não vê em que estado estou?—choramingou o míope, destacando os olhos avermelhados, saltados, aquosos, fugidios— Não

vê que sem óculos sou um cego? Podia ir sozinho, dando tombos pelo sertão?—Sua voz se quebrou em um chiado— Não quero morrer como um rato!

O padre de Cumbe pestanejou várias vezes e o Miúdo sentiu frio nas costas, como sempre, o míope predizia a morte iminente para todos eles.

—Eu tampouco quero morrer como um rato—silabou o cura, fazendo uma careta— Tampouco tenho a ver com esta guerra. E, entretanto...—Agitou a cabeça, para afugentar uma imagem— Embora queria ajudá-lo, não poderia. Só saem de Canudos bandas armadas, a brigar. Poderia ir com elas, acaso?—Fez um gesto amargo—Se acreditar em Deus, encomende-se a Ele. É o único que pode nos salvar, agora. E se não crê, temo-me que não haja ninguém que possa ajudá-lo, meu amigo.

Afastou-se, arrastando os pés, curvado e triste. Não tiveram tempo de comentar sua visita pois nesse momento entraram no armazém os irmãos Vilanova, seguidos de vários homens. Por seus diálogos, o Miúdo entendeu que os jagunços estavam abrindo uma nova trincheira, ao oeste da Fazenda Velha, seguindo a curva do Vassa Barris frente ao Tabolerinho, pois parte das tropas se desprenderam da Favela e vinham dando um rodeio ao Cambaio provavelmente para convocar-se nesse setor. Quando os Vilanova partiram, levando armas, o Miúdo e Jurema consolaram ao míope, tão aflito por seu diálogo com o Padre Joaquim que lhe corriam as lágrimas pelas bochechas e lhe vibravam os dentes.

Aquela mesma tarde acompanhou o Miúdo a Jurema a levar comida ao Pajeú, à Fazenda Velha. Ela pediu também ao míope que a acompanhasse, mas o medo que lhe inspirava o caboclo e quão perigoso era atravessar todo Canudos, fizeram-no negar-se. A comida para os jagunços se preparava no beco de São Cipriano, onde beneficiavam as cabeças de gado que ainda subsistiam da correria do João Abade. Fizeram uma longa cauda até chegar a Catarina, a esquelada mulher do João Abade, que, com outras, distribuía partes de carne e farinha, e sacos que as “crianças” foram encher de água de São Pedro. A mulher do Comandante da Rua lhes deu uma cesta com viandas e eles se uniram à fila que ia às trincheiras. Teria que percorrer o beco de São Crispim e ir agachado ou engatinhando pelos barrancos do Vassa Barris, cujas anfractuosidades eram escudo

contra as balas. Do rio, as mulheres já não podiam continuar em grupo, mas sim de uma em uma, correndo em ziguezague ou, as mais prudentes, arrastando-se. Havia uns trezentos metros entre os barracos e as trincheiras e enquanto corria, preso a Jurema, o Miúdo ia vendo sua direita as torres do Templo do Bom Jesus, abarrotadas de atiradores, e a sua esquerda as colinas da Favela das que, estava seguro, milhares de fuzis os apontavam. Chegou suando à beira da trincheira e dois braços o baixaram ao fosso. Viu a cara danificada do Pajeú.

Não parecia surpreso de vê-los ali. Ajudou a Jurema, elevando-a como uma pluma, e a saudou com uma inclinação de cabeça, sem sorrir, com naturalidade, como se ela tivesse vindo já muitos dias. Agarrou a cesta e lhes indicou que se afastassem, pois obstruíam o trajeto das mulheres. O Miúdo avançou entre jagunços que comiam de cócoras, conversavam com as recém chegadas, ou espiavam por brechas de tubos e troncos perfurados que lhes permitiam disparar sem ser vistos. O conduto se ampliou por fim em um espaço semicircular. A gente estava ali menos apinhada e Pajeú se sentou em um rincão. Fez gestos a Jurema de que fosse a seu lado. Ao Miúdo, que não sabia se aproximar, assinalou-lhe a cesta. Ele, então, acomodou-se junto a eles e compartilhou com a Jurema e Pajeú a água e as viandas.

Durante um bom momento, o caboclo não disse uma palavra. Comia e bebia, sem sequer olhar seus acompanhantes. Jurema tampouco o olhava e o Miúdo se dizia que era parva de rechaçar como marido a esse homem que podia resolver todos os problemas. Que lhe importava que fosse feio? Por momentos, observava ao Pajeú. Parecia mentira que este homem que mastigava com empenho frio, de expressão indiferente—tinha apoiado o fuzil contra o muro, mas conservava a faca, o facão e as fileiras de munições no corpo—fosse o mesmo que com voz tremente e desesperada disse aquelas coisas de amor a Jurema. Não havia tiroteio a não ser balas esporádicas, algo ao que os ouvidos do Miúdo se acostumaram. Ao que não se habituava era aos tiros. Seu estrondo vinha seguido de terral, de desmoronamentos, de uma anchova na terra, do pranto apavorado das criaturas e freqüentemente de cadáveres desmembrados. Quando trovejava, era o primeiro em esmagar-se

contra a terra e permanecia ali, com os olhos fechados, suando frio, observando se Jurema e o míope estavam perto, tratando de rezar.

Para romper esse silêncio, perguntou timidamente se era verdade que Joaquim Macambira e seus filhos, antes de que os matassem, destruíram à Matadeira. Pajeú disse que não. Mas a Matadeira explorou aos maçons poucos dias depois e, parecia, morreram três ou quatro dos que a disparavam. Talvez o Pai tinha feito isso para premiá-los por seu martírio. O caboclo evitava olhar a Jurema e esta parecia não o ouvi. Dirigindo-se sempre a ele, Pajeú acrescentou que os ateus da Favela estavam de mal a pior, convocando-se de fome e enfermidade, desesperando-se pelas baixas que lhes faziam os católicos. Nas noites, até aqui lhes ouvia queixar-se e chorar. Queria dizer, então, que se iriam logo?

Pajeú fez um gesto de dúvida.

—O problema é mais atrás—murmurou, assinalando com o queixo para o Sul— Em Queimadas e Monte Santo. Chegam mais maçons, mais fuzis, mais canhões, mais rebanhos, mais grãos. Vêm outro comboio com reforços e comida. E nos acaba tudo.

Em sua cara pálida amarelada, a cicatriz se franziu ligeiramente.

—Vou eu, desta vez, a pará-lo—disse, voltando-se para Jurema. O Miúdo se sentiu afastado de repente a léguas dali— Uma lástima que, justamente agora, tenha que partir.

Jurema resistiu o olhar do ex-cangaceiro com expressão dócil e ausente, sem dizer nada.

—Não sei quanto estarei fora. Vamos sair por Jueté. Três ou quatro dias, ao menos.

Jurema entreabriu a boca mas não disse nada. Não tinha falado desde que chegou. Houve nisso uma agitação na trincheira e o Miúdo viu aproximar um tumulto, precedido por um rumor. Pajeú se levantou e agarrou seu fuzil. Em desordem, atropelando aos sentados e de cócoras, vários jagunços chegaram até eles. Rodearam ao Pajeú e estiveram um momento olhando-o, sem que ninguém falasse. Fez-o, ao fim, um velho, que tinha um lunar peludo no cangote:

—Mataram Taramela—disse— Caiu-lhe uma bala na orelha, enquanto comia.—Cuspiu e, olhando o chão, grunhiu — Ficou sem sua sorte, Pajeú.

“Apodrecem antes de morrer”, diz em voz alta o jovem Teotônio Leal Cavalcanti, que crê estar pensando, não falando. Mas não há temor de que o ouçam os feridos. Embora o Hospital de Sangue da Primeira Coluna está bem resguardado do fogo, em uma fenda entre as cúpulas da Favela e Monte Mario, o fragor dos disparos, sobretudo da artilharia, ressoa aqui embaixo repetido e aumentado pelo eco das curvas dos Montes, e é um suplício mais para quão feridos têm que gritar se querem fazer-se ouvir. Não, ninguém o ouviu.

A idéia da podridão atormenta ao Teotônio Leal Cavalcanti. Estudante do último ano de Medicina de São Paulo quando, por sua fervente convicção republicana, arrolou-se como voluntário com as tropas que partiam para defender à Pátria lá em Canudos, viu antes de agora, é óbvio, feridos, agonizantes, cadáveres. Mas aquelas classes de anatomia, as autópsias no anfiteatro da Faculdade, os feridos dos hospitais onde fazia práticas de cirurgia como se poderiam comparar ao inferno que é a ratoeira da Favela? O que o maravilha é a velocidade com que se infectam as feridas, como em poucas horas se adverte nelas um desassossego, o fervor dos vermes, e como imediatamente começam a supurar pus fétido.

“Servirá para sua carreira”, disse-lhe seu pai ao despedi-lo na estação de São Paulo. “Terá uma prática intensiva de primeiros auxílios.” Foi uma prática de carpinteiro, melhor. Algo aprendeu nestas três semanas: os feridos morrem mais em razão da gangrena que das feridas, os que têm mais possibilidades de salvar-se são aqueles que recebem o balaço ou o talho em braços e pernas—membros separáveis—sempre que lhes ampute e cauterize a tempo. Só os três primeiros dias alcançou o clorofórmio para fazer as amputações com humanidade; nesses dias era Teotônio quem arrebetava as ampulhetas, embebia uma bolinha de algodão como o líquido lhe embebedem e os sujeitava contra o nariz do ferido enquanto o Capitão-cirurgião, doutor Alfredo Gama, serrava, soprando. Quando terminou o clorofórmio, o anestésico foi uma taça de aguardente e agora que terminou aguardente as operações se fazem a frio, esperando que a vítima se deprima logo, de modo que o

cirurgião possa operar sem a distração dos alaridos. É Teotônio Leal Cavalcanti quem agora serra e corta os pés, pernas, mãos e braços dos gangrenados, enquanto dois enfermeiros sujeitam à vítima até que perde o sentido. E é ele quem, logo depois de ter amputado, cauteriza os cotos queimando neles um pouco de pólvora, ou com graxa ardente, como lhe ensinou o Capitão Alfredo Gama antes do estúpido acidente.

Estúpido, sim. Pois o Capitão Gama sabia que sobram artilheiros e que, em troca, escasseiam os médicos. Sobretudo médicos como ele, experimentados nesta medicina de urgência, que aprendeu nas selvas do Paraguai, aonde foi de voluntário sendo estudante, como veio à Canudos o jovem Teotônio. Mas nesta guerra com o Paraguai, o Doutor Alfredo Gama contraiu para sua desgraça, conforme o confessava, o “vício da artilharia”. Esse vício acabou com ele faz sete dias, jogando sobre os ombros de seu jovem ajudante a entristecedora responsabilidade de duzentos feridos, doentes e moribundos que se apinhavam, seminus, pestilentos, roídos pelos vermes, sobre a rocha—só um e outro tem uma manta ou esteira—no Hospital de Sangue. O corpo de Sanidade da Primeira Coluna se dividiu em cinco equipes, e o Capitão Alfredo Gama e Teotônio constituíam um deles, que tinha a seu cargo a zona Norte do Hospital.

O “vício da artilharia” impedia ao Doutor Alfredo Gama concentrar-se exclusivamente nos feridos. De repente parava uma cura para subir ansiosamente o Alto do Mario, aonde arrastou a pulso todos os canhões da Primeira Coluna. Os artilheiros lhe permitiam disparar os *Krupp*, inclusive a Matadeira. Teotônio o recorda, profetizando: “Um cirurgião derrubará as torres de Canudos!”. O Capitão retornava à fenda com brios renovados. Era um homem grosso, sangüíneo, abnegado e jovial, que se afeiçoou com o Teotônio Leal Cavalcanti desde o dia que o viu entrar no quartel. Sua personalidade transbordante, sua alegria, sua vida aventureira, suas pitorescas anedotas seduziram de tal maneira ao estudante que este pensou seriamente, na viagem à Canudos, permanecer no Exército uma vez diplomado, igual a seu ídolo. Na breve escala do Regimento em Salvador, o Doutor Gama levou ao Teotônio a conhecer a Faculdade de Medicina da Bahia, na Praça da Basílica Catedral e, frente à fachada amarela de grandes janelas azuis

em forma de ogiva, sob os flamboians, coqueiros e crotos, o médico e o estudante beberam aguardente adocicado entre os quiosques levantados sobre os ladrilhos de pedras brancas e negras, rodeados de vendedores de bagatelas e de cozinheiras. Seguiram bebendo até o amanhecer, que os surpreendeu em um bordel de mulatas, loucos de felicidade. Ao subir ao trem à Queimadas, o Doutor Gama fez tragar a seu discípulo uma poção enjoativa, “para acautelar a sífilis africana”, conforme lhe explicou.

Teotônio seca o suor, enquanto dá de beber quinina mesclada com água a um varioloso que delira pela febre. A um lado, há um soldado com os ossos do cotovelo ao ar e, ao outro, um baleado no ventre ao que, como carece de esfíncter, lhe saem todo os sedimentos. O aroma de excrementos se mescla com o chamuscado dos cadáveres que queimam ao longe. Quinina e ácido fênico é quão único fica na ambulância do Hospital de Sangue. O iodo formol acabou ao mesmo tempo que o clorofórmio e, a falta de anti-sépticos, os médicos estiveram usando subnitrito de bismuto e calomelanos. Agora, ambas as coisas também se acabaram. Teotônio Leal Cavalcanti lava as feridas com uma solução de água e ácido fênico. Faz de cócoras, tirando a solução fenicada da bacia com as mãos. À outros, faz-lhes tragar um pouco de quinina com meio copo de água. Trouxe-se grande quantidade de quinina em previsão de febres palúdicas. “A síndrome da guerra com o Paraguai”, dizia o Doutor Gama. Lá tinham dizimado ao Exército. Mas o paludismo era inexistente neste clima sequíssimo, onde só em torno das escassas aguadas proliferavam mosquitos. Teotônio sabe que a quinina não lhes fará nenhum bem, mas, ao menos, dá-lhes a ilusão de estar sendo curados. Foi o dia do acidente, precisamente, que o Capitão Gama começou a repartir quinina, a falta de outra coisa.

Pensa em como ocorreu, em como devia ocorrer esse acidente. Ele não estava ali; o contaram e, depois, isso é, junto com a dos corpos que apodrecem, um dos pesadelos que estorvam seu sonho as poucas horas que consegue dormir. A do alegre e enérgico Capitão-cirurgião acendendo o canhão *Krupp* 34 cuja culatra fechou mau, por pressa. Ao detonar a espoleta, a explosão se propaga da culatra entreaberta a um barril de cartuchos contíguo. Ouviu referir aos artilheiros que viram elevar-se ao Doutor Alfredo Gama vários metros, que caiu a vinte passos convertido em um montão de carne. Com ele morreram

o Tenente Odilón Corioano do Azevedo, o Alferes José A. do Amaral e três soldados (outros cinco tiveram queimaduras). Quando Teotônio chegou ao Alto do Mario, os cadáveres estavam sendo incinerados, conforme uma disposição sugerida pela Sanidade, em vista de quão difícil é enterrar a todos os que morrem: neste chão que é rocha viva abrir uma tumba é um grande desgaste de energia, pois as rampas e picos se amalgamam contra a pedra sem arrancá-la. A ordem de queimar os cadáveres motivou uma violenta discussão entre o General Oscar e o Capelão da Primeira Coluna, o Padre capuchinho Lizzardo, quem chama à incineração “perversidade maçônica”.

O jovem Teotônio guarda uma lembrança do Doutor Alfredo Gama: uma cinta milagrosa do Senhor do Bonfim, que lhes venderam aquela tarde, na Bahia, os funâmbulos da Praça da Basílica Catedral. Levará à viúva de seu chefe, se retornar à São Paulo. Mas Teotônio duvida que volte a ver a cidade onde nasceu, estudou e onde se alistou no Exército por este idealismo romântico: servir à Pátria e à Civilização.

Nestes meses, certas crenças que pareciam sólidas, viram-se profundamente escavadas. Por exemplo, sua idéia do patriotismo, sentimento que, acreditava antes, corria pelo sangue de todos estes homens vindos dos quatro rincões do Brasil a defender à República contra o obscurantismo, a conspiração traidora e a barbárie. Teve a primeira desilusão em Queimadas, nessa longa espera de dois meses, no caos que era a aldeia sertaneja convertida em Quartel Geral da Primeira Coluna. Na Sanidade, onde trabalhava com o Capitão Alfredo Gama e outros facultativos, descobriu que muitos tratavam de evitar a guerra mediante o pretexto da má saúde. Tinha-os visto inventar enfermidades, aprender os sintomas e recitá-los como consumados atores, para fazer-se declarar ineptos. O médico-artilheiro lhe ensinou a desbaratar os insensatos recursos de que se valiam para dar-se febres, vômitos, diarréias. Que entre eles houvesse não só soldados de linha, quer dizer, gente inculta, mas também oficiais, tinha sido para o Teotônio um duro terremoto.

O patriotismo não estava tão estendido como supunha. É um pensamento que se confirmou nas três semanas que leva nesta ratoeira. Não é que os homens não briguem; brigaram, estão brigando. Ele viu com que bravura resistiram, desde Angico, os

ataques desse inimigo sinuoso, covarde, que não dá a cara, que não conhece as leis e as maneiras da guerra, que se embosca, que ataca enviesado, desde esconderijos, e se esfuma quando os patriotas vão a seu encontro. Nestas três semanas, em que pese a que uma quarta parte das forças expedicionárias têm caídos mortos ou feridas, os homens seguem combatendo, face à falta de comida, em que pese a que todos começam a perder a esperança de que chegue o comboio de reforços.

Mas, como conciliar o patriotismo com as repartições? Que amor ao Brasil é este que permite esses sórdidos tráficos entre homens que defendem a mais nobre das causas, a da Pátria e da Civilização? É outra realidade que desmoraliza ao Teotônio Leal Cavalcanti: a forma em que se negocia e especula, em razão da escassez. Ao princípio, foi só o tabaco o que se vendia e revendia cada hora mais caro. Essa mesma manhã, viu pagar doze mil reis por um punhado a um Major de Cavalaria... Doze mil reis! Dez vezes mais do que vale uma caixa de tabaco na cidade. Depois, tudo aumentou vertiginosamente, tudo passou a ser objeto de luta. Como os ranchos são ínfimos—os oficiais recebem espigas de milho verde, sem sal, e os soldados o penso dos cavalos—se pagam preços fantásticos pelos comestíveis: trinta e quarenta mil reis por um quarto de cabrito, cinco mil por uma espiga de milho, vinte mil por uma rapadura, cinco mil por uma taça de farinha, mil e até duas mil por uma raiz de *imbuzeiro* ou por um cacto “cabeça de frade” do que se pode extrair polpa. Os charutos chamados “fuzileiros” se vendem a mil reis e uma taça de café a cinco mil. E, o pior, é que ele também sucumbiu ao tráfico. Ele também, empurrado pela fome e a necessidade de fumar, esteve gastando o que tem, pagando cinco mil reis por uma colher de sal, artigo que só agora descobriu quão cobiçado podia ser. O que arrepiava é saber que boa parte desses produtos têm uma origem ilícita, são roubados das despensas da Coluna, ou roubos de roubos...

Não é surpreendente que, nestas circunstâncias, quando se estão jogando a vida cada segundo, nesta hora da verdade que devia purificá-los, deixando neles só o elevado, mostrem essa avidez por negociar e entesourar dinheiro? “Não é o sublime a não ser o sórdido e abjeto, o espírito de lucro, a cobiça, o que se exacerba ante a presença da morte”, pensa Teotônio. A idéia que se fazia do homem se viu brutalmente manchada nestas semanas.

Separa-o de seus pensamentos alguém que chora a seus pés. Diferentemente de outros, que soluçam, este chora em silêncio, como envergonhado. Ajoelha-se junto a ele. É um soldado velho que já não agüenta mais o comichão.

—Arranhei-me, Senhor Doutor—murmura— Não me importa que se infecte ou o que seja.

É uma das vítimas dessa arma diabólica dos canibais que destroçou a epiderme de bom número de patriotas: as formigas cacaremas. Ao princípio parecia um fenômeno natural, uma fatalidade, que esses insetos ferozes, que perfuram a pele, produzem eczemas e um ardor atroz, saíssem de seus esconderijos com o frescor da noite para enfurecer aos dormidos. Mas se descobriu que os formigueiros, umas construções esféricas de barro, sobem-nos até o acampamento dos jagunços, e os arrebetam ali, para que os enxames vorazes façam estragos entre quão patriotas descansam... E são meninos de poucos anos a quem os canibais mandam arrastando-se a depositar os formigueiros! Um deles foi capturado; ao jovem Teotônio lhe disseram que o “jaguncinho” se debatia nos braços de seus captores como uma fera, lhes insultando com as grosserias do rufião mais desbocado....

Ao levantar a camisa do velho soldado para examinar seu peito, Teotônio encontra que as placas arroxeadas de ontem, são agora uma mancha avermelhada com pústulas presas de contínua agitação. Sim, já estão ali, reproduzindo-se, roendo as vísceras do pobre homem. Teotônio aprendeu a dissimular, a mentir, a sorrir. As picadas vão melhor, afirma, o soldado deve tratar de não se arranhar. Dá-lhe de beber meia taça de água com quinina lhe assegurando que com isto o comichão diminuirá.

Prossegue sua ronda, imaginando esses meninos os quais os degenerados mandam nas noites com os formigueiros. Bárbaros, incivis, selvagens: só gente sem sentimento pode perverter assim seres inocentes. Mas também sobre Canudos mudaram as idéias do jovem Teotônio. São, efetivamente, restauradores monárquicos? Estão coludidos, seriamente, com a Casa de Bragança e os escravistas? É certo que os selvagens são apenas um instrumento da Pérfida Albión? Embora os ouça gritar *Mora a República!*, Teotônio Leal Cavalcanti já não está tão seguro disso, tampouco. Tudo se tornou confuso. Ele esperava encontrar, aqui, oficiais ingleses,

assessorando aos jagunços, lhes ensinando a dirigir o armamento muito moderno metido de contrabando pelas costas baianas que se descobriu. Mas entre quão feridos simula que há vítimas de formigas cacaremas e, também, de dardos e flechas envenenadas e de pedras bicudas lançadas com atiradeiras de trogloditas! De modo que isso do exército monárquico, reforçado por oficiais ingleses, parece-lhe agora algo fantástico. “Temos a frente a simples canibais”, pensa. “E, entretanto, estamos perdendo a guerra; tivéssemos-la perdido se a Segunda Coluna não chegasse a nos socorrer quando nos emboscaram nestas colinas.” Como entender semelhante esse paradoxo?

Uma voz o detém: “Teotônio?”. É um Tenente em cuja jaqueta em fiapos se lê ainda seu grau e destino: Nono Batalhão de Infantaria, Salvador. Acha-se no Hospital de Sangue desde o dia que a Primeira Coluna chegou à Favela; estava entre os corpos de vanguarda da Primeira Brigada, aos que o Coronel Joaquim Manuel de Medeiros levou insensatamente a tentar uma carga, descendo a costa da Favela para Canudos. A carnificina que lhes causaram os jagunços, desde suas trincheiras invisíveis, foi espantosa; ainda vai à primeira linha de soldados petrificada em meio pendente, onde foi detida. O Tenente Pires Ferreira recebeu uma explosão na cara; arrancou-lhe as duas mãos que tinha levantado e o deixou cego. Como era o primeiro dia, o Doutor Alfredo Gama pôde anestesiá-lo com morfina enquanto lhe suturava os cotos e desinfetava sua cara ulcerada. O Tenente Pires Ferreira tem a fortuna de que suas feridas estejam protegidas por ataduras do pó e dos insetos. É um ferido exemplar, ao que Teotônio nunca ouviu chorar nem queixar-se. Cada dia, ao lhe perguntar como se sente, ouve-o responder: “Bem”. E dizer “Nada” quando lhe pergunta se quiser algo. Teotônio está acostumado a conversar com ele, no cair da noite, convexo a seu lado no cascalho, olhando as estrelas sempre abundantes no céu de Canudos. Assim se inteirou que o Tenente Pires Ferreira é veterano desta guerra, um dos poucos que serviu nas quatro expedições enviadas pela República a combater aos jagunços; assim soube que para este desafortunado oficial esta tragédia é o arremate de uma série de humilhações e derrotas. Compreendeu, então, o porquê da amargura que rumina, por que resiste com estoicismo essas penalidades que destroem a moral e a dignidade de outros. Nele as piores feridas não são físicas.

—Teotônio?—repete Pires Ferreira. As ataduras lhe cobrem meia cara, mas não a boca nem o queixo.

—Sim—diz o estudante, sentando-se a seu lado. Indica aos dois enfermeiros com o estojo de primeiro socorros e os sacos que descansam; eles se retiram uns passos e se deixam cair sobre o cascalho— Vou acompanhá-lo um momento, Manuel da Silva. Necessita algo?

—Estão-nos ouvindo?—diz o enfaixado, em voz baixa— É confidencial, Teotônio.

Nesse momento soam os sinos, ao outro lado das colinas. O jovem Leal Cavalcanti olha ao céu: sim, escurece, é a hora dos sinos e do rosário de Canudos. Repicam todos os dias, com uma pontualidade mágica, e infalivelmente, pouco depois, se não houver tiroteio e tiros, até os acampamentos da Favela e Monte Mario chegam as aversões dos fanáticos. Uma imobilidade respeitosa se instala a esta hora no Hospital de Sangue; muitos feridos e doentes fazem o sinal da cruz para ouvir os sinos e movem os lábios, rezando ao mesmo tempo que seus inimigos. Mesmo Teotônio, em que pese a que foi um católico apático, não pode deixar de sentir cada tarde, com estas rezas e badaladas, uma sensação curiosa, indefinível, algo que, se não for a fé, é nostalgia de fé.

—Ou será que o campanário segue vivo—murmura, sem responder ao Tenente Pires Ferreira— Não podem baixá-lo ainda.

O Capitão Alfredo Gama falava muito do campanário. Tinha-o visto um par de vezes subindo ao campanário do Templo das torres, e, outra, no pequeno campanário da capela. Dizia que era um velho insignificante e imperturbável, que se balançava do badajo, indiferente à fuzilaria com que respondiam aos sinos os soldados. O Doutor Gama lhe referiu que tombar esses campanários desafiantes e sossegar ao velho provocador é ambição obsessiva lá, no Alto do Mario, entre os artilheiros, e que todos alistam seus fuzis para apontá-lo, à hora dos anjos. Não puderam matá-lo ainda ou este é um novo campanário?

—O que vou pedir não é produto do desespero—diz o Tenente Pires Ferreira— Não é o pedido de alguém que perdeu o julgamento.

Tem a voz serena e firme. Está totalmente imóvel sobre a manta que o separa do cascalho, com a cabeça apoiada em uma

almofadinha de palha, e os cotos enfaixados sobre seu ventre.

—Não deve se desesperar—diz Teotônio— Será dos primeiros evacuados. Logo que cheguem os reforços e retorne o comboio, levar-lhe-ão em ambulância a Monte Santo, à Queimadas, a sua casa. O General Oscar prometeu no dia que veio ao Hospital de Sangue. Não se desespere, Manuel da Silva.

—Peço-lhe isso pelo que mais respeite no mundo—diz, suave e firme, a boca do Pires Ferreira— Por Deus, por seu pai, por sua vocação. Por essa noiva a que escreve versos, Teotônio.

—O que quer, Manuel da Silva?—murmura o jovem paulista apartando a vista do ferido, aborrecido, absolutamente seguro do que vai ouvir.

—Um tiro na têmpera—diz a voz suave, firme— Suplico-lhe do fundo de minha alma.

Não é o primeiro que lhe pede semelhante coisa e sabe que não será o último. Mas é o primeiro que o pede com tanta tranqüilidade, com tão pouco dramatismo.

—Não posso fazê-lo sem mãos—explica o homem enfaixado— Faz-o você por mim.

—Um pouco de valor, Manuel da Silva—diz Teotônio, advertindo que é ele quem tem a voz alterada pela emoção— Não me peça algo que vai contra meus princípios, contra minha profissão.

—Então, um de seus ajudantes—diz o Tenente Pires Ferreira— Ofereça-lhe minha carteira. Deve haver uns cinqüenta mil reis. E minhas botas, que estão sem furos.

—A morte pode ser pior que o que lhe ocorreu—diz Teotônio— Será evacuado. Sanará, recuperará o amor à vida.

—Sem olhos e sem mãos?—pergunta, brandamente, Pires Ferreira. Teotônio se sente envergonhado. O Tenente tem a boca entreaberta— Isso não é o pior, Teotônio. São as moscas. Sempre as odiei, sempre senti muito asco por elas. Agora, estou a sua mercê. Passeiam-se por minha cara, metem-se a minha boca, penetram pelas ataduras até as chagas.

Cala. Teotônio o vê passar a língua pelos lábios. Sente-se tão comovido de ouvir falar assim com esse ferido exemplar, que não

atina sequer a pedir o saco de água aos enfermeiros, para lhe aliviar a sede.

—Tornou-se algo pessoal entre os bandidos e eu—diz Pires Ferreira— Não quero que se saiam com a sua. Não permitirei que me deixem convertido nisto, Teotônio. Não serei um monstro inútil. Desde Uauá, soube que algo trágico se cruzou em meu caminho. Uma maldição, um feitiço.

—Quer água? —sussurra Teotônio.

—Não é fácil matar-se quando não tem mãos nem olhos— prossegue Pires Ferreira— Tentei os golpes contra a rocha. Não serve. Tampouco lambar o chão, pois não há pedras capazes de ser tragadas e...

—Cala, Manuel da Silva—diz Teotônio, lhe pondo a mão no ombro. Mas lhe resulta falso acalmar a um homem que parece o mais tranqüilo do planeta, que não sobe nem apressa a voz, que fala de si como de outra pessoa.

—Vai me ajudar? Peço-lhe em nome de nossa amizade. Uma amizade nascida aqui é algo sagrado. Vai me ajudar?

—Sim—sussurra Teotônio Leal Cavalcanti— Vou lhe ajudar, Manuel da Silva.

IV

—Sua cabeça?—repetiu o Barão da Canabrava. Estava ante a janela do pomar; aproximou-se com o pretexto de abri-la, pelo calor crescente, mas, em realidade, para localizar ao camaleão, cuja ausência o angustiava. Seus olhos percorreram o pomar em todas as direções, buscando-o. Fez-se invisível, outra vez, como se jogasse com ele— A notícia de que o decapitaram saiu no *The Time* em Londres. Lia ali.

—Decapitaram seu cadáver—corrigiu-o o jornalista míope.

O Barão retornou a sua poltrona. Sentia-se pesaroso, mas, entretanto, acabava de interessar-se de novo no que dizia o visitante. Era um masoquista? Tudo isso lhe trazia lembranças, escavava e reabria a ferida. Mas queria ouvi-lo.

—Viu-o alguma vez a sós?—perguntou, procurando os olhos do jornalista— Chegou a fazer uma idéia da classe de homem que era?

Tinham encontrado a tumba só dois dias depois de cair o último reduto. Conseguiram que o Beato lhes indicasse o lugar onde estava enterrado. Sob tortura, entende-se. Mas não qualquer tortura. O Beato era um mártir nato e não falaria por simples brutalidades como ser chutado, queimado, castrado ou porque lhe cortassem a língua ou lhe arrebatassem os olhos. Pois às vezes devolviam assim aos jagunços prisioneiros, sem olhos, sem língua, sem sexo, acreditando que esse espetáculo destruiria a moral dos que ainda resistiam. Conseguiam o contrário, claro está. Para o Beato encontraram a única tortura que não podia resistir: os cães.

—Acreditava conhecer todos os chefes facínoras —disse o Barão— Pajeú, João Abade, João Grande, Taramela, Pedrão, Macambira. Mas o Beato?

O dos cães era uma história à parte. Tanta carne humana, tanto banquete de cadáver, os meses do cerco, voltaram-nos ferozes, igual a lobos e hienas. Surgiram manadas de cães açougueiros que

entravam em Canudos, e, sem dúvida, ao acampamento dos sitiadores, em busca de alimento humano.

—Não eram essas emanadas o cumprimento das profecias, os seres infernais do Apocalipse? —resmungou o jornalista míope, agarrando o estômago— Alguém devia lhes dizer que o Beato tinha um horror especial aos cães, melhor dizendo ao Cão, o Mal encarnado. Poriam-no frente a uma matilha raivosa, sem dúvida, e, ante a ameaça de ser levado em pedaços ao inferno pelos mensageiros do Cão, guiou-os ao lugar onde o tinham enterrado.

O Barão esqueceu ao camaleão e à Baronesa Estela. Em sua cabeça, rugentes manadas de cães enlouquecidos pinçavam amontoamentos de cadáveres, afundavam os focinhos em ventres bichados, davam batidas os dentes a fracas pantorrilhas, disputavam-se, entre latidos, mornas, cartilagens, crânios. Sobrepostas aos despanzurramentos, outras matilhas invadiam aldeias despreparadas, equilibrando-se sobre vaqueiros, pastores, lavadeiras, em busca de carne e ossos frescos.

Tivesse podido ocorrer-se os que estava enterrado no Santuário. Em que outro sítio poderiam enterrá-lo? Escavaram onde o Beato lhes indicou e aos três metros de profundidade—assim em profundidade—encontraram-no, vestido com sua túnica azul, suas alpargatas de couro cru e envolto em uma esteira. Tinha os cabelos crescidos e ondulados: assim o consignou a ata notarial de exumação. Estavam ali todos os chefes, começando pelo General Artur Oscar, quem ordenou ao artista-fotógrafo da Primeira Coluna, Senhor Flavio, que fotografasse o cadáver. A operação tomou meia hora, em que todos continuaram ali apesar da pestilência.

—Imagina o que sentiriam esses generais e coronéis vendo, por fim, o cadáver do inimigo da República, do massacrador de três expedições militares, do desordenador do Estado, do aliado da Inglaterra e a casa de Bragança?

—Eu o conheci—murmurou o Barão e seu interlocutor ficou calado, interrogando-o com seu olhar aquoso — Mas passa-se com ele um pouco parecido ao que lhe passou em Canudos, por culpa dos óculos. Não o identifico, me esfuma. Faz quinze ou vinte anos. Esteve em Calumbí, com um pequeno séquito e parece que lhes demos de comer e lhes damos de presente roupas velhas, pois limpavam as

tumbas e a capela. Lembro-me de uma coleção de farrapos mais que um conjunto de homens. Passavam muitos santos por Calumbí. Como poderia adivinhar que esse era, entre tantos, o importante, que relegaria a outros, que atrairia a milhares de sertanejos?

—Também estava cheio de iluminados, de heréticos, a terra da Bíblia—disse o jornalista míope— Por isso tanta gente se confundiu com Cristo. Não entendeu, não o percebeu...

—Fala a sério?—adiantou a cabeça o Barão— Acredita que o Conselheiro foi realmente enviado por Deus?

Mas o jornalista míope prosseguia, com voz correosa, sua história.

Tinham levantado uma ata notarial frente ao cadáver, tão decomposto que tiveram que tampar o nariz com mãos e lenços pois se sentiam enjoados. Os quatro facultativos o mediram, comprovaram que tinha um metro setenta e oito de longitude, que tinha perdido todos os dentes e que não morreu de bala pois a única ferida, em seu corpo esquelético, era uma equimose na perna esquerda, causada pelo roce de uma lasca ou pedra. Logo depois de breve conciliábulo, decidiu-se decapitá-lo, a fim de que a ciência estudasse seu crânio. Trariam-no para a Faculdade de Medicina da Bahia, para que o examinasse o Doutor Nina Rodríguez. Mas, antes de começar a serrar, degolaram ao Beato. Fizeram-no ali mesmo, no Santuário, enquanto o artista-fotógrafo Flavio tomava a foto, e o jogaram na fossa onde devolveram o cadáver sem cabeça do Conselheiro. Boa coisa para o Beato, sem dúvida. Ser enterrado junto a quem tanto venerou e serviu. Mas algo o devia espantar, no último instante: saber que ia ser enterrado como um animal, sem cerimônia alguma, sem rezas, sem envoltório de madeira. Porque essas eram as coisas que preocupavam lá.

Um novo ataque de espirros o interrompeu. Mas se repôs e seguiu falando, com uma excitação progressiva, que, por momentos, travava-lhe a língua. Seus olhos revoavam, inquietos, detrás dos cristais.

Tinha havido uma mudança de opiniões a ver qual dos quatro médicos o faria. Foi o Major Miranda Curio, chefe do Serviço Sanitário em campanha, que agarrou o serrote, enquanto os outros sujeitavam o corpo. Pretendiam inundar a cabeça em um recipiente de álcool, mas como os restos de pele e carne começavam a

desintegrar-se, meteram-na em um saco de cal. Assim foi à Salvador. Confiou-se a delicada missão de transportá-la à Tenente Pinto Souza, herói do Terceiro Batalhão de Infantaria, um dos contados oficiais sobreviventes desse corpo dizimado por Pajeú no primeiro combate. O Tenente Pinto Souza a entregou à Faculdade de Medicina e o Doutor Nina Rodríguez presidiu a Comissão de cientistas que a observou, mediu e pesou. Não havia relatórios fidedignos sobre o que se disse, durante o exame, no anfiteatro. O comunicado oficial era de uma sobriedade irritante, e o responsável por isso, ao que parece, ninguém menos que o próprio Doutor Nina Rodríguez. Foi ele quem redigiu essas poucas linhas que desencantaram à opinião pública dizendo, secamente, que a ciência não tinha comprovado nenhuma anormalidade constitutiva manifesta no crânio do Antonio Conselheiro.

—Tudo isso recorda ao Galileo Gall—disse o Barão, jogando uma olhada esperançada ao pomar— Também ele tinha uma fé louca nos crânios, como indicadores do caráter.

Mas a falha do Doutor Nina Rodríguez não era compartilhada por todos os seus colegas de Salvador. Assim, o Doutor Honorato Nepomuceno do Albuquerque preparava um estudo discrepante do relatório da Comissão de cientistas. Ele sustentava que esse crânio era tipicamente braquicéfalo, segundo a classificação do naturalista sueco Retzius, com tendências à estreiteza e linearidade mentais (por exemplo, o fanatismo). E que, de outro lado, a curvatura cranial correspondia exatamente à assinalada pelo sábio Benedikt para aqueles epiléticos que, conforme escreveu o cientista Samt, têm o livro de missa na mão, o nome de Deus nos lábios e os estigmas do crime e do bandidismo no coração.

—Dá-se conta?—disse o jornalista míope, respirando como se acabasse de realizar um esforço enorme— Canudos não é uma história, a não ser uma árvore de histórias.

—Sente-se mal?—perguntou o Barão, sem efusividade— Vejo que tampouco lhe faz bem falar destas coisas. Esteve visitando todos esses médicos?

O jornalista míope estava preso como uma larva, profundo em si mesmo e parecia morto de frio. Terminado o exame médico, surgiu um problema. O que fazer com esses ossos? Alguém propôs que a

caveira fosse enviada ao Museu Nacional, como curiosidade histórica. Houve uma oposição fechada. De quem? Dos maçons. Bastava já com o Nosso Senhor do Bonfim, disseram, bastava já com um lugar de peregrinação ortodoxo. Essa caveira exposta em uma vitrine converteria ao Museu Nacional em uma segunda Igreja do Bonfim, em um Santuário heterodoxo. O Exército esteve de acordo: era preciso evitar que a caveira virasse relíquia, germe de futuras revoltas. Teria que desaparecer. Como? Como?

—Evidentemente, não a enterrando—murmurou o Barão.

Evidentemente, pois o povo fanatizado descobriria cedo ou tarde o lugar do enterro. Que lugar mais seguro e remoto que o fundo do mar? A caveira foi metida em um saco repleto de pedras, costurado e levado de noite, em um bote, por um oficial, a um lugar do Atlântico equidistante do Forte São Marcelo e a ilha de Itaparica, e lançada à lama marinha, a servir de assento às madréporas. O oficial encarregado da secreta operação foi o mesmo Tenente Pinto Souza: fim da história.

Suava tanto e se pôs tão pálido que o Barão pensou: “vai se deprimir”. O que sentia este fantoche pelo Conselheiro? Admiração? Fascinação morbosa? Simples curiosidade de fofoqueiro? Tinha chegado seriamente a acreditá-lo mensageiro do céu? por que sofria e se atormentava com Canudos? Por que não fazia como todo mundo, tratar de esquecer?

—Disse você Galileo Gall?—ouviu-o dizer.

—Sim—assentiu o Barão, vendo os olhos enlouquecidos, a cabeça rapada, ouvindo os discursos apocalípticos— Essa história, Gall a teria entendido. Acreditava que o segredo das pessoas estava nos ossos da cabeça. Chegaria finalmente à Canudos? Se chegou, seria terrível para ele comprovar que essa não era a revolução com a qual sonhava.

—Não o era e, entretanto, o era—disse o jornalista míope— Era o reino do obscurantismo e, ao mesmo tempo, um mundo fraterno, de uma liberdade muito particular. Talvez não se sentisse tão decepcionado.

—Soube o que foi dele?

—Morreu em alguma parte, não muito longe de Canudos—disse o jornalista— Eu o via muito, antes de tudo isto. *No Forte*, um

botequim da cidade baixa. Era falador, pitoresco, amalucado; apalpava cabeças, profetizava tumultos. Acreditava-se um embusteiro. Ninguém adivinhava que se converteria em um personagem trágico.

—Tenho uns papéis dele—disse o Barão— Uma espécie de memória, ou testamento, que escreveu em minha casa, em Calumbí. Devia entregá-los a uns correligionários deles. Mas não pude. Não por má vontade, pois fui até o Lyon para cumprir o encargo.

Por que tinha feito essa viagem ao Lyon, de Londres, para entregar pessoalmente o texto de Gall aos redatores de *l'Étincelle de révolte*? Não por afeto ao frenólogo, em todo caso; o que tinha chegado a sentir por ele era curiosidade, interesse científico por essa variante insuspeitada da espécie humana. Deu-se o trabalho de ir ao Lyon para ver a cara e ouvir esses companheiros do revolucionário, comprovar se se pareciam com ele, se acreditavam e diziam as coisas que ele. Mas tinha sido uma viagem inútil. Tudo o que conseguiu averiguar foi que *l'Étincelle de révolte*, folha esporádica, tinha deixado de sair tempo atrás, e que a editava uma pequena imprensa cujo proprietário tinha sido encarcerado, sob a acusação de imprimir bilhetes falsos, fazia já três ou quatro anos. Combinava muito bem com o destino de Gall ter estado, acaso, enviando artigos a uns fantasmas e ter morrido sem que ninguém o tivesse conhecido, em sua vida européia, soubesse onde, como e por que morreu.

—História de loucos—disse, entre dentes— O Conselheiro, Moreira César, Gall. Canudos enlouqueceu meio mundo. A você também, é óbvio.

Mas um pensamento lhe tampou a boca: “Não, eles estavam loucos desde antes. Canudos fez perder a razão só a Estela”. Teve que fazer um esforço para evitar as lágrimas. Não recordava ter chorado de menino, de jovem. Mas, do ocorrido à Baronesa, tinha-o feito muitas vezes, em seu escritório, nas noites de insônia.

—Mais que de loucos é uma história de mal-entendidos—voltou a corrigi-lo o jornalista míope— Quero saber uma coisa, Barão. Suplico-lhe que me diga a verdade.

—Desde que me separei da política, quase sempre a digo— sussurrou o Barão— O que quer saber?

—Se houve contatos entre o Conselheiro e os monárquicos—repôs-lhe, espiando sua reação, o jornalista míope— Não falo do grupinho de nostálgicos do Império que tinham a ingenuidade de proclamar-se que o eram, como Gentil de Castro. Mas sim de gente como vocês, os Autonomistas, os monárquicos de coração, que, entretanto, ocultavam-no. Tiveram contatos com o Conselheiro? Açularam-no?

O Barão, que o tinha escutado com brincadeira, pôs-se a rir.

—Não o averiguou nesses meses em Canudos? Viu políticos bahianos, paulistas, cariocas entre os jagunços?

—Já lhe disse que não vi grande coisa—repôs a voz antipática— Mas soube que você tinha enviado de Calumbí milho, açúcar, rebanhos.

—Então, saberá também que não foi por minha vontade, a não ser forçado—disse o Barão— Tivemos que fazer, todos os fazendeiros da região, para que não nos queimassem as fazendas. Não é essa a maneira de tratar com os bandidos no sertão? Se não lhes pode matar, lhes aluga. Se eu tivesse tido a menor influência sobre eles não teriam destruído Calumbí e minha mulher estaria sã. Os fanáticos não eram monárquicos nem sabiam o que era o Império. É fantástico que não o tenha compreendido, apesar de...

O jornalista míope tampouco o deixou continuar desta vez:

—Não sabiam, mas sim eram monárquicos, embora de uma maneira que nenhum monárquico tivesse entendido—disse, depressa e pestanejando— Sabiam que a monarquia tinha abolido a escravidão. O Conselheiro elogiava a Princesa Isabel por ter dado a liberdade aos escravos. Parecia convencido de que a monarquia caiu por ter abolido a escravidão. Todos em Canudos acreditavam que a República era escravista, que queria restaurar a escravidão.

—Pensa que eu e meus amigos inculcamos ao Conselheiro semelhante coisas?—voltou a sorrir o Barão— Se alguém nos tivesse proposto isso o acreditávamos um imbecil.

—Entretanto, isso explica muitas coisas—elevou a voz o jornalista — Como o ódio ao censo. Desvairava-me os miolos, tratando de entendê-lo, e aí está a explicação. Raça, cor, religião. Para que podia querer averiguar a República a raça e cor da gente, a não ser para

converter outra vez em escravos aos negros? E para que a religião a não ser para identificar aos crentes antes da matança?

—Esse é o mal-entendido que explica Canudos?—disse o Barão.

—Um deles—acessou o jornalista míope— Eu sabia que os jagunços não tinham sido equivocados assim por nenhum politiquero. Mas queria ouvi-lo dizer.

—Pois já o ouviu—disse o Barão. O que diriam seus amigos se pudessem antecipar uma maravilha assim? Os homens e mulheres humildes do sertão levantando-se em armas para atacar à República, com o nome da Infanta Dona Isabel nos lábios! Não, era muito irreal para que a nenhum monárquico brasileiro ocorresse, nem em sonhos.

Era o que ocorreria, agora também, se não chegasse essa notícia: que os cães vão assaltar Canudos a qualquer momento. Os dentes apertados, apressando o passo, as frentes enrugadas, Antonio e seus quatorze companheiros têm uma idéia fixa que os esporeia: estar em Belo Monte com outros, rodeando ao Conselheiro, quando os ateus atacarem. Como se inteirou o Comandante da Rua do plano de assalto? O mensageiro, um velho que caminha a seu lado, diz a Vilanova que trouxeram a notícia dois jagunços vestidos de soldados, que rondavam pela Favela. Diz-o com naturalidade, como se fosse normal que os filhos do Bom Jesus andassem entre diabos disfarçados de diabos.

“Já se acostumaram, já não lhes chama a atenção”, pensa Antonio Vilanova. Mas a primeira vez que João Abade tratou de convencer aos jagunços que usassem uniformes de soldados havia quase uma rebelião. O próprio Antonio sentiu gosto a cinza com a proposta. Ficar em cima aquilo que simbolizava o malvado, insensível e hostil que há no mundo, repelia-lhe visceralmente e entendia muito bem que os homens de Canudos resistissem a morrer embelezados de cães. “E, entretanto, equivocamo-nos, pensa. E, como sempre, João Abade teve razão.” Porque a informação que traziam as valorosas “crianças” que se introduziam aos acampamentos, a soltar formigas, cobras, escorpiões, a jogar veneno aos odres da tropa, não podia jamais ser tão precisa como a dos homens feitos e direitos, sobretudo os licenciados ou desertores do Exército. Foi Pajeú quem resolveu o problema, ao apresentar-se, logo depois de uma discussão, nas

trincheiras de Rancho do Vigário, vestido de cabo, anunciando que se deslizaria através das linhas. Todos sabiam que ele não passaria despercebido. João Abade perguntou aos jagunços se lhes parecia bem que Pajeú fosse ao sacrifício para lhes dar o exemplo e lhes tirar o medo a uns trapos com botões. Vários homens do antigo cangaço do caboclo se ofereceram então a uniformizar-se. Desde esse dia, o Comandante da Rua não teve dificuldade em infiltrar jagunços nos acampamentos.

Detêm-se descansar e comer, depois de várias horas. Começa a escurecer e, sob um céu plúmbeo, distinguem-se Cambaio e a entrecortada Serra da Canabrava. Sentados em círculo, com as pernas cruzadas, os jagunços abrem seus bolsões de cordas trancadas e tiram punhados de bolacha e carne ressecada. Comem em silêncio. Antonio Vilanova sente o cansaço nas pernas, com câibras e inchadas. Está envelhecendo? É uma sensação dos últimos meses. Ou é a tensão, a atividade frenética provocada pela guerra? baixou tanto de peso que abriu novos buracos em seu cinturão e Antonia Sardelinha teve que lhe arrumar suas duas camisas que lhe dançavam como regatas. Mas não lhes ocorre isso mesmo aos homens e mulheres de Belo Monte? Não enfraqueceram também João Grande e Pedrão, que eram uns gigantes? Não está Honório curvado e encanecido? E João Abade e Pajeú não estão também mais velhos?

Escuta o bramido do canhão, para o Norte. Uma pequena pausa e, logo, vários tiros seguidos. Antonio e os jagunços saltam do local e reatam a marcha, a limiar comprido.

Aproximam-se da cidade por Tabolerinho, ao amanhecer, depois de cinco horas nas quais os tiros passam quase sem interrupção. Nas aguadas, onde começam as casas, há um mensageiro esperando-os para conduzi-los aonde está João Abade. Encontram-no nas trincheiras da Fazenda Velha, reforçadas agora com o dobro de homens, todos com os dedos nos gatilhos de fuzis e espingardas, observando, nas sombras da madrugada, a beira da Favela, por onde esperam ver derramar-se aos maçons. “Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro”, murmura Antonio e João Abade, sem lhe responder, pergunta-lhe se viu soldados pela rota. Não, nenhuma patrulha.

—Não sabemos por onde vão atacar—disse João Abade e o ex-comerciante adverte sua enorme preocupação— Sabemos tudo,

menos o principal.

Calcula que atacarão por aqui, o caminho mais curto, e por isso veio o Comandante da Rua a reforçar com trezentos jagunços ao Pajeú, nesta trincheira que se curva, um quarto de légua, dos pés do Monte Mario até o Tabolerinho

João Abade lhe explica que Pedrão cobre o Oriente de Belo Monte, a zona dos currais e plantações, e os Montes por onde serpenteiam os atalhos ao Trabubú, Macambira, Cocorobó e Geremoabo. A cidade, defendida pela Guarda Católica do João Grande tem novos parapeitos de pedra e areia em ruelas e encruzilhadas e se reforçou o quadrilátero das igrejas e o Santuário, esse centro ao que convergirão os batalhões de assalto, como convergem para ali os projéteis de seus canhões.

Embora esteja ávido por fazer perguntas, Vilanova compreende que não há tempo. O que deve fazer? João Abade lhe diz que a ele e ao Honório corresponde o território paralelo as ravinas do Vassa Barris, ao leste do Alto do Mario e a saída para o Geremoabo. Sem mais explicações, pede-lhe que avise no ato se aparecem soldados, pois o importante é descobrir a tempo por onde tratarão de entrar. Vilanova e os quatorze homens põem-se a correr.

A fadiga se evaporou como por cura. Deve ser outro indício da presença divina, outra manifestação do sobrenatural em sua pessoa. Como explicá-lo, se não for através do Pai, do Divino ou do Bom Jesus? Desde que soube a notícia do assalto não fez outra coisa que andar e correr. Faz um momento, cruzando a Lacuna do Cipó, as pernas lhe fraquejaram e o coração lhe pulsava com tanta fúria que temeu cair desvanecido. E aí está agora, correndo sobre esse terreno pedregoso, de subidas e baixadas, nesse final da noite que as bombardas fulminantes da tropa iluminam e troam. Sente-se descansado, cheio de energia, capaz de desdobrar qualquer esforço, e sabe que assim se sentem os quatorze homens que correm a seu lado. Quem a não ser o Pai pode operar semelhante mudança, rejuvenescê-los assim, quando as circunstâncias o requerem? Não é a primeira vez que lhe ocorre. Muitas vezes, nestas semanas, quando acreditava que ia desabar, sentia de repente uma nova força que parece elevá-lo, renová-lo, lhe injetar um sopro de vida.

Na meia hora que leva para chegar às trincheiras do Vassa Barris —correndo, andando, correndo—Antonio Vilanova percebe, em Canudos, labaredas de incêndios. Não pensa se algum desses fogos consome seu lar, a não ser: estará funcionando o sistema que ideou para que os incêndios não se propaguem? Há, para isso, nas esquinas e nas ruas, centenas de barris e caixas de areia. Os que permanecem na cidade sabem que logo que estala uma explosão devem correr a sufocar as chamas com baldaios de terra. O próprio Antonio organizou, em cada massa de moradias, grupos de mulheres, meninos e anciões encarregados dessa tarefa.

Nas trincheiras, encontra seu irmão Honório, também a sua mulher e a sua cunhada. As Sardelinhas estão instaladas com outras mulheres sob um coberto, entre coisas de comer e de beber, remédios e vendas. “Bem vindo, compadre”, o abraça Honório. Antonio se demora um momento com ele, embora come com apetite os caldos que as Sardelinhas servem aos recém chegados. Apenas termina seu breve refrigério, o ex-comerciante distribui a seus quatorze companheiros por os arredores, os aconselha dormir algo e vai com Honório a percorrer a zona.

Por que lhes encarregou João Abade esta fronteira, os menos guerreiros dos guerreiros? Sem dúvida porque é a mais afastada da Favela: não atacam por aqui. Teriam três ou quatro vezes mais caminhos que se descessem as ladeiras e atacassem a Fazenda Velha; teriam, além disso, antes de chegar ao rio, que atravessar um território abrupto e crispado de espinheiros que obrigaria aos batalhões a quebrar-se e desagregar-se. Não é assim como brigam os ateus. Fazem-no em blocos compactos, formando esses quadros que resultam tão bom para os jagunços entrincheirados.

—Nós fizemos estas trincheiras—diz Honório— Lembra-se, compadre?

—Claro que me lembro. Até agora seguem virgens.

Sim, eles dirigiram as equipes que disseminaram essa zona sinuosa, entre o rio e o cemitério, sem árvore nem matagal, de pequenos poços para dois ou três atiradores. Cavaram os primeiros buracos faz um ano, depois do combate de Uauá. Logo depois de cada expedição têm aberto novos buracos, e, ultimamente, pequenas ranhuras entre poço e onde permitem aos homens arrastar-se de um

a outro sem ser vistos. Seguem virgens com efeito: nem uma vez se combateu neste setor.

Uma luz azulada, com tinturas amarelas nas bordas, avança do horizonte. Escuta-se o cocorocó dos galos. “Passaram os tiros”, diz Honório, adivinhando seu pensamento. Antonio termina a frase: “Quer dizer que já estão a caminho, compadre”. As trincheiras se pulverizam a cada quinze, vinte passos, no meio quilômetro de frente e uma centena de metros de profundidade. Os jagunços, embutidos nos buracos de dois e de três, acham-se tão ocultos que os Vilanova só os divisam quando se inclinam a trocar umas palavras com eles. Muitos têm tubos de metal, canos de largo diâmetro e troncos perfurados que lhes permitem observar fora sem aparecer. A maioria dorme ou dormita, feito planta, com seus *Mánnlichers*, *Máuseres* e trabucos, e a bolsa de projéteis e o corno de pólvora ao alcance da mão. Honório colocou sentinelas com o passar do Vassa Barris; vários desceram e explorou o leito—ali totalmente seco—e a outra banda, sem encontrar patrulhas.

Retornam para o abrigo, conversando. É estranho esse silêncio com canto de galos, depois de tantas horas de bombardeio. Antonio comenta que o assalto à Canudos pareceu inevitável desde que essa coluna de reforços—mais de quinhentos soldados, ao que parece—chegou à Favela, intacta, face aos desesperados esforços do Pajeú, que os esteve perseguindo desde Caldeirão e só conseguiu lhes arrebatrar umas cabeças de gado. Honório pergunta se é verdade que as tropas deixaram companhias em Jueté e Rosário, por onde antes se contentavam passando. Sim, é verdade.

Antonio desabotoa o cinturão e utilizando seu braço como travesseiro e tampando a cara com o chapéu, se agacha na trincheira que compartilha com seu irmão. Seu corpo se relaxa, agradecido à imobilidade, mas seus ouvidos seguem alertas, tratando de perceber no dia que começa algum sinal dos soldados. Em pouco tempo se esquece deles e, depois de flutuar sobre imagens diversas, dissolvidas, concentra-se de repente nesse homem cujo corpo roça o seu. Dois anos menor que ele, de claros cabelos encrespados, calmo, discreto. Honório é mais que seu irmão e concunhado: seu companheiro, seu compadre, seu confidente, seu melhor amigo. Não se separaram nunca, não tiveram jamais uma disputa séria. Está Honório em Belo Monte, como ele, por adesão ao Conselheiro e a

tudo o que representa, a religião, a verdade, a salvação da alma, a justiça? Ou só por fidelidade para seu irmão? Nos anos que levam em Canudos jamais lhe tinha passado pela cabeça. Quando os roçou o anjo e abandonou seus assuntos para ocupar-se dos de Canudos, pareceu-lhe natural que seu irmão e sua cunhada, igual a sua mulher, aceitassem de bom ânimo a mudança de vida, como o tinham feito cada vez que as desgraças lhes fixaram novos rumos. Assim ocorreu: Honório e Assunção se renderam a sua vontade sem a menor queixa. Foi quando Moreira César assaltou Canudos, nesse dia interminável, enquanto brigava nas ruas, que pela primeira vez começou a carcomê-lo a suspeita de que talvez Honório ia morrer ali, não por algo no que acreditava, mas sim por respeito a seu irmão maior. Quando tenta falar com o Honório sobre este tema, seu irmão se burla: “Acredita que me jogaria a pele só por estar a seu lado? Que vaidoso se tornou, compadre!”. Mas essas brincadeiras, em vez de apagar suas dúvidas, ativaram-nas. Disse-o ao Conselheiro: “Por meu egoísmo, dispus que o Honório e de sua família sem jamais averiguar o que eles queriam; como se fossem móveis ou cabritos”. O Conselheiro encontrou um bálsamo para essa ferida: “Se foi assim, ajudou-os a fazer méritos para ganhar o céu”.

Sente que o remexem, mas demora para abrir os olhos. O sol brilha no céu e Honório está fazendo silêncio com um dedo nos lábios:

—Aí estão, compadre—murmura, com voz baixa— Há tocado recebê-los.

—Que honra, compadre—responde, com voz pastosa.

Ajoelha-se na trincheira. Nos barrancos da outra banda do Vassa Barris muitos uniformes azuis, chumbos, vermelhos, com brilhos de abotoaduras e de espadas e baionetas, vem por volta deles na resplandecente manhã. Isso é o que seus ouvidos estão ouvindo, faz tempo: repique de tambores, clarim de cornetas. “Parece que vieram direto para nós”, pensa. O ar está limpo e, face à distância, vê com soma nitidez às tropas, desdobradas em três corpos, um dos quais, o do centro, parece enfiar rectilineamente para estas trincheiras. Algo pegajoso na boca lhe tranca as palavras. Honório lhe diz que despachou já duas “crianças” à Fazenda Velha e à saída para Trabubú, para avisar João Abade e Pedrão que vêm por esse lado.

—Temos que os agüentar—ouve dizer— Agüentá-los como são até que João Abade e Pedrão venham à Belo Monte.

—Sempre e quando não estiverem atacando ao mesmo tempo pela Favela—grunhe Honório.

Antonio não crê. À frente, baixando os barrancos do rio seco, há vários milhares de soldados, mais de três mil, talvez quatro mil, o que tem que ser toda a força útil dos cães. Os jagunços sabem, pelas “crianças” e espiões, que no hospital da quebrada entre a Favela e o Alto do Mario há perto de mil feridos e doentes. Uma parte da tropa deve ter ficado ali, protegendo o hospital, a artilharia e instalações. Essa tropa tem que ser toda a do assalto. Diz ao Honório, sem olhá-lo, a vista cravada nos barrancos, enquanto verifica com os dedos se o tambor do revólver está cheio de cartuchos. Embora tenha um *Männlicher*, prefere esse revólver, com o que se bateu desde que está em Canudos. Honório, em troca, tem o fuzil apoiado no rebordo, com o cano levantado e o dedo no gatilho. Assim devem estar todos os outros jagunços, em suas covas, recordando a instrução: não disparar a não ser quando o inimigo esteja muito perto, para economizar munição e aproveitar a surpresa. É o único que os favorece, quão único pode atenuar a desproporção de número e de equipe.

Chega arrastando-se e se deixa cair na poça, um menino que lhes traz um saco de café quente e umas tortas de milho. Antonio reconhece seus olhos vivos e risonhos, seu corpo torcido, chama-se Sebastião e é veterano nestas lides, pois serviu de mensageiro ao Pajeú e ao João Grande. Enquanto bebe o café, que lhe recompõe o corpo, Antonio vê desaparecer ao menino, serpenteando com seus sacos e alforjas, silencioso e veloz como uma lagartixa.

“Se se aproximarem unidos, formando uma massa compacta”, pensa. Que fácil seria então derrubá-los com chuvas de granizo a queima-roupa, nesse território sem árvores, matagais nem rochas. As depressões do chão não lhes servem muito, pois, as trincheiras dos jagunços estão em montes dos quais podem os dominar. Mas não vêm unidos. O corpo do centro avança mais rápido, como uma proa; é o primeiro em cruzar o leito e em escalar os barrancos. Umas figurinhas azuis, com listas vermelhas nas calças e pontos destelhantes, aparecem em menos de duzentos passos do Antonio. É uma companhia de exploradores, uma centena de homens, todos a pé, que se reagrupam em dois blocos de três ao fundo e progridem

rapidamente, sem a menor precaução. Vê-os estirar os cangotes, vigiar as torres de Belo Monte, totalmente inconscientes desses atiradores rasteiros que os apontam.

“Que espera, compadre?”, diz Honório. “Que nos vejam?” Antonio dispara e, imediatamente, como um eco multiplicado, estala a seu redor um estrondo que apaga aos tambores e clarins. A fumaça, o pó, a confusão se apoderam dos exploradores. Antonio dispara, devagar, todos os seus tiros, apontando com um olho fechado a quão soldados deram meia volta e fogem correndo. Alcança a ver que outros corpos salvaram já os barrancos e se aproximam por três, quatro direções distintas. A fuzilaria cessa.

—Não nos viram—diz-lhe seu irmão.

—Têm o sol contra—responde-lhe— Dentro de uma hora estarão cegos.

Ambos carregam suas armas. Escutam-se tiros isolados, de jagunços que querem rematar a esses feridos que Antonio vê arrastando-se sobre o cascalho, tratando de alcançar os barrancos. Por estas seguem aparecendo cabeças, braços, corpos de soldados. As formações se desmoronam, fragmentam, torcem, ao avançar pelo terreno quebradiço, dançante. Os soldados começaram a disparar, mas Antonio tem a impressão de que ainda não localizam as trincheiras, que disparam acima deles, para Canudos, acreditando que as rajadas que chegaram a sua ponta de lança provinham do Templo do Bom Jesus. O tiroteio adensa a poeirada e redemoinhos parduscos envolvem e desaparecem por instantes aos ateus que, escondidos, apertados uns contra os outros, os fuzis erguidos e a baioneta calada, adiantam-se ao compasso de toques de corneta, tambor e gritos de: “Infantaria! Avançar!”.

O ex-comerciante enche duas vezes seu revólver. A arma se esquentava e queima a mão, assim afunda-a e começa a usar o *Männlicher*. Aponta e dispara, buscando sempre, entre os corpos inimigos, aqueles que pelo sabre, os galões ou as atitudes parecem os que mandam. De repente, vendo esses heréticos e fariseus de caras assustadas, decompostas, que caem de um, de dois, de dez, por balas que ignoram de onde vêm, sente compaixão. Como é possível que lhe inspirem piedade quem quer destruir Belo Monte? Sim, neste momento, enquanto os vê desabar-se, ouve-os gemer e os aponta e os

mata, não os odeia: presentes sua miséria espiritual, sua humanidade pecadora, sabe vítimas, instrumentos cegos e estúpidos, apanhados nas artes do Maligno. Não poderia ocorrer a todos? A ele mesmo, se, graças a esse encontro com o Conselheiro, não o tivesse roçado o anjo?

—À esquerda, compadre—dá-lhe uma cotovelada Honório.

Olha e vê: cavaleiros com lanças. Uns duzentos, possivelmente mais. Cruzaram o Vassa Barris a meio quilômetro a sua direita e estão agrupando-se em pelotões para atacar esse flanco, sob a gritaria frenética de um cornetim. Estão fora da linha de trincheiras. Em um segundo, vê o que vai ocorrer. Os lançadores cortarão de través, pelo lomerio encrespado, até o cemitério, e como não há nesse ângulo trincheira que lhes obstrua a passagem, alcançarão em poucos minutos Belo Monte. Ao ver a via livre, por essa rota seguirá a tropa a pé. Nem Pedrão, nem João Grande, nem Pajeú tiveram tempo de refluir para a cidade a reforçar aos jagunços parapetados nos tetos e torres das igrejas e do Santuário. Então, sem saber o que vai fazer, guiado pela loucura do instante, agarra a bolsa de munições e salta do poço, gritando ao Honório: “Terei que os parar, que me sigam, que me sigam”. Põe-se a correr, inclinado, o *Männlicher* na direita, o revólver na esquerda, a bolsa no ombro, em um estado que se parece com o sonho à embriaguez. Nesse momento, o medo à morte—que às vezes o acorda empapado em suor ou lhe gela o sangue em meio de uma conversação corriqueira—desaparece e se apropria dele um soberbo desprezo à idéia de ser ferido ou de desaparecer dentre os vivos. Enquanto corre direto para os cavaleiros que, formados em pelotões, começam a trotar, ziguezagueando, elevando pó, aos que vê e deixa de ver, segundo as ondulações da terra, idéias, lembranças, imagens, chispam na forja que é sua cabeça. Sabe que esses cavaleiros são partes do batalhão de lançadores do Sul, os gaúchos, aos que avistou rondando atrás da Favela a procura de cabeças de gado. Pensa que nenhum desses cavaleiros pisará em Canudos, que João Grande e a Guarda Católica, os negros de Mocambo ou os *kariris* arqueiros matarão a seus animais, brancos tão magníficos. E pensa em sua mulher e em sua cunhada, se elas e as outras terão retornado à Belo Monte. Entre essas caras, esperanças, fantasias, aparece Assaré, lá nos limites do Ceará, aonde não tornou desde que saiu fugindo da peste. Seu povo

está acostumado a apresentar-se em momentos como este, quando sente que toca um limite, que pisa em um extremo mais à frente do qual só ficam o milagre ou a morte.

Quando as pernas já não respondem se deixa cair e estirando-se, sem procurar cobertura, acomoda-se o fuzil ao ombro e começa a disparar. Não terá tempo de recarregar a arma, assim aponta cuidadosamente, cada vez. Cobriu a metade da distância que o separava dos cavaleiros. Estes cruzam frente a ele, entre a poeirada, e se pergunta como não o viram, em que pese a ter vindo correndo, atravessando o campo, em que pese a estar os tiroteando. Nenhum dos lançadores olha aqui. Mas, como se seu pensamento os tivesse alertado, o pelotão que vai à cabeça gira subitamente para a esquerda. Vê que um cavaleiro faz um movimento circular com o espadim, como chamando-o, como saudando-o, e que a dúzia de lançadores galopa em sua direção. O fuzil está sem balas. Agarra o revólver com as duas mãos, os cotovelos apoiados em terra, decidido a guardar esses cartuchos até ter em cima aos cavalos. Aí estão as caras dos diabos, deformadas pela raiva, aí a ferocidade com que sapateiam os lares, as largas varinhas que tremem, os bombachos que o vento infla. Dispara ao do sabre, uma, duas, três balas, sem lhe dar, pensando que nada o liberará de que essas lanças o trespassem e o amassem esses cascos que martelam o cascalho. Mas algo ocorre e outra vez tem o palpito do sobrenatural. Detrás surgem muitas figuras disparando, batendo facões, facas, martelos, tochas, que se ventilam contra os animais e suas cavalgaduras, baleando-os, esfaqueando-os, cortando-os, em um redemoinho vertiginoso. Vê jagunços presos das lanças e das pernas dos cavaleiros e cortando as rédeas; vê rodar cavalos e ouve rugidos, relinchos, injúrias, disparos. Pelo menos dois lançadores passam acima dele, sem pisoteá-lo, antes de que consiga ficar de pé e lançar-se à briga. Dispara os dois últimos tiros de seu revólver e, empunhando o *Männlicher* como pau, corre para os ateus e jagunços mais próximos, intercalados no chão. Descarrega uma coronhada contra um soldado encarapitado sobre um jagunço e o golpeia até deixá-lo inerte. Ajuda ao jagunço a levantar-se e ambos correm a socorrer ao Honório, a quem persegue um cavaleiro com a lança estirada. Ao ver que vão para ele, o gaúcho açula ao animal e se perde rapidamente em direção a Belo Monte. Durante um bom momento, no meio do terral, Antonio corre de um

lugar a outro, ajuda a levantar os caídos, carga e esvazia seu revólver. Há companheiros feridos gravemente e outros mortos, com lanças atravessadas. A gente sangra profusamente por uma ferida aberta à facadas. Vê-se, como em sonhos, rematando as coronhadas—outros o fazem com o facão—aos gaúchos desmontados. Quando o entrevê termina por falta de inimigos e os jagunços se reúnem, Antonio diz que devem retornar às trincheiras, mas ao meio da fala adverte, entre nuvens de pó avermelhado, que por lá onde estavam antes emboscados passam agora as companhias de maçons, até perderem-se de vista.

Não o rodeiam mais de cinqüenta homens. E os outros? Os que podiam mover-se, voltaram para Belo Monte. “Mas não eram muitos”, grunhe um jagunço sem dentes, o funileiro Zósimo. Ao Antonio assombra encontrar o de combatente, quando sua decrepitude e seus anos deveriam o ter apagando incêndios e conduzindo feridos às Casas de Saúde. Não tem sentido seguir ali; uma nova carga de cavaleiros acabaria com eles.

—Vamos ajudar ao João Grande—diz.

Cindem-se em grupos de três ou quatro e, dando o braço aos que coxeiam, protegendo-se nas rugas do terreno, empreendem a volta. Antonio vai atrasado, junto ao Honório e ao Zósimo. Acaso as nuvens de pó, acaso os raios de sol, acaso a urgência que têm por invadir Canudos, expliquem que nem as tropas que progridem a sua esquerda, nem os lançadores que divisam à direita, venham a rematá-los. Porque os vêem, é impossível que não os vejam como eles os estão vendo. Pergunta ao Honório pelas Sardelinhas. Responde-lhe que a todas as mulheres mandou dizer que se fossem, antes de abandonar as trincheiras. Ainda há um milhar de passos até as moradias. Será difícil, indo tão devagar, chegar até ali sãs e salvas. Mas o tremor de suas pernas e o tumulto de seu sangue lhe dizem que nem ele, nem nenhum dos sobreviventes, estão em condições de ir mais depressa. O velho Zósimo se cambaleia, presa de um passageiro desvanecimento. Dá-lhe uma palmada, respirando-o, e o ajuda a caminhar. Será certo que este ancião esteve alguma vez a ponto de queimar vivo ao Leão de Natuba, antes de ser roçado pelo anjo?

—Olhe pelo lado da casa do Antonio, o Fogueteiro, compadre.

Uma intensa, ruidosa fuzilaria vem desse maciço de moradias que se elevam diante do antigo cemitério e cujas ruelas, arrevesadas como hieróglifos, são as únicas de Canudos que não levam nomes de santos, mas sim de contos de trovadores: Rainha Magalona; Roberto, o Diabo; Silvaninha; Carlos Magno; Fierabrás; Pares da França. Ali estão concentrados os novos peregrinos. São eles quem tiroteavam desse modo aos ateus? Tetos, portas, travessas do bairro vomitam fogo contra os soldados. De repente, entre as silhuetas de jagunços tombados, de pé ou de cócoras descobre a inconfundível silhueta do Pedrão, saltando daqui para lá com seu mosquetão, e está seguro de distinguir, entre o ruído ensurdecido dos disparos, o estrondo da arma do mulato muito gigante. Pedrão rechaçou sempre trocar essa velha arma, de sua época de bandido, pelos fuzis de repetição *Mánlicher* e *Máuser*, em que pese a que estes disparam cinco tiros e se carregam depressa, tanto que ele, cada vez que usa o mosquete, tem que limpar o canhão, cevá-lo de pólvora e tapá-lo, antes de disparar os absurdos projéteis: pedaços de ferro, de limonita, de vidro, de chumbo, de cera e até de pedra. Mas Pedrão tem uma destreza assombrosa e faz essa operação a uma velocidade que parece coisa de bruxo, como sua extraordinária pontaria.

Alegra-o vê-lo ali. Se Pedrão e seus homens tiveram tempo de retornar, também o terão feito João Abade e Pajeú e, então, Belo Monte está bem defendido. Falta-lhes já menos de duzentos passos para a primeira linha de trincheiras e os jagunços que vão adiante agitam os braços e se identificam aos gritos para que os defensores não lhes disparem. Alguns correm; ele e Honório os imitam, mas se detêm pois o velho Zósimo não os pode seguir. Tiram-no dos braços e levam-no arrastado, inclinados, tropeçando, sob uma chuva de granizo de explosões que ao Antonio parece dirigida contra eles três. Chega até o que era uma travessa e é agora uma taipa de pedras e latas de areia, pranchas, telhas, tijolos e toda classe de objetos sobre os que divisa uma compacta fileira de atiradores. Muitas mãos se estiram para ajudá-los a subir. Antonio se sente levantado em peso, baixado, depositado ao outro lado da trincheira. Senta-se a descansar. Alguém dá um saco cheio de água, que bebe à sorvos, com os olhos fechados, tendo uma sensação dolorosa e ditosa quando o líquido molha sua língua, seu paladar, sua garganta, que parecem de lixa. Seus ouvidos zumbem, desentopem-se, pouco a pouco, pode

ouvir a fuzilaria, *morra à República*, aos ateus, os vitores ao Conselheiro e ao Bom Jesus. Mas em uma dessas—a grande fadiga vai cedendo, logo se levantará—dá-se conta que os jagunços não podem uivar “Viva a República!”, “Viva o Marechal Floriano!”, “Morraram os traidores!”, “Morraram os ingleses!”. É possível que estejam tão perto que ouça suas vozes? Os toques de corneta vibram mesmo em seus ouvidos. Sempre sentado, coloca cinco balas no tambor do revólver. Ao carregar o *Mánnlicher*, vê que é a última cacerina. Fazendo um esforço que resente todos seus ossos, fica de pé e sobe, ajudando-se com cotovelos e joelhos, até o alto da barricada. Abrem-lhe um buraco. A menos de vinte metros carrega um matagal de soldados, em filas apertadas. Sem apontar, sem procurar oficiais, descarrega ao vulto todas as balas do revólver e logo as do *Mánnlicher*, sentindo, em cada rebote da culatra, um agulhaço no ombro. Enquanto recarrega apressado o revólver olha o contorno. Os maçons atacam por todos os lados, e no setor do Pedrão estão ainda mais perto que aqui; algumas baionetas chegaram à beira mesmo das barricadas e há jagunços que se elevam de repente armados de paus e ferros, golpeando com fúria. Não vai ao Pedrão. Para sua direita, em uma poeirada descomunal, feito ondas de uniformes avançam para Espírito Santo, Santa Ana, São José, São Tomás, Santa Rita, São Joaquim. Por qualquer dessas ruas chegarão em segundos até São Pedro ou Campo Grande, o coração de Belo Monte, e poderão assaltar as igrejas e o Santuário. Atiram-no em um pé. Um juvenzinho diz aos gritos que o Comandante da Rua quer vê-lo, em São Pedro. O juvenzinho ocupa seu posto no parapeito.

Enquanto sobe, trotando, a costa de São Crispim, carabinas cruzadas, clausurando o lugar com barricadas em todas as esquinas que olham ao rio. Estica-lhe a mão e sem preâmbulos mas, pensa Antonio, sem precipitação, com a calma devida para que o ex-comerciante o compreenda exatamente lhe pede que se encarregue ele de fechar essas ruelas transversais de São Pedro, utilizando toda a gente disponível.

“Não é melhor reforçar a trincheira debaixo?” Diz Antonio. Assinalando o lugar de onde vem. “Aí não poderemos os aguentar muito, é aberto” diz o Comandante da Rua. “Aqui se enredarão e estorvarão. Tem que ser uma verdadeira muralha, larga, alta. Não se preocupe, João Abade. Anda, eu me encarrego.” Mas quando o outro

dá meia volta, acrescenta: “E Pajeú? “Vivo” diz João Abade, sem voltar-se. “Na Fazenda Velha, defendendo as aguadas”, pensa Vilanova. Sacando dali, ficariam sem gota de água. Após as Igrejas e o Santuário, é o mais importante para seguir vivendo: as aguadas. O ex-cangaceiro perde-se na polvareda, por que custa baixar ao rio. Antonio volta-se para as torres do Templo do Bom Jesus. Pelo terror supersticioso de que não as veria em seu lugar, não as olhou desde que voltou a Belo Monte. Aí estão, desportilhadas mas intactas, com sua espessa ossatura de pedra resistindo as balas, os projéteis, a dinamite dos cães. Os jagunços encaramados no campanário, nos tetos, nos andaimes, disparam sem trégua, e, outros, de cócoras ou sentados, o fazem desde o teto e o campanário de Santo Antonio. Entre os atiradores da Guarda Católica que fazem fogo desde as barricadas do Santuário, divisa a João Grande. Tudo isso o embarga de fé, evapora o pânico que lhe subiu desde a planta dos pés ao ouvir a João Abade que os soldados vão transpôr inevitavelmente as trincheiras abaixo, que ali não há esperança de os atalhar. Sem perder mais tempo, ordena a gritos aos enxames de mulheres, meninos e velhos que comecem a derrubar todas as moradias das esquinas de São Crispim, de São Joaquim, de Santa Rita, de Santo Tomás, de Espírito Santo, de Santa Ana, de São José, para converter numa selva inextricável dessa parte de Belo Monte. Dá-lhes o exemplo, utilizando seu fuzil como ariete. Fazer trincheiras, parapeitos, é construir, organizar, e essas são coisas que Antonio Vilanova faz melhor que a guerra. Como se tinham levado todos os fuzis, caixas de munições e explosivos, o armazém se tinha triplicado de tamanho. O grande vazio aumentava o desamparo do jornalista míope. O bombardeio anulava o tempo. Quanto fazia que estava encerrado no depósito com a Mãe dos Homens e o Leão de Natuba? Tinha escutado este ler o papel das disposições do assalto à cidade com um rechinar de dentes que ainda lhe durava. Desde então, devia ter decorrido já a noite, estar a amanhecer. Não era possível que aquilo durasse já menos de oito, dez horas. Mas o medo alongava os segundos, voltavam imóveis os minutos. Talvez não tinha passado uma hora desde que João Abade, Pedrão, Pajeú, Honório Vilanova e João Grande partiram correndo, ao escutar as primeiras explosões disso que o papel chamava “o abrandamento”. Recordou sua partida precipitada, a discussão entre eles e a mulher que queria regressar ao Santuário, como a tinham obrigado a permanecer ali. Isto, pese a

tudo, resultava alentador. Se tinham deixado no armazém a esses dois íntimos do Conselheiro, ali estavam mais protegidos que em outras partes. Mas não era ridículo pensar em lugares seguros, neste momento? O “abrandamento” não era um tiroteio de alvos específicos; eram tiros cegos, para prender incêndios, destruir casas, semear as ruas de cadáveres e ruínas que desmoralizariam aos povoados de maneira que não tivessem ânimos para se enfrentar aos soldados, quando irrompessem em Canudos.

“A filosofia do Coronel Moreira César”, pensou. Que estúpidos, que estúpidos, que estúpidos. Não entendiam palavra do que ocorria cá, não suspeitavam como eram estas pessoas. O bombardeio interminável, sobre a cidade em trevas, só abrandava a ele. Pensou: “Deve ter desaparecido metade de Canudos, três quartas partes de Canudos”. Mas até agora nenhum tinha feito impacto no armazém. Dezenas de vezes, fechando os olhos, apertando os dentes, pensou: “Este é, este é”. Seu corpo rebotava ao estremecer-se, calaminas, madeiras, ao elevar-se esse pó no que tudo parecia se avariar, se rasgar, se despedaçar sobre, em cima, abaixo, em torno de si. Mas o armazém seguia em pé, resistindo os ramalaços das explosões.

A mulher e o Leão de Natuba falavam. Entendia um rumor, não o que diziam. Aguçou o ouvido. Tinham permanecido mudos desde o começo do bombardeio e em algum momento imaginou que tinham sido atingidos pelas balas e que velava seus cadáveres. O bombardeio tinha-o ensurdecido; sentia um burbulho zumbante, pequenas explosões internas. E Jurema? E o Anão? Tinham ido em vão à Fazenda Velha a levar comida a Pajeú, pois cruzaram-se com ele, que veio à reunião do armazém. Estariam vivos? Uma correntada impetuosa, afectuosa, apaixonada, dolorida, percorreu-o, enquanto adivinhava-os na trincheira de Pajeú, encolhidos sob as bombas, seguramente estranhando-o, como ele a eles. Eram parte dele e ele parte deles. Como era possível que sentisse por esses seres com os que não tinha nada em comum, em mudança, grandes diferenças de extração social, de educação, de sensibilidade, de experiência, de cultura, uma afinidade tão grande, um amor tão desbordante? O que compartilhavam desde fazia meses tinha criado entre eles esse vínculo, o ter visto, sem o sonhar, sem o querer, sem saber como, por esses estranhos, fantásticos encadeiamentos de causas e efeitos, de casualidades, acidentes e de coincidências que era a história,

catapultados juntos nestes acontecimentos extraordinários, nesta vida à beira da morte. Isso os tinha unido assim. “Não voltarei a me separar deles”, pensou. “Acompanhá-los-ei a levar a comida a Pajeú, irei com eles a...”

Mas teve uma sensação de ridículo. Talvez ia continuar a rotina dos dias passados após esta noite? Se saíam ilesos do bombardeio sobreviveriam à segunda parte do programa lido pelo Leão de Natuba? Pressentiu as buchas fechadas, maciças, de milhares e milhares de soldados, baixando dos cercos com as baionetas caladas, entrando a Canudos por todas as esquinas e sentiu um ferro frio nas carnes magras de suas costas. Gritar-lhes-ia quem era e não ouviriam, gritar-lhes-ia sou um de vocês, um civilizado, um intelectual, um jornalista e não crê-lo-iam nem entenderiam, gritar-lhes-ia não tenho nada a ver com estes loucos, com estes bárbaros, mas seria inútil. Não lhe dariam tempo para abrir a boca. Morrer como jagunço, entre a massa anônima de jagunços: não era o cúmulo do absurdo, prova flagrante da estupidez inata do mundo? Com todas as suas forças teve saudades a Jurema e ao Anão, sentiu urgência de tê-los perto, de lhes falar e de ouvi-los. Como se se lhe destaparam ambos os ouvidos, ouviu, muito clara, à Mãe dos Homens: tinha faltas que não se podiam expiar, pecados que não podiam ser isentados. Na voz convencida, resignada, calorosa, atormentada, um sofrimento parecia vir do fundo dos anos.

- Há um lugar no fogo, esperando-me - ouviu-a repetir. Não posso cegar-me, filho.

- Não há crime que o Pai não possa perdoar - respondeu o Leão de Natuba com presteza. A Senhora tem intercedido por si e o Pai lhe perdoou. Não sofra, Mãe. Era uma voz bem timbrada, segura, fluída, com a música do interior. O jornalista pensou que essa voz normal, cadenciosa, sugeria a um homem ereto, inteiro, apostado, jamais a quem falava.

- Era pequenino, indefeso, terno, recém nascido, um cordeirinho - salmodiou a mulher. Sua mãe tinha os peitos secos e era malvada e vendida ao Diabo. Então, com o pretexto de não o ver sofrer, lhe meteu um novelo de lã na boca. Não é um pecado como os outros, filho. É o pecado que não tem perdão. Ver-me-á queimando-me pelos séculos dos séculos.

- Não crê no Conselheiro? - Consolou-a. - Escreva de Canudos. Não fala com o Pai? Não disse que...?

O estrondo afogou suas palavras. O jornalista míope endureceu o corpo e fechou os olhos e tremeu com o remexo, mas seguiu escutando à mulher, associando o que tinha ouvido com uma remota lembrança que, ao conjuro de suas palavras, ascendia a sua consciência desde as profundidades onde estava enterrado. Era ela? Ouviu de novo a voz que tinha ouvido ante o Tribunal, vinte anos atrás: suave, aflita, impessoal.

- Você é a filicida do Salvador - disse.

Não teve tempo de se assustar de ter dito, pois se sucederam duas explosões e o armazém estremeceu selvagememente, como se se fosse derrubar. Invadiu-o um terral que pareceu concentrar tudo em seu nariz. Começou a estrondar, em acessos crescentes, potentes, acelerados, desesperados, que o faziam torcer-se no solo. Seu peito explodiria por falta de ar e golpeou-lhe com ambas mãos enquanto, ao mesmo tempo, entrevia como em sonhos, pelas rendas azuis, que, efetivamente, tinha amanhecido. Com as sirenes esticadas até rasgar-se pensou que isto sim era o fim, morreria asfixiado, a explosões, uma maneira estúpida mas preferível às baionetas dos soldados. Se colocou de costas. Um segundo depois sua cabeça repousava sobre um regaço cálido, feminino, acariciante, protetor. A mulher acomodou-o sobre seus joelhos, secou-lhe a frente, o acarinhou como as mães a seus filhos para que durmam. Aturdido, agradecido, murmurou: “Mãe dos Homens”.

Os estrondos, o mal-estar, o afogo, a debilidade, tiveram a virtude de livrá-lo do medo. Sentia o bombardeio como algo alheio e extraordinária indiferença ante a idéia de morrer. As mãos, o susurro, o alento da mulher, o repasso de seus dedos em seu crânio, frente, olhos, enchiam-no de paz, regressavam-no a uma infância bondosa. Tinha deixado de estornudar mas a coceira em seu nariz, duas chagas vivas, diziam-lhe que o acesso podia se repetir a qualquer instante. Nessa borracheira difusa, lembrava outros acessos, em que também tivera a certeza do fim, essas noites de boemia baiana que os estornudos interrompiam brutalmente, como uma consciência censora, provocando a hilaridade de seus amigos, esses poetas, músicos, pintores, jornalistas, vadios, atores e as luciérnagas notâmbulas de Salvador entre quem tinha malgastado

sua vida. Recordou como tinha começado a aspirar éter porque o éter lhe trazia o sossego após esses ataques em que ficava exausto, humilhado e com os nervos arrepiados, e como, logo, o ópio o salvava dos estornudos com uma morte transitória e lúcida. Os carinhos, o arrolho, o consolo, o cheiro dessa mulher que tinha matado a seu filho quando ele, adolescente, começava a trabalhar num diário e que era agora sacerdotisa de Canudos, se pareciam ao ópio e ao éter, eram algo suave e letárgico, uma grata ausência, e se perguntou se alguma vez, de menino, essa mãe à que ele não tinha conhecido o acariciou assim e lhe fez sentir invulnerabilidade e indiferença ante os perigos do mundo. Por sua mente desfilaram as aulas e pátios do Colégio dos Padres Salesianos onde, graças a seus estornudos, tinha sido, como sem dúvida o Anão, como sem dúvida o monstro leitor que estava ali, vítima, alvo de burlas. Pelos acessos de estornudos e por sua escassa vista tinha sido apartado dos desportos, jogos fortes, excursões, tratado como inválido. Por isso se tinha voltado tímido, por esse maldito nariz ingovernável tivera que usar lenços grandes como sábanas, e por culpa dela e de seus olhos obtusos não tivera apaixonada, noiva, nem esposa e tinha vivido com essa permanente sensação de ridículo que não lhe permitiu declarar seu amor às raparigas às que amou, nem lhes enviar os versos que lhes escrevia e que depois covardemente rompia. Por culpa desse nariz e dessa miopia só tivera entre os braços às putas da Bahia, conhecido esses amores mercantis, rápidos, sujos, que duas vezes pagou com purgações e curas com sondas que nasciam. Ele também era monstro, tolhido, inválido, anormal. Não era acidente que estivesse onde tinham vindo a congregar-se os tolhidos, os desgraçados, os anormais, os sofridos do mundo. Era inevitável pois era um deles.

Chorava a gritos, encolhido, preso com as duas mãos da Mãe dos Homens, balbuceando, queixando-se de sua má sorte e suas desgraças, virando a rodo, entre babas e soluços, sua amargura e seu desespero, atuais e passados, as de sua juventude extinta, sua frustração vital e intelectual, tendo-lhe com uma sinceridade que não tivera antes nem consigo mesmo, lhe dizendo quão miserável e azarado se sentia por não ter compartilhado um grande amor, por não ter sido o exitoso dramaturgo, o poeta inspirado que queria ser, e por saber que ia morrer ainda mais estupidamente do que tinha vivido. Ouviu-se dizer, entre judeus: “Não é justo, não é justo, não é justo”. Deu-se conta que ela o beijava na testa, nas bochechas, nas

pálpebras, ao mesmo tempo que lhe sussurrava palavras ternas, doces, incoerentes, como as que se dizem aos recém nascidos para que o ruído os enfeitice e faça felizes. Sentia, efetivamente, um grande alívio, uma maravilhosa gratidão para estas palavras mágicas: “Filhinho, filhinho, menininho, pombinhas, cordeirinhos...”.

Mas subitamente devolveram-no ao presente, à brutalidade, à guerra. O trovão da explosão que arrancou o teto pôs de repente, acima, o céu, o sol destelhante, nuvens, na manhã luzente. Voavam atilas, tijolos, peças rompidas, alambres retorcidos, e o jornalista míope sentia impactos de guijarros, grãos de terra, pedras, em mil lugares de seu corpo, cara, mãos. Mas nem ele, nem a mulher, nem o Leão de Natuba foram arrolados pelo derrube. Estavam de pé, apertados, abraçados, e ele procurava afanosamente em seus bolsinhos seu anteolho, pensando que se tinha desfeito, que dali em diante nem sequer contaria com essa ajuda. Mas aí estava, intacto, e, sempre aferrado à Superiora do Coro Sagrado e ao Leão de Natuba, foi reconhecendo, em imagens distorsidas, os estragos da explosão. Além do teto, tinha caído a parede da frente e, salvo o rincão que ocupavam, o armazém era um montão de escombros. Viu pela tapia caída outros escombros, fumaça, siluetas que corriam.

E nisso o local encheu-se de homens armados, com braçletes e lenços azuis, entre os que adivinhou a maciça figura seminua de João Grande. Enquanto via-os abraçar a Maria Quadrado, ao Leão de Natuba, o jornalista míope, a pupila aplastada contra o anteolho, tremeu: iam lhes levar, ficaria abandonado nestas ruínas. Prendeu-se da mulher e do escrivão e, perdida toda vergonha, todo escrúpulo, se pôs a gimotear que não o deixassem, a lhes implorar, e a Mãe dos Homens o arrastou pela mão, depois deles, quando o negro grande ordenou sair dali.

Encontrou-se trotando num mundo revoltado pela desordem, as fumaças, o ruído, as pilhas de escombros. Tinha deixado de chorar, seus sentidos estavam centrados na arriesgadíssima tarefa de sortear obstáculos, não tropeçar, escorregar, cair, soltar à mulher. Tinha percorrido dezenas de vezes Campo Grande, rumo à Praça das Igrejas, e no entanto não reconhecia nada: paredes caídas, ocos, pedras, objetos regados aqui e lá, gente que ia e vinha, que parecia disparar, fugir, rugir. Em vez de tiros, ouvia tiros de fuzil e pranto de meninos. Não soube em que momento se soltou da mulher, mas, de

repente, advertiu que não estava preso à ela, senão de uma forma dissímil, trotadora, cujo ansioso rasgo se confundia com o seu. Fez-se de umas crenchas espessas, abundantes. Revezavam, deixavam-nos atrás. Empunhou com força a cabeleira do Leão de Natuba, se soltasse-o teria perdido tudo. E, enquanto corria, saltava, esquivava, ouvia-se pedindo-lhe que não se adiantasse, que tivesse compaixão de alguém que não podia se valer por si mesmo.

Deu-se de bruço contra algo que acreditou ser uma parede e eram homens. Sentiu-se atalhado, recusado, quando ouviu à mulher pedindo que o deixassem entrar. A muralha abriu-se, percebeu barris, elevados e homens que disparavam e falavam aos gritos, e ingressou, entre a Mãe dos Homens e o Leão de Natuba, num recinto sombreado, por uma portinha de estacas. A mulher, tocando-lhe a cara, disse-lhe: “Fica aqui. Não tenha medo. Reza”. Atingiu a ver que por uma segunda portinha desapareciam ela e o Leão de Natuba.

Desmoronou-se ao solo. Estava rendido, sentia fome, sede, sonho, urgência de esquecer o pesadelo. Pensou: “Estou no Santuário”. Pensou: “Aí está o Conselheiro”. Sentiu assombro de ter chegado até aqui, pensou no privilegiado que era, veria e ouviria de perto ao eixo da tempestade que vivia o Brasil, ao homem mais conhecido e odiado do país. De que lhe serviria? Talvez teria ocasião do contar? Tratou de escutar o que diziam no interior do Santuário, mas o barulho exterior não lhe permitiu escutar nada. A luz que se filtrava entre os carriços era branca e viva e o calor muito forte. Os soldados deviam estar aqui, teria combates nas ruas. Pese a isso, o embargava uma profunda tranqüilidade nesse sombreado reduto solitário.

Cruzou a porta de estacas e entreviu uma sombra de mulher com um lenço na cabeça. Pôs-lhe nas mãos uma escudilha com comida e uma bata com um líquido que, ao beber, descobriu que era leite.

- A Mãe Maria Quadrado está a rezar por você - ouviu. - Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro.

“Louvado”, disse, sem deixar de mastigar, de engolir. Sempre que comia em Canudos doíam-lhe as mandíbulas, como anquilosadas por falta de prática: era uma dor prazerosa, que seu corpo festejava. Mal teve terminado, recostou-se na terra, apoiou sua cabeça no braço, e dormiu. Comer, dormir: era agora a única felicidade possível. As descargas de fuzilaria acercavam-se, afastavam, pareciam girar ao

seu redor e tinha carreiras precipitadas. Aí estava a cara ascética, menuda, nervosa, do Coronel Moreira César, como a tinha visto tantas vezes, cavalgando a seu lado, ou, nas noites do acampamento, conversando após o rancho. Reconhecia sua voz sem vacilação, seu tom peremptório, acirrado: o abrandamento devia executar-se antes de carregar ao final para poupar vidas à República, uma pústula devia ser reventada de imediato e sem sentimentalismos sob pena de que a infecção apodrecesse todo o organismo. Ao mesmo tempo, sabia que o tiroteio arreciava, as mortes, as feridas, os derrubes, e tinha a suspeita de que pessoas armadas passavam sobre ele, evitando o calcar, com notícias da guerra que preferiria não entender porque eram más.

Esteve seguro que já não sonhava, quando comprovou que esses balidos eram de um carneirinho branco que lhe lambia a mão. Acarinhou a cabeça de lã e o animal deixou-o fazer, sem espantar-se. O rumor era uma conversa de duas pessoas, a seu lado. Levou à cara os óculos que tinha mantido empunhado enquanto dormia. Na incerta luz, reconheceu a forma do Padre Joaquim e a de uma mulher descalça, com túnica branca e um lenço azul na cabeça. O cura de Cumbe tinha um fuzil entre as pernas e uma sarta de balas no pescoço. Até onde atingia a perceber, seu aspecto era o de um homem que tinha combatido: os ralos revoltosos e apalpado terra, uma sandália amarrada com um cordão em vez de passador de couro. Mostrava esgotamento. Falava de alguém chamado Joaquinzinho.

- Saiu com Antonio Vilanova, a conseguir comida - ouviu-o dizer, com desânimo. - Sei por João Abade que todo o grupo regressou salvo e que foram às trincheras do Vassa Barris. As que aguentaram a investida.

- E Joaquinzinho? - repetiu a mulher.

Era Alexandrinha Correa, da que se contavam tantos contos: que descobria caçambas subterrâneas, que tinha sido concubina do Padre Joaquim. Não atingia a lhe distinguir a cara. Ela e o cura estavam sentados por terra. A porta do interior do Santuário achava-se aberta e dentro não parecia ter ninguém.

- Não regressou- disse o cura. - Antonio sim, e Honório e muitos outros que estavam no Vassa Barris. Ele não. Ninguém pôde me dar

conta, ninguém o viu.

- Ao menos, queria poder enterrá-lo - disse a mulher. - Que não fique atirado no campo, como animal sem dono.

- Pode ser que não tenha morrido - murmurou o cura de Cumbe. - Se os Vilanova e outros voltaram, por que não Joaquinzinho. Talvez está agora nas torres, ou na barricada de São Pedro, ou com seu irmão na Fazenda Velha. Os soldados também não puderam tomar essas trincheras.

O jornalista míope sentiu alegria e desejos de perguntar-lhe por Jurema e o Anão, mas conteve-se: sentiu que não devia imiscuir-se nessa intimidade. As vozes do cura e a beata eram de um fatalismo calmo, nada dramáticas. O carneirinho lhe mordisqueava a mão. Incorporou-se e sentou-se, mas nem o Padre Joaquim nem a mulher deram importância a que estivesse acordado, os escutando.

- Se Joaquinzinho morreu, é melhor que Atanasio morra também - disse a mulher. - Para que se acompanhem na morte.

Se lhe escarapelou a pele do pescoço, detrás, junto à nuca. Era o que tinha dito a mulher ou o tocador dos sinos? Ouvia-as, muito próximas, e ouvia *Ave Marias* coreadas por inumeráveis grutas. Era o entardecer, pois. A batalha levava quase um dia. Escutou. Não tinha cessado, aos sinos e rezas se misturavam à fuzilaria. Algumas, rompiam em cima de suas cabeças. Davam mais importância à morte que à vida. Tinham vivido no desamparo mais total e toda sua ambição era um bom enterro. Como os entender? Ainda que, talvez, se um vivia a vida que ele estava a viver neste momento, a morte era a única esperança de compensação, uma “festa”, como dizia o Conselheiro. O cura de Cumbe olhava-o:

- É triste que os meninos tenham que matar e que morrer brigando - o ouviu murmurar. Atanasio tem catorze anos, Joaquinzinho não completou treze. Levam um ano matando, fazendo-se matar. Não é triste?

- Sim - balbuciou o jornalista míope. - É-o, é-o. Fiquei dormindo. Que ocorre com a guerra, Padre?

- Foram detidos em São Pedro - disse o cura de Cumbe. Na barricada que construiu esta manhã Antonio Vilanova.

- Quer dizer aqui, dentro da cidade? - Perguntou o míope.

- A trinta passos daqui.

São Pedro, essa rua que cortava Canudos do rio ao cemitério, a paralela a Campo Grande, uma das poucas que merecia o nome de rua. Agora era uma barricada e aí estavam os soldados. A trinta passos. Sentiu frio. O rumor das rezas ascendia, baixava, desaparecia, voltava, e o jornalista míope pensou que nas pausas se escutava, lá fora, a rouca voz do Conselheiro ou a voz aflautada do Beato, e que respondiam em coro as *Ave Marias* as mulheres, os feridos, os idosos, os agonizantes, os jagunços que estavam a disparar. Que pensariam os soldados dessas rezas? Também é triste que um cura tenha que pegar o fuzil disse o Padre Joaquim, tocando a arma que tinha posta nos joelhos à moda dos jagunços.

- Eu não sabia disparar. Também nem o Padre Martínez tinha-o feito, nem para matar a um veado.

Era este o velho ao que o jornalista míope tinha visto enlouquecer, morrido de pânico, ante o Coronel Moreira César?

- O Padre Martínez? - Perguntou.

Adivinhou a desconfiança do Padre Joaquim. Tinha mais curas em Canudos, então. Imaginou-os encebando a arma, apontando, disparando. Talvez a Igreja não estava com a República? Não tinha sido ex-comungado o Conselheiro pelo Arcebispo? Não se tinham lido condenações do fanático herético e demente de Canudos em todas as paróquias? Como podia ter curas matando pelo Conselheiro?

-Ouve-os? Escute, escute: Fanáticos! Sebastianistas! Canibais! Ingleses! Assassinos! Quem veio até aqui a matar meninos e mulheres, a degolar à gente? Quem obrigou a meninos de treze e catorze anos a se voltar guerreiros? Você está aqui vivo não é verdade?

O terror o gelou dos pés à cabeça. O Padre Joaquim ia entregá-lo à vingança e o ódio dos jagunços.

- Por que, você vinha com o Cortapescoços, não é verdade? - acrescentou o cura.-E, no entanto, deram-lhe teto, comida, hospitalidade. Portar-se-iam assim os soldados com um homem de Pedrão, de Pajeú, de João Abade?

Com voz estrangulada, balbuciou:

- Sim, sim, tem você razão. Eu lhe estou muito agradecido por me ter ajudado tanto, Padre Joaquim. Juro-lhe, juro-lhe.

- Morrem por dezenas, por centenas - assinalou o cura de Cumbe para a rua. Por que? Por crer em Deus, por ajustar suas vidas à lei de Deus. A matança dos Inocentes, de novo.

Pôr-se-ia a chorar, se revoltaria de desespero? Mas o jornalista míope viu que o cura se acalmava, fazendo um grande esforço, e que permanecia cabisbaixo, escutando os tiros, as rezas, os sinos. Acreditou ouvir, também, toques de corneta. Timidamente, ainda não repostos do susto, perguntou ao pároco se não tinha visto a Jurema e ao Anão. O cura disse que não com a cabeça. Nesse momento ouviu a seu lado uma voz bem timbrada, de barítono:

- Têm estado em São Pedro, ajudando a levantar a barricada.

Os óculos postos desenhou-lhe, imprecisamente, junto à portinha aberta do Santuário, ao Leão de Natuba, sentado ou ajoelhado, em todo caso encolhido dentro de sua túnica terrosa, o olhando com seus olhos grandes e brilhantes. Estava ali fazia momento ou acabava de assomar-se? O estranho ser, meio homem meio animal, o turvava tanto que não atinou a lhe agradecer nem a pronunciar palavra. Via-o mal, pois a luz tinha baixado, ainda que, pelas rendas das estacas, entrava um raio de luz minguante. - Eu escrevia todas as palavras do Conselheiro - o ouviu dizer, com sua voz bela e cadenciosa. Dirigia-se a ele, tratando de ser amável. Seus pensamentos, seus conselhos, suas rezas, suas profecias, seus sonhos. Para a posteridade. Para acrescentar outro Evangelho à Bíblia.

- Sim- murmurou, confuso, o jornalista míope. - Mas já não há papel nem tinta em Belo Monte e a última pluma se rompeu. Já não se pode eternizar o que diz - prosseguiu o Leão de Natuba, sem amargura, com essa aquiescência calma que o jornalista míope tinha visto às pessoas daqui enfrentar ao mundo, como se as desgraças fossem, igual que as chuvas, os crepúsculos, as marés, fenômenos naturais contra os que seria estúpido se rebelar.

- O Leão de Natuba é uma pessoa muito inteligente -murmurou o cura de Cumbe. O que Deus lhe tirou nas pernas, nas costas, nos ombros, lhe deu em inteligência. Não é verdade, Leão?

- Sim - assentiu, movendo a cabeça, o jornalista de Canudos. E o jornalista míope, do que os grandes olhos não se apartavam um

instante, esteve seguro que era verdadeiro.

- Li o Missal Abreviado e as Horas Marianas muitas vezes. E todas as revistas e papéis que a gente me trazia de presente, antes. Muitas vezes. O senhor leu muito, também?

O jornalista míope sentia um incômodo tão grande que queria sair dali correndo, ainda que fosse encontrar com a guerra.

- Li alguns livros - repôs, envergonhado. E pensou: "Não me serviu de nada".

Era uma coisa que tinha descoberto nestes meses: a cultura, o conhecimento, mentiras, lastres, vendas. Tantas leituras e não lhe tinham valido de nada para escapar, para se livrar desta armadilha.

- Sei que é a eletricidade - disse o Leão de Natuba, com orgulho. - Se o senhor quiser, posso-lhe ensinar. E o senhor, em troca, pode-me ensinar coisas que eu não saiba. Sei que é o princípio ou lei de Arquímedes. Como se momificam os corpos. As distâncias que há entre os astros.

Mas teve uma violenta sucessão de ráfagas em direções simultâneas e o jornalista míope descobriu-se agradecendo à guerra que fizesse calar a esse ser cuja voz, cercania de existência, lhe causavam um mal-estar tão profundo. Por que o desazonava tanto alguém que só queria falar, que despregava assim suas qualidades, suas virtudes, para ganhar sua simpatia? "Porque pareço-me a ele pensou, porque estou na mesma corrente da que ele é o escravo mais degradado."

O cura de Cumbe correu para a porta do exterior, abriu-a e entrou uma bocanada de luz de entardecer que lhe revelou outros rasgos do Leão de Natuba: sua pele escura, as linhas afiadas da cara, uma mechao de pelos na barbicha, o aço de seus olhos. Mas era sua postura a que lhe resultava abrumadora: essa cara afundada entre dois joelhos ossudos, o bulto de importunar por trás da cabeça, como um atado preso às costas, e as extremidades longas e magras como patas de aranha abraçadas a suas pernas. Como podia um esqueleto humano descompor-se, pregar-se desse modo? Que retorcimentos absurdos tinham essa coluna, essas costas, esses ossos? O Padre Joaquim falava a gritos com os de fora: tinha um ataque, pediam gente em alguma parte. Voltou à habitação e adivinhou que recolhia seu fuzil.

- Estão a assaltar a barricada por São Cipriano e São Crispim - ouviu-o dizer. - Anda ao Templo do Bom Jesus, estará mais protegida. Adeus, adeus, que a Senhora nos salve.

Saiu correndo e o jornalista míope viu que a beata atrapava ao carneirinho que, assustado, se pôs a balir. Alexandrinha Correa perguntou ao Leão de Natuba se viria com ela e a harmoniosa voz repôs que ficaria no Santuário. E ele? E ele? Ficaria com o monstro? Correria depois da mulher? Mas esta se tinha ido já e outra vez reinava a penumbra no quatinho de estacas. O calor era sufocante. O tiroteio arreciava. Imaginou aos soldados, perfurando a barreira de pedras e areia, pisoteando cadáveres, acercando-se como uma torrenteira aonde ele estava.

- Não quero morrer - articulou, sentindo que não conseguia sequer chorar.

- Se o senhor quer, fazemos pacto - disse o Leão de Natuba, sem alterar-se. - Fizemo-lo com a Mãe Maria Quadrado. Mas ela não terá tempo de voltar. Quer que façamos pacto?

O jornalista míope tremia tanto que não pôde abrir a boca. Debaixo do intenso tiroteio ouvia, como uma música remansada, fugitiva, os sinos e o coro simétrico de Ave-marias.

—Para não morrer a ferro—explicava o Leão da Natuba— O ferro, metido na garganta, cortando ao homem como se corta ao animal para sangrá-lo, é uma grande ofensa à dignidade. Laçadora a alma. Quer o senhor que façamos pacto?

Esperou um instante e como não houve resposta, precisou:

—Quando os sentirmos na porta do Santuário e seja seguro que vão entrar, os mataremos. Cada um apertará ao outro a boca e o nariz até que arrebentem os pulmões. Ou podemos os estrangular, com as mãos ou os cordões das sandálias. Fazemos pacto?

A fuzilaria apagou a voz do Leão da Natuba. A cabeça do jornalista míope era um vórtice e todas as idéias que chispavam nele, contraditórias, ameaçadores, lúgubres, esporeavam sua angústia. Estiveram em silêncio, ouvindo os tiros, as carreiras, o grande caos. A luz decaía com rapidez e já não via os rasgos do escriba a não ser, apenas, seu vulto escondido. Não faria esse pacto, seria incapaz de cumpri-lo, logo que ouvisse os soldados ficaria a gritar sou um prisioneiro dos jagunços, socorro, ajuda, aclamaria à República, ao

Marechal Floriano, lançar-se-ia sobre o quadrumano, o dominaria e ofereceria aos soldados em prova de que não era jagunço.

—Não entendo, não entendo, que seres são vocês — se ouviu dizer, agarrando a cabeça— O que fazem aqui, por que não fugiram antes de que os cercassem, que loucura esperar em uma ratoeira que venham a matá-los.

—Não há onde fugir —disse o Leão da Natuba— Já fugimos antes. Para isso viemos aqui. Este era o sítio. Já não há onde, já vieram também a Belo Monte.

O tiroteio tragou sua voz. Estava quase escuro e o jornalista míope pensou que para ele seria noite antes que para outros. Preferível morrer que passar outra noite como a anterior. Teve uma urgência enorme, dolorosa, biológica, de estar perto de seus dois companheiros. Insensatamente decidiu buscá-los, e, enquanto tropeçava para a saída, gritou:

—Vou procurar a meus amigos, quero morrer com meus amigos.

Ao empurrar a portinha recebeu afresco na cara e intuiu, rarefeitas na poeirada, às figuras tombadas no parapeito dos que defendiam o Santuário.

—Posso sair? Posso sair? —implorou— Quero encontrar a meus amigos.

—Pode —disse alguém— Agora não há tiros.

Deu uns passos, apoiando-se na barricada e quase imediatamente tropeçou em algo brando. Ao incorporar-se encontrou abraçado a uma forma feminina, magra, que se estreitou a ele. Pelo aroma, pela felicidade que o encheu, antes de ouvir soube quem era. Seu terror voltou, aposentou enquanto abraçava a essa mulher que o abraçava com o mesmo desespero. Uns lábios se juntaram aos seus, não se apartaram, responderam a seus beijos. “Amo-o —balbuciou— amo-o, amo-o. Já não me importa morrer.” E perguntou pelo Miúdo enquanto lhe repetia que a amava.

—Procuramo-lhe todo o dia—disse o Miúdo, abraçado a suas pernas— Todo o dia. Que felicidade que esteja vivo.

—Tampouco me importa morrer —disseram, sob seus lábios, aos da Jurema.

—Esta é a casa do Fogueteiro!—exclama de repente o General Artur Oscar. Os oficiais que estão lhe dando parte dos mortos e feridos no assalto que ele mandou interromper, olham-no desconcertados. O General assinala uns cobertores ao meio fazer, de canos e imbecis sujeitos com pitas, regados pela moradia— O que lhes prepara essas queimações.

Das oito massas—se se pode chamar “massas” aos amontoamentos indecifráveis de escombros— que conquistou a tropa em quase doze horas de luta, essa cabana de uma só peça, dividida por um tabique de estacas, é a única mais ou menos em pé. Por isso foi escolhida para Quartel Geral. Os regulamentos e oficiais que o rodeiam não compreendem que o Chefe do corpo expedicionário fale nestes momentos, quando está fazendo o balanço da dura jornada, de foguetes. Não sabem que os fogos de artifício são uma secreta debilidade do General Oscar, um poderoso ressabor de infância, e que no Piauí aproveitava qualquer celebração patriótica para ordenar queima de castelos no pátio do quartel. No mês e meio que leva já aqui, observou com inveja, do alto da Favela, certas noites de procissão, as cascatas de luzes no céu do Canudos. O homem que prepara tais castelos é um professor, poderia ganhar muito bem a vida em qualquer cidade do Brasil. Terá morrido o Fogueteiro no combate de hoje em dia? Ao mesmo tempo que o pergunta, está atento às cifras que enumeram os coronéis, majores, capitães que entram e saem ou permanecem na minúscula habitação invadida já pelas sombras. Acendem um acendedor. Uns soldados empilham costas de areia ante a parede que olha ao inimigo.

O General termina o cálculo.

—É pior do que supunha, senhores —diz ao leque de silhuetas. Tem o peito oprimido, pode sentir a expectativa dos oficiais— Mil vinte e sete baixas! A terceira parte das forças! Vinte e três oficiais mortos, entre eles os Coronéis Carlos Telles e Serra Martins. Dão-se conta?

Ninguém responde, mas o General sabe que todos se dão perfeita conta de que um número semelhante de baixas equivale a uma

derrota. Vê a frustração, a cólera, o assombro de seus subordinados; os olhos de alguns brilham.

—Continuar o assalto significaria o aniquilamento. Compreendem-no agora?

Porque quando, alarmado pela resistência dos jagunços e a intuição de que as baixas dos patriotas eram já muito altas—e o impacto que foi para ele a morte do Telles e Serra Martins— o General Oscar ordenou que as tropas se limitassem a defender as posições conquistadas, houve em muitos destes oficiais indignação, e até temeu que alguns desobedecessem a ordem. Seu próprio adjunto, o Tenente Pinto Souza, do Terceiro de Infantaria, protestou: “Mas se a vitória está ao alcance da mão, Excelência!”. Não o estava. Um terço fora de combate. É uma percentagem muito alta, catastrófico, face às oito massas capturadas e ao estrago causado aos fanáticos.

Esquece ao Fogueteiro e fica a trabalhar com seu Estado Maior. Despede-se dos chefes, adjuntos ou delegados dos corpos de assalto, lhes repetindo a ordem de conservar, sem dar um passo atrás, as posições tomadas, e de escorar a barricada, oposta a que os conteve, que se começou a erigir faz umas horas, quando se viu que a cidade não cairia. Decide que a Sétima Brigada, que ficou protegendo aos feridos da Favela, deva reforçar a “linha negra”, a nova frente de operações, já encravada no coração da cidade sediciosa. No cone de luz do acendedor, inclina-se sobre o mapa esboçado pelo Capitão Teotônio Coriolano, cartógrafo de seu Estado Maior, guiando-se pelas partes e por suas próprias observações, sobre a situação. Uma quinta parte de Canudos foi tomada, um triângulo que se inicia na trincheira da Fazenda Velha, sempre em mãos dos jagunços, até o cemitério, capturado, e aonde as forças patrióticas se acham a menos de oitenta passos da Igreja do Santo Antonio.

—O fronte não cobre mais de mil e quinhentos metros—diz o Capitão Guimarães, sem ocultar sua decepção— Estamos longe de havê-los cercado. Nem a quarta parte da circunferência. Possa sair, entrar, receber equipamento.

—Não podemos estirar o fronte sem os reforços—queixa-se o Major Carreiro— por que nos abandonam assim, Excelência?

O General Oscar se encolhe de ombros. Desde o dia da emboscada, ao chegar à Canudos, ao ver a mortandade que sofriam

seus homens, mandou súplicas urgentes, fundamentadas, inclusive exagerando a gravidade da situação. Por que não envia reforços a superioridade?

—Se em vez de três mil, tivéssemos cinco mil, Canudos estaria em nosso poder —pensa em voz alta um oficial.

O General os obriga a trocar de tema, lhes comunicando que vai revisar o fronte e o novo Hospital de Sangue instalado essa manhã junto aos barrancos do Vassa Barris, uma vez que foram desalojados dali os jagunços. Antes de abandonar a casa do Fogueteiro, bebe uma taça de café, ouvindo os sinos e Ave-marias dos fanáticos tão perto que lhe parece mentira.

Com seus cinqüenta e três anos é um homem de grande energia, que raramente se fatiga. Seguiu os pormenores do assalto, com seus prismáticos, das cinco da manhã, em que os corpos começaram a abandonar a Favela, e partiu com eles, imediatamente detrás dos batalhões de vanguarda, sem descansar e sem provar bocado, contentando-se com goles de seu cantil. No começo da tarde, uma bala perdida feriu um soldado que estava ao lado dele. Sai da cabana. É de noite; não há uma estrela. O rumor das rezas invade tudo, como um feitiço, e apaga os últimos tiros. Dá instruções de que não se acendam fogueiras na trincheira, mas, em que pese a isso, no lento, intrincado percorrido que faz escoltado por quatro oficiais, em muitos pontos serpenteantes, hieroglífica, abrupta barricada levantada pelas tropas com escombros, terra, pedras, latas e toda classe de utensílios e artefatos, detrás da qual se alinham, sentados de costas contra os tijolos, dormindo uns contra outros, alguns com ânimos ainda para cantar ou para adiantar a cabeça sobre a muralha e insultar aos bandidos—que devem estar escutando, escondidos detrás de sua própria barreira, a cinco metros de distância em alguns setores, em outros a dez, em outros virtualmente tocando-se— o General Oscar encontra braseiros onde grupos de soldados fervem uma sopa com resíduos de viandas, reaquecem pedaços de carne salgada ou dão calor a quão feridos tremem pela febre e que não puderam ser conduzidos até o Hospital de Sangue por seu estado calamitoso.

Troca palavras com os chefes de companhia, de batalhões. Estão esgotados, em todos descobre a mesma desolação, mesclada de pasmo, que ele também sente pelas coisas incompreensíveis desta

maldita guerra. Enquanto felicita a um jovem alferes por seu comportamento heróico no assalto, repete-se algo que disse muitas vezes: “Maldita a hora em que aceitei este Comando”.

Enquanto estava em Queimadas, lutando com os endemoninhados problemas de falta de transportes, de animais de tiro, de carros para os mantimentos, que o teriam entupido ali três meses de aborrecimento mortal, o General Oscar se inteirou que, antes de que o Exército e a Presidência da República lhe oferecessem o mando da Expedição, três generais na ativa tinham recusado aceitá-lo. Agora entende por que lhe tinham feito o que ele, em sua ingenuidade, acreditou uma distinção, um presente para fechar com broche de ouro sua carreira. Enquanto estreita mãos e troca impressões com oficiais e soldados cujas caras lhe oculta a noite, pensa em quão imbecil foi acreditando que a superioridade quis premiá-lo tirando-o de sua chefia militar do Piauí onde transcorreu, tão sossegadamente, seu serviço de perto de vinte anos para lhe permitir, antes do retiro, dirigir um glorioso feito de armas: esmagar a rebelião monárquico-restauradora do interior baiano. Não, não foi para desagrá-lo por tantas prosternações e reconhecer ao fim seus méritos —como ele disse a sua esposa ao lhe anunciar a nova — mas sim porque os outros chefes do Exército não queriam enlamear-se em semelhante lodaçal, que lhe encomendaram esta chefia. Um presente grego. Claro que os três generais tinham razão! Acaso tinha sido preparado ele, um militar profissional, para esta guerra grotesca, absurda, totalmente à margem das regras e convenções da verdadeira guerra?

Em um extremo da muralha estão carneando uma cabeça de gado. O General Oscar se senta a comer uns bocados de carne fria em um corro de oficiais. Conversa com eles sobre os sinos do Canudos e essas orações que acabam de cessar. As raridades desta guerra: essas rezas, essas procissões, esses tangidos, essas igrejas que os bandidos defendem com tanto encarniçamento. Outra vez é presa do mal-estar. Incomoda-lhe que esses canibais degenerados sejam, em que pese a tudo, brasileiros, quer dizer, em um sentido essencial, semelhante a eles. Mas o que mais chateia —a ele, crente devoto, cumpridor rigoroso dos preceitos da Igreja, uma de cujas suspeitas é que não foi mais promovido em sua carreira por haver-se negado obstinadamente a ser maçom — é que os bandidos mintam que são

católicos. Essas manifestações de fé—os rosários, as procissões, os vivas ao Bom Jesus — o confundem e causam pena, apesar de que o Padre Lizzardo, em todas as missas de campanha, troveja contra os ímpios, acusando os de perjuros, heréticos e profanadores da fé. Mesmo assim, o General Oscar não pode livrar do mal-estar, ante esse inimigo que converteu esta guerra em um pouco tão diferente do que esperava, em uma espécie de luta religiosa. Mas que o turve não significa que deixe de odiá-lo, a esse adversário anormal, imprevisível, que, além disso, humilhou-o, não se desfazendo ao primeiro choque, como estava convencido que ocorreria ao aceitar esta missão.

A esse inimigo o odeia ainda mais, no curso da noite, quando logo depois de percorrer a barricada cruza o descampado para o Hospital de Sangue do Vassa Barris. A meio caminho se acham os canhões *Krupp 7,5* que acompanham o assalto, bombardeando sem descanso essas torres das que o inimigo causa tanto machucado à tropa. O General Oscar conversa um momento com os artilheiros, que, face ao avançado da hora, cavam um parapeito com lanças, reforçando a convocação.

A visita ao Hospital de Sangue, à beira do leito seco, aflige-o; deve lutar para que os médicos, enfermeiros, agonizantes, não o advirtam. Agradece que isto aconteça na semiobscuridade, pois as lanternas e fogueiras revelam apenas uma insignificante parte do espetáculo que tem lugar a seus pés. Os feridos estão mais desamparados que na Favela, sobre a argila e o cascalho, agrupados como foram chegando e os médicos lhe explicam que, para cúmulo de males, toda a tarde e parte da noite um ventania ventilou contra essas feridas abertas, que não há com o que enfaixar nem desinfetar nem suturar, nuvens de terra avermelhada. Por toda parte escuta alaridos, gemidos, prantos, desvario de febre. A pestilência é asfíxiante e o Capitão Coriolano, que o acompanha, tem de repente uma arcada. Ouve-o desfazer-se em desculpas. Cada certo trecho, detém-se dizer palavras afetuosas, a aplaudir, estreitar a mão de um ferido. Felicita-os por sua coragem, agradece-lhes seu sacrifício em nome da República. Mas fica mudo quando fazem um alto frente aos cadáveres dos Coronéis Carlos Telles e Serra Martins, que serão enterrados amanhã. O primeiro morreu com um tiro no peito, ao começar o ataque, cruzando o rio. O segundo ao entardecer, assaltando à cabeça de seus homens a

barreira dos jagunços, em um combate corpo a corpo. Informam-lhe que seu cadáver costurado a feridas de adaga, lança e facão, está castrado, irresponsável e desnarigado. Em momentos como este, quando ouve que um destacado e bravo militar é vexado desse modo, o General Oscar se diz que é justa a política de degolar a todos os Sebastianistas que caem prisioneiros. A justificação dessa política, para sua consciência, é de duas ordens: trata-se de bandidos, não de soldados, aos que a honra mandaria respeitar; e, de outro lado, a escassez de mantimentos não deixa alternativa, pois seria mais cruel matá-los de fome e absurdo privar de rações aos patriotas para alimentar a monstros capazes de fazer o que têm feito com esse chefe.

Quando está terminando o percurso, detém-se ante um pobre soldado ao que dois enfermeiros sujeitam enquanto lhe amputam um pé. O cirurgião, agachado, serra, e o General o ouve pedir que lhe limpem o suor dos olhos. Não deve ver muito, de todos os modos, pois outra vez há vento e a fogueira bailotea. Quando o cirurgião se incorpora reconhece ao jovem paulista Teotônio Leal Cavalcanti. Trocam uma saudação. Quando o General Oscar empreende a volta, a cara fraca e atormentada do estudante, cuja abnegação elogiam seus colegas e pacientes, acompanha-o. Faz uns dias esse jovem a quem não conhecia lhe apresentou a lhe dizer: “matei a meu melhor amigo e quero ser castigado”. Assistia à entrevista seu adjunto, o Tenente Pinto Souza, e ao inteirar-se de quem é o oficial ao que Teotônio, por compaixão, disparou um balaço na têmpora, ficou lívido. A cena fez vibrar ao General. Teotônio Leal Cavalcanti, com a voz rota, explicou a condição do Tenente Pires Ferreira—cego, sem mãos, destroçado no corpo e na alma— suas súplicas para que pusesse fim a seu sofrimento e os remorsos que o acoçam por havê-lo feito. O General Oscar lhe ordenou guardar absoluta reserva e continuar em suas funções como se nada tivesse acontecido. Uma vez que acabem as operações, decidirá sobre seu caso.

Em casa do Fogueteiro, já na rede, recebe um relatório do Tenente Pinto Souza, que acaba de retornar da Favela. A Sétima Brigada estará aqui a primeira hora, para reforçar a “linha negra”.

Dorme cinco horas, e à manhã seguinte se sente reposto, cheio de ânimos, enquanto toma seu café e um punhado dessas bolachas de maisena que são o tesouro de sua despensa. Reina um estranho

silêncio em todo o fronte. Os batalhões da Sétima Brigada estão por chegar e, para cobrir seu cruzamento do descampado, o General ordena que os *Krupp* bombardeiem as torres. Desde os primeiros dias, pediu à superioridade que, junto com os reforços, mandem-lhe essas amadurecidas especiais, de setenta milímetros, com pontas de aço; que se fabricaram na Casa da Moeda de Rio, para perfurar os cascos dos navios rebelados em 6 de setembro. Por que não fazem conta? Explicou à chefia que os *shrapnel* e *obuses* de gasolina não bastam para destruir essas malditas torres de rocha viva. Por que se fazem de surdos?

O dia transcorre em calma, com tiroteios espaçados, e ao General Oscar lhe acontece dedicado a distribuir aos homens frescos da Sétima Brigada ao longo da “linha negra”. Em uma reunião com seu Estado Maior se descarta categoricamente outro assalto, enquanto não cheguem os reforços. Manter-se-á uma guerra de posições, tratando de avançar gradualmente pelo flanco direito—o mais fraco do Canudos, a simples vista— em ataques parciais, sem expor a toda a tropa. Decide-se, também, que parta uma expedição a Monte Santo levando-se aos feridos em condições de suportar a viagem.

Ao meio-dia, quando estão enterrando os Coronéis de Silva Telles e Serra Martins, junto ao rio, em uma só tumba com duas cruces de madeira, dão-lhe ao General uma má notícia: acaba de ser ferido no quadril, por uma bala perdida, o Coronel Neri, enquanto fazia uma necessidade biológica em uma encruzilhada da “linha negra”.

Essa noite o acorda um forte tiroteio. Os jagunços atacam os dois canhões *Krupp* 7,5 do descampado e o Batalhão 32 de Infantaria voa a reforçar aos artilheiros. Os jagunços cruzaram a “linha negra” na escuridão, nas barbas dos sentinelas. O combate é renhido, de duas horas, e a mortandade grande: perecem sete soldados e há quinze feridos, entre eles um alferes. Mas os jagunços têm cinquenta mortos e dezessete prisioneiros. O General vai vê-los.

É alvorada, uma irisação azulada pesponta as colinas. O vento é tão frio que o General Oscar se cobre com uma manta enquanto percorre o descampado aos trancos. Os *Krupp*, felizmente, estão intactos. Mas a violência da luta e os companheiros mortos e feridos exasperaram que tal modo aos artilheiros e infantas que o General Oscar encontra aos prisioneiros meio mortos dos golpes que

receberam. São muito jovens, alguns meninos, e há entre eles duas mulheres, todos esqueléticos. O General Oscar confirma o que confessam todos os prisioneiros: a grande escassez de mantimentos entre os bandidos. Explicam-lhe que eram as mulheres e os jovens quem disparava, pois os jagunços se dedicaram a tratar de destruir os canhões com lanças, maças, paus, martelos, ou em obstruí-los com areia. Bom sintoma: é a segunda vez que o tentam, os *Krupp 7,5* lhes estão fazendo mal. As mulheres, igual aos meninos, têm trapos azuis. Os oficiais pressentem estão enojados desses extremos de barbárie: que enviem meninos e mulheres lhes parece o cúmulo da objeção humana, um escárnio da arte e a moral da guerra. Quando se retira, o General Oscar ouve que os prisioneiros, ao dar-se conta que os vão executar, aclamaram ao Bom Jesus. Sim, os três generais que recusaram vir sabiam o que faziam; adivinhavam que isto de guerrear contra meninos e mulheres que matam e aos que portanto terá que matar, e que morrem dando vivas ao Jesus, é algo que não pode produzir alegria a nenhum soldado. Tem a boca amarga, como se tivesse mastigado tabaco.

Esse dia transcorre na “linha negra” sem novidade, dentro do que — pensa o chefe da Expedição — será a rotina até que cheguem os reforços: tiroteios esporádicos de uma parte a outra das duas barricadas que se desafiam, carrancudas e arrevesadas; torneios de insultos que sobrevoam as barreiras sem que os insultados se vejam as caras, e o bombardeio contra as igrejas e o Santuário, agora breve devido à escassez de munições. Acham-se virtualmente sem nada que comer; ficam apenas dez cabeças de gado no curral habilitado detrás da Favela e uns quantos sacos de café e de grão. Reduz na metade as rações da tropa, que já eram exíguas.

Mas essa tarde o General Oscar recebe uma notícia surpreendente: uma família de jagunços, de quatorze pessoas, apresenta-se espontaneamente como prisioneira no acampamento da Favela. É a primeira vez que ocorre algo assim, do começo da campanha. A notícia lhe levanta o ânimo de maneira extraordinária. A desmoralização e a fome devem estar escavando aos canibais. Na Favela, ele mesmo interroga aos jagunços. São três velhos em ruínas, um casal adulto e meninos raquíticos de ventres inchados. São do Ipueiras e segundo eles—que respondem a suas perguntas com os dentes lhes chiando de medo — se acham em Canudos só há mês e

meio; refugiaram-se ali, não por devoção ao Conselheiro, mas sim por temor ao saber que se aproximava um grande Exército. Fugiram fazendo acreditar nos bandidos que foram cavar trincheiras à saída para Cocorobó, o que em efeito têm feito até a véspera, em que, aproveitando um descuido do Pedrão, escaparam. Tomou-lhes um dia o rodeio até a Favela. Dão ao General Oscar todos os informes sobre a situação da toca e apresentam um quadro tétrico do que ocorre ali, pior ainda do que este supunha — fome, feridos e mortos em qualquer parte, pânico generalizado — e asseguram que a gente se renderia se não fosse pelos cangaceiros como João Grande, João Abade, Pajeú e Pedrão, que juraram matar a toda a parental de que deserte. Entretanto, o General não lhes crê ao pé da letra o que dizem: estão tão visivelmente aterrorizados que diriam qualquer embuste para despertar sua simpatia. Ordena que os encerrem no curral do gado. A vida de todos os que, seguindo o exemplo destes, rendam-se, será preservada. Seus oficiais se mostram também otimistas; alguns prognosticam que a toca cairá por decomposição interna, antes de que cheguem os reforços.

Mas ao dia seguinte a tropa sofre um duro reverso. Centena e meia de cabeças de gado, que vinham de Monte Santo, caem em mãos dos jagunços da maneira mais estúpida. Por excesso de precaução, para evitar ser vítimas desses pisteros arrolados no sertão que resultam quase sempre cúmplices do inimigo nas emboscadas, a companhia de lançadores que escolta as cabeças de gado se guiou só pelos mapas riscados pelos engenheiros do Exército. A sorte não os acompanha. Em vez de tomar o caminho de Rosário e das Umburanas, que desemboca na Favela, desviam-se pela rota do Cambaio e Tabolerinho, indo cair de repente em meio das trincheiras dos jagunços. Os lançadores dão um valoroso combate, livrando-se de ser exterminados, mas perdem todas as cabeças de gado, que os fanáticos se apressam a tocar a fuetas ao Canudos. Da Favela, o General Oscar vê com seus prismáticos esse inusitado espetáculo: a poeirada e o ruído que levanta a tropa entrando na carreira ao Canudos entre a felicidade estentórea dos degenerados. Em um ataque de fúria, aos que não está acostumado a ser propenso, recrimina em público aos oficiais da companhia que extraviou as cabeças de gado. Este fracasso será um estigma em sua carreira! Para castigar aos jagunços pelo golpe de boa sorte que lhes deu de

presente cento e cinquenta cabeças de gado, o tiroteio de hoje é o dobro de intenso.

Como o problema da alimentação assume caracteres críticos, o General Oscar e seu Estado Maior enviam aos lançadores gaúchos—que nunca desmentiram sua fama de grande— e ao Batalhão 27 de Infantaria, a conseguir comestíveis “de onde e como for”, pois a fome causa já dano físico e moral nas filas. Os lançadores retornam ao anoitecer com vinte cabeças de gado, sem que o General lhes pergunte a procedência; são imediatamente carneadas e distribuídas entre a Favela e a “linha negra”. O General e seus adjuntos dão disposições para melhorar a comunicação entre os dois acampamentos e o fronte. Estabelecem-se rotas de segurança, as balizas de postos de vigilância e se segue reforçando a barricada. Com sua energia de costume, o General prepara, também, a partida dos feridos. Fabricam-se cangalhas, muletas, reparam-se as ambulâncias e se faz uma lista dos que partirão.

Dorme essa noite em seu barraco da Favela. À manhã seguinte, quando está tomando o café da manhã seu café com bolachas de maisena, dá-se conta que chove. Boquiaberto, observa o prodígio. É uma chuva diluvial, acompanhada de um vento assobiante que leva e traz as trombas de água turva. Quando sai a empapar-se, regozijado, vê que todo o acampamento chapinha sob a chuva, no barro, em um estado de ardor. É a primeira chuva em muitos meses, uma verdadeira bênção depois destas semanas de calor diabólico e de sede. Todos os corpos armazenam o precioso líquido nos recipientes de que dispõem. Com seus prismáticos trata de ver o que ocorre em Canudos, mas há uma neblina espessa e não distingue sequer as torres. A chuva não dura muito, uns minutos depois, está ali, de novo, o vento carregado de pó. Pensou muitas vezes que quando isto termine, sua memória conservará de maneira indelével essas ventanias contínuas, deprimentes, que pressionam as têmeoras. Enquanto se tira as botas para que seu regulamento os saque o barro, compara a tristeza desta paisagem sem verde, sem sequer um arbusto floreado, com a exuberância vegetal que o rodeava no Piauí.

—Quem me ia dizer que sentiria falta de meu jardim—confessa ao Tenente Pinto Souza, que prepara a Ordem do dia— Nunca entendi a paixão de minha esposa pelas flores. Podava-as e regava todo dia.

Parecia-me uma enfermidade afeiçoar-se com um jardim. Agora, frente a esta desolação, compreendo-o.

Todo o resto da manhã, enquanto despachava com distintos subordinados, pensa de maneira recorrente na poeirada que cega e sufoca. Nem dentro dos barracos escapa ao suplício. “Quando a gente não come pó com assado, come assado com pó. E sempre enfeitado de moscas”, pensa.

Um tiroteio o tira dessas filosofias, ao entardecer. Um partido de jagunços se lança de repente —emergindo da terra como se tivessem cavado um túnel sob a “linha negra” — contra um cruzeiro da barricada, com a intenção de cortá-la. O ataque tira de surpresa aos soldados, que abandonam a posição, mas, uma hora depois, os jagunços são desalojados com grandes perdas. O General Oscar e os oficiais chegam à conclusão de que o ataque tinha por objeto proteger às trincheiras da Fazenda Velha. Todos os oficiais sugerem por isso as ocupar, dando lugar: isso precipitará a rendição da toca. O General Oscar translada três metralhadoras da Favela à “linha negra”.

Esse dia, os lançadores gaúchos voltam para acampamento com trinta cabeças de gado. A tropa goza de um banquete, que melhora o humor de todo o mundo. O General Oscar inspeciona os dois Hospitais de Sangue, onde se realizam os últimos preparativos para a partida dos doentes e feridos. Para evitar cenas dilaceradoras antecipadas, decidiu dar a conhecer só no momento da partida os nomes dos que empreenderão viagem.

Essa tarde, os artilheiros lhe mostram, alvoroçados, quatro caixas repletas de *obuses* para os *Krupp 7,5* que uma patrulha encontrou no caminho das Umburanas. Os projéteis estão em perfeito estado e o General Oscar autoriza o que o Tenente Macedo Soares, responsável pelos canhões da Favela, chama “um fogo de artifício”. Sentado junto a eles e tampando os ouvidos com algodões, como os servidores das peças, o General assiste ao disparo de sessenta *obuses*, dirigidos todos contra o coração da resistência dos traidores. Entre a poeirada que as explosões levantam, observa com ansiedade as altas moles que sabe lotadas de fanáticos. Em que pese a estar descascadas e com buracos, resistem. Como segue em pé o campanário da Igreja do Santo Antonio, que parece um coador e que está mais inclinado que a famosa Torre de Pisa? Durante todo o bombardeio, espera

avidamente ver desmoronar-se essa torre em ruínas. Deus deveria lhe conceder essa dádiva, para injetar um pouco de entusiasmo a seu espírito. Mas a torre não cai.

À manhã seguinte, está de pé à alvorada para se despedir dos feridos. Vão na expedição sessenta oficiais e quatrocentos e oitenta soldados, todos os que os médicos acreditam em condições de chegar a Monte Santo. Entre eles, acha-se o chefe da Segunda Coluna, General Savaget, cuja ferida no ventre o tem inutilizado desde que chegou à Favela. O General Oscar se alegra de vê-lo partir, pois, embora suas relações são cordiais, sente desconforto frente a esse General sem cuja ajuda, está seguro, a Primeira Coluna seria exterminada. Que os bandidos fossem capazes de levá-lo a essa espécie de matadouro, com tanta habilidade tática, é algo que, face à falta de outras provas, ainda faz pensar ao General Oscar que os jagunços podem estar assessorados por oficiais monárquicos e até por ingleses. Embora esta possibilidade deixou de mencionar-se nos conselhos de oficiais.

A despedida de quão feridos partem e dos que ficam não é dilaceradora, com prantos e protestos, como temia, mas sim de grave solenidade. Uns e outros se abraçam em silêncio, trocam mensagens, e os que choram procuram dissimulá-lo. Tinha disposto que os que partem recebessem rações para quatro dias, mas a falta de recursos o obriga a reduzir a ração a só um dia. Parte com os feridos o Batalhão de lançadores gaúchos, que lhes procurará sustento no percurso. Além disso, escolta-os o Batalhão 33 de Infantaria. Quando os vê afastar-se, no dia que desponta, lentos, miseráveis, esfomeados, com os uniformes em ruínas, muitos deles descalços, diz-se que quando chegarem a Monte Santo —os que não sucumbam no caminho — estarão em um estado ainda pior: talvez a superioridade entenda então o crítico da situação e mande os reforços.

A partida da expedição deixa um clima de melancolia e tristeza nos acampamentos da Favela e a “linha negra”. A moral da tropa decaiu pela falta de alimento. Os homens comem as cobras e cães que capturam e até torram formigas e as tragam, para aplacar a fome.

A guerra consiste em tiros isolados, de parte para parte das barricadas. Os contendores se limitam a espiar, desde suas posições; quando vigiam um perfil, uma cabeça, um braço, estala um tiroteio.

Dura apenas uns segundos. Logo se instala outra vez esse silêncio que é, também, marasmo embrutecedor, hipnótico. Perturbam-no as balas perdidas que saem das torres e do Santuário, não dirigidas a um branco preciso, a não ser às moradias em ruínas que ocupam os soldados: atravessam os leves tabiques de estacas e barro e muitas vezes ferem ou matam a soldados dormindo ou vestindo-se.

Esse anoitecer, na casa do Fogueteiro, o General Oscar joga às cartas com o Tenente Pinto Souza, o Coronel Neri (quem se repõe de sua ferida) e dois capitães de seu Estado Maior. Fazem-no sobre caixas, à luz de um acendedor. Enfrascam-se de repente em uma discussão a respeito de Antonio Conselheiro e dos bandidos. Um dos capitães, que é do Rio, diz que a explicação de Canudos é a mestiçagem, essa mescla de negros, índios e portugueses que foi paulatinamente degenerando a raça até produzir uma mentalidade inferior, propensa à superstição e ao fatalismo. Esta opinião é rebatida com ímpeto pelo Coronel Neri. Acaso não houve mesclas em outras partes do Brasil sem que se produzam ali fenomenais similares? Como acreditava o Coronel Moreira César, a quem admira e quase deifica, pensa que Canudos é obra dos inimigos da República, os restauradores monárquicos, os antigos escravocratas e privilegiados que açularam e confundiram a estes pobres homens sem cultura lhes inculcando o ódio ao progresso. “Não é a raça a não ser a ignorância a explicação de Canudos”, afirma.

O General Oscar, que seguiu com interesse o diálogo, fica perplexo quando lhe perguntam sua opinião. Vacila. Sim, diz ao fim, a ignorância permitiu aos aristocratas fanatizar a esses miseráveis e lançá-los contra o que ameaçava seus interesses, pois a República garante a igualdade dos homens, o que está renhido com os privilégios congêntos a um regime aristocrático. Mas se sente intimamente cético sobre o que diz. Quando os outros partem, fica refletindo em sua rede. Qual é a explicação do Canudos? Taras sangüíneas dos caboclos? Incultura? Vocação de barbárie de gente acostuada à violência e que resiste por atavismo à civilização? Tem algo que ver com a religião, com Deus? Nada o deixa satisfeito.

Ao dia seguinte está barbeando-se, sem espelho nem sabão, com uma navalha de barbeiro que ele mesmo afia em uma pedra, quando ouve um galope. Ordenou que os deslocamentos entre a Favela e a “linha negra” ficassem de pé, pois os cavaleiros são brancos muito

fáceis para as torres, de modo que sai a repreender aos infratores. Ouve hurras e vítores. Os recém chegados, três cavaleiros, franqueiam ilesos o descampado. O Tenente que desmonta a seu lado e faz soar os tacos, apresenta-se como chefe do pelotão de exploradores da Brigada de reforços do General Girard, cuja vanguarda chegará dentro de um par de horas. O Tenente acrescenta que os quatro mil e quinhentos soldados e oficiais dos doze Batalhões do General Girard estão impacientes por ficar a suas ordens para derrotar aos inimigos da República. Por fim, terminará para ele e para o Brasil o pesadelo de Canudos.

V

—Jurema? —disse o Barão, surpreendendo-se— Jurema de Calumbí?

—Ocorreu no terrível mês de agosto—se desviou o jornalista míope— Em julho, os jagunços tinham contido aos soldados dentro da mesma cidade. Mas em agosto chegou a Brigada Girard. Cinco mil homens mais, doze batalhões mais, milhares de armas mais, dezenas de canhões mais. E comida em abundância. Que esperança podiam ter já?

Mas o Barão não o ouvia:

—Jurema? —repetiu. Podia advertir o regozijo de seu visitante, a felicidade com que esquivava lhe dar uma resposta. E advertia, também, que esse regozijo e felicidade se deviam a que ele a nomeava, a que tinha conseguido interessá-lo, a que o Barão seria agora quem o obrigaria a falar dela— A mulher do pistero Rufino, o de Queimadas?

Tampouco esta vez o jornalista míope lhe respondeu:

—Em agosto, além disso, o Ministro da Guerra, o próprio Marechal Carlos Machado Bittencourt veio em pessoa do Rio, a pôr a ponto a campanha—prosseguiu, entretendo-se com sua impaciência — Isso não soubemos lá. Que o Marechal Bittencourt se instalou em Monte Santo, organizando o transporte, o abastecimento, os hospitais. Não sabíamos que choviam sobre Queimadas e Monte Santo os soldados voluntários, os médicos voluntários, as enfermeiras voluntárias. Que o próprio Marechal tinha despachado à Brigada Girard. Tudo isso, em agosto. Foi como se o céu se abrisse para descarregar contra Canudos um cataclismo.

—E, em meio desse cataclismo, você era feliz—murmurou o Barão. Porque essas eram as palavras que o míope havia dito— Trata-se da mesma?

—Sim.—O Barão notou que sua felicidade já não era secreta, agora rebalsava, atropelava a voz do míope— É de justiça que a recorde.

Porque ela os recorda muito a você e a sua esposa. Com admiração, com carinho.

Assim, era a mesma, essa mocinha espichada e morena que tinha crescido em Calumbí, servindo a Estela, e a que logo ambos tinham casado com o trabalhador honrado e tenaz que era o Rufino de então. Não lhe cabia na cabeça. Esse bichinho do campo, esse ser rústico que só podia ter trocado para pior desde que saiu dos aposentos de Estela, tinha estado misturado, também, ao destino do homem que tinha à frente. Porque o jornalista havia dito, literalmente, essas inconcebíveis palavras: “Mas, justamente, quando começou a desfazer o mundo e foi o apogeu do horror, eu, embora lhe pareça mentira, comecei a ser feliz”. Outra vez se apoderou do Barão essa sensação de irrealidade, de sonho, de ficção, em que estava acostumado a precipitá-lo Canudos. Essas casualidades, coincidências e associações o punham sobre brasas. Sabia o jornalista que Galileo Gall tinha violado a Jurema? Não o perguntou, ficou perplexo pensando nas estranhas geografias do azar, nessa ordem clandestina, nessa inescrutável lei da história dos povos e dos indivíduos que aproximava, afastava, inimizava e aliava caprichosamente a uns e a outros. E se disse que era impossível que essa pobre criaturinha do sertão baiano pudesse suspeitar sequer que tinha sido o instrumento de tantos transtornos na vida de gente tão dissímil: Rufino, Galileo Gall, este espantalho que agora sorria entregue com deleite a recordá-la. Sentiu desejos de voltar a ver a Jurema; talvez à Baronesa faria bem ver essa moça a que, antigamente, tinha tratado com tanto carinho. Recordou que, por isso mesmo, Sebastiana lhe tinha um surdo ressentimento e o alívio que foi para ela vê-la partir para Queimadas com o rastreador.

—A verdade, não esperava ouvir falar nesse momento de amor, de felicidade —murmurou, movendo-se no assento— E menos ainda em relação a Jurema.

O jornalista se pôs a falar de novo da guerra.

—Não é curioso que se chamasse Brigada Girard? Porque, conforme me inteiro agora, o General Girard nunca pisou em Canudos. Uma curiosidade mais, da mais curiosa das guerras. Agosto começou com a aparição desses doze batalhões frescos. Ainda chegava gente nova em Canudos, depressa, porque sabiam que agora, com o novo Exército, o cerco se fecharia definitivamente. E

que já não se poderia entrar! —O Barão lhe ouviu uma de suas gargalhadas absurdas, exóticas, forçadas; ouviu-lhe repetir — Não que não se poderia sair, me entenda. Que não se poderia entrar. Esse era seu problema. Não lhes importava morrer, mas queriam morrer dentro.

—E, você, era feliz...—disse. Não estaria ainda mais louco do que sempre pareceu? Não seria tudo aquilo uma fileira de embustes?

—Viram-nos chegar, estender-se pelas colinas, ocupar, um após o outro, os lugares por onde até então podiam entrar e sair. Os canhões começaram a bombardear as vinte e quatro horas do dia, do Norte, do Sul, do Este, do oeste. Mas como estavam muito perto e podiam matar-se entre eles se limitavam a canhonear as torres. Porque não tinham caído ainda.

—Jurema, Jurema? —exclamou o Barão— A mocinha de Calumbí lhe deu a felicidade, converteu-o espiritualmente em jagunço?

Detrás dos grossos cristais, como peixes no aquário, os olhos míopes se agitaram, pestanejaram. Era tarde, levava muitas horas ali, deveria levantar-se e ir perguntar por Estela, da tragédia não tinha estado tanto momento separado dela. Mas seguiu esperando, com formigante impaciência.

—A explicação é que eu me tinha resignado —lhe ouviu sussurrar em voz apenas audível.

—A morrer? —disse o Barão, sabendo que não era a morte no que pensava o visitante.

—A não amar, a não ser amado por nenhuma mulher —adivinhou que dizia, pois tinha baixado ainda mais a voz— A ser feio, a ser tímido, a não ter nunca em meus braços a uma mulher que não cobrasse por isso.

O Barão se sentiu suspenso no assento de couro. Como um relâmpago, passou-lhe pela cabeça a idéia de que neste despacho, no que se revelaram tantos segretos, tramado tantas conspirações, ninguém tinha confessado jamais algo tão inesperado e surpreendente para seus ouvidos.

—É algo que você não pode compreender —disse o jornalista míope, como se o estivesse acusando— Porque você, sem dúvida, conheceu o amor desde muito jovem. Muitas mulheres deveram

amá-lo, admirá-lo, render-se. Você, sem dúvida, pôde escolher a sua belíssima esposa, entre outras belíssimas mulheres que só esperavam seu consentimento para deitar-se em seus braços. Você não pode entender o que ocorre aos que não são atrativos, arrumados, favorecidos, ricos, como foi você. Você não pode entender o que é saber-se repulsivo e ridículo para as mulheres, excluído do amor e do prazer. Condenado às putas.

“O amor, o prazer”, pensou o Barão, desconcertado: duas palavras inquietantes, dois meteoritos na noite de sua vida. Pareceu-lhe sacrilégio que essas formosas, esquecidas palavras aparecessem na boca desse ser risível, encolhido como uma garça no assento, com uma perna trancada à outra. Não era cômico, grotesco, que uma cachorra graciosa do sertão fizesse falar de amor e de agradar a um homem, em que pese a tudo, culto? Acaso essas palavras não evocavam o luxo, o refinamento, a sensibilidade, a elegância, os ritos e sabedorias de uma imaginação adestrada pelas leituras, as viagens, a educação? Não eram palavras incompatíveis com a Jurema de Calumbí? Pensou na Baronesa e lhe abriu uma ferida no peito. Fez um esforço para voltar para o que o jornalista dizia. Em outra de suas bruscas transições, falava novamente da guerra:

—Acabou-se a água—e, sempre, parecia brigando— Toda a que bebia Canudos era das aguadas da Fazenda Velha, uns poços junto à Vassa Barris. Faziam ali trincheiras e as defendiam com unhas e dentes.

Mas com esses cinco mil soldados afrescos nem sequer Pajeú pôde impedir que caíssem. Então, acabou-se a água.

Pajeú? O Barão se estremeceu. Aí estava o rosto aindiado, amarelado pálido, a cicatriz em lugar de nariz, aí sua voz lhe anunciando com calma que em nome do Pai ia queimar Calumbí. Pajeú, o indivíduo que encarnava toda a maldade e estupidez de que tinha sido vítima Estela.

—Sim, Pajeú —disse o míope— Eu o odiava. E lhe temia mais que às balas dos soldados. Porque estava apaixonado pela Jurema e com apenas levantar um dedo me podia arrebatrar e me desaparecer.

Riu outra vez, com uma risada curta, estridente, nervosa, que terminou em uns espirros sibilantes. O barão, distraído dele, estava odiando, também a esse bandido fanático. O que tinha sido do autor

do inexplicável crime? Sentiu terror de perguntar, de ouvir que estava salvo. O jornalista repetia a palavra água. Custou-lhe trabalho sair de si, entender. Sim, águas do Vassa Barris. Sabia muito bem como eram esses poços, paralelos ao leito, onde se empoçava a água das crescentes e que davam a beber a homens, pássaros, cabritos, vacas, nos longos meses (e às vezes anos) em que o Vassa Barris permanecia seco. E Pajeú? E Pajeú? Tinha morrido em combate? Tinha sido capturado? Tinha a pergunta na ponta dos lábios e não a fez.

—Essas coisas terá que as entender—dizia agora o jornalista míope, com convicção, com energia, com cólera— Eu logo que podia as ver, é óbvio. Mas tampouco podia as entender.

—De quem está falando? —disse o Barão— Me distraí, perdi-me.

—Das mulheres e das crianças—escoiceou o jornalista míope— Chamavam-os assim. Crianças. Quando os soldados capturaram as aguadas, foram com as mulheres, nas noites, a tratar de roubar umas latas de água, para que os jagunços pudessem seguir brigando. Eles, só eles. E assim foi, também, com essas sobras imundas que chamavam comida. Ouviu-me bem?

—Devo me assombrar? —disse o Barão— Admirar-me?

—Deve tratar de entender —murmurou o jornalista míope— Quem dava essas disposições? O Conselheiro? João Abade? Antonio Vilanova? Quem decidiu que fossem só mulheres e meninos os que se arrastassem até a Fazenda Velha para roubar água, sabendo que nas aguadas estavam os soldados esperando-os para fazer tiro em branco, sabendo que de cada dez só um ou dois voltariam? Quem decidiu que os combatentes não deviam tentar esse suicídio menor pois a eles correspondia essa forma superior de suicídio que era morrer brigando?—O Barão viu que outra vez procurava seus olhos com angústia— Suspeito que nem o Conselheiro nem os chefes. Eram decisões espontâneas, simultâneas, anônimas. Se não, não as tivessem respeitado, não iriam ao matadouro com tanta convicção.

—Eram fanáticos—disse o Barão, consciente do desprezo que havia em sua voz— O fanatismo move às pessoas a atuar assim. Não são razões elevadas, sublimes, as que explicam sempre o heroísmo. Também, o prejuízo, a estreiteza mental, as idéias mais estúpidas.

O jornalista míope ficou olhando-o; tinha a frente empapada de suor e parecia procurar uma resposta dura. Pensou que lhe ouviria alguma rabugice. Mas o viu assentir, para tirar-lhe de cima.

—Esse foi, é óbvio, o grande esporte dos soldados, um entretenimento em sua vida aborrecida—disse— Apostar-se na Fazenda Velha e esperar que a luz da lua mostrasse a essas sombras que vinham reptando a tirar água. Ouvíamos os tiros, o som quando uma bala perfurava a lata, o recipiente, a panela. Aguadas amanheciam cheias de cadáveres, de feridos gravemente. Mas, mas...

—Mas você não via nada disso—cortou-o o Barão. A agitação que via em seu interlocutor o irritava profundamente.

—Viam-nas Jurema e o Miúdo—disse o jornalista míope— Eu as ouvia. Ouvia as mulheres e às crianças que partiam para a Fazenda Velha, com suas latas, cantis, cântaros, garrafas, despedindo-se de seus maridos ou de seus pais, dando a bênção, citando-se no céu. E ouvia o que ocorria quando conseguiam retornar. A lata, o balde, o cântaro, não serviam para dar de beber aos velhos moribundos, às criaturas loucas de sede. Não. Iam às trincheiras, para que os que ainda podiam sustentar um fuzil, pudessem sustentá-lo horas ou minutos mais.

—E você?—disse o Barão. O desgosto que lhe produzia essa mescla de reverência e terror com que o jornalista míope falava dos jagunços era cada vez maior— Como não morreu de sede? Você não era combatente não é verdade?

—Pergunto-me—disse isso o jornalista— Se houvesse lógica nesta história, eu deveria ter morrido lá várias vezes.

—O amor não tira a sede—tratou de feri-lo o Barão.

—Não a tira—assentiu o outro— Mas dá força para resistir. E, além disso, algo bebíamos. O que se pudesse chupar, sugar. Sangue de pássaros, tirando os urubus. Mastigávamos folhas, caules, raízes, tudo o que tivesse suco. E urina, é óbvio.—Procurou os olhos do Barão e este pensou de novo: “Como me acusando”— Você não sabia? Mesmo que um não beba líquido, segue urinando. Foi um descobrimento importante, lá.

—Fale-me do Pajeú, por favor—disse o Barão— O que foi dele?

O jornalista míope se deslizou surpreso ao chão. Tinha-o feito várias vezes no curso da conversação e o Barão se perguntou se essas mudanças de postura se deviam a seu desassossego interno ou a que dormiam os músculos.

—Diz você que se apaixonou pela Jurema?—insistiu. Tinha, de repente, a absurda sensação de que sua antiga doméstica do Calumbí era a única mulher do sertão, uma fatalidade feminina baixa, cujo inconsciente domínio caíam cedo ou tarde todos os homens vinculados ao Canudos— Por que não a levou com ele?

—Talvez pela guerra—disse o jornalista míope— Era um dos chefes. À medida que se ia fechando o cerco, tinha menos tempo. E menos ânimo, imagino.

Pôs-se a rir de uma maneira tão rasgada que o Barão deduziu que desta vez sua risada não ia degenerar em espirros, mas em pranto. Não ocorreu nenhuma nem outra coisa.

—De maneira que me encontrei desejando, a momentos, que a guerra continuasse, e até piorasse, para que tivesse ocupado ao Pajeú.—Aspirou uma baforada de ar— Desejando que a guerra ou algo o matasse.

—O que foi dele? —insistiu o Barão. O outro não fez conta.

—Mas, apesar da guerra, poderia muito bem levar-lhe e fazê-la sua mulher—refletiu, fantasiou, com a vista no chão— Não o faziam outros jagunços? Não os ouvia, em meio dos tiroteios, de noite ou de dia, montando suas mulheres nas redes, camastros e chãos das casas?

O Barão sentiu que lhe inflamava a cara. Nunca tinha tolerado certos temas, tão freqüentes entre homens sozinhos, nem sequer com seus mais íntimos amigos. Se seguisse por este caminho o faria calar.

—De maneira que a guerra não era a explicação.—Voltou-se a olhá-lo, como recordando que estava ali— Se tornou santo vê? Assim diziam: voltou-se santo, beijou-o o anjo, roçou-o o anjo, tocou-o o anjo.—Assentiu, várias vezes— Talvez. Não queria tomá-la pela força. É a outra explicação. Mais fantástica, sem dúvida, mas talvez. Que tudo se fizesse como Deus manda. Segundo a religião. Casar-se com ela. Eu o ouvi pedir-lhe. Talvez.

—O que foi dele? —repetiu o Barão, devagar, sublinhando as palavras.

O jornalista míope o olhava, fixamente. E o Barão advertiu sua estranheza.

—Ele queimou Calumbí—explicou, devagar— Foi ele quem... Morreu? Como foi sua morte?

—Suponho que morreu—disse o jornalista míope— Como não morreria? Como ele não morreria, João Abade, João Grande, todos eles?

—Você não morreu, e, conforme me disse, tampouco Vilanova. Pôde escapar?

—Não queriam escapar—disse o jornalista, com pena— Queriam entrar, ficar, morrer ali. O Vilanova foi excepcional. Ele tampouco queria ir-se. Ordenaram-o.

De modo que não lhe constava que Pajeú tivesse morrido. O Barão imaginou, retomando sua antiga vida, livre outra vez à cabeça de um cangaço reconstituído com malfeitores daqui e de lá, acrescentando a seu histórico maldades sem término, no Ceará, em Pernambuco, em regiões mais afastadas. Sentiu vertigem.

“Antonio Vilanova”, sussurra o Conselheiro e há como uma descarga elétrica no Santuário. “Falou, falou”, pensa o Beato, todos os poros de sua pele arrepiados pela impressão. “Louvado seja o Pai, louvado seja o Bom Jesus”. Avança para o camastro de varas ao mesmo tempo que Maria Quadrado, o Leão da Natuba, o Padre Joaquim e as devotas do Coro Sagrado; na luz taciturna do entardecer, todos os olhos se cravam na cara escura, alargada, imóvel, que segue com as pálpebras seladas. Não é uma alucinação: falou.

O Beato vê que essa boca amada, a que a fraqueza deixou sem lábios, abre-se para repetir: “Antonio Vilanova”. Reagem, dizem “sim, sim, pai”, atropelam-se até a porta do Santuário a pedir a Guarda Católica que chamem o Antonio Vilanova. Vários homens põem-se a correr entre os sacos e pedras do parapeito. Nesse

instante, não há tiros. O Beato retorna à cabeceira do Conselheiro: está outra vez calado, quieto, de barriga para cima, os olhos fechados, as mãos e os pés ao ar, seus ossos se sobressaindo da túnica morada cujas dobras denunciam aqui e lá sua pavorosa magreza. “É espírito mais que carne já”, pensa o Beato. A Superiora do Coro Sagrado, respirada para ouvi-lo, aproxima-lhe um tigela com um pouco de leite. Ouça-a murmurar, cheia de recolhimento e esperança: “Quer tomar algo, pai?” Ouviu-lhe a mesma pergunta muitas vezes nestes dias. Mas desta vez, diferente das outras, em que o Conselheiro permanecia sem responder, a esquelética cabeça sobre a que caem, revoltos, longos cabelos cinzas, move-se dizendo que não. Um bafo de felicidade sobe pelo Beato. Está vivo, vai viver. Porque nestes dias, embora o Padre Joaquim, cada certo tempo, aproximava-se de tomar o pulso e para lhe ouvir o coração e lhes dizia que respirava, e embora houvesse esse suor constante que fluía dele, o Beato não podia evitar, ante sua imobilidade e seu silêncio, pensar que a alma do Conselheiro tinha subido ao céu.

Uma mão o atirava do chão. Encontra os olhos grandes, ansiosos, luminosos, do Leão da Natuba, olhando-o por entre uma selva de grenhas. “Vai viver, Beato?” Há tanta angústia no escriba de Belo Monte que o Beato tem vontade de chorar.

—Sim, sim, Leão, vai viver para nós, vai viver ainda muito tempo.

Mas sabe que não é assim; algo, em suas vísceras, diz-lhe que estes são os últimos dias, acaso horas, do homem que mudou sua vida e a de todos os que estão no Santuário, de todos os que lá fora morrem, agonizam e brigam nas covas e trincheiras em que ficou convertido Belo Monte. Sabe que é o final. Soube-o desde que soube, simultaneamente, a queda da Fazenda Velha e o desmaio no Santuário. O Beato sabe decifrar os símbolos, interpretar a mensagem secreta dessas coincidências, acidente, aparentes casualidades que passam inadvertidas para outros; tem uma intuição que lhe permite reconhecer imediatamente, sob o inocente e o corriqueiro, a presença profunda do mais à frente. Estava esse dia na Igreja do Santo Antonio, fazendo rezar o rosário aos feridos, enfermeiros, parturientes e órfãos desse lugar convertido em Casa de Saúde do começo da guerra, elevando a voz para que a enferma humanidade sangrando, purulenta e ao meio morrer ouvisse suas Ave-marias e Pai-nosso entre o estrépito da fuzilaria e os canhões. E

nisso viu entrar, de uma vez, correndo, saltando sobre os corpos amontoados, a uma “criança” e a Alexandrinha Correia. O menino falou primeiro:

—Os cães entraram na Fazenda Velha, Beato. Diz João Abade que terá que parar um muro na esquina dos Mártires, porque os ateus têm agora passo livre por aí.

E logo que tinha dado meia volta a “criança” quando a antiga fazedora de chuva, em voz mais decomposta que sua cara, sussurrou-lhe ao ouvido outra notícia que ele pressentia muitíssimo mais grave: “O Conselheiro se adoeceu”.

Tremem-lhe as pernas, lhe seca a boca e lhe oprime o peito, como essa manhã, faz já seis, sete, dez dias? Teve que fazer um grande esforço para que os pés lhe obedecessem e correr atrás de Alexandrinha Correia. Quando chegou ao Santuário, o Conselheiro tinha sido elevado ao camastro e havia reaberto os olhos e tranqüilizado com o olhar às aterradas devotas e ao Leão de Natuba. Tinha ocorrido ao incorporar-se, depois de rezar várias horas, como sempre o fazia, convexo com os braços em cruz. As devotas, o Leão da Natuba, a Mãe Maria Quadrado notaram a dificuldade com que punha um joelho em terra, ajudando-se com uma mão, logo com a outra, e que empalidecia pelo esforço ou a dor ao se ter de pé. Repentinamente voltou para chão como um costal de ossos. Nesse momento —faz seis, sete, dez dias? — o Beato teve a revelação: chegou a nona hora.

Por que era tão egoísta? Como podia não alegrar-se de que o Conselheiro descansasse, subisse a receber a recompensa pelo fato nesta terra? Não teria mas bem, que cantar *hosanas*? Teria. Mas não pode, sua alma está transpassada. “Ficaremos órfãos”, pensa uma vez mais. Nisso, distrai-o o ruído que surge do camastro, que escapa de debaixo do Conselheiro. É um ruído que não agita o corpo do santo, mas já a Mãe Maria Quadrado e as devotas correm a rodeá-lo, lhe levantar o hábito, limpá-lo, recolher humildemente isso que—pensa o Beato — não é excremento, porque o excremento é sujo e impuro e nada que dele provenha pode sê-lo. Como seria sujo, impuro, esse suor que emana sem trégua há—seis, sete, dez dias — desse corpo rasgado? Acaso comeu algo o Conselheiro nestes dias para que seu organismo tenha impurezas para evacuar? “É sua essência o que corre por aí, é parte de sua alma, algo que está nos deixando.” Intui-

o no ato, do primeiro momento. Havia algo misterioso e sagrado nesses carços súbitos, peneirados, prolongados, nesses ataques que pareciam não terminar nunca, acompanhados sempre da emissão desse suor. Adivinhou-o: “São óbolos, não excremento”. Entendeu muito claro que o Pai, ou o Divino Espírito Santo, ou o Bom Jesus, ou a Senhora, ou o próprio Conselheiro queriam submetê-los a uma prova. Com ditosa inspiração se adiantou, estirou a mão entre as devotas, molhou seus dedos no suor e os levou a boca, salmodiando: “É assim como quer que comungue seu servo, Pai? Não é isto para mim rocio?” Todas as devotas do Coro Sagrado comungaram também, como ele.

Por que submetia o Pai a uma agonia assim? Por que queria que passasse seus últimos momentos defecando, defecando, embora fosse maná o que escorria seu corpo? O Leão da Natuba, a Mãe Maria Quadrado e as devotas não o entendem. O Beato tratou que explicar-lhe e de prepará-los: “O Pai não quer que caia em mãos dos cães. Se o leva, é para que não seja humilhado. Mas não quer tampouco que acreditemos que o libera de dor, de penitência. Por isso o faz sofrer, antes do prêmio”. O Padre Joaquim disse-lhe que fez bem em prepará-los; ele também teme que a morte do Conselheiro os transtorne, arranque-lhes protestos ímpios, reações daninhas para sua alma. O Cão espregueira e não perderia uma oportunidade para fazer-se dessas presas.

Dá-se conta de que se reatou o tiroteio—forte, nutrido, circular — quando abrem o Santuário. Aí está Antonio Vilanova. Com ele vêm João Abade, Pajeú, João Grande, extenuados, suarentos, cobertos de pólvora, mas com caras radiantes: sabem que falou, que está vivo.

—Aqui está Antonio Vilanova, Pai—diz o Leão da Natuba, levantando-se nas patas traseiras até o Conselheiro.

O Beato deixa de respirar. Os homens e mulheres que o hospedaram—estão tão apertados que nenhum poderia elevar os braços sem golpear ao vizinho — escrutinam suspensas a boca sem lábios e sem dentes, a face que parece máscara mortuária. Vai falar, vai falar? Pese ao tiroteio ruidoso, gago, de fora, o Beato escuta outra vez o ruído inconfundível. Nem Maria Quadrado nem as devotas vão asseá-lo. Todos seguem imóveis, inclinados sobre o camastro, esperando. A Superiora do Coro Sagrado aproxima sua boca à orelha coberta por fios cinzentos e repete:

—Aqui está Antonio Vilanova, pai.

Há uma leve piscada em seus olhos e a boca do Conselheiro se entreabre. Compreende que está fazendo esforços por falar, que a debilidade e o sofrimento não lhe permitem emitir som algum e suplica ao Pai que lhe conceda essa graça oferecendo-se, em troca, a receber qualquer tortura, quando ouviu a voz amada, tão fraca que todas as cabeças se adiantam para escutar:

—Está aí, Antonio? Ouve-me?

O antigo comerciante cai de joelhos, agarra uma das mãos do Conselheiro e a beija com unção: “Sim, pai, sim, pai”. Transpira, sufocado, trêmulo. Sente inveja de seu amigo. Por que foi o chamado? Por que ele e não o Beato? recrimina-se por esse pensamento e teme que o Conselheiro os faça sair para falar a sós.

—Anda ao mundo a dar testemunho, Antonio, e não volte a cruzar o círculo. Aqui fico eu com o rebanho. Lá irá você. É homem do mundo, anda, ensina a somar aos que esqueceram o ensino. Que o Divino o guie e o Pai o benza.

O ex-comerciante se põe a lamentar, com trapos que viram morisquetas. “É seu testamento”, pensa o Beato. Tem perfeita consciência da solenidade e transcendência deste instante. O que está vendo e ouvindo se recordará pelos anos e os séculos, entre milhares e milhões de homens de todas as línguas, raças, geografias; recordará por uma imensa humanidade ainda não nascida. A voz destrocada de Vilanova roga ao Conselheiro que não o mande partir, enquanto beija com desespero a ossuda mão moréia de longas unhas. Deve intervir, lhe recordar que neste momento não pode discutir um desejo do Conselheiro. Aproxima-se, põe uma mão no ombro de seu amigo e a pressão afetiva basta para acalmá-lo. Vilanova o olha com os olhos arrasados pelo pranto, lhe suplicando ajuda, elucidação. O Conselheiro permanece silencioso. Ainda vai ouvir sua voz? Ouve, por duas vezes consecutivas, o ruído. Muitas vezes se perguntou se, cada vez que se produz, o Conselheiro tem convulsões, ferroadas, estirões, câibras, se o Cão lhe remoer o ventre. Agora sabe que é assim. Basta-lhe advertir essa mínima careta na cara macilenta, que acompanha aos caroços, para saber que estes vêm com chamas e facas martirizantes.

—Leva consigo a sua família, para que não esteja sozinho— sussurra o Conselheiro— E leve aos forasteiros amigos do Padre Joaquim. Que cada qual ganhe a salvação com seu esforço. Assim como você, filho.

Face à atenção hipnótica com que segue as palavras do Conselheiro, o Beato capta uma careta que contrai a cara do Pajeú: a cicatriz parece inchar-se, rachar-se, e sua boca se abre para perguntar ou, acaso, protestar. É a idéia de que parta de Belo Monte essa mulher com a que quer casar-se.

Maravilhado, o Beato entende por que o Conselheiro, nesse instante supremo, acordou-se de quão forasteiros protege o Padre Joaquim. Para salvar a um apóstolo! Para salvar a alma do Pajeú da queda que poderia lhe significar talvez essa mulher! Ou, simplesmente, quer pôr a prova ao caboclo? Ou fazer ganhar indulgências com o sofrimento? Pajeú está outra vez inexpressivo, obscuro, sereno, quieto, respeitoso, com o chapéu de couro na mão, olhando o camastro.

Agora o Beato tem a segurança de que essa boca não se abrirá mais. “Só sua outra boca fala”, pensa. Qual é a mensagem desse estômago que se deságua e se desvai há seis, sete, dez dias? Angustia-o pensar que nesses caroços e nesse suor há uma mensagem dirigida a ele, que pudesse interpretar mal, não ouvir. Ele sabe que nada é acidental, que a casualidade não existe, que tudo tem um sentido profundo, uma raiz cujas ramificações conduzem sempre ao Pai e que se a gente for o bastante santo pode vislumbrar essa ordem milagrosa e secreta que Deus instaurou no mundo.

O Conselheiro está outra vez mudo, como se nunca tivesse falado. O Padre Joaquim, em uma ponta da cabeceira, move os lábios, rezando em silêncio. Os olhos de todos brilham. Ninguém se moveu, em que pese a que todos intuem que o santo disse o que tinha que dizer. A nona hora. O Beato suspeitou que falava da morte do bezerrinho branco por uma bala perdida, quando, tido pela Alexandrinha Correia, acompanhava ao Conselheiro de volta ao Santuário, depois dos conselhos. Essa foi uma das últimas vezes que o Conselheiro saiu do Santuário. “Já não lhe ouvia a voz, já estava na horta das oliveiras.” Fazendo um esforço sobre-humano, ainda abandonava o Santuário cada tarde para subir os andaimes, rezar e dar conselhos. Mas sua voz era um sussurro apenas compreensível

para os que estavam a seu lado. O próprio Beato, que permanecia dentro da parede viva da Guarda Católica, só escutava palavras soltas. Quando a Mãe Maria Quadrado lhe perguntou se queria que enterrassem no Santuário a esse bichinho santificado por suas carícias, o Conselheiro disse que não e dispôs que servisse de alimento à Guarda Católica.

Nesse momento a mão direita do Conselheiro se move, procurando algo; seus dedos nodosos sobem, caem sobre o colchão de palha, encolhem-se e estiram. Que busca, o que quer? O Beato vê nos olhos da Maria Quadrado, do João Grande, do Pajeú, das devotas, sua mesma ansiedade.

—Leão, está aí?

Sente uma punhalada no peito. Daria tudo para que o Conselheiro pronunciasse seu nome, para que sua mão buscasse a ele. O Leão da Natuba se levanta e balança a grande cabeça descabelada para essa mão, para beijá-la. Mas a mão não lhe dá tempo, pois logo que sente a proximidade dessa cara, sobe por ela com rapidez e afunda os dedos nas grenhas entupidas. Ao Beato as lágrimas lhe nublam o que ocorre. Mas não precisa vê-lo, sabe que o Conselheiro está arranhando, espulgando, acariciando com suas últimas forças, como o viu fazer ao longo dos anos, a cabeça do Leão da Natuba.

A fúria do estrondo que remexe o Santuário, obriga-o a fechar os olhos, a encolher-se, a elevar as mãos ante o que parece uma avalanche de pedras. Cego, ouve o ruído, os gritos, as carreiras, pergunta-se se tiver morrido e se for sua alma a que treme. Por fim, ouve o João Abade: “Caiu o campanário do Santo Antonio”. Abre os olhos. O Santuário se encheu de pó e todos trocaram de lugar. Abre-se caminho para o camastro, sabendo o que lhe espera. Divisa entre a poeirada a mão quieta sobre a cabeça do Leão da Natuba, ajoelhado na mesma postura. E vê o Padre Joaquim, com a orelha presa ao peito fraco. Logo depois de um momento, o pároco se incorpora, desencaixado:

—Rendeu sua alma a Deus—balbucia e a frase é para os presentes mais estrondosa que o estrépito de fora.

Ninguém ora aos gritos, ninguém cai de joelhos. Ficam convertidos em pedras. Evitam olhar-se uns aos outros, como se, ao encontrar-se, seus olhos fossem revelar sujeiras recíprocas, a

transbordar por eles, nesse momento supremo, vergonhas íntimas. Chove pó do teto, das paredes, e os ouvidos do Beato, como os de outra pessoa, seguem ouvindo, fora, perto, alaridos, prantos, carreiras, chiados, desprendimentos, e os rugidos com que os soldados das trincheiras das que eram as ruas de São Pedro e São Cipriano e o velho cemitério, celebram a queda da torre da Igreja a que tanto canhonearam. E a mente do Beato, como se fosse de outro, imagina às dezenas de homens da Guarda Católica que caiu com o campanário, e as dezenas de feridos, doentes, inválidos, parturientes, recém-nascidos e velhos centenários que estarão nestes momentos esmagados, quebrados, triturados, embaixo dos tijolos crus, das pedras e das vigas, mortos, já salvos, já corpos gloriosos subindo dourada escada dos mártires para o trono do Pai, ou, acaso, ainda agonizando em meio de espantosas dores entre escombros fumegantes. Mas, em realidade, o Beato não ouve, nem vê, nem pensa: o mundo se esvaziou, ele ficou sem carne, sem ossos, é uma pluma flutuando desamparada nos redemoinhos de um precipício. Vê, como se fossem os olhos de outro os que vissem, que o Padre Joaquim agarra a mão do Conselheiro das riscas do Leão da Natuba e a deposita junto à outra, sobre o corpo. Então, o Beato fica a falar, com a entonação grave, funda, com que salmodia na Igreja e nas procissões:

—Levaremos-lo ao Templo que mandou construir e o velaremos três dias e três noites, para que todos os homens e mulheres possam adorá-lo. E o levaremos em procissão por todas as casas e ruas de Belo Monte para que pela última vez seu corpo purifique à cidade da ignomínia do Cão. E o enterraremos sob o Altar Maior do Templo do Bom Jesus e plantaremos sobre sua sepultura a cruz de madeira que ele fez com suas mãos no deserto.

Faz o sinal da cruz devotadamente e todos se fazem o sinal da cruz, sem apartar a vista do camastro. Os primeiros soluços que o Beato ouve são os do Leão da Natuba; seu corpinho assimétrico se contorsiona todo com o pranto. O Beato fica de joelhos e todos o imitam; agora pode ouvir outros soluços. Mas é a voz do Padre Joaquim, rezando em latim, a que toma posse do Santuário, e durante um bom momento apaga os ruídos de fora. Enquanto reza, com as mãos juntas, voltando lentamente em si, recuperando seus ouvidos, seus olhos, seu corpo, essa vida terrestre que parecia ter

perdido, o Beato sente aquele infinito desespero que não havia sentido desde que, menino, ouviu dizer ao Padre Moraes que não podia ser sacerdote porque era filho espúreo. “Por que nos abandona nestes momentos, pai?” “O que vamos fazer sem ti, pai?” Recorda o arame que o Conselheiro pôs em sua cintura, no Pombal, e que ele ainda leva ali, enferrujado e torcido, já carne de sua carne, e se diz que agora essa é relíquia preciosa, como tudo o que o santo tocou, vestiu ou disse em sua passagem pela terra.

—Não se pode, Beato—afirma João Abade.

O Comandante da Rua está ajoelhado a seu lado e tem os olhos injetados e a voz altiva. Mas há uma segurança determinante no que diz:

—Não podemos levá-lo ao Templo do Bom Jesus nem enterrá-lo como quer. Não podemos fazer isso às pessoas. Beato! Quer lhes cravar uma faca nas costas? Vai-lhes dizer que morreu pelo que estão brigando, apesar de que já não há balas nem comida? Vai fazer uma crueldade assim? Não seria pior que as maldades dos maçons?

—Tem razão, Beato—diz Pajeú— Não podemos lhes dizer que morreu. Não agora, não nestes momentos. Tudo viria abaixo, seria a correria, a loucura da gente. Teremos que o ocultar, se quisermos que continuem brigando.

—Não só por isso —diz João Grande e esta é a voz que mais o assombra, pois quando abre a boca para opinar esse muito tímido ao que sempre tem que lhe tirar as palavras à força?— Acaso não procurarão os cães seus restos com todo o ódio do mundo para desonrá-los? Ninguém deve saber onde está enterrado. Quer que os hereges encontrem seu corpo, Beato?

O Beato sente seus dentes chocando, como se tivesse febre. Certo, certo, em seu afã de render comemoração ao amado professor, de lhe dar um velório e um enterro à altura de sua majestade, esqueceu que os cães estão apenas a uns passos e que, em efeito, encarniçariam como lobos contra seus despojos. Já está, agora compreende—é como se o teto se abrisse e uma luz cegadora, com o Divino no centro, iluminasse-o — por que o Pai o levou precisamente agora e qual é a obrigação dos apóstolos: preservar seus restos, impedir que o demônio os manche.

—Certo, certo—exclama, compungido— Perdoem-me, a dor me turvou, talvez o Maligno. Agora entendo, agora sei. Não diremos que morreu. Velaremo-lo aqui, enterraremos-lo aqui. Cavaremos sua tumba e ninguém, salvo nós, saberá onde. Essa é a vontade do Pai.

Por um instante estava ressentido com o João Abade, Pajeú e João Grande por opor-se à cerimônia fúnebre e agora, em troca, sente-se agradecido a eles por lhe haver ajudado a decifrar a mensagem. Miúdo, frágil, precário, cheio de energia, impaciente, move-se entre as devotas e os apóstolos, empurrando-os, urgindo-os a deixar de chorar, a romper essa paralisia que é armadilha do Demônio, lhes implorando que se levantem, movam-se, tragam picos, enxadas, para cavar. “Não há tempo, não há tempo”, assustava-os.

E assim consegue contagiá-los: levantam-se, secam-se os olhos, animam-se, olham-se, assentem, acotovelam-se. É João Abade, praticamente, que nunca o abandona, quem urde a piedosa mentira para os homens dos parapeitos que protegem o Santuário: vão abrir, como se tem feito em tantas moradias de Belo Monte, um desses túneis que comunicam entre si às trincheiras e as casas, se por acaso os cães bloqueiam ao Santuário. João Grande sai e volta com umas pás. Imediatamente começam a escavar, junto ao camastro.

Assim continuam fazendo, de quatro em quatro, alternando uma e outra vez, e voltando, quando deixam as pás, a ajoelhar-se e a rezar. Assim o continuarão fazendo várias horas, sem dar-se conta que fora escureceu, que a Mãe dos Homens prende uma lamparina de azeite, e que, fora, o tiroteio, os gritos de ódio ou de vitória, reataram-se, interrompido e voltado a reatar. Cada vez que alguém, junto à pirâmide de terra que se foi levantando ao mesmo tempo que o poço se afundava, pergunta, o Beato diz: “Mais fundo, mais fundo”.

Quando a inspiração lhe diz que já basta, todos, começando por ele, estão rendidos, os cabelos e as peles enlameados de terra. O Beato tem a sensação de viver um sonho os momentos que seguem, quando, agarrando ele a cabeça, a Mãe Maria Quadrado uma das pernas, Pajeú a outra, João Grande um dos braços, o Padre Joaquim o outro, elevam o corpo do Conselheiro para que as devotas possam colocar embaixo dele a palha que será seu sudário. Quando já está ali o corpo, Maria Quadrado lhe põe sobre o peito o crucifixo de metal que era o único objeto que decorava as paredes do Santuário e o

rosário de contas escuras que o acompanha desde que todos eles recordam. Voltam a carregar os restos, envoltos pela palhinha, e João Abade e Pajeú os recebem no fundo do fosso. Enquanto o Padre Joaquim ora em latim, outra vez trabalham por turnos, acompanhando as pazadas de terra com as rezas. Nessa estranha sensação de sonho a que contribui a rançosa luz, o Beato vê que até o Leão da Natuba, saltando entre as pernas de outros, ajuda a preencher a sepultura. Enquanto trabalha, controla sua tristeza. Diz-se que este velório humilde e esta tumba pobre sobre a que não ficará inscrição nem cruz é algo que o homem pobre e humilde que foi em vida o Conselheiro certamente pediria para ele. Mas quando tudo termina e o Santuário fica como antes—com o camastro vazio—o Beato põe-se a chorar. Em meio de seu pranto, sente que os outros choram. Logo depois de um momento, sobrepõe-se. A meia voz pede juras, pela saúde de suas almas, que nunca revelarão, seja qual for a tortura, o lugar onde repousa o Conselheiro. Toma o juramento, um por um.

Abriu os olhos e seguia sentindo-se feliz, como a noite passada, a véspera e a antevéspera, sucessão de dias que se confundiam até a tarde em que, depois de acreditá-lo enterrado sob os escombros do armazém, achou na porta do Santuário ao jornalista míope, tornou-se em seus braços e lhe ouviu dizer que a amava e disse que ela também o amava. Era verdade, ou, em todo caso, desde que o disse começou a ser. E a partir desse momento, apesar da guerra que se fechava ao redor dele, da fome e da sede que matavam mais gente que as balas, Jurema era feliz. Mais do que recordava ter sido nunca, mais que em seu matrimônio com o Rufino, mais que nessa infância confortável à sombra da Baronesa Estela, em Calumbí. Tinha vontade de tornar-se aos pés do santo para lhe agradecer o que tinha acontecido a sua vida.

Soavam tiros perto—tinha os ouvido arrebeitar no sonho, toda a noite—mas não advertia movimento na cabeça do Menino Jesus, nem as carreiras com gritos nem o frenético trajim de deixar de lado pedras e sacos com areia, de abrir fossos e derrubar tetos e paredes

para levantar parapeitos que se fizeram freqüentes, nestas últimas semanas, à medida que Canudos se encolhia e retrocedia por toda parte, detrás de barricadas e trincheiras sucessivas, concêntricas, e os soldados foram capturando casas, cales, esquinas, e o cerco se aproximava das igrejas e o Santuário. Mas nada disso lhe importava: era feliz.

Foi o Miúdo quem descobriu que ficou sem dono essa moradia de estacas cunhada entre outras mais amplas, nessa ruela do Menino Jesus, que unia Campo Grande, onde havia agora uma tripla barricada repleta de jagunços que dirigia o próprio João Abade, e a quebradiça rua da Madre Igreja, convertida, na apertada Canudos destes dias, na fronteira Norte da cidade. Para esse setor empregaram os negros de Mocambo, já capturados, e os poucos kariris de Mirandela e de Rodelas que não tinham morrido. Índios e negros conviviam agora, nos fossos e parapeitos da Madre Igreja, com os jagunços do Pedrão, que, a sua vez, tinham vindo retrocedendo até ali depois de conter aos soldados em Cocorobó, Trabubú e nos currais e estábulos dos subúrbios. Quando Jurema, o Miúdo e o jornalista míope vieram a instalar-se nesta casinha, encontraram a um velho escancarado sobre seu mosquetão, morto, no fosso escavado no quarto único do lugar. Mas, além disso, acharam uma bolsa de farinha e um pote de mel de abelhas, que tinham feito durar avaramente. Saíam apenas, para arrastar cadáveres a uns poços convertidos em ossários pelo Antonio Vilanova e para ajudar a fazer barreiras e fossos, algo que ocupava a todo mundo mais horas ainda mesmo que a guerra. Cavaram-se tantos fossos, dentro e fora das casas, que, virtualmente, era possível circular por tudo o que ficava de Belo Monte—de moradia a moradia, de cale a cale — sem sair à superfície, como as lagartixas e as toupeiras.

O Miúdo se moveu a suas costas. Perguntou-lhe se estava acordado. Não respondeu e um momento depois o ouviu roncar. Dormiam os três e um contra outro, no estreito fosso, no que cabiam apenas. Faziam-no não só pelas balas que atravessavam sem dificuldade as paredes de estacas e de barro, a não ser, também, porque nas noites baixava a temperatura e seus organismos, debilitados pelo forçado jejum, tremiam de frio. Jurema esquadrinhou a cara do jornalista míope, que dormia recostado

contra seu peito. Tinha a boca entreaberta e um fio de saliva, transparente e magro como teia, pendurava-lhe do lábio. Avançou a boca e, com delicadeza para não o despertar, sorveu o fio de saliva. A expressão do jornalista míope era serena agora, uma expressão que não tinha jamais acordado. Pensou: “Agora não tem medo”. Pensou: “pobrezinho, pobrezinho, se pudesse lhe tirar o medo, fazer algo para que não se assustasse mais”. Porque lhe tinha confessado que, até nos momentos em que era feliz com ela, o medo estava sempre aí, como um lodo em seu coração, atormentando-o. Em que pese a que agora o amava como uma mulher ama um homem, em que pese a que tinha sido dela como uma mulher é de seu marido ou amante, Jurema seguia cuidando-o, mimando-o, jogando mentalmente com ele como uma mãe com seu filho.

Uma das pernas do jornalista míope se estirou e, depois de pressionar um pouco, deslizou-se entre as suas. Imóvel, sentindo um golpe de calor na cara, Jurema imaginou que neste mesmo instante ia ter desejo dela e que, a plena luz, como o fazia na escuridão, ia desabotoar a calça, lhe elevar as saias e acomodá-la para entrar nela, gozar nela e fazê-la gozar. Uma vibração a percorreu dos cabelos aos pés. Fechou os olhos e permaneceu quieta, tratando de ouvir os tiros, de recordar a guerra tão próxima, pensando nas Sardelinhas, na Catarina e nas outras que gastavam suas últimas forças em cuidar dos feridos, aos doentes; aos recém-nascidos nas duas últimas Casas de Saúde e nos velhos que todo o dia conduziam mortos ao ossário. Deste modo, conseguiu que aquela sensação, tão nova em sua vida, apagasse-se. Tinha perdido a vergonha. Não só era pecado: pensava em fazer, desejava fazer. “Estou louca?”, pensou. “Possuída?” Agora que ia morrer, cometia com o corpo e com o pensamento pecados que nunca cometeu. Porque, apesar de ter sido antes de dois homens, só agora tinha descoberto que também o corpo podia ser feliz, nos braços deste ser que o azar e a guerra (ou o Cão?) tinham posto em seu caminho. Agora sabia que o amor era também uma exaltação da pele, um encandilamento dos sentidos, uma vertigem que parecia completá-la. Estreitou-se contra o homem que dormia junto a ela, pegou seu corpo ao dele o mais estreitamente que pôde. À suas costas, o Miúdo voltou a mover-se. Sentia-o, miúdo, encolhido, procurando seu calor.

Sim, tinha perdido a vergonha. Se alguém lhe dissesse alguma vez que um dia dormiria assim, apertada entre estes dois homens, embora um deles fosse anão, espantar-se-ia. Se alguém lhe dissesse que um homem com o que não estava casada lhe elevaria as saias e tomaria à vista de outro que permanecia ali, a seu lado, dormindo ou fazendo que estava dormido, enquanto eles gozavam e diziam boca contra boca que se amavam, Jurema se apavoraria, abafando os ouvidos. E, entretanto, ocorria cada noite, desde essa tarde, e em vez de envergonhá-la e assustá-la parecia natural e a fazia feliz. A primeira noite, ao ver que se abraçavam e beijavam como se estivessem sozinhos no mundo, o Miúdo lhes perguntou se queriam que se fosse. Não, não, ele era tão necessário e querido para ambos como antes. E era certo.

O tiroteio aumentou de repente e, durante uns segundos, foi como se estivesse dentro da moradia, sobre suas cabeças. O fosso se encheu de terra e pólvora. Encolhida, com os olhos fechados, Jurema esperou, esperou o disparo, a descarga, o golpe, o desmoronamento. Mas um momento depois os disparos se afastaram. Ao reabrir os olhos, encontrou-se com o olhar branco e aquoso que parecia escorregar sobre ela. O pobre despertou e estava outra vez morto de medo.

“Acreditei que era pesadelo”, disse a suas costas o Miúdo. Incorporado, aparecia a cabeça pelo fio do fosso. Jurema também espiou, ajoelhada, enquanto o jornalista míope permanecia estendido. Muita gente corria de Menino Jesus para Campo Grande.

—O que acontece?—ouviu, a seus pés— O que estão vendo?

—Muitos jagunços—lhe adiantou o Miúdo— Vêm de onde está Pedrão.

E nisso a porta se abriu e Jurema viu um cacho de homens na abertura. Um deles era o jagunço jovenzinho que tinha encontrado a beira de Cocorobó, o dia que chegaram os soldados.

—Venham, venham—lhes gritou, com um vozeirão que me sobressaía do tiroteio — Devem ajudar.

Jurema e o Miúdo ajudaram ao jornalista míope a sair do fosso e o guiaram à rua. Ela estava acostumada, sempre, a fazer automaticamente as coisas que alguém, com autoridade ou poder, dizia-lhe que fizesse, de modo que não lhe custava nada, em casos

como este, sair da passividade e trabalhar cotovelo a cotovelo com a gente, no que fosse, sem perguntar o que faziam e por que. Mas, com este homem junto ao que corria pelo beco do Menino Jesus, tinha mudado. Ele queria saber o que ocorria, a direita e a esquerda, adiante e atrás, por que se faziam e diziam as coisas, e era ela quem devia averiguá-lo para satisfazer sua curiosidade, devoradora como seu medo. O jagunço juvenzinho do Cocorobó lhes explicou que os cães atacavam as trincheiras do cemitério desde esta madrugada. Tinham arrojado dois assaltos e, embora sem chegar às ocupar, deram procuração da esquina do Batista, aproximando-se deste modo, pelas costas, ao Templo do Bom Jesus. João Abade tinha decidido levantar uma nova barreira, entre as trincheiras do cemitério e as igrejas, se por acaso Pajeú se via obrigado a aparecer uma vez mais. Para isso compilavam gente, para isso vinham eles que estavam com o Pedrão nas trincheiras da Madre Igreja. O jagunço juvenzinho se adiantou, apurando a carreira. Jurema sentia ofegar ao jornalista míope e o via tropeçar contra as pedras e ocos de Campo Grande e estava segura que, como ela, pensava neste momento no Pajeú. Agora sim, se encontrariam com ele. Sentiu que o jornalista míope apertava sua mão e lhe devolveu o apertão.

Não voltou a ver o Pajeú na tarde em que descobriu a felicidade. Mas ela e o jornalista míope tinham falado muito do caboclo da cara com talho ao que ambos sabiam uma ameaça ainda mais grave para seu amor que os próprios soldados. Desde aquela tarde tinham estado escondendo-se nos refúgios do Norte de Canudos, a zona mais afastada da Fazenda Velha; o Miúdo fazia incursões para saber do Pajeú. A manhã que o Miúdo—estavam sob um teto de latas, no beco de São Eloy, atrás de Mocambo— veio a lhes contar que o Exército assaltava a Fazenda Velha, Jurema havia dito ao jornalista míope que o caboclo defenderia suas trincheiras até que o matassem. Mas essa mesma noite souberam que Pajeú e os sobreviventes da Fazenda Velha estavam nessas trincheiras do cemitério que se achavam agora a ponto de cair. Tinha chegado, pois, a hora de enfrentar-se com o Pajeú. Nem sequer este pensamento a pôde privar dessa felicidade que tinha passado a ser, como os ossos e a pele, parte de seu corpo.

A felicidade salvava-a, como a miopia e o medo ao que levava da mão, e como a fé, o fatalismo ou o costume a quem tinha ainda forças e baixavam também, correndo, coxeando, andando, a levantar essa

barreira, de ver o que acontecia a seu redor, de refletir e tirar as conclusões que o sentido comum, a razão ou o simples instinto tivessem podido tirar desse espetáculo: essas cabeças antes de terra e cascalho que eram agora baixadas furadas pelos obuses, semeadas de refugos das coisas fulminadas pelas bombas ou derrubados pelos jagunços para levantar parapeitos, e esses seres tombados que com muita dificuldade podiam já ser chamados homens ou mulheres porque já não ficavam rasgos em suas caras, nem luz em seus olhos, nem ânimo em seus músculos, mas que por algum perverso absurdo ainda viviam.

Jurema os via e não se dava conta que estavam ali, confundindo-se já com os cadáveres que os velhos não tinham tido tempo de recolher e que só se diferenciavam deles pelo número de moscas que os cobriam e o grau de pestilência que expulsavam. Via e não via os abutres que revoavam sobre eles e às vezes também caíam mortos pelas balas, e a esses meninos que com ar sonâmbulo escavavam as ruínas ou mastigavam terra.

Tinha sido uma longa carreira e, quando se detiveram, teve que fechar os olhos e apoiar-se contra o jornalista míope, até que o mundo deixasse de girar.

O jornalista lhe perguntou onde estavam. Jurema custou a descobrir que o irreconhecível lugar era o beco de São João, pequena passagem entre as casinhas apinhadas ao redor do cemitério e as costas do Templo em construção. Tudo era escombros, fossos, e uma multidão se agitava, cavando, enchendo sacos, latas, caixas, barris e tonéis com terra e areia e arrastando madeiras, telhas, tijolos, pedras, adubo e até esqueletos de animais à barreira que se ia elevando onde, antes, uma perto de estacas limitava o cemitério. O tiroteio tinha cessado aos ouvidos da Jurema, ensurdecidos, já não o distinguiam dos outros ruídos. Dizia-lhe ao jornalista míope que Pajeú não estava ali e sim, em troca, Antonio e Honório Vilanova, quando um caolho lhes rugiu o que esperavam. O jornalista míope se deixou cair ao chão e começou a escavar. Jurema lhe procurou um ferro para que pudesse fazê-lo melhor. E ela se afundou, então, uma vez mais, na rotina de encher costas, levá-los aonde lhe diziam, e picar paredes para reunir pedras, tijolos, telhas e madeiras, que reforçassem essa barreira já larga e alta de vários metros. De momento em momento, ia aonde o jornalista míope amontoava areia

e cascalho a lhe fazer saber que estava perto. Não se dava conta que, detrás da espessa barreira, o tiroteio renascia, minguava, cessava e ressuscitava e que, de tanto em tanto, grupos de velhos passavam com feridos para as igrejas.

Em um momento, umas mulheres entre as que reconheceu a Catarina, a mulher do João Abade, puseram-lhe na mão uns ossos de galinha com um pouco de pele para roer e uma chaleira de água. Foi compartilhar, dar de presente ao jornalista e ao Miúdo mas ambos também tinham repartido rações parecidas. Comeram e beberam juntos, ditosos, desconcertados com esse manjar. Porque fazia já muitos dias que acabou o alimento e se sabia que os restos existentes se reservavam a esses homens que se mantinham dia e noite nas trincheiras e nas torres com as mãos queimadas pela pólvora e os dedos calejados de tanto disparar.

Reatava o trabalho, depois dessa pausa, quando olhou a torre do Templo do Bom Jesus e algo a obrigou continuar olhando. Debaixo das cabeças de jagunços e dos canhões de fuzis e escopetas que se sobressaíam dos parapeitos do teto e dos andaimes, uma figurinha de gnomo, entre o menino e o adulto, tinha ficado pendurada, em uma postura absurda, na escada que subia ao campanário. Reconheceu-o: era o campanário, o velho que cuidava das igrejas, o chaveiro e mordomo do culto, que, dizia-se, açoitava ao Beato. Continuava subindo, pontualmente, ao campanário, todas as tardes, a tocar os sinos de Ave Maria, depois das quais, com guerra ou sem guerra, todo Belo Monte rezava o rosário. Tinham-no matado a véspera, sem dúvida, depois de repicar os sinos, pois Jurema estava segura ter ouvido. Alcançou-o uma bala e ficou enredado na escada e ninguém tinha tido tempo sequer de desprendê-lo.

—Era de meu povoado—disse-lhe uma mulher que trabalhava a seu lado, assinalando a torre— Chorrochó. Era carpinteiro lá, quando o anjo o roçou.

Voltou para trabalho, esquecendo do campanário e de si mesmo, e assim esteve toda a tarde, indo de momento em momento onde o jornalista. Ao desaparecer o sol viu que os irmãos Vilanova se afastavam correndo para o Santuário e ouviu que também tinham passado para ali, de distintas direções, Pajeú, João Grande e João Abade. Algo ia ocorrer.

Pouco depois, estava inclinada, falando com jornalista míope, quando uma força invisível a obrigou a ajoelhar-se, a calar-se, a apoiar-se nele. “O que acontece, o que acontece?”, disse este, agarrando-a pelo ombro, apalpando-a. E ouviu que lhe gritava: “Feriram-lhe, está ferida?” Não a tinha alcançado nenhuma bala. Simplesmente, todas as forças tinham fugido de seu corpo. Sentia-se vazia, sem ânimo para abrir a boca ou levantar um dedo, e embora via sobre a sua a cara o homem que lhe tinha ensinado a felicidade, seus olhos líqüidos, abrindo-se e piscando para vê-la, e se dava conta que estava assustado, e sentia que devia tranqüilizá-lo, não podia. Tudo era longínquo, alheio, inventado, e o Miúdo estava ali, tocando-a, acarinhando-a lhe sovando as mãos, a frente, lhe alisando os cabelos, e até lhe pareceu que também ele, como o jornalista míope, beijava-a nas mãos, nas bochechas. Não ia fechar os olhos, porque se o fazia morreria, mas chegou um momento em que já não pôde os ter abertos.

Quando os abriu, já não sentia tão frio. Era de noite; o céu estava cheio de estrelas, havia lua cheia, e ela se apoiava contra o corpo do jornalista míope—cujo aroma, fraqueza, ruído, reconheceu imediatamente — e ali estava o Miúdo, ainda lhe sovando as mãos. Aturdida, advertiu a alegria dos dois homens ao vê-la acordada e se sentiu abraçada e beijada por eles de tal modo que os olhos lhe aguaram. Estava ferida, doente? Não, tinha sido a fadiga, ter trabalhado tanto tempo. Já não se achava no mesmo sítio. Enquanto permanecia deprimida tinha crescido de repente o tiroteio e apareceram os jagunços das trincheiras do cemitério, correndo. O Miúdo e o jornalista tiveram que a trazer até esta esquina para que não a pisoteassem. Mas os soldados não tinham podido franquear a barreira construída em São João. Escapados do cemitério, muitos jagunços vindos das igrejas os tinham contido ali. Sentiu que o míope lhe dizia que a queria e nisso a terra arrebentou em pedaços. Nariz e olhos lhe encheram de pó e se sentiu golpeada e esmagada, pois, pela força da sacudida, o jornalista e o Miúdo foram ventilados contra ela. Mas não teve medo; encolheu-se sob os corpos que a cobriam, fazendo esforços para que saíssem de sua boca os ruídos necessários a fim de saber se eles estavam salvos. Sim, só machucados pela chuva de granizo de pedrinhas, resíduos e lascas que a explosão disseminou. Uma gritaria confusa, enlouquecida, multitudinária, dissonante, incompreensível, encrespava a escuridão. O míope e o

Miúdo se incorporaram, ajudaram-na a sentar-se, os três se apertaram contra o único muro que seguia em pé nessa esquina. O que tinha acontecido, o que estava acontecendo?

Corriam sombras em todas direções, alaridos espantosos rasgavam o ar, mas o estranho, para a Jurema, que empregou sobre si as pernas e apoiava a cabeça no ombro do jornalista míope, era que junto aos prantos, rugidos, gemidos, lamentos, estava ouvindo risadas, gargalhadas, vítores, cantos, e, agora, um só canto, vibrante, marcial, metido estrondosamente por centenas de gargantas.

—A Igreja do Santo Antonio—disse o Miúdo— Deram-lhe, tombaram-na.

Olhou e na tênue luminosidade lunar, lá encima, onde se estava dissipando, empurrada por uma brisa que vinha do rio, a fumaça que a ocultava, viu a silhueta maciça, imponente, do Templo do Bom Jesus, mas não a do campanário e o teto do Santo Antonio. Esse tinha sido o estrondo. Os alaridos e prantos eram dos que tinham caído com a Igreja, dos que a Igreja tinha esmagado e em que pese a isso não tinham morrido. O jornalista míope, tendo-a sempre abraçada, perguntava à vozes o que acontecia, o que eram essas risadas e cantos e o Miúdo disse que eram os soldados, loucos de alegria. Os soldados! As vozes, o canto dos soldados! Como podiam estar tão perto? As exclamações de triunfo se confundiam em seus ouvidos com os *ais* e pareciam ainda mais próximos que esses. Do outro lado dessa barreira que tinha ajudado a construir, apinhava-se uma multidão de soldados, cantando, prontos para cruzar os poucos passos que os separavam deles três. “Pai—rezou— peço-lhe que nos matem juntos.”

Mas, curiosamente, a queda do Santo Antonio, em vez de atizar a guerra pareceu interrompê-la. Pouco a pouco, sem mover-se desse rincão, escutaram diminuir os gritos de dor e de triunfo, e, logo, uma calma que não tinha reinado em várias noites. Não se ouviam canhões nem balas, a não ser prantos e gemidos isolados, como se os combatentes tivessem acordado uma trégua para descansar. A momentos, parecia-lhes que dormia e quando despertava não sabia se tinha passado um segundo ou uma hora. Cada vez, seguia no mesmo lugar, abrigada entre o jornalista míope e o Miúdo.

E em uma dessas vezes viu um jagunço da Guarda Católica, que se despedia deles. O que queria? O Padre Joaquim os mandava chamar. “Disse-lhe que não podia te mover”, murmurou o míope. Um momento depois, trotando na escuridão, apareceu o padre do Cumbe. “Por que não vieram?”, ouviu-o dizer, de uma maneira estranha, e pensou: “Pajeú”.

—Jurema está esgotada—ouviu dizer ao jornalista míope—
Deprimiu-se várias vezes.

—Terá que ficar, então—repôs o Padre Joaquim, com a mesma voz estranha, não furiosa, mas bem rachada, desalentada, entristecida— Vocês dois venham comigo.

—Ficar?—ouviu murmurar ao jornalista míope, sentindo-o que ficava tenso e endireitava.

—Silêncio—ordenou o padre. Sussurrou — Não queria tanto partir? Terá sua oportunidade. Mas, nenhuma palavra. Venham.

O Padre Joaquim começou a relaxar-se. Foi ela a primeira em ficar de pé, sobrepondo-se e cortando deste modo a gagueira do jornalista—“Jurema não pode, eu, eu...” — e lhe demonstrando que sim podia, que aí estava, caminhando depois da sombra do padre. Segundos depois corria, da mão do míope e do Miúdo, entre as ruínas, os mortos e feridos gravemente da Igreja do Santo Antonio, ainda sem acreditar o que tinha ouvido.

Deu-se conta que foram ao Santuário, entre um quebra-cabeças de galerias e parapeitos com homens armados. Abriu-se uma porta e viu, à luz de uma lamparina, ao Pajeú. Sem dúvida pronunciou seu nome, alertando ao jornalista míope, pois este, no ato, estalou em espirros que o dobraram em dois. Mas não era pelo caboclo que o Padre Joaquim trouxe-os até aqui, pois Pajeú não lhes prestava atenção. Nem os olhava. Estavam no quartinho das devotas, a sala de espera do Conselheiro, e pelas frestas Jurema via, ajoelhadas, ao Coro Sagrado e à Mãe Maria Quadrado e os perfis do Beato e do Leão da Natuba. O estreito recinto, além do Pajeú, estavam Antonio e Honório Vilanova; as Sardelinhas e nas caras de todos eles, como na voz do Padre Joaquim, havia algo inusitado, irremediável, fatídico, desesperado e selvagem. Como se não tivessem entrado, como se não estivessem ali, Pajeú seguia falando com o Antonio Vilanova: ouviria tiros, desordem, mas ainda não deviam mover-se. Até que soassem

os apitos. Então sim: esse era o momento de correr, de voar, de escapulir-se como raposas. O caboclo fez uma pausa e Antonio Vilanova assentiu, fúnebre. Pajeú falou de novo: “Não deixem de correr por nenhum motivo. Nem para recolher ao que cai nem para voltar atrás. Depende disso e do Pai. Se chegarem ao rio antes de que se dêem conta, passarão. Ao menos, têm uma possibilidade”.

—Mas você não tem nenhuma de sair daí, nem você nem ninguém que se meta contigo ao acampamento dos cães—gemeu Antonio Vilanova. Estava chorando. Agarrou os braços ao caboclo e lhe implorou — Não quero sair de Belo Monte e menos a custa de seu sacrifício. Você faz mais falta que eu. Pajeú, Pajeú!

O caboclo escapou de suas mãos com uma espécie de desgosto.

—Tem que ser antes de que clareie —disse, com secura— Então não se poderia.

Voltou-se para a Jurema, o míope e o Miúdo, que permaneciam petrificados.

—Vão vocês também, porque assim o quer o Conselheiro—disse, como se falasse através dos três, a alguém que não podiam ver— Primeiro até a Fazenda Velha, agachados, em fila. E, onde digam as crianças, esperarão os apitos. Cruzarão o acampamento, correrão até o rio. Passarão, se o Pai o permitir.

Calou e observou ao míope, quem, tremendo como uma folha, abraçava a Jurema.

—Espirre agora—disse-lhe, sem trocar de tom— Não depois. Não quando estiverem esperando os apitos. Se espirrar aí, cravar-lhe-ão uma faca no coração. Não seria justo que por seus espirros capturassem a todos. Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro.

Quando os ouviu, o soldado Queluz estava sonhando com o regulamento do Capitão Oliveira, um soldado pálido e juvenzinho ao que ronda faz tempo e ao que esta manhã viu cagando, agachado detrás de um montículo de pedras, junto às aguadas do Vassa Barris. Conserva, intacta, a imagem dessas pernas imberbes e dessas nádegas brancas que entreviu, suspensas no ar da madrugada, como

um convite. É tão nítida, consistente, vívida, que a verga do soldado Queluz se endireita, inchando seu uniforme e despertando-o. O desejo é tão imperioso que, apesar de que as vozes seguem aí e de que já não tem mais remédio que admitir que são de traidores e não de patriotas, seu primeiro movimento não é agarrar o fuzil a não ser levar as mãos à braguilha para acariciar a verga inflamada pela lembrança das nádegas redondas do regulamento do Capitão Oliveira. Subitamente, compreende que está sozinho, no meio descampado, junto a inimigos, e se recorda de tudo e permanece rígido, o sangue gela em suas veias. E Leopoldinho? Mataram ao Leopoldinho? Mataram-no: ouviu, claro, que o sentinela não alcançou a dar um grito, nem que o matavam. Leopoldinho é o soldado com o que compartilha o serviço, nesse terral que separa a Favela do Vassa Barris, onde se acha o Quinto Regimento de Infantaria, o bom companheiro com o que se alternam para dormir, o que faz mais suportáveis os guardas.

—Muito, muito ruído, para que nos creiam mais—diz o que os manda— E, sobretudo, enjoá-los, que não fique tempo nem vontade de olhar o rio.

—Ou seja, armar a grande feira, Pajeú—diz outro.

Queluz pensa: “Pajeú”. Aí está Pajeú. Convexo em pleno campo, rodeado de jagunços que acabarão com ele em um, dois por três, se o descobrirem, ao saber que nessas sombras, a seu alcance, está um dos mais ferozes bandidos de Canudos, essa presa maior, Queluz tem um impulso que por pouco o levanta em peso, de agarrar o fuzil e fulminar ao monstro. Ganharia a admiração do mundo, do Coronel Medeiros, do General Oscar. Dar-lhe-iam as insígnias de cabo que lhe estão devendo. Porque, embora por tempo de serviço e comportamento em ação, deveria ser ascendido faz tempo, sempre o adiam com o estúpido pretexto de que foi açoitado muitas vezes por induzir aos recrutas a cometer com ele o que o Padre Lizzardo chama “pecado nefando”. Volta a cabeça e, na luminosidade clara da noite, vê as silhuetas, vinte, trinta. Como não o pisaram? Por que milagre não o viram? Movendo só os olhos, trata de reconhecer, entre as caras imprecisas, a famosa cicatriz. É Pajeú quem fala, está seguro, quem recorda a outros que antes dos fuzis usem os cartuchos pois a dinamite faz mais ruído, e que ninguém toque os apitos antes que ele. Ouve-o despedir-se de uma maneira que dá risada: Louvado seja

o Bom Jesus Conselheiro. O grupo se pulveriza em sombras que desaparecem em direção ao Regimento.

Não duvida mais. Incorpora-se, agarra seu fuzil, rastela-o, aponta para onde se afastam os jagunços e dispara. Mas o gatilho não se move, embora apure com todas suas forças. Amaldiçoa, cospe, treme de cólera pela morte de seu companheiro, e de uma vez que murmura “Leopoldinho está aí?”, volta a rastelar a arma outra vez de disparar um tiro que alerte ao Regimento. Está sacudindo o fuzil para fazê-lo entrar em razão, para que entenda que não se pode ferrar agora, quando ouvir várias explosões. Já está, já se meteram ao acampamento. É sua culpa. Já estão arrebetando cartuchos de dinamite sobre os companheiros dormidos. Já está, os filhos da puta, os malditos, estão fazendo um grande açougue com os companheiros. E é sua culpa.

Confuso, enfurecido, não sabe o que fazer. Como puderam chegar até aqui sem ser descobertos? Porque, não há dúvida, estando Pajeú entre eles, estes saíram de Canudos e cruzaram as trincheiras dos patriotas para chegar até aqui a atacar o acampamento pelas costas. O que leva ao Pajeú a meter-se com vinte, ou trinta em um acampamento de quinhentos? Agora, em todo o setor ocupado pelo Quinto Regimento de Infantaria, há bulício, movimento, tiros. Sente desespero. O que vai ser dele? Que explicação vai dar quando lhe perguntarem por que não deu o alerta, por que não disparou, gritou, ou o que fosse, quando mataram ao Leopoldinho? Quem o libera de um novo turno de açoites?

Espreme o fuzil, cego de raiva, e escapa o tiro. Roça-lhe o nariz, deixa-lhe um relento quente de pólvora. Que sua arma funcione o anima, devolve-lhe esse otimismo que, diferente de outros, ele não perdeu nestes meses, nem sequer quando morria tanta gente e passavam tanta fome. Sem saber o que vai fazer, corre a campo, atravessa, em direção a essa feira sangrenta que, em efeito, estão armando os jagunços, e dispara ao ar os quatro tiros que ficam, dizendo-se que uma prova de que não estava dormindo, de que brigou, é o cano de seu fuzil queimando. Tropeça e cai de bruços. “Leopoldinho? —diz— Lepoldinho?” Apalpa o chão, diante, atrás, aos flancos.

Sim, é ele. Toca-o, move-o. Os malditos. Cospe o mau gosto, contém uma arcada. Afundaram-lhe o cangote, degolaram-no como a

um carneiro, sua cabeça parece a de um boneco de pano quando o eleva, agarrando-o pelas axilas. “Malditos, malditos”, diz, e, sem que isso o distraia da dor e da ira pela morte de seu companheiro lhe ocorre que entrar em acampamento com o cadáver convencerá ao Capitão Oliveira de que não estava dormindo quando chegaram os bandidos, que lhes enfrentou. Balança devagar, balançando-se com o Leopoldinho nas costas, e escuta, entre os tiros e o trajim do acampamento, um ulular agudo, penetrante, de pássaro desconhecido, ao que seguem outros. Os apitos. O que querem? Por que entram os fanáticos traidores ao acampamento atirando dinamite para ficar a soprar apitos? Cambaleia-se com o peso e se pergunta se não é melhor parar-se a descansar.

À medida que se aproxima dos barracos se dá conta do caos que ali reina; os soldados, arrancados do sonho pelas explosões, disparam à tolas e à loucas, sem que os gritos e rugidos dos oficiais ponham ordem. Nesse instante, Leopoldinho se estremece. A surpresa de Queluz é tão grande que o solta. Deixa-se cair a seu lado. Não, não está vivo. Que tolo! Foi o impacto de um projétil que o remexeu. “É a segunda vez que me salva esta noite, Leopoldinho”, pensa. Essa navalhada a puderam dar a ele, essa bala pôde ser para ele. Pensa: “Obrigado, Leopoldinho”. Está contra o chão, pensando que seria o cúmulo ser baleado pelos próprios soldados do Regimento, aborrecido outra vez, confuso outra vez, sem saber se seguir ali até que amaine o tiroteio ou tentar de todos os modos chegar aos barracos.

Está comido por essa dúvida quando, nas sombras que pelo lado das colinas começam a desfazer-se em irisação azulada, percebe duas silhuetas, correndo para ele. Vai gritar “Socorro, ajuda!”, quando uma suspeita lhe gela o grito. Até que lhe ardem os olhos se esforça por saber se levam uniformizes, mas não há suficiente claridade para sabê-lo. Tirou-se o fuzil que levava em banderola, pegou uma cacerina de sua bolsa e carrega e restela a arma quando os homens estão já muito perto: nenhum é soldado. Dispara a bocajarro sobre o que oferece melhor claridade e, com o tiro, ouve seu bufo animal e o golpe do corpo no chão. E seu fuzil se volta a ferrar: está apertando um gatilho que não retrocede um milímetro.

Amaldiçoa e se faz a um lado de uma vez que, elevando o fuzil com as duas mãos, golpeia ao outro jagunço que, passado um

segundo de atordoamento, lhe jogou em cima. Queluz sabe brigar, destacou sempre nas provas de força que organiza o Capitão Oliveira. O fôlego ansioso do homem lhe esquentava a cara e sente suas cabeçadas enquanto ele atina ao principal, lhe buscar os braços, as mãos, sabendo que o perigo não está nessas cabeçadas por mais que pareçam pedradas a não ser na faca que deve prolongar uma de suas mãos. E, em efeito, de uma vez que encontra e aferra suas bonecas sente o rasgo da calça e o roce em sua coxa de uma ponta com fio. De uma vez que também ele cabeceia, remói e insulta. Queluz luta com todas as suas forças para conter, apartar, torcer essa mão onde está o perigo. Não sabe quantos segundos ou minutos ou horas lhe custa, mas de repente se dá conta que o traidor perde ferocidade, vai desanimando-se, que o braço que empunha começa a abrandar-se sob a pressão do dele. “Já está fodido—o cospe Queluz— já está morto, traidor.” Sim, embora ainda remói, chuta, cabeceia, o jagunço está apagando-se, renunciando. Por fim, Queluz sente as mãos livres. Incorpora-se de um salto, agarra seu fuzil, eleva-o, vai afundar-lhe a baioneta no estômago, deixando cair sobre ele, quando—já não é noite a não ser o amanhecer — vê a cara tumefacta atravessada por uma horripilante cicatriz. Com o fuzil no ar, pensa: “Pajeú”. Piscando, acessando, o peito lhe arrebatando de excitação, grita: “Pajeú? É Pajeú?” Não está morto, tem os olhos abertos, o olha. “Pajeú?”, grita, louco de alegria. “Quer dizer que eu o capturei, Pajeú?” O jagunço, embora o olhe, não faz conta. Está tratando de levantar a faca. “Ainda quer brigar?”, burla-se Queluz, lhe pisando o peito. Não, está desinteressado dele, tratando de... “Ou quer lhe matar, Pajeú”, ri Queluz, lhe voando de um salto a faca da mão frouxa. “Isso não toca a si, traidor, a não ser a nós.”

Capturar vivo ao Pajeú é uma proeza ainda maior que o matar. Queluz contempla a cara do caboclo: torcida, arranhada, mordida por ele. Mas, além disso, tem um balaço na perna, pois toda sua calça está embebida em sangue. Parece-lhe mentira que se encontre a seus pés. Procura ao outro jagunço e, ao tempo que o vê, escancarado agarrando o estômago, acaso não morto ainda, dá-se conta que vêm vários soldados. Faz-lhes gestos, frenético: “É Pajeú! Pajeú! Agarrei ao Pajeú!”

Quando, logo depois de havê-lo meio doido, cheirado, escrutinado e voltado a tocar—e lhe haver descarregado algumas patadas, mas

não muitas pois todos convêm em que o melhor é levar-lhe vivo ao Coronel Medeiros — os soldados arrastam ao Pajeú ao acampamento, Queluz merece uma boa-vinda apoteótica. Corre-se a voz que matou a um dos bandidos que os atacaram e que capturou ao Pajeú e todos saem a olhá-lo, a felicitá-lo, a aplaudi-lo e abraçá-lo. Chovem-lhe amistosas cabeçadas, alcançam-lhe cantis, prende-lhe um cigarro, um tenente. Não pode conter-se e lhe saltam as lágrimas. Resmunga que tem pena de Leopoldinho mas é por estes momentos de glória que está chorando.

O Coronel Medeiros quer vê-lo. Enquanto vai para o posto de mando, como em transe, Queluz não recorda o furor em que esteve a véspera o Coronel Medeiros—furor que se traduziu em castigos, admoestações e reprimendas das que não se livraram majores nem capitães — pela frustração que lhe produziu que a Primeira Brigada não participasse do assalto desse amanhecer e que, acreditavam todos, seria o definitivo, que permitiria ocupar aos patriotas tudo o que fica de poder dos traidores. Disse-se, inclusive, que o Coronel Medeiros teve um incidente com o General Oscar por não ter acessado este a que a Primeira Brigada desse o assalto e que, ao saber-se que a Segunda Brigada do Coronel Gouveia tinha tomado as trincheiras do cemitério dos fanáticos, o Coronel Medeiros tinha pulverizado no chão sua taça de café. Também disse que, ao anoitecer, quando o Estado Maior interrompeu o assalto, em vista das elevadas perdas e da resistência feroz, o Coronel Medeiros bebeu aguardente, como se estivesse celebrando, como se houvesse algo que celebrar.

Mas, ao entrar no barraco do Coronel Medeiros, Queluz recorda imediatamente tudo isso. A cara do chefe da Primeira Brigada está a ponto de estalar de raiva. Não o espera na porta para felicitá-lo, como ele acreditava. Sentado em sua banquetta de tesoura, vomita sapos e cobras. A quem grita desse modo? Ao Pajeú. Entre as costas e perfis dos oficiais que enchem o barraco, Queluz divisa no chão, aos pés do Coronel, a cara amarelada partida pela cicatriz granada. Não está morto; tem os olhos semiabertos e Queluz, a quem ninguém faz conta, que já não sabe para que o trouxeram e tem vontade de ir-se, diz-se que a rabieta do Coronel se deve sem dúvida à maneira ausente, depreciativa, com que o olha Pajeú. Mas não é isso a não ser o ataque ao acampamento: houve dezoito mortos.

—Dezoito! Dezoito!—mastiga, como se tivesse um freio, o Coronel Medeiros— Trinta e tantos feridos! A nós, que passamos aqui todo o dia, nos arranhando as bolas enquanto a Segunda Brigada briga, vem você com seus degenerados e nos faz mais baixas que a eles.

“Vai ficar a chorar”, pensa Queluz. Assustado, imagina que o Coronel averiguará de algum modo que se pôs a dormir e deixou passar aos bandidos sem dar o alarme. O chefe da Primeira Brigada salta do assento e fica a chutar, a pisotear e sapatear. As costas e os perfis lhe ocultam o que ocorre no chão. Mas segundos depois volta a ver: a cicatriz vermelha cresceu, cobre a cara do bandido, uma massa de barro e sangue sem rasgos nem forma. Mas tem ainda os olhos abertos e há ainda neles essa indiferença tão ofensiva e tão estranha. Uma baba sanguinolenta aflora de seus lábios.

Queluz vê um sabre nas mãos do Coronel Medeiros e está seguro que vai rematar ao Pajeú. Mas se limita a lhe apoiar a ponta no pescoço. Reina silêncio total no barraco e Queluz se contagia da gravidade hierática de todos os oficiais. Por fim, o Coronel Medeiros se acalma. Volta a sentar-se na banquetta e arroja seu sabre ao camastro.

—Matar-lhe seria lhe fazer um favor —resmungo, com amargura e raiva— Traiu a seu país, assassinou a seus compatriotas, roubou, saqueou, cometeu todos os crimes Não há castigo à altura do que tem feito.

“Está-se rindo”, assombra-se Queluz. Sim, o caboclo está rindo. Enrugou a frente e a pequena crista que fica do nariz, entreaberta a boca e seus olhinhos rasgados brilham ao tempo que emite um ruído que, não há dúvida, é risada.

—Faz-lhe graça o que digo?—silaba o Coronel Medeiros. Mas imediatamente troca de tom, pois a cara do Pajeú ficou rígida— Examine-o, Doutor...

O Capitão Bernardo se ajoelha, prega seu ouvido ao peito do bandido, observa-lhe os olhos, toma o pulso.

—Está morto, Excelência—ouve-lhe dizer Queluz. O Coronel Medeiros se muda.

—Seu corpo é um coador—acrescenta o médico— É um milagre que tenha durado tanto tempo com o chumbo que tem dentro.

“Agora—pensa Queluz— toca-me.” Os olhinhos pequeninos verde-azulados, perfurantes do Coronel Medeiros vão buscá-lo entre os oficiais, encontrá-lo e ouvirá a temida pergunta: “Por que não deu alerta?” Mentira, jurará por Deus e por sua mãe que deu, que disparou e gritou. Mas passam os segundos e o Coronel Medeiros segue sobre a banquetta, contemplando o cadáver do bandido que morreu rindo-se dele.

—Aqui está Queluz, Excelência—ouve dizer ao Capitão Oliveira.

Agora, agora. Os oficiais se apartam para que possa aproximar-se do chefe da Primeira Brigada. Este o olha, fica de pé. Vê—o coração lhe salta no peito — que a expressão do Coronel Medeiros se abrandava, que se esforçava por lhe sorrir. Sorri-lhe também, agradecido.

—Assim que você o caçou? —diz o Coronel.

—Sim, Excelência —responde Queluz, em posição firme.

—Termina o trabalho—diz-lhe Medeiros, lhe alcançando seu sabre com movimento enérgico— Arrebente-lhe os olhos e lhe corte a língua. Depois, arranca-lhe a cabeça e a joga por cima da barricada, para que os bandidos vivos saibam o que os espera.

VI

Quando o jornalista míope partiu por fim, o Barão da Canabrava, que o tinha guiado até a rua, descobriu que era noite avançada. Depois de fechar, ficou apoiado de costas no pesado portão, com os olhos fechados, tratando de afastar essas ervas de confusas e violentas imagens. Um criado acudiu, pressuroso, com uma lamparina: queria que lhe esquentassem o jantar? Disse que não, e, antes de mandá-lo a deitar-se, perguntou-lhe se Estela tinha jantado. Sim, fazia momento, e se tinha retirado logo a descansar.

Em vez de subir ao dormitório, o Barão voltou como sonâmbulo, ouvindo rressonar seus passos, ao despacho. Cheirou, viu, no ar espesso da habitação, flutuando como penugens, as palavras dessa larga conversação que, parecia-lhe agora, tinha sido, mais que um diálogo, um par de monólogos intocáveis. Não voltaria a ver o jornalista míope, não voltaria a falar com ele. Não permitiria que voltasse a ressuscitar essa monstruosa história em que tinham naufragado seus bens, seu poder político, sua mulher. “Só ela importa”, murmurou. Sim, a todas as outras perdas podia resignar-se. Para o que ficava por viver—dez, quinze anos? — tinha como manter o regime de vida a que estava acostumado. Não importava que este acabasse com ele: acaso havia herdeiros por cuja sorte inquietar-se? E quanto ao poder político, no fundo se alegrava de haver-se tirado esse peso de cima. A política tinha sido uma carga que se impôs por carência de outros, pela excessiva estupidez, negligência ou corrupção dos outros, não por vocação íntima: sempre lhe tinha vexado, aborrecido, feito o efeito de um que fazer insosso e deprimente, pois revelava melhor que nenhum outro as misérias humanas. Além disso, tinha um rancor secreto contra a política, que fazer absorvente ao que tinha sacrificado essa disposição científica que tinha sentido desde menino, quando colecionava mariposas e fazia herbários. A tragédia a que nunca se conformaria era Estela. Tinha sido Canudos, essa história estúpida, incompreensível, de pessoas obstinadas, cegas, de fanatismos encontrados, o culpado do

ocorrido com Estela. Tinha talhado com o mundo e não restabeleceria as amarras. Nada nem ninguém lhe recordaria esse episódio. “Farei que lhe dêem trabalho no periódico—pensou—Corretor de provas, cronista judicial, algo medíocre como corresponde ao que é. Mas não o receberei nem escutarei mais. E se escrever esse livro sobre Canudos, que é óbvio não escreverá, tampouco o lerei.”

Foi até a licoreira e se serviu uma taça de *cognac*. Enquanto esquentava a bebida na palma de sua mão, sentado no confortável de couro, do que tinha orientado um quarto de século de vida política de Bahia, o Barão da Canabrava escutou a harmoniosa sinfonia dos grilos do pomar, a que fazia eco, a momentos, o desafinado coro de umas rãs. O que o desassossegava assim? O que lhe produzia essa impaciência, esse comichão no corpo, como se estivesse esquecendo algo muito urgente, como se nestes segundos fosse ocorrer algo irrevogável e decisivo em sua vida? Canudos, ainda?

Não o tinha tirado da cabeça: aí estava de novo. Mas a imagem que agressivamente se armou e iluminou ante seus olhos, não era algo que tivesse ouvido de lábios de seu visitante. Tinha ocorrido quando nem este nem a criada de Calumbí que agora era sua mulher, nem o Miúdo nem nenhum dos sobreviventes de Canudos estavam já ali. Tinha-o referido o velho coronel Murau, tomando um oporto, a última vez que se viram aqui em Salvador, algo que, a sua vez, o tinha contado ao Murau o dono da fazenda Formosa, uma das tantas arrasadas pelos jagunços. O homem ficou ali, em que pese a tudo, por amor a sua terra ou por não saber aonde ir. E ali tinha continuado toda a guerra, mantendo-se graças ao comércio que fazia com os soldados. Quando soube que tudo tinha terminado, que Canudos tinha caído, apressou-se a ir lá com um grupo de peões a prestar ajuda. O Exército já não estava ali, quando avistaram os Montes da antiga cidadela jagunça. Tinha-lhes surpreendido, à distância—contou o coronel Murau e aí estava o Barão, ouvindo-o—o estranho, indefinível, indetectável ruído, tão forte que estremecia o ar. E aí estava, também, o muito poderoso aroma que decompunha o estômago. Mas só ao trasmontar a costa pedregosa, pardusca, do pouco Trabubú e encontrar-se a seus pés, com o que tinha deixado de ser Canudos e era o que viam, compreenderam que esse ruído eram as bicadas de milhares de urubus, desse mar interminável, de ondas

cinzas, negras, devorantes, fartas, que tudo cobria e que, de uma vez que se saciava, dava conta do que ainda não tinha podido ser pulverizado nem pela dinamite, nem pelas balas, nem pelos incêndios: esses membros, extremidades, cabeças, vértebras, vísceras, peles que o fogo respeitou ou carbonizou pela metade e que esses animais ávidos agora trituravam, despedaçavam, tragavam, deglutiam. “Milhares e milhares de abutres”, havia dito o coronel Murau. E, também que, espantados ante o que parecia a materialização de um pesadelo, o fazendeiro de Formosa e seus peões, compreendendo que já não havia a ninguém que enterrar, pois os pajarraços o estavam fazendo, tinham partido dali a passo vivo, tampando-se boca e nariz. A imagem intrusa, ofensiva, tinha enraizado em sua mente e não conseguia tirá-la dali. “O final que Canudos merecia”, tinha respondido ao velho Murau, antes de obrigá-lo a mudar de tema.

Era isso o que o perturbava, angustiava e tinha sobre brasas? Esse enxame de aves açougueiras devorando a podridão humana que era tudo o que ficava de Canudos? “Vinte e cinco anos de suja e sórdida política, para salvar a Bahia dos imbecis e dos ineptos aos que tocou uma responsabilidade que não eram capazes de assumir, para que tudo termine em um festim de abutres”, pensou. E nesse instante, sobre a imagem de hecatombe, reapareceu a cara tragicômica, o bobo de olhos vinhos e aquosos, protuberâncias impertinentes, queixo excessivo, orelhas absurdamente caídas, lhe falando afiebrado do amor e do prazer: “Quão maior há no mundo, Barão, o único através do qual pode encontrar o homem certa felicidade, saber o que é o que chamam felicidade. Isso era o que o perturbava, desassossejava, angustiava. Bebeu um gole de *cognac*, reteve um momento na boca a ardente bebida, tragou-a e a sentiu correr por sua garganta, esquentando-a.

Ficou de pé: não sabia ainda o que ia fazer, o que desejava fazer, mas sentia uma crepitação nas vísceras, e lhe parecia achar-se em um instante crucial, no que devia tomar uma decisão de incalculáveis conseqüências. O que ia fazer, o que queria fazer? Deixou a taça de *cognac* na licoreira, e, sentindo palpitar seu coração, suas têmperas, discorrer o sangue pela geografia de seu corpo, atravessou o escritório, o grande salão, o espaçoso patamar —todo deserto agora, e às escuras, mas iluminado pelo resplendor dos faróis da rua—até a

escada. Uma lamparina iluminava os degraus. Subiu-os depressa, pisando com as pontas dos pés, de maneira que nem sequer ele ouvia seus passos. Vamos, sem duvidar, em vez de dirigir-se a seu aposento foi por volta do quarto em que dormia a Baronesa e ao que só um biombo separava da antecâmara onde se acomodou Sebastiana, para estar perto de Estela se por acaso a necessitava na noite.

No momento de alargar a mão para a tranca lhe ocorreu que a porta podia estar trancada. Nunca tinha entrado nessa antecâmara sem anunciar-se. Não, não estava assegurada. Fechou a porta a suas costas e procurou o trinco e o correu. Da soleira divisou a luz amarela da veladora—um pavio flutuando em um recipiente de azeite— que alcançava a iluminar parte do leito da Baronesa, a colcha azul, o dossel e as cortininhas de gaze. Onde estava, sem fazer o menor ruído, sem que lhe tremessem as mãos, o Barão foi tirando a roupa que levava posta. Quando esteve nu, cruzou o quarto nas pontas dos pés para a antecâmara da Sebastiana.

Chegou a borda da cama sem despertá-la. Havia uma leve claridade—o resplendor do farol de gás da rua, que se voltava azul ao cruzar as cortinas — e o Barão pôde ver as formas da mulher que dormia, pregando e levantando os lençóis, de lado, sua cabeça apoiada em uma almofadinha redonda. Os cabelos livres, compridos, negros, dispersos, caíam sobre a cama e se derramavam pelo flanco e penduravam beijando o chão. Pensou que nunca tinha visto a Sebastiana com os cabelos soltos, de pé, que sem dúvida deviam lhe chegar até os talões e que, certamente, alguma vez, ante um espelho ou diante de Estela, teria se envolto, jogando, nessa longuíssima cabeleira como em uma sedosa manta, e essa imagem começou a despertar nele um adormecido instinto. Levou-se a mão ao ventre e se apalpou o sexo: estava flácido mas, em sua tibieza, na suavidade, celeridade e como alegria com que se deixou descobrir e emergiu o glândula separando do prepúcio, sentiu que havia ali uma vida profunda, desejando ser convocada, reavivada, vertida. As coisas que tinha temido enquanto se aproximava—Qual seria a reação da empregada? Qual a de Estela se aquela despertasse gritando?—desapareceram imediatamente e—surpreso, alucinado — o rosto de Galileo Gall compareceu em sua mente e recordou o voto de castidade que, para concentrar energias em ordens que acreditava mais elevadas—a ação, a ciência—tinha feito o revolucionário. “Fui

tão estúpido como ele”, pensou. Sem fazê-lo, completara um voto semelhante por muitíssimo tempo, renunciando ao prazer, à felicidade, por esse fazer vil que havia trazido desgraça ao ser que mais flauta no mundo.

Sem pensar, de maneira automática, inclinou-se até sentar-se a borda da cama, de uma vez que movia as duas mãos, uma para retirar os lençóis que cobria a Sebastiana, e a outra para sua boca, para apagar o grito. A mulher se encolheu e ficou rígida e abriu os olhos e chegou a seu nariz um bafo de calor, a intimidade do corpo da Sebastiana, de quem nunca tinha estado tão perto, e sentiu que imediatamente seu sexo se animava, e foi como se tomasse consciência de que seu testículo também existia, de que estavam ali, renascendo entre suas pernas. Sebastiana não tinha chegado a gritar, a incorporar-se: só a emitir uma exclamação afogada que levou o ar quente de seu fôlego contra a palma da mão que o Barão retinha um milímetro de sua boca.

—Não grite, é melhor que não grite—sussurrou, sentindo que sua voz não era firme, mas o que a fazia tremer não era a dúvida a não ser o desejo— Rogo-lhe que não grite.

Com a mão que tinha retirado os lençóis, acariciava agora, por sobre a camisola que ela tinha abotoado até o pescoço, os peitos de Sebastiana: eram grandes, bem modelados, extraordinariamente firmes para alguém que deveria aproximar os quarenta anos; sentia-os arrepiando-se sob suas gemas, atacados de frio. O Barão passou os dedos pelo fio do nariz, pelos lábios, pelas sobrancelhas, com toda a delicadeza de que era capaz, e por fim os afundou na meada de cabelos e os enredou em suas riscas, brandamente. Enquanto isso, procurava conjurar sorrindo do medo servil que percebia no olhar incrédulo, atônito, da mulher.

—Devia fazer isto faz muito, Sebastiana—disse, lhe roçando as bochechas com os lábios— Devia fazê-lo no primeiro dia que lhe desejei. Seria mais feliz. Estela seria mais feliz e acaso você também.

Baixou a cara, procurando com seus lábios os da mulher, mas ela, fazendo um esforço para romper a paralisia em que a tinham o medo e a surpresa, apartou-se e o Barão, de uma vez que lia a súplica de seus olhos, ouviu-a balbuciar: “Rogo-lhe, por isso mais, queira, suplico-lhe... A senhora, a senhora”.

—A senhora está aí e eu a quero mais que você—ouviu-se dizer, mas tinha a sensação de que era outro o que falava e tratava ainda de pensar; ele só era esse corpo esquentado, esse sexo agora sim acordado de tudo ao que sentia erguido, duro, úmido, expulsando contra seu ventre— Isto o faço também por ela, embora não possa compreendê-lo.

Acariciando seus peitos, tinha encontrado os botões da camisola e os estava fazendo saltar das casas, um após o outro, de uma vez que com a outra mão tomou a Sebastiana por detrás da nuca e a obrigou a inclinar a cabeça e a lhe oferecer os lábios. Sentiu-os frios, fechados com força, e advertiu que os dentes da empregada tremiam e que toda ela tremia e que em um segundo se empapou de suor.

—Abre a boca—ordenou, em um tom que rara vez tinha usado em sua vida com os serventes ou com os escravos, quando os tinha— Se tiver que lhe obrigar a ser dócil, o farei.

Sentiu que, condicionada sem dúvida por um costume, temor ou instinto de conservação que vinha até ela de muito atrás, com uma tradição de séculos que seu tom tinha sabido lhe recordar, a empregada lhe obedecia, uma vez que sua cara, na penumbra azul da antecâmara, decompunha-se em uma careta a que ao medo se acrescentava agora um infinito desgosto. Mas isso não lhe importou, enquanto sua língua entrava na boca dela, chocava com a dela, empurrava-a a um lado e a outro, explorava suas gengivas, seu paladar, e as engenhava para lhe passar um pouco de sua saliva e logo recuperá-la e tragá-la. Enquanto, continuava desabotoando, arrancando os botões da camisola tratando de tirar-lhe. Mas embora o espírito e a boca de Sebastiana se resignaram a obedecer, todo seu corpo seguia resistindo, apesar do medo ou talvez porque um medo ainda maior que aquele que lhe tinha ensinado a acatar a vontade de quem tinha poder sobre ela, a fazia defender o que queriam lhe arrebatá-lo. Seu corpo seguia encolhido, rígido, e o Barão, que se tinha jogado na cama e tratava de abraçá-la, sentia-se contido pelos braços que Sebastiana tinha colocado como escudo ante seu corpo. Ouvia-a implorando algo em um sussurro apagado e esteve seguro que tinha começado a chorar. Mas ele só atendia agora ao esforço de lhe tirar a camisola que cobria seus ombros. Pôde passar um braço pela cintura e atrai-la, obrigando-a a pegar-se contra seu corpo, enquanto que com a outra mão lhe acabava de tirar a camisola. Depois de uma

resistência que não soube quanto durou e no que, enquanto empurrava e pressionava, sua energia e seu desejo cresciam sem cessar, obteve ao fim subir sobre a Sebastiana. Enquanto com uma das suas a forçava a abrir as pernas que ela as prendeu, beijou-a com avidez no pescoço, nos ombros, no peito e, longamente, nos seios. Sentiu que ia ejacular contra o ventre dela—uma forma ampla, cálida, branda, contra a que se esfregava sua verga — e fechou os olhos e fez um grande esforço para conter-se. Conseguiu-o e então foi deslizando-se por sobre o corpo de Sebastiana, lhe acariciando, lhe cheirando, lhe beijando os quadris, as virilhas, o ventre, os pêlos do púbis que agora descobria espessos e anelados em sua boca. Com as mãos, com o queixo, pressionou com todas as suas forças, sentindo que ela soluçava, até lhe fazer separar as coxas o suficiente para poder chegar até seu sexo com a boca. Quando o estava beijando, sugando brandamente, lhe afundando a língua e sorvendo seus sucos, sumido em uma embriaguez que, por fim, liberava-o de tudo o que o entristecia e amargurava, dessas imagens que lhe roíam a vida, sentiu a pressão suave de uns dedos nas costas. Apartou a cabeça e olhou, sabendo o que ia ver: aí estava Estela, de pé, olhando-o.

—Estela, meu amor, meu amor—disse, com ternura, sentindo que a saliva e os sucos da Sebastiana lhe escorriam pelos lábios, sempre ajoelhado no chão, sempre separando com seus cotovelos as pernas da empregada— Eu amo você, mais que a nada no mundo. Faço isto porque o desejo faz muito tempo e por amor a você. Para estar mais perto de si, meu amor.

Sentia o corpo da Sebastiana sacudido por convulsões e a ouvia soluçar com desespero, a boca e os olhos tampados com suas mãos, e via a Baronesa, imóvel a seu lado, observando-o. Não parecia assustada, enfurecida, horrorizada, a não ser ligeiramente intrigada. Tinha uma camisola ligeira, sob o que, na meia luz, adivinhava, esfumados, os limites de seu corpo, que o tempo não tinha conseguido deformar—era uma silhueta ainda harmoniosa, perfilada — e seus cabelos claros, aos que a penumbra dissimulava todos os fios cinzas, recolhidos em uma rede para cabelo, da que escapavam algumas pontas. Até onde podia ver, não se tinha formado em sua frente essa dobra profunda, solitária, que era sinal inequívoco nela de contrariedade, o único que Estela não tinha conseguido nunca controlar, como todas as outras manifestações de sentimento. Não

tinha o cenho franzido, embora sua boca estava, sim, levemente entreaberta, sublinhando o interesse, a curiosidade, a tranqüila surpresa de seus olhos. Mas já era novo nela, por ínfimo que parecesse, esse derrubar-se para fora, esse interessar-se em algo alheio, pois o Barão não voltou a ver nos olhos da Baronesa, desde aquela noite de Calumbí, outra expressão que a da indiferença, o retraimento, o fechamento espiritual. Sua palidez era agora mais acentuada, talvez pela penumbra azul, talvez pelo que estava experimentando. O Barão sentiu que a emoção o sufocava, que ia ficar a soluçar. Adivinhou quase os pés lívidos, nus, de Estela, sobre a madeira lustrosa do chão, e obedecendo um impulso se inclinou a beijá-los. A Baronesa não se moveu enquanto ele, ajoelhado, cobria de beijos suas impigens, seus dedos, suas unhas, seus talões, com infinito amor e reverência e balbuciava ardentemente contra eles que os amava, que sempre lhe tinham parecido muito belos, dignos de um culto intenso por lhe haver dado, ao longo da vida, tão impagável prazer. Logo depois de beijá-los uma e outra vez e de subir os lábios até os frágeis tornozelos, sentiu em sua esposa um movimento e elevou rapidamente a cabeça, a tempo para ver que a mão que tinha meio doida antes nas costas, de novo vinha para ele, sem urgência, nem violência, com essa naturalidade, distinção, sabedoria, com que Estela se moveu, falando, conduzindo sempre, e a sentiu posar-se sobre seus cabelos e permanecer ali, conciliadora, branda, em um contato que agradeceu do fundo de seu ser porque não havia nele nada hostil, admonitivo, mas sim melhor, amável, afetuoso, tolerante. O desejo, que se tinha evaporado totalmente, compareceu então de novo e o Barão sentiu que seu sexo voltava a endurecer-se. Agarrou a mão que Estela lhe tinha posto na cabeça, a levou a boca, beijou-a, e, sem soltá-la, voltou-se para a cama onde Sebastiana permanecia afundada dentro de si mesmo, com a cara oculta, e alargando a mão livre a colocou sobre o púbis da mulher estendida, cujo negrume contrastava nitidamente com a cor mate de seu corpo.

—Sempre quis compartilhá-la contigo, meu amor—balbuciou, a voz quebrada por sentimentos encontrados, de acanhamento, vergonha, emoção e renascente desejo— mas nunca me atrevi, porque temia lhe ofender, machucá-la. Equivoquei-me, não é certo? Não é verdade que não a tivesse ferido nem ofendido? Que o tivesse aceito, celebrado? Não é certo que tivesse sido outra maneira de lhe demonstrar quanto a amo, Estela?

Sua mulher seguia observando-o, não zangada, já não surpreendida a não ser com esse aprazível olhar que era o seu fazia uns meses. E viu que, logo depois de um momento, voltava-se a olhar a Sebastiana, que seguia soluçando, feito uma planta, e compreendeu que aquele olhar, até então neutro, interessava-se e adoçava. Acatando a indicação que recebeu dela, soltou a mão da Baronesa. Viu Estela dar dois passos para a cabeceira, sentar-se a borda, e alargar os braços com essa graça inimitável que ele admirava em todos os seus movimentos para agarrar a Sebastiana das bochechas, com grande cuidado e precaução, como se temesse trizar-la. Não quis continuar vendo mais. O desejo voltou com uma espécie de fúria e o Barão voltou a inclinar-se, a abrir passagem para o sexo da empregada, lhe separando as pernas, obrigando-a a estirar-se, a fim de poder de novo beijá-lo, respirá-lo, sorvê-lo. Esteve muito tempo ali, com os olhos fechados, ébrio, gozando, e quando sentiu que já não podia conter a excitação se endireitou e engatinhando se encarapitou sobre a Sebastiana. Separando-lhe as pernas com as suas, ajudando-se com uma mão atordoada, procurou seu sexo e conseguiu penetrá-la em um movimento que acrescentou dor e traço de prazer. Sentiu-a gemer e alcançou a ver, no tumultuoso instante no que a vida pareceu estalar entre suas pernas, que a Baronesa tinha sempre as duas mãos na cara da Sebastiana, a que olhava com ternura e piedade, enquanto lhe soprava devagarzinho na frente para lhe separar uns cabelos da pele.

Horas depois, quando tudo aquilo passou, o Barão abriu os olhos como se algo ou alguém o tivesse despertado. A luz do amanhecer entrava no aposento, e se ouviam cantos de pássaros e o rumor murmurante do mar. Incorporou-se da cama de Sebastiana, onde tinha dormido sozinho; ficou de pé, cobrindo-se com o lençol que recolheu do chão e deu uns passos por volta do quarto da Baronesa. Ela e Sebastiana dormiam, sem tocar-se, no amplo leito, e o Barão esteve um momento as observando com um sentimento indefinível através da gaze transparente do mosquito. Sentia ternura, melancolia, agradecimento e uma vaga inquietação. Avançava para a porta do corredor, onde a véspera se despojou de suas roupas, quando ao passar junto ao balcão o deteve a baía acesa pelo nascente sol. Era algo que havia visto inumeráveis vezes e que nunca o cansava: Salvador à hora em que o sol aparecia ou morria. Apareceu e esteve contemplando, do balcão, o majestoso espetáculo: o ávido

verdor da ilha de Itaparica, a brancura e a graça dos veleiros que zarpavam, o azul claro do céu e o cinza verde da água e, mais perto, a seus pés, o horizonte quebradiço, vermelho, dos telhados das casas nas que podia pressentir o despertar da gente, o começo da diária rotina. Com agridoce nostalgia se entreteve tratando de reconhecer, pelos telhados dos bairros do Desterro e de Nazareth, revesti-los dos que tinham sido seus companheiros políticos, esses amigos que não via mais: o do Barão de Cotagipe, o do Barão de Macaúbar, o do Visconde de São Lorenzo, o do Barão de São Francisco, o do Marquês de Barbacena, o do Barão do Maragogipe, o do Conde do Sergimiruin, o do Visconde de Oliveira. Sua vista correu uma e outra vez por distintos pontos da cidade, pelos tetos do Seminário, e as Ladeiras cheias de verdura, o antigo colégio dos Jesuítas, o Elevador hidráulico, a Alfândega, e esteve um momento apreciando a reverberação do sol nessas pedras douradas da Igreja de Nossa Senhora da Conceção da Praia que haviam trazido atalhos e lavradores de Portugal dois náufragos agradecidos à Virgem, e, embora não alcançava a vê-lo, adivinhou o formigueiro multicolorido que seria já a esta hora o Mercado de pescados da praia. Mas, de repente, algo atraiu sua atenção e esteve olhando muito sério, esforçando os olhos, adiantando a cabeça por sobre o meio-fio. Logo depois de um momento, foi depressa até a cômoda onde sabia que Estela guardava os pequenos prismáticos de tartaruga marinha, que usava no teatro.

Voltou para balcão e olhou, com um sentimento crescente de perplexidade e de desconforto. Sim, as barcos estavam ali, equidistantes da ilha de Itaparica e do redondo forte de São Marcelo, e, em efeito, as pessoas dos barcos não estavam pescando a não ser jogando flores ao mar, derramando pétalas, corolas, ramos sobre a água, e fazendo o sinal da cruz, e, embora não podia ouvi-lo—o peito lhe golpeava com força—esteve seguro que essas pessoas estavam também rezando e acaso cantando.

O Leão da Natuba ouve dizer que é o primeiro dia de outubro, aniversário do Beato, que os soldados atacam Canudos por três lados

tratando de franquear as barreiras da Madre Igreja, a de São Pedro e a do Templo do Bom Jesus, mas é outra coisa que ouve a que fica ressonando em sua cabeça descabelada: que a cabeça do Pajeú, sem olhos, nem língua, nem orelhas, balança-se há umas horas em uma estaca plantada nas trincheiras dos cães, pela Fazenda Velha. Mataram-no ao Pajeú. Também terão matado a todos os que se meteram com ele ao acampamento dos ateus para ajudar a sair de Canudos aos Vilanova e aos forasteiros, e também terão torturado e decapitado a estes últimos. Quanto falta para que ocorra o mesmo a ele, à Mãe dos Homens e a todas as devotas que se ajoelharam a rezar pelo martírio do Pajeú?

A gritaria e a fuzilaria ensurdecem ao Leão da Natuba ao abrir a portinha do Santuário empurrada pelo João Abade:

—Saíam! Saíam! Vão-se daqui!—ruge o Comandante da Rua, urgindo-os com as duas mãos a dar-se pressa— Ao Templo do Bom Jesus! Corram!

Dá meia volta e desaparece na poeirada que entrou com ele ao Santuário. O Leão da Natuba não tem tempo de assustar-se, de pensar, de imaginar. As palavras do João Abade levantam em peso às devotas e, algumas chiando, outras fazendo o sinal da cruz-se, precipitam-se à saída, empurrando-o, apartando-o, abandonando-o contra a parede. Onde estão suas luvas-sandálias, essas palmilhas de couro cru sem as quais não pode avançar muito, pois, as palmas lhe ulceram? Aplauda a um lado e a outro na atmosfera enegrecida da habitação, sem as encontrar, e, consciente de que todas se foram, de que inclusive a Mãe Maria Quadrado se foi, trota apressadamente para a porta. Toda sua energia, sua viva inteligência estão concentradas na decisão de chegar ao Templo do Bom Jesus, como ordenou João Abade, e, enquanto avança golpeando-se, arranhando-se, pelo veriguetto de defesas que rodeiam o Santuário, nota que já não estão ali os homens da Guarda Católica, não os vivos em todo caso, porque aqui e lá atirou sobre, entre, sob os costas e gavetas de areia seres humanos com cujas pernas, braços, cabeças chocam suas mãos e pés. Quando emerge do labirinto de barreiras à esplanada e vai cruzar a, esse instinto de defesa que tem mais desenvolvido que qualquer, que desde menino lhe ensinou a detectar o perigo antes que ninguém, melhor que ninguém, e, também, instantaneamente, escolher entre vários perigos, faz-o conter-se, esconder-se entre uma

pilha de barris com buracos pelos quais chove areia. Não chegaria nunca ao Templo em construção: seria enrolado, pisoteado, triturado pela multidão que corre para ali, desbocada, frenética, e—os olhos grandes, vivos, penetrantes, do escriba sabem à primeira olhada — mesmo se chegasse até essa porta jamais conseguiria abrir passagem nesse enxame de corpos que ricocheteiam, esmagam-se e se escorrem no pescoço de garrafa que é a entrada do único refúgio sólido, de paredes de pedra, que fica em Belo Monte. Melhor permanecer aqui, esperar a morte aqui, em vez de ir procurar nesse apachurramento para o que seu esqueleto precário não está preparado, esse apachurramento que é o que mais temeu desde que está misturado à vida gregária, coletiva, processional, cerimoniosa de Canudos. Está pensando: “Não lhe culpo por me haver abandonado, Mãe dos Homens. Tem direito a lutar por sua vida, a tratar de durar um dia mais, uma hora mais”. Mas há uma grande dor em seu coração: este instante não seria tão duro e amargo se ela, ou qualquer das devotas, estivesse aqui.

Encolhido entre barris e costas, espiando a um lado e a outro, vai fazendo uma idéia do que ocorre no quadrilátero das igrejas e o Santuário. A barreira que levantaram faz apenas dois dias atrás do cemitério, a que protegia à Igreja do Santo Antonio, cedeu e os cães entraram, estão entrando nas moradias da Santa Inês, que limita com a Igreja. É da Santa Inês de onde vem a gente que trata de refugiar-se no Templo, velhos, velhas, mulheres com meninos de teta nos braços, nos ombros, apertados contra o peito. Mas na cidade há muita gente que ainda resiste. Frente a ele, desde as torres e andaimes do Templo do Bom Jesus saem contínuas rajadas e o Leão da Natuba alcança a ver as faíscas com que os jagonços acendem a pólvora dos mosquetões, os impactos que lascam pedras, telhas, madeiras, de tudo o que o rodeia. João Abade, uma vez que a lhes advertir que escapassem, veio sem dúvida a levar-se aos homens da Guarda Católica do Santuário e agora todos eles estarão brigando em Santa Inês, ou levantando outra barreira, fechando um pouco mais esse círculo de que falava—“e com tanta razão”—o Conselheiro. Onde estão os soldados, por onde vai ver chegar aos soldados? Que hora do dia ou da tarde é? A terra e a fumaça, cada vez mais espessos, irritam-lhe a garganta e os olhos e respira com dificuldade, tossindo.

—E o Conselheiro, e o Conselheiro?—ouve dizer, quase em seu ouvido— Certo que subiu ao céu, que o levaram os anjos?

A cara cheia de rugas da velhinha tombada no costumeiro, tem um só dente e as lãs lhe tampam os olhos. Não parece ferida a não ser extenuada.

—Subiu—assente o Leão da Natuba, com uma clara percepção de que isso é o melhor que pode fazer por ela nesse instante— Levaram-na os anjos.

—Também virão a levar minha alma, Leão?—sussurra a anciã.

O Leão volta a assentir, várias vezes. A velhinha lhe sorri antes de ficar quieta e boquiaberta. A fuzilaria e o estrondo do lado da queda Igreja do Santo Antonio aumentam bruscamente e o Leão da Natuba tem a sensação de que uma chuva de granizo de tiros lhe roça a cabeça e que muitas balas se incrustam nas costas e barris do parapeito depois do que se defende. Permanece esmagado contra a terra, os olhos fechados, esperando.

Quando mingua o ruído, levanta a cabeça e espia o amontoamento de escombros provocado faz duas noites pelo desmoronamento do campanário do Santo Antonio. Aí estão os soldados. Queima-lhe o peito: aí estão, aí estão, movendo-se entre as pedras, disparando ao Templo do Bom Jesus, agachando à multidão que luta na porta, e que, neste momento, logo depois de uns segundos de indecisão, ao vê-los aparecer e sentir-se tiroteada, sai correndo, em carreira, a lhes dar o encontro, as mãos alargadas, as caras congestionadas de ira, indignação, desejo de vingança. Em segundos, a esplanada se converte em um campo de batalha corpo a corpo, e no terral que turva todo o Leão da Natuba vê casais e grupos lutando, rodando, vê sabres, baionetas, facas, facões, ouve rugidos, insultos, Viva à República, Morra à República, Viva ao Conselheiro, ao Bom Jesus e ao Marechal Floriano. Na multidão, além dos velhos e das mulheres, há agora jagunços, gente da Guarda Católica que continuam chegando por um flanco da esplanada. Parece-lhe reconhecer ao João Abade e, mais à frente, em uma figura brunida que avança com um pistolão em uma mão e um facão na outra, ao João Grande ou, talvez, ao Pedrão. Os soldados estão também no teto da afundada Santo Antonio. Aí estão, onde estavam os jagunços, tiroteando a esplanada das paredes mochas, aí estão seus quepis,

uniformizes, correajes. E ao fim compreende o que é o que faz um deles, suspenso quase no vazio, sobre o telhado trunco da fachada. Coloca uma bandeira. Içaram uma bandeira da República sobre Belo Monte.

Está imaginando o que sentiria, diria, o Conselheiro se tivesse visto ondular essa bandeira, agora já cheia de buracos pelas salvas de disparos que imediatamente lançam contra ela os jagonços dos tetos, torres e andaimes do Templo do Bom Jesus, quando vê o soldado que o está apontando, que lhe está disparando.

Não se esconde, não foge, não se move e lhe ocorre pensar que é um desses passarinhos que a cobra hipnotiza na árvore antes de tragar-lhe. O soldado está lhe apontando e o Leão da Natuba sabe que disparou pela contração de seu ombro quando ricocheteia a culatra. Pese ao terral, à fumaça, vê os olhinhos do homem que lhe aponta de novo, esse brilho que provoca neles o ter a sua mercê, a alegria selvagem de saber que desta vez lhe acertará. Mas alguém o arranca de uma baliza de onde se acha e o obriga a saltar, a correr, meio desconjuntado pela mão de ferro que lhe aperta o braço. É João Grande, seminu, que lhe grita, lhe assinalando Campo Grande:

—Por lá, por lá, a Menino Jesus, a São Eloy, a São Pedro. Essas barreiras agüentam. Escapa, anda lá.

Solta-o e se perde no entrever das igrejas e o Santuário. O Leão da Natuba, sem a mão que o tinha suspenso, desbarata-se pelo chão. Mas permanece ali só um instante, enquanto recompõe esses ossos que parecem deslocados na carreira. É como se o empurrão que lhe deu o chefe da Guarda Católica tivesse ativado um motor, pois o Leão da Natuba joga de novo a trotar, por entre os escombros e os lixos do que foi Campo Grande, quão única por sua largura e alinhamento merecia o nome de rua e que é agora, como as outras, um campo erupcionado de ocos, derrube e cadáveres. Não vê nada disso que deixa atrás, que vai sorteando, pego ao chão, não sente as raspaduras, golpes, agulhões dos pedras brutas e vidros, pois tudo nele está absorvido no empenho de chegar aonde lhe disseram, o beco do Menino Jesus, o de São Eloy e São Pedro Mártir, essa víbora que zigzagueia até a Madre Igreja. Lá estará a salvo, lá, durará, durará. Mas ao dobrar na terceira esquina de Campo Grande, era isso o Menino Jesus e é agora um túnel lotado, ouve rajadas de fuzilaria e vê labaredas avermelhadas, amareladas, espirais cinzentas

elevando-se para o céu. Fica agachado contra um carrinho de mão derrubado e uma cerca de estacas que é tudo o que sobrevive dessa moradia, duvidando. Tem sentido ir ao encontro dessas chamas, dessas balas? Não é preferível retornar? Rua acima, onde se cruzam Menino Jesus e a Madre Igreja, divisa silhuetas, grupos, em um ir e vir sem pressa, parcimonioso. Aí está, pois, a barreira. Melhor chegar lá, melhor morrer onde haja outras pessoas.

Mas não está tão só como acreditava, pois, à medida que sobe a costa do Menino Jesus, a saltos, seu nome sai da terra, vozeado, gritando, a direita e a esquerda: “Leão! Leão! Vêm aqui! Cubra-se, Leão! Esconda-se, Leão!”. Onde, onde? Não vê ninguém e segue avançando sobre montões de terra, ruínas, refugos e cadáveres, alguns desventrados, com as vísceras pulverizadas e pedaços de carne arrancados pela metralha faz já muitas horas, talvez dias, a julgar por essa pestilência que o rodeia e que, junto com a fumaça que lhe sai ao encontro, faz-o lacrimejar e o sufoca. E, de repente, aí estão os soldados. Seis, três deles com tochas que vão molhando em uma lata que leva outro e que deve conter querosene, pois logo depois de molhar as acendem e as ventilam às moradias, ao mesmo tempo que outros disparam a queima-roupa seus fuzis contra essas mesmas casas. Está a menos de dez passos deles, no lugar onde ficou paralisado ao vê-los, e os olha aturdido, meio cego, quando estala o tiroteio ao seu redor. Esmaga-se contra o chão, mas sem fechar esses olhos que, fascinados, vêm desmoronar-se, torcer-se, rugir, soltar os fuzis, aos soldados alcançados pelo tiroteio. De onde, de onde? Um dos ateus roda agarrando a cara até ele. Vê-o ficar quieto com a língua fora da boca.

De onde os atiraram, onde estão os jagunços? Permanece à espreita, atento aos caídos, seus olhos saltando de um a outro, esperando que um dos cadáveres se incorpore e venha a rematá-lo.

Mas o que vê é um pouco pego a terra, rampante, rápido, saído como uma lombriga de uma moradia e quando pensa “uma criança!” já o menino não é um a não ser três, os outros chegados também reptando. Os três escavam e tiroteiam aos mortos. Não os estão despindo, como o Leão da Natuba crê ao princípio: arrebatavam-lhes as bolas de projéteis e os cantis. E uma das “crianças” se atrasa ainda em cravar ao soldado mais próximo—que ele acreditava cadáver e

pelo visto é moribundo — uma faca grande como um braço, com a que o vê içar-se fazendo força.

“Leão, Leão”. É outra “criança”, lhe fazendo gestos de que o siga. O Leão da Natuba o vê perder-se pela porta semiaberta de uma das moradias, tanto que os outros se afastam em direções contrárias, devorando seu saque, e só então lhe obedece seu corpinho petrificado pelo pânico e pode arrastar-se até ali. Umas mãos enérgicas o recebem na soleira. Sente-se elevado, passado a outras mãos, baixado, e ouve uma mulher: “Passem-lhe o cantil”. Põem nas mãos sangrantes, e a leva a boca. Bebe um longo trago, fechando os olhos, agradecido, comovido por essa sensação de milagre que é o líquido umedecendo essas vísceras que parecem brasas.

Enquanto responde às seis ou sete pessoas armadas que estão no poço aberto no interior da moradia—caras sujas, suarentas, algumas enfaixadas, irreconhecíveis—e os conta, ofegando, o que pôde ver na esplanada das igrejas e enquanto vinha para aqui, dá-se conta que o poço é um túnel. Entre suas pernas se materializa uma “criança”, dizendo: “Mais cães com fogo, Salustiano”. Quem o estava escutando se agitam, fazem-no a um lado, e nesse momento se dá conta que dois deles são mulheres. Também têm fuzis, também apontam com um olho fechado para a rua. Através das estacas, como uma imagem recorrente, o Leão da Natuba vê perfilar-se outra vez silhuetas de soldados com tochas acesas que jogam nas casas. “Fogo!”, grita um jagunço e a habitação se enche de fumaça. O Leão ouve a explosão, ouve outras explosões próximas. Quando se limpa um pouco de fumaça, duas “crianças” saltam do poço e rastejam pela rua em busca das munições e cantis.

—Deixamo-los aproximar-se e os fuzilamos, assim não escapam— diz um dos jagunços, enquanto limpa seu fuzil.

—Prenderam sua casa, Salustiano—diz uma mulher.

—E a do João Abade —acrescenta este.

São os da frente; inflamaram-se juntas e, sob o rangido das chamas, percebe-se agitação, vozes, gritos que chegam até eles com grossas baforadas de fumaça que logo deixam respirar.

—Querem nos torrar, Leão—diz tranqüilamente outro dos jagunços do poço— Todos os maçons entram com tochas.

A fumaça é tão densa que o Leão da Natuba começa a tossir, de uma vez que essa mente ativa, criativa, lhe funcione, recorda algo que o Conselheiro disse alguma vez, que ele escreveu e que deve estar também carbonizando-se nos cadernos do Santuário: “Haverá três fogos. Os três primeiros os apagarei e o quarto o oferecerei ao Bom Jesus”. Diz forte, afogando-se: “É este o quarto fogo, é este o último fogo?”. Alguém pergunta, com acanhamento: “E o Conselheiro, Leão?”. Está-o esperando, desde que entrou na moradia sabia que algum se atreveria a perguntar-lhe. Vê, entre as línguas humosas, sete, oito caras graves e esperançadas.

—Subiu—tosse o Leão da Natuba— Levaram-no os anjos.

Outro acesso lhe fecha os olhos e o dobra em dois. No desespero que é a falta de ar, sentir que os pulmões se incham, sofrem, sem receber o que anseiam; pensa que agora sim é o final; que sem dúvida não subirá ao céu, pois, nem sequer, neste instante, consegue acreditar no céu; e ouve entre sonhos que os jagunços tossem; discutem e ao final, decidem que não podem seguir aqui, pois, o fogo vai estender-se até esta casa. “Leão, vamos”, ouve, “Agache-se, Leão”, e ele, que não pode abrir os olhos, estira as mãos e sente que o agarram, tiram dele e o arrastam. Quanto dura esse deslocamento às cegas, afogando-se, golpeando-se contra paredes, paus, gente que lhe obstruem o passo e o têm ricocheteando, a um lado, a outro lado, para frente, pelo estreito, curvo passadiço de terra no que, de tanto em tanto, ajudam-no a encarapitar-se por um poço escavado no interior de uma moradia para logo voltar a sepultá-lo na terra e a arrastá-lo? Possivelmente minutos, possivelmente horas, mas ao longo de todo o trajeto sua inteligência não deixa um segundo de passar revista a mil coisas, de ressuscitar mil imagens, concentrada em si mesmo, ordenando a seu corpinho que resista, que dure pelo menos até a saída do túnel e assombrando-se de que seu corpo lhe obedeça e não se desfaça em pedaços como lhe parece que vai ocorrer a cada instante.

De repente, a mão que o levava o solta e ele se desaba, meigamente. Sua cabeça vai estalar, seu coração vai estalar, o sangue de suas veias vai estalar e a disseminar pelos ares sua figurinha machucada. Mas nada disso ocorre e pouco a pouco se vai acalmando, serenando, sentindo que um ar menos viciado lhe devolve gradualmente a vida. Ouve vozes, tiros, um intenso trajim.

Esfrega-se os olhos, limpa-se as fuligens das pálpebras, e adverte que está em uma moradia, não no poço a não ser na superfície, rodeado de jagunços, de mulheres com criaturas nas saias, sentadas no chão, e reconhece ao que prepara os castelos e foguetes: Antonio, o Fogueteiro.

—Antonio, Antonio, o que acontece em Canudos?—diz o Leão da Natuba. Mas não sai ruído de sua boca. Aqui não há chamas, só uma poeirada que iguala tudo. Os jagunços não se falam entre eles, baqueteiam seus fuzis, carregam suas escopetas, e se alternam para espiar fora. Por que não pode falar, por que não lhe sai a voz? Sobre os cotovelos e os joelhos vai até o Fogueteiro e se prende em suas pernas. Este se agacha a seu lado enquanto ceva sua arma.

—Aqui os paramos—explica-lhe, com voz pastosa, não alterada absolutamente— Mas se colocaram pela Madre Igreja, pelo cemitério e Santa Inês. Estão por toda parte. João Abade quer levantar uma barreira em Menino Jesus e outra em São Eloy, para que não nos caiam pelas costas.

O Leão da Natuba imagina sem dificuldade este último círculo em que ficou convertido Belo Monte, entre as cabeças quebradas de São Pedro Mártir, de São Eloy e do Menino Jesus; nem a décima parte do que era.

—Quer dizer que tomaram já o Templo do Bom Jesus?—diz e desta vez lhe sai a voz.

—Tomaram-no enquanto dormia—responde o Fogueteiro, com a mesma calma, como se falasse do tempo— Caiu a torre e baixou o teto. O ruído ouviu-se em Trabubú, em Bendengó. Mas a si nem despertou, Leão.

—É verdade que o Conselheiro subiu ao céu?—interrompe-o uma mulher, que fala sem mover a boca nem os olhos.

O Leão da Natuba não lhe responde: está ouvindo, vendo desabar a montanha de pedras, os homens com braceletes e trapos azuis caindo como uma chuva sólida sobre o enxame de feridos, doentes, velhos, parturientes, recém-nascidos, está vendo as devotas do Coro Sagrado trituradas, a Maria Quadrado convertida em um montão de carne e ossos desfeitos.

—A Mãe dos Homens lhe busca por toda parte, Leão—diz alguém, como respondendo a seu pensamento.

É uma “criança” esquelética, uma réstia de ossos e uma pele estirada, que veste um calção em fiapos e está entrando. Os jagunços o descarregam dos cantis e bolsas de munições que traz nas costas. O Leão da Natuba o agarra de um braço:

—Maria Quadrado? Você a viu?

—Está em São Eloy, na barreira—afirma a “criança”— Pergunta a todos por si.

—Leve-me onde ela está—diz o Leão da Natuba e há angústia e súplica em sua voz.

—O Beato se foi onde estão os cães com uma bandeira—diz a “criança” ao Fogueteiro, lembrando-se.

—Leve-me onde está Maria Quadrado, rogo-lhe—reto o Leão da Natuba, saltando. O menino olha ao Fogueteiro, indeciso.

—Leva-o—diz este— Diga ao João Abade que aqui está tranqüilo agora. E volta rápido, que o necessito.—Foi repartindo cantis às pessoas e lhe alcança ao Leão a que guarda para ele — Toma um gole antes de ir.

O Leão da Natuba bebe e murmura: “Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro”. Sai da cabana atrás do menino. No exterior, percebe incêndios em qualquer parte e homens e mulheres que tratam de apagá-los com baldaços de terra. São Pedro Mártir tem menos escombros e nas casas há cachos de gente. Algumas o chamam e lhe fazem gestos e várias vezes lhe perguntam se viu os anjos, se estava ali quando o Conselheiro subiu. Não lhes responde, não se detém. Custa-lhe grande trabalho avançar, todo o corpo lhe dói, logo que pode apoiar as mãos no chão. Grita à “criança” que não vá tão depressa, que não pode segui-lo, e em uma dessas o menino—sem dar um grito, sem dizer uma palavra—cai por terra. O Leão da Natuba se arrasta para ele, mas não chega a tocá-lo pois onde estavam seus olhos há agora sangue e aparece por ali algo branco, talvez um osso, talvez uma substância. Sem averiguar de onde veio o disparo, põe-se a trotar com novos brios, pensando “Mãe Maria Quadrado, quero vê-la, quero morrer consigo”. À medida que balança, mais fumaça e chamas lhe saem ao encontro e de repente sabe que não poderá passar: São Pedro Mártir se interrompe em uma parede crepitante de chamas que fecha a rua. Detém-se acessando, sentindo o calor do incêndio na cara.

“Leão, Leão.”

Volta-se. Vê a sombra de uma mulher, um fantasma de ossos saídos, pele enrugada, cujo olhar é tão triste como sua voz. “Joga-se você ao fogo, Leão”, pede-lhe. “Eu não posso, mas você sim. Que não o comam, como vão comer para mim.” O Leão da Natuba segue o olhar da agonizante e, quase a seu lado, sobre um cadáver avermelhado pelo resplendor, vê o festim: são muitos ratos, talvez dezenas, passam pela cara e o ventre do que já não é possível saber se foi homem ou mulher, jovem ou velho. “Saem de todas partes pelos incêndios, ou porque o Diabo já ganhou a guerra”, diz a mulher, contando as letras de suas palavras. “Que não o comam, a ele que ainda é anjo. Joga-o ao fogo, Leãozinho. Pelo Bom Jesus.” O Leão da Natuba observa o festim: comeram a cara, trabalham em excesso no ventre, nas coxas.

—Sim, Mãe—diz, aproximando-se em suas quatro patas. Levantando-se nas extremidades traseiras, agarra ao pequeno vulto envolto que tem a mulher sobre as saias e o aperta contra seu peito. E elevado sobre as patas de atrás, curvo, ansioso, ofega— Eu o levo, eu o acompanho. Esse fogo me espera faz vinte anos, Mãe.

A mulher ouve-o, enquanto vai para as chamas, salmodiar com as forças que rezam uma oração que nunca ouviu, em que se repete várias vezes o nome de uma Santa que tampouco conhece: Almudia.

—Uma trégua? —disse Antonio Vilanova.

—É o que quer dizer —repôs o Fogueteiro— Um trapo branco em um pau quer dizer isso. Não o vi quando partiu, mas muitos o viram. Vi-o quando retornou. Ainda levava o trapo branco.

—E por que fez isso o Beato?—perguntou Honório Vilanova.

—Compadeceu-se dos inocentes ao vê-los morrer queimados— respondeu o Fogueteiro— Os meninos, os velhos, as grávidas. Foi dizer aos ateus que os deixassem ir-se de Belo Monte. Não consultou ao João Abade, nem ao Pedrão nem ao João Grande, que estava em São Eloy e em São Pedro Mártir. Fez sua bandeira e foi caminhando pela Madre Igreja. Os ateus o deixaram passar. Acreditávamos que o

tinham matado e que o foram devolver como ao Pajeú: sem olhos, língua nem orelhas. Mas voltou, com seu trapo branco. Já tínhamos fechado São Eloy e Menino Jesus e a Madre Igreja. E apagado muitos incêndios. Voltou duas ou três horas e nessas horas os ateus não atacaram. Isso é uma trégua. Explicou o Padre Joaquim.

O Miúdo se agachou contra Jurema. Tremia de frio. Estavam em uma cova, onde antigamente pernoitavam os pastores de cabritos, não longe do que, antes que a devorassem as chamas, tinha sido a diminuta alqueria de Cacabú, em um desvio do atalho entre Mirandela e Quijingue. Levavam ali escondidos doze dias. Faziam rápidas excursões ao exterior para trazer ervas, raízes, algo que mastigar e água de uma aguada próxima. Como toda a região estava infestada de tropas que, em seções pequenas ou em grandes batalhões, retornavam para Queimadas, tinham decidido permanecer ali escondidos um tempo. Nas noites baixava muito a temperatura, e como os Vilanova não permitiam que se acendesse uma fogueira por temor a que a luz atraísse alguma patrulha, o Miúdo morria de frio. Dos três, era o mais friorento, porque era o menor e o que tinha enfraquecido mais. O míope e Jurema o faziam dormir entre eles, abrigando-o com seus corpos. Mas mesmo assim, o Miúdo via com temor a chegada da noite pois, apesar do calor de seus amigos, lhe tremiam os dentes e sentia os ossos gelados. Estava sentado entre eles, escutando ao Fogueteiro, e, a cada momento, seus mãos gordinhas indicavam a Jurema e ao míope que se apertassem contra ele.

—O que aconteceu ao Padre Joaquim?—ouviu perguntar ao míope
— A ele também...?

—Não o queimaram nem o degolaram—repôs no ato, com sotaque tranquilizador, como feliz de poder dar ao fim uma boa notícia, Antonio o Fogueteiro—Morreu de bala, na barreira de São Eloy. Estava perto de mim. Também ajudou a dar mortes piedosas. Serafino, o carpinteiro, comentou que ao melhor o Padre não via com bons olhos essa morte. Não era um jagunço a não ser um sacerdote não é verdade? Talvez o Padre não veria bem que um homem de batina morrera com um fuzil na mão.

—O Conselheiro lhe terá explicado por que tinha um fuzil na mão
—disse uma das Sardelinas— E o Padre o terá perdoado.

—Certamente—disse Antonio, o Fogueteiro— Sabe o que faz.

Em que pese a que não havia uma fogueira e a que a boca da cova a tinham dissimulado com matagais e cactos inteiros arrancados das cercanias, a claridade da noite —o Miúdo imaginava a lua amarela e miríades de estrelas reluzentes observando com assombro o sertão — se filtrava até onde estavam e podia ver o perfil do Antonio o Fogueteiro, seu nariz chato, sua frente e queixo cortados a faca. Era um jagunço que o Miúdo recordava muito bem, porque o tinha visto, lá em Canudos, preparar esses foguetes que as noites de procissão acendiam o céu de rutilantes arabescos. Recordava suas mãos queimadas pela pólvora, as cicatrizes de seus braços e como, ao começo da guerra, dedicou-se a preparar esses cartuchos de dinamite que os jagunços jogavam nos soldados por sobre as barreiras. O Miúdo tinha sido o primeiro em vê-lo aparecer na cova essa tarde, tinha gritado que era o Fogueteiro, para que os Vilanova, que tinham as pistolas prontas, não disparassem.

—E para que voltou o Beato?—perguntou Antonio Vilanova, depois de um momento. Era ele quem quase exclusivamente fazia as perguntas, ele quem tinha estado interrogando ao Antonio, o Fogueteiro, toda a tarde e a noite, depois que o reconheceram e o abraçaram— Iluminou-se?

—Certamente—disse Antonio, o Fogueteiro.

O Miúdo tratou de imaginar a cena, a figurinha miúda, pálida, os olhos ardentes do Beato, retornando ao pequeno reduto, com sua bandeira branca, entre os mortos, os escombros, os feridos, os combatentes, entre as casas queimadas e os ratos que, segundo o Fogueteiro, tinham aparecido de repente por toda parte, para precipitar-se vorazmente sobre os cadáveres.

—Aceitaram—disse o Beato— Podem render-se.

—Que saíssemos em fila única, sem nenhuma arma, com as mãos na cabeça—explicou o Fogueteiro, com o tom que se emprega para contar a mais descabelada fantasia ou o desatino de um bêbado— Que nos considerariam prisioneiros e que não nos matariam.

O Miúdo o ouviu suspirar. Ouviu suspirar a um dos Vilanova e lhe pareceu que uma das Sardelinhas chorava. Era curioso, as mulheres dos Vilanova, a quem o Miúdo confundia com tanta facilidade, nunca choravam ao mesmo tempo: faziam-no uma antes, outra depois. Mas

só o tinham feito desde que Antonio, o Fogueteiro, começou esta tarde a responder às perguntas do Antonio Vilanova; durante a fuga de Belo Monte e todo o tempo que tinham escondidos ali, não as tinha visto chorar. Tremia de tal modo que Jurema lhe passou o braço pelos ombros e lhe sovou o corpo com força. Tremia pelo frio de Cacabú, porque a fome o tinha adoecido, ou era o que contava o Fogueteiro o que lhe causava este tremor?

—Beato, Beato, dá-se conta o que diz?—gemeu João Grande— Dá-se conta o que pede? Quer seriamente que expulsemos as armas, que vamos com as mãos na cabeça a nos render aos maçons? É isso que quer, Beato?

—Você não—disse a voz que parecia sempre rezando— Os inocentes. As crianças, as que vão parir, os anciões. Que tenham a vida salva, não pode decidir por eles. Se não os deixa salvar-se, é como se os matasse. Vai carregar essa culpa, vai jogar sangue inocente sobre sua cabeça, João Grande. É um crime contra o céu permitir que os inocentes morram. Eles não podem defender-se, João Grande.

—Disse que o Conselheiro falava por sua boca—acrescentou Antonio, o Fogueteiro— Que o tinha inspirado, que lhe mandou salvá-los.

—E João Abade?—perguntou Antonio Vilanova.

—Não estava ali—explicou o Fogueteiro— O Beato voltou para Belo Monte pela barreira da Madre Igreja. Ele estava em São Eloy. Avisaram-lhe, mas se atrasou em vir. Estava reforçando essa barreira, que era a mais débil. Quando veio, tinham começado a ir-se atrás do Beato. Mulheres, meninos, velhos, doentes arrastando-se.

—E ninguém os conteve? —perguntou Antonio Vilanova.

—Ninguém se atreveu—disse o Fogueteiro— Era o Beato, era o Beato. Não alguém como você ou como eu, a não ser alguém que tinha acompanhado ao Conselheiro desde o começo. Era o Beato. Você disse que se iluminou, que não sabia o que fazia? Nem João Grande se atreveu, nem eu, nem ninguém.

—Mas João Abade sim se atreveu—murmurou Antonio Vilanova.

—Certamente—disse Antonio, o Fogueteiro— João Abade sim se atreveu.

O Miúdo sentia os ossos gelados e sua frente ardendo. Reproduziu a cena com facilidade: a figura elevada, flexível, firme, o ex-cangaceiro aparecendo ali, a faca e o facão à cintura, o fuzil no ombro, as fileiras de balas no peito, não caído, a não ser, mais à frente do cansaço. Aí estava, vendo a incompreensível fila de grávidas, meninos, velhos, inválidos, esses ressuscitados que foram com as mãos na cabeça para os soldados. Não imaginava: via-o, com a nitidez e a cor de um dos espetáculos do Circo do Cigano, os da boa época, quando era um circo numeroso e próspero. Estava vendo o João Abade: sua estupefação, sua confusão, sua cólera.

—Alto! Alto!—gritou, exagerado, olhando a direita e a esquerda, fazendo gestos aos que se rendiam, tratando de atalhá-los tornaram-se loucos? Alto! Alto!

—Explicamos-lhe—disse o Fogueteiro— Explicou-o João Grande, que estava chorando e se sentia responsável. Chegaram também Pedrão, o Padre Joaquim, outros. Bastaram duas palavras para que se desse conta de tudo.

—Não é que os vão matar—disse João Abade, elevando a voz, carregando seu fuzil, tratando de apontar aos que já tinham cruzado e se afastavam— A todos vão matar. Vão humilhá-los, vão ofendê-los como ao Pajeú. Não se pode permitir, precisamente porque são inocentes. Não se pode permitir que lhes cortem os cangotes! Não se pode permitir que os desonrem!

—Já estava disparando—disse Antonio, o Fogueteiro— Já estávamos disparando todos. Pedrão, João Grande, o Padre Joaquim, eu.—O Miúdo notou que sua voz, até então firme, duvidava— Fizemos mal? Fiz mal, Antonio Vilanova? Fez mal João Abade em nos fazer disparar?

—Fez bem—disse no ato Antonio Vilanova— Eram mortes piedosas. Tivessem-nos matado a faca, feito o que ao Pajeú. Eu dispararia, também.

—Não sei—disse o Fogueteiro— Atormenta-me. O Conselheiro passou? Vou viver me fazendo essa pergunta, tratando de saber se depois de ter acompanhado dez anos ao Conselheiro, condenar-me-ei por um equívoco de último momento. Às vezes...

Calou-se e o Miúdo se deu conta que, agora, as Sardelinhas choravam ao mesmo tempo; uma com soluços fortes e

desavergonhados, a outra de maneira apagada, soluçando.

—Às vezes...? —disse Antonio Vilanova.

—Às vezes penso que o Pai, o Bom Jesus ou a Senhora fizeram o milagre de me salvar dentre os mortos para que me redima desses tiros—disse Antonio o Fogueteiro— Não sei. Não sei nada, outra vez. Em Belo Monte tudo me parecia claro, o dia era dia e a noite, noite. Até esse momento, até que começamos a disparar contra os inocentes e o Beato. Tudo se voltou difícil, outra vez.

Suspirou e permaneceu calado, escutando, como o Miúdo e os outros, o pranto das Sardelinhas por esses inocentes aos que os jagunços tinham dado morte piedosa.

—Porque talvez, o Pai queria que subissem ao céu com martírio—acrescentou o Fogueteiro.

“Estou suando”, pensou o Miúdo. Ou estava sangrando? Pensou: “Estou morrendo”. Corriam gotas por sua fronte, deslizavam-se por suas sobrancelhas e pestanas, fechavam-lhe os olhos. Mas, embora suasse, o frio estava ali, lhe gelando as vísceras. Jurema, a momentos, limpava-lhe a cara.

—E o que passou então?—ouviu que dizia o jornalista míope— Depois de que João Abade, de que você e outros...

Calou-se e as Sardelinhas, que tinham suspenso o pranto, surpreendidas pela intromissão, reataram-no.

—Não houve depois—disse Antonio, o Fogueteiro— Os ateus acreditaram que estávamos atirando a eles. Rabiaram ao ver que lhes tirávamos essas presas que já acreditavam delas.—Calou-se e sua voz vibrou— “Traidores”, gritavam. Que tínhamos quebrado a trégua e que o pagaríamos. Jogaram-nos por todos lados. Milhares de ateus. Foi uma sorte.

—Uma sorte? —disse Antonio Vilanova.

O Miúdo tinha entendido. Uma sorte ter outra vez que disparar contra essa corrente de uniformizes que avançavam com fuzis e tochas, uma sorte não ter que seguir matando inocentes para salvá-los da desonra. Entendia-o, e, em meio da febre e o frio, via-o. Via como os jagunços exaustos, que deram mortes piedosas, esfregavam as mãos ampoladas e tostadas, ditosos de ter outra vez a frente a um inimigo claro, definido, flagrante, inconfundível. Podia ver essa fúria

que avançava matando o que não tinha sido ainda matado, queimando o que faltava por queimar.

—Mas estou segura que ele nem sequer nesse momento chorou— disse uma das Sardelinhas, e o Miúdo não soube se era a mulher do Honório ou do Antonio— Imagino ao João Grande, ao Padre Joaquim, chorando por ter que fazer isso com os inocentes. Mas ele? Acaso chorou?

—Certamente—sussurrou Antonio o Fogueteiro— Embora eu não o visse.

—Ninguém viu chorar nunca ao João Abade—disse a mesma Sardelinha.

—Nunca o quis—murmurou, com decepção, Antonio Vilanova e o Miúdo soube então qual das irmãs falava: Antonia.

—Nunca—admitiu esta, sem ocultar seu rancor— E menos depois de agora. Agora que sei que acabou, não como João Abade mas sim como João Satã. Que matava por matar, roubava por roubar e sentia prazer em fazer sofrer às pessoas.

Houve um silêncio espesso e o Miúdo sentiu que o míope se assustou. Esperou, tenso.

—Não quero ouvir dizer isso nunca mais—murmurou, devagar, Antonio Vilanova— É minha mulher há anos, sempre passamos todas as coisas juntos. Mas se lhe ouço repetir isso, tudo se acabaria. Você se acabaria também.

Tremendo, suando, contando os segundos, o Miúdo esperou.

—Juro pelo Bom Jesus que não o repetirei nunca mais—balbuciou Antonia Sardelinha.

—Eu vi chorar ao João Abade—disse então o Miúdo. Entrechocavam os dentes e as palavras saíam a espasmos, mastigadas. Falava com a cara esmagada contra o peito da Jurema— Não se lembram? Quando ouviu a Terrível e Exemplar História do Roberto o Diabo.

—Era filho de um Rei e ao nascer ele sua mãe já tinha os cabelos brancos—recordou João Abade— Nasceu por um milagre, se se chamarem também milagres os do Diabo. Ela tinha feito pacto para que Roberto pudesse nascer. Não é esse o começo?

—Não—disse o Miúdo, com uma segurança que provinha de toda uma vida contando essa história que já não se lembrava quando nem onde tinha aprendido e que ele tinha levado pelos povoados, referida centenas, milhares de vezes, alargando-a, cortando-a, embelezando-a, entristecendo-a, alegrando-a, dramatizando-a, de acordo ao estado de ânimo do cambiante auditório. Nem João Abade podia lhe ensinar o começo— Sua mãe era estéril e velha e teve que fazer pacto para que Roberto nascesse, sim. Mas não era filho de Rei ,mas sim de Duque.

—Do Duque da Normandia—admitiu João Abade— Conta-a de uma vez.

—Chorou?—ouviu, como vinda do outro mundo, a voz que tanto conhecia, essa voz sempre assustada, e ao mesmo tempo curiosa, fofoqueira, entremetida— Ouvindo a história do Roberto, o Diabo?

Sim, tinha chorado. Em algum momento, talvez quando as grandes matanças e iniquidades, quando, possuído , empurrado, dominado pelo espírito de destruição, força invisível que não podia resistir, Roberto afundava a faca nos ventres das mulheres grávidas ou degolava aos recém-nascidos (“O que quer dizer que era sulino, não nordestino”, precisava o Miúdo) e empalava aos camponeses e prendia fogo às cabanas onde dormiam as famílias, ele tinha advertido que o Comandante da Rua tinha brilho nos olhos, um espelho nas bochechas, tremor no queixo e esse subir e descer de seu peito. Desconcertado, atemorizado, o Miúdo se calou—qual podia ser seu engano, seu esquecimento? — e olhou ansioso a Catarina, essa figurinha tão esquelada que parecia não ocupar espaço no reduto da rua do Menino Jesus, onde João Abade o tinha levado. Catarina lhe indicou com um gesto que seguisse. Mas João Abade não o deixou:

—Era sua culpa o que fazia?—disse, transformado— Era sua culpa cometer tantas crueldades? Podia fazer outra coisa? Não estava pagando a dívida de sua mãe? A quem devia lhe cobrar o Pai essas maldades? A ele ou à Duquesa?—Cravou os olhos no Miúdo, com uma angústia terrível — Responde, responde.

—Não sei, não sei —tremeu o Miúdo— Não está no conto. Não é minha culpa, não me faça nada, só sou o que conta a história.

—Não se vai fazer nada—sussurrou a mulher que parecia espírito — Segue contando, segue.

Ele continuava contando, vendo como Catarina secava os olhos ao João Abade com a arena de sua saia, como se agachava a seus pés e lhe passava as mãos pelas pernas e apoiava sua cabeça em seus joelhos, para fazê-lo sentir acompanhado. Não voltou a chorar, nem a mover-se, nem a interrompê-lo até esse final que, às vezes, ocorria com a morte do Roberto, o Santo convertido em piedoso ermitão, e, às vezes, com o Roberto colocando a coroa que mereceu ao descobrir que era filho do Ricardo, da Normandia, um dos Doze Pares da França. Recordava que ao terminar essa tarde—ou essa noite? — João Abade lhe tinha agradecido a história. Mas quando, em que momento foi aquilo? Antes de que chegassem os soldados, quando a existência era tranqüila e Belo Monte parecia o local para passar a vida? Ou quando a vida virou morte, fome, ruína, medo?

—Quando foi, Jurema?—perguntou, ansioso, sem saber por que era tão inadiável situar aquilo exatamente no tempo— Míope, míope, foi ao princípio ou ao final da função?

—O que tem? —ouviu que dizia uma das Sardelinhas.

—Febre —respondeu Jurema, abraçando-o.

—Quando foi? —disse o Miúdo— Quando foi?

—Está delirando —ouviu que dizia o míope e sentiu que lhe tocava a frente, o acarinhava no cabelo e nas costas.

Ouviu-o espirrar, duas, três vezes, como sempre que algo o surpreendia, divertia ou assustava. Agora sim podia espirrar. Mas não o tinha feito a noite que fugiam, essa noite em que um espirro lhe quedava a vida. Imaginou em uma função de povo, espirrando vinte, cinquenta, cem vezes, como a Barbuda atirava os peidos no número dos palhaços, com registros e tonalidades altas, baixas, longas, curtas, e lhe deram também gosto de rir, como o público que assistia ao espetáculo. Mas não teve forças.

—Dormiu—ouviu que dizia Jurema, lhe acomodando a cabeça entre suas pernas— Amanhã estará bem.

Não estava dormindo. Do fundo dessa ambígua realidade de fogo e gelo que era seu corpo encolhido na escuridão da gruta, seguiu ouvindo ainda o relato do Antonio, o Fogueteiro, reproduzindo, vendo esse fim do mundo que ele já tinha antecipado, conhecido, sem necessidade de que esse ressuscitasse dentre os carvões e os cadáveres o relatasse. E face ao mal que se sentia, aos calafrios, ao

longe que lhe parecia estar de quem falava a seu lado, na noite do sertão baiano, nesse mundo já sem Canudos e sem jagunços, e que logo estaria também sem soldados quando os que completassem sua missão acabassem de ir, e essas terras voltassem para sua orgulhosa e miserável solidão de sempre, o Miúdo se interessou, impressionado, assombrado com o que Antonio o Fogueteiro referia.

—Pode-se dizer que ressuscitou—ouve o Honório, o Vilanova que falava tão rara vez que quando o fazia parecia seu irmão.

—Pode-se—repôs o Fogueteiro— Mas não estava morto. Nem sequer ferido de bala. Não sei, tampouco isso sei. Não tinha sangue no corpo. Possivelmente caiu uma pedra na cabeça. Mas nada me doía, tampouco.

—Deprimiu-se—disse Antonio Vilanova— Como se deprimia a gente, em Belo Monte. Acreditaram-lhe morto e isso lhe salvou.

—Isso me salvou—repetiu o Fogueteiro— Mas não só isso. Porque quando despertei e me vi em meio dos mortos, também vi que os ateus foram rematando aos tombados com as baionetas ou a balaços se se moviam. Passaram a meu lado, muitos, e nenhum se agachou a comprovar se estava morto.

—Ou será que estive todo um dia se fazendo de morto—disse Antonio Vilanova.

—Sentindo-os passar, rematar aos vivos, esfaquear aos prisioneiros, dinamitar as paredes—disse o Fogueteiro— Mas isso não era o pior. O pior eram os cães, os ratos, os urubus, comiam aos mortos. Ouvia-os escavar, morder, bicar. Os animais não se enganam. Sabem quem está morto e quem não está. Os urubus, os ratos, não comem aos vivos. Meu medo eram os cães. Esse foi o milagre: também me deixaram em paz.

—Teve sorte—disse Antonio Vilanova— E agora, o que vai fazer?

—Voltar para Mirandela—disse o Fogueteiro— Lá nasci, lá me criei, lá aprendi a fazer foguetes. Não sei, talvez. E vocês?

—Iremos todos daqui—disse o ex-comerciante— À Assaré, talvez. De lá viemos, lá comecemos esta vida, fugindo, como agora, da peste. De outra peste. Possivelmente voltamos a terminar tudo onde começou. Que outra coisa podemos fazer?

—Certamente —disse Antonio o Fogueteiro.

Nem quando lhe dizem que corra o posto de mando do General Artur Oscar, se quer jogar uma olhada à cabeça do Conselheiro antes que o Tenente Pinto Souza a leve a Bahia, deixa o Coronel Geraldo Macedo, chefe do Batalhão de Voluntários da Polícia Bahiana, de pensar naquilo que o obceca do fim da guerra: Quem o viu? Onde está? Mas, como todos os chefes de Brigada, Regimento e Batalhão (aos oficiais de menos grau não lhes concede esse privilégio) vai contemplar o que fica desse homem que matou e fez morrer a tanta gente e ao que, entretanto, segundo todos os testemunhos, nunca ninguém viu agarrar pessoalmente um fuzil, nenhuma faca. Não vê grande coisa, pelo resto, porque colocaram a cabeça em uma bolsa de gesso devido a sua decomposição: só umas matas de cabelo cinzentas. Logo que fez ato de presença no barraco do General Oscar, diferente de outros oficiais que ficam ali, felicitando-se pelo fim da guerra e fazendo planos para o futuro agora que retornam a suas cidades e a suas famílias. O Coronel Macedo posa um instante seus olhos sobre esse matagal de cabelos, retira-se sem fazer o menor comentário, e volta a internar-se no fumegante amontoamento de ruínas e cadáveres.

Já não pensa no Conselheiro, nem nos oficiais exultantes que deixou no posto de mando, oficiais aos que nunca sentiu igual, pelo resto, e aos que, desde que chegou aos Montes de Canudos com o Batalhão da Polícia Bahiana sempre devolveu o desprezo que lhe manifestam com um desprezo idêntico. Ele sabe qual é seu apodo, como o chamam quando lhes dá as costas: Caçabandidos. Não lhe importa. Está orgulhoso de passar trinta anos de sua vida limpando uma e outra vez de partidos de cangaceiros as terras de Bahia de ganhar todos os galões que tem e ter chegado a coronel, ele, um modesto mestiço nascido em Mulungo do Focinho, pobrezinho que nenhum destes oficiais poderia localizar no mapa, apóie arriscar sua pele enfrentando-se à estirpe desta terra.

Mas a seus homens sim importa. Aos policiais bahianos que faz quatro meses aceitaram dever lutar contra o Conselheiro por lealdade pessoal lhes disse que o Governador de Bahia o tinha

pedido, que era indispensável que o corpo policial se oferecesse a ir à Canudos para desarmar os pérfidos falatórios que no resto do país acusavam aos bahianos de brandura, indiferença e até simpatia e cumplicidade com os jagunços, para demonstrar ao Governo Federal e a todo o Brasil que os bahianos estavam tão dispostos como qualquer um a todos os sacrifícios para defender à República—sim os ofendem e ferem esses desprezos e desplantes que tiveram que sofrer desde que se incorporaram à Coluna. Eles não se contêm como ele: respondem aos insultos com insultos, aos apodos com apodos, e nestes quatro meses protagonizaram incontáveis incidentes com os soldados de outros regimentos. O que mais os exaspera é que o Comando também os discrimina. Em todas as ações, o Batalhão de Voluntários da Polícia Bahiana foi tido à margem, na retaguarda, como se o próprio Estado Maior desse crédito à infâmia de que os bahianos são restauradores de coração, conselheiristas vergonhosos.

A pestilência é tão forte que tem que tirar seu lenço e tampar o nariz. Embora muitos incêndios se apagaram, o ar está cheio de aparas sujas, de faíscas e cinzas e o Coronel tem os olhos irritados, enquanto explora, espia, aparta com os pés para lhes ver as caras, aos jagunços caídos. A maioria está carbonizada, ou tão desfigurada pelas chamas que, até se o conhecesse, não poderia identificá-lo. Pelo resto, embora se conserve intacto, como o vai reconhecer? Acaso o viu alguma vez? As descrições que tem dele não são suficientes. É uma estupidez, é óbvio. Pensa: “É óbvio”. Entretanto, é mais forte que sua razão, é esse obscuro instinto que tanto lhe serviu no passado, esses súbitos palpites que o faziam precipitar a seu volante em uma inexplicável marcha forçada de dois ou três dias para cair em uma aldeia em que, em efeito, surpreendiam a aqueles bandidos que tinham procurado infrutuosamente semanas ou meses. Agora é o mesmo. O Coronel Geraldo Macedo segue escavando entre os fedidos cadáveres, o nariz e a boca cobertos com o lenço, a outra mão apartando os enxames de moscas, desembaraçando-se às vezes a patadas dos ratos que lhe sobem pelas pernas, porque, contra toda lógica, algo lhe diz que quando se encontrar com a cara, o corpo ou os simples ossos do João Abade, saberá que são os dele.

—Excelência, Excelência.—É seu adjunto, o Tenente Soares, que vem também tampando a cara com um lenço.

—Encontraram-no? —entusiasma-se o Coronel Macedo.

—Ainda, Excelência. O General Oscar diz que saia daqui porque os sapadores vão começar a demolição.

—A demolição?—O Coronel Macedo joga uma olhada em torno, deprimido— Fica algo que demolir?

—O General prometeu que não ficaria pedra sobre pedra—diz o Tenente Soares— Deu ordem de que dinamitem as paredes que não se desmoronaram.

—Vá desperdício—murmura o Coronel. Tem a boca entreaberta sob o lenço e, como cada vez que reflete, está lambendo seu dente de ouro. Olha com peso a extensão de escombros, pestilência e carniça. Termina por encolher-se de ombros— Bom, iremos saber se morreu ou escapou.

Sempre tampando o nariz, ele e seu adjunto empreendem a volta ao acampamento. Pouco depois, a suas costas, começam as explosões.

—Posso lhe fazer uma pergunta, Excelência?—diz o Tenente Soares, fanhoso sob o lenço. O Coronel Macedo assente— Por que lhe importa tanto o cadáver do João Abade?

—É uma velha história—grunhe o Coronel. Também sua voz soa fanhosa. Seus olhinhos escuros procuram, aqui e lá— Uma história que eu comecei, parece. Isso dizem, ao menos. Porque eu matei ao pai do João Abade, faz pelo menos trinta anos. Era um coitero do Antonio Silvino, em Custódia. Dizem que se fez cangaceiro para vingar ao pai. E depois, bom...—Volta a olhar seu adjunto e se sente, de repente, velho— Quantos anos tem?

—Vinte e dois, Excelência.

—Com razão não sabe quem era João Abade—grunhe o Coronel Macedo.

—O chefe militar de Canudos, um grande desalmado—replica o Tenente Soares.

—Um grande desalmado—assente o Coronel Macedo— O mais feroz da Bahia, que sempre me escapou. Persegui-o dez anos. Várias vezes estive a ponto de lhe pôr a mão em cima. Sempre me escorria. Diziam que tinha feito pacto. Chamavam-no Satã, nesse tempo.

—Agora entendo por que quer encontrá-lo—sorria o Tenente Soares— Para ver se desta vez não lhe escapou.

—Em realidade, não sei por que—grunhe o Coronel Macedo, encolhendo-se de ombros— Porque me recorda a juventude, talvez. Caçar bandidos era melhor que este aborrecimento.

Há um rosário de explosões e o Coronel Macedo pode ver que, das bordas e cúpulas das colinas, milhares de pessoas contemplam como voam pelos ares as últimas paredes de Canudos. Não é um espetáculo que lhe interesse e não se molesta em olhar; segue caminhando para o acantonamento do Batalhão de Voluntários bahianos, ao pé da Favela, imediatamente detrás das trincheiras do Vassa Barris.

—A verdade, há coisas que não entram na cabeça, embora um tenha-a grande—diz, cuspidando o mau sabor que lhe deixou a frustrada primeira exploração, mandar contar casas que já não são casas a não ser ruínas. E agora, mandar dinamitar pedras e tijolos crus. Você entende para que esteve contando as casas essa Comissão do Coronel Dantas Barreto?

Passaram toda a manhã, entre os miasmas fumegantes, e estabeleceram que houve cinco mil e duzentas casas em Canudos.

—Armou-lhes um embrulho e não lhes sai a conta—burla-se o Tenente Soares— Calcularam cinco pessoas por casa. Ou seja, uns trinta mil jagunços. Mas a Comissão do Coronel Dantas Barreto encontrou apenas seiscentos e quarenta e sete cadáveres.

—Porque só contou cadáveres inteiros—grunhe o Coronel Macedo — Se esqueceu dos pedaços, dos ossos, e assim é como ficou a maioria. Cada louco com seu lema.

No acampamento, espera ao Coronel Geraldo Macedo um drama, um mais dos que balizaram a estadia dos policiais bahianos no cerco de Canudos. Os oficiais tratam de acalmar aos homens lhes ordenando que se dispersem e que deixem de falar do assunto. Puseram guardas em todo o perímetro do acantonamento, temendo uma correria dos policiais bahianos para ir dar seu castigo a quem os tem provocado. Pela cólera empoçada nos olhos e os *riktus* de seus homens, o Coronel Macedo compreende que o incidente foi dos graves. Mas, antes de escutar nenhuma explicação, recrimina a seus oficiais:

—Ou será que minhas ordens não se obedecem! Ou será que, em lugar de procurar o bandido, permitem que a gente fique a brigar! Não disse que evitem as brigas?

Mas suas ordens se respeitaram à letra. Patrulhas de policiais bahianos estiveram percorrendo Canudos até que o comando as fez retirar, para que entrassem em ação os sapadores. O incidente surgiu, justamente, com uma dessas patrulhas que procuravam o cadáver do João Abade, três bahianos que, seguindo a barreira do cemitério e as igrejas, foram até essa depressão que devia ser alguma vez um arroio ou braço de rio e que é um dos pontos onde se acham concentrados os prisioneiros, esses poucos centenaes de pessoas que são agora quase exclusivamente meninos e mulheres, porque os homens que havia entre eles já passaram a faca pela equipe do Alferes Maranhão, de quem se diz que se ofereceu como voluntário para essa missão porque os jagunços emboscaram faz uns meses a sua companhia, deixando-o com oito homens válidos de cinquenta que eram. Os policiais bahianos se aproximaram de perguntar aos prisioneiros se sabiam algo de João Abade e nisso um deles reconheceu, em uma prisioneira, a uma parente do povo da Mirangaba. Ao vê-lo abraçar a uma jagunça, o Alferes Maranhão começou a insultá-lo e a dizer, assinalando-o, que aí estava a prova de como os policiais do Caçabandidos, em que pese a levar uniforme republicano, eram traidores de alma. E quando o policial tratou de protestar, o Alferes, em um arrebatamento de cólera, tombou-o ao chão com um murro. Ele e seus dois companheiros foram corridos pelos gaúchos da equipe, que de longe os chamavam “jagunços!”. Voltaram para o acampamento tremendo de cólera, e alvoroçando seus companheiros que, há uma hora, murmuram e querem ir tomar a desforra desses insultos. Era o que o Coronel Geraldo Macedo esperava: um incidente, igual a vinte ou trinta outros, ocorridos pelo mesmo e quase com as mesmas palavras.

Mas, esta vez, diferente de todas as outras vezes, em que acalma a seus homens e, ao mais, apresenta uma queixa ao General Barboza, chefe da Primeira Coluna a que está adscrito o Batalhão de Voluntários da Polícia Bahiana, ou ao próprio Comandante das Forças Expedicionárias, General Artur Oscar, considera o assunto muito sério, Geraldo Macedo sente um borbulho curioso, sintomático, um daqueles palpites aos quais deve a vida e os galões.

—Esse Maranhão não é um tipo que mereça respeito—comenta, se lambendo com rapidez o dente de ouro— Passar as noites

despescoçando prisioneiros não se pode dizer que seja ofício de soldado, mas sim, melhor de açougueiro. Não lhes parece?

Seus oficiais ficam quietos, olham-se entre eles e, enquanto fala e lambe o dente dourado, o Coronel Macedo nota a surpresa, a curiosidade, a satisfação nas caras do Capitão Souza, do Capitão Jerônimo, e do Tenente Soares.

—Assim não acredito que um açougueiro gaúcho se possa dar o luxo de maltratar a meus homens, nem de nos chamar traidores à República—acrescenta— Sua obrigação é nos respeitar. Não é verdade?

Seus oficiais não se movem. Sabe que há neles sentimentos desencontrados, alegria pelo que suas palavras deixam supor e certa inquietação.

—Esperem-me aqui, ninguém dê um passo fora do acampamento—diz, tornando-se a andar. E como seus subordinados protestam ao mesmo tempo e exigem acompanhá-lo, contém-nos secamente— É uma ordem. Vou arrumar este problema sozinho.

Não sabe o que vai fazer, quando sai do acampamento, seguido, apoiado, admirado pelos trezentos homens, cujas olhadas sente à costas como uma pressão cálida; mas vai fazer algo, porque sentiu raiva. Não é um homem raivoso, não foi nem sequer de jovem, a essa idade em que todos são raivosos, e mas bem teve fama de não se alterar a não ser em raras ocasiões. A frieza lhe salvou a vida muitas vezes. Mas agora tem raiva, um comichão no ventre que é como o estalo da mecha que antecede ao estalo de uma carga de pólvora. Tem raiva porque esse cortador de cangotes o chamou Caçabandidos e traidores à República aos voluntários bahianos, por que abusou de seus policiais? Essa é a gota que enche o copo. Caminha devagar, olhando os cascalhos a terra gretada, surdo das explosões que demolem Canudos, cego às sombras dos urubus que riscam círculos sobre sua cabeça e, enquanto isso, suas mãos, em um movimento autônomo, veloz e eficiente como em seus bons tempos, pois os anos estragaram sua pele e curvaram um pouco suas costas, mas não embotaram seus reflexos nem a agilidade de seus dedos, saca o revólver da cartucheira, abre-o, verifica se há seis projéteis nos seis orifícios do tambor, e o volta para sua capa. A gota que enche o copo. Porque esta, que ia ser a melhor experiência de sua vida, a coroação

dessa arriscada carreira para a respeitabilidade, resultou, mas bem, uma série de decepções e desgostos. Em vez de ser reconhecido e bem tratado, como chefe de um Batalhão que representa a Bahia nesta guerra, foi discriminado, humilhado e ofendido, em sua pessoa e em seus homens e nem sequer lhe deram a oportunidade de mostrar o que valia. Sua única proeza foi até agora demonstrar paciência. Um fracasso esta campanha, ao menos para ele. Nem se dá conta dos soldados que se cruzam em seu caminho e o saúdam.

Quando chega à depressão do terreno onde estão os prisioneiros, divisa, fumando, olhando-o vir, ao Alferes Maranhão, rodeado de um grupo de soldados com essas calças bombachos que usam os regimentos gaúchos. O Alferes tem um físico nada imponente, uma cara que não delata esse instinto fabricante de facas ao que dá rédea solta nas noites: baixinho, magro, de pele clara, cabelos loiros, bigodinhos bem recortados e uns olhos azuis que, de entrada, parecem angélicos. Enquanto vai para ele, sem apurar-se, sem que uma contração ou sombra indique em sua cara de traços indígenas pronunciados o que pretende fazer—algo que nem sequer ele sabe — o Coronel Geraldo Macedo comprova que os gaúchos que rodeiam ao Alferes são oito, que nenhum carrega fuzil—os têm alinhados em duas pirâmides, junto a um barraco — e sim, em troca, facas à cintura, igual a Maranhão, quem, além disso, leva cartucheira e pistola. O Coronel atravessa a superfície apertada, esmagada, de espectros femininos. Em cócoras, tombadas, sentadas, reclinadas umas contra outras igual aos fuzis dos soldados, a vida parece refugiada unicamente nos olhos que o olham passar, das mulheres prisioneiras. Têm meninos nos braços, saias, atadas à costas ou estendidas a seu lado no chão. Quando está a um par de metros, o Alferes Maranhão arroja o cigarro e fica em posição firme.

—Duas coisas, Alferes—diz o Coronel Macedo, tão perto dele que o ar de suas palavras deve soprar ao sulista na cara como um ventinho morno— A primeira: averigúe entre as prisioneiras onde morreu João Abade, ou, se não morreu, o que foi feito dele.

—Já foram interrogadas, Excelência—diz o Alferes Maranhão, com docilidade— Por um tenente de seu Batalhão. E logo por três policiais, aos que tive que repreender por insolentes. Suponho que lhe informaram. Nenhuma sabe nada do João Abade.

—Provemos de novo, a ver se temos mais sorte—diz com o mesmo tom, Geraldo Macedo: neutro, impessoal, contido, sem rastro de animosidade— Quero que as interrogue em pessoa.

Seus olhinhos pequenos, escuros, não se separam dos olhos claros, surpreendidos, desconfiados, do jovem oficial; não se movem a direita, nem a esquerda. O Coronel Macedo sabe, porque o dizem seus ouvidos ou sua intuição, que os oito soldados de sua direita, puseram-se rígidos e que os olhos de todas as mulheres estão letargicamente posados nele.

—Vou interrogar, então—diz, depois de um momento de vacilação, o oficial.

Enquanto o Alferes, com uma lentidão que traduz seu desconcerto pela “que não alcança, ou será se lhe foi dada porque o Coronel quer fazer um último intento para averiguar a sorte do bandido, ou com a intenção de lhe fazer sentir sua autoridade, percorre o mar de farrapos que se abre e se fecha a sua passagem, perguntando pelo João Abade, Geraldo Macedo não se volta nem uma vez a olhar aos soldados gaúchos. Ostensivamente lhes dá as costas e, com as mãos na cintura, o quepis atirado para trás, em uma postura que é a sua, mas também, a típica de qualquer vaqueiro do sertão, segue o percurso do Alferes entre as prisioneiras. Ao longe, detrás das elevações de terreno, ainda se escutam explosões. Nenhuma voz responde às perguntas do Alferes; quando este se detém frente a uma prisioneira e, olhando-a aos olhos, interroga-a, ela se limita a mover a cabeça. Concentrado no que veio fazer, toda sua atenção nos ruídos que vêm de onde estão os oito soldados, o Coronel Macedo tem tempo de pensar que é estranho que em uma multidão de mulheres reine semelhante silêncio, que é estranho que tantos meninos não chorem de sede, de fome ou de medo, e lhe ocorre que muitos dos diminutos esqueletos estão já mortos.

—Já vê, é em vão—diz o Alferes Maranhão, detendo-se frente a ele — Nenhuma sabe nada, como lhe acautelei.

—Lástima!—reflete o Coronel Macedo— Vou daqui sem saber o que foi do João Abade.

Segue no mesmo lugar, dando sempre as costas aos oito soldados, olhando fixamente os olhos claros e a cara branca do Alferes, cujo nervosismo se vai refletindo em sua expressão.

—No que outra coisa posso servi-lo—murmura, por fim.

—Você é de muito longe daqui, não é certo?—diz o Coronel Macedo— Então, certamente não sabe qual é para os sertanejos a pior ofensa.

O Alferes Maranhão está muito sério, com o cenho franzido, e o Coronel se dá conta que não pode esperar mais, pois aquele terminará tirando sua arma. Com um movimento fulminante, imprevisível, muito forte, golpeia essa cara branca com a mão aberta. O golpe derruba ao Alferes, quem não alcança a ficar de pé e permanece de quatro olhando ao Coronel Macedo, que deu um passo para ficar junto a ele, e lhe adverte:

—Se se levantar, está morto. E se tratar de agarrar seu revólver, é óbvio.

Olha-o friamente aos olhos e tampouco agora trocou o tom de voz. Vê a dúvida na cara avermelhada do Alferes, a seus pés, e já sabe que o sulista não se levantará nem tentará tirar o revólver. Ele não tirou o seu, pelo resto, limitou-se a levar a mão direita à cintura, a pô-la a milímetros da cartucheira. Mas, em realidade, está pendente do que acontece à suas costas, adivinhando o que pensam, sentem, os oito soldados ao ver seu chefe nesse transe. Mas uns segundos depois está seguro que tampouco farão nada, que também eles perderam o partido.

—Pôr-lhe a mão a um homem na cara, assim como a pus—diz, enquanto abre a braguilha, velozmente tira o sexo e vê sair a urina transparente que salpica o fundilho do Alferes Maranhão— Mas ainda pior que isso é lhe mijar em cima.

Enquanto guarda o sexo e abotoa a braguilha, os ouvidos sempre atentos ao que ocorre a suas costas, vê que o Alferes se pôs a tremer, igual a um homem com tercianas, vê que lhe saltam as lágrimas e que não sabe o que fazer com seu corpo, com sua alma.

—Não me importa que me digam Caçabandidos, porque o fui— diz, por fim, vendo endireitar-se ao Alferes, vendo-o chorar, tremer, sabendo quanto o odeia e que tampouco agora tirará a pistola— Mas a meus homens não gosto que os chamem traidores à República, pois é falso. São tão republicanos e patriotas como o que mais.

Acaricia com a língua seu dente de ouro, muito depressa.

—Ficam três coisas por fazer, Alferes—diz, por último— Apresentar uma queixa ao Comando, me acusando de abuso de autoridade. Pode ser me degradem e até joguem do serviço. Não me importaria tanto, pois enquanto houver bandidos sempre poderei ganhar a vida caçando-os. A segunda, é vir a me pedir explicações para que você e eu arrumemos isto em privado, nos tirando os galões, a revólver ou a faca ou com a arma de sua preferência. E, a terceira, tratar de me matar pelas costas. A ver por qual se decide.

Leva a mão ao quepis e faz um simulacro de saudação. Essa última olhada, faz-lhe saber que sua vítima escolherá a primeira, talvez a segunda, mas não a terceira opção, pelo menos não neste momento. Afasta-se, sem dignar-se olhar aos oito soldados gaúchos, que ainda não se moveram. Quando está saindo dentre os esqueletos andrajosos para rumar a seu acampamento, dois ganchos de ferro fracos se prendem de sua bota. É uma velhinha sem cabelos, miúda como uma menina, que o olha através de suas lãs:

—Quer saber do João Abade?—balbucia sua boca sem dentes.

—Quero—assente o Coronel Macedo— Viu-o morrer?

A velhinha nega e faz estalar a língua, como se chupasse algo.

—Escapou então?

A velhinha volta a negar, cercada pelos olhos das prisioneiras.

—Subiram-no ao céu uns arcanjos—diz, estalando a língua—Eu os
vi.
